



INCIPIIT

UM DARK ROMANCE ESCRITO POR
LEONOR CARVALHO

INCIPIIT

UM DARK ROMANCE ESCRITO POR

LEONOR CARVALHO

COPYRIGHT © 2023 POR LEONOR CARVALHO

Capa: Lillydesiggn

Revisão: Evelyn Fernandes

Diagramação: Grazi Fontes

Leitura Crítica: Ana Ferreira

Ilustração: @blustock_

Essa é uma obra literária de ficção. Os personagens, estabelecimentos e acontecimentos descritos na obra são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes e/ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos são reservados à autora.

SUMÁRIO

[Gatilhos](#)

[Uma carta da autora](#)

[Redes sociais](#)

[Playlist](#)

[Uma carta da morte](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

GATINHOS

ESSE LIVRO É UM **DARK ROMANCE!**

Por favor, não leia, caso se sinta desconfortável com: violência gráfica; sequestro; assassinatos explícitos; tortura; ideação suicida; luto. Esta obra tem como pano de fundo o tráfico humano, logo, há menção de temas como canibalismo e estupro sem cenas explícitas associadas. Esta lista não é feita para assustar e, sim, alertar!

Priorize a sua saúde mental. Ela vale mais do que qualquer outra coisa.

UMA CARTA DA AUTORA

O que eu deixei aqui, em cada página, é muito maior que o meu coração. Sou escritora de dois livros que me marcaram de maneira diferente. Mas o que Incipit fez comigo não tem reparação. Foi voraz.

Posso dizer que foi um livro fácil de escrever, sendo que é a obra mais pesada que já trabalhei. Mas, até ao último minuto, antes do lançamento, eu entregava tudo o que tinha dentro de mim. Foi um livro que exigiu e que mereceu cada palavra escrita.

Dante e Emília são um tornado. Eles são destruidores. Intensos. Entenda que ao ler esta obra, você verá duas pessoas de perspectivas diferentes de vida que se colidem. Dois humanos opostos que viram a Morte de uma maneira diferente e aprendem a sobreviver com ela. Nada do que está nestas páginas é para mudar a sua visão de vida. Os meus personagens têm a sua. Você precisa ter uma própria. Eu apenas espero que te faça refletir e, acima de tudo, *que você viva esse livro*.

Os danos que Incipit podem causar em ti serão irreparáveis.

Ainda assim, se você aprecia um Dark Romance, os Rostos Vazios convidam-te a conhecê-los e entrarem nessa jornada com eles. Tenha atenção aos gatilhos já referidos.

Vemo-nos em breve,
Leonor.

REDES SOCIAIS

Siga a autora Leonor Carvalho nas suas redes sociais. @queencvc no Instagram e @writerqueencvc no Twitter.

Pode acessar através do link: <https://linktr.ee/queencvc>

Ou aponte a câmera para o código abaixo:



PLAYLIST

Caso seja um amante da música, escute a playlist oficial do livro pelo link: <https://open.spotify.com/playlist/7nFtXhy3oaBLUz4REbhxgv?si=3CdMklOLSPSyxJg3M49DAA> ou escaneie o código abaixo através da app. Caso nenhuma destas opções tenha funcionado, poderá pesquisar com o título de Incipit de QUEEN no Spotify.



*Para a escuridão,
que, desde pequena, achei que tentava me amedrontar,
mas afinal só queria me fazer mais forte*

“Um fogo devora um outro fogo. Uma dor de angústia cura-se com outra.”
William Shakespeare



UMA CARTA DA MORTE

William Shakespeare tentou escrever romances em formato de tragédia. A verdade é que nada era mais do que um disfarce de crueldade, traições, dependência em forma de amor.

Como você disse, Dante, amor nunca é nada que coloque a sua vida em segundo plano.

Então, como eu poderia te amar tanto?

Eu pensei nisso durante anos. Pensei nisso enquanto olhava para você. Pensei nisso enquanto beijava você. Pensei nisso enquanto conhecia o seu corpo. E pensei nisso enquanto eu te amava um pouco mais.

Agora eu entendo. Por isso, estou aqui contando os meus últimos segundos de vida.

Na verdade, esperando que a morte me pegue e me leve para longe.

Eu estou relembrando o último toque dos seus lábios na minha pele. Relembrando o som da sua voz quando eu dizia que te odiava e você dizia *também*. Baixinho. Roucamente. Daquele jeito meio rabugento que ambos sabíamos que era a sua maneira de mostrar o quão apaixonado por mim você era.

Eu lembro de todas as vezes que limpei o sangue do seu corpo ferido. Eu sabia que, quando fazia amor com você, ainda sentia o cheiro de outras pessoas que tinham morrido pelas suas mãos. Eu sentia os seus fantasmas e convidava-os para serem meus também. Nós compartilhávamos dores e segredos. E também segurávamos caixões e a morte de mãos dadas.

Mas, mesmo sabendo de todos os pecados que você estava cometendo, eu não me importava desde que você voltasse inteiro para mim.

Eu sou hipócrita. Eu sei.

Pois agora estou me quebrando nos seus braços e fazendo você chorar.

Não pense que vou te abandonar. Por favor. Eu não vou, Dante.

Sei que vou estar criando um monstro se eu fechar os olhos nesse momento. Eu sei que o meu sangue não é igual ao dos outros. Ele não vai ser limpo. Eu não serei apenas um fantasma. Eu serei a sua Juliet, enquanto você será um Romeo destruído.

Mas aí eu me pergunto, ainda continua sendo amor? Você me ama ou apenas não consegue viver sem mim?

Eu sempre amei tragédias.

Só não pensei que pudéssemos vir a ser uma.

E eu lamento muito por não estar morrendo por você.

Eu estou morrendo *com* você.

Estou levando todos os pedaços do seu coração comigo e te deixando apenas com o meu corpo sem vida. Estou te deixando com o único objetivo de me trazer de volta, embora saibamos que nunca irá acontecer.

Mas vou esperar por você, Dante.

Sei que vamos ficar juntos em algum lugar.

Sem sangue. Sem fantasmas. Sem dor.

Apenas eu e você.

Então, talvez a nossa história não seja tão trágica. Talvez ela não seja tão cruel quanto se fosse Shakespeare escrevendo.

Ela apenas está inacabada e esperando seu final feliz.

E talvez você me ame.

Assim como te amei durante todos esses anos mesmo que você me tenha matado em cada maldito suspiro de vida.

01

Emília Gray

adagio

Eu tinha três meses de aluguel em atraso.

Não sabia como pagar, muito menos onde arranjar o dinheiro que me faltava. Eu já trabalhava o que podia em um dia, sendo estudante de Medicina, mas não era o suficiente. Se fosse, certamente não estaria com dívidas até à bunda.

— Ou você paga ainda essa semana, ou você vai embora.

A primeira opção era quase impossível, a não ser que eu vendesse o meu corpo, a minha alma ou algo do tipo.

A segunda opção não poderia ser real. Eu era nova demais para ser um sem abrigo.

— Vou tentar — respondi.

— Eu não quero tentativas, Emília. Eu quero o dinheiro sem falta.

Percorri o trajeto até a faculdade com a cabeça latejando. Cogitei passar nos recursos humanos, convencendo-os a me dar uma vaga na residência do Campus. Mas a resposta não mudava. Mesmo que eu fosse bolsista, a melhor aluna do meu curso, eu não tinha garantia para um quarto.

A minha vida mudaria caso eu tivesse a vaga. Não gastaria o meu tempo de vida fazendo contas mensais e poupando centavos para garantir algum alimento no meu estômago. No entanto, lá estava eu considerando arranjar mais horas num dia para mais um trabalho extra.

Passei as aulas entretida no celular procurando empregos que não exigiam tanto de mim. Eu já trabalhava em uma lavandaria. Não era pesado, mas eram horas que eu perdia para conseguir um terço de um salário mínimo.

Eu estava ferrada.

— Você quer um pouco? — Kayleen Cullbert perguntou, oferecendo um cigarro para mim.

Assim que as aulas terminaram, decidi ir para o terraço de um dos edifícios do campus na esperança de desanuviar a cabeça. Os meus problemas estavam batucando os meus neurônios sem pausa, o que dificultava o silêncio na minha mente.

— Para de ser má influência. Já falei que não estou mais fumando — resmunguei.

Ela riu.

— Você fala isso há dois anos.

— Me perdoa se tenho recaídas — debochei e ela mostrou a língua.
— Você que é a ginasta. Nem deveria estar com um cigarro na mão.

— Que cigarro? Nem sei do que está falando.

Revirei os olhos.

— Onde está a Penélope? — questioneei curiosa.

Minha melhor amiga deu de ombros.

— É uma pergunta que pode exigir muitas respostas.

— Estou aqui!

O grito da garota me fez rodar a cabeça na sua direção. Eu estava deitada no chão frio, e Kayleen amparava o seu corpo nas grades de segurança.

— Onde você esteve? — perguntei, assim que ela chegou ofegante e sentou-se ao meu lado.

— Assistindo o treino aberto dos nossos atletas.

— Argh. Nojento.

— Para com isso! — Penélope deu um leve tapa na minha perna. — Vocês perderam um grande show de bundas e músculos.

— Eu não perdi nada — Kayleen se defendeu. — Na verdade, meus olhos ganharam muito.

Não contive a risada.

— Penélope, você não tem salvação — comentei.

— Vocês não sabem viver. Inclusive, o gostoso do Asher estava lá. Azedei.

Os olhos de Kayleen aterraram em mim, mas evitei ter uma reação.

Habituei-me a conviver no mesmo espaço que os garotos durante os últimos anos. Eles andavam na universidade, como estudantes tal e qual a mim. Há quatro anos, os quatro garotos tinham sido declarados inocentes, portanto, ninguém poderia privá-los da liberdade.

Assim como eu, eles também tinham sido afetados por Dante que criou marcas tão profundas que atingiam até os órgãos. Eu acreditava que a traição não tinha mexido somente comigo, no entanto, interrogava-me do motivo pela qual eles agiam como se não se conhecessem.

Os cinco garotos que antes eram unidos por compartilharem o mesmo trauma, agora, agiam como desconhecidos. Era como se aquela amizade unida já não existisse.

— Ele não é assim tão gostoso — Kayleen comentou, tragando um pouco do seu cigarro.

— Vocês estão precisando de uma consulta no oftalmologista.

— Fale por você.

As minhas melhores amigas continuaram debatendo sobre assuntos bestas, o que me fez optar por levantar e amparar o meu corpo nas grades do terraço, contemplando o plano alto do Campus.

Notei como estávamos muito distantes do chão. Uma queda e eu quebraria cada osso. Uma simples falha e meu coração pararia.

Sempre me perguntei se a morte resolveria os meus problemas. Se ela toparia exterminar a minha dor, me dando somente acesso às coisas boas

que tive na vida. Porque, todos os dias, quando meus olhos se abriam, nada de bom passava pela minha cabeça. Eu tinha apenas coisas ruins pelas quais chorar.

Eu tinha apenas coisas ruins pelas quais odiar.

Não gostava de guardar rancor, porém sempre que me lembrava *dele*, meu coração virava uma besta esfomeada, consumindo toda a parte boa que possuía. Era uma dor constante.

Ele semeou um lado cruel, faminto por vingança, mas inútil. Eu não tinha como combatê-lo.

Por que eu estava pensando nele?

Eu me martirizava com a culpa. Acreditei nele e fui ingênua o bastante para ignorar os alertas.

Mas, apesar de me condenar, era inevitável não odiá-lo pelas fissuras que ele tinha deixado no meu peito.

— Emília, está tudo bem? — Penélope interrompeu o curso dos meus pensamentos.

Bufei, colocando-me de frente para elas.

— Vou ficar sem casa.

— O quê?

— Porquê? — ambas perguntaram em uníssono.

— Não tenho dinheiro para pagar. A dona da casa me fez um ultimato.

— Meu Deus, amiga — Penélope suspirou. — Você pode ficar comigo e com as meninas. É sério.

Neguei imediatamente.

— Não quero depender de vocês.

— Você não vai depender de ninguém — Kayleen pronunciou. — Você está sendo burra em não aceitar ajuda.

— Sinceramente, nem sei porque comecei esse assunto — admiti, andando para pegar na minha mochila e sair da área.

Contudo, elas me travaram antes que me movimentasse.

— Nem pense em dar as costas para nós — Penélope ameaçou. — A gente sabe que você é uma teimosa do caralho, mas não seja em relação a isso. Nós te oferecemos um lugar para ficar.

— Até quando? Eu não sei se alguma vez terei dinheiro o suficiente para ter uma nova casa. Era o lugar mais barato da cidade e, ainda assim, falhei — rangi os dentes, furiosa com os meus próprios problemas financeiros.

— E a herança? — Kayleen foi quem se atreveu a perguntar e tive que forjar desinteresse.

— Não quero viver com base nela.

— Mas é a sua única alternativa.

— Besteira — Penélope resmungou. — A Emília vai ser uma puta médica. Falta pouco para você se formar.

— Isso se eu conseguir terminar — lamentei, exausta. — Vamos mudar de assunto. Eu vou me safar sozinha. Não se preocupe.

Kayleen e Penélope se entreolharam e concordaram silenciosamente em aceitar a derrota. Porém, eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, elas trariam novamente o assunto e fariam de tudo para aceitar os seus termos.

— Vamos andando para casa. Eu dou carona — Penélope sugeriu.

Assim que descemos para o parque, uma pilha de pessoas captou a nossa atenção. Grupos de estudantes entretinham-se em cochichar. Mesmo depois de tantos anos, os boatos continuavam a ser a maior fonte de entretenimento que a cidade possuía. E da Universidade *Olympus* também.

— As pessoas estão admirando a bunda dos jogadores, não é? — indaguei, perscrutando o espaço em julgamento.

— Acho que estão comentando sobre os Rostos Vazios.

Vários pensamentos cruzaram naquele segundo, me dopando de sentimentos estranhos que eclodiam.

Eles tinham vários nomes. Não havia uma definição exata para o que eram, quantos eram e o que queriam.

Tratavam-nos como uma sociedade secreta. O mistério que se espalhava em relação a eles só era saciado com informações do boca a boca de pessoas que diziam já os terem visto.

Pela descrição, eles usavam cobertas negras dos pés à cabeça, perambulando pela noite como se fossem Deuses da Morte. Muitos diziam somente terem visto apenas um. Outros já tiveram o delírio de espalhar que eram mais de dez.

Havia quem acreditasse que eram figuras místicas, esperando caçar o primeiro pecador que aparecesse diante deles. Tinham aqueles que

acreditavam que era impossível alguém ter alguma história para contar. Os Rostos Vazios não deixavam ninguém que os visse voltar à vida normal. Seriam mortos, torturados, completamente aniquilados.

Eles eram a discórdia, a imprudência, o perigo.

A polícia não comentava sobre o assunto, portanto não havia como saber se eles eram tão reais quanto imaginávamos. Segundo os jornais, as mortes e os desaparecimentos que aconteciam nem sempre tinham alguma ligação com eles. Eles estavam caçando algo. Era certo. Eles cavavam, desbravavam e ansiavam por um objetivo que estava fora da nossa mente.

Nem todos eram vítimas deles.

Sendo assim, a pergunta que restava se centrava somente em quem realmente eram as suas presas e quem seria a próxima?

— Não sei porque se divertem tanto com isso. É sério o que esses monstros fazem — comentei.

— Você achava que Dante fazia parte — Kayleen alfinetou-me, me fazendo engolir secamente.

Eu me odiei naquela época.

Investiguei tudo o que podia sobre o tal dos Rostos Vazios e não encontrei nada que suprimisse a minha curiosidade. Poderia jurar que ele estava envolvido, mas cheguei à conclusão que estava apenas me comportando como uma obcecada, alimentando a raiva e o rancor, com a ideia de prendê-lo ao meu passado.

O que quer que fossem esses Rostos Vazios, não era do seu perfil.

Dante era moldado por noite, sombras e perigo. A sua essência era pintada pelas mesmas cores que a palavra cruel. Qualquer sabia do que ele era capaz, porém, todos sabiam que era por uma vingança própria. Ele não andava em grupo. Tinha sido comprovado que ele havia agido sozinho. Portanto, a hipótese dele estar envolvido era quase nula.

— E eu concluí que estava errada — finalizei.

As garotas aceitaram a minha resposta. Elas sabiam como eu não suportava a ideia de pensar sobre ele, o que piorava se parássemos para falar sobre ele.

Dante era todas as minhas piores partes, e eu me encontrava presa a elas eternamente. Até mesmo na morte, não me livraria da prisão perpétua que era ter a minha mente ligada a ele, da forma mais perversa possível.

— É. Você tem razão.

Entramos dentro do carro de Penélope. Ela era a única de nós que tinha um, além de ser a que possuía mais grana.

Não a invejava, mas me sentia inferior quando se tratava das duas. Eu precisava dar uma volta na minha vida, contudo, eu sabia que só aconteceria quando tivesse a minha herança.

Adentrei no apartamento modesto. O espaço era pequeno, bastante acolhedor e quente. Eu dividia com a própria dona, que me dava direito a um quarto só para mim, mais a cozinha e o banheiro.

Por anos, eu me habituei a um perímetro maior, a empregadas que limpassem cada milímetro que eu pisasse ou sujasse, a comida sempre pronta na mesa, com a geladeira abarrotada. Por isso, era um martírio ter fome e abrir o armário minúsculo cheio de poeira e somente uma lata de milho guardado.

Suspirei.

Tinha algumas moedas para comprar algo pelo caminho até à lavanderia, então era melhor começar a andar.

Decidi sair de fininho sem que a senhora me olhasse de cima a baixo me julgando pelo pagamento atrasado.

Fechei o meu casaco preto e coloquei o capuz, com alguma dificuldade já que os meus cachos tinham a tendência de ganhar volume à medida que o dia passava.

Por ser inverno, mesmo que fossem seis da noite, as ruas já escureciam. A iluminação da cidade era algo que o governo não se preocupava muito. Eles a tinham abandonado depois do índice de crimes agravar e parte do turismo ser transferida para outras cidades.

Poderia haver uma explicação plausível para o motivo dos noticiários serem protagonizados por alguém que desapareceu, crianças que foram sequestradas ou famílias que tinham perdido as suas mulheres. Mas ninguém oferecia uma teoria plausível. As pessoas simplesmente aceitavam como o nosso mundo era um pesadelo ambulante e a nossa vida era um alvo sempre que colocávamos os pés fora de casa.

Claro que não poderia ser hipócrita. Eu conhecia as diversas formas que um pesadelo poderia ter e eu tinha achado *bonito*. Agora estava conformada em viver na miséria e com as consequências dos meus atos.

A angústia engatilhou os meus arrependimentos, e eu quis chorar de imediato.

Como eu odiava a minha vida. Odiava as escolhas que fiz. Odiava como o meu coração tinha sido um maldito idiota por ter me colocado nesta situação.

Eu odiava a Emília Gray de treze anos. Aquela que aceitou o garoto excluído. Aquela que o amou.

Aquela que, um dia, teria sido estúpida o bastante para morrer por ele.

— Merda — xinguei, furiosa comigo mesma por ter lágrimas escorrendo no meu rosto.

Virei na primeira esquina para poder me esconder.

Eu não tinha superado. Rebobinava a mesma figura, que antes era pintada de cores vivas e marcantes na minha mente, agora era sórdida e nefasta. As memórias que eu tinha de Dante eram falsas e corrosivas.

O som do seu violino, a risada e a maneira como ele me chamava de coisas bonitas já não geravam borboletas no meu ventre. Faziam nascer bactérias no seu lugar.

Respirei duas vezes antes de tornar a seguir o meu rumo porque tinha um trabalho para atender, porém bati de frente com alguém.

— Meu Deus, desculpe. Eu estava...

Travei quando notei os detalhes sombrios que o vestiam.

Assim que levantei a cabeça, meu estômago encolheu.

Tentei procurar por um olhar, por uma expressão, mas eu estava perdida na escuridão.

Ele não tinha rosto.

Não conseguia ver.

Era *vazio*.

O seu corpo grande, cada milímetro da sua pele se cobria da capa preta, o capuz tapando até ao que poderia imaginar ser o nível das suas sobrancelhas. O seu rosto estava envolvido pelo que parecia ser um filtro escuro que o deixava visualizar o exterior, porém impedia que o vissem.

Mil e um pensamentos surgiram naquele instante e o primeiro deles foi correr. No entanto, antes mesmo de escapar do beco, o meu pescoço foi domado por mãos grandes e a minha boca obstruída pelo mesmo.

— Está indo para onde, *princesa*? — soprou, como veneno. — Temos alguns assuntos pendentes para tratar.

Tentei desferir socos com o cotovelo, mas ele era forte.

— Se comporte. Você não quer ser uma boa garota para o *capitão*?
— zombou.

Meus pulmões espremeram o que sobrou de oxigênio dentro deles.

Reconheci aquela voz de imediato e as lembranças infelizes ganharam espaço.

Não poderia acreditar. Tinha que ser mentira.

Mas ele estava de volta.

O meu pesadelo tinha voltado.

02

Emília Gray

poème

há sete anos

— Dizem que ele matou o sequestrador.

— Meus pais falaram que ele conseguiu enganá-lo e esmagou o crânio dele com um martelo.

— Martelo?!

— Sim, um martelo!

Um dos garotos suspirou e deu uma olhada rápida pelo parque.

— Que medo! — ele sussurrou para mim. — Não se aproxime dele, Emília.

Revirei os olhos e mostrei a língua.

Não sabia o nome do garoto que falava comigo, além de que ele gostava da minha melhor amiga, Kayleen. Mas as suas palavras ficaram

impregnadas na minha mente. Na verdade, não só as deles. Quase toda a cidade falava sobre o garoto sozinho do orfanato que tinha escapado de um sequestro juntamente com outros quatros.

Ninguém sabia ao certo o que tinha acontecido, além da polícia local e, claro, Francis Torman, o principal investigador de todos os casos da cidade, especialmente por alguns desaparecimentos que aconteciam.

Claro que estava curiosa, porém o medo de não conseguir dormir durante a noite impedia que eu fizesse perguntas ou desse ouvidos às histórias dramáticas dos meus amigos.

No entanto, os meus olhos não se desgrudavam *dele*.

Os seus cabelos escuros como petróleo, a sua pele pálida, as roupas rasgadas, mas ainda assim limpas e certamente com um bom cheiro. O seu olhar perdido, mas sem a preocupação de encontrar um lugar para ficar.

Dante Faulkner era o seu nome e a primeira coisa que eu queria saber sobre ele.

Era estranho como eu sonhava constantemente com ele. Ficava envergonhada quando roubava o perfume da minha mãe para poder estar cheirosa nos dias que eu sabia que Dante iria ao parque. Eu arrumava meus cachos durante horas para que eles ficassem definidos, pelo menos, o tempo que ele permanecia lá. E rezava para que não chovesse. Eu queria ficar mais bonita, parecer mais velha, mesmo que tivesse treze anos. Ele tinha quinze.

Ah, era mais outra coisa que eu sabia sobre Faulkner.

Ele era dois anos mais velho que eu.

— Kayleen, vem cá — pedi, afastando-me do balanço. Minha melhor amiga me encarou por alguns segundos, se despediu do garoto chato e me seguiu.

— O que foi?

— Você acredita nele?

Ela cruzou os braços.

— Você não? — Dei de ombros. — Pelo amor de Deus, Lia. Não me diga que está interessada.

— Curiosa — corrigi e Kayleen suspirou. — Por favor. Você não fica com pena quando o vê sozinho?

— Não.

— Você é insensível.

— Não, Lia. Apenas me protejo de pessoas que possam ser violentas — respondeu seca. — Ele quer ficar sozinho. É muito diferente. O Daniel já tentou conversar com ele e saiu de lá chorando. A dona Karen se demitiu do orfanato porque não aguentava ficar mais um segundo na frente dele. Até os policiais têm medo de estar na mesma sala que esse garoto. Por que acha que é o único que tem um quarto só para ele?

— Isso são apenas boatos. Ninguém comprovou se é verdade ou não — declarei, tornando a pousar meus olhos em Dante que mantinha a sua diversão em encestar a bola de basquete. Ele não errava uma única vez.

Bom, afinal, não sabia tão pouco sobre ele.

Dante era muito bom em esportes também.

— Você não precisa que te comprovem algo para evitar fazê-lo. Eu nunca vi ninguém ao meu redor morrendo por beber urina de boi, mas eu sei que pode acontecer. Por isso não vou beber, sua boba.

— Argh, que nojo!

— É essa a cara que você deveria fazer quando visse Dante.

Revirei os olhos.

Embora Kayleen tivesse razão, eu não queria aceitar.

Era melhor prevenir do que remediar. Mas por que alguém que havia escapado de um sequestro, que nem ao certo sabíamos do que era e como foi, poderia ser agressivo?

Foi com esse pensamento que ocupei a minha mente.

No trajeto para casa, apenas pensava nele, como todas as vezes. Há três meses que não havia mais nada pela qual os meus neurônios se entretinham.

Era sobre Dante, Dante, Dante e Dante...

Quem exatamente era ele e porque nada fazia sentido?

Ao levantar a cabeça, notei a sombra que caminhava a metros de distância. Confusa, pisquei os olhos, mas a figura tomou forma.

— Dante!

Tapei imediatamente a boca assim que percebi que havia escapado e tentei me esconder entre a folhagem.

Faulkner virou a cabeça discretamente, semicerrando o olhar ao notar que não havia ninguém na rua.

Ele foi rápido em tomar o seu trajeto, enfiando as mãos nos bolsos e virando a esquina.

Por que ele estava na rua sozinho? O orfanato não era naquela direção.

Aquilo despertou o meu lado curioso.

Não pensei muito e decidi segui-lo. Dante havia entrado em um caminho de arvoredos com um grau de dificuldade para visualizar as laterais. Mas eu não me importei. Estava mais preocupada em descobrir o que ele estava tramando.

Apesar de não vê-lo, seguia o som dos seus passos. Suas botas esmagavam as folhas caídas e isso ajudava a não perdê-lo de vista. Até que o som foi diminuindo de intensidade. Eu aumentei a velocidade, mas Dante conhecia melhor aquele lugar, portanto tinha mais destreza nos desvios, nas rampas e quando percebi, já não o escutava.

O caminho havia virado um labirinto de árvores e eu era o único corpo que estava entre elas.

Merda.

Odiava dizer palavrões porque os meus pais ficavam muito chateados, porém o pânico que enraizou nas minhas veias no momento que percebi que não sabia onde estava, fez o meu cérebro instalar um vocabulário mal-educado.

Como eu iria sair?

Tentei voltar para trás, me prendendo às pegadas que eu poderia ter deixado. A minha memória era um lixo, mas tentava me lembrar se eu já tinha visto aquela árvore, se tinha pisado naquele galho ou passado por baixo do ramo. No entanto, sentia que estava cada vez mais longe.

Os meus olhos começaram a arder e, quando dei por mim, as lágrimas estavam embaçando minha visão. Minha respiração descarrilou, no mesmo instante.

Eu ainda não tinha um celular. Todas as minhas colegas possuíam um, exceto eu que precisava pedir a Kayleen para telefonar aos meus pais caso precisasse de alguma coisa. Mas ela não estava comigo. Decidi ir embora mais cedo porque não aguentava mais o Daniel.

E agora estava perdida. Completamente em apuros.

Não me segurei e chorei, encolhendo-me perto de uma árvore. Não me importava se o meu vestido rosa estava sujo e se os meus cabelos

tinham se tornado um ninho de pássaros.

Queria voltar para casa.

Queria sair dali.

A minha obsessão por Dante tinha me levado ao inferno. E provavelmente ele saberia que eu o estava perseguindo. Era óbvio. Ele havia feito de propósito.

Talvez ele fosse mau como todos diziam.

Malvado, violento e um *assassino*.

De repente, ouvi a folhagem se mexer.

Levantei a cabeça que se encontrava entre as minhas pernas e os braços, e vi Dante sentado ao meu lado.

Os meus ossos tremeram e rastejei a bunda para o lado, me afastando consideravelmente.

Mal conseguia respirar, mantendo os lábios pressionados e esfregando as unhas na minha pele.

O que ele estava fazendo?

— Já parou de chorar? — pronunciou com um toque de humor e preocupação. Uma mistura que fez os meus olhos esgazearem e admirarem pela rouquidão que ele possuía nas cordas vocais, mesmo tendo apenas quinze anos.

— A sua voz...

Suas sobrancelhas arquearam.

— O que tem?

Balancei a cabeça.

— Nada. Só não imaginava ela assim — declarei, pressionando mais os meus joelhos contra o peito.

Ele sorriu levemente. O canto da boca esticando e a bochecha avolumando.

— Você fica imaginando a minha voz?

Como água, o meu sangue encheu o meu rosto.

— Sim. — Seu sorriso aumentou. — Quer dizer, não.

— Mentirosa.

— Não me chame de mentirosa! — balbuciei. — Eu não minto.

— Só não diz a verdade. Parece que não é o seu forte.

Ele parecia se divertir com o fato dos meus movimentos serem apenas baixar a cabeça e mexer nos dedos em vergonha.

— Olhe para mim, garota.

Engoli em seco ao levantar o queixo e deparar-me com os seus orbes escuros.

— Eu tenho um nome.

O entretenimento não desapareceu do seu olhar.

— Eu sei o seu nome. Emília Gray.

O seu sussurro voou juntamente com as folhas do outono.

Ele sabia o meu nome.

Dante já me conhecia.

— Se você sabe, então não me chame de garota. É falta de educação da sua parte.

— Você não está em posição de pedir por educação quando estava gritando o meu nome e me perseguindo.

Franzi o nariz.

— Foi sem querer — gaguejei, retornando a encarar a folhagem seca no chão.

— Você estava me seguindo sem querer? — perguntou ainda divertido. — Imagina se fosse querendo. Faria o quê? Subiria nas minhas costas?

Era inevitável não notar como Faulkner mantinha segurança nos seus gestos, na sua voz, no seu olhar.

Era estranhamente atraente.

— O que você vai fazer agora? Me matar?

Deixei escapar antes de impedir que as palavras voassem. Dante examinou-me e diminuiu uns centímetros que separavam os nossos corpos.

Prendi a respiração quando o seu rosto impedia a visão da periferia. Tudo que eu via eram os seus lindos olhos, a sua boca fina e rosada e os cabelos desfiando na testa.

— Você quer que eu te mate?

O vento rompeu as folhas.

Minha pele criou buracos e eu sentia o frio se desfazer em minhas veias.

Demorou para que a minha resposta saísse.

Por algum motivo, fiquei mais tentada em apreciar suas íris do que me preocupar com a minha própria vida.

Dante tinha esse magnetismo. Exilar minha razão e me fazer acreditar que só ele era a explicação das coisas.

— Não.

Ele espumou pelas narinas e se afastou, levantando-se em um solavanco.

Faulkner estendeu a sua mão e pronunciou suavemente: Admirei como eu era pequena na grandeza que Dante possuía e consumia do resto do mundo.

— Que bom porque eu quero manter você viva.

Agarrei a sua mão e me levantei.

Não pensei muito na sua resposta, pois estava mais preocupada em como o meu corpo estava quente e suando pelas nossas mãos que não se desgrudavam.

Ele conduziu-me para fora da floresta e me levou para casa.

Tudo em silêncio. Sem troca de olhares.

Apenas as nossas respirações conversando e se conhecendo.

Faulkner não se despediu nem deu abertura para que eu falasse. Porém, eu via aquele momento como uma vitória. Um prelúdio para que uma coisa grande e maravilhosa acontecesse.

Foi somente quando cheguei em casa que percebi o que ele tinha dito.

Dante não queria que eu apenas ficasse viva.

Ele queria me *manter*.

E depois de tanto pesquisar no dicionário do meu pai, descobri que manter poderia ser *guardar, permanecer, conservar e proteger*.

03

Emília Gray

fur elise

há sete anos

As duas horas de aula já tinham terminado, mas eu não tinha saído da sala. Pressionava o violino contra o meu corpo, sentindo o som da música flutuando em uma conversa melódica comigo. Eu não a entendia. Não sabia ao certo o que tocava, somente que precisava transmitir algo.

Eu precisava levar algo para quem escutasse.

Talvez por esse motivo eu não era a principal violinista da turma. E eu nem tentava ser a melhor pianista porque havia muitos alunos melhores. Me frustrava um pouco porque amava música clássica. Amava escutar, sentir, até mesmo, às vezes, parecia que ela dançava comigo quando a ouvia pelo meu MP3. Mas eu precisava praticar mais.

Estava tentando aprender uma peça muito difícil: Sonata Kreutzer de Beethoven. Era complexa, sendo que nem a nossa professora conseguia

desempenhar perfeitamente. Mas eu queria aprender por completo. Assim talvez conseguisse o foco principal nas aulas e pudesse desempenhar a performance algum dia.

— Senhorita Gray, a sua mãe está aqui.

A minha professora bateu na porta enquanto me chamava. Assenti, limpando a minha testa e endireitando os meus cachos presos.

Guardei o meu instrumento, peguei a minha mochila e saí correndo da sala. Minha mãe estava conversando com o tio de Daniel, Angelo Wayne. Ele era muito amigo dos meus pais. Pelo que eu sabia, tinham negócios em comum e tentavam se ajudar para prosperar o hospital e todo o sistema de saúde da cidade.

— A reunião ficou para quinta, depois da meia-noite. Vamos adiantar os termos do trato e, claro, servir um bom jantar. — Ouvi ela dizendo. — Convide a sua esposa.

— Eu irei. Estamos a começar a integração de Daniel também.

— Oh, isso é ótimo. — A minha mãe olhou para mim. — Ainda falta uns anos para Emília.

Sorri e volta, sem entender muito bem o que falavam. O senhor Wayne notou a minha presença e acariciou o meu cabelo, causando desconforto. Odiava que tocassem nele.

— Mal posso esperar para ver você crescida e reunindo-se conosco.

Eu não tinha tanta vontade de crescer e participar em tantos jantares e reuniões como os meus pais. Eram formadas por elite e, como de esperar, a minha família pertencia há décadas.

Antes de esgotar a minha paciência, Angelo despediu-se de mim e da mamãe com um aceno breve. Ela se aproximou de mim e dilatou um sorriso.

— Por que veio me buscar, mãe? — perguntei, plantando um beijo na sua bochecha.

— Fiquei desconfiada quando não te vi em casa. Telefonei para a escola e disseram-me que você estava aqui.

— Mãe, não precisava.

— Na semana passada, uma criança de três anos desapareceu dentro da escola. Você sabe que a cidade anda perigosa. Há casos de desaparecimentos que ninguém conhece o motivo.

— Mas eu não tenho três anos. Tenho treze anos. Estou quase fazendo catorze.

Ela gargalhou e beijou os meus cabelos.

— Mesmo que você tenha cem anos, ainda vou continuar preocupada.

A minha mãe era linda. O seu tom de pele escuro, os cabelos tão crespos quanto os meus, os seus olhos escuros e os lábios pequenos, mas grossos eram o ponto alto da sua beleza. Gostava de me gabar que tinha a mulher mais bonita como mãe. Mas sempre tinha que ouvir comentários dos meus colegas dizendo que eu não era tão linda quanto ela.

— Vamos para casa? Hoje vou cozinhar — ela disse alegre, pegando na minha mão em direção ao carro.

Eu estava ansiosa. Gostava quando ela cozinhasse para mim. Meu pai e eu ficávamos sentados à espera que o prato pousasse na mesa e pudéssemos devorar como animais. Eles trabalhavam muito, porém éramos muito unidos a cada ocasião que passávamos juntos.

— Na verdade, mãe, eu tenho que ir para a casa da Kayleen. — Olivia Gray arqueou as sobrancelhas. — Temos um trabalho para fazer, mas eu volto antes das nove!

— Ok. Você quer que eu te leve?

— Não, não. Eu vou sozinha.

Abri a porta do carro e enfiei a minha mochila e o porta-violino.

— Tem certeza? — Olivia questionou novamente, mas eu já estava fechando a porta e correndo.

— Não precisa! Mas não comam tudo! Eu também quero jantar.

Não esperei escutá-la, mas já tinha desatado a correr em direção ao parque. Puxei o meu vestido para cima, assim facilitava a minha corrida.

Espero que ele esteja lá.

Esse foi o meu pensamento até chegar ao parque e ouvir risadas. Identifiquei a de Dante no meio de algumas completamente estranhas.

Dirigi-me até à quadra onde o vi no meio de mais quatro garotos. Dois estavam lutando entre si e os outros três, incluindo Dante, somente assistiam, gritando e dando risadas.

O terror moveu os meus olhos. Ele não ia parar a luta? Estava achando divertido? Como ver outra pessoa se ferindo seria algo engraçado?

Dante parecia, no meio de todos eles, aquele que estava dando mais apoio para a briga continuar. E quando um soco surgia, ou um pontapé, ou um tipo de bloqueio, ele incentivava ainda mais.

Na verdade, era a primeira vez que o via esboçar reações, escutar a sua voz em uma amplitude maior e estudar os seus gestos mais agressivos e ágeis. Mas também era a primeira vez que descobria um dos seus passatempos: ver outros garotos brigando.

Pensei melhor em voltar para casa e talvez nunca mais falar com ele. Eu não gostava de sangue e feridas. Odiava qualquer filme de ação por não ser capaz de, sendo verdade ou não, ver outra pessoa se ferindo. Ao que parece, Dante era fascinado.

Porém, antes de dar a volta, um dos garotos da luta acabou batendo em Dante. Não preendi o grito que saiu da minha boca assim que ele caiu no chão e pousou a mão no seu nariz escorrendo sangue.

No entanto, os garotos não se importaram com ele. Cada cabeça havia girado na minha direção, os semblantes confusos e interrogativos ao me ver plantada a metros da quadra.

Bati com os olhos pretos de Faulkner que não exibiam nenhuma emoção. Me senti uma babaca, então decidi sair dali tão rapidamente quanto havia chegado.

Antes mesmo de poder colocar o pé fora do parque, um braço esmagou a minha barriga e me pressionou contra algum corpo.

Um guincho rompeu minha garganta, mas uma risada quente borbulhou em meu ouvido juntamente com pares de palavras:

— Você tem algum tipo de obsessão por mim ou algo parecido, Gray?

Ouvir a sua voz depois de três semanas desde aquele dia arrepiou minha coluna.

Dante desprendeceu-se de mim e eu virei, ficando de frente para ele.

— Não. Eu só estava passando por aqui.

— A sua casa não é nessa direção — constatou.

— Gosto de caminhar.

— E de se perder também.

Chiei pelo rebate.

Dante era tão indiferente.

— O que aconteceu foi...

— Algo que você deveria ter como lição e não ficar me perseguindo — completou de maneira imprudente.

— Eu não estou te perseguindo — exclamei, procurando justificativas plausíveis para continuar. — Eu só... Eu só quero conversar com você.

Dante analisou-me como se eu fosse uma aberração.

— Você não cansa?

— Do quê?

— De se meter em encrenca.

— Querer conversar com você não é um problema — me defendi.

— Insistir para que aconteça é.

Enruguei o nariz, cruzando os braços.

Não inalei fundo antes de prosseguir com a conversa porque o seu perfume era bom demais e extremamente viciante. Não poderia farejá-lo como um cachorro, senão ele me acharia mais estranha do que já achava.

— Nunca insisti.

— Só vem para o parque nos mesmos horários que eu e sai na mesma hora, além de ficar perguntando às fofoqueiras da cidade quem sou eu, o que como, onde durmo e como respiro.

— Oh...

Ele sabia.

A vergonha tomou o meu corpo, no mesmo instante. Eu tinha sido desmascarada.

— Eu sei como você respira — argumentei, mas apenas de maneira idiota.

Dante não respondeu.

Mas vi um meio-sorriso quebrar os seus lábios.

Meu estômago fez um burburinho impossível de ignorar, mas precisei evitar pensar sobre o que senti.

— Eles são os seus amigos? — perguntei receosa, os cálculos formando na minha cabeça.

São quatro garotos...

Faulkner me encarou com uma dúvida na testa.

— Depende do que você considera amigo.

— Foram os garotos que você salvou do sequestro?

A questão saiu antes que eu a segurasse. Detestava ser invasiva, mas o meu lado curioso implorava por uma resposta. Claramente Dante não se sentiu confortável. As suas linhas de expressão ficaram mais evidentes, mas, ainda assim, ele segurou a postura.

— O que você sabe sobre esse tal de sequestro?

— Apenas o que os boatos dizem.

Ele inspirou e sua testa franziu. A raiva se espalhou silenciosamente pelo seu rosto.

— Eles estão errados. Não foi um sequestro.

— Então o que aconteceu?

— Foi um jantar.

O quê?

O meu eu de treze anos — e cinco meses — não soube como interpretar. Dante não disse muito mais, pois avançou para a quadra.

Ele olhou para trás, os seus olhos escuros e sombrios dizendo coisas que eu não lia, mas, de certa maneira, meu corpo reagia. Então, eu fui atrás, mesmo que eu visse um sinal vermelho nas suas costas que pedia para que eu voltasse para casa.

— Vou embora — ele declarou aos quatro garotos que agora tinham uma bola de futebol americano voando entre eles.

Todos repousaram a atenção em Dante, porém não tardou para que me encontrassem encolhida à espera do amigo, ou o que quer que fosse.

Até eu estava surpresa.

Ele tinha decidido ficar comigo.

— Quem é essa? — um deles perguntou. Sua voz era grave para o seu corpo magro.

— É sua namorada? — Mais um outro olhou para Dante.

— Poxa, Faulkner. Eu levei a sério quando você disse que me amava. Está me traindo? — Mais outro rapaz gargalhou e eliminou a distância entre nós. — Ela é fofa. Qual é o seu nome, princesa?

Engoli em seco, apertando o meu peito.

— Emília. Emília Gray — comentei baixinho, ainda intimidada pela altura colossal do garoto. Ele daria um bom atleta.

— Emília Emília Gray? Duas vezes? Que estranho. Seus pais se engasgaram ao escrever? — Abri a boca para rebater, mas o garoto não me deixou continuar. — Sou Asher Hawthorn, princesa. Pode me chamar só de Asher. Ou Asher Asher. O príncipe dos seus sonhos. Ou o vilão. Talvez um vampiro. Você gosta de caudas? Não sei que tipo de fantasia você tem. O que preferir.

— Hawthorn, para de ser idiota, porra. Ela deve ter doze anos! — gritou mais um que, claramente, tinha sido o mais ferido da briga. Seus olhos estreitos, o cabelo escuro e a pele pálida deixavam claro que ele tinha genes asiáticos.

— Ou pode me chamar de apenas Hawthorn, apesar de nem todo mundo saber pronunciar — concluiu com um sorriso sarcástico.

— Eu tenho treze. Estou quase fazendo catorze.

— Viu? Ela tem *doze*.

— Não, eu...

— Você e o Faulkner estão namorando, é? — Sacudi a cabeça, com ligeiro pavor e vergonha. — Se eu fosse você, corria. Ele não gosta de pessoas.

Asher encarou o amigo enervado.

— Cole, não intimida a Emília.

— Eu não estou me sentindo intimidada.

— Claro que não — Cole disse secamente. — Você é burra.

— E fofa, cara. Já olhou para ela?

Asher se aproximou com a intenção de me tocar, no entanto, Dante empurrou o amigo e uma simples ordem o parou:

— Não se atreva a tocar nela.

Hawthorn virou-se com vontade de sorrir em provocação para Dante.

— Achei que compartilhássemos.

Os seus movimentos foram tão rápidos que nem percebi que ele pressionou as suas mãos nos meus ouvidos e se direcionou para os garotos que pararam e escutaram o que estivesse sendo dito por Dante.

Fiquei em choque que mal forcei a audição para captar certas palavras. Tudo que senti foi o calor emanado do corpo de Faulkner e os

meus olhos pulando entre os quatro garotos da minha frente. Quietos e com os olhares aterrados no garoto atrás de mim.

Assim que ele liberou os meus ouvidos, o estalo da língua por parte do seu amigo foi o único pedaço da conversa que restou.

— O que aconteceu? O que você disse? — perguntei.

— Nada — ele declarou sério. — Jaxon, toma conta do Vance!

O outro garoto que também estava lutando assentiu e girou a cabeça na direção do único que estava quieto.

Ao que parecia, Vance estava encostado à parede com um caderno na mão e uma caneta. Se eu forçasse melhor a vista, poderia ver que era um livrinho de palavras cruzadas.

Era o único que nem sequer tinha olhado para mim, muito menos dado importância para o diálogo dos garotos.

— O Campbell não é uma criança — Jaxon reclamou, limpando a sua testa com a tshirt.

— Exatamente por isso que estou pedindo para que você fique de olho nele.

Dante recolheu na sua mochila aparentemente vazia e pegou na minha mão, me tirando do raio deles.

Estava bastante quente. Era capaz de fritar os meus ossos.

— Você não vai para o orfanato?

Ele me deu uma examinada por trás.

— Você não disse que veio aqui para conversar? É o que estamos indo fazer.

Tenho a certeza que os meus olhos brilharam.

— Na verdade, eu não sei o que exatamente falar com você. Não esperava conseguir hoje — confessei.

— Você é estranha pra cacete — declarou, mas eu estava feliz demais para me sentir ofendida.

— Eu tenho um trabalho de casa para fazer. Você pode ajudar.

As linhas da testa de Dante tornaram-se visíveis.

— Sobre o que é o trabalho de casa?

— Shakespeare. Tenho que ler algum conto e fazer um resumo dele. Você sabe quem é?

— Sei, mas nunca li.

Dei alguns passos à frente, tentando acompanhar o seu ritmo.

— Você quer ler comigo?

Dante demorou a responder.

— Eu não sei ler nem escrever. Mesmo que eu quisesse, seria apenas desenhos indecifráveis para mim.

Fiquei surpresa por alguns instantes, mas rapidamente disfarcei a inquietação.

Ele não frequentava a escola. Como sempre, havia boatos que explicavam essa ausência dele num lugar educacional, porém nada que fosse confirmado além de que, pelo que parecia, ele não queria. Os seus outros amigos, principalmente Jaxon e Cole andavam na mesma escola que eu.

— Eu posso te ensinar. — Faulkner me encarou de soslaio. — Não sei exatamente como, mas podemos usar Shakespeare. Assim eu faço o meu trabalho de casa e você aprende.

Dante arfou pelo nariz.

— Você persegue alguém durante meses e na primeira oportunidade que tem, o convida para ler Shakespeare?

Não contive o sorriso bobo.

— Sou muito esperta, não é?

Pude ver que a sua boca curvou e um som estranho saiu dela.

Dante quis rir.

Ele ria. Como se fosse uma confirmação para toda aquela loucura.

Aquilo me fez feliz. Sentia que muitas coisas boas estavam se aproximando.

04

Emilia Gray

wiegenlied

A minha cabeça latejava.
Os meus membros doíam.

Todo o meu corpo parecia ter sido jogado para uma cama de espinhos. Até o mindinho do meu pé sentia uma dor colossal, como se estivesse se desintegrando pouco e pouco.

Tentei abrir os olhos. E, quando os abri, percebi que ainda estava escuro, a atmosfera ecoava sons sombrios que zumbiam em meus ouvidos.

Eu estava vendada?

Tentei me mexer, mas em um simples movimento automaticamente constatei em que posição eu me encontrava. Meus membros estavam para o alto, atados ao punho. Eu tinha os pés no ar. Não sentia o chão.

Balancei-me, espremendo os meus pulsos com todo o desespero que reinava em minhas veias. Esfreguei parte do meu braço no rosto com esperança que tirasse a venda, mas o nó tinha sido muito bem feito.

Perder parte da minha autonomia corporal e do meu sentido da visão era aterrador. Não era como se eu estivesse desmembrada ou tivessem arrancado os meus olhos, mas a dor mental seguia no mesmo caminho.

Eu procurava manter a calma, no entanto sempre que recapitulava o som daquela voz e a estrutura soturna e fantasmagórica que tinha visto, o meu instinto de sobrevivência falava mais alto.

Precisava sair dali o quanto antes.

— Está gostando da hospedagem, princesa?

Meu coração desmontou na mesma hora.

Então, eu não estava errada. Era ele.

Aquela voz cavou o mais fundo da minha mente. As memórias da Emília de quatro anos atrás ocuparam o espaço que se reservava em manter o meu organismo funcionando.

Eu reconheceria aquele tom de longe.

Eu reconheceria de qualquer um deles.

As interrogações vieram a capote, as teorias se desenvolvendo até chegar em uma conclusão.

— Me perdoe as condições. Não consegui arranjar um hotel cinco estrelas, mas achei que seria mais confortável estarmos em casa — zombou.

— Seu senso de humor não mudou. Continua demonstrando o seu QI de baixo nível.

Ele riu.

— Você já foi mais receptiva, Emília. Para onde foi o seu bom humor?

— No mesmo lugar de onde nenhum de vocês deveria ter saído. Do inferno — cuspi furiosa, sacudindo o meu corpo.

A angústia de ficar naquela posição tão vulnerável estava dando cabo de mim. Os meus pulmões já estavam procurando um plano B, porque eu poderia desabar a qualquer instante. A falta de ar estava chegando. Contudo, o medo era o primeiro sinal de fraqueza. Eu não poderia dar essa brecha.

— Onde está o seu namoradinho? — perguntei em riso. — Teve que pedir ao amigo para me sequestrar e não tem coragem para me ver? Está com medo, é?

Ele arquejou e diminuiu a distância em três passos. Pelo eco dos seus sapatos, estava num lugar vazio e espaçoso. Se tinha móveis, eram muito poucos.

— Não gostei. Está me confundindo com o Cole — ele debochou.

Senti a repulsa invadir os intestinos na mesma hora.

Eu estava enganada o tempo todo. Eles mantinham contacto. Eles nunca tinham terminado a amizade. O vínculo deles era tão forte quanto as correntezas de um oceano vasto.

Porra, eu era uma idiota.

— Vocês estão todos aqui? — indaguei, procurando não expor o meu receio.

— Infelizmente, princesa, eu convidei você para responder às minhas perguntas e não o contrário.

Mais um par de passos ecoou.

Ele estava cada vez mais próximo.

— O que querem de mim, hã? — cuspi com o coração batendo forte. — Não tenho nada para oferecer.

— Você tem — soprou. — Uma coisa, em especial.

Uma dose de angústia se alojou por todo o meu corpo.

Eu precisava sair dali.

O medo estava apoderando-se dos meus ossos e parecia que perdia os meus próprios movimentos. Os meus braços já estavam cansados de estarem naquela posição e a falta de clareza para os meus olhos machucava muito mais do que poderia pensar.

Era um sentido a menos. O meu olfato não servia de nada para a situação além de inalar o odor a mofo e de carne podre, além da colônia rica e claramente paga em cartão de crédito sem limite do homem que tinha me sequestrado.

— Tenho centavos na conta e um porquinho de estimação. Não sei se é exatamente o que procura.

— Porra, finalmente o seu bom humor está voltando. — Ele gargalhou. — Na verdade, eu quero o que os seus pais deixaram para você.

Meu rosto endureceu.

Por mais que não conseguisse visualizar o seu semblante, sabia que o dele também estava impenetrável, completamente opaco de emoções.

— Não entendi. Você quer as cinzas deles ou os traumas? Tem que ser mais específico.

Mais outro passo.

Eu poderia ouvir melhor sua respiração. Os seus pulmões se remexendo dentro do corpo como se fizessem uma caminhada diurna. Era estranho como estar tapada poderia apurar o meu senso auditivo.

— Você sabe o quanto eu gosto de brincar, mas agora quero que a sua língua se comporte e seja doce para mim, pode ser? — Seu tom tornou-se assustadoramente calmo. — Vamos voltar ao ponto inicial. Onde você tem o mapa da Fábrica?

— O quê? Que Fábrica?

— Não se faça de sonsa. Você não vai gostar.

— Não sei do que está falando — confessei. — O que diabos é esse mapa da Fábrica?

Um suspiro pesado e longo arrastou-se pela atmosfera.

— Você não está me ajudando, Emília.

Meus dentes rangem.

Já nem era pela situação, mas por entender que eu estava sendo colocada numa posição equivocada.

Minhas costelas já estavam fracas e cada músculo exausto de estar sendo puxado por uma corda. Não sabia durante quanto tempo poderia aguentar.

— Eu não sei o que querem de mim, mas nada do que procuram está comigo.

— Impossível — sibilou.

— Pois é possível porque é a verdade — disse, estremeando em cólera. — Não tenho nem um fio de cabelo dos meus pais, quem dirá um mapa do que quer que seja.

— Eles não deixariam nas mãos de mais ninguém a não ser você.

Minha boca estava sangrando de tanto que afundei meus dentes naquele instante.

— As minhas mãos estão tão vazias quanto o seu cérebro, seu merda — esbravejei. — O seu melhor amigo foi o motivo pelo qual eu não tenho nada. Pergunte para ele. Ele ouviu as últimas palavras dos meus pais. Ele deve saber onde diabos fica esse tal de mapa.

O silêncio acomodou-se assim que finalizei o discurso.

Ele deveria estar calculando a sua nova rota. A curiosidade começou a tomar conta da minha mente. Que mapa era aquele? O que era a Fábrica? Os meus pais não tinham me deixado com nada relativo a isso. O único testamento dos dois era que eu teria direito a herança quando concretizasse vinte e um anos. *Somente*.

Todo o caos da minha vida foi consequência da morte deles e não envolvia nada mais do que dívidas, uma faculdade para terminar e mais outro emprego para receber uma mísera em prol da minha sobrevivência.

— *Merda...* Se você não quer colaborar por bem, vai ser por mal — ele ameaçou, segundos após o sigilo.

Minha pele se arrepiou, os pelinhos subindo em calafrios quando os seus passos o levaram para longe.

— Eu estou falando a verdade! — esbravejei, torcendo o meu pulso com uma vontade imensa de sair dali.

Ele não disse mais nada e a aflição ferveu o meu sangue, aquecendo todas as minhas extremidades como um animal prestes a morrer, seus últimos segundos sendo os mais importantes da sua vida.

— Asher, volta! — gritei. — Asher! Asher!

Os meus pulmões esgotaram-se de tanto que externei minha voz, mas nada.

Eu fui deixada com a porta sendo trancada com o medo se humanizando na escuridão.



Não sei quanto tempo passou.

Três, quatro, cinco horas?

Doze?

Eu sentia que tinha emagrecido bem mais do que consumi durante a semana. Meu metabolismo estava funcionando como se eu tivesse vivido cinco anos em poucas horas. Tinha me levado até a exaustão insistindo em sair dali, mas não conseguia.

Habituei-me à escuridão, mas a sensação dos meus músculos distendidos seria impossível de reverter. Meus pulsos estavam sangrando pela brutalidade das cordas. Experienciava a sensação do sangue não correr mais pelas veias e paralisar de maneira que corroesse os meus órgãos.

O meu sistema estava desconexo da minha existência.

Eu não estava aguentando mais. Iria ficar louca se permanecesse mais um segundo sequer ali.

Apesar da euforia devido ao perigo que me situava, eu estava com sono. Mas a cada momento que tombava a cabeça, os meus pés no ar e o pavor de me tornar indefesa era o energético para manter os meus olhos abertos.

Num dos momentos que o meu cérebro ia se desligando, escutei a porta ranger.

Rapidamente ergui a cabeça, embora ainda não conseguisse ver nada além do escuro.

— Quem está aí? — perguntei exausta.

Ninguém me respondeu, mas eu sentia uma certa presença.

— Eu não tenho nada do que vocês querem, por favor. Me deixem em paz — implorei.

Embora não ousasse expor fraqueza, lamentar pelo meu estado poderia me levar a sair dali.

Eu os conhecia, merda. Não haveria compaixão?

Nenhuma resposta veio além da sensação de ter alguém se aproximando.

Por fim, algo me tocou.

Tive uma reação violenta, chutando os pés para fora e acertando em uma perna, talvez. Um gemido de dor soprou em meu ouvido.

— Não me lembrava de você ser tão agressiva.

O meu ar foi cortado.

— Jaxon?

Os meus pulsos sentiram um alívio no mesmo instante. Caí agarrada a ele e fui colocada no chão. Meus pés estavam dormentes, então andar foi mais difícil do que tentar atravessar o oceano.

— Jaxon, é você? — perguntei de novo. O seu suspiro foi uma confirmação. — O que está acontecendo? Por favor, me explica. Foi ele,

não foi? Vocês tinham seguido uma vida normal. Por que estão fazendo isso?

— Não sou eu que vou te dar as respostas. Mas não foi ele. *Somos nós.*

— O Asher pediu por um tal de mapa. Não sei o que é.

— Não é o melhor momento para você mentir.

Balancei a cabeça.

— Não estou mentindo. Eu não tenho! — berrei. — Por favor, Jaxon, me tira daqui.

— Em troca do quê, Emília? — questionou com vestígios de fúria.
— Você é um caminho fácil para o que queremos.

— Vocês estão tão enganados. Eu não...

Um objeto frio foi pressionado contra o meu pescoço.

O ar se apertou na minha traqueia devido à pressão da minha boca em não absorver um fio de ar naquela área.

Eu poderia sentir a ponta afiada se convidando a terminar com a minha vida.

— Não diga mais nada e venha apenas comigo — sussurrou ameaçador. — Nem sequer pense em fazer merda alguma. Nós vamos te caçar, Emília. Nós estamos sedentos por isso.

O meu coração batalhou forte contra a caixa torácica.

Minha vida estava sendo ameaçada pelo mesmo garoto que, certa vez, eu quis proteger. Assim como todos eles.

— Vocês não eram assim.

— Nós sempre fomos. Você que nunca quis ver.

Fui coagida a caminhar. Soube que saímos daquele lugar pela mudança atmosférica. No entanto, o gosto amargo que governava minha boca era o alimento do meu medo.

O que eles fariam comigo? O que mais iriam querer de mim?

Eles supunham que eu estava mentindo, mas eu estava nadando em um mar de ignorância muito mais extenso e assustador que o deles.

Rumamos até uma outra sala. Bem mais quente, apertada, pois o eco era nulo.

Jaxon empurrou-me contra uma cadeira de madeira. Pude sentir a dureza pelo impacto contra a minha bunda ao sentar. As minhas mãos foram

atreladas a algemas de ferro em cada braço da cadeira.

Estava novamente cativa, sem ter como me movimentar ou determinar uma rota de fuga.

— O que você está fazendo? — questionei, embora soubesse que a resposta nunca chegaria assim como a razão de toda essa porra.

O sigilo de Jaxon e a sua ida, depois de me atar como uma prisioneira, levou a minha fúria ao extremo. Comecei a chutar as minhas pernas, empurrando a cadeira para se mover, gritando como se o vapor de um trem estivesse armazenado na minha garganta.

— Porra! Me tirem daqui, seus filhos da puta! — esbravejei, como se a minha vida estivesse nas mãos do diabo e nada mais pudesse fazer do que pedir ajuda a um deus.

Eu sabia do que eles eram capazes.

Eu tinha visto o que aqueles malditos poderiam fazer com quem odiavam. Com quem tinham como alvo.

Eu tinha sido uma burra ingênua. Eu não sabia o que estava por vir quando os conheci.

Eles eram a ruína. O silêncio. A dor. O vazio.

Eles eram aquilo que a morte representaria se tivesse cabelos escuros e um sorriso sacana.

Principalmente ele.

Portanto, eu não poderia ceder. Não para eles. Não para ele.

Ele me mataria assim como fez há quatro anos. E a minha morte não era um presente para aquele desgraçado. Ele não poderia tê-la.

Gritei com mais fúria, meu coração corroendo como se ele tivesse membros e cada um deles fosse arrancado com a minha própria força do ódio.

Uma saída. Eu tinha que esperar por uma chance de saída.

No entanto, o clima mudou.

Algo tinha entrado.

Alguém.

Parte de mim ainda era um ímã preso ao polo oposto que ele carregava.

A todo o inferno que ele possuía como se fosse o seu animal de estimação.

— Você continua barulhenta pra cacete.

Aquela voz.

Aquela maldita voz.

Seus dedos atravessaram a minha nuca e tiraram a venda. Demorei a abrir os olhos com medo. Com raiva. Com todo o rancor que guardava daquele merda.

Mas assim que o fiz, a sua figura agachada na minha frente revirou meu estômago.

Deus, eu o odiava.

— Dante...

O sorriso mais abominável marcou a sua boca.

— Seja bem vinda de volta ao meu inferno, *pulchra*.

05

Emilia Gray

four seasons

há sete anos

Eu o conhecia há pouco tempo, no entanto, havia certos botões do meu corpo que já pareciam ser comandados por ele.

À medida que eu o seguia até o orfanato, meu intestino se emaranhava e eu me contorcia com a sensação gélida que era vê-lo de costas, levando consigo a sua sombra.

Meu Deus.

Nunca tinha passado a linha da grade do orfanato. Não por medo, ou algo do tipo, mas sim por não ser o meu espaço. Agora tinha alguém me permitindo entrar, sendo essa pessoa aquela que mais existem boatos a respeito, e nenhum deles eram legais.

Deus, meus pais vão me matar se descobrirem, era o meu conflito interno. Contudo, todas as vezes que Dante virava-se para mim, conferindo se eu estava seguindo os seus passos, os meus demônios ganhavam.

Estava tudo bem caminhar com ele.

— Eu te assusto?

A sua pergunta cortou o ar.

— Por que você está perguntando isso?

— A sua respiração está infernizando os meus ouvidos e acho que Deus está chateado com o tanto que você já o chamou.

— Ai, meu Deus.

Dante encarou-me e exibiu uma revirada de olhos agonizante.

— Você precisa ter mais confiança em si.

— Eu tenho.

— Se você realmente não quiser, pode ir embora.

— Não quero! Prometi que vou te ensinar, então vou cumprir.

— Você ainda não prometeu nada para mim, Gray.

Depois de um tempo andando, conseguimos ver a silhueta do conjunto de prédios brancos que davam título ao orfanato. Não era medonho nem com tonalidades assombrosas como se esperava do lugar. Era convidativo, na verdade, monocromático em combinação com o tom azulado do céu e os pontos brancos das nuvens.

Eu não deveria me surpreender, mas, quando pensei que iríamos entrar pela porta principal, Dante puxou-me e conduziu-me até um atalho. Pisamos em plantas e alguns bichos estranhos até darmos de caras com uma porta acastanhada e de madeira velha.

O que eu achava que era convidativo, tornou-se um depósito de corpos mortos.

— Não vou te sequestrar — disparou, empurrando a porta e recebendo um rangido.

— Eu não disse nada.

— Você pensou.

— Agora você lê mentes? — perguntei indignada.

— Não é preciso quando você é um livro mais aberto do que as pernas de uma prostituta.

Oh.

— Você já viu as pernas de uma prostituta...?

Dante examinou-me com diversão e não respondeu, gracejando nasalmente.

Ele enlaçou os seus dedos no meu pulso frio, criando um choque térmico que bombardeou o meu peito. Tentei não transmitir quaisquer emoções já que ele parecia ter um tipo de poder para entender a minha química corporal.

Estava começando a achar que confundiram um assassino com vidente.

Seguimos pela trilha estreita de pouca luminosidade. Felizmente, a chegada ao nosso objetivo foi rápida e meus olhos não conseguiram conter a fascinação ao enxergar o tamanho do local.

— Uau.

Foi o máximo que consegui transferir dos pulmões para fora.

— Eu sei que você queria dizer um palavrão — Faulkner externou, recebendo uma careta da minha parte.

A biblioteca não era grande. O espaço era contido, as paredes brancas simulavam espaço, no entanto, as estantes davam a exatidão dos metros. Mas o que tirava o meu fôlego eram as prateleiras abarrotadas, as lâmpadas pregadas em lugares estratégicos que embelezavam a área com uma cor avermelhada. Os tons escuros, adornos antigos que davam a sensação da família Addams ter pintado o espaço acrescentavam muito mais.

Tinham algumas mesas da mesma cor da madeira preta espalhada. O silêncio também parecia ter o seu próprio personagem em meio a tantas obras.

— Você gostou? — ele perguntou, próximo ao meu ouvido.

— É lindo, mas parece um pouco abandonado — comentei, afastando-me.

— Os órfãos aqui não costumam ter muita vontade de ler.

— É uma pena.

— Estamos mais preocupados em pensar no nosso futuro do que em entender um par de letras.

A sua resposta ácida foi dolorosa.

— É muito mais do que entender.

Suas sobrancelhas arquearam.

— Há telepatia envolvida? — ironizou, com uma sugestão de piada.

— Não, seu babaca — resmunguei, limpando o meu dedo na poeira da estante. — A leitura é um escape para o que faz você mal. Minha professora fala sempre isso.

Dante sorriu de lado.

— Ela mentiu para você. A leitura não te escapa de nada. Ela te encurrala. Qualquer coisa que você use para se esconder dos próprios problemas e frustrações serão em vão. Eles vão duplicar a intensidade da situação. Por isso que existem tantos viciados. Eles são iludidos por pensamentos como estes.

Emburrei a minha cara, chateada com o seu argumento nada bonito.

— Você está praticamente dizendo que a leitura é uma droga.

— Tudo o que te vicia é uma droga.

Cruzei os meus braços.

— Para quem não sabe ler, você opina demais sobre livros.

Em surpresa, Dante disparou uma gargalhada fora do comum. O som reverberou com intensidade, despedaçando o ar em algo meramente alegre. O seu riso era sombrio e rouco.

— A sua boca é um problema que precisamos resolver algum dia.

Idiota.

Era a única palavra que pairava na minha cabeça enquanto eu retirava os livros e ele julgava os meus lápis de cor.

Ele estava me chamando de problema? Eu não era!

Os meus pais amavam-me exatamente por ser uma das poucas crianças que causava confusão na escola. Eu era uma aluna exemplar, embora não fosse a melhor violinista e pianista, tinha um pouco de talento. Além de muito boa em jogar golf. Ganhava de todos os idosos da cidade. Ele não tinha o direito de me chamar de problema.

Dante era o único que cheirava a problema.

— Durante quanto tempo você vai ficar falando sozinha?

Levantei o meu olhar.

— Quê? Eu não falo sozinha.

— Você murmura como se estivesse rezando. É estranho.

— Você é rude.

Ele ergueu a sobrancelha, os dedos batucando de leve na mesa.

Decidi pegar no livro em vez de dar atenção, no entanto, foi em vão. Ele se levantou, lentamente rodeando a mesa até me alcançar. Mantive os olhos fixos no livro.

O seu aroma entranhou nas minhas narinas e eu ponderei se o meu cheiro também era doce e marcante como o dele era intoxicante e um completo vício.

Seu queixo tocou na minha nuca e a sua respiração era tão baixa e discreta, ao contrário da minha que puxava todo o ar.

Então, a sua mão passou pelas páginas e o dedo pressionou em uma linha.

Esquivei, puxando o banco.

— Senta.

Uma gargalhada borbulhou.

— Mandona.

Ele sentou-se ao meu lado, e mesmo que eu tivesse puxado para o lado, Dante deu um meio sorriso estranho e rastejou a minha cadeira para mais próximo de si apenas com uma mão.

Dei um guincho, surpresa. Mesmo sendo magro, ele tinha uma força absurda.

Desisti de competir pela distância. Faulkner claramente odiava perder com a mesma intensidade que gostava de me ver nervosa.

— Por que a sua escola ridícula quer que você leia Shakespeare?

— A minha escola não é ridícula. A professora quer que nos aprofundemos em outros clássicos. Shakespeare é um deles.

— O que ele tem de especial além de ser romântico e trágico?

— Ele não é só romântico. É um estilo de vida.

Dante suspirou como quem estava entediado.

— Não é nada demais.

— Você só fala isso porque não sabe ler — rebati, arrependendo-me depois, mas Faulkner não pareceu se ofender.

— *Ouch*. Vou aceitar essa resposta.

— Você vai gostar.

Ele deu de ombros.

— Então, comece.

Fiquei me perguntando o motivo de ele ter aceitado estar comigo e o ensinar a ler já que não parecia estar animado. É como se eu o tivesse obrigado.

— Como você quer fazer?

— Foi você que sugeriu. Então, você que escolhe.

Ok.

Eu estava começando a ficar nervosa.

— Quer que eu ... — Ele ergueu as sobrancelhas, esperando que eu completasse. — *pra você...*?

Soprei com receio. Tinha vergonha de perguntar. Não sei. Não parecia errado, mas também não parecia que fosse algo que os meus pais me deixariam fazer.

Os seus lábios repuxaram pelo canto.

— O quê para mim? Não escutei. Repita.

Espalmei minha mão no livro e evitei olhar diretamente para suas orbes.

— Você quer que eu... — Engoli em seco. — *você?*

— Você está me pedindo para beijá-la?

— Não! — gritei, assustada, prensando o livro no peito.

— Por que você está engolindo as palavras? Você não se alimenta delas. Fale alto. — Dante puxou a cadeira para ainda mais perto, a sua colônia estacionando no meu olfato, aquecendo minhas bochechas. — Repita.

— Você quer que eu partilhe o livro com você?! — gritei.

Dante deu uma examinada em mim, assim que abri os olhos e vi o seu rosto dispersando confusão. Odiava parecer uma criança idiota perto dele. Só queria ser uma garota bonita, inteligente e engraçada. Mas era tão estranho.

— Eu sei que é óbvio, mas queria confirmar porque não quero que você ache que eu sou chata e.... — comecei por dizer, nervosa que ele me achasse uma burra de primeira.

No entanto, em vez dele dar atenção para o que eu estava dizendo, os seus movimentos foram pegar no meu livro e abrir a página. Então, ele vira para mim e o seu dedo indica algo.

Letras.

P. U. L. C. H. R. A.

— Você não conhece essas letras? —o questionei, ainda tremendo.

— *Pulchra*.

— O que você está dizendo?

— É uma palavra.

— Que claramente não existe.

Dante não esboçou reação.

— É. Não existe.

Dante bateu no livro levemente. Era tão estranho conhecer alguém que não soubesse as palavras e letras, no entanto, sentisse que ele soubesse melhor que eu.

Apesar da dúvida, guardei essa lembrança.

— Agora pode ler para mim, mas sem vozes estranhas.

Enruguei a testa.

— Vozes estranhas?

— Sim, Gray, vozes estranhas. Você tem cara que pede para os seus pais imitarem uma vaca quando estão lendo para uma história de ninar pra você.

Fiquei vermelha instantaneamente, porém, por motivos embaraçosos.

— Os meus pais não leem histórias para mim! — rebati. — E não tem vacas em *Romeo e Julieta*!

Dante riu suavemente.

Eu balancei a cabeça com a energia pipocando em meu sangue.

Faulkner deitou a sua cabeça na mesa, os braços servindo de apoio e o seu foco aterrando em mim. Os nervos tropeçaram nas minhas palavras iniciais, porém, consegui direcionar minha atenção para a minha voz e, quando pouco me apercebi, estava me arrepiando mais com o prólogo do livro do que com a respiração turbulenta de Dante.

Os lances desse amor fadado à morte e a obstinação dos pais sempre exaltados que teve fim naquela triste sorte em duas horas vereis representados.

06

Emilia Gray

destino

há sete anos

Levantei da cama com uma energia surreal. Liguei o Spotify no volume mais alto possível e deixei que as minhas músicas favoritas rolassem.

Experimentei penteados novos, vasculhei o meu armário procurando algum vestido ou uma saia que eu pudesse ficar bonita. Hoje teria poucas aulas, o que seria ótimo. Eu teria tempo para estar com Dante na biblioteca do orfanato e eu mal podia esperar.

Ele era um babaca de primeira, mas eu gostava da sua companhia, apesar de tudo. Faulkner era como um imã moldado em um rostinho bonito e eu era facilmente pega por ele.

Quando perguntei para Dante se ele queria continuar as tardes juntos, somente recebi um aperto no nariz.

Ele tinha gostado.

E, mais alguns dias foram marcados por algumas leituras juntos.

Antes de descer as escadas, alimentei o meu porquinho da índia. Ele ainda não tinha um nome, mas eventualmente decidiria um. Gostava dele porque era pequeno e fofo. Não causava estragos e escutava as minhas loucuras sem me julgar.

Ao me despedir dele e correr pelos degraus até à cozinha, vozes familiares estralavam pelas paredes.

Eles não tinham dormido em casa na noite anterior. Tiveram um jantar com mais pessoas importantes na cidade. Sempre aconteciam umas noitadas assim. Nunca fui, porém ficava curiosa para saber o motivo de eles sempre voltarem beirando o divórcio.

— Mamãe, papai, bom dia — pronunciei, abrindo o espaço na cozinha e recebendo os seus olhares raivosos, no entanto, dissipam-se em carinho ao me ver.

Eles não se chateavam comigo em vão. Na verdade, eles eram incríveis comigo. Amava-os muito. Só me parecia que, às vezes, havia coisas erradas com eles.

— Bom dia, flor! — Mamãe foi a primeira a vir até mim e plantar um beijo na minha testa. Ela abanou os meus cachos e sorriu. — O que você quer para o café da manhã? Vou pedir à Dona Fiona para fazer o que você quiser.

Balancei a cabeça.

— Vou comer cereal.

Afastei-me, seguindo até o meu papai e beijando a sua bochecha. Ele produz os mesmos movimentos que a mamãe, tocando nos meus cabelos e sorrindo.

— Nós não te acordamos, não é? — Nego, porém estava entalado que já fui acordada muitas vezes com as brigas depois do jantar deles. — Ontem o leilão foi pesado e eu e a sua mãe fizemos algumas besteiras, mas vamos resolver. Não escute os comentários dos seus colegas hoje.

Ele tornou a beijar a minha testa e eu assenti.

Não entendia muito bem quando falavam isso. Os meus colegas nunca comentavam alguma coisa, mas eu sabia que os seus pais também eram amigos dos meus. Eles andavam sempre ocupados com o hospital Othello. O meu pai era diretor e a mamãe uma cirurgiã de sucesso. Tinham a vida atarefada e eu os entendia.

— Cuidado, flor. Não venha para casa sozinha, tá bom?

Eu aquiesci antes de sair de casa, depois de comer rapidamente. Os desaparecimentos tinham diminuído, mas ainda assim, alertava-se pela segurança de todos.

Quando saí de casa, avistei Kayleen no portão.

— Lia! Finalmente! — ela exclamou quando desci as escadas da minha casa.

— Desculpa. Repeti duas vezes o cereal — justifiquei, abraçando minha amiga. Ela odiava abraços, no entanto, tolerava os meus.

— Tá, já chega! Por onde você andou no fim de semana?

Engoli em seco, prendendo os meus dedos em nós.

Kayleen não sabia das minhas sessões de leitura com Dante. Ela ficaria puta porque o achava perigoso.

— Estudando, claro. E você?

— Nem te conto! — Kayleen Cullbert exclamou, arrancando a minha atenção e de mais alguns garotos que estavam ao nosso lado, também caminhando até à escola. — A Arya está viva!

— Óbvio que ela está — resmunguei.

— Você não está entendendo, Lia. Ela está morando na Alemanha! Ela! Desde quando essa falsa fala alemão?

Arya tinha sido nossa melhor amiga. Éramos um trio até seis meses atrás. Arya humilhou-me diante dos nossos colegas por uma razão inexplicável. No dia seguinte, ela não estava mais na escola. Ao que parece, os pais se mudaram e ela foi também.

Nunca tive tempo para entender muito bem o que aconteceu. Os meus pais me disseram que era inveja. Kayleen disse que ela sempre tinha sido uma cobra e, naquele dia, a pele apareceu. Eu não acreditava em nada daquilo, mas não havia nada que eu pudesse me embasar. Portanto, preferia ter um vazio na minha cabeça sobre esse assunto.

— Como você soube?

— Daniel me mostrou. Ele me mostra tudo — Kayleen falou orgulhosa.

— Ele gosta de você. Isso sim.

A minha melhor amiga fuzilou-me com o olhar, roubando uma risada minha.

— Não estou nem aí para os sentimentos que ele tem sobre mim. Só quero saber como a Arya não sofreu as consequências — rangeu furiosa.

Eu dei de ombros.

— Não fico pensando muito nela.

— Ainda bem porque se algum dia a Arya aparecer novamente, eu espero que você nem olhe para ela. Ela não merece — Kayleen avisou, seus olhos acastanhados completamente em raiva.

Se tinha algo que eu amava na minha melhor amiga, era que ela tomava as minhas dores. Sempre.

Sinto que se eu morresse na sua frente, ela encontraria forma de me fazer voltar à vida. E matar o assassino, com toda a falta de humanidade do mundo.

Kayleen e eu estávamos juntas desde o berço. Os nossos pais se conheceram por causa do trabalho. Ambos eram médicos cirurgiões e trabalharam no mesmo hospital por alguns anos.

Sempre brincávamos que o nosso destino tinha sido traçado para que ficássemos juntas para sempre. Nós tínhamos um pacto em morrer juntas, enterradas uma ao lado da outra. Mórbido, mas não nos importávamos. A nossa amizade estava entrelaçada para sempre, embora discutíssemos bastante. E Arya tenha atrapalhado um pouco durante um tempo.

— Está bem. Eu prometo. — Kayleen bateu palmas e plantou um beijo na minha testa. — Hoje você tem treino de ginástica?

Cullbert suspirou, balançando seus cabelos escuros. Ela era linda. Os seus olhos castanhos, com tons esverdeados que explodiam de cor no Sol, a sua pele pálida e os fios longos até os cotovelos deixavam-na semelhante a um anjo.

A minha amiga tinha muitos garotos atrás dela. Era inacreditável como em todos os dias dos namorados, a sala era preenchida por cartas só pra ela. Mas Kayleen não gostava de nenhum. A sua mente era apenas ocupada pela ginástica, as aulas e, claro, eu. Antigamente, Arya também era muito importante, agora, estava na sua lista de ódio.

— Tenho. E você tem violino, não é?

Balancei a cabeça. Tinha combinado de ir para a biblioteca novamente com Dante para lermos Romeo e Julieta juntos. Contudo, a minha cabeça explodiu assim que a minha agenda pairou na mente.

— Eu tenho aula de violino hoje — disparei surpresa.

— Sim, você tem. É sério que conheço melhor o seu horário do que você?

Inspirei chateada.

Não tinha como contatar Dante. Agora eu tinha um celular, mas ele não. Para piorar, eu não podia faltar às aulas de violino, pois os meus pais ficariam chateados comigo.

— Você não quer ir? — Kayleen leu meu rosto. — Você ama violino. O que se passa?

— Nada, nada.

— É por causa do piano? Você não precisa ser boa em tudo, Lia. Já falamos sobre isso.

— Não é por causa do piano. Deixa pra lá.

Cullbert examinou-me, antes de empacotar os seus pensamentos para longe.

Eu não tinha coragem para contar a ninguém que eu estava lendo com Faulkner. Ele era um caso proibido pelo que aconteceu há quatro meses pelo sequestro. Mas gostava da sua companhia. Era bom, apesar de estranho.

Não sabia porquê, porém, a ideia de ter Dante na minha vida não era tão ruim quanto os outros poderiam achar.

Eu estava atrasada.

Tinha acabado a aula, mas fiquei ensaiando com os meus colegas a peça, e o tempo fugiu das minhas mãos. Peguei no meu violino e a minha mochila, e corri porta afora.

Precisava descer as escadas, cruzar alguns corredores já que a escola era gigantesca, e havia algo que eu não era muito boa: correr. Odiava exercício físico, sendo que a minha mãe tinha tentado que eu fosse ginasta assim como Kayleen.

Então eles perceberam que eu era melhor com o violino e algumas teclas de piano.

Ao chegar no corredor, o som de violino escorregava pelas paredes. Pensei que fosse a minha mente reprisando peças que eu necessitava saber, todavia o som dissipava da minha cabeça, alcançando lugares do meu corpo.

Era muito bom.

Eu amava música. Como se conectava plenamente com a minha alma. Era muito mais do que instrumentos externando sons feitos por mãos. Eram notas criadas, pensadas e dominadas por uma melodia que vinha do coração.

Por isso, acabei por entrar na sala.

Encontrava-se vazia, o sol da tarde espreitava pela janela e deixava os seus rastros pelo espaço. Mas a minha visão prendeu-se a uma paisagem mais humana, intensa e sombria.

Lá estava Dante Faulkner tocando violino, em seu próprio mundo.

Estava tão surpresa. Não conseguia somar o fato dele estar na minha escola, tocando violino, em plena tarde. Mas o meu choque era por Dante estar tocando Kreutzer. Exatamente a peça que eu não sabia como desempenhar. Nem no piano, nem no violino.

A sua facilidade era sublime. Bela demais. E não sabia se invejava ou se me apaixonava pela sua performance.

A estrutura do seu rosto estava revestida de completa seriedade. Ele lia as notas. Senti-as no fundo do seu ser. No entanto, havia mais. Muito mais do que a música precisava e era o que me puxava até ele. O que me fascinava nele naquele momento.

De repente, a música falhou. Fui arrancada da imersão e meus olhos batem com os globos intensos e obscuros de Faulkner.

— Você tem uma tara muito grande em me observar.

Ele largou o instrumento com carinho no seu lugar reservado e caminhou em passos lentos na minha direção.

— Você não pode estar aqui. É proibida a entrada de pessoas não estudantes da escola — alertei.

— Ah, é? Bom, eu não me importo com as regras. Elas não foram feitas para mim — respondeu cético, dando de ombros.

— Você só não gosta de obedecer.

— E você ama seguir ordens. Percebeu? Somos o par perfeito, garota prodígio — zombou.

Dante avançou mais uma vez pelos seus tênis claramente usados e pela roupa confortável de calça preta e a camiseta branca.

— Você tem que ir embora, Dante.

— Eu fiquei esperando você — começou por dizer, encurtando os passos. —, mas não te vi, então supus que você estivesse aqui.

— E como entrou?

— Existem portas e janelas. Acredito que conheça. — Não conseguia interpretar se ele gostava de me humilhar. — Decidi me divertir escutando você e o seu bando de colegas que fingem saber tocar.

— Você esteve me observando o tempo todo? — questionei envergonhada. Ele tinha visto os meus erros e a dificuldade que eu tinha para tocar a peça.

— Você não é a única que tem os seus fascínios.

Enruguei a testa pensativa.

Embora eu não compreendesse cem por cento do que ele queria dizer, corei. As minhas bochechas ficaram avermelhadas e os meus dedos dobraram envergonhados.

— Estou aprendendo a te chamar a atenção — continuou. — Música é uma delas, pelo que estou vendo.

— Você toca bem. Onde aprendeu?

Dante deu de ombros, mais uma vez.

— Você aprende bastante coisa quando está sozinho.

— Você aprendeu a tocar violino... sozinho?

Eu estava incrédula.

— Eu não tenho ninguém, Emília.

Sua resposta foi ácida e dolorosa.

— Um dia, você vai ter — murmurei.

— Quem?

A sua pergunta parecia exigir uma resposta específica.

Eu.

Mas, às vezes, não tinha coragem para certas coisas.

— Você vai ser adotado, algum dia.

— Não quero — confessou. — Vou esperar até os dezoito para seguir com a minha vida.

— Por que não?

— Porque estaria destruindo a vida de quem me convidou a fazer parte dela.

Aquilo deu asas a um sentimento diferente. Minha garganta ficou entalada por uma bola de gelo e não pude dizer nada. Sondei-o à espera de um riso, mas Dante estava convicto no que dizia.

— Por que você diz isso? — soprei receosa.

Ele desviou o contato.

— Você vem? — perguntou, ignorando a minha pergunta.

Faulkner era tão estranho. Ele evitava falar sobre certos assuntos, embora não fossem nada demais. Eu queria saber mais sobre ele, porém era tão difícil quando fingia que a conversa nunca existiu.

— Onde?

— Para a biblioteca. Achei que tivéssemos um compromisso.

— Não posso, Dante — suspirei. — Tenho que ir para casa terminar alguns trabalhos.

O seu silêncio me incomodou, principalmente pela passagem dos dedos nos seus cabelos escuros.

— Então, vamos — pronunciou, por fim.

— Onde? — Levantei a sobrancelha.

Ele pegou o meu violino da minha mão e abriu a porta.

— Para a sua casa terminar os seus trabalhos, não?

Pisquei em choque.

Impedi Dante de avançar, ficando de frente para ele.

Odiava que tivéssemos uma diferença de altura um tanto grande, mas piorava quando os meus olhos encontravam os seus. Até as nossas almas eram distantes uma da outra.

— Não podemos.

— Por que não?

— É a minha casa.

— Ainda bem. É exatamente a sua casa que eu quero ir.

Inspiro profundamente.

Teimoso.

— Mas você... Não sei se... — Pausa. — Não sei se os meus pais vão querer que eu leve um garoto.

Dante sorri levemente, o que me faz perguntar o motivo. Não há nada de engraçado em me fazer ficar desesperada.

— Você vive em uma torre, pequena?

Ergui a sobrancelha.

— Não.

— Então, vou conseguir escalar. Não se preocupe.

E ele começou a assobiar, partindo para fora da sala.

— Dante!

Fiquei sem saber como o impedir, por fim, então fui atrás imaginando como iria justificar à cidade, especialmente aos meus pais, que estou andando com Dante Faulkner, o garoto do sequestro.

07

Emília Gray

die nacht

O ódio era uma condenação.

Nos primeiros segundos, era violento. Nos seguintes, envelhecia de forma amarga, envenenando cada grama do coração. Ele sentenciava as almas que se submetiam ao rancor. Era cruel, doloroso e vingativo.

O ódio nunca foi o oposto do amor. Porque eu sentia ambos. Eu era capaz de amar e odiar na mesma proporção. Eu era capaz de destruí-lo e chorar pela sua morte na mesma intensidade.

O amor era um universo imenso. Ele entregava. Abraçava. Beijava. Jurava. Mas ele também arranhava. Machucava. Trazia lágrimas. Roubava sorrisos.

O ódio poderia fazer a mesma coisa, porém com uma razão. Com um propósito. Ao menos, era uma explicação racional para qualquer pessoa que se sentisse enganado. Traído. Pisado.

O amor era veneno e o ódio era o potencializador.

Por isso era burro da minha parte dizer que o odiava.

O que sentia era um nível maior.

Nojo.

Eu o olhava e sentia a repulsa dominar os meus intestinos.

Se Dante visse o meu coração, era capaz de vê-lo morto, necrosado pela dor que ele tinha deixado há quatro anos quando fugiu e acabou com a minha vida.

— Não vai dizer nada, Gray?

Eu cuspi nele.

O cuspe acertou o seu rosto bonito, completamente mudado pelos anos que tinham se passado.

A reação de Dante foi mínima. Qualquer esboço de diversão em me ver presa naquela cadeira no meio de uma áreanojenta, provavelmente um recinto para enterrarem os mortos, estava apagada.

Ele se limpou com o braço e fitou-me com os seus olhos sombrios.

— Vou aceitar isso como um *senti saudades*.

Eu quis espancá-lo. Quis esmagar o seu crânio com as minhas mãos. No entanto, estava decidida a não lhe dar nada. Ele não ouviria a minha voz. Não ouviria o quanto vê-lo me machucava. O quanto eu me arrependia de algum dia ter dado o meu coração a um filho da puta.

Dante não merecia nada vindo de mim. Não cometeria o mesmo erro ingênuo de sete anos atrás ao estender a mão para ele.

— Me contaram que você não está gostando muito da sua participação na nossa busca pelo mapa — Dante foi direto, mantendo-se ainda agachado. — Mas aqui não é sobre o que você quer, e sim sobre o que eu preciso. Então, vamos ao ponto, onde os seus progenitores de merda deixaram o mapa?

Ele só poderia estar zoando.

Faulkner estava implorando para que eu colocasse os meus dedos no seu pescoço e o asfixiasse até não sobrar nada mais do que olhos revirados e boca aberta.

Eu continuei encarando-o como se fosse possível matar com o olhar, e ele suspirou.

— Emília, a minha paciência tem prazo e você não quer me ver sendo um homem impaciente.

Sua tranquilidade era ameaçadora.

Ele estava diferente. Apesar de seus cabelos negros ainda o tornarem infernalmente belo, seus orbes escuros esconderem tantos segredos, ele mudou. Amadureceu.

Dante tinha crescido em músculos, e poderia ver pela sua falta de camiseta como a sua pele era marcada por cicatrizes feias e braços tonificados. Havia uma coroa de espinhos na linha V que descia até à sua calça. O cordão que residia no seu pescoço brincava com toda a frieza que residia naquele homem.

A palavra no seu peito tatuada como se desse vida às suas feridas internas.

INCIPIT.

Eu fiquei um pouco mais enojada por isso.

Nunca pensei que o inferno pudesse ser um humano tão belo.

— Fale, Gray. Melhor abrir a sua boquinha se não quer que eu faça esse serviço por você. Garanto que não vai gostar — ameaçou de novo.

Meu nariz se enrugando foi a minha única resposta.

Dante estalou o céu da boca e fez um sinal para trás. A porta foi fechada abruptamente, estrondando como um relâmpago.

No ímpeto de virar o rosto para enxergar o que tinha atrás de mim, fui surpreendida com as algemas sendo tiradas dos meus pulsos.

Faulkner se levantou, erguendo toda a sua estatura. Ele tinha crescido alguns centímetros também. Eu era alta, porém tudo em mim pareceu encurtar, me fazendo sentir pequena enquanto a minha bunda não se desgrudava daquele banco de madeira.

Elevei a cabeça para o escrutinar com toda a sua soberania. Antigamente, Dante era o meu conforto. Naquele momento, ele era o meu pesadelo em carne viva.

Antes que eu pudesse respirar, o meu pescoço foi tomado pela sua mão. A sua força era tamanha que jogou o meu corpo na parede velha e uma singela dor dominou as minhas costelas.

— Você sempre foi uma pirralha teimosa, merda — rumorejou, seus dedos ainda marcando minha garganta.

— Não. Me. Toque.

Meus dentes rangeram três palavras que deram início a um olhar divertido no seu rosto.

— Então, a cadela late.

— Me largue, seu otário — disparei, pegando em seu braço e afundando minhas unhas.

— Você agora xinga — comentou, sua mão se descontraindo no meu pescoço, mas ainda permanecendo intacta.

— Faço coisas piores pra você.

E eu o cuspi de novo.

Dante não piscou e a diversão transpareceu pelas suas íris.

— Guarde seu tesão para outro, cadela.

— Você não tem ideia.

Seus olhos imprimiram desgosto. Os seus lábios acidificaram, assim como o maxilar trincou.

Ele não tinha gostado nem um pouco da minha resposta, e eu aproveitei para empurrá-lo, chutando-o para longe.

Dante tombou ligeiramente, o que deu espaço para que eu saísse. Mas assim que corri até à porta e a abri, quatro caras ergueram-se diante de mim, escurecendo a minha visão com as sombras que eles possuíam e a potência sombria que guardavam.

Meu organismo estava entrando em colapso, principalmente por reconhecer as suas faces finalmente.

Já não eram simples vozes.

Eram eles.

Asher Hawthorn. Jaxon Fish. Vance Campbell. Cole Van Doren.

Todos eles cobertos pelas capas pretas. Trazendo consigo a aura da Morte que mais nenhum ser humano ordinário conseguiria.

Eu tinha acreditado que eles tinham sido traídos por Dante. Que também estavam tão indignados quanto eu. A sua fuga teria afetado todos nós e não haveria nada que pudesse sarar a ferida que ele tinha nos deixado.

Estava redondamente enganada. Eu via cada um daqueles caras na faculdade, seguindo uma vida comum como eu, supondo que eles teriam deixado a normalidade voltar.

Tudo não passava de um teatro e, mesmo que os ingressos nunca tivessem estado à venda, eu assisti e acreditei naquela atuação medíocre durante os últimos quatro anos.

Eles viviam na socapa com Dante. Eles continuavam sendo seus capangas. Continuavam honrando o pacto que tinham feito. Eles ainda tinham o mesmo amor pela destruição que adquiriram naquele dia do sequestro.

Eles ainda matavam. Torturavam. Acabavam com vidas, assim como fizeram questão de registrar na minha.

Eu os tinha protegido, e isso estava se voltando contra mim.

— Parece que aqui está quente. Estamos interrompendo? — Asher questionou como se tudo na sua vida fosse uma comédia.

Ele era o *Quarterback* do time de futebol americano da Olympus University, a minha faculdade. Nós andávamos pelos mesmos corredores. Nós tínhamos nos visto em algumas festas. Aquela bunda milionária, filho dos maiores donos da cidade, era um fodido de merda também.

Eu me sentia patética por aceitar que ele tinha se tornado um mulherengo escroto. A verdade era que suas raízes tinham sido regadas por sangue e estavam marcadas por ela.

— Ela vai fugir — Cole constatou.

— Não vai — Dante pronunciou. — Não é, Emília?

Os cinco me encararam.

Meus membros tremiam e meu coração bombardeava minhas costelas. Procurei manter a calma, porque não iria demonstrar como a energia que reagia em meu corpo era somente de sobrevivência. E se eu necessitava sobreviver era a confirmação de que havia um perigo e que nada mais era do que eles.

— Rostos Vazios, hã? É esse o nome que se apelidaram. Não é um pouco idiota? Antigamente eram só os garotos do sequestro. Gostava mais assim — debochei, retrocedendo os meus passos.

— Rostos Vazios, deuses da morte... As pessoas são muito criativas. — Asher riu e Jaxon foi junto. Eles ainda compartilhavam os mesmos neurônios.

— Vocês não assustam ninguém. Na verdade, só criaram uma legião de fãs de mulheres que gostariam de ter a calcinha gozada por vocês.

— E mesmo com a calcinha gozada, as garotas não dão as informações que queremos. Não sei o que estamos fazendo de errado — Cole ironizou.

— Precisamos melhorar a nossa recepção — Jaxon brincou.

— Talvez falte uma cama mais confortável. Eu já tinha sugerido, mas ninguém me dá ouvidos. As nossas vítimas precisam ir para o inferno em paz — Asher continuou com a zombaria e eu engoli em seco.

— Suas ideias não valem de nada — Cole retrucou.

— Poxa, amigo. Fui eu quem trouxe a ideia das capas. Achei que concordávamos que eu era o gênio do time. Ou ainda preferem o Vance?

Na mesma hora, busquei por Vance. A sua existência já era quase como uma lenda para mim. Ele continuava sendo discreto, silencioso, perigoso. Era o único que não estava se divertindo com a minha presença, no entanto, seria o único que não hesitaria em drenar o sangue do meu sistema.

A faca bailava em seus dedos, enquanto Campbell mantinha-se sentado, me mapeando em busca de medo.

E, Deus, por mais que evitasse, o medo daquela criatura sempre dominava os meus pulmões e a maneira como eu respirava.

Seus orbes se conectaram aos meus e eu paralisei.

Desde pequena, ele enviava arrepios pela minha pele. Agora havia muito mais. Era como se esfregar em um glaciador, cada pelinho gelando e quebrando pelo frio que Vance emanava.

— Então, Emília, vamos sentar e conversar?

A voz de Dante ecoou.

Ele quis se aproximar, mas eu fui rápida em pegar na cadeira de madeira e jogar contra ele.

Surpreendentemente, Dante desvia-a com o braço. A força foi tanta que eu pude escutar o embate do seu osso com o objeto. Ele tinha ferido. A cicatriz na sua pele era nova e esvazia-se de sangue, contudo, Faulkner não se importava. Era uma ligeira comichão para a estrutura imprudente que ele vestia.

— Nem pense em me tocar! — manifestei.

— Se não o quê? — Seu timbre foi bem mais feroz que das outras vezes. — Não me lembro do seu corpo ser privado para mim. Posso muito bem lembrar o que você me prometeu e o quanto você estava gostando da ideia de se tornar real.

Minha boca amargou.

— Você é doente. Completamente lunático.

— Não me desmereça. Prefiro criativo.

— Nojento — xinguei.

— Sempre falei que essa sua boca era um problema. Porra, Emília. Não seria mais fácil dar o que nós queremos? — rumorejou. — Nós não vamos te deixar em paz.

Meu semblante fechou.

— O que vocês querem arrancar de mim, eu não tenho. Mas caso eu tivesse, teriam que tirar do meu cadáver. Nada que é meu você terá. Nada.

— Está muito enganada. Tudo o que está diante de mim me pertence. — Nossa distância era curta e seus olhos me engoliam. — Tudo aqui é meu. Estou apenas pedindo de volta e por enquanto é só de um mapa que preciso. E você não tem ideia do quanto eu me esforço pelo que quero.

— Eu serei sua quando estiver morta.

— Então, vamos tratar disso.

Estremeci, no momento que ele quis me pegar pelo braço. Dei um chute entre as suas pernas, correndo dali na primeira brecha.

Estava preparada para a energia que seria lutar contra quatro garotos tão mais fortes que eu, no entanto, eles não se importaram. Eles me viram correr, sem mexer um músculo.

Meu desespero foi maior. Por que eles me deixaram ir? Eles tinham percebido que não tinha nada do que eles precisavam?

Não pude ficar tanto tempo pensando nisso.

Eu apenas corri o máximo que pude, tentando alcançar alguma saída. Mas aquele espaço parecia ser um labirinto. Para cada canto que eu ia, parecia me levar ao mesmo lugar. Não havia portas nem janelas. Talvez o oxigênio fosse até uma ilusão, pois os meus pulmões não estavam mais conseguindo se manter saudáveis.

O cansaço estava destruindo o meu organismo. Os meus ossos se fragilizaram e eu sentia que a qualquer momento se quebrariam.

Tentei respirar. Tentei continuar. Contudo, a minha consciência estava ficando pesada. As minhas pálpebras tremiam e eu fechava a cada maldito milésimo.

O que estava acontecendo?

Tombei para o lado. Para o outro.

Estava mais fraca do que era suposto.

— Está perdida, Gray?

Dante reapareceu diante de mim, seu peitoral nu e suas mãos enfiadas nos bolsos da calça escura.

Sua postura era imponente. Havia poder em cada movimento, em cada suspiro, em cada sílaba, em cada maldito pensamento que governava naquela mente.

— Você me envenenou? — perguntei, experienciando as funções do meu corpo se tornarem independentes.

Eu não tinha mais o controle.

Ele não respondeu, como se não soubesse também o que dizer.

Minhas pernas fraquejaram e fui empurrada para trás pelo efeito da droga batendo forte. Não sei como e em que momento eu tinha sido ingerida por um ópio, mas eu já deveria saber que eles eram experientes em colocar suas vítimas nos seus pés.

Dante me pegou antes de eu me encontrar com o chão.

Eu quis me mover. Quis bater nele. No entanto, mal conseguia racionalizar.

Faulkner me levantou, meu corpo embalado em seus braços enquanto ele caminhava.

— Prometo que não vou te causar dor. Não muita.

Minha espinha estremeceu com a ameaça.

— Eu vou matar você... — soprei, embebida de sono.

— Eu já estou morto. Mas tente, *pulchra*. Vou gostar de assistir você tentar.

08

Emília Gray

noturno opus

há sete anos

— Já pode ir embora.

Dante continuava paralisado, suas mãos nos bolsos da calça desgastada, os cabelos tonalizados em petróleo esvoaçando pela ventania de outono atravessando a rua.

A minha casa era grande. Meus pais tinham dinheiro o suficiente para comprar uma moradia enorme naquela cidade pequena. Claro que era surpreendente, mas, para mim, era só desnecessário.

— Por que você está me tratando como se eu fosse um cachorro?

— Eu não trataria um cachorro assim. Acho que seria melhor.

Dante elevou as suas sobrancelhas.

— Você está muito engraadinha.

— Um pouquinho — brinquei, sorrindo. — Mas agora vai embora.

— Por quê?

— Já cheguei em casa. É melhor você não ficar por perto.

Faulkner encarou-me por alguns segundos.

— Você parece estar com medo. — Seus passos encolheram a nossa distância. Estremeci. — Por que será?

— Só não quero problemas.

— Por que teríamos problemas? Seus pais não gostam que tenha amigos?

Engoli secamente.

— Dante, vai.

Ele ignorou.

— Fiz uma pergunta básica que requer uma resposta básica igual — exigiu.

— Você sabe...

Dante analisa-me de cima a baixo, suas íris negras vasculhando por uma abertura.

Um calafrio reage pelos meus ossos, tremendo a minha base e sacudindo minha mente.

— Sou o seu segredinho, Gray? Ou estou brincando de esconde-esconde sem saber? — perguntou pensativo.

— Nada disso.

— Você tem alguém que goste? Um namorado?

— Não! — atalhei de imediato. As palavras entalavam-se na traqueia, tímidas e receosas, no entanto forcei que tomassem um som: — Eu gosto de estar apenas com você.

Eu queria enterrar num buraco depois da confissão, porém Dante pareceu não dar a devida importância.

— Aquele Daniel...?

Semicerrei as pálpebras.

— O que tem Daniel?

Faulkner sondou meu rosto, até que deu de ombros e retornou a admirar a casa, mantendo a sua postura.

— Ele gosta de você.

— Ele não gosta de mim — contrariei. — De onde tirou isso?

Dante deu de ombros. Ele cortava a conversa a meio como se eu fosse entender a ordem de pensamentos da sua mente.

— Daniel é muito falador. Muito chato, na verdade. Ele é um amigo fofoqueiro. Fala sempre de você e dos garotos. — Dante me examinou curioso. — Mas é um cara legal.

— Não quero ouvir você o elogiando na minha presença — suspirou.

— Não estou elogiando. Estou ditando fatos.

— Guarde esses fatos para você — ordenou, empertigando seu malar.

— Mas...

Identifiquei um carro cinzento reaparecendo no limite da estrada. Meu coração iniciou uma batucada estrondosa e o meu tom de pele mudou pelo susto.

— Dante, vai embora. Por favor — pedi. — O meu pai está ali e...

Ele girou a cabeça na direção que os meus olhos não se desgrudavam. Contudo, seus pés criaram raízes naquele chão. O desespero correu duro nas minhas veias, por isso puxei-o entre a parede e os arvoredos, impedindo que o meu pai quando saísse do carro, visse-me.

Dante o seguiu com o olhar até que abriu a porta e entrou em casa. Quando o tranco estalou e a segurança voltou, o seu rosto tomou uma forma diferente. Suas linhas de expressão acidificaram e vejo traços de raiva espelhando em cada milímetro.

— Achei que você estivesse brincando. — Um ponto de interrogação formou na minha testa, mas ele completou: — O quão falsa é a sua amizade, Emília?

— Ela não é falsa, mas...

— Diga alguma coisa que não envolva um *mas*, Gray — retorquiu. — E talvez eu use uma palavra melhor.

Ele preparava-se para sair, no entanto eu o impeço.

— Dante! Espera. Vamos conversar.

— Os seus pais falam de mim para você?

— Não. A cidade inteira fala sobre como você é violento e... — Engoli em seco. — Um assassino.

Houve uma pausa estranha na sua respiração.

— Você acredita nos boatos — ele afirmou, mais para si do que para mim. — Além de ter medo de mim, você tem vergonha.

Balancei a cabeça em negação, procurando contrariar cada palavra.

— Não! Eu não quero problemas para você.

Dante riu desajeitadamente.

— Eu não tenho medo das consequências. Não tenho nada a perder.

— Não é porque ninguém se preocupa com você que eu não me preocupo! — exclamei, rompendo minha garganta.

— Não fale como se soubesse alguma porra sobre mim.

Dante reagiu de imediato, a raiva emanando nele empurrou meu corpo que cambaleou para trás e colocou minha bunda no chão.

Mordi a boca para suprimir a dor, e nivelei nossos olhares. Em reflexo, observei como os olhos de Dante constatarem algo que doeu em si e, mais uma vez, ele riu nasalmente em sarcasmo.

Faulker não deu espaço para mais conversa, e sem se preocupar em me levantar, deu as costas.

Não sabia o que pensar, no entanto, fui irracional em pôr-me de pé e gritar com todos os meus pulmões: — Eu vejo você há muito tempo. A minha melhor amiga fala que eu sou louca por querer ser sua amiga, mas eu sempre te quis conhecer! E você não deixa. Você fica escondendo coisas de mim e, sim, isso me faz ficar com um pouco de medo.

Dante paralisou e eu aproveitei para trabalhar meus pulmões e recuperar o fôlego, assim como a dignidade.

Eu observava Dante desde o dia que o vi pela primeira vez no parque e me alertaram do perigo que ele exalava. Como aquelas mãos que envolviam a bola de futebol americano teriam sido capazes de matar alguém. Como ele havia sido frio o bastante para não ser apenas uma facada.

Foram várias.

Em sincronia.

E eu não continha a imagem do sangue jorrando por cada centímetro das suas roupas e a malícia retirando o mínimo de ar do sequestrador.

Mas a verdade é que ninguém sabe o que realmente aconteceu. O que levou Dante a ser um garoto sozinho, completamente à mercê do que a vida quer dele. Portanto, eu queria conhecer o real.

Quem Dante Faulkner realmente era.

— As pessoas falam que eu matei alguém — pronunciou, tornando a ficar de frente para mim.

Meus ossos arrepiaram, mas fui capaz de manter a postura.

— Você disse na floresta que me queria viva.

Seus pés se moveram.

— E se eu mudar de ideias?

Engoli secamente.

— Eu mudo de ideias sobre você também.

— Se eu apenas quisesse você para um propósito maldoso?

— Não há nada de maldoso em querer alguém por perto, porque eu também. Talvez eu também tenha um motivo para querer manter você para mim.

A confissão saiu tão rápido que eu não consegui engoli-la. Era como se a pouca dignidade que eu ainda tinha caísse entre os meus dedos como areia.

Dante não demonstrou abalo, mas sua voz tornou-se rouca e cruel.

— Esses pensamentos que tem em relação a mim... Não devia dizer em voz alta.

Engoli em seco.

— Por quê?

— Porque não é o tipo de coisa que uma garota como você deveria dizer a um cara como eu.

— Mas é o que eu sinto.

— E o que não deveria sentir.

Não gostei de como ele queria mandar nos meus sentimentos.

— Você não pode controlar o que sente.

Dante riu.

— Todos podem. Só não querem.

Balancei a cabeça, afastando-me.

— Você apenas não descobriu algo que valesse a pena sentir mesmo que você não possa.

Dante olhou para mim como um desafio.

Não havia vocabulário para descrever a imensidão de coisas que eram para ser ditas. Faulkner tinha muito a esconder. Eu sentia em meus

ossos como se gelo deslizesse sobre eles. E eu tinha muito a sentir. Muito a oferecer a Dante, com toda a fantasia que surgia em minha mente antes de dormir.

Eu o queria como amigo. Queria que ele estivesse perto de mim sempre. E eu queria acreditar que é recíproco com a mesma intensidade.

— Emília Gray... — O meu nome saiu em deboche, a risada brincando entre as sílabas. — *Mas quem é você que, avançando na escuridão da noite, tropeça em meus pensamentos mais secretos?*

Nenhuma palavra deixou minha boca.

Dante havia mexido com um pedaço meu que claramente se tornou dele.

Não estava acreditando que ele teria recitado *Romeo e Juliet*.

Aquilo acendeu uma chama no meu estômago e alimentou as borboletas que já viviam lá.

Os meus sentidos entraram numa sintonia caótica. Eu ia desmaiar. Meu Deus, eu estava sentindo mais do que queria.

— Abalei você? — perguntou com arrogância. — Esse é o problema, Emília. Posso não sentir nada, mas sei fazer você sentir e não deveria acontecer.

Meu coração estava falhando várias vezes seguidas. Ele não conseguia fazer o seu trabalho porque Dante estava descontrolando uma das poucas coisas que o ser humano conseguia concretizar involuntariamente.

— Está enganado — disse, nervosa.

Ele suspirou.

— A sua teimosia é um pé no saco. — Suas mãos voltaram a se esconder nos bolsos. — Vou te apresentar o meu verdadeiro eu, mas não diga que não te avisei. Não diga depois que se arrepende. Eu estou te trancando para sempre na minha vida. Você está assinando a sua sentença de morte.

Ele não conferiu se eu fui atrás, quando começou a andar.

Mas eu fui.

Eu sempre ia.



Nós andamos debaixo do sol.

A pele de Dante era linda. Eu admirava a sua pele branca, pequenas manchas e sinais que se espalhavam pelos braços descobertos. Ele tinha algo parecido com sardas. Achava bonito.

Passamos pelo parque, jornadeando ao orfanato. Tivemos que passar pela casa de Kayleen. Receei tombar com ela e levar um esporro da minha melhor amiga.

Sua louca, por que você está com o assassino?

Eu sabia exatamente as palavras e a entonação que Kayleen usaria se me visse rumando para não sei aonde com Faulkner. E, apesar de aparentar não me importar com as consequências, compreenderia o motivo de não me quererem ao seu lado.

No entanto, eu sentia como se valesse a pena o esforço. Dante era uma caixa de coisas que nunca tive.

— Você ainda está viva? — perguntou.

— Claro que sim. Eu aguento.

— Ainda dá tempo de você voltar a trás — aconselhou com aquela sua entoação ameaçadora.

— Não quero — firmei, roubando a sua atenção com um olhar de lado provocador.

Engoli secamente quando me dei conta que já havíamos caminhado o suficiente para alcançar o outro lado da cidade. Não é tão movimentado, muito menos habitado. Era um lugar seco, com o cheiro intenso de plantas queimadas e mortas.

Um arrepio atingiu o meu cérebro que claramente lançou alertas, no entanto, o meu instinto de sobrevivência chegou ao seu máximo quando vislumbrou a habitação que Dante me trouxera.

— Isso é...

— Um laboratório antigo, sim — me cortou, enfiando sua mão no bolso e retirando uma chave pequena. Ele abriu o portão de ferrugem velha. — E um antigo lugar para experiências humanas.

— Por que você tem a chave daqui? — indaguei, colocando os meus neurônios para funcionar. — Não deveria ser fechado para a polícia?

Dante liberou uma gargalhada forte, assustando os poucos pássaros que picavam o chão atrás de comida.

— Você é ingênua.

— Mas...

Faulkner virou-se para mim, sua feição trazendo uma carga de sentimentos aos quais eu não tinha conhecimento. Era como se pegassem na minha alma e a afogassem numa maré de emoções transtornadas.

Mas Dante não disse nada.

Sua boca estava fechada em uma linha.

O seu silêncio era alto, conversando com o meu medo.

Ele se aproximou, contornou meu corpo, e pegou em meus cachos.

Não sabia o que fazer, porém, tive uma queda quando percebi que ele estava prendendo os meus cabelos. Dante estava domando o meu cabelo cheio e com um laço fez questão de que não sobrasse nenhum fio solto.

Quando ele terminou, senti os seus dedos alcançarem a minha saia. Dei um gritinho silencioso, no entanto, notei que ele dobrou o tecido da roupa para que ficasse mais curto. Estava com uma saia branca ligeiramente comprida, e depois da sua atitude, havia ficado acima dos meus joelhos.

— Você é pura, Gray. Não quero que você se suje porque tudo aqui é podre — pronunciou. — Mas espero que se lembre, quando for para casa, que eu tentei que você não se sujasse das mesmas manchas de sangue que eu.

Se eu estava pronta para falar algo, as palavras dissiparam em esquecimento.

Nós finalmente chegamos ao laboratório antigo.

Os pelos da minha pele se eriçaram e eu me abracei como forma de proteção. Mesmo ainda estando de tarde, havia pouca luminosidade atravessando o espaço.

O corredor era longo e havia várias portas pela passagem. Os tons vermelhos e pretos tomaram conta da minha sombra e das paredes. Havia sons de ferros, metais se batendo. Camas guinchando e risos longínquos.

Certamente eu estava ficando tonta e completamente paranoica.

Algumas paredes tinham coisas escritas.

Uma delas me marcou.

Citius. Altius. Fortius.

Me perguntei que língua era aquela.

Dante novamente deu uma conferida em mim, e eu tentei me mostrar o mais firme possível, porém levei um susto quando os meus olhos deram de cara com Vance pendurado numa das barras de metal, como se fosse uma coruja de cócoras entretido com... *sudoku*?

Seus olhos esverdeados encontraram-se com os meus e senti como se ele estivesse pedindo um pedaço do meu corpo.

Ele era estranho.

Sua encarada nos perseguiu até eu me distrair com o fato de Cole estar deitado numa cama velha, em um dos quartos com a porta aberta. Ele estava lendo o que parecia ser um caderno, porém havia sido interrompido pela minha chegada.

Ao contrário de Vance, seus olhos eram transparentes o bastante para deixar claro que não gostou de me ver. E o pulo da cama para o chão foi o suficiente para que eu desse passos mais rápidos.

— Que porra está acontecendo aqui? — esbravejou. — Ei, Faulkner, por que você a trouxe?

Evitei olhar para trás, no entanto, foi em vão já que ele nos alcançou e me empurrou contra a parede.

— Dá o fora daqui, sua burra de merda — Cole rangeu os dentes, sua pele pálida se tornando encarnada.

Meu coração explodia em minha boca com medo da reação. Minhas costas doíam pela força bruta que aquelas mãos finas tinham.

Dei uma olhada em Cole e depois em Dante que somente encarava a cena. Ele pedia por uma reação minha, no entanto, eu só estava paralisada contra a parede como se fizesse parte dela.

— Não... Não me xingue! — guinchei, tremendo com as palavras.

Cole suspirou alto e sacudiu os seus cabelos.

— Você é uma idiota. E você um outro idiota. Que merda é essa? Quem autorizou que ela entrasse? — Sua questão já era direcionada a Faulkner.

— Que eu saiba, quem manda aqui sou eu — disse rígido.

Ficou evidente o desgosto da resposta, Cole diminuiu os centímetros que havia de distância entre eles e murmurou: — Não é porque você salvou a minha bunda que eu preciso aceitar você trazendo a burguesa para cá. E se ela nos ferrar?

Dante conduziu seus orbes para mim.

— Ela não vai.

— Como tem certeza?

— Porque ela sabe das consequências.

— Ora, ora. O que a princesa está fazendo aqui? — A voz de Asher ecoou e ele chega juntamente com Jaxon. — Tanta gritaria. É uma luta de cavalheiros para ver quem fica com a donzela?

— Cala a boca, seu filho da puta — Cole disparou.

— Ele tem razão — Jaxon apoiou. — O que a Emília está fazendo aqui?

Incompetente como eu era, somente desviei o olhar para Faulkner. Ele não parecia intimidado, nem dava sinais de que iria voltar atrás.

— Você veio à procura de um pacto — Cole cuspiu. — Você vai viver com isso para o resto da sua vida.

Minha coluna sentiu um arrepio cortante e glacial.

Dante não abriu a boca. Apenas inclinou a cabeça em sinal para que eu avançasse e eu o segui, com receio do que os três rapazes poderiam fazer com as minhas costas livres.

Eu estava com medo.

Dante rumou até ao final do corredor e empurrou uma porta, que levava a uma escadaria. O lugar era escuro e sujo o bastante para ter uns ruídos de ratos.

O interruptor foi ligado e a área foi iluminada o suficiente para perceber manchas e objetos espalhados. Porém, a atmosfera era pesada.

A minha caixa torácica expandiu abruptamente para ser capaz de suportar o meu coração selvagem.

Ainda assim, me permiti ir até o fim, observando Dante abrindo uma porta estranha em uma das placas do chão.

Havia mais escadas. E, desta vez, o silêncio assombroso foi esmagado por sons de fome e de medo.

Dante não questionou. Ele me encarou e, por fim, desceu as escadas.

Caminhei com ele, sabendo que a cada degrau, eu estaria deixando para trás o que conhecia de mim.

E quando alcancei o chão, eu soube quem era Dante.

Eu soube realmente de quem as pessoas temiam. De quem eu deveria temer.

Eu entendi o quanto eu estava suja e nada limparia o que manchei.

O refluxo de vômito chegou tarde, mas empurrou o que o meu estômago não aguentava. E a cada vez que eu vomitava, mais repulsa eu sentia.

O cheiro, a imagem, a dor de saber que eu sempre estive errada.

Precisei ver um amontoado de corpos para comprovar.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis.

Eram seis corpos mortos amontoados e um vivo prestes a falecer também. Eu não conhecia o homem, mas ele estaria na casa dos quarenta, embora fosse difícil de distinguir pelo estado subnutritivo dele.

Quando terminei de expelir, Dante se agachou ao meu lado e tirou um lenço do seu bolso, limpando os cantos da minha boca.

Só quando os seus dedos passaram pelos meus olhos, notei que estava chorando. Compulsivamente.

Em desespero.

Com medo.

Com raiva.

— Como...?

Aquele espaço era sórdido. Ao respirar o ar, sentia como uma substância letal alojasse nos meus pulmões e abrisse feridas nele. Criasse um tipo de câncer diferente.

— Esse sou eu, Gray. Não sou o que os outros falam. Não sou o garoto de quinze anos que foi capaz de matar o sequestrador. Sou aquele que matou muitos mais do que alguma vez você verá vivos. Aquele que empurrou quatro caras para me ajudar a decidir o que eu acho justo. Sujo. Doente. Assassino. Tudo isso que você está pensando e muito mais.

Meu peito batia mais rápido a cada frase dita por ele.

Virei para o homem anorético que guinchava pela minha ajuda, com a boca fechada. Seus olhos imploravam.

Ele não tinha um braço.

E sua perna estava quebrada.

Se ele estava vivo ainda, era porque todos os ferimentos foram feitos recentemente.

Por Dante?

A carga de vômito voltou novamente, mas desta vez contive com a boca, encarando as quatro sombras que também lá estavam.

Vance. Cole. Asher. Jaxon.

Eu tinha cinco garotos me encarando veemente. Mas a escuridão tinha tapado parte da minha visão, portanto era como se eles tivessem *rostos vazios*.

— Porquê? — Era tudo o que eu era capaz de proferir.

Dante se levantou e eu ergui a cabeça para visualizá-lo.

— Porque o mundo nos ofereceu dor, e nós vamos devolver com vingança e sangue. É o que fazemos. É o que somos.

As pontadas de dor na minha cabeça eram como agulhas. Meu cérebro estava sendo cosido sem anestesia. Meus olhos estavam sendo amaldiçoados sem proteção.

O cheiro ainda revirava os meus intestinos. E agora com o meu vômito, estava mais nauseada.

Eu olhava para um servo. Eu acreditava que ele estava sendo instruído. Não era por um incentivo próprio. Seria pelos garotos? Seria por Cole? Vance?

Ainda assim, não poderia crer que as suas mãos poderiam fazer alguém sangrar. Elas me seguravam, deslizavam em folhas de papel limpas de livros românticos, limpavam as minhas lágrimas e poderiam tocar violino. Não eram capazes de assassinar ninguém. Não tiravam vidas.

Tinha que ser mentira.

A atmosfera daquela área tornou-se insuportável de respirar. Asfixiava-me. Analisei mais uma vez os cadáveres notando que estavam abertos, a carne exposta extraindo um odor letal. A falta de dentes, línguas cortadas, pedaços de membros como dedos e até mesmo dois órgãos dilacerados.

Oh, Deus.

Não fui capaz de aguentar mais um segundo sequer, então me levantei e rumei para fora. Vomitava enquanto dava um passo. Eu chorava enquanto ainda era capaz de respirar.

Jaxon foi o primeiro a me perguntar se eu estava bem, mas não fui capaz de responder. Era uma pergunta tola. Sem cabimento.

Eu estava bem?

Eles estavam bem sequer?

Andei a passos rápidos, após subir as escadarias, para fora. Me agachei de costas para uma parede e respirei o máximo de ar que os meus pulmões aguentavam. Mas nada funcionava.

E quando notei que a minha saia estava manchada de sangue e restos de vômito, o meu choro foi doloroso.

Não quero que você se suje porque tudo aqui é podre.

Eu tinha me sujado.

Mas não podia. Não podia ser verdade.

Me recusava a acreditar que aquele era Dante.

Contudo, o que domava o meu coração era o fato de eu *aceitar* mesmo se acreditasse.

O que me fazia vomitar, chorar e tremer de medo era que não me importava com nada disso porque eu queria acreditar que Dante não fazia por mal. Que talvez não tivesse sido ele. Que ele estava quebrado e precisava de ajuda. Que eu poderia ajudá-lo.

Eu continuaria pegando em suas mãos, mesmo que elas estivessem carregando o sangue de mil pessoas.

E isso me fazia ser suja, doente e assassina assim como ele.

— Eu te avisei. — A voz tenebrosa de Cole puxou os meus olhos para si. — Você pode não se arrepender agora, mas quando estiver sozinha, beirando a morte por causa dele, você vai preferir ter continuado no seu mundo ridículo.

Cole atirou para o meu rosto mais lenços de papel.

— Limpe-se e vaze daqui sem abrir a boca, porque se eu souber de alguma coisa, vou arrancar a sua língua e dar de presente para a sua família.

Eu acreditei em cada maldita palavra e fugi o mais rápido que pude.

09

Emília Gray

pigalle

Era a terceira vez que abria os olhos e me via numa situação desagradável. Contudo, desta vez, minha coluna descansava sobre algo macio. O cheiro abafado que entrosava minhas narinas não era tão intoxicante quanto poderia ser.

Me sentia como um animal ferido. Não identificava o tipo de teatro a qual me candidatei, porém ninguém tinha me avisado que eu seria uma presa correndo desesperadamente de um caçador.

Esfreguei as pálpebras com o pulso, inalando coragem e pensamentos limpos.

Foi então que notei que não estava presa. Minhas mãos podiam livremente me tirar daqui.

Levantei-me, escrutinando o espaço onde eu estava deitada.

Era um quarto.

Bastante grande.

A decoração era uma porta de entrada gratuita para um museu. As artes expostas traziam uma sensação conturbada. As estátuas renascentistas eram fruto de uma história dolorosa. Eu via umas sem braços, outras mostrando os seus órgãos, o rosto esboçando raiva e dor, outras que não transmitiam nada. Apenas o vazio.

As paredes eram limpas e lívidas, com espaço de sobra para uma estante preenchida por livros. Eu os reconhecia de longe.

Shakespeare.

Eram diversas versões. De línguas diferentes. Formatos comuns assim como coleções raras.

O violino apoiado na estante foi a última pista para finalizar o quebra cabeça.

Eu estava no quarto de Dante.

— Você se sente melhor?

Um homem baixo de óculos adentrou.

Não o conhecia, o que estranhamente deu espaço a um sentimento mais reconfortante se fosse Faulkner ou um dos outros dando as caras.

Ainda assim, me retesei.

— Quando eu sair daqui, terei uma resposta mais agradável — respondi. — Mas obrigada pela preocupação. Estou mais que grata.

Ele riu.

— Sou novo por aqui.

— Somos dois, então. Mas você parece estar bem mais feliz que eu. Não está preso. Não foi sequestrado. Ainda tem roupas limpas. Sortudo.

Mais uma vez, uma risada pura saiu dele.

— Sou quase como um estagiário. Estou ajudando o médico nos seus serviços.

Torci os lábios.

— Ah. Bom, eu não me importo.

Ele riu mais um pouco.

Cristo, ele estava muito feliz.

Visualizei o espaço mais um pouco e notei que estava deitada numa cama grande, as minhas roupas substituídas por uma túnica feia e com um aroma nada bom.

— Por que eu estou vestida como se estivesse num hospital psiquiátrico?

Seu rosto fechou, as interrogações pipocavam na ponta do seu nariz bocado.

— Dante pediu.

— Dante não manda.

— Aqui ele é lei.

— Pois ele que enfie as suas leis no rabo — disparei chateada.

De rompante, sai da cama. A quebra de tensão assim que me coloquei de pé foi imediata. Tombei para o lado, apoiando-me no colchão. Não sei que merda tinham injetado no meu sangue, mas, porra, não duvidaria que com uma dose a mais, eu poderia estar morta.

— Por quanto tempo eu dormi? — perguntei, minha cabeça latejando como se meus neurônios fossem pólvora esperando a gasolina certa para explodir.

— Um dia inteiro.

— Merda.

Tinha estado em um estado vegetativo breve. Aquela droga tinha sido séria. Eles não estavam brincando sobre me matar. Era um aviso de que a minha consciência, em qualquer momento, poderia nunca mais despertar.

— Preciso sair daqui.

— Espere um pouco.

O cara não soube me impedir, pois os meus passos foram mais apressados, embora o meu sistema nervoso estivesse em pleno caos.

O hall diferenciava-se da ilusão de labirinto onde eu tinha desmaiado. Era mais iluminado, embora as estátuas continuassem assombrando cada canto do perímetro.

Os cômodos estavam fechados por portas e o meu único caminho era seguir em frente.

Segui a linha reta até um dos cruzamentos me dar acesso a uma sala enorme separado com uma mini cozinha por uma ilha.

Três cabeças estavam sentadas, se alimentando como se fossem pessoas normais. Seus olhares se locomoveram até mim tão naturalmente como se fosse normal haver uma garota trancafiada naquela espelunca.

A indiferença brilhava naquelas orbes. Era quase como se eu fosse um fantasma amador que não os assustava nem que girasse a cabeça ou arrancasse um membro na frente deles.

— Vocês...

Latidos romperam a atmosfera e o meu discurso. O susto que pegou meu coração foi o suficiente para me afastar com um pulo.

— Calma, Rachel.

Rachel?

A Rottweiler continuou latindo para mim, sua raiva salivando naqueles dentes afiados. Jaxon se levantou da mesa, caminhando na sua direção. Ele se agachou, acariciando o seu pelo o que aliviou os ânimos do animal.

— Desculpa, ela é agressiva com quem não conhece — Fish informou, mantendo as suas mãos nas costas da cadela.

— Perdão? — Meu tom de voz ampliou os vestígios de cólera que ainda me dominavam. — Vocês me sequestraram e pedem desculpa por causa de uma cadela?

Jaxon riu nasalmente.

— Sim. Você achava que estava pedindo desculpas pelo quê?

Sua ironia destravava um tipo de raiva que nunca tinha experimentado além daquele dia.

— Vocês estão me prendendo nessa merda de lugar por um motivo insano! — esbravejei.

— Merda de lugar? Custou mais caro que a hidratação do seu cabelo, princesa — Asher abriu a boca na ilha onde tomava seu café da manhã, levantando a faca que usava para cortar o pão.

— Cale a boca, seu filho da mãe.

— Você está pior que a Rachel — ele cantarolou, rindo da minha cara.

Estava parecendo uma louca.

O que quer que eles queriam de mim estava tomando minha saúde mental e qualquer dignidade que ainda restasse.

— Você não faz as exigências aqui.

Cole se levantou da mesa, rumando até à porta da entrada daquele perímetro.

Seus olhos angulosos, a pele pálida e os cabelos nadados em petróleo eram características que ainda se mantinham nele. Sua descendência coreana, pelo que me lembrava, em uma conjunção com tailandesa o destacava de qualquer mero mortal que passasse ao seu lado.

Sua estrutura óssea era mais fortificada. Eu o tinha visto algumas vezes no Campus, porém, não havia tido a proeza para reparar até no pormenor dos anéis em seus dedos e como ele continuava sendo o espelho da violência.

— Menina Gray, vamos voltar para o quarto.

O estagiário ou merda que seja pegou pelo meu braço, ao reaparecer atrás de mim. A minha reação foi empurrá-lo, seguindo rapidamente para a bancada da cozinha e pegando na faca estendida.

Fechei-a com as duas mãos, esvoaçando pelo ar procurando apontar para todos os que me encaravam ou esperavam um acontecimento.

— Eu vou matar vocês. Vou arruinar a vida de cada um — berrei, o sangue ebulindo dentro de mim como uma tempestade. — Me deixem sair daqui!

Asher deu uma risada mínima com a boca cheia de pão, digitando no seu celular, enquanto Jaxon mantinha os seus olhos na Rachel, brincando com uma bola de esponja. Cole me encarava com os mesmos orbes de julgamento de sete anos atrás, mas entretanto arquejou fundo e sacudiu seus cabelos, demonstrando a sua exaustão.

Eles não estavam dando a mínima.

— Qual a intenção de vocês? — perguntei, estremecendo os dentes. — Por que vocês estão fazendo tudo isso?

— Você não compreenderia assim como nunca conseguiu — Van Doren replicou.

— Eu achei que... — Engoli secamente, pausando para refletir como aquele dia ainda machucava mais do que ser esfaqueada no peito. — Vocês não tiveram nada a ver com o que aconteceu. Aceitei que tinham sido traídos assim como eu.

Cole gracejou, pegando na sua louça da mesa e indo até à pia. Afastei-me, direcionando a faca para ele.

Seus olhos moveram-se para o lado, em uma vistoria rápida e retornaram ao foco no prato de porcelana e no copo.

— Você nunca nos perguntou. Dante fez o que tinha que fazer e nós fizemos a nossa parte. Ele tinha os seus objetivos, nós os nossos. Mas estamos unidos pela mesma causa.

— Me sequestrar?

— Nada é sobre você, Emília. Nunca foi. Você é só um meio barato de chegarmos até onde queremos. — Sua voz era ácida. — Assim que tivermos esse maldito mapa porque eu sei que você o tem, sua vida não terá tanta importância assim como um cadáver.

Espumei pelo nariz.

Eu tinha evitado encarar Cole durante todos aqueles anos na faculdade, pensando que ele tinha esquecido do ódio inexplicável por mim. Mas não. Na verdade, parecia que tinha sido ampliado.

— Você é um assassino.

— Eu não mato. — Sua ocupação na louça foi desviada e Van Doren repousou os seus olhos em mim. — Eu torturo, espanco, faço você se perder na sua mente, desejar a morte enquanto você vê anjos chamando por si... Mas não mato. Não me sujo do seu sangue nojento. De nenhuma alma sequer.

Um frio doloroso espalhou pela minha espinha.

Suas íris escuras acordaram uma centelha de medo.

— Bom saber.

Ele sorriu ligeiramente.

— De nada.

Meu cérebro teve um estalo.

Eles viam isso tudo como uma brincadeira de crianças. O fato de estarem descontraídos, seguindo suas vidas como malditos criminosos, sendo que tinham assassinado pessoas, destruído a minha vida como se eu fosse nada além do que poeira.

Eu não poderia deixar isso assim.

Não poderia deixar que eles seguissem a normalidade.

— Me deixem sair daqui! — gritei novamente.

O pânico alternou entre pulmões e o peito. O meu músculo cardíaco se contorcia, fazendo com que o sangue desse vitalidade ao que era necessário para me fazer raciocinar e sair dali. Tudo o que eu poderia fazer era gritar.

— Desista, princesa — Asher bufou.

— Vocês são uns filhos da puta! Fizeram da minha vida um inferno! Acabaram com tudo o que eu tinha! A minha família! — vociferei, a raiva acalorando a minha face e cada extremidade do meu corpo. — Vocês também sabiam! Vocês aceitaram o que Dante fez! Vocês mataram aquelas pessoas também!

Eles não se pronunciaram.

Não por medo. Não para amenizar a minha dor. Apenas porque eles sabiam dos seus pecados e aceitavam-nos como se fossem os seus próprios mandamentos.

Era tal e qual ao que falavam.

Os Rostos Vazios comportavam-se como se fossem a justiça e tudo que fizessem era o certo.

Meu sistema colapsou.

Qualquer copo de vidro, talheres, prateleiras de objetos e o que quer que estivesse na minha frente foi derramado ao chão. Destruí toda aquela cozinha de raiva, gritando como se os meus pulmões estivessem em sufoco.

Eu estava.

As lembranças do sangue de Dante na minha mão. A minha aflição salvar a sua vida. Eu queria tê-lo matado naquele dia.

O meu choro. O meu luto.

Tudo era por culpa deles.

Cole deu passos para trás, me observando.

Nenhum deles me parou.

Apenas aceitaram o caos apoderar-se de mim, enquanto eu extravasava na destruição do local. Enquanto meus berros eram a trilha sonora de terror que eles estavam mais que habituados a escutar de suas vítimas.

— Esperava um pouco mais de autocontrole da sua parte.

Dante adentrou, sua aura dominando cada milímetro da área, juntamente com os meus movimentos.

Ele sempre carregou consigo um ar inabalável, mas tinha-se aprimorado com os anos. Era mais do que atraente. Era catastrófico para qualquer pessoa.

Um dos únicos copos que ainda sobrava foi arremessado para o seu rosto.

Ele desviou, erguendo as sobrancelhas em um desafio ameaçador.

O filho da mãe contornou a ilha, seguindo até a geladeira de onde retirou o leite. Com tranquilidade, ele pegou numa das tigelas do armário de cima e encheu a tigela, pegando no cereal de chocolate.

— Cara, você coloca o leite e depois o cereal? — Asher externou a sua indignação.

— Não comece de novo.

— Você é um sociopata.

— Dante não é humano — Jaxon brincou. — Ele não gosta de batatas fritas. Quem em sua sã consciência não gosta de batatas fritas?

Dante rangeu os dentes.

— Vocês são chatos.

Ele se aproximou, no entanto, o meu instinto foi me afastar. Seu rosto foi caricato, se interrogando sobre o meu movimento. Por milésimos, me observou atentamente como se eu fosse um objeto de estudo. Uma das suas estátuas do quarto. Um quadro sem vida.

— A sua mão está sangrando — ele apontou e levantei as mãos para constatar.

Logo depois, o seu foco mudou-se para a gaveta onde retirou uma colher.

— Onde está Vance, Cole? — ele questionou, se recostando na bancada e comendo o seu café da manhã, sem dar a mínima em como eu estava deteriorando ao seu lado.

Fiquei com nojo dele.

Deus, eu odiei como ele parecia estar tão tranquilo com o fato de eu estar me sentindo fraca e sem capacidade de lutar contra eles. Estava lá contra a minha vontade, respirando o mesmo ar que quatro assassinos que eu pretendia queimar vivos.

— Ele saiu cedo. — Foi Asher que respondeu. — Talvez tenha ido se divertir com os seus amigos vagabundos.

— Hum. — Foi tudo que Dante falou sobre a situação, engolindo um pouco mais do seu cereal. — Tinha uma tarefa para ele. Vocês têm aulas hoje?

— Sim. Na verdade, uma prova. Não estudei. Vou ter que enfiar a boca no seio da professora para ver se ela aumenta uns pontos — Hawthorn declarou, tombando a cabeça.

— Você é uma prostituta — Cole zombou.

— Uma que você pagaria bem caro. — Asher piscou o olho para o amigo que ergueu o dedo do meio.

— A sua vida parece que funciona apenas com sexo, cara — Jaxon assobiou.

— Claro. Já dizia o meu grande amigo Descartes: eu penso, logo *transo*. — A risada do Cole foi involuntária e, logo depois, ele restringiu a continuar. — Bom, antes que eu me esqueça, tenho que dormir na casa dos meus pais nos próximos dias — Asher informou, jogando o seu celular para a mesa. — O merda do meu papai quer que eu vá ao jantar ridículo do meu primo.

— Do noivado? — Cole indagou, posicionando seus braços nas costas da cadeira onde continuava sentado.

Observei o semblante de Asher fechar. Qualquer indício de comédia foi evaporado e trocado por uma obsessão tremenda. O que quer que fosse que o estava conturbando, acendia emoções violentas e desumanas nele.

— Sim.

Os amigos o analisaram e se entreolharam como se, em silêncio, concordassem em não continuar com aquela conversa.

— Parou de chorar? — Dante perguntou.

Dante, após se alimentar, colocou a tigela na pia. Sua análise pela minha extensão corporal perdurou segundos lentos. Queria arrancar seus olhos para que não me visse. Queria que ele não tivesse o prazer de me ver naquele estado.

Recuperei a postura, embora continuasse paralisada.

— Quero sair daqui.

— Não estou entendendo, Emília. Não há nada que te prenda. Você não está amarrada. Se quiser tanto sair, vá — respondeu, lavando a louça calmamente.

Seu torso continuava descoberto. Pude ver as costas tatuadas, mas não tomei interesse em ler o que estava escrito.

— Mas saiba que vamos te caçar e você vai voltar — continuou. — E cada pessoa que souber do que aconteceu, vai pagar. Pode ser uma

criança, um cachorro, as suas amigas, o seu porco de estimação... Você terá o sangue de cada um nas suas mãos.

O ar que entrou no meu sistema ardeu.

Não havia um rastro de brilho em seus olhos. Eles eram tão negros quanto seu coração.

Do que ele estava falando? Eu poderia sair?

Era uma brincadeira de mau gosto. Era um teste. Uma ameaça.

— Reza a lenda que quem vê o rosto de um dos Rostos Vazios não termina o dia com vida.

— Então, espero que o seu dia seja longo. — A ironia cavou um buraco no meu âmago. — Essas roupas... Onde você arranjou?

Sua sobancelha arqueada me fez sentir patética.

— O estagiário disse que você queria que eu vestisse.

Dante subiu e desceu por todo o meu corpo. Não duvidaria que fosse engolida pelo seu olhar.

— Você autorizou que ele trocasse suas roupas?

— Como eu iria autorizar se estava desacordada?!

Seus lábios torceram de maneira raivosa.

— Rachel, chame o idiota.

A cadela, que antes estava deitada, correu pelo corredor, latindo como se tivesse um alto-falante na goela.

Existiu uma pausa no tempo durante o momento que a cadela foi e voltou com o estagiário. Pensei em aproveitar a descontração de Faulkner. A faca que eu tinha em mãos ainda teria uso. Eu poderia matá-lo. Poderia fazer o que ele tinha feito comigo.

Poderia ser pior que ele do que anos atrás.

Meus dedos aqueceram o cabo da faca.

Era só um avanço. Seria certa no seu peito. Eu acabaria com a sua existência de uma vez.

— Me chamou, Faulkner? — A voz do estagiário interrompeu meu raciocínio.

Dante limpou suas mãos no pano suavemente antes de uma delas se esconder em algum canto da sua calça.

Mas não por muito tempo.

Meu coração explodiu e minha respiração travou. A sala foi pulverizada e o som do meu sangue espalhando livremente pelas veias era barulhento demais. A minha consciência estava pesada, assim como eu encarava Dante e via o seu estado mais perverso. Menos humano.

E, assim que a minha mente retornou à realidade, o choque da cabeça do homem batendo no chão, do seu sangue espalhando assim como pedaços daquela região atingida pintando um pouco da parede branca foi o motivo pela qual tombei para trás, encolhendo-me e gritando mudamente.

Tentei reunir todo o fôlego, mas ele se perdia a cada gota de sangue que respingava no chão por aquela parede. Os olhos esbugalhados do homem me encaravam tenebrosamente, invadindo a minha alma e roubando cada fagulha de pura sanidade.

— Merda. Não vou limpar dessa vez! — Asher resmungou, expirando pelo nariz.

A minha única ação era continuar respirando. Era a única coisa que parecia normal, para mim.

Aquele homem estava vivo até então, mas agora era somente um cadáver sem metade do seu crânio.

O som do tiro. A bala adentrando na sua cabeça. O cheiro da morte voltando como naquele dia.

Tudo era bagunça.

— Dax não vai gostar de saber que o seu estagiário foi morto — Cole confessou.

Dante guardou sua arma no bolso, enrugando o seu nariz.

— Ele que contrate alguém que faça um bom serviço e não um perverso.

Não aguentava mais.

Eu não aguentava saber que, quando estava com Dante, todos à minha volta morriam. Que ela via as pessoas de maneira tão descartável. Que ele não se importava com as consequências.

O ímpeto tomou conta de mim. Agi rapidamente, sem que ele tivesse tempo de reação, e a colisão da minha mão com o seu rosto foi mais forte que o disparo da sua arma.

Então, eu o bati de novo. Empurrando-o e chorando. Socando seu peito como se eu tivesse alguma chance de ganhar dele.

— Eu odeio você! Odeio!

Os meus socos eram consecutivos. Ele não parou. Ele deixou que eu o machucasse. Que eu o ferisse. Que eu o deitasse no chão e continuasse dando tudo aquilo que eu tinha.

No entanto, aquilo não era nada para ele. Eu era uma formiga no seu castelo. Um empurrão ou um soco era mínimo para a sua grandeza.

A faca estava na minha mão. Eu poderia apunhalá-lo. Poderia fazer jorrar sangue assim como a sua vítima. Eu abriria o seu peito. Eu veria que não havia um coração batendo.

Era escuro.

Era a escuridão que dava vida a Dante.

— Não vai acabar o serviço, Gray? Não vai me matar?

Chorei violentamente.

Mesmo com a faca, não a usei. Não o matei.

Eu precisava vê-lo sofrer. Ele não merecia a morte como os outros que ele tinha dado. Ele merecia muito mais. Ele merecia a dor eterna.

Ele merecia queimar.

— Por quanto tempo vai continuar sendo uma mimada? — perguntou. — Ninguém quer que você lide com as mortes que não sejam suas. Só queremos a merda do mapa.

— Eu não tenho! Eu não tenho essa porra idiota que vocês tanto querem. E se tivesse, não daria! — repeti o que estava cansada de dizer. — O que é meu deixou de ser desde aquele dia. Você me matou naquele dia.

Sua mandíbula trincou.

— Eu te avisei que o faria. Você não acreditou.

O choro era compulsivo. As lágrimas queimavam o meu rosto.

— Eu tenho nojo de você. Eu abomino você — cuspi.

— Continue. Eu não quero que você me dê amor. Nunca quis. — Sua voz era gutural, triste e um desastre. — Vá, Emília. Se quer tanto ver a minha destruição, vá. Você não é prisioneira aqui. Se não tem o que queremos, continue a sua vida.

Levantei-me, limpando o meu rosto agressivamente com os punhos.

— Dante... — Cole soprou, mas o amigo se levantou e ergueu a mão em sinal de proibição.

— Pode ir, Gray — ele continuou. — Faça o que achar melhor. A ordem é minha.

Esperei haver uma risada. Algum constrangimento. Mas Dante somente levantou-se, limpou um pouco do sangue que escorreu em seu nariz e seguiu para fora da cozinha.

Os amigos o perseguiram e tornaram a examinar-me. Havia tantas dúvidas, assim como eu tinha. No entanto, eu recusei-me a ponderar sobre o que fazer.

Iria embora. Eu contaria a quem conseguisse e faria de tudo para que Dante fosse preso. Ele e os amigos. Não teria qualquer piedade.

Atravessar o cadáver e os seus rastros de humanidade no chão socou fundo o meu estômago. O odor apodrecia em minhas narinas, me dando uma dopagem muito maior do que o que me fez dormir durante um dia. Eu seria uma futura médica, portanto sabia lidar bem com sangue e órgãos expostos, porém a sensação de ver o ato de matar era penoso.

Desbravei o espaço, percebendo que era enorme e poderia ser mais outro labirinto. Mas, para a minha sorte, segui os rastros de luz alcançando uma pequena porta que parecia estar no topo.

As escadas levavam até lá, e eu as subi até abrir e notar que sempre estive num subsolo. Dante, por alguma razão, vivia debaixo da terra.

Escalei até pousar os meus pés na grama. Estava perdida. Era uma floresta imensa, as árvores e o cantarolar de alguns animais sendo os únicos sinais de seres vivos por aí.

Havia um Cherry Tiggo preto enorme estacionado, mas eu não tinha a carteira de motorista, muito menos ideia de como poderia dirigi-lo a turbinar.

Decidi percorrer sozinha a imensidão de árvores. Com a faca na mão, corri por entre os arbustos, recordando como foi conhecer Dante no meio da floresta. Como ele estendeu a mão para mim e declarou que queria me manter viva.

Se pudesse voltar atrás e decidir certas coisas, me matar naquele dia poderia ter sido um alívio.

Foi ingenuidade acreditar em cada palavra sua. Fui burra em ver bondade no coração onde morava devastação.

Cristo. Eu era tão idiota.

Não poderia ser mais dominada por aqueles sentimentos. Eu tinha que fazer o que era importante. Me vingar do que ele tinha feito comigo.

Assim como ele me traiu, eu o trairia também.

Não sei por quanto tempo caminhei, pisando e rasgando minha pele nos ramos afiados daquelas plantas, porém, antes do entardecer, sedenta por água e faminta por alimento, avistei uma estrada.

Pedir a um condutor que me levasse para a esquadra não foi o meu maior ato inteligente porque as perguntas que vieram não tornaram a viagem confortável. Felizmente, não era tão distante quanto parecia do centro da *Olympus City*.

O homem me deixou na porta de entrada da esquadra, com questionamentos que me fizeram negar todos eles. Se eu precisava de ajuda, se estava sendo abusada em casa, se o meu namorado me batia.

Claro que era impossível dizer que o cara que eu amei era talvez um dos assassinos mais procurados do país. Porém me resignei a dizer que tinham me roubado algo valioso.

Ele aceitou e voltou para a sua rota.

Abri a porta da delegacia, escrutinando o local que diminuiu a minha esperança. O nosso país era um caos. A falta de segurança morava nas ruas. As atrocidades que aconteciam exigia anos e anos de investigação. No entanto, eles encontravam-se tão descontraídos a ponto de jogar as cartas e conversar sobre as garotas novinhas que tinham no seu celular.

O meu estômago revirou em ânsia.

— O que foi, garota? — um deles questionou, assim que me aproximei do balcão de atendimento. — Precisa de alguma coisa?

— Eu sei quem são os Rostos Vazios e sei onde está Dante Faulkner, o principal causador do Dia do Castigo.

Não enrolei quando cheguei. Precisava colocar o meu nome em jogo e criar as jogadas necessárias para ganhar.

Eles se entreolharam, a curiosidade dominando cada uma das linhas de expressão.

— Do que você está falando? — ele se questionou, deixando seu baralho de cartas na mesa e seguindo na minha direção.

— Eu tenho nomes e endereço. Eu sei quem são os malditos e onde podem encontrá-los.

Os caras permaneceram em silêncio, fazendo perguntas entre eles. Mas estavam interessados. Eles queriam respostas.

— Como eu sei que uma pirralha como você não está apenas blefando?

— Eu tenho provas.

Ele riu como se cuspsisse.

— Você não tem ideia do número de crianças como você que se atrevem a vir aqui com provas falsas apenas para ganhar fama.

— Eu sou a prova — declarei. — Eu os vi. Eu os conheço.

Seus olhos ganharam cor, porém sua resiliência era maior.

— Vá para casa. É melhor — aconselhou. — Você deveria saber que qualquer um que dê as caras para dizer alguma coisa sobre eles é morta. Ou você acha que não há qualquer avanço na investigação por que motivo?

Pressionei as minhas mãos contra o balcão, inspirando até me sentir farta.

— Você já ouviu falar dos antigos diretores do Hospital Othello? Sou filha deles. Emília Gray. Se não acredita, faça uma pesquisa rápida.

Ele voltou para trás, se comunicando entre trocas de olhares com os seus colegas. Após uma reflexão silenciosa, o policial dilatou suas narinas e deu de ombros.

— Entre naquela sala. O meu colega vai acompanhá-la. Vou chamar o chefe.

Seu colega de cabelos loiros levantou-se e indicou que eu avançasse. Ainda tinha a faca comigo, portanto se fosse algum tipo de armadilha, não teria dó em matá-los. Minha vida era mais importante naquele momento. Era a única coisa contra Dante. Eu continuaria respirando se a minha existência causasse o caos.

Sentei-me em um dos bancos disponíveis. A recordação de ser interrogada após o Dia do Castigo ainda era palpável. Lembrava de cada detalhe, de como eu me sentia ridiculamente enganada por Dante e como o meu luto sempre o culparia.

O meu choro ainda ecoava naquelas paredes. O meu grito de dor ainda rasgava os meus pulmões.

Eu o odiei muito naquele dia.

Agora eu repulsava o seu ser.

Tamborilei, à espera de quem quer que fosse que teria a proeza de saber em primeira mão o endereço do cara mais procurado dos últimos anos. Daquele que fez a cidade ser mais perigosa do que uma cavernas de lobos. Dante era uma assombração, uma lenda que as pessoas ainda tinham medo.

E elas deveriam.

Agora aqueles garotos que eu tinha deixado escapar pagariam também.

— Então, a menina Gray sabe quem são os Rostos Vazios. — O tom forjado de arrogância e sarcasmo atrelou-se à porta que abriu no mesmo instante. — Me diga o que eu não sei, e talvez eu decida o que fazer com você.

Não pode ser.

Meus músculos enrijeceram. Por um segundo prolongado, repensei nas minhas ações e o que poderia fazer para contorná-las. Contudo, aquela era a minha fraqueza. Achar que estava sempre um passo à frente das pessoas. Que eu poderia acreditar nelas assim como eu acreditava em mim.

O ambiente gelou, assim como aquele rosto velho, enrugado, mas cheio de cicatrizes de guerra. Minha revolta estreou na dor das minhas unhas afundando no meu braço. Era uma dor que eu queria sentir até eu aprender a minha maldita lição.

Eu tinha ido até Torman. O pai adotivo de Dante e o único que eu tinha a certeza que conheceria melhor o caráter daquele demônio.

10

Emilia Gray

primavera

há sete anos

Duas semanas.

Eu tinha ficado duas semanas sem falar com Dante.

Nos primeiros dias, eu precisava. A imagem incessante no meu cérebro do que tinha acontecido roubava o meu sono. Mal conseguia encarar os meus pais quando os pegava em casa, ou dar um sorriso meigo a Kayleen quando ela dizia algo divertido.

A madrugada havia se tornado assustadora. Eu imaginava que todos aqueles mortos fossem me levar com eles por ter sido podre o bastante para não correr até à polícia e informar do crime.

Crime.

Era impossível. Dante não era perigoso. Ele não era um criminoso. A cidade inteira estava errada. Eu o conhecia. Tinha visto partes dele que tocavam minha alma sem precisar de mãos.

Esse pensamento alugou minha mente e a segunda semana sem vê-lo tornou-se de vergonha. Eu queria encontrá-lo novamente e dizer que o aceitava. Eu não me importaria de abraçar tudo aquilo que ele carregava.

Mas como eu ficaria?

Quem eu me tornaria?

— Emília, que desenhos são esses? Você está bem?

Kayleen apareceu à minha frente.

O toque de recolher já havia soado, mas o meu traseiro continuava grudado à cadeira.

Dou uma vislumbração pelo meu caderno. O meu lápis criava desenhos mórbidos. A fotografia dos cinco garotos diante de mim, com os seis corpos amontoados e o homem subnutrido implorando por ajuda.

— Estou.

— O que se passa, garota? Você está pálida. Já faz uns dias que te vejo assim. São os seus pais?

Levantei o olhar e me perdi nos olhos azuis de Kayleen.

Eu queria contar à minha melhor amiga o que estava acontecendo, porém, não podia. Confiava nela, mas não o bastante para proteger Dante. Ninguém o faria a não ser eu.

No momento que abria a boca para negar a situação e seguir em frente, Cole e Jaxon passam pela minha sala, os dois juntos andando pelo corredor movimentado.

Eu me levantei, de repente, perseguindo-os até o pátio da escola. Gritei pelo nome de ambos que me analisaram de cima a baixo, com toda a feição de julgamento e repulsa.

— O que você quer? — Cole cuspiu, a raiva tomando conta dos seus gestos.

— Queria perguntar para vocês sobre os corpos.

Os dois levantaram as sobrancelhas em dúvida.

— Do que você está falando, Emília? — Jaxon indagou, seu rosto tomando uma forma diferente também.

— Os corpos do porão. O que vão fazer com eles para não serem descobertos? Eu tive ideias para que nós não sejamos pegos — informei, aliviada por poder me comunicar sobre os meus pensamentos.

Eu estava decidida a tirá-los daquela encrenca. Quem quer que fosse que estivesse os ameaçando, iria tentar resolver. Eles estavam encobrindo alguém e iria descobrir quem era.

Uma dor espontânea atingiu o meu peito e todos os ossos resultantes de um encontro das minhas costelas com da parede. Cole havia me encurralado no muro, a sua mão rodando com ódio em meu braço e o apertando até não haver sangue fluindo pelo membro.

Forcei os meus dentes, quase mordendo a língua para não gemer alto de dor.

— Cala essa boca ridícula, porra! — esbravejou com um murmúrio raivoso. Sua voz havia se tornado bruta. — Não existe um nós! Você não está incluída. Não faço a mínima ideia do que Dante colocou nessa sua cabeça, mas se afaste. Tira sua merda das nossas e vai viver a sua vida feliz.

Cole transbordava um ódio imenso em cada sílaba proferida. E seus dedos marcavam minha pele como uma tatuagem. Era uma dor que começava na nuca e atingia as extremidades dos meus dedos.

— Para, Van Doren. Não vale a pena — Jaxon se achegou, dando uma olhada entre nós dois. — O Dante vai tratar desse assunto.

— Ele não vai.

Seus dedos cravaram mais na minha derme.

Estava sangrando.

— Você está me machucando — sussurrei, mal conseguindo falar.

— E eu vou te machucar mais se continuar agindo que nem uma idiota, sua...

— Ei, você! Tira as mãos dela!

No mesmo instante, algo atinge a cabeça de Cole, o obrigando a tirar sua mão de mim e se afastar me dando ar para respirar.

Averigüei os cantos e deparei-me com a minha melhor amiga correndo até mim.

Ela tinha atirado uma bola de tênis na cabeça dele.

E, claramente, o time do esporte estava em choque com a sua ousadia em roubar a bola.

— Você está bem, Lia? — ela perguntou, acariciando os meus cachos e apertando as minhas bochechas.

— Quem é você, porra?! — Cole Van Doren esbravejou, sua palma acariciando a região da cabeça atingida pela bola.

— Alguém que não vai querer ver brava!

Kayleen virou-se, seus cabelos negros levantando-se pelo vento e o cheiro divino amaciando os meus pulmões.

Cole ergueu-se, dando passos para bater de frente com Kay, mas Jaxon interrompeu.

— Vamos embora, Van — ele pediu.

Van Doren fumegou, perifericamente conferindo as pessoas que já estavam formando um círculo para observar o que estava acontecendo. Os sussurros da plateia ficaram mais altos e dava para adivinhar o que o pessoal comentava.

Os garotos do sequestro estão brigando com as garotas.

Eles são violentos.

Demônios.

Ugh, machistas. Batem em mulheres.

Queria pedir para que as pessoas se calassem. Elas eram maldosas. Gostavam de fermentar problemas. Eles não sabiam ao certo o que acontecia, portanto não poderiam opinar.

— Vamos também — Kayleen ordenou, sem retirar os olhos raivosos de Cole. Ele fumegava como um animal, mas agiu obedientemente em seguir Jaxon para longe.

— Não precisava me proteger — anunciei, massageando o local ferido do meu braço.

— Como assim? Ele estava te machucando! Aqueles idiotas! Já te disse para não se aproximar — disparou, enquanto caminhávamos e desviávamos do público da pequena luta. — O que deu em você?

Permaneci sem resposta.

— Lia, já te disse, esquece Dante Faulkner e o resto. Eles são perigosos. Não sei se os rumores são verdadeiros, mas, por via das dúvidas, melhor manter distância, não é? — pronunciou com delicadeza, assim que chegamos à enfermaria. — Até porque Daniel me disse que o Dante vai sair do orfanato e provavelmente entrar na nossa escola, então é melhor apagar essa paixão insu-

— Quê? — Meu grito foi capaz de fazer os pássaros do lado de fora voarem. — Como assim vai sair do orfanato e entrar na nossa escola?

Os meus neurônios estavam processando rapidamente, gerando pensamentos avulsos. Eram informações que não tinham chegado a mim e, com certeza, eram importantes de saber.

— Foi o Daniel que disse. Não tenho certeza, mas ao que tudo indica, ele vai ser adotado pelo policial que estava tomando conta do caso dele e dos garotos.

Adotado?

Dante havia deixado claro que não queria ser adotado. Iria esperar até os dezoito para seguir com a sua vida. Duvidava que ele tivesse mudado de ideia, de repente. Ele era muito convicto na sua palavra.

— Por isso é melhor você acabar com essa paixão e esquecer. Não vale a pena se envolver nisso. Viu como eles são perigosos? Aquele garoto idiota não se importaria de arrancar o seu braço — continuou Kayleen.

Mas eu já não estava dando atenção.

Meus pés moveram-se para longe, sem levar em consideração o que eu perderia das aulas e o sermão dos meus pais ao saberem.

Havia coisas mais importantes com que eu teria que me manter ocupada.

--

A casa do senhor Torman ficava no alto da colina. Antigamente, os meus colegas diziam que era uma casa assombrada pelos ornamentos estranhos e a cor acinzentada que estava se desgastando pelos anos.

Eu não tinha pensado. Corri da escola até o orfanato, no entanto, confirmaram exatamente o que Kayleen havia dito. Portanto, optei por subir a rua, o sol apodrecendo a minha pele e os meus neurônios, mas o foco em Dante era mais importante do que tremer de medo por causa de malditos fantasmas da casa ou coisas do tipo.

Embora eu já tivesse visto corpos mortos.

Balancei a cabeça, varrendo a intrusão das imagens do laboratório abandonado. A falta de sono se exibia nas minhas olheiras porque a única função do meu cérebro tornou-se recapitular aquele dia vezes sem conta. A cada dia, ficou mais fácil lidar e supunha que se visse um morto novamente, teria mais capacidade em me aguentar.

Afastando as vozes interiores, pressionei o botão da campainha, que ressoou até o exterior.

Ninguém me respondeu.

Toquei mais uma vez, bati a porta e chamei pelo nome de Dante, porém nada. Os únicos seres vivos dando sinais eram as formigas que escalavam as minhas pernas e eu tirava da minha perna.

Era tão difícil ter conhecimento por onde andava Faulkner, já que ele não tinha celular nem redes sociais. Tinha uma relação de amor e ódio pelo seu lado reservado.

Queria poder conversar com ele durante a noite. Pedir para que me ligasse e estudássemos juntos. Mas tínhamos um horário fixo e quando não dava para nos vermos, abandonávamos um ao outro. Antes eu ficava irritada, agora eu esperava quinze minutos e, se não houvesse sinal da sua presença, ia embora.

Contudo, depois dos quinze minutos ardendo debaixo do sol, Dante reaparece na minha frente.

Ele era apenas um borrão, no entanto, à medida que os centímetros encolhiam, a sua forma esguia colocava os pontos certos e o desenho da sua figura era mais palpável. Até se tornar real diante de mim.

— O que você está fazendo aqui?

Era mais uma expressão de raiva do que uma pergunta à espera de resposta.

— Precisava falar com você.

— Não há nada que precisemos conversar.

— Claro que há — exclamei indignada. — Eu soube que você foi adotado. Queria saber se é verdade.

Dante encarou-me com cólera.

— Vai embora, Gray — exigiu.

— Por quê?! — perguntei. — Eu quero saber, Dante. Nós somos amigos e compartilhamos essas coisas.

Ele fumegou fortemente.

— Nós não somos amigos, caralho. Nunca fomos.

— Para de falar palavrão — aponte. — Eu estava pensando, sabe? Foi difícil dormir, mas depois eu decidi que queria fazer isso. Quero ajudar vocês no que quer que seja.

Vi as sobrancelhas de Dante arquearem e se tornarem uma só.

— Você não tem noção de merda nenhuma. — Seu tom era mais sério, logo após uma pausa longa de silêncio. O ar quente criou uma voz

própria, abafando as faíscas que saíam de Faulkner. — Sai daqui, Emília. E não vou pedir uma terceira vez.

Ele virou as costas, pegando uma chave em seu bolso. Dante já tinha como entrar e sair daquela casa, portanto estava mais que integrado com Torman. A minha coluna foi atravessada por um arrepio, que impulsionou os meus músculos a moverem-se até ele.

— Eu quero te proteger, Dante — murmurei, enrolando minha mão na sua camiseta azul-marinho. — Não sei o que aconteceu, mas sei que você ser adotado por um policial pode te colocar preso e você não merece.

Meu coração martelava, como se construísse uma parede de ferro e parafusos na expectativa de nada chegar até ele. Mas era em vão.

Uma mistura exótica de emoções se dispôs a aumentar assim que ele virou, juntamente com as suas dúvidas a respeito da minha infantilidade ou o que quer que tivessem rotulado.

Mas era eu.

Desde que observava Dante e ouvia falar sobre si, eu tinha uma vontade extraordinária de ser o escudo e a faca que ele precisaria, mesmo que eu fosse menor, mais nova e sem ser capaz de derramar uma gota de sangue.

— Você viu... — A sua voz era baixa. — Emília, você viu o que eu sou.

— Eu sei que não é você.

— Para com isso, Gray. Usa esse cérebro e vai embora. Você tem uma imagem minha na sua cabeça que não condiz comigo e nunca vai.

Puxei novamente a sua camiseta, dando indicação que não sairia nem que ele me empurrasse dali para longe.

— Você que não se enxerga, Dante. Nós tínhamos combinado que mostraria algo que eu não conhecia sobre você, e agora eu vi e quero continuar a ser sua amiga. Por que está me expulsando?

Faulkner desprendeu a minha mão do tecido abruptamente. Ele fechou os olhos com força, implorando mentalmente para que eu desaparecesse de vez.

O meu peito se apertou com o susto. Com a imagem do que era ver Dante me rejeitando como se fosse um maldito verme.

— Dante...

— Vai.

Lento.

Gutural.

Profundo.

Algo assustador invadiu a minha barriga e eu percebi que estava tremendo.

Estava com medo.

Mas não dele, e sim do que poderia perder de si.

— Mas eu...

— Vai embora, cacete! — esbravejou, rompendo com o ar quente e trazendo uma ventania forte assim como as suas emoções. Eu me encolhi em proteção.

— Não grita comigo e não xinga — implorei.

— Não gritar com você?! Porra, Emília? Que merda você tem na cabeça? — continuei. — Eu. Mato. Pessoas. É tão difícil você entender essa porra?! Você é ainda mais doente e burra que eu, caralho. Eu não sou um parque de diversões. Não gero adrenalina para que você queira estar ao meu lado para viver as suas fantasias. Você tem treze anos e age como uma suicida. Que merda!

Meu coração trovejou com cada maldita letra sendo articulada por Dante. A minha inspiração descarrilou e eu não conseguia convencer os meus pulmões a abrirem e deixarem o ar entrar. Ele se prendia na traqueia. Não chegava lá, o que me fez suspirar mais fortemente, implorando por uma via de oxigênio nem que fosse pela bunda.

Agachei-me, as lágrimas chegando em capote e os meus sentidos corriam para pressionar o botão de desliga.

— O que se passa? — Dante indagou, após certa resistência. — Emília...

Ele se colocou na mesma estatura que eu, chegando ao meu lado.

No entanto, o meu desespero centrava-se em manter o meu oxigênio entrando e o ar impuro saindo, mas era impossível. Cada vez mais, sentia minha garganta apertar, e era como se os meus ossos da caixa torácica quebrassem um por um, até não sobrar mais nada.

— Emília. Para com isso. Você está me assustando, porra! — ele exclamou em desespero. — Respira! Vá! Inspira e expira como uma pessoa normal.

Meus ombros sacudiam, as lágrimas seguindo o curso até minha boca, queixo, peito e depois o chão.

Eu gritava interiormente. Talvez fosse o meu sangue escorrendo para cantos inacessíveis e não chegando ao lugar certo que eu precisava. Eles não estavam fornecendo o oxigênio que eu necessitava e, por mais que meu cérebro soubesse disso, qualquer movimento respiratório era em vão.

— Asma...

— Quê?

Mas antes que eu pudesse responder, os meus sentidos foram capazes de apertar o botão vermelho.



Cheguei em casa depois de um internamento de horas no hospital. Os meus pais foram chamados por Torman que, em algum momento, havia chegado em casa e ligado para a ambulância.

Perguntei se tinha um garoto me acompanhando, sem mencionar o nome, e disseram-me que não. No entanto, o meu pai ficou puto.

— Onde você meteu esse cérebro quando decidiu sair sem as suas bombinhas? E que história é essa de um garoto? — disparou, assim que fechou a porta atrás de si.

Ele odiava fazer escândalos nos lugares públicos, porém, em casa, era outra narrativa.

— Não pensei. Desculpa.

Mamãe abraçou-me lateralmente, plantando um beijo na minha nuca.

— Você precisa ter mais cuidado. Não se esqueça que você é asmática. Não pode se colocar em situações como essas.

Mamãe inclinou a cabeça e, com o olhar, conversou com o papai. No entanto, sua postura não mudou. A raiva se exibia em cada contorno de seu semblante.

— Não podemos ser pacíficos agora. Isso é grave — ele pronunciou.
— O que estava fazendo na frente da casa de Torman?

Não poderia contar. Eles saberiam e me julgariam. Os meus pais eram resistentes com as minhas amizades. Não aceitavam qualquer uma, portanto, não iriam gostar de saber que era amiga de Dante — ou éramos.

Uma pontada de dor alvejou o meu peito.

— Era um desafio do Daniel. Coisa boba — menti, encolhida.

— No período das aulas, deixando as suas coisas na sala?

— Não se preocupe, pai. Eu estou bem.

Palavras erradas.

As suas narinas se expandiram, a raiva fumegando em sopros profundos que ocupavam o corredor para além de nós três.

— Você sabe o que eu acho sobre andar por ali sozinha. Essa cidade é perigosa. Pessoas desaparecem, mortos são encontrados. Você não pode subir a colina da cidade e não enxergar o seu erro — papai começou por dizer, a voz engrossando a cada frase.

— Pai...

— Entenda que todos os dias eu tenho que conviver com machucados, feridos, crianças, adultos e idosos beirando a morte. Como é suposto eu achar normal saber que a minha filha foi parar no hospital por ter entrado numa brincadeira sem noção?

A sua aflição combinava com cada palavra que dizia. A sua mandíbula tensa, as mãos vermelhas de tanto fechar o punho e o vacilo em cada suspiro que vazava era o conjunto da preocupação do meu pai.

— Lamento muito.

— Lamentar não é o suficiente. O mundo não é feito de jogos, de inconsequências, muito menos de impulsos. Nós pensamos. Os seres humanos se diferem por pensar. E eu quero que você consiga ter essa destreza de pensamento para entender o que te coloca em perigo. Sequestros estão acontecendo e por mais que eu e a sua mãe consigamos te defender e proteger, nem sempre as coisas estão ao nosso alcance.

Papai discursava em fervor. Eu entendia a sua raiva, e se ele soubesse que estava na casa de Torman por causa de Dante, teria certeza que nem viria à luz do dia pelo resto do ano.

Somente aquiesci, o perdão estando evidente no meu silêncio. Minha mãe beijou novamente a minha testa e sussurrou um *nós te amamos* carinhoso.

Papai aproximou-se, pousando sua mão na minha nuca. Era o suficiente para compreender que a sua preocupação andava de mãos dadas ao amor que sentia por mim.

— Falamos disso depois. Precisamos nos preparar para sair, mas amanhã vamos conversar. Suba para o seu quarto.

Peguei na minha mochila, que Kayleen havia levado para os meus pais assim que soube da situação. A minha melhor amiga não se poupou em me mandar mensagens e eu estava com receio do sermão que levaria dela.

Respondi com um *"Estou bem. Daqui a pouco falamos."* E claramente ela odiou, pois infernizou a minha subida de escadas com ligações.

Contudo, quando iria atender, ao abrir a porta, um susto apoderou-se de meus músculos.

— O que você está fazendo aqui? — questionei exaltada, batendo rapidamente a porta. — Os meus pais estão lá embaixo!

— Devo dizer boa noite? Seria falta de educação apenas aparecer.

— Não! — exclamei, me aproximando de Dante pelos rastros da noite e da Lua cheia que atravessava a janela. — Você entrou por ali?

Apontei para a janela aberta.

— Assim como uma porta, ela abre e fecha. Não sei qual é a surpresa — comentou entretido. Seu olhar passeava pelos cantos do meu quarto, investigando e compreendendo o tom da minha parede, as molduras de fotos e bonecos pendurados ao seu lado, assim como a organização excepcional das minhas roupas e a papelaria da escola. — O seu quarto é a sua cara.

— Dante... Você gritou comigo hoje. Disse que não queria ser meu amigo. O que está fazendo aqui?

Franzi os meus lábios, o encarando sentar na minha cama, de frente para mim, os braços apoiados em suas pernas ligeiramente afastadas.

Seus orbes escuros criaram uma centelha de brilho nas pupilas, piscando intensamente como se dissesse algo em código morse. Como se pedisse para que eu compartilhasse um pouco do que ele estava sentindo.

— Fiquei preocupado.

— Já estou bem. Os meus pais cuidaram de mim. Eles são médicos.

Dante bateu na sua perna.

— Venha cá, Gray.

Não cedi.

A falta de ar que havia encolhido minha garganta ainda estava presente, e eu me lembrava do pânico quando a voz profunda de Dante ecoava novamente.

— Você gritou comigo — relembrei.

— Eu sei.

— Você disse coisas feias sobre mim.

— Eu sei.

— Então, o que está fazendo aqui?

— Conferindo se você está respirando — declarou, dando um chute grande em meu peito. — E pedindo perdão. Fui cruel com você. Não merecia nenhuma palavra que eu disse. Eu estou... É estranho para mim saber que existe alguém que vê algo em cada parte distorcida de mim. Não sou um garoto bom. Nunca fui. Nasci quebrado e vou morrer assim. Não quero tirar o que você conhece de belo nesse mundo, Gray. Eu tenho medo de fazer isso com você.

Um estremecimento ligeiramente agradável devorou minha alma.

Ela foi tocada de algum jeito, sem ao certo saber o que as palavras de Dante queriam dizer.

Ele sentia muito. Ele parecia ter vivido muito. Ele usava palavras tristes.

Dante Faulkner era um homem numa criança de quinze anos.

E eu entendi que éramos tão diferentes. Dois polos que evitavam-se colidir, porém era inevitável. Já estávamos destinados a uma explosão. Era errado. Uma ação que se assemelhava em beber veneno, por mais doce e viciante que fosse. Em algum momento, me destruiria internamente com sequelas irreversíveis.

No futuro, teríamos vidas separadas. Eu e ele seguiríamos caminhos distantes. Teria que ser. Mas, naquele instante, eu queria juntar cada pecinha que ele dizia estar quebrada.

— Eu ainda quero ser sua amiga, apesar de tudo... — confessei. — Mas não pode fazer o que fez hoje novamente, senão eu vou gritar com você também!

Faulkner tornou a bater na sua perna, e dessa vez eu fui.

Suas mãos frias pousaram no meu rosto.

— Da próxima vez, me bata. Com força.

Aquiesci.

— Eu vou. Irei quebrar você.

Um sorriso carinhoso surgiu em seus lábios e seu nariz roçou no meu.

Meu coração aqueceu, e o oxigênio que eu sentia falta horas atrás era combustível para o fogo que surgiu dentro de mim.

— Posso ficar aqui durante um tempo? — ele perguntou.

— O que você quer fazer?

— Não sei... O que você quer?

Dei uma olhada para os cantos e, quando me decidi, segui até ao armário e tirei de lá o violino. Dante oscilou entre o instrumento e eu.

— Quer que eu toque? — indagou curioso.

— Enquanto eu leio pra você. Precisamos terminar *Romeo e Juliet*.

Ofereci o instrumento e ele o tomou com carinho.

— Por quanto tempo você ficou pensando nisso?

— Desde que te ouvi tocar. Você é bom. Shakespeare ficaria orgulhoso.

Dante deu uma gargalhada alta.

— Certo. Eu toco.

— Obrigada — murmurei, deitando-me na cama de barriga para baixo, sem me importar que não tinha tomado uma ducha e tinha as roupas sujas.

Dante sentou-se de pernas cruzadas, fechou os seus olhos e posicionou o violino devidamente, se ajeitando para começar.

— Antes de tudo — eu interrompi. —, queria saber uma coisa.

— Diz.

— Você está feliz em ter sido adotado?

Vislumbrei a veia pulsando no pescoço de Dante. Não sabia se ele havia ficado chateado com a pergunta ou estava pensando. Até que as cordas começaram a soar e o som angelical do violino amoleceu os meus tímpanos.

— Daqui a dez anos, me pergunte novamente.

Não entendi muito bem o que ele quis dizer, mas guardei a resposta em alguma caixa da minha mente e abri a página onde tínhamos ficado.

Dante foi tocando, enquanto eu lia.

Ele depois se cansou e decidiu deitar-se ao meu lado. Então, lemos colados um no outro, enquanto ele escrevia na minha pele o que quer que estivesse na sua mente.

Foi uma das melhores memórias que criei dele.

11

Emilia Gray

rapshody

há quatro anos

Eu estava puta.

Um sentimento corrosivo estava sendo alimentado a cada instante que decaía naquele grupo. Eu fingia estar bem, olhando para as flores e plantas que o nosso professor relatava à medida que passeávamos pelo jardim botânico, no entanto, por dentro, queria queimar todo o ser vivo existente.

Devia estar animada. Eu amava biologia, porém, não se equiparava ao ódio em ver Dante com outras garotas. Eram umas cinco ao redor dele e de Cole, como se fossem os novos membros de uma *boyband* famosa.

Iria fazer três anos desde o dia que Dante começou a frequentar a nossa escola. Nós combinamos em não parecer que nos conhecíamos, portanto, os únicos momentos que eu poderia estar com ele era na biblioteca

da cidade, na minha casa de madrugada ou, como aconteceu uns cinco dias, visitar o laboratório — mas nunca entrando novamente naquele porão.

Era um acordo que tínhamos elaborado em silêncio, sem qualquer pretexto, e eu concordava sem discussões. Éramos desconhecidos na escola e amigos à noite. A verdade era que nada disso beneficiava Dante, e sim exclusivamente a mim. A minha reputação se mantinha quando os meus pais e metade da cidade retrógrada e que enojava Faulkner não sabiam que eu e ele tínhamos uma ligação.

A escola tremeu quando Dante apareceu pela primeira vez. E a segunda. Terceira. Quarta. Mas depois de um ano, os estudantes se habituaram em ter um dito cujo assassino comendo no mesmo refeitório e fazendo as mesmas provas que eles.

Então, de repente, ele tornou-se um garoto comumente popular.

Todos o conheciam, queriam estar com ele, porque o mistério que ele carregava sem dizer poucas palavras e se mantendo no seu mundo era atraente. Estranho. Perigoso. Acontece que Dante estava muito bem definido com os mesmos dois amigos: Jaxon e Cole. Asher e Vance só não davam mais charme ao trio porque ambos frequentavam uma escola privada na outra ponta da cidade.

Claro que eu também fazia parte do pacote — para Faulkner, e não os seus amigos, especialmente Cole que me via como um rato fácil de pisar —, mas ninguém sabia. Nunca me irritei por esse motivo, mas agora estava a um passo de gritar ao mundo que eu era a única que sabia que Dante tocava violino, que há três anos não sabia ler nem escrever, mas agora gosta de criar as suas próprias versões dos contos de Shakespeare.

E eu lia, decorava e amava cada maldita linha.

Ele escrevia exclusivamente para mim.

Era eu que sabia qual o seu sorvete favorito e como ele odiava cenouras e batatas, além de não se comprometer em ter um celular. Dante repudiava a tecnologia. Era o meu quarto que era invadido por ele, no meio da noite, para conversar comigo em silêncio, tocar peças difíceis no violino para me embalar até o dia seguinte.

Eu era a única que sabia que os dedos de Dante estavam manchados de sangue, mas, ainda assim, eu gostava de cada pedacinho do seu corpo.

Isso sacudiu a batida do meu coração.

Queria vomitar para cima dos tênis dele.

Babaca.

— Emília, você quer comentar alguma coisa? — o professor de Biologia perguntou.

Bloqueei, encarando o lado que era ocupado por Kayleen.

Ela deu de ombros.

— Está tudo bem, professor — respondi.

Ele assentiu.

— Estão liberados para o almoço. Daqui a uma hora, voltamos.

Um suspiro conjunto se instalou. Metade das pessoas foram para um lado do parque e a outra ainda quis continuar na estufa. Kayleen me puxou para o parque.

— O que está se passando com você, hoje? Você estava falando sozinha. Murmurando coisas.

— É fome.

A minha melhor amiga encontrou um banco vazio, onde colamos as nossas bundas e abrimos a lancheira para tirar os nossos almoços.

— Não vejo a hora de voltar para casa. Estou tão cansada dessa merda.

Cullbert iniciou um monólogo sobre como precisava treinar para as próximas competições de ginástica e estudar matemática ao mesmo tempo, porém eu tinha o meu foco preso em Dante e no seu grupinho irritante.

Meu estômago revirou assim que uma das garotinhas enlaçou no seu braço.

— Vocês souberam a última? — Daniel apareceu animado.

— Qual é? — Kayleen questionou de volta.

Daniel começou a pertencer mais às nossas vidas. Eu não desgostava dele, pois gostava da maioria dos boatos que ele transportava, mas cada dia era mais óbvio a pequena paixão que tinha por Cullbert. E mais óbvio ainda como ela não se importava.

— O professor estava flertando com a Sr. Hermoth.

— A professora de matemática?

Eu me volvei para eles.

Daniel animou-se.

— Ela não é casada? — indaguei.

— Exato! Ele gosta de casadas. Quem diria.

Dei uma risadinha.

— Às vezes é pela adrenalina — Kayleen completou.

— A adrenalina de querer alguém comprometido? — Minha testa se franziu confusa.

— A adrenalina de querer algo que você não pode ter. A ambição faz dessas coisas — Daniel sugeriu.

Suspirei, sem entender muito bem o motivo da ânsia arranhando meu estômago, tornando a vaguear os meus olhos pelo parque enquanto mastigava finalmente um pouco do meu almoço.

Mas foi naquele instante que fui pega por ele.

Dante.

Ele tinha me encontrado. Me examinando. Dissecando cada estremecida dos meus átomos.

As minhas moléculas vibraram, procurando por oxigênio em alguma parte, exceto na atmosfera pesada que ergueu somente entre mim e ele.

Seus olhos escuros cumprimentaram minha alma, sem se importarem que ele tinha uma garota apalpando seu peito, e eu ignorando a diversão de Daniel e Kayleen.

No entanto, no momento que quis curvar os meus lábios em um sorriso simpático, Dante desviou, olhando para baixo e recebendo da garota um cigarro.

Ah, não.

— Já volto.

Não dou tempo dos meus amigos perguntarem o motivo da minha súbita reação, pois já estava me dirigindo para o grupo.

O cheiro de tabaco começou a comprometer o meu olfato e os meus brônquios asmáticos mandavam alertas. Claramente eu vivia o meu tipo de perigo.

Coloquei-me no campo de visão deles, sem adentrar no grupo, recebendo olhares estranhos das cinco garotas, um estreitamento raivoso de Cole, um divertimento de Jaxon, e *nada* de Dante. Sua expressão estoica, com o movimento do fumo saindo de sua boca era a única avaliação que tinha dele.

— Olá, pessoas. Olá, Dante Faulkner. Sou a Emília Gray. Sou da sala ao lado, sabe? Preciso falar com você. É importante.

Nenhum deles respondeu, apesar das dúvidas. Esperavam por uma reação de Faulkner.

— Estou ocupado. Acho que dá para ver — respondeu seco.

Uma risadinha feminina formou um buraco para eu esconder a minha vergonha. *Ele estava me humilhando?*

Odiei a sensação de ter Dante me chutando, embora eu soubesse que interagir com ele era contra os nossos termos e leis.

— A única coisa que estou vendo você fazer é respirar, e nem isso parece estar fazendo direito — disparei, dando dicas daquele maldito cigarro nas suas mãos.

Jaxon disparou uma risada barulhenta. Ele era o único que gostava um pouco da minha companhia. Ele não era desprezível, nem mal-educado. Muito menos perverso como Asher poderia ser quando abria a sua boca bem humorada.

Já Cole não gostava nem um pouco, claro. Eu poderia supor que ele tinha uma pequena paixão por Dante, se não fosse entender mais tarde o seu sentido de lealdade.

— Se é algo tão importante, pode dizer. Não escondo segredos de ninguém — ele provocou, tragando mais um pouco do cigarro.

— Não aqui.

— Por quê?

Olhei para os lados, pregando os dedos no tecido. Seus orbes estavam cavando por alguma coisa dentro de mim, mas eu não estava dando espaço e nem iria.

— Fale, Emília Gray, ou vão achar que você está apaixonada por mim.

Quê?

O foco de todos aqueles que ainda estavam nos ignorando tornou-se um. A escola inteira alojada na estufa decidiu assistir à pequena cena entre mim e Dante.

Meus ossos estremeceram, a vergonha se enraizando em cada fibra do meu ser. Não gostei nem um pouco de experimentar essa sensação.

— Quem você pensa que é? — uma das garotas perguntou. — Vai embora.

— Se atreva a falar assim com ela novamente e eu esmago você.

— Eu sou uma mulher — ela resmungou. — Você não pode me ameaçar.

— Não a minha. Então, cale se quer continuar a ter uma língua para falar.

A atmosfera gelou depois do que Dante tinha dito para a garota. A tranquilidade com que ele continuou fumando e a facilidade com que ele humilhava era admirável.

Dante estava me defendendo, na frente de todos. O que era questionável.

— Eu vou embora — decidi. — E tire isso da boca. Você vai morrer.

No mesmo instante, Faulkner desperdiçou o cigarro, esmagando com a pontinha dos pés. Os seus passos encurtaram a nossa distância e a plateia entendeu que estávamos chegando ao ápice da peça.

— Você está se candidatando a ocupar a minha boca? Seus lábios parecem ser mais viciantes.

Oh, Deus.

O que ele estava dizendo? Eles se conheciam? Ele estava puto com ela. Emília se ferrou.

Eles não escutavam o que Dante dizia para mim, o que facilitava o meu desembaraço daquela situação.

— Sai fora que eu não quero o seu câncer.

Ele se aproximou um pouco mais.

— A não ser que você se torne uma célula maligna dentro de mim, estou safo. Não se preocupe.

— Você está me chamando de doença?

— Estou sugerindo sobre o seu lado tóxico e pegajoso. Essas garras que você está mostrando desde cedo estão visíveis, *pulchra*. Não precisa marcar território. Sou seu há três anos.

Bum.

Era o som crepitante do meu coração, enchendo-se de sangue e *muita adrenalina*.

Seus passos cessaram e nossos corpos estavam separados somente por uma camada de ar e as nossas roupas de verão.

Sua altura não era tão diferente da minha. Ambos éramos altos. Ainda assim, ele parecia ser maior do que eu.

— Babaca.

— O seu favorito.

E ele debruçou-se sobre mim, levando seus dentes por uma terminação nervosa muito particular: a minha orelha.

Dante. Mordeu. A. Minha. Orelha.

Meu rosto criou novos tons de vermelho. Velozes e descompensados, os batimentos do meu peito eram uma melodia agressiva, mas ainda assim, gostosa de se ouvir.

— O que se passa? — perguntei, ainda envergonhada.

— Estou considerando se vale a pena levar um tapa seu se eu te beijar na frente daquele filho da puta.

Me beijar? Meu peito saltou. Um estado eufórico recheou minhas veias

— Quem?

— Daniel.

Dante não gostava que eu me desse com Daniel. Era enervante porque eu e ele éramos amigos. Talvez ele não gostasse que estivéssemos cada vez mais próximos por causa da paixão que ele tinha pela Kayleen.

— Eu... — gaguejei. — Talvez, eu...

— Não estou falando sério, *pulchra* — ele murmurou, deixando os rastros da pressão dos seus dentes no lóbulo.

Fiquei estagnada, observando-o voltar para os seus amigos. Pelas questões murmuradas pela plateia, tinham assumido que ele havia me ameaçado e eu estava aterrorizada.

A verdade é que aquilo tinha sido uma ameaça.

Mas ao meu coração.

Bati com o pé, retornando para os meus amigos. Kayleen e Daniel estavam tão abismados quanto eu, mas a sua vontade de conversar era infinitamente maior.

— Por que você foi falar com ele? — Cullbert questionou.

Eu abanei a cabeça.

— Vamos voltar para a estufa. Preciso ver flores e saber o final do boato dos professores.

— Nem pense em escapar de mim — Kayleen exclamou. — Eu falei para você não se aproximar daquele cara. Ele é perigoso.

— Concorde — Daniel sabiamente acrescentou.

Virei-me para os dois.

— Ele não me fez nada. Estou inteira. Viram?

— Então porque você foi até lá?

Porque tive um ataque desnecessário de raiva ao vê-lo com outras pessoas.

— Coisas da escola.

— Mente para mim novamente e eu enfio a planta carnívora na sua bunda — Kayleen ameaçou, aterrorizando Daniel ao nosso lado. Mantive a minha postura. A minha melhor amiga era uma das poucas pessoas que eu tinha certeza de que nunca me faria mal. — Você tem que se proteger, viu?

— Ele não é um dragão.

— Mas é bem capaz de se transformar em um — concluiu, me puxando novamente.

Tornei a olhar para trás, vasculhando por Dante. Meu peito desmanchou-se ao vê-lo com os seus olhos obscuros repousados em mim. Eu não consegui carregar o contacto visual por muito tempo, mas a sua intensidade espalhou-se pelo meu sangue de forma rápida. Assim como estava fazendo há três anos.



Cheguei em casa cansada. Fiquei brincando com Shakespeare. Já tinha dado um nome para ele e eu achava que combinava com a inteligência do meu animalzinho favorito.

Precisava estudar, treinar para a competição da orquestra escolar que teria na semana seguinte. Meus pais estavam ocupados no hospital, como sempre. Nos últimos meses, eles estavam me puxando para passar os dias com eles lá no serviço. Sabia que era um truque barato de me convencerem a ser médica também. A verdade era que os meus planos eram outros, e não consistiam em passar tanto tempo fora de casa porque precisaria de administrar um hospital e salvar pessoas.

A minha mente era deturpada pelo senso de proteção quando me lembrava do dia que tinha visto seis corpos e não me importado com

nenhum deles, além do garoto que provavelmente trazia aquele caos consigo.

Eu ainda acreditava na parte que ele não tinha sequer um dedo naquilo, e que possivelmente era sobre algo muito maior. No entanto, toda vez que eu esperava Faulkner desmentir, ele trazia o abismo consigo e deixava claro que não era mentira. Nada do que ele mostrava sobre si era mentira.

Eu preferia aceitar a sua parte bondosa.

O vidro tremeu no instante em que coloquei a última peça do meu pijama.

Três batidas.

Um sorriso cresceu em meus lábios e corri até a janela, abrindo-a. Dante já estava pendurado, esperando para entrar.

Ele também tinha acabado de tomar banho. Seus cabelos deixavam gotas pela camisa branca de mangas longas. Eu admirava como, a cada dia, Dante ficava mais bonito. Mais charmoso. Mais interessante.

Até a sua respiração tornou-se algo que valia a pena admirar.

— Boa noite, Emília Gray da sala ao lado.

A lembrança veio a capote.

— Você é um idiota.

— E você uma leoa quando está com ciúmes.

— Eu não estava com ciúmes — falei, continuando a secar os meus cachos com a toalha.

— Claro que não, pequena.

Dante saltou para a minha cama de costas, logo depois de pousar uma pequena caixa na minha cabeceira. O mesmo pegou no livro que estava na minha cabeceira. Era Hamlet. Dante já tinha lido, algo que me deixou profundamente irritada porque nós partilhávamos os dias de leituras juntos, mas ele não se importava de reler comigo.

— Mas então... Você gosta de uma das garotas? — indaguei.

— Que garotas?

— Aquelas que estavam com você, Cole e Jaxon.

— Não lembro. Eram suas amigas?

— Eu achava que eram suas amigas — comentei, curiosa. A sua indiferença estava me fazendo feliz, dando espaço para que eu tornasse a

me aproximar dele.

— Não se faça de sonsa, Gray. Você é a única amiga que eu tenho. A única chata, por sinal.

Borboletas voaram no meu estômago, enchendo meu peito de algo muito, muito bom.

— O que você está achando? — Dante perguntou, encarando o livro.

Eu me disperso dos meus pensamentos.

— Não sei. É estranho. O Fantasma é meio bobo.

— Eu acho que são os demônios de Hamlet — ele pronunciou. — Quando o pai morreu, sua mente deturpada ocupou o lugar da sua lógica.

— Você acha que ele era louco? Ele diz que se finge de louco — indaguei, incerta.

— As pessoas fingem o que são para não enfrentarem a sua realidade. — Dante sentou-se, fechando o livro. — Mas não. Eu não o acho louco. Ele é consciente dos seus atos.

— Ele é vingativo.

— A vingança é o primeiro passo para a loucura. Mas Hamlet deixa claro durante toda a obra que ele está lutando para seguir o que esperam dele e o que ele espera de si. Ele batalha por isso até morrer e entender que nada valeu a pena. Que não existe nada daquilo que era capaz de imaginar.

Observei Dante com atenção, seu olhar pregado à capa com as letras desenhando o título *A tragédia de Hamlet*.

Ele tinha os seus braços apoiados nos joelhos dobrados na cama, o deixando terrivelmente bonito, com todos os seus átomos misteriosos e caos glorioso.

— *O resto é silêncio* — disse, retirando um sorriso amigável de Dante. Ele gostava quando eu transcrevia frases de Shakespeare. Havia algo que o trazia satisfação nisso. — Eu ainda acredito mais que o fantasma era real.

— Você é preguiçosa para interpretar textos.

— Eu apenas acredito numa versão menos elaborada. *Ser ou não ser?* Não é exatamente isso que ele diz.

Faulkner soltou uma risadinha frouxa.

— Venha cá.

Ele sempre me pedia com carinho para se aproximar. Era um tipo de pedido íntimo que apenas nós dois compartilhávamos.

Eu fui, me posicionando de frente para ele. Com o dedo, Dante instruiu que eu virasse e me sentasse. Ele foi rápido em pegar no meu laço, raspando seus dedos pelos meus cachos com delicadeza. Então, ele prendeu com carinho, como sempre fazia quando vinha ao meu quarto.

Apesar de nunca termos conversado sobre o assunto, Faulkner via algo de terapêutico prender o meu cabelo volumoso e eu descobria um pequeno pedaço do paraíso, que era ter parte de mim adorada por ele.

Era o lado carinhoso que ninguém via. O Dante obscuro e deturpado que todos esperavam que ele fosse era, na verdade, cuidadoso e extremamente sensível com as pessoas.

Ou, talvez, apenas comigo.

— Dante, você não deveria fumar — comecei por dizer.

— Não é nada demais — respondeu, terminando o coque. Quando se separou, pegou na minha mão e traçou frases nela.

Ele tinha esse hábito de ficar transcrevendo o que lia na minha pele como se decorasse através disso. Eu deixava. Gostava de ser um dos rascunhos da sua mente.

— Eu vou me encontrar com a morte de algum jeito — continuou.

— Você está acelerando o processo — repliquei brava com a sua piada de mau gosto.

— É tão fácil assim? Espero que ela me pegue amanhã — zombou, ainda entretido em escrever na minha pele.

A morte, que sugou-lhe o me dos lábios, ainda não conquistou a sua beleza.

— Não brinque! — exclamei, apesar de interrogativa sobre o que ele transcrevia na minha pele, recitando a parte mais triste de *Romeo e Juliet*.

— Calma, Gray. — Sua mão calorosa enlaça o meu pulso e arremessa-me para perto do seu colo. — Eu vou depois de você.

Fingi normalidade com o seu rosto tão próximo ao meu.

— Eu vou morrer velha — retorqui, tentando evitar a voz trêmula.

— Então, eu também.

— Vou morrer velha sem fumar.

Ele foi rápido em pegar o maço de cigarros na mão e atirar para fora da janela.

— Contente?

Dou um meio sorriso divertido.

— Muito.

Dante não deu espaço para mais conversa, pois seus olhos bateram no relógio que tinha no pulso e levantou-se, pegando na caixinha.

— O que é?

Antes que eu pudesse fechar a minha boca, a escuridão inundou a área. A luz do quarto evaporou, assim como os postes de iluminação que davam cor às ruas do bairro em plena meia-noite deixaram de realizar a sua função.

— É um apagão? — perguntei, alcançando a janela e colocando a cabeça para fora. Não havia nenhum grão de luz além das estrelas no céu.
— Dante, meu Deus. O que...

Eu me virei, minhas pupilas dilatando pela vela acesa num pequeno bolo. Dante estava com uma das mãos nos bolsos e a outra ocupada com o que parecia ser um bolo de aniversário.

Aniversário.

Oh, Meu Deus.

— Eu faço aniversário.

Ele sorriu minimamente.

— Não me diga.

Ele encolheu os centímetros que nos separavam, a luz do bolo cada vez mais presente e trazendo o ar quente no meu rosto. Os meus pulmões expulsavam toda a energia que estava sentindo. Que meu corpo estava reagindo.

— Você se lembrou.

— Claro que me lembrei. Não sou você.

Dei uma mínima risada, ainda encarando a vela iluminando seu rosto contornado, as faces de um homem que estava crescendo com todas suas partes sombrias e belas.

— Você fez esse bolo?

— Tentei.

— Você nunca tinha feito um bolo?

— Há uma primeira vez para tudo — brincou.

Era tão estranho o silêncio que havia entre nós. Havia somente duas pessoas que se encaravam, ao redor de um fogo intenso, das estrelas miudinhas caídas do céu e do vazio da cidade sem iluminação.

— Foi você... Como?

— Contatos. É bom ser adotado por um policial.

Jesus.

— Você não precisava ter feito isso.

— Eu achava que quem escolhia o presente era quem oferecia e não quem vai receber.

Dante pegou na minha mão e levou-me para sentar na beira da cama. Ele se curvou, de modo a ficar na mesma altura que eu, mas ainda de frente. O bolo não saía de nenhum jeito da nossa linha de contato.

— Somos a única luz da cidade — comentei, ainda abismada.

— Você é.

Era isso.

Ninguém poderia ser capaz de me dizer que esse garoto carregava crueldade dentro de si. Dante era bom. Muito bom.

— Pede um desejo — pediu. — E eu os faço tornarem realidade.

Fechei os meus olhos e deixei o desejo fluir.

Eu desejei muito. Por mim e por ele.

— O bolo cheira bem — comentei, assim que abri os olhos.

Surpreendi-me com a visão de Dante carregada de fogo.

Corei.

Ele encarava-me com muito mais do que eu poderia oferecer para ele, naquele momento. Embora eu quisesse.

Parte de mim estava querendo muito de Dante, de uma forma que era impossível transcrever em palavras comuns. Eu desejava a distorção e os tormentos que ele dizia ter.

Como distração, coloquei meu dedo no bolo e lambi.

— Muito bom. Vou buscar garfos lá em baixo para nós.

Ele assentiu, pondo-se de pé e pousando o bolo na mesinha de cabeceira.

— Eu espero aqui.

Levantei, com as pernas tremendo pela sensação fulminante que atingia os meus ossos.

Eu nunca reagia daquela maneira na sua presença, porém, naquele dia, a fortaleza que havia criado para enclausurar os meus sentimentos, estavam se desmoronando.

Então, virei-me para o meu melhor amigo que tinha tornado a pegar o livro.

Meu coração não aguentou.

— Você acha que todos nós somos como Hamlet?

— Depende do que você esteja falando sobre ele.

— Demônios e lunáticos.... Se todos nós somos um pouco assim.

Ele não pensou muito para me responder.

— Sim. Mas eu não acredito que você tenha demônios, Gray. Acredito que sua alma tenha nascido de anjos.

Aquilo doeu.

Por alguma razão, doeu.

— Então, eu... — Engoli em seco nervosa mesmo que ele nem sequer estivesse me olhando. — Então, meus anjos protegem os seus demônios, Dante. Eles fazem isso.

Meu melhor amigo subiu o seu olhar para mim.

Ele pareceu tão surpreso quanto eu, consciente do que tinha acabado de dizer. De como aquilo soava e o seu significado implícito.

Por fim, ele reagiu com um mínimo suspiro.

— Eu ia dizer que você também não é lunática, mas você foi mais rápida em me provar que estou errado — zombou, no entanto, seu semblante ficou sério. — Não diga isso novamente.

— Por quê?

— Porque eu acredito.

O formigamento que se alastrou pela minha coluna era estranhamente bom.

Seus olhos pareciam falar mais do que o que ele tinha dito, e eu me guardei mais a sua imagem do que as suas palavras.

— Está bem.

Foi tudo o que eu fui capaz de dizer quando percebi do ar faltando e a minha falta de capacidade em aguentar mais um segundo sequer naquele

quarto com Dante.

O que estava acontecendo?

— Emília — ele chamou, porém não tive coragem de virar. — *O amor não prospera em corações que se amedrontam com sombras.*

Engoli a saliva acumulada.

Era uma rejeição.

Dante estava me rejeitando, no entanto, eu iria fingir que não. Iria agir como se fosse algo comum.

— É. Eu sei. Obrigada pelo aviso, William Shakespeare — brinquei, saindo do quarto.

Corri para cozinha para pegar os garfos e subir, porém, ao retornar Dante tinha me deixado com a janela aberta, o livro fechado na cama e o bolo inteiro a ser comido.

E, claro, a luz tinha voltado.

12

Dante Faulkner

missa brevis

O cheiro de sangue era costumeiro para mim.

As paredes do mundo eram feitas de cadáveres e decoradas pelos gritos alheios.

Os pesadelos daqueles que eu tinha matado eram os meus mais puros sonhos. Eu dormia sabendo que tinha acabado com famílias, destruído o futuro de crianças e agido como um Deus quando era mais um laçao do inferno que era a vida. Mas eu estava consciente e meus ombros se encontravam leves. Não havia arrependimento algum que cruzasse a minha espinha.

Ninguém sabia o que eu tinha passado. Ninguém sabia como eu era apenas um garoto de treze anos que foi obrigado a virar um homem. A enxergar o mundo com os olhos de um faminto. De um pedinte por vingança.

Tanto eu e os caras compartilhávamos uma dor que fazia do caos a nossa melhor companhia.

A raiva é um veneno que bebemos esperando que os outros morram.

Shakespeare era um escritor patético. Mas a sua filosofia era um combustível para qualquer mente conturbada. Inclusive a minha.

Emília nunca compreenderia o peso que tinha colocado nas minhas mãos naquele dia. Como ela tinha me feito encontrar algo que desse sentido à minha vingança.

O filho da mãe era tão ruim, dissimulado e perturbador quanto eu. No entanto, ele não matava nem torturava suas vítimas. Ele alcançava isso com os seus personagens. Sua mente distribuía em fantoches literários que possuíam várias partes de si.

Eu me distribuía em um único objetivo: acabar com a Fábrica.

Morreria tentando e faria com que cada pessoa que estivesse nesse jogo comigo lutasse com a sua vida e a alma.

Mas não ela.

Emília não poderia cruzar esse caminho.

Ela era o único arrependimento que acabava comigo. Ela era o verdadeiro significado de desastre na minha vida. Tudo nela abalou com os meus planos. Quase tinha desistido de viver por ela. Porque eu sabia que traria os mais temidos pesadelos para a sua vida. Eu não era quem a protegeria. Eu era o problema que ela deveria temer.

Apesar de tudo, desde pequena, Emília foi capaz de me fazer achar que eu poderia ser bom. Que eu poderia ser capaz de amar. Que eu poderia ser capaz de dar-lhe o mundo e mil motivos para sorrir.

Eu queria ter sido o homem que ela precisava. Mas eu fui o homem que trouxe o pior de si. E não havia nada que eu pudesse fazer para remediar.

Joguei a minha cabeça para trás, sacudindo os meus cabelos, tentando retomar ao meu foco.

Eu tinha um vagabundo para arrancar informações.

— Onde estávamos? — indaguei retoricamente, levantando a minha face manchada de sangue.

— Eu já disse que não sei de nada.

O homenzinho pregado à parede espremeu as palavras.

Nós não dávamos conforto às nossas vítimas. Não havia cadeira. Não tinham direito a um banquinho para poderem gozar a sua bunda. Eles

eram tratados como animais. Colocados em jaulas. Jogados como se fossem moldados por lixo.

Na verdade, os animais eram melhor tratados por nós. Rachel era mimada e protegida pra cacete.

— Já ouvi essa frase tantas vezes que eu vou fazer um acordo com você — repliquei. — Inove. Faça questão de usar palavras diferentes, um discurso mais interessante.

— Eu juro! — gritou, o choro perturbando a porra dos meus ouvidos. Ele parecia uma donzela em apuros, merda. — Eu tenho uma família... Por favor. Eles precisam de mim.

— Precisam? — perguntei, em um levantar de sobrancelhas. — Não me lembro de ver essa preocupação quando você sorria para as crianças que eram leiloadas e tiradas da sua inocência, à frente dos seus olhos enquanto aumentava sua pança.

— Por favor... Prometo que ajudarei em tudo. Vou dar todos os nomes que precisa.

Ele estava se humilhando e eu estava ficando entediado.

— Não quero nomes. Quero uma única coisa. Quem foi que organizou a última entrega?

— O que eu terei em troca?

Quis gargalhar.

Rodei a faca na minha mão e sorri desgraçadamente.

— Mais segundos de vida, talvez. Até eu anotar o endereço, chamar meus camaradas, beber um chá e escovar os dentes da minha cadela depois de comer sua perna, você pode ter o prazer de desfrutar um pouco mais do lugar onde o seu cadáver vai apodrecer.

Seu choro estava ficando insuportável. Nem Beethoven seria capaz de criar uma boa melodia a partir do guinchar medroso do homem.

Precisava apressar a tarefa. Tinha outras coisas para fazer. Assuntos que exigiam muito mais do que limpar o ranho de um criminoso que valia centavos.

— Eu só quero o endereço e prometo que os seus amigos ficarão a salvo. Não é um bom acordo?

Minha palavra não tinha valor. Ela era um tipo de Judas. Emília que o dissesse.

— Você arrancou os olhos dos meus colegas e esmagou na minha frente, porra!

— Apenas isso? Estava muito carinhoso nesse dia — lamentei.

— Você vai pagar por tudo!

Suas palavras escalaram o meu cérebro e trouxeram à tona emoções violentas. Saí da cadeira onde estava descontraído, seguindo para aquele vagabundo de maneira lenta, deixando que ele sentisse o arrependimento do que dissera bater em seu peito.

Pude ver como sua respiração ficou rarefeita, esganiçando sua traqueia como um pato se afogando.

— Pagar pelo quê, hã? — cuspi e o filho da puta tremeu. — Faça o que estou te pedindo. É simples. Estou te dando duas opções de fácil compreensão: me dê o que eu quero e ganhe algum conforto extra. Não seja idiota em escolher a errada. A morte pode ser um alívio, mas chegar até ela é um caminho longo... — O som da carne abrindo e do seu rosto mudando para uma cor sangrenta deleitou a minha visão. — *Muito longo.*

Minha faca cruzou o seu abdômen descoberto. Sua pele rasgou letárgicamente, o sangue fluindo como uma rega de plantas. Sua boca se abriu em dor. O grito retumbou pelas paredes enquanto a lâmina se afundava um pouco mais na linha da sua barriga.

O cheiro fêrrico estava queimando as minhas narinas.

Até eu que tinha me habituado com o sangue, estava enjoado. Sua perna já tinha sido rasgada por Rachel, seus dedos perdidos no chão, agora era seu abdômen sendo aberto como uma incisão de um cirurgião falsificado. Ele morreria pela falta de decência e, claro, de sangue. Mas eu precisaria de qualquer pista, caso contrário, teria que caçar mais alguns e demoraria mais tempo.

— Apresse, senão sua morte vai durar uma vida.

Afundi mais a faca, perfurando sua carne. O barulho dos órgãos se contorcendo, do corpo querendo externar o objeto, mas não conseguindo era um tremor. Levei a lâmina até à sua boca, espalhando suavemente na sua língua.

O homem balançava a cabeça, gritando um não inaudível. A sua tosse veio violenta até que o vômito escorreu em turbina.

Inferno.

Afastei-me o bastante para não ficar sujo com a sua merda. Minha higiene era sagrada. Me sujar estava fora de questão.

— Asher vai limpar essa merda quando vier dos treinos — externei, descontente.

A porta foi aberta na mesma hora que retardei os meus passos.

Focalizei em Vance que entrava com a mesma expressão sisuda e falta de vocabulário de sempre.

Ele não falava. Seu mistério residia desde o sequestro. Nós nos comunicávamos pelo olhar, por sentimentos inexplicáveis, e era assim que convivíamos e protegíamos o traseiro um do outro.

Nada que fosse fora do comum.

— Onde você esteve? — questionei, limpando a faca no corpo do homem.

Suas íris não me disseram nada, mas a sua sobrancelha arqueou. Instantaneamente, ouvi um berro feminino.

— Me larguem, seus monstros! Vou acabar com vocês!

Emília.

Aquela voz irritante e esganiçada era dela.

Que porra ela tinha aprontado? Ela não sabia aproveitar a liberdade que tinha lhe dado?

Criatura teimosa do caralho. Eu teria que ensiná-la a se comportar.

Estalei o céu da boca e rumei para fora. Antes, ofereci a faca a Campbell.

— Tente tirar o máximo de informações antes que ele morra. Mas não o mate. Talvez ainda chegue a tempo para eu ser o seu fim.

Vance aceitou, como sempre o fazia.

Rumei em direção à saída que se encontrava escondida numa das paredes. Subi as escadas de dois em dois, até dar acesso à minha casa.

Os decibéis de Gray foram aumentando na escala, sua raiva escorrendo pelas paredes e necrosando os meus ouvidos. Porra, ela não tinha noção como a sua voz irritava de uma maneira indescritível.

Deparei-me com um dos capangas de Francis Torman puxando Emília pelo braço, algemada, enquanto a mesma chuta e tenta morder o cara. Recostado na parede, Torman acendia um cachimbo e se aproveitava da situação delirante.

— Que porra está acontecendo? — Aproximei-me, recebendo a atenção dos três. Emília enrugou o seu nariz, uma careta que eu gostava de ver quando estava chateada. — Solte-a.

— A sua melhor amiga procurou por mim — Torman começou por explicar, ainda fumando. — Parece que ela estava bem disposta a fazer alguns estragos.

Analisei-a.

Eu sabia que Gray poderia fazer alguma besteira, mas a ameaça de morte das pessoas que ela amava ou de si mesma pareceu não ter sido o suficiente. Ela estaria arriscando para me ver entre as grades?

A sua inocência e ingenuidade me fazia rir. *Garota burra.*

— Vocês vão pagar por tudo, seus cretinos! — gritou, procurando se desvencilhar do policial que a segurava. Ela foi capaz de acertar com o cotovelo na sua boca, o que subiu o nível de cólera do idiota a ponto de chutá-la para o chão.

Minha garganta queimou na hora.

— Já disse para soltá-la.

Ele não me escutou, pressionando seu pé contra as suas costelas, subindo para o seu pescoço.

Minha visão nublou e os instintos falaram mais rápido do que eu. O meu punho alcançou o seu queixo, rodando sua cabeça e jogando seu corpo contra as minhas estatuetas. O barulho delas se quebrando por cima do filho da mãe ressoou pelo corredor, assim como a minha raiva escalando até o topo da minha sanidade.

— Encoste um dedo nela e você vai desejar lambar sua própria merda do que morrer para mim.

— Ele desmaiou. Melhor fazer a ameaça depois que ele acordar — Torman informou, subindo um sorriso.

Ignorei os cacos quebrados, embora soubesse que teria que pagar outra fortuna para poder comprar as mesmas esculturas, e peguei na chave do bolso do cara, retirando as algemas do pulso da Emília.

Ela se levantou tão rapidamente quanto se afastou de mim.

Seus olhos não me enganavam. Ela me observava como se eu fosse uma abominação. Algo que ela nunca iria tocar, ficar perto, muito menos amar.

— Pode ir, Torman. Eu trato disso — declarei.

— Disso? — Emília indagou revoltada. — Eu não sou um objeto, Dante. Não sou a porra das pessoas que você vê como somente um alvo.

Franzi a boca.

— Cale essa boca, Gray.

— Eu gostaria muito de assistir um pouco mais dessa discussão, mas ela é um problema, Faulkner. Nós temos metas a cumprir. Alguém que saiba a identidade do Domínio não é bem-vinda a ficar nesse mundo — pronunciou. — Não consigo ver um motivo para ela saber muito mais do que eu sei.

Cocei a nuca.

Era uma regra tão clara quanto água. Qualquer um que soubesse da nossa identidade deveria morrer.

No momento que deixei Emília sair, os caras quiseram me drenar no soco. O anonimato deles, acima de tudo, era valioso. Era ouro. Tinha gente que doaria a alma ao diabo para ter o breve conhecimento de quem eram os meus aliados, quantos eram, e tantos outros mistérios que nós cativávamos.

Garanti que Emília ficaria calada por já saber como eu agia. Que ela saberia que qualquer passo em falso que eu não gostasse poderia levar à morte das pessoas que ela amava.

No entanto, Gray não tinha deixado de ser uma pirralha teimosa e burra.

— Asher fez merda. Apenas isso. Nada que não dê para resolver.

Torman não estava convencido.

— Resolver? — Seus dentes rangeram. — Eu tenho que falar agora com aqueles filhos da mãe idiotas da minha delegacia que essa garota era apenas uma mentirosa que queria dinheiro e fama para fingirem que nada aconteceu.

— Eles esquecem.

— E ela esquece? Se você quer mantê-la viva, pelo menos corte a sua língua para que não seja capaz de falar.

— Faça isso e eu arranco as suas bolas, seu filho da puta! — rangeu furiosa.

Revirei os olhos e Torman riu, se sufocando na sua nicotina.

— Ela é inútil. Não vai ajudar em nada. É só mais uma vítima. Você não salva as pessoas, lembra? Nós temos um objetivo e ela só atrapalha. Principalmente agora sabendo quem vocês são.

Escrutinei Emília que continuava me fuzilando.

Problemas.

Ela iria me trazer problemas.

— Eu estava interrogando. Preciso continuar. Ela fica até eu decidir como me livrar dela — assegurei, aspirando o ar como se fosse uma droga necessária para distrair o meu organismo.

— Se eu souber que essa garota anda importunando, eu mesmo farei o serviço que era para ter sido feito há quatro anos. Pense com a cabeça certa, porra. Suas emoções não valem de nada agora.

Seu discurso foi finalizado com uma tragada e saiu da casa.

Minha cabeça latejava com as diversas questões que eu precisava colocar um ponto final.

Ele tinha razão.

Mantê-la viva era um desperdício. Asher tinha errado no alvo, supondo que Emília poderia ser uma fonte segura e rápida para chegarmos onde queríamos. No entanto, após dois minutos de pesquisa, Jaxon soube que Emília estava vivendo uma vida miserável, vivendo por uma bolsa de estudo para jovens prodígios que não tem uma renda fixa e, adicionando aos detalhes, possuía as unhas roídas por ansiedade diagnosticada durante dois anos.

Gray era um poço de carência. E voluntariado não era a minha praia. Gostava de ajudar os pobres quando eles não tinham a boca afiada como a dela.

Ao retomar a atenção para ela, contemplei seus olhos ardendo e o início de lágrimas ondulando na borda.

— Era para eu ter sido morta também?

Maldito Torman.

Resvalei a minha mão no rosto, antes de reduzir a nossa distância, apesar dela sempre dar dois passos para trás.

— Venha comigo.

— Para você fazer o tal serviço que era para ter sido feito há quatro anos?

— Para você sentar essa bunda em algum lugar confortável.

— Ao seu lado?

— Você prefere ser caçada lá fora? — questionei, erguendo uma das sobancelhas.

Isso pareceu criar algo violento nela.

— Eu prefiro morrer que respirar o mesmo ar que você — disparou.
— Não há nada nesse mundo que seja pior do que ver você, Dante. É insuportável. Você não tem ideia.

Uma série de emoções pinicou minha pele.

— Eu tenho, Gray.

Ela balançou a cabeça, suas lágrimas sujando seu semblante. Sua expressão era uma mistura de sentimentos que eu queria acudir. Eu sempre tive o pleno conhecimento de que seria esse o estrago que deixaria na sua alma depois daquele dia, porém, o fio de esperança não foi cortado. Eu esperava que ela tivesse reparação.

— As minhas memórias sobre você me destroem. Você quebrou o meu coração.

— Que bom. — Não contive a crueldade que envolveu meu peito.
— Não quero que ofereça a mais ninguém.

Seu abalo era evidente. Eu enxergava seu peito subindo e descendo avidamente, como se os seus ossos fossem capazes de se moverem a uma expansão colossal e retornar a ponto de apertar seus pulmões.

Emília não era a única que se ressentia de algo. Ela não fazia a mínima ideia do que estava trancafiado a sete chaves dentro de mim. O que a minha alma estava condenada a ver, cheirar, sentir e aprender a suportar até ser enterrada.

As controvérsias que faziam o meu músculo cardíaco bombardear eram impiedosas. Especialmente por se tratarem dela. Porque o amor era um ato suicida. E ela era o único fodido gatilho que eu não conseguia apertar.

— Você merece o inferno — rangeu entredentes, fechando seus punhos.

— E muito mais. Mas ainda assim eu preciso que você se sente e me escute. Já não é por minha causa, e sim para sua segurança.

— Eu. Não. Tenho. Esse. Mapa — rebateu pausadamente. — Vocês estão com a pessoa errada, porra.

A raiva ascendia em capote. Não sabia por que diabos Asher tinha trancafiado Emília, supondo que ela teria o maldito mapa. Porra, eu estava

evitando criar uma guerra com o meu próprio amigo, porém ele colocou tudo em risco.

Torman já sabia que ela conhecia nossos rostos, o nosso endereço e talvez soubesse exatamente do que estávamos à procura. Se ela saísse daqui, seria caçada. Eu era o líder do Domínio e não de todas as oposições contra a Fábrica. Nós não jogávamos limpo, embora fosse por uma causa maior. Nós éramos tão sujos quanto eles.

— Se você se acalmar, talvez entenda o que está em jogo.

— E o que é?

— Nesse momento, a sua vida.

Vi sua garganta tremer.

— Isso não pode estar acontecendo.

— Está.

Suas mãos raspavam o seu rosto lentamente. Ela soltou uma lufada de ar prolongada até revirar os olhos para o teto e pronunciar:

— Preciso pensar.

Minha testa enrugou.

— Pensar sobre o quê?

— Pensar, Dante! Pensar! — gritou, como se ajudasse em alguma coisa. — Quero ir ao banheiro.

Inspirei, iniciando a caminhada até ao cômodo.

— Sozinha.

— Hã?

— Eu preciso ir sozinha — esclareceu. — Vocês me sequestram, colocam a minha vida em risco e eu não tenho direito a ir ao banheiro sozinha?

Arquejei, esforçando-me para não rir.

— Você é exaustiva. Pensa que pode comandar até mesmo quando tem a sua vida por um fio. É lamentável — soprei. — Você quer fugir.

— Para onde? O caixão? — Seu sarcasmo me irritava, merda. — Me poupe.

— Terceira porta à esquerda — expliquei. — Vou esperar na sala.

Não tirei o meu foco nela, e na sua bunda que rebolava até à porta certa. Seus cachos ainda mantinham o volume. Na verdade, estavam bem maiores e cheios que há quatro anos. Tudo nela tinha crescido, o que

dificultava o aperto no peito e acidez do meu estômago quando pensava nas coisas que ela teria feito, nos pensamentos em relação a outros caras que talvez pairassem na sua mente.

Quis esmagar o mundo inteiro assim que as divagações começaram a entrar na minha consciência, trazendo imagens que não gostaria que fossem reais.

Emília tinha prometido coisas a mim.

Ela prometeu tudo seu.

Por mais que ela me enojasse, condenasse ao inferno, eu não poderia lidar com o que eu perdi. Com o que eu não tive seu.

Os latidos de Rachel abafaram minha raiva súbita. Agachei, oferecendo um pouco da minha paz à cadela que estava bastante alegre. Aproveitei para alimentá-la e dar o carinho que ela estava pedindo.

O meu tempo se perdeu, em menos de um segundo. Não sei o que me deu para ignorar o fato de ter Emília na minha casa e ela era como uma bomba humana.

Os xingamentos mentais que tinha para aquela garota eram imensos. Até chegar no banheiro e abrir abruptamente a porta, o meu vocabulário foi crescendo.

Onde aquela diaba tinha ido?

Um berro miudinho crepitou no ar assim como o som de caixas caindo. Minha testa franziu e segui até onde os meus ouvidos me levavam. Abri a porta do escritório, vendo Emília encarando as caixas que estavam dispostas na estante caídas.

— Ups. Deixei cair.

Sua ironia estava me fazendo ficar louco. Aquela boca sempre teve cara de que me daria problemas, mas nunca pensei que fosse ser motivo para muito dos meus.

— O que você estava procurando?

— A sua porta para entrar do quarto no inferno.

Ignorei o seu sarcasmo.

— Gray, o que eu pedi para você?

— Eu não fugi — declarou. — Ou você está achando que tenho uma irmã gêmea ou algo parecido?

— Porra. Cale essa boca teimosa por um segundo.

— Ou o quê? Vai me matar? Asfixiar? Torturar?

— Vou dar uma surra de palmadas nessa bunda, Emília. E, acredite, vai gostar muito mais do que queria.

Pude escutar como sua traqueia se trancou. O corpo em tensão, cada músculo seu se encolhendo me fez pensar em diversas situações. No entanto, meu instinto pedia pelo controle, especialmente por perceber que tinha algo de errado. Algo fora do lugar.

A caixa de explosivos ainda continuava no chão. A interrogação boiava no ar. O que ela estaria tramando?

Não medi esforços em encurtar os metros que nos afastavam.

Seus orbes castanhos não cortaram o nosso contato visual, porém o seu corpo estava mais interessado em outra coisa. As suas pernas estavam tensas, quase se esmagando. As calças escuras que vestia envolviam muito bem as suas coxas. O casaco de moletom que vestia tapava a sua parte de cima, no entanto, poderia imaginar como os seus seios pequenos deveriam estar arrebitados.

— Perdeu os meus olhos, Faulkner?

— Você se acha muito engraçadinha. — Ela permaneceu imóvel e encurralada, enquanto eu reduzia cada vez mais o nosso espaço até apenas uma camada de ar nos separar. — Mas suponho que as suas piadas não disfarçam as lágrimas que só eu arranco de você, não é?

Seu semblante mudou.

— Eu não choro por você. Nunca chorei — murmurou, estarecida de raiva. — Eu choro por todas as vezes que quis amar alguma parte de você.

Nossos rostos já estavam inerentes. Seus lábios separados e a respiração rarefeita excluindo qualquer maldito oxigênio que inspirasse de mim era um pecado muito maior do que eu fazia por diversão com um canivete e duas balas.

— Isso foi para me deixar triste? Porque estou apenas entediado com essa informação. Suas lágrimas não são importantes para mim. Mas as suas ações, as suas mentiras, a porra dos seus pensamentos talvez já sejam um pouco mais interessantes de saber. Então, corte esse discurso deprimente, e me diga o que está tramando.

Seus olhos grandes eram um universo quente. Eles diziam muito mais do que eu poderia ler. Eles revelavam segredos que só nós dois

tínhamos.

Pressionei minha mão contra a beirada da mesa, onde seus quadris pressionavam.

— Não é da sua conta — soprou.

— Tudo em você sempre foi da minha conta, inclusive — Minha mão desocupada rastejou pelo seu estômago até onde eu queria. —, isso aqui.

Sua boca abriu um pouco mais, um leve gemido demorado saindo de forma que gravasse na minha memória como uma canção obsessiva.

— Já que você quer se fazer de difícil, eu tomo providências.

— Você...

— Abra as pernas para mim, *pulchra*.

— Seu cretino.

A minha coxa pressionou contra a sua de modo que ela não se movesse.

A minha mão foi até mais fundo, entrando inteiramente na sua calça. Não me importei se poderia senti-la úmida, o calor envolvendo os meus dedos com vontade de fazer bem mais do que tomar o que era meu.

— Sua ladra maldita.

O xingamento foi o suficiente para que ela desistisse de tentar fechar as pernas, e assim eu pude tirar o maço de dinheiro que ela havia descoberto no escritório.

O seu empurrão veio em seguida me fazendo conter uma gargalhada. Emília estava ofegante. Seu corpo parecia ter sido colocado em uma maratona de horas.

Seu peito subia e descia freneticamente e poderia imaginar como os seus batimentos cardíacos deveriam estar desequilibrados.

— Você achou que poderia roubar de mim? — Seu semblante torcido foi motivo para um sorrisinho mínimo reagir em meus lábios. — Está pensando em sair daqui de novo? Porque acho que não aprendeu a lição.

— Me deixe em paz.

— Espere um pouco, garota. — Ela estava se preparando para sair até que a peguei no pulso. — Do que você estava à procura? Eu sei que não foi só do meu dinheiro, então nem pense em mentir pra mim.

Suas sobrancelhas franzidas não trouxeram respostas.

— Você está muito enganado se pensa que vou me vender tão facilmente.

As minhas narinas se expandiram numa risada fraca.

— Eu não compro o que eu já tenho.

Sua expressão foi caricata, mas nada se tornou mais engraçado quando percebeu que me virei para pegar umas cordas soltas do chão, possivelmente caídas daquela caixa. Ela estava tentando procurar algo que a ajudasse a sair, especialmente com dinheiro o bastante para pegar um avião ou algo parecido.

— Você não vai me amarrar de novo! — gritou.

Mas eu estava pouco me fodendo.

Antes que ela pudesse lutar, peguei em seus membros superiores. Emília agitou-se, empurrando-me com as costas e ombros, porém seu esforço era de menos, apesar da vontade ser extremamente atraente.

— Fique quieta — ordenei.

Eu sabia que para ter uma pequena razão para mantê-la viva seria se ela não desse mais problemas. Eu era o líder, contudo as regras também eram algo que eu deveria seguir. Deixá-la respirar já era uma quebra de um juramento.

Gray não se contentava com um aperto dos seus pulsos e com um empurrão forte, conseguiu chutar a minha perna, se afastando. Peguei-a pela cintura, fazendo-a levantar e seus pés balançarem no ar como uma criança.

Virei-a para mim, contra um armário velho. No entanto, antes que abrisse a boca, meu rosto virou com um tapa forte da sua parte. Meus lábios foram sádicos em erguer um sorriso.

— Parece que temos alguém que gosta de bater.

— Você me disse que eu poderia te bater todas as vezes que me fizer ficar irritada.

— Você está irritada, hã? Eu também, Gray.

Não temi em estapear sua bunda com um estalo leve e provocativo. Sua boca se abriu em surpresa, gerando um estado de coma de breves segundos, tempo o suficiente para eu virá-la e pressionar os meus joelhos contra sua perna e vincar os seus braços.

— Se você quer continuar respirando, faça o que eu estou te pedindo. Fique quieta por alguns malditos minutos. Apenas — rumorejei

em seu ouvido.

— Você é um assassino tão benevolente... Fico encantada.

Fiz um nó em seus pulsos finos.

— O meu chão não combina com o seu sangue, Gray. Evite fazer com que suje o meu espaço.

Ela se calou, ao notar que o meu tom era sério. A minha paciência estava se esgotando, como se um copo cheio de líquido fosse esvaziado de um em um segundo.

Puxei-a novamente, colocando-a sentada no chão. Peguei na sua blusa, recebendo olhares predatórios, contudo o rasgo fez com que Emília tivesse uma crise de gritos maiores.

— O que diabos você está fazendo?

— Estou com falta de recursos — debochei, evitando sondar a sua barriga exposta e o princípio dos seus seios.

Ela estava sem roupa íntima.

Eu sabia disso porque tinha tocado entre suas pernas e não havia qualquer tecido para a proteger além das calças.

Usei o tecido rasgado para fechar os seus pés em mais outro nó.

Levantei-me, cansado, após o trabalho feito.

— Agradeça que estou te colocando sentada e confortável porque costumo ser mais criativo e prender as minhas vítimas na parede. — As suas linhas de expressão mantiveram um abalo, embora ela evitasse transparecer. — Durma, Emília.

— Eu vou matar você! — vociferou, estremecendo as sílabas entre os seus dentes.

Não comentei mais do que poderia, saindo do escritório e deixando a porta aberta, sabendo que se houver outro barulho estranho, Rachel ladraria e me avisaria.

Queria não procurar justificativas para fazer o que estava fazendo. Emília tinha que ser morta. Ela não poderia mais viver. Era um perigo. A porra de uma bomba.

Não estava evitando matá-la. Somente precisava entender o que pode estar em jogo e que mais informações ela poderia ter armazenado naquele seu cérebro.

Desci as escadas até à porão. A cada degrau pisado, escutava o eco do grito daquele homem. Já não me lembrava do seu nome, contudo sabia que era um dos transportadores da Fábrica. Ele havia trabalhado na mesma Seção que nos sequestrou, porém não foi o responsável pelo transporte. Portanto, estava relaxado em relação a ele. A sua morte não causava nada em mim.

Era só mais um experimento da minha ira.

— Você conseguiu alguma coisa? — questionei a Campbell que estava sentado no chão, a capa já retirada e as suas roupas comuns vestidas.

Ele parecia estar jogando palavras cruzadas do centésimo livro que comprou para se entreter.

Vance me fitou como se perguntasse pela minha demora em um tom provocativo. Não ousei responder. Gray estava dando mais problemas do que um alvo, e ele contava que fosse pelo que já tivemos no passado. Porém, eu já tinha deixado a nostalgia de lado. Eu sabia guardar a sete chaves e demolir com qualquer afeição à garota que ela foi no passado.

Não havia nenhum sentimento envolvido. Ela era um total vazio para mim.

Analisei o homem que espirrava sangue, tombando para a frente, como se fosse desmaiar. Contudo, a cada vez que ele se inclinava, os seus braços sangravam mais devido à pressão do arame na região. Se ele desmaiasse e caísse, os seus braços sairiam cortados.

Eu apreciava como não havia qualquer vontade de deixar as nossas vítimas confortáveis. Era uma tortura sem fim, dissecando os seus órgãos, fazendo com que a Morte chegasse lenta e se deleitasse com o cheiro do medo, a dor física, a raiva do mundo e os arrependimentos dos seus atos.

Elisabeth Kubler-Ross descreveu o luto em cinco estágios, mas e o momento pré-morte? Não havia nada mais curioso e interessante do que analisar as pessoas se desmoronando sabendo que a cada milésimo, as portas do Inferno se abriam para recebê-las.

— Por favor, me ajude — suplicou.

A sua pele cinosada, os olhos encarnados, o sangue espalhado pelas suas roupas já rasgadas e indecentes. Suas calças estavam sujas de merda. O medo criava pessoas selvagens.

— A localização e eu te ajudo — respondi.

— Eu não tenho a localização...

— Eu sei que tem. Tente pensar. Faça o esforço — rangi, me aproximando do seu corpo.

— Eu fazia o transporte com um colega. Não sei o nome, mas ele era quem estava mais próximo do nosso chefe.

— Quero uma descrição pormenorizada.

Ele tossiu, vomitando rios de sangue e talvez restos do que estavam em seu estômago.

Dei um passo para trás, expirando fundo.

— Não sei dizer — continuou, tossindo sem expectorar. — Ele era mais alto que eu. Cabelos escuros, pele branca, deveria ter mais ou menos cinquenta e sessenta anos. Sei que ele é pai. Tem alguns problemas em casa. E tem medo de você.

Ergui a sobrancelha.

— Medo de mim?

— Ele sabe que você vai caçá-lo por causa o sequestro.

Algo no meu peito crepitou.

— Ele participou? — rosnei.

Vance se ergueu, de imediato. Se antes estava entretido com a merda das suas palavras, agora tinha total foco no que aquela boca imunda e seu hálito podre externava.

— Eu não! — se defendeu. — Ele participou sem mim! Ele está há mais tempo que eu!

— Quero o nome.

— Não sei!

Campbell foi mais rápido que eu em chegar com uma faca, se colocando contra o homem e desfiando o cortante pela lateral do seu rosto. A ponta deslizava pelo canto do olho.

Vance também tinha sua paciência extravasando.

— A cada palavra errada, seu olho é perfurado. — Escondi as minhas mãos nos bolsos. — Você não vai gostar de sentir essa dor.

— Eu sei que ele é chamado Santoro! — gritou, o pavor contorcendo sua boca e o fazendo tremelicar. — Ele mora na cidade! Apenas isso que eu sei. Por favor!

Mais uma onda angustiante reverberou pelas paredes.

Engoli em seco, exausto.

Saquei a arma e disparei contra ele.

O cheiro da pólvora convidou-se para a brincadeira suja que já era aquele espaço.

Seu corpo sem vida reclinou para a frente, os braços pressionando contra o arame e lentamente gotejando mais sangue como chuva miudinha. Sua testa era um buraco de sangue. Se eu olhasse para dentro, veria o vazio que era a sua cabeça. Não tinha como homens como ele terem um cérebro. Nem uma lobotomia desligaria a burrice e desumanidade desses filhos da puta.

— O que você andou fazendo durante todo esse tempo? — indaguei a Campbell.

Ele suspirou, chacoalhando a cabeça e assobiando.

Optei por dirigir-me à sala de reunião. A área era grande, com uma mesa para nós cinco, alguns materiais de pesquisa, fotos e mapas que nos ajudavam na tarefa.

As telas que reproduziam as câmeras de cada compartimento da casa, incluindo os quartos e o banheiro, e alguns cantos estratégicos da floresta estavam dispostos numa mesa grande.

Peguei num dos computadores portáteis de Jaxon e abri, fazendo uma pesquisa breve do que captei daquele moribundo.

Santoro. Era um sobrenome que não me levava a lugar algum. Soava italiano, porém poderia ser um apelido para despistar informações reais que os comprometessem.

Não existiam tantas famílias italianas na cidade e o cara tinha deixado explícito que ele morava por essas bandas.

Jaxon era muito melhor em investigação do que eu. Não era muito bom com tecnologias e pouco me interessava. Gostava de como o meu cérebro poderia trabalhar e aglomerar, formular e teorizar de maneira mais eficiente que um dispositivo eletrônico. Então, deixava parte desse trabalho para quem era mais competente.

Ainda assim, fiquei entretido em pesquisar um pouco mais. Não cronometrei o tempo até que senti a necessidade de voltar para cima, dando uma vistoria em Emília se ela já tinha morrido ou mantinha os seus gritos ativos.

Ao alcançar o escritório, deparei-me com o *nada*.

Emília já não estava lá. Não havia qualquer sinal da sua presença, além de Rachel adormecida, onde supostamente o traseiro daquela teimosa deveria estar colado.

As cordas e o farrapo da sua blusa se encontravam ali, perdidos, roídos pelos dentes da minha cadela.

Como diabos?

Grunhi, pegando as chaves do meu carro e decidindo pegá-la antes que ela fizesse mais merda e acabasse sendo pega por outra pessoa.

Saí de casa, entrando no carro e ligando o GPS. Ela não iria muito longe. Possivelmente voltaria para sua casa para tentar buscar algumas coisas, ou algo que fosse útil. Se continuasse sendo burra, procuraria ajuda com as suas amigas ou alguém que a tivesse ajudado no passado.

A minha mente fritou.

Christian Norman.

Possivelmente ela procuraria por ele.

Dei partida, conduzindo por entre um caminho estreito da floresta, saindo pela estrada até a cidade principal.

Contudo, algo despertou um sexto sentido.

Minhas narinas expandiram, o meu senso auditivo se apurou como um animal em alerta.

Não demorou.

Antes que eu pudesse racionalizar melhor, saltei do carro. O que quer que fosse a dor que eu sentisse na colisão com a estrada não se compararia à explosão de destroços que o meu carro se tornou.

Vi-o arder em poucos segundos, assim como eu estaria se não fosse pelas minhas dúvidas. Por estar treinado com esse tipo de coisas fazia anos.

Mas vindo dela? Porra, em que momento Emília Gray teria tido tempo para armar algo assim?

Ela me queria morto. Queimado. Totalmente acabado.

Eu não sabia se ria ou levava isso como o início de uma guerra. Mas ela certamente estava mais que pronta para lutar contra mim.

13

Emilia Gray

lieberstraum

há quatro anos

Eu não encontrei com Dante depois daquele dia.

Gostaria de dizer que ele me evitava já que assim teria uma certeza que Faulkner sabia da minha presença, das minhas dúvidas em relação ao que tinha acontecido, porém a história era outra.

Dante estava me desprezando.

Era como se eu fosse uma parte da vida dele que nunca teria acontecido.

Nas primeiras semanas, ele ainda sorria para mim discretamente na escola. Ele não aparecia mais nos nossos encontros, nem inventava qualquer desculpa para o abandono, mas, ao menos, seus olhos conseguiam conversar um pouco com os meus.

Agora mudou. Dante estava me tratando como qualquer uma.

Cada linha do meu pensamento que reproduzia na minha cabeça era uma suspirada forte da minha parte. Eu elaborava planos para conseguir entender onde eu tinha errado e como consertar. Dante era alguém extremamente importante para mim, mas às vezes eu me perguntava se era recíproco. Se ele também teria anjos que defenderiam os meus demônios.

O meu raciocínio foi interrompido com o som da TV. As notícias continuavam as mesmas, mas desta vez, a vítima era outra.

— O secretário do presidente desapareceu? — perguntei confusa.

— Está voltando uma nova onda de desaparecimento nesta cidade. A segurança está falha. É necessário ter cuidado.

O meu pai estava de frente pra mim, tomando o seu café da manhã.

— Tem algo de muito errado acontecendo. Não pode ser normal — comentei.

A criminalidade na cidade estava cada dia maior. Desde o sequestro com Dante e os garotos, que as ruas eram consideradas cada vez mais perigosas.

— Sim, mas infelizmente o mundo é governado por pessoas maldosas — mamãe acrescentou.

Estávamos os três comendo juntos, na mesma mesa, o que era um milagre ou algum tipo de falha na Matrix. Os meus pais estavam mais ocupados do que os afazeres do diabo no inferno, porque além de gerirem o hospital, ainda tinham várias reuniões com os negócios da cidade.

— Não é normal, por isso tome cuidado — papai reforçou. — Não acredite em estranhos, não vá para locais escuros, muito menos fique nas ruas até tarde. Quero você em casa antes do anoitecer.

Suspirei.

— Eu sei cuidar de mim.

— Ótimo, filha. Mas a sua confiança não é suficiente para momentos como esses — sentenciou. — Já que hoje você não tem aulas, quer ir ao hospital com a gente?

Ocupei minha boca com mais um pouco do cereal, aproveitando o tempo para evitar dar mais atenção às notícias.

— Tenho que treinar para o exame de piano e para a atuação da próxima semana.

— Você não precisa treinar tanto, amor. É boa no que faz — mamãe disse, cortando o seu pão.

— Se eu fosse tão boa, já teriam me chamado para um conservatório.

— Talvez sua vocação não seja a música, filha. Você tem muitos talentos, e eu sei que um deles é que será a maior cirurgiã do país, diretora da Othello e fará parte de uma sociedade única. Vem dos seus genes — papai tentou incentivar.

— Eu amo a música e gostaria de trabalhar com ela para sempre. Não ser médica, pai. Vocês acham que eu sirvo para isso, mas a verdade é que não.

— Não diga algo assim. Até os seus professores fizeram questão de escrever uma carta de recomendação às melhores universidades assim que terminar a escola. Todos nós acreditamos em você. — Minha mãe esboçou um sorriso ameno e acariciou meu ombro. — É preciso ter foco.

Calei-me para poder encerrar o assunto. Eles tinham certeza de que a minha vocação era seguir os mesmos passos que os deles. No entanto, eu já tinha deixado claro que a Medicina não era para mim. E se alguma vez eu me candidatasse para uma faculdade de saúde, seria completamente contra a minha vontade.

Costumava conversar muito sobre essas incertezas com Dante. Ele era uma pessoa sem quaisquer objetivos para o futuro. Eu não acreditava plenamente do que saía da sua boca. Uma vaga parte dele dava a crer que Faulkner só tinha medo do futuro e do que poderia enfrentar, então preferia pensar que não o controlava e que qualquer coisa que viesse dele não carregaria sua culpa.

Era uma maneira inteligente de ver as coisas, admitia. Queria não ter que tirar tempo do meu presente para refletir sobre as consequências do que viria no dia seguinte, na próxima semana, daqui a um ano ou uma década. Mas eu precisava fazê-lo.

— Você se sente pronta para a atuação, ao menos? — Mamãe interrompeu minha mente.

Dei de ombros.

— Dentro do possível, sim.

— Você convidou mais alguém além de nós?

— A Kayleen.

Claro que também tinha convidado Dante, mas ele negou na mesma hora. Eu tinha certeza de que nem tinha terminado a pergunta.

Como era uma atuação em um teatro que estaria abarrotado de gente já que seria para comemorar alguma coisa relacionada à política da cidade, eu entendia a sua recusa. Só não gostei.

— Você tem que parar de depender da Kayleen Cullbert — meu pai começou por dizer, seu tom agressivo raspando em cada sílaba. — Na verdade, eu não consigo entender o motivo de continuar tão amiga dela.

— Pai, nós nos conhecemos desde sempre e você é amigo dos seus pais. Do que você está falando?

— Suas amizades deveriam ser outras. É uma pena que Arya foi embora. Ela era a ideal para você.

— Arya foi uma idiota comigo. Ela me humilhou.

— Erros acontecem. Tenho certeza que você nem sempre foi uma boa amiga também — cortou, ainda firme e frio, quase como um empurrão para eu me manter no meu lugar. — A culpa é minha, na verdade. A escola onde está não faz jus ao que eu queria de você. Inclusive depois de deixarem entrar aqueles vagabundos.

— Amor! — minha mãe alertou, finalizando com o discurso ridículo do meu pai. — Vamos com calma. Não é culpa de ninguém. A escola é boa. A Emília é sensacional. Tem um futuro brilhante pela frente. Também concordo que Kayleen é uma ótima pessoa para ela. Ginasta, boa aluna, desenrolada e muito bem educada. Além de que a nossa filha sabe escolher com quem anda. — Os olhos âmbar de Olívia Gray repousaram em mim. — Você sabe muito bem que aqueles garotos não são boas companhias. Eles são horríveis. É inadmissível não estarem em algum hospital psiquiátrico ou até mesmo presos.

Meu coração pesou a cada maldita letra proferida dirigida a Dante e aos seus amigos. Eu conhecia Faulkner. Nada do que diziam dele era verdade.

O meu estômago revoltava-se com a ideia de ser a única que o defendia e acreditava na sua bondade. O meu desejo centrava-se em protegê-lo de como o mundo o via e de como eu queria que todos tivessem a sorte de enxergá-lo.

— Eu preciso ir.

Levantei-me da mesa, ainda com a tigela de leite na metade, e levei até à louça.

Meu corpo tinha toneladas de arrependimento nas costas. Uma vontade enorme de falar com ele soterrou-me. Já que Dante não viria, eu iria atrás dele.

— Emília — meu pai chamou, travando meus passos para fora da cozinha. —, nós amamos muito você. Tudo o que dizemos e fazemos pode não ser o que você espera de nós. Sua mãe e eu já tivemos a sua idade. Nós sabemos disso. Mas o amor dos pais é incondicional. Maior do que qualquer um que você possa experimentar algum dia. Acredite sempre em nós, por favor. E confie. Sempre confie.

Queria ter sido rebelde em virar as costas para eles, mas os meus pés foram rápidos em girar e retornar para a mesa, plantando um beijo na bochecha de cada um e sussurrando que os amava.

Eu tinha também um amor incondicional pelos meus pais. Eles eram chatos, rigorosos e antiquados, mas eles nunca tinham me feito ter a sensação de que eu não merecia amor, uma vida e felicidade.

Eles davam-me muito mais do que eu poderia pedir.

Mas eu também tinha consciência. E eu queria seguir passos que eles não me ensinaram a andar. Portanto, uma certa culpa alojou-se em meus ombros quando saí de casa mentindo que iria para casa de Kayleen estudar e eu tomei o caminho oposto para o laboratório.



Como Dante dizia, janelas foram feitas para abrir e fechar, então poderia entrar através delas.

Não me desafiei em bater a porta do laboratório porque sabia que seria rejeitada, portanto puxei parte da minha saia até os joelhos e escalei a parede até alcançar a janela. Por estar um calor infernal, tive a sorte de ter o vidro destrancado, pois os garotos prezavam demais pela segurança daquele local e eram raros os momentos que havia alguma faixa aberta.

Assim que os meus pés assentaram no chão do laboratório, calafrios instalaram-se em meus ossos e o ar gélido conquistou os meus pulmões.

Sempre sentia uma presença estranha e soturna. A atmosfera parecia ser uma melodia assombrada, o canto dos mortos manifestando a sua dor e

confessando os seus pecados. Eu sentia como se cada membro meu fosse arrancado e a agonia completasse o que faltava do meu corpo.

Notei como as paredes tinham novas frases.

Uma delas chamou a minha atenção.

23 de Abril. Sic Infit.

Continuei andando pelo corredor, ignorando aqueles textos sombrios.

No entanto, alguns passos que não me pertenciam começaram a ressoar pelas paredes. Olhei para os cantos, encontrando o espaço vazio, mas o meu faro alertava que havia mais alguém por perto.

Engoli em seco, apertando os dedos da palma, em uma tentativa de me controlar.

Apressei a minha caminhada, direcionando-me ao lugar habitual de Dante, porém antes de chegar ao quarto, as batidas no piso intensificaram.

Desta vez eu me virei e uma sombra surgiu, seus tons escuros e aura maligna travaram a minha respiração, concedendo pânico por todo o meu organismo.

Assim que aquela figura começou a tomar forma, meu cérebro reconheceu.

Vance Campbell.

Seu corpo esguio, os cabelos da cor do petróleo e os olhos azuis-marinhos exalavam muito mais do que perigo e maldade.

Não consegui me movimentar, já que meus músculos paralisaram. O seu nariz farejou-me discretamente e eu fechei os olhos por segundos, com medo.

Mas ao abrir novamente, Asher e Jaxon apareceram.

— Ora, ora. Vejam quem é — Asher cantarolou, colocando sua mão no ombro do amigo. — Para de se comportar como um cachorro, Vance. Não se cheira as garotas. Assim você nunca vai comer alguém.

Campbell analisou-me pela última vez e deu um encontrão em Asher, antes de enfiar suas mãos nos bolsos e se afastar do lugar.

— Como sempre, mal-educado — Hawthorn brincou.

— Ele não fala? — perguntei, ainda um tanto abalada.

— Não — Jaxon respondeu, ficando mais perto de mim do que Asher. — Nem comigo, nem com nenhum de nós. Ele deve falar com

Dante. Não sei.

— Oh.

— E o que você está fazendo aqui? — Foi a vez de Jaxon perguntar.

— Procurando por Dante.

— Você não deve entrar aqui sem autorização.

— Calma, Jaxon. A Emília veio para cá para se divertir, não é? — Hawthorn pulou, posicionando o seu braço em um abraço apertado contra a lateral do seu peito. — Dante não está, mas nós sim.

— Onde ele está? Preciso conversar com ele.

Jaxon deu de ombros.

— Provavelmente em alguma biblioteca. Ou matando algum pedófilo.

Asher gargalhou, o que me colocou um ponto de interrogação na minha cabeça. Era piada?

— Como assim pedófilo?

— Mas que porra vocês estão fazendo?

A voz estrondosa de Cole reverberou. Sua raiva era externada por cada movimento seu até alcançar-nos, onde sua análise em mim não foi nada escondida.

— Se acalme, cadela. Vance já fez a tarefa de cheirar a Emília. Não precisa morder — Asher respondeu, sua boca viciada em irritar os seus amigos.

Cole ignorou, focalizando somente em mim.

— Dante não quer falar com você.

Desapeguei-me de Asher e diminui a distância entre Cole e eu.

— Por quê? O que eu fiz?

— Você vive, Gray. E isso atrapalha os nossos planos. Ele precisa de concentração — respondeu ácido.

— Você está mentindo.

— Claro que sim. Até porque nas últimas semanas ele tem falado muito com você, não é? — debochou, sem qualquer pudor em ser doloroso comigo.

— Emília, sei que você está apaixonada por Dante, mas precisa dar espaço para ele neste momento — Jaxon informou.

— Eu não estou apaixonada por Dante!

— E eu sou o sexto membro dos One Direction. — Asher riu da sua própria piada, recebendo um esgar da minha parte. — É tão transparente quanto água. Talvez tenha sido isso que o afastou de você. Ele não se apaixona. Muito menos quer alguém para amar. Dante só tem ódio para oferecer, princesa.

Minha cabeça balançava pretendendo afastar a negatividade que os três garotos tentavam engavetar na minha mente. Não queria que Dante se apaixonasse por mim. Não queria que ele me amasse. Eu apenas desejava manter o que tínhamos.

— Esqueça, garota. É o melhor para você e ele. Qualquer dia, você vai agradecer pelo aviso — Cole continuou.

— Você me odeia sem razão. Não sei o que fiz, mas não tenho intenção de arruinar as suas intenções.

As sobrancelhas de Van Doren arquearam, seu esboço furioso dando indícios de que iria aparecer.

— Que intenções?

— Você quer Dante só para si. Tem medo que eu o roube de você, é isso!

O rompimento de uma gargalhada conjunta entre Jax e Asher impulsionou Cole puxar meus cabelos, inclinando minha cabeça na altura dos seus olhos. A dor expandiu pela minha coluna. Eu seria facilmente quebrada ao meio se ele aumentasse o ângulo.

— Cala a boca, vadia — cuspiu agressivo, sua boca se decompondo como se veneno escorresse dela. — Você não sabe de nada, porra! Um dia quando estiver fechada por dias no escuro, sentindo o cheiro de carne morta e do corpo dos seus pais apodrecendo ao seu lado, ouvir o grito de sua irmã sendo arruinada até à morte e ser levado para ser alimentado por demônios, você terá o direito de levantar a sua voz comigo e supor quais são as minhas intenções.

Meus dentes rangiam com força, quase sentia o sabor do sangue frio entre eles. O gosto na minha boca é ácido, capaz de corromper os meus lábios.

— Você é agressivo — sibilei, mantendo a minha postura, embora os meus ossos do pescoço não aguentassem mais a torção que Cole atuava.

— Eu luto, Emília. Nós lutamos. Você apenas vai saber o que é quando viver o mesmo que nós. E acredite, eu vou fazer questão que viva

pior se continuar me enervando.

Feridas internas surgiam em meus músculos e a necessidade de desferir um golpe em Cole era maior, no entanto, minha força não chegava a um passo de ser dez por cento do que ele era. Cole não era forte, mas sua raiva era um botão para que ele virasse uma potência humana.

— Vou bater em você senão me largar — ameacei, a voz tremendo entre cada palavra incapaz de manter a firmeza.

Seu sorriso sádico se exibiu.

— Faça isso, Emília. Toque em mim e eu te mando direto para Dante. Mas não será viva.

Antes que eu fosse responder, um disparo ressoou e o susto acometeu meu peito. Cole rangeu de dor, afastando-se rapidamente de mim.

Meu corpo caiu no chão amolecido, a torção no meu pescoço, causando um ligeiro dano na minha cervical e nos meus membros inferiores. Nunca pensei que fosse me sentir violentada com um simples puxar de cabelos.

Ao levantar a cabeça para enxergar o que estava acontecendo, dou de cara com Dante e uma arma na sua mão. O disparo tinha acertado a ponta do pé de Cole que claramente estava forçando para não gritar de dor.

— O que eu falei sobre tocar na minha garota, porra?! — Dante esbravejou. — Da próxima vez que eu avisar, estarei enterrando seu corpo debaixo da terra.

Cole o encarou com desafio.

Tanto ele quanto os amigos.

Mas eu não.

Havia uma certa parte de mim que reagia de maneira submissa a cada passo soberano que Dante Faulkner dava. Era como se a minha alma confusa se alimentasse da dor de Cole, do estado amedrontado de Jaxon e Asher.

Era uma outra faceta dele.

Uma que não me dava medo.

Causava euforia por todo o meu sangue.

E eu gostava.

Eu gostava do sabor do caos que Dante exalava.

— Cara, você não pode aceitar que essa...

— Cuidado com o que você diz sobre ela na minha presença, Van Doren — Dante cortou. — Qualquer um de vocês.

Cole queria debater. Ele iria talvez, se Asher não fizesse um sinal para ele que o seu pé estava sangrando.

Deus. Ele nem sentia a dor?

— Saiam daqui — disse com tranquilidade, embora o seu rosto estivesse revestido de ferro.

Não esboçava qualquer sentimento além de completo desdém.

Os três garotos não reclamaram.

Nenhum deles sequer respirou alto.

Pude ouvir um quase *sim*, *capitão* de Jaxon, e uma colisão de um punho na parede de Cole, mas estava mais centrada em ignorar novamente a dor do meu pescoço ao erguer o olhar para alcançar Dante.

Ele mantinha-se em pé, a arma na sua mão como se fizesse parte de seu corpo. Suas roupas escuras, as botas velhas que tanto amava e o cordão em seu pescoço que guardava desde sempre.

Eu ouvia, admirava, cheirava e sentia Dante de maneira absurda. A maioria dos meus sentidos estavam funcionando somente para conseguir ter tudo dele ao mesmo tempo. E os meus desejos focavam em querer conhecer o seu sabor.

O que eu estava pensando?

— Levanta, Emília.

A sua ordem soou como a de um deus e eu obedeci como uma subordinada.

Não tive tempo de recuperar o meu equilíbrio porque ele tinha me puxado para a porta ao lado, passando por um quarto até alcançar um banheiro.

Quando dou por mim, a água fria chovia sobre as minhas roupas e o meu cabelo.

— O que você está fazendo?! — exclamei, adoecida pela água gélida.

— Limpando você, merda — disparou, também se colocando por baixo do chuveiro, seus cabelos tomando a forma molhada e o resto das suas roupas pesando em seu corpo.

— Do que você está falando? Não estou suja.

— Eles tocaram em você.

Sua mão carinhosamente subiu para a lateral do meu pescoço, seus dedos demarcando o lugar onde Cole tinha cravado suas unhas antes de puxar meu cabelo.

— Dante...

— Não quero que nenhum deles tenha suas mãos em você, ouviu?
— Sua mão rastejou até os meus cabelos, mantendo a delicadeza e um suspiro satisfatório da minha parte. — Em nenhum milímetro sequer. Já tinha te dito. Não quero que se suje, merda. Não sei por que diabos você teve que vir até aqui.

— Eu... Eu queria saber porque você está zangado comigo.

Dante admirava outras regiões do meu corpo que não fossem os meus olhos. Enquanto sua mão passeava pela minha nuca e terminações estranhamente prazerosas, sua visão ocupava-se com outros cantos do meu rosto que pediam pela sua atenção.

Minhas pernas bambeavam. Não sabia ao certo se era pelo gelo que saía do chuveiro ou por reações que pediam por um término vindo do meu núcleo.

— Não estou zangado.

— Você tem me ignorado.

Dante inspirou fundo.

— Eu precisava focar.

— Foi exatamente isso que falaram.

— O que mais eles disseram a você?

— Que você só oferecia ódio e que eu precisava me afastar porque estava apaixonada por você. Também disseram que...

— E você não está?

A água fria tinha se tornado quente. Escaldante. Um vapor ardente que nublava os meus sentidos.

Eu estava esquentando de maneira preocupante.

— Dante, eu...

— Eu estou.

Sua voz saiu silenciosa. Os meus batimentos cardíacos tinham ofuscado o que quer que estivesse acontecendo naquele banheiro, naquele instante.

Apenas vi sua boca movimentando e duas palavras murmuradas por baixo da água.

Meu coração parecia estar muito além de disparado. Ele estrangulava a caixa torácica e levava sangue para onde não devia.

— O quê?

— Eu estou apaixonado por você, Emília.

Me esforcei para não tremer e cair no chão molhado.

Meu raciocínio tornou-se lento e sem vocabulário algum.

Se houvesse algum armário em que eu guardasse qualquer vulnerabilidade, Dante com certeza tinha o achado e arrombado. Meu coração estava aberto e suscetível a ser tomado.

— Você está mentindo — murmurei.

— Eu minto. Mas não para você. Nunca sobre você.

Prendo-me ao seu olhar. Prendo-me à sua existência, muito mais do que queria. Muito mais do que eu achava que conseguia suportar.

Qualquer vestígio de dor tinha desaparecido. Eu queria acreditar que poderia ser da água fria, mas eu sabia que era de como Dante tinha uma maneira única de me trazer sensações boas.

Aquela era boa.

Extremamente deliciosa.

Mas eu era incapaz de acreditar.

Baixei minha cabeça, assim que Dante desligou o chuveiro.

— Você não deveria andar com uma arma.

— Cole me chateou.

— Ele é seu amigo. Ferir o pé dele não é um simbolismo de amizade.

— Ele estava te machucando.

— Eu sei me defender — contrariei.

— E eu sei te proteger — desafiou, rangendo os dentes. — Cole sabe que não deveria tocar em você e ainda assim fez questão de te ferir.

— Não doeu.

A toalha caiu na minha cabeça. Dante não deixou eu me mover, pois ele decidiu me secar, começando pelos meus cabelos volumosos. A sua paciência em tomar conta dos meus cachos era estranhamente prazerosa.

— Não finja ser forte quando estamos só nós dois. — Seu rosto surgiu novamente na minha frente ao inclinar ligeiramente o meu pescoço. — E não mude de assunto para evitar falar sobre os seus sentimentos, Gray.

Eu queria falar sobre eles.

Queria comentar sobre como Faulkner deixava um turbilhão de emoções tomar conta dos meus pensamentos, da minha razão de viver. Todos os dias, o meu cérebro tinha um novo relatório de sentimentos. Todos eles eram bons e viciantes. Alguns esfomeados. Outros pareciam me confortar.

Dante causava marcas muito mais profundas que Cole. E todas elas eu queria manter.

— Quando?

Dante inalou fortemente, as gotas viajando pelo seu rosto e braços.

— Não sei.

— Como assim?

— Apenas aconteceu.

Duas palavras foram o suficiente para arruinar o futuro do meu coração em amar outra pessoa.

— Comigo também — comecei por dizer. — Não sei dizer quando, nem como, nem porquê. Só sei que gosto, Dante. Gosto muito do que você me oferece.

Sua mão ocupou parte do meu rosto, me forçando a ter os seus olhos escurecidos alimentando a minha vergonha.

— E eu gosto do que você me torna.

— Um garoto que dispara no pé dos amigos?

Ele riu.

— Algo assim. — Fui conquistada a rir também. — Mas não vai acontecer, Emília.

A sua voz adotou um tom diferente.

— Como assim?

— *Nós* não podemos acontecer.

Uma pontada de dor acomodou-se no lugar do conforto.

— Por quê? A gente se gosta, certo? Não deveríamos ficar juntos?

Um silêncio profundo e transtornado esvaziou qualquer felicidade que antes Faulkner exibía.

— Quero muito ter você. Você não tem noção do que a minha cabeça produz quando penso em você. — Sua outra mão repousou na lateral do meu rosto e sua boca roçou na minha, os dentes mordendo o meu lábio inferior e roubando o fôlego. Eu gemi levemente, as minhas duas mãos viajando até ao tecido molhado da sua camiseta em resposta para não o empurrar para o meu peito. — Eu engoliria você inteira, Emília. E, acredite, você não iria querer mais nada além de nós dois. Mas eu estaria arruinando a sua vida.

— Eu não ligo para o que pensam de você. Não concordo com nada.

— Mas você deveria.

— Dante, eu quero tudo. Tudo que você tenha. E eu quero que você também tome tudo o que eu tenho. — Fiquei envergonhada antes de continuar, no entanto, evitei me silenciar. — *Eu quero ser arruinada por você.*

A surpresa e a malícia em seu sorriso não chutou a vergonha que eu estava sentindo.

— Você está implorando para que eu te fo...

— Não diga isso! — gritei, incapaz de voltar à minha coloração. — Por favor, não mencione a palavra.

Dante evitou rir, embora fosse nítido como ele precisava externar o quanto estava achando engraçado.

— Você é adorável, Gray. Principalmente por estar implorando que eu te coma aqui e não quer que eu diga o que esteja sentindo. — Apertei com mais força os meus dedos no tecido da sua roupa. — Eu faço os seus desejos se realizarem, Gray. Você sabe disso.

— Então...

— Mas esse não. — Dante levou sua boca para o meu pescoço, seus dentes raspando por regiões em que as terminações nervosas tremiam de prazer. — *Não posso.*

Dizer que não tinha ficado triste era mentira. Ele gostava de mim, mas estava me negando. Por quê?

— Eu espero. — Dante afastou-se um pouco, seu olhar recaindo em mim como se fosse loucura. — Tudo o que eu tenho vai esperar por você.

Eu falava romaticamente. Eu expunha o que sentia de uma forma clara e aberta. Dante não. Seus olhos não brilhavam romantismo. Era possessivo. Uma obsessão cristalizada nas suas íris pretas.

Ele me queria de um jeito cru.

Eu queria que ele me desejasse daquela maneira-

— Seu primeiro amor? — perguntou, seus olhos descendo para os meus lábios.

— Sim.

— Seu primeiro beijo?

Assenti.

— Sua virgindade... Até isso será meu?

Estava insuportável de conseguir me controlar para não afundar em um buraco, mas meus sentimentos precisavam ser externados.

— Tudo, Dante. — Peguei em sua mão levando ao meu peito, quase explodindo por tudo o que estava acontecendo. — O meu coração vai esperar por você.

Faulkner foi rápido em me apertar contra ele, fazendo nós dois cairmos no chão molhado, continuando ensopados e quentes em meio a um ar gélido. Seus braços apertavam minha coluna, se transformando em uma montanha enorme e eu somente um pequeno objeto por debaixo dele.

Sua cabeça inclinou-se no meu pescoço e eu sentia a sua respiração forte e calorosa na minha pele.

Era um abraço com medo de perder. Um abraço possessivo. Aquele que me dizia que eu era dele. Que tinha assinado um acordo de que seria para sempre sua.

— Dante...

Seus braços estavam me tomando inteira. Se aquela era a forma que ele estava me dizendo que engolia, eu poderia me manter ali pelo resto da vida.

— Você vai me odiar, Emília. Eu sei que vai, mas eu vou cobrar. Eu vou fazer você me dar tudo o que está prometendo. Cada parte sua é minha.

Levei minhas mãos aos seus ombros.

— Eu nunca vou te odiar.

A sua boca deslizou pelo meu pescoço. Os meus nervos entraram em êxtase.

Ele chupou a região. Ele marcou o lugar, roubando um gemido estrangulado da minha parte.

— Eu vou fazer você ser pior do que eu.

— Não... Não diga isso — gaguejei.

Ele continuou com os seus braços fortes rodeando o meu corpo, esmagando-me contra seu peito. Eu senti o seu calor, desejando ser parte dele.

Não queria saber do que ele dizia. Eu acreditava no que eu sentia.

Os nossos átomos dançavam na mesma sintonia. Eles amavam o caos um do outro. E eu queria ser conquistada por tudo isso. Eu queria ser amada por cada milímetro que ele dizia estar encardido.

Então, eu fiquei lá. E fui sugada por Dante até não restar mais nada que não o pertencesse.

14

Emilia Gray

toccata

— Penélope! Penélope!

Brutalmente, socava a porta da casa da minha amiga.

Com o meu peito oscilando desenfreadamente, a transpiração formando uma camada grossa na minha testa e as pernas tremelicando como se uma injeção de adrenalina estivesse drenando as minhas veias, eu martelava em pura aflição no quarteirão mais chique da cidade.

Por um milagre, eu tinha conseguido fugir. Perdi um tempo tentando fazer aquele carro explodir, mas cansei de esperar que acontecesse. Já tinha visto uns vídeos no Youtube por causa de Daniel e a obsessão dele por carros. Não esperava que fosse ser útil em algum momento da minha vida.

Eu duvidava que eles fossem assim sempre. Na verdade, dava-me a sensação angustiante que eles não estavam levando a sério a minha presença. Contudo, provavelmente tinha acionado um botão que os faria ficar possessos. E eu não queria levar com essas consequências.

Se a sorte ainda estivesse do meu lado, Dante poderia estar morto.

No entanto, não sabia como deveria me sentir em relação a essa ideia.

Distribui mais socos na porta, até que a minha amiga abriu, seus cabelos espalhados, o rosto cansado e o pijama evidenciado que estava dormindo.

— O que aconteceu?

— Preciso que me ajude a sair do país — simplesmente disse, adentrando na sua casa.

Ela vivia com mais duas garotas, portanto contive-me a não falar alto.

— O quê? — exclamou, fechando a porta atrás de si. — É sobre a senhoria? Você está sendo dramática. Temos como resolver.

— Eu... Eu não posso te contar — confessei.

Tinha medo que eles fossem capazes de me rastrear e descobrir que eu tinha contado a Penélope a verdade. Já era um perigo ter chegado até aqui, mas eu não conseguia ver nenhuma outra hipótese.

— Como assim? — indagou, acobertando-se melhor no seu roupão. — Você não foi às aulas nos últimos dias. Achei que estava trabalhando que nem doida. É por causa do seu plano de fugir do país?

Resvalei os meus dedos nos cachos.

— Você pode só me ajudar, sem fazer muitas perguntas? Por favor? Seus olhos se estreitaram.

— Claro que não, Lia. — Grunhi furiosa. — Vou ligar para a Kay.

— Não, não! — interrompi a sua tentativa de pegar o celular do bolso. — Não liga.

Suas dúvidas cresciam enquanto eu sentava na poltrona da pequena sala e cogitava inúmeras opções para me livrar.

Se eu encontrasse aquele tal de mapa, poderia usá-lo para proteger a minha vida. Mas quem o teria? Quem?

O testamento deixado fazia com que eu não tivesse chance alguma de ter nada dos meus pais em minha posse. Pela conversa de Dante, era provável então que pudessem ter colocado em outro lugar, porque aquele mapa parecia ter informações importantes.

Que tipo de informações?

Minha mente zumbia, cavando e cavando na busca de algo.

Apenas me recordava do nome Fábrica, e como soava na boca de cada um dos Rostos Vazios algo *estranho*.

— Lia, o que está acontecendo? Você parece cansada...

Penélope sentou-se ao meu lado no braço da poltrona, suas mãos afagando os meus ombros.

— Não sei se consigo... — desabei, escondendo o meu rosto nas minhas mãos. — Porra, por que ele está fazendo isso comigo?

Meus olhos foram inundados por fúria, pânico e uma dor que era mais do que uma velha conhecida. Tudo explodia dentro de mim, como um vulcão devastador. Eu me afundaria.

— Ele? Você está apaixonada?

Meu coração capotou.

Quis rapidamente negar, deixar claro que não era nada sobre amor porque seria a última coisa que sentiria por Dante. Ele despertava um lado sombrio meu que não gostava de conviver. Ele me fez reservar um lugar no inferno, em primeira mão, queimando e queimando até arder no fundo do meu âmagô.

— Não é nada disso...

— Fica aqui, Lia — pediu.

— Não posso.

— Sim, você pode e vai. — Ela se levantou, puxando as minhas mãos para que tirasse minha bunda da poltrona também. — A Blake não estará por aqui durante alguns dias, então você pode dormir no seu quarto até termos uma ideia melhor para você conseguir um lugar para ficar. Pode ser?

Esse era o meu último problema. Não sabia se dali a alguns dias teria uma casa para ficar, muito menos se estaria viva para isso.

No entanto, eu precisava pensar e descansar. A casa de Penélope não era o melhor lugar para restabelecer minhas energias porque seria uma das primeiras que eles vasculhariam.

E o que fariam com ela?

Dante tinha deixado claro que faria questão de *matar* qualquer um que soubesse de informações às quais não deveriam. Embora eu não fosse dizer nada à minha amiga, como eu provaria a verdade? Assim como suspeitavam que eu sabia alguma coisa daquele tal de mapa, eles poderiam

fazer o mesmo com Penélope. Ou *pior* porque ela não tem nada a oferecer a eles.

O corpo morto do estagiário novamente reapareceu na minha consciência. Assim como todos os mortos que eu tinha visto durante a minha vida por causa de Dante.

Aquela noite.

Os cadáveres amarrados pelo pescoço por cordas grossas, as letras em sangue desenhadas na parede, assombrando aquela noite gélida e memorável.

Dante sempre tinha me trazido os monstros que eu tinha medo. Aqueles que ficavam debaixo da cama, esperando para nós engolir. Dante era os meus mais diversos demônios em um corpo humano.

E não poderia deixar que ele ganhasse a batalha que tinha dentro de mim.

Mas, porque merda, eu ainda tinha a esperança de que ele não tinha explodido com o seu carro?

— Você não sabe a treta que teve ontem.

Penélope chegou com duas canecas de chá, me oferecendo uma. Aqueci minhas mãos ao calor que a caneca emanava.

— O que aconteceu? — perguntei, embora estivesse mais preocupada em dar o fora dali.

Talvez fizesse isso quando Penélope fosse ao banheiro, ou mesmo quando regressasse à cozinha.

Mas o que eu faria depois disso? Como eu fugiria do país? Como eu fugiria deles?

— Você conhece Hunter? — Abanei a cabeça. — É sério? O amigo do Killian?

— Quem é esse?

Penélope bufou.

— Como assim você não os conhece? Fazem parte daquele trio de filhos da puta. É o Hunter, Killian e Vance.

Quase deixei escorregar o copo das mãos.

Meus brônquios fecharam, assim como todo o meu sistema pareceu sobreaquecer a ponto de ficar disfuncional.

— Você conhece Vance, não é? — Aquiesci, evitando demonstrar o abalo. — Então, ele e os amigos odeiam Blake. Mais o Hunter do que os outros dois.

— Por quê? — indaguei, bebericando do meu chá para evitar parecer estranha.

— Não sei. Mas, ao que parece, pelo que me disseram, Hunter queria estar com ela, mas não conseguiu. Blake parece ter fodido vários caras da cidade e ele achou que conseguiria algo com ela, mas não deu certo.

— E Vance?

Penélope deu de ombros.

— Não sei, amiga. Como falei, acho que é mais uma treta do Hunter do que os próprios amigos. Ele também é muito calado. Ninguém sabe da dele.

Se eles soubessem quem Campbell era de verdade, tremeriam assim como eu.

— Mas, continuando — Penélope se empinou todinha na cadeira empolgada. —, Hunter foi um pouco agressivo com a Blake quando tentou beijá-la e o seu pai é policial, então ela fez uma queixa porque parece ter sido levantado um processo contra ele.

Minhas sobrancelhas arquearam.

— Ele merece.

— Pois é. Nunca pensei que Blake fosse filha do Christian Normam. Se eu soubesse, também teria falado com ele para bater no filho da mãe que apalpou minha bunda naquela festa.

Os meus neurônios ligaram-se de imediato. Os registros engavetados no meu cérebro foram lidos em milésimos até chegar onde poderia ser a solução.

Christian Norman.

O policial que Dante odiava. Aquele que tinha jurado prender Faulkner e procurá-lo até os confins do inferno.

Era dele que precisava. Ele era o meu pote de ouro. Mas onde o procuraria?

— Lia, você está me ouvindo?

— Onde a Blake vive? — perguntei, pousando o copo e levantando.

— No Norte de Olympus. — Seus olhos percorreram meu semblante. — Por quê?

— Você não tem um endereço exato?

— A gente não se fala, lembra? Ela é estranha, apesar de tudo.

Cocei a nuca.

— Preciso ir.

— O quê? — Penélope seguiu meus movimentos, andando apressadamente atrás de mim. — Mas porquê?

Inalei o ar com força.

— Não saia de casa sozinha, muito menos de noite. Se acontecer alguma coisa comigo, não vá à polícia. Se perguntarem o quão próximas nós somos, fale que a gente discutiu há uma semana porque eu fodi com o seu namorado. Desde então, você e a Kay me ignoram.

— Quê?

Não consegui dar uma explicação melhor, porém tinha que ser o bastante. A minha corrida para fora do prédio quase me fez tombar. Pedi por um táxi para me levar até à estação de trem, já que era longe e o céu nublado insistia numa chegada de chuva e trovões para mais tarde.

Ao chegar na estação, a multidão impedia que eu avançasse. Era um horário de movimentação, portanto era um cruzamento de pessoas que estavam ocupadas em serem apressadas para chegar ao local onde queriam, mas certamente nenhuma deveria estar se sentindo ameaçada de morte.

Parei, no entanto, ao perceber que estavam mais entretidos em olhar a televisão do que prestar atenção.

Acheguei-me, chutando alguns cotovelos contra o meu, porém sem tirar o foco do painel.

A repulsa que invadiu o meu estômago foi como uma velha conhecida. Perigosa, devorada, amarga e dolorosa. Minhas pupilas dilataram, escurecendo qualquer lado mais claro da minha íris.

A surpresa e o terror no rosto de cada um que via a TV não se comparava ao pavor que escaldou meu sangue. As minhas veias se estreitaram, com medo que o meu coração recebesse mais sangue do que deveria e explodisse.

Que merda?!

Os dois policiais que eu tinha prestado queixa antes de estar com Torman tinham suas cabeças penduradas, no topo da minha casa. Os olhos

abertos, a beirada do pescoço sangrando e sangrando, demonstrando que tinha sido uma morte recente.

Não sabia o que pensar, ao certo. A minha mente estava desordenada, sem uma lógica a seguir. Dante estava vivo, o que relaxou algo em mim, mas também despertou um receio muito maior.

Eles nunca davam as caras de manhã. Era sempre à noite. Às escondidas. Eles nunca tinham deixado evidente à população que realmente existiam. Era uma lenda urbana.

Mas eu os tinha enervado, especialmente Dante. Eu tinha feito com que estivessem me caçando de manhã, sem medo do que poderia acontecer. Eles tinham me feito um último aviso e eu estava jogando com a minha própria vida.

Norman era a minha última chance. Um tiro no escuro. Sem ele, poderia morrer.



Ao contrário do centro da cidade, o Norte de Olympus era povoado pelo canto dos pássaros, o som silencioso das rodas das bicicletas circulando pelas vias e as gargalhadas felizes das crianças saindo da escola.

Embora fosse suspeito, troquei de roupa, após roubar algumas peças de uma feira que estava sendo organizada e tomei um banho na própria estação de trem. Graças aos deuses que havia banheiro público com chuveiro.

O sono não tinha ido embora, o que me obrigou a implorar por um café gratuito em um restaurante. O meu charme convenceu o garçom de alguma coisa, porém eu tinha vazado do local antes dele regressar para pedir de volta.

Questionei a quem passasse por mim se sabiam onde Christian Normam morava, porém ninguém sabia ao certo. A esperança e a raiva de supor que toda a minha viagem poderia ter sido em vão me deixavam nauseada. Além da fome iniciar a sua chamada no meu estômago.

Foi então que pensei em resolver esse problema indo diretamente à delegacia. Claro que poderia acontecer a mesma merda que foi quando

encontrei Torman, porém eu teria mais cautela.

Mas se eles já soubessem quem eu era? Se já estivessem à minha procura também aqui?

Não poderia desistir. Era isso ou nada.

Continuei procurando, pedindo indicações enquanto fosse anoitecendo. Após uma longa caminhada, fui levada até um casarão, grades brancas tapando o que seria um quintal enorme e uma mansão luxuosa.

— Está procurando por alguém?

Uma idosa de cabelos grisalhos, a coluna envergada e a bengala suportando a sua jornada se aproximou.

Fiquei receosa de dizer a verdade, porém ela não me parecia ser uma pessoa que praticasse o mal.

— Estou procurando por um policial. O nome dele é Christian Norman. Conhece?

— Ah, conheço. É um dos homens mais gentis que conheci — revelou. — Mas ele não está por aqui.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Em Roma.

Pregueei a testa, perdida.

— Roma?

— Você conhece o ditado. Todos os caminhos vão dar em Roma. O seu destino é para lá — indicou enigmática. — É um dos lugares mais obscuros do mundo. Onde todos estão e ao mesmo tempo não. Onde o crime prevalece, os pecados são confessados e Lúcifer governa. É o Inferno mais bonito e mais frio.

Minha expressão certamente era caricata.

— Apesar de gostar muito da sua parte poética, eu realmente estou com pressa.

Suas bochechas enrugadas engrossaram.

A velha diminuiu mais um pouco a nossa distância.

— Pegue um ônibus para a Rua Júlio. Você verá pequenos símbolos que se parecem com um triângulo invertido. Siga e chegue até Roma.

Ela tornou a sorrir carinhosamente, suspirando como se recordasse de coisas que a fizessem bem. Poderia imaginar que ela foi uma mulher elegante em outros tempos.

— Obrigada — murmurei, pensando nas poucas moedas que eu tinha para entrar num ônibus.

— Você não deveria me agradecer.

Seus passos ecoaram pelo subúrbio, seguindo a sua rota.

O que parecia ser um aviso surtiu efeito, contudo eu não tinha tempo para dispensar em conclusões.

Procurei por uma parada próxima, perguntando como poderia chegar à Rua Júlio. Em súplicas, consegui entrar no ônibus sem pagar, e em meia hora estava chegando na bendita rua.

Triângulos invertidos.

Percorri os cantos, à procura do tal símbolo até perceber que estavam secretamente desenhados nas faixas de algumas lojas, cartazes, nas paredes e até no chão.

Com a noite já disposta a assombrar a rua, precisei me atentar a possíveis predadores que pudessem andar pelas bandas. Caminhando sem perder o rastro dos triângulos, cheguei a uma loja ainda aberta naquele horário.

Entrei, um tanto desconfiada. O cheiro a mofo dos objetos arcaicos, caixotes aglomerados e o pó cristalizando me deu a sensação de estar no lugar errado.

— Você precisa de algo?

O homem no balcão de óculos de graduação garrafais e a barba mal feita fechou a sua revista e me sondou.

— Eu quero chegar a Roma.

Suas orbes mudaram de cor.

O que era um azul calmo virou uma turbina de gás.

Ele saiu de trás do balcão a passos largos. Aquilo soou como um perigo.

— Quem é você? — perguntou intimidante.

— Eu... Eu só quero chegar a Christian Norman.

Merda. Não deveria contar, mas eu estava mal preparada para sentir pressão.

— Você... — Ele pareceu farejar-me, sua indecência governando o movimento dos seus olhos. — O que você quer?

Afundi os dedos na palma, os nervos enrolando minhas fibras e me deixando imóvel.

— Vingança. Eu quero vingança.

Talvez aquilo fosse uma palavra mágica porque sua atitude mudou, os ombros relaxando e a postura de malvado retornando à cara de bonzinho e virgem que ele estava carregando segundos atrás.

— Entre por aquela porta. — Seu indicador direcionou-se por uma porta comum por trás de algumas prateleiras. — E não saia se não te autorizarem.

Oscilei a cabeça.

Não demorou para que eu entrasse e descesse inúmeras escadas que fizeram minhas pernas cansarem. A cada degrau, diálogos, gargalhadas e sons de copos ficavam mais audíveis. Gemidos e gritos claramente provenientes de mulheres e homens fodendo entre si fizeram meu ventre se contorcer.

Eram vários pisos debaixo do subsolo, com portas trancadas e cortinas que escondiam o que acontecia por detrás delas.

Via mulheres de lingerie caminhando de um lado para o outro, me analisando como se eu estivesse fora de cena. Elas cheiravam a dinheiro, sexo e feminilidade.

O meu casaco de moletom tapava qualquer milímetro de pele, me fornecendo um ar de desleixada. O meu cabelo sempre foi alvo de críticas neste sentido também. Já carregava o fato de ser negra, e somar que eu tinha o cabelo crespo volumoso e as minhas olheiras não agradavam aos críticos de beleza, não tinha muito por escapar.

Cheguei no último andar, sentindo um pouco do ar se esforçando para chegar aos brônquios.

Um homem de terno preto, com postura compacta como a de uma rocha, me analisou.

— Nome.

Não hesitei.

— Sophia Evans.

— Não temos na lista nenhuma das nossas mulheres com esse nome.

Semicerrei o olhar.

— Não trabalho aqui.

Sua imensidão se tornou mais ameaçadora. Uma arma saiu do seu cósix e tremi.

— Nenhum dos nossos clientes é uma mulher. Principalmente como você.

Oh.

— O seu amigo lá de cima falou que eu podia descer porque estou procurando por Christian Norman.

— Você está o quê? — rosnou, cuspiendo no meu rosto com violência.

Dei dois passos para trás, ponderando a corrida rápida que seria subir e sair dali. Contudo, alguém se apoiou nos meus ombros e um aroma sedutor invadiu minhas narinas.

— Sophia, você veio tão rápido. Deveria ter esperado por mim. — Encarei-a lateralmente, desnorreada. — Pow-Pow, eu te contei sobre ela. É uma aspirante que quer trabalhar aqui. Vai ajudar a Cleo no bar.

— Por que ela está vestida assim?

Ela deu de ombros, procurando não abrir mais a boca para nos prejudicar. Não percebia o motivo do seu auxílio, mas as questões viriam depois.

— Dispa-se — ele ordenou, bagunçando a minha mente.

— O quê? — exclamei.

— Eu falei dispa-se ou você morre.

— Pow-Pow...

— Não use a sua posição de Red para benefícios das suas amigas, Clarisse. Regra é regra.

Ela se afastou ligeiramente, me dando indicação para obedecê-lo. Notei os seus cabelos platinados, os olhos marítimos e o corpo esculpido em uma lingerie de renda vermelha, de saltos da mesma cor, inaugurados por uma meia de seda e os ganchos ajudando na decoração.

— Aprese — verbalizou, a arma balançando na sua mão.

Minha garganta pulsou.

Decidi começar por tirar o suéter, suspirando fortemente. Dante não se importaria de o fazer. Na verdade, ele ficaria facilmente nu para foder com a minha vida. Portanto, eu teria que ter essa coragem. Era só o meu corpo. Nada que fosse inesquecível.

— Que festa é essa que está acontecendo e não me convidaram? —
Uma figura masculina desceu as escadas com mais duas garotas de lingerie branca. — Sua amiga, Red?

A mulher loira que tentava me ajudar cruzou os braços.

— Uma aprendiz. Pow-Pow quer analisá-la.

— Hum. Muito bela, eu diria — articulou, subindo e descendo por partes exatas do meu corpo. Me senti mais exposta do que quando ia me despir na frente do segurança. — Ela vem comigo.

— Ela é a minha aprendiz — Clarisse rugiu. — Sophia só vai seguir o protocolo e depois se vestir comigo.

— Eu pago por você, garota. — Sua voz cheirava a whisky, nojento e venoso. — Dou mais do que você receberia se trabalhasse aqui durante cinquenta anos. Mais do que uma Red.

O problema era que eu não tinha qualquer noção do que falavam. Queria ousar em perguntar o que era uma Red, mas só me colocaria mais em apuros. Portanto, decidi me juntar ao teatro, formando uma personagem que eu não era.

— Eu quero.

Sua boca seca lançou calafrios pela minha coluna.

— Clarisse, vista-a. Vou tratar de algo antes.

A mulher puxou o meu braço violentamente.

— O que você está fazendo aqui, especialmente num domingo? — ela questionou, me direcionando por entre o espaço populoso, recheado de mesas, das mais diversas mulheres andando de lingerie e saciando alguns homens corrompidos.

Muitos estavam na casa dos quarenta, vestidos adequadamente como se fosse uma festa de inauguração. O bar era no meio, com bebidas das mais diversas marcas, sendo servidas por garotas jovens vestidas com roupas íntimas pretas.

Um palco enorme fechado por cortinas vermelhas assinalava que grandes espetáculos ocorriam ali. E eu sabia que tipo de show seriam.

— Eu estou à procura de alguém.

— Christian Norman, eu ouvi... Mas você não deveria.

— Não quero saber o que eu deveria ou não fazer — ralhei. — A minha vida está em risco.

Sua sobrancelha loira arqueou.

— Você veio fazer um acordo com assassinos, é?

— Não, eu vim falar com um policial que me ajudou no caso da morte dos meus pais.

Uma risada luxuosa recheou a área que só nós duas nos encontrávamos.

— Policial? Aqui? Oh, criança, você não sabe onde veio.

Congelei com o tremor das suas palavras.

— Estou em Roma, não é?

— Não a Roma santa, meu amor. E sim a sociedade do perigo. Aqui você tem os homens mais sangrentos e procurados bebendo, relaxando e convivendo com os seus pecados. Aqui pode ser um lugar seguro desde que você seja um deles, mas existem regras que qualquer um conhece para sobreviver. Uma delas é que você tem que ser bem-vinda, outra é que não entra ninguém relacionado à política e que interrogatórios não são permitidos.

— Então, Christian Norman não está aqui?

Ela escrutinou-me, ponderando o que dizer.

— Hoje não, que eu saiba. Como você se chama mesmo? E não quero escutar Sophia Evans.

— Emília Gray.

— Emília Gray... Filha dos falecidos diretores da Othello?

Pisquei.

— Sim.

Ela cruzou os braços por debaixo de seus seios pesados, tapados por uma fina camada de renda encarnada.

— O homem que quer te comprar ele poderá te ajudar. Você não vai sair daqui de qualquer maneira sem se arrepender de ter entrado, portanto acho que se vender por informações é um bom caminho.

— O quê? Não vou dar o meu corpo por isso!

— É o que as mulheres fazem aqui — relatou. — Você deveria se sentir agradecida pela segurança não ter fraturado o seu crânio. São poucas as mulheres que cometem crimes que frequentam Roma. Eles conhecem as duas únicas que o fazem e nenhuma delas é você. Já era motivo para ter sido eliminada.

Meu rosto se contorceu.

— Eu...

— Você já ia se despir. O que é fazer o que ele pedir por uma informação que você quer tanto?

— Eu não vou transar.

Seus dentes brancos apareceram.

— Quem falou em transar?

Quatro baques na porta romperam a nossa conversa e dois seguranças surgiram.

— Owen está esperando. Por que ela não está vestida?

Clarisse deu de ombros.

— Levem-na assim. Ele vai gostar do trabalho de despir a garota.

Analisei-a, pedindo por uma ajuda rápida que me fizesse sair dali. Eu estava me colocando em perigo mais do que gostaria.

Os seguranças me prenderam, empurrando-me para um corredor escuro. Ponderei chutar e gritar, contudo não me levaria a lado nenhum. Eu precisava pensar numa estratégia melhor. Precisava ser coerente e racional, porque só assim destruiria Dante.

Subimos uns degraus após finalizar o hall e alcançamos uma sala maior, decorada por riqueza e luxo.

O aroma do espaço era quase como ouro, cheirando e intoxicando cada via pulmonar. A espera pela chegada do tal Owen asfixiou a minha paciência. Eu observava o ponteiro do relógio caindo lentamente, quase de propósito provocando maior ansiedade.

Quando pensei que não fosse mais aguentar a espera, a figura masculina de terno reapareceu. O meu modo defensivo domou os meus movimentos por identificar um desconhecido e não a pessoa que eu queria.

— Achei que você ia se colocar pronta para mim — anunciou.

Inspirei.

— Quero Christian Norman e você terá o que quiser.

Seu queixo subiu levemente, o olhar percorrendo a minha silhueta.

— Do que se trata? — questionou, se aproximando a uma bancada naquela sala e enchendo um copo de whisky.

— É com ele que quero falar. Se não for o caso, você não tem o que quer.

— Você acha mesmo que em Roma você dita as regras?

Observei o espaço, procurando por algo que fosse me dar vantagem para acertá-lo e conseguir fugir.

— O Domínio está procurando por você, Emília Gray?

Meus punhos fecharam, apertando o fim do tecido do meu casaco.

Ele sabia o meu nome. Especialmente, meu sobrenome.

Clarisse tinha dito?

— Que porra é essa de Domínio?

Ele deu um mini sorriso por trás do copo de vidro de líquido avermelhado.

— Os súditos de Dante Faulkner. O Capitão. — Minha boca endureceu. — Você está sendo caçada por eles. Eles querem te matar. Por que será?

Dei um passo para trás.

Porque eu era uma boca grande. Eles tinham pego a pessoa errada e sabiam que eu poderia foder com a identidade deles.

— Adivinhe. Use a cabecinha para pensar — ironizei, não me contendo em irritar os outros.

— Você é engraçada. — Ele pousou seu copo. — Você não precisa de Christian. Eu posso te ajudar muito mais do que ele te ajudaria. Nós podemos ser parceiros. Se você me der o endereço e os nomes de cada um, eu te dou o que você quer.

Levantei a sobrancelha.

— O que eu quero?

— A cabeça de Dante. — Meu peito encolheu. — O cara que arruinou sua vida, certo? Que deixou você desamparada, completamente sozinha. Está procurando por vingança, e ele sabe que você é um perigo para ele. Não só do que pode fazer, mas a arma que você tem contra si.

Era desconcertante que eles soubessem tanto sobre o que aconteceu, quem eu era e a minha relação com Dante. Era uma exposição irreconhecível, me colocando numa posição vulnerável.

— E o que é? — indaguei.

— Você sabe. Vocês sentem.

Meus dedos afundaram na palma.

— Faz muito tempo — confessei. — Dante não sente nada por mim. Eu sinto e é muito pior do que você possa imaginar.

— Você que matá-lo?

Balancei a cabeça.

Eu tinha explodido o seu carro, mas apenas para matar o tempo. Não o queria morto.

— Eu quero que ele sofra. Eu quero que ele apodreça — destilei entredentes.

Um sorriso nocivo vergou na sua boca.

— Eu te darei isso. — Sua distância estava diminuindo. — Se você me der as informações, eu te dou Dante. Faço dele o seu banquete. O seu melhor jantar. O que acha?

Aquilo era tentador, assim como horripilante.

As palavras banquete e jantar eram interpretadas como metáfora, contudo senti algo em mim que me fez vomitar.

Pensar que estaria na força contrária era vantajoso. Eu seria uma inimiga para Dante e eu poderia ter um exército para lutar comigo. Não seria apenas eu sozinha. Teria com quem compartilhar o meu ódio.

No entanto, a racionalidade falava mais alto.

— Por que você quer saber a identidade do Domínio? — questionei, sem deixar nenhuma brecha dos sentimentos que me controlam. — Quem vocês são? Eu preciso das minhas informações também.

Sua testa enrugou, seus olhos codificando algo que parecia estar tão certo há segundos.

Merda. Tinha errado sem perceber.

Seus passos tornaram-se cautelosos enquanto cruzava a distância que ainda sobrava entre mim e ele.

— Você não sabe?

— Quero ouvir o que você tem a dizer. Sou eu que faço as perguntas agora.

Tentei reverter para o meu lado.

— O que você sabe da morte dos seus pais? Quem eles eram? O que fizeram a Dante?

A minha reação foi um espelho de alma.

O homem soube abrir a fechadura certa do que eu guardava, tocando no assunto mais sensível para mim: os meus pais.

— Você não trabalha para a Fábrica... — ele finalmente pronunciou, a voz de quem tinha chegado a uma conclusão.

E eu não tinha gostado.

Porra.

Avancei o passo imediatamente, dando uma corrida veloz cruzando algum canto que me levasse a uma saída, contudo, os seguranças impediram-me de avançar, prendendo os meus braços e me sufocando.

— Larguem-me, seus merdas! — gritei, chutando as pernas no alto.

Mais uma vez, tinha caído na boca do lobo. Eu era burra, inferno. Devia ter procurado por mais pistas. Deveria ter investigado melhor no que estava me metendo antes de tentar barganhar alguma coisa.

— Diga a identidade dos tais Rostos Vazios e eu te dou a sua vida em troca.

Continuei chutando o ar, procurando acertar nos homens que me seguravam, mas o meu esforço era aniquilado.

Eles me matariam se eu desse o que sabia.

— Vamos levá-la para baixo. Talvez com alguns dedos cortados, ela abra essa boquinha.

Não poderia deixar que isso acontecesse.

Eu não poderia.

O cara apertou a minha boca, pressionando os seus dedos nojentos e suados, banhados em whisky, nas minhas bochechas. Seu hálito podre ardia nos meus olhos, como se eu estivesse reagindo a ácido sulfúrico.

— Ou talvez eu não queira os dedos cortados.

Seu olhar horripilante desbravou partes do meu corpo. A língua lambendo sua boca enquanto uma das suas mãos largou o meu rosto e quis brincar com o fecho do meu casaco, dando espaço para que visse um pouco mais da minha pele. Os homens apertaram-me mais contra si, impedindo que eu avançasse um milímetro.

Fechei os meus olhos, contando baixinho para que aquela merda passasse. Para que eu fosse capaz de encontrar uma solução rápida e que me pusesse dali para fora. Mas parecia que estava me perdendo. Parecia que estava ficando sem forças.

Três dias lutando.

Eu estava exausta.

Iria desistir, assim como não consegui fazer nada depois que os meus pais morreram.

Eu era impotente contra qualquer um deles. Eu era impotente contra Dante. Tinha me submetido a uma guerra sem aliados, sem armas. Eu não era nada. Os meus pais não construíram uma guerreira. Eles criaram uma garota que era pisada. Massacrada. Quebrada.

Eles deixaram uma filha destruída por dentro e agora seria destruída por fora.

Que estava morta de alma, coração e de vontade de continuar vivendo.

Um disparo que já estava familiarizada retumbou na atmosfera.

Senti gotas grossas caírem no meu semblante, o cheiro intenso infectando o nariz. O som de um corpo mole caindo no chão e a súbita queda da minha bunda no piso molhado foi o que fez os meus olhos abrirem.

Não tive tempo de observá-lo.

Não tive sequer tempo de perceber ao certo quem estava sendo atingido.

Mais dois tiros ressoaram, mais sons agonizantes da boca de cada homem soltando-se no ar antes de perderem suas vidas.

Desta vez, não consegui chorar. Não consegui sentir raiva.

O semblante revestido em puro aço e cólera, os passos demarcando território e sua alma penada, quebrada e rancorosa, mostrando cada grama do seu ser que deixou de se importar com a vida e compactuava com a morte.

O casaco preto, com o capuz cobrindo o boné da mesma cor. Seu uniforme era escuridão assim como o que ele trazia.

Devassidão.

Era ele. Um conjunto de átomos devassos e cruéis.

Aquele era Dante.

E pensar que sempre tinha sido era uma apunhalada nas costas que doía mais do que a própria morte dos meus pais.

Quando ele se aproximou, encolhi-me. O que quer que viesse dele, não teria forças para rebater. Não seria capaz de me defender. Estava

cansada. Ele tinha ganhado.

Eu assumia a minha derrota.

— Você pensou que poderia fugir de mim. Mas esqueceu que a mesma força de vontade que você tem para se vingar de mim, eu tenho para te *foder* — ele ordenou, sua voz forjada em fogo. — Mostre o seu rosto, Gray.

Levantei, esperando a destilação do seu ódio para mim. Como eu estava fodendo com os seus planos, quaisquer que eles fossem. Como eu estava demarcando minha morte e que ele precisava dar um basta nisso.

Esperei que ele atirasse em mim, assim como ele teria feito com as várias outras vítimas.

Esperei que Dante me entregasse ao inferno, assim como eu sabia que estaria condenada desde sempre.

Mas o que vi dele doeu muito mais. Rachou minha alma.

Faulkner agachou-se, repousando sua mão na lateral do meu rosto e limpou as gotas de sangue.

— Quem fez isso com você? — perguntou amavelmente.

— *Você*. Você fez isso comigo.

A sua expressão manteve-se indecifrável.

— Eles te sujaram... Sempre falei para se afastar porque não gosto de te ver manchada com as mesmas cores que eu.

Meu coração errou uma batida.

Eu não quis, mas me vi sendo uma garotinha de treze anos obcecada pelo garoto problema que estava diante de mim.

— Eu...

— Dante, vamos.

Olhamos ao mesmo tempo para a porta. Era um dos seus amigos. Pela estatura e a voz, adivinhei que fosse Cole.

Ainda me causava arrepios como eles realmente pareciam não ter rosto e se pareciam com deuses da morte. A capa escura que cobria dos pés à cabeça era sombria. Não sei como se moviam, como conseguiam fazer tanto estrago quanto parecia, mas ao que parece, era mais eficaz do que aparentava.

— Certo.

Dante colocou-se de pé, porém, seu braço segurou minha cintura e, no mesmo segundo que eu estava sentada, eu estava em seu ombro como um saco de batatas.

— Que porra! Me coloca no chão!

Seus dedos afundaram na minha coxa, gerando um fio de eletricidade que arrepiou minha pele. Minhas pernas se espremeram, com pouca intenção de demonstrar o que senti.

— Depois do que fez, não tem direito de dizer nenhuma palavra, Gray. Espero que saiba que quando chegarmos, eu não vou poupar você. E se eu fosse você, teria medo da pessoa que eu sou quando estou puto. Porque, merda, você me deixou chateado pra caralho.

15

Emilia Gray

war requiem

há quatro anos

Apesar de ser um dia importante, o céu estava triste.

O cinza das nuvens carregava taciturnidade nas ruas, obrigando a que os postes de luz a iluminarem parte dos becos no meio do dia. Embora fosse primavera, o frio protagonizava o espaço e obrigava a que todos do salão estivessem empenhados em colocar camadas de roupa.

Eu estava ligeiramente arrependida por ainda ter teimado em usar o vestido azul marinho que tinha comprado somente para a ocasião.

Havia muitos seguranças. Tinha perguntado à professora o motivo e ela tinha me avisado que era para facilitar a entrada e saída de pessoas.

Os nervos pinicavam a minha pele a cada segundo que mais uma fileira humana surgia na plateia. Kayleen já se encontrava na primeira fila, acenando para mim e sorrindo em incentivo. Procurava por um sinal dos meus pais, mas somente os pais dos meus colegas estavam presentes.

Dante não tinha me dado certeza se viria. Eu queria que ele pudesse me ver tocar Kreutzer. Tinha ensaiado tantas vezes para que o meu melhor amigo visse como eu poderia superar as minhas inseguranças. Queria que enxergasse que eu era tão boa quanto ele.

No entanto, Faulkner informou-me que aquele dia também era importante para si e provavelmente os nossos caminhos não se encontrariam naquele instante. Suspirei decepcionada, mas prometi que pediria para alguém filmar.

Dante não sorriu ou pareceu contente.

— Faltam dez minutos. Coloquem-se nos lugares — a professora declarou e o grupo conjuntamente subiu para o palco.

Eu ficava na segunda fila, com mais três garotas. Apesar de ter aprendido as composições em piano também, preferi tocar o violino. O som que saía das cordas a cada tom causado era deliciosamente bom de se ouvir. Era mais espontâneo para mim do que ter que bater as teclas e a concentração a mil no teclado.

— Que mentira...

— Não. É verdade. Eu ouvi o policial ontem falando disso.

Um duo de garotas estava cochichando ao meu lado, interrompendo meu raciocínio e me puxando para a conversa de ambas.

— Falando do quê?

As duas perscrutaram-me como se eu fosse algum tipo de parasita disfarçado, mas rapidamente convidaram-me a entrar no diálogo.

— O dia do castigo. *Sic Infit*.

Levantei as sobrancelhas.

— Vocês têm certeza do que estão falando?

A garota menor colocou-se à frente da amiga, as pupilas dilatadas em desespero.

— Você não viu nos grupos das redes sociais? — Abanei a cabeça.

— A polícia tinha notado que algumas pessoas estavam desaparecidas. Você se lembra, não é? — Assenti. — Fizeram uma busca pelos lugares e encontraram um tipo de casa abandonada. Eles encontraram corpos mortos. Vários deles.

Meu estômago embrulhou-se, um soco forte e feio o atingiu.

— Quem eram?

— Não se sabe ao certo. Na verdade, há muitas teorias e uma delas é que o secretário do presidente é uma delas. — Um gosto amargo ferveu em minha boca. — O pior é que vazaram imagens de que eles tinham uma data, Emília. 23 de Abril. A data de hoje. E as paredes do lugar estavam pintadas com *Sic Infit*.

A confusão instalou-se na minha cabeça, os meus neurônios trabalhando para criar respostas às dúvidas que estavam surgindo e corroendo os meus intestinos. As meninas não paravam de se alarmar e conversar cada vez mais sobre o assunto, mas pensar que parte das minhas teorias envolvia Dante e os outros dava-me angústia e criava um rebuliço enjoativo.

— Não pode ser mentira?

— Se fosse mentira, não teríamos tantas seguranças aqui.

— Não vai acontecer nada. Eles teriam avisado.

— Você já viu o filme 2012? — a loira perguntou exaltada. — Eles nunca avisam. Apenas quando acontece a tragédia é que soam os alarmes.

— Não há alarmes aqui.

— Muito pior.

Balancei a cabeça, tornando a encarar Kayleen na plateia. Daniel já estava sentado ao seu lado, também levantando os braços e gesticulando formas de me enviar força e segurança. Ele saberia de alguma coisa. Era a pessoa com maior coletânea de boatos que conhecia. Nada escapava de Daniel.

Procurei pelos meus pais novamente, mas nenhum sinal deles.

— Estão prontas? — A professora se achegou ao nosso ciclo, murmurando palavras de incentivo. — Vamos começar.

Aquiesci, endireitando-me na minha cadeira.

Varri qualquer pensamento negativo que quisesse se hospedar e consumir a minha sanidade.

O dia do castigo.

23 de Abril.

Sic Infit.

Eram peças que criavam um quebra-cabeça perfeito, gerando uma imagem nítida e que eu identificava tão bem. Mas não poderia ser verdade. Nem todas as coisas que pareciam ter sentido realmente possuíam um significado.

Posicionei o violino entre o ombro e o queixo, a vibração do instrumento formigando por toda a minha pele, antes mesmo de iniciar a sua melodia. Fechar os olhos, inalar o ar para que a minha mente conseguisse absorver o que os meus colegas reproduziam era um passo importante para a minha performance.

No entanto, o meu olhar repousou-se em uma figura distante. O arco continuava rasgando as cordas, cada vez que a música necessitava de uma elevação, eu dava mais força, mas enquanto minha mente refletia sobre as notas automáticas, meu coração visualizava a pessoa que me observava tão distante.

Suas mãos nos bolsos, o seu contato visual procurando arrancar partes de mim que eu ia deixando à medida que continuava tocando e seu sorriso enigmático criando raízes. Estava nascendo algo dentro de mim.

Quando procurei descobrir o que suas pupilas comunicavam, sua sombra escondeu-se na escuridão. Não havia mais sinal dele.

Meu coração rompeu-se em batidas agressivas. Por alguma razão, a música tornou-se estridente em meus ouvidos. Nada fazia sentido. Nada era melódico.

Assim que a minha primeira nota se descarrilou, veio uma sequência de outras.

Os meus colegas entreolharam-se perdidos, porque diabos não estávamos seguindo a música. Até que, de repente, a luz falhou.

E estávamos completamente às escuras.

Vários suspiros, questões e gritos começaram a soar.

Eu mal conseguia ouvir porque estava mais preocupada com a potência do meu peito e como parecia que ia quebrar minha caixa torácica. Pousei o violino, mas, rapidamente ele foi arremessado e quebrado.

— Desculpa, desculpa! — alguém disse, me fazendo ficar puta.

— O que você está fazendo? Fica quieto — enunciei.

Alguns celulares iluminaram um pouco o espaço. Virei-me para trás, vendo a professora pedindo para que ficássemos calmos e esperássemos algum técnico resolver. Não só ela, mas um dos representantes do evento anunciou, pedindo paciência.

— Vamos morrer. — As duas garotas de antes murmuravam entre elas.

— Parem com isso. Ninguém vai morrer.

— É o dia do castigo, Emília. Ninguém vai sobreviver. *Ninguém*.

A minha respiração só não saiu cortada porque o meu organismo estava em alerta para outras situações ao redor. Um grito feminino ressoou entre os burburinhos da área.

A maioria dos celulares ligados direcionaram-se para o foco do som, porém, em pouco menos de um segundo, algo se quebrou.

Tiros foram disparados.

Um.

Dois.

Três.

O caos iniciou.

Mais ninguém se manteve sentado. Por mais que os seguranças e o representante gritassem para manterem a calma, as cadeiras, os gemidos dolorosos e os passos apressados martelando o chão eram a resposta biológica da plateia.

Procurei conseguir contabilizar a minha inspiração. E depois a minha expiração. A mochila com as minhas bombas estava nos cacifos, e eu não poderia cometer o erro de perder o ar.

Eu iria morrer ali.

Sem luz, fui tateando os objetos, pisando em alguns violoncelos, chutando um clarinete e batendo de frente com o piano. Não conseguia avançar, me desesperando em alguns instantes, no entanto, eu precisava manter os meus pulmões funcionando.

— Lia! Lia!

A voz de Kayleen chamou por mim, até que a vi com Daniel subindo o palco.

— Oh, meu Deus. Você está bem? — Ela pegou na minha mão. — Não sei o que está acontecendo, mas precisamos sair daqui.

Um baque forte explodiu a atmosfera.

Era difícil ver ao longe, embora estivéssemos com as lanternas ligadas. Contudo, uma voz estrondosa disparou: — A porta está trancada!

Mais baques fortes ressoaram.

E outro tiro eclodiu.

— Como vamos sair? — Cullbert questionou a Daniel que, pela luz do celular, os contornos do seu rosto demonstravam *medo*. *Muito medo*.

— Não sei. Não conheço o lugar.

— Eu sei que tem uma despensa perto dos lugares onde guardamos os instrumentos. Podemos ficar ali até a polícia chegar — informei e os dois assentiram.

— Então, vamos.

Daniel ficou na frente, eu no meio e Kayleen atrás. Seguimos para onde eu me lembrava ser a despensa. O nosso caminho estava vazio, pois a maior parte das pessoas estavam desesperadas seguindo para a porta da frente, pisoteando-se, chutando e se machucando.

— Vocês acreditam nisso do *Dia do Castigo*? — perguntei.

— Avalie o que está acontecendo agora, Emília — Daniel respondeu.

Encolhi os ombros.

— Não faz sentido... Ele não faria isso.

— Ele quem, hã? — Kayleen exclamou. — De quem você está falando?

— Nada.

— Nada? Emília, você sabe de alguma coisa? — questionou novamente, colocando-se de frente para mim. Paramos os nossos passos. — Não minta para mim. O que está acontecendo?

Meu sistema respiratório liberou uma nova função de ataque. O oxigênio entalou na garganta e eu precisei respirar alto para não perder a postura.

Estava desesperando-me com a ideia de ele estar envolvido em tudo isso.

— Não sei. Estou pior do que vocês, se querem saber — contrapus, abraçando o meu peito.

— Você não está falando de Dante Faulkner, não é?

Consegui ver as pupilas desanimadas de Kayleen na minha direção.

— Nós precisamos ir, garotas — Daniel sugeriu.

— Não — Kayleen exigiu. — Não vamos sair daqui sem eu saber o que está acontecendo. Você está falando de Dante?

— Não estou — ignorei-a. — Na verdade, não sei. Pode ser que sim, pode ser que não. Não sei!

Os dedos de Kayleen apertaram os meus braços.

— Emília...

— Por que você está assim comigo? Você acha que eu estou envolvida nisso? — A minha voz se sobressaía por todo o caos barulhento que ainda acontecia.

— Porque ele fez questão de me pedir para te tirar daqui.

Engoli em seco, impulsionando que uma linha de raciocínio fosse formada.

— Quando? — questionei. — Como?

— Agora.

Pisquei forçadamente.

— Então, Dante está aqui?

— Então? — Sua entoação saiu rude. — Você sabia, não é?

— Não! — exclamei novamente. — Ele tinha me dito que não vinha. Que não podia. Eu achei que o tivesse visto, mas não tive certeza e...

— Emília, você esteve mentindo para mim o tempo todo — atalhou, seu desespero cada vez mais evidente na falha da voz. Era como se o seu coração corresse uma maratona de emoções. — Você me disse que não falava com ele. Eu te avisei para não se aproximar, e agora ele está me pedindo para te proteger? Que diabos?

— Eu...

— Ele é a causa disso tudo, meu Deus. — Seu tom foi aumentando de volume. — Ele e aqueles malditos.

— Não pode ser... — murmurei, balançando a cabeça para afastar qualquer pensamento negativo.

— Eles são, Lia! — esbravejou, abanando meu corpo violentamente. — Porra. Por que você tem que ser tão teimosa? Eles não são bons. Nunca foram.

— Garotas, eu não quero interromper nada, mas eu acredito que tenhamos de nos esconder porque...

Daniel não conseguiu terminar a sua frase. O disparo soou alto e forte, estalando os meus ouvidos como se um berro tivesse sido injetado diretamente neles.

Por instinto, agachei-me e tampei minhas orelhas, assim como Kayleen e Daniel. Meu coração já estava batendo em potência máxima, o que obstruía a minha capacidade de passagem de ar para as vias aéreas.

Sentia como se o oxigênio fosse aos lugares errados e intoxicasse regiões do meu corpo.

Aos poucos, a minha visão foi pintada por um borrão. Os gritos que vinham a seguir aos disparos eram uma incógnita. Ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo, se tinham pessoas morrendo ou feridas. Se eram disparos para assustar ou para avisar algo.

Quem poderia ser?

Dante?

Eu não queria acreditar. Ele não faria algo assim. Ele não permitiria que tanta gente morresse inocentemente. Era um dia para ser bom para mim. Um momento de orgulho.

Ele seria capaz?

No ímpeto, levantei-me e segui até onde os meus pés levavam-me.

Kayleen gritou por mim, procurando pegar no meu braço, mas caiu antes de o fazer. Não olhei para trás, pois o baque foi o suficiente para comprovar, no entanto, meu foco era encontrá-lo.

Era ver Dante.

Claro que não sabia por onde começar, muito menos como chegar viva depois de tudo isso. Empurrar as pessoas, entrar em lugares mais reservados e encontrar estudantes escondidos, com medo de serem revelados, portas tentando ser derrubadas, mas era difícil, por haver falta de material para ajudar. Ninguém tinha força nesse momento. Apenas coragem e desespero, mas a força era substituída por irracionalidade e falta de pensamento. Ninguém sabia ao certo o que estava fazendo.

Ninguém sabia como tinha parado naquela situação e se sairia dela.

Toda a iluminação vinha dos celulares que alguns tinham nas mãos, porque muitos deles possivelmente tinham perdido na corrida, no embate com os outros e acabado por quebrar.

Todos tinham perdido a sanidade a cada segundo fechado aqui.

E não tinha passado muito tempo. Nada disso estava acontecendo a menos de dez minutos.

Merda, merda, merda.

Por um momento, supus que o meu cérebro estivesse furioso. Assustei-me com os palavrões. Eu não os tinha dito, ou tinha?

A incerteza paralisou-me, novamente escutei um gemido de dor e algumas coisas quebrando.

Perlustrei o espaço. Estava escuro, a pouca iluminação vinha de uma janela de vidro no topo da parede. Conseguia perceber que era um corredor estreito e se tateasse a parede, perceberia que era velho e pronto para quebrar.

Assim como os ruídos.

— Porra...

Identifiquei a voz no mesmo instante. Meu coração saltou, como se durante todo esse tempo tivesse sido aprisionado em uma gaiola.

— Dante?

Pausa.

— Emília? — Sua voz soou enlouquecida.

Eu claramente estava ficando louca também.

— Dante, onde você está?

— Não venha até aqui.

Era uma ordem. Ele estava furioso.

Mas pouco me importava porque ele soava quebrado.

— Eu vou.

— Emília...

Continuei andando, tateando a parede.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, caminhando até onde a sua voz me levava. Mas Dante era esperto. Ele não me respondeu.

— Você me disse que não vinha. Por que mentiu? O que está acontecendo?

Nada.

Nenhuma resposta.

Respirei fundo.

— Você está envolvido no que está acontecendo? É por isso que queria que a Kayleen me protegesse? — continuei. — Por favor, diz a verdade. Eu quero saber. Nós confiamos um no outro, não é? Somos amigos. Sempre fomos.

O silêncio era maior do que eu pensava. Tornou-se assustador, principalmente por não ouvir mais nenhum som externo. Parecia que todos tinham desaparecido e somente Dante e eu estávamos ali.

Era assustador.

Completamente adoecido. O ar parecia contar segredos perigosos e assustava o que poderia surgir dele.

— Por favor... — murmurei. — Fala comigo. Eu quero te encontrar, Dante. Eu quero estar com você agora.

Algo foi se instalando no meu estômago. Pesava e muito.

— Você não vai querer.

Voltei a me erguer quando a sua voz esvoaçou na atmosfera. Segui os meus ouvidos.

— Você está ferido? — indaguei. — Parece que algo está te machucando.

— Saber que você está aqui piora a minha condição.

Uma risadinha irônica saiu da sua boca.

Eu a segui.

Eu continuava seguindo onde o meu coração levava.

— Vai embora, Emília.

— Não.

— Por que caralhos você é tão teimosa, porra?

Abanei a cabeça.

— Eu preciso te ver.

— Não agora, merda.

— Não me importo com o que você quer — disparei.

— Emília...

— Por favor, Dante.

— Vai embora!

O seu grito foi alto o suficiente para eu calcular uma rota e entender onde ele estava. Corri a passos largos, chegando na sua área em pouco tempo.

Era impossível ver, mas a sua respiração ofegante, distorcida por gemidos dolorosos, o seu cheiro forte e viciante, além da aura da sua presença era sinal de que estava no lugar certo.

— Você disse que não gritaria mais comigo, lembra? — mencionei, procurando não chorar e tateando o chão para chegar até ele.

— Esqueci que você quer que eu grite com você em lugares mais reservados.

Sua malícia não ajudou na descontração. Ainda estava desnorteada e amedrontada. Ao conseguir tocá-lo, meu cérebro foi ocupado por alívio.

— Dante, você está tremendo?

Seu corpo vibrava com fervor. Toquei na sua testa e o suor se espalhou pela minha mão. Seus cabelos úmidos, sua boca aberta arrancando mais ar do que precisava.

— Maldito Norman...Aquele filho da puta — xingou enfurecido.

— De quem você está falando? Você está ferido?

— Um pouco.

— Onde? — perguntei em desespero. No entanto, ele não precisou responder ao tocar na sua perna e sentir ferver. Estava tão quente que eu supus ter espalmado em fogo. — Meu Deus.

O líquido que escorreu pela minha mão assustou-me. Eu não via nada, mas identifiquei rapidamente o que estava grudado na minha mão.

— Você está sangrando! Meu Deus!

— Talvez eu tenha levado um tiro no joelho — pronunciou, rindo em aflição, mas a sua respiração estava cada vez mais pesada.

— Não tem graça, Dante. Precisamos chamar uma ambulância. Você precisa de ajuda.

— Não pode acontecer.

— Como não?

A minha garganta apertava, meu peito estava alvoraçado, completamente em pânico por todo o caos. Dante poderia morrer. Ele estava sangrando, em extremo cansaço, pelo linear de desmaiar.

O pensamento de perdê-lo em um instante me assustou. No entanto, o controle da minha respiração era mais do que importante no momento para que eu pudesse manter Dante a salvo. Ajudá-lo. Protegê-lo.

— Eu não devia estar aqui... — murmurou.

— Não?

— Nem você, Emília.

Inspirei fundo.

— Não vamos falar sobre isso agora. Temos que te ajudar. Por favor, Dante. Você é muito importante para mim. Não quero te perder. — As minhas lágrimas afogavam as palavras. Expirava fortemente pelo nariz, esfregando os meus punhos no rosto. — Precisamos chamar ajuda.

Tinha Dante ao meu lado, mas não conseguia vê-lo. Só sabia que ele estava ali, sangrando e transpirando.

Era agonizante e aterrador.

— Não podemos chamar, Gray.

— Você vai morrer — constatei em desespero. — Deus, Dante, você pode morrer. Não faça isso.

— Me deixe morrer e vai embora.

— Não! — berrei, mal aguentando os socos do meu coração contra a minha costela. — Eu morro com você.

— Emília, merda. Não é o momento para você ser teimosa.

— Nem você. Me diz o que fazer.

Dante gemeu de dor. Ele tentava mover sua perna, mas era impossível.

— Tire a bala — ele soprou, rangendo os dentes.

— O quê?

— Tenho uma lanterna e um canivete — começou por dizer. — Você vai ligar a lanterna e pegar no canivete para retirar a bala, pode ser?

— Quê? O que você está falando? Tirar a bala? Não é seguro. Não se deve fazer isso sem um profissional, Dante.

— Você falou que queria me ajudar. Não volte atrás.

— Dante, não sou capaz.

— Porra, Emília. Você é capaz de tudo. Eu confio em você — pronunciou, a sua mão alcançando a minha de algum jeito. Ele também sentia fortemente a minha presença. Ele estava quente. Muito quente. — Ela está no meu joelho. De qualquer maneira, ela vai ter que ser retirada. Se você conseguir, controlamos melhor a saída do sangue. E talvez eu não precise me preocupar em perder os movimentos desta perna.

Meus dedos arranhavam o meu outro braço.

Eu também transpirava. O meu vestido estava um desastre. A sujeira me pertencia, principalmente o sangue que parecia estar tão agarrado em mim.

— Tudo bem. Eu vou tentar.

Dante gemeu, preparando-se mentalmente e fisicamente.

— Eu vou te dar a lanterna, mas, por favor, não grite.

— Por quê?

— Porque o motivo para eu estar aqui é outro.

Ele entregou-me o objeto e assim que o liguei, o meu músculo cardíaco foi atingido.

Há anos que não tinha visto um corpo morto. Tinha esquecido como era o cheiro, a imagem, a agonia de saber que aquela pessoa não tinha mais vida.

Mas o que me afetava era o rosto em sofrimento. Os olhos esgazeados, os braços espalhados como se tivesse lutado com toda a sua força para manter o seu coração batendo.

A dor.

Claramente a dor dos últimos segundos de vida.

— Oh, meu Deus!

O choro compulsivo veio de imediato, especialmente por ver a arma no chão e a perna de Dante completamente arroxeadas, o sangue espalhado em uma poça de cheiro intenso. O seu cabelo estava ensopado, a testa brilhando pelo suor.

Eu sentia dor em cada maldito centímetro do meu ser.

Os meus sonhos seriam substituídos por aquele pesadelo para todo o sempre.

— Se concentra em mim, pequena — ele exigiu.

— O que aconteceu? — perguntei, limpando os meus olhos.

— Não agora. Não me faça essa pergunta porque eu não vou conseguir ser sincero com você.

— Dante, eu preciso entender melhor. Tem tanta coisa que te envolve que eu não sei até onde eu estou sendo levada — expliquei.

— Você não vai querer ouvir.

— Dante...

— Você vai ver — admitiu. — Quando sairmos daqui, você vai saber.

Havia tanta dor na sua voz que eu me arrependi por esse pedido.

Não queria saber mais.

O gemido angustiante de Dante lembrou-me que eu tinha algo a tratar.

— Vamos começar? — ele perguntou e eu assenti.

Rasguei o tecido do meu vestido e entreguei-o.

— Toma. Você vai precisar para...

— Eu sei.

Com dificuldade, Dante amarrou o tecido à boca, colocando-o entre os seus dentes.

Posicionei a lanterna de modo que eu pudesse visualizar a sua perna. Encarei-o, esperando uma resposta, e assim que ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, peguei no canivete.

— Se doer muito, eu vou parar, Dante.

Não tomei os seus olhos novamente, com medo do arrependimento.

Tentei entender onde estava a bala e todo o sangue espalhado. Limpei com a barra do meu vestido, mas era difícil controlar o que acontecia na região do joelho.

Respirei fundo.

Posicionei a mão ao redor da ferida aberta.

Delimitei a área com o olhar.

Cortei.

O grito de dor que estrangulou sua traqueia me fez parar no mesmo instante. As suas unhas raspavam o chão e eu imaginei ser capaz de ouvir o seu coração parar no instante que o canivete entrou no seu corpo.

— Não podemos fazer isso. Você pode ter uma infecção, piorar a situação. Não é indi...

— Continua! — ele ordenou em suspiros pesados. — Porra, Gray. Confio em você pra caralho. Faça.

Balancei a cabeça, no entanto, eu continuei.

Foquei na região e circundei com o canivete. O grito estrondoso de Faulkner retumbava pelas paredes, ardendo os meus ouvidos.

Eu continuei.

Ele gritava.

O sangue continuava, se espalhando em meus dedos.

Era nojento. Errado. Tudo nisso era imundo.

As lágrimas escorriam pelas maçãs do meu rosto. O oxigênio estava imaculado, entrando em meus pulmões à espera de uma intoxicação.

Dante continuava gritando.

A dor se transferiu até mim.

E eu gritei com ele.

Era doloroso vê-lo. Sem anestesia. Sem nada que o ajudasse.

Ele confiava demais em mim. Ele estava colocando a sua vida nas minhas mãos.

Mas eu não estava aguentando saber que poderia matá-lo. Que poderia destruir a sua vida.

Eu continuei. Eu continuei. Continuei.

Dor. Dor. E dor.

Até que um gemido maior extrapolou e a bala saiu. A minha raiva foi o bastante para eu rasgar de novo o outro lado do vestido e atar fortemente na sua perna.

Reclinei para trás, e como se os meus brônquios tivessem parado de funcionar nos últimos minutos, inalei o ar com força, expandido a minha caixa torácica até o limite. Respirei como nunca. Como se fosse muito mais do que uma necessidade vital.

— Fiz. Está feito — soprei.

Dante estava exausto. Seu corpo estava tão mole, mas assim que retirei a mordaca da sua boca, ele sorriu levemente.

— Boa garota — proclamou com a voz falhando.

Passei a mão no seu rosto. Decidi levantar, procurar por algum banheiro no corredor. Foi fácil, pois tinha logo um diante do salão onde estávamos. Eu não tinha como levar a água até ele, portanto usei a saia do meu vestido como suporte.

Corri até ele, evitando não despejar o pouco que já tinha. Quando me aproximei, usando a minha mão como suporte e a outra como concha para levar a água até à sua boca. Fui fazendo aos poucos, com cuidado.

Fiz o mesmo caminho diversas vezes, os mesmos movimentos repetitivamente, pulando o corpo morto e o ignorando como se ele não merecesse a minha atenção.

Dante precisava de mim. De tudo que era capaz de oferecê-lo.

— E agora? — questionei, aterrorizada com o passo seguinte.

Ele precisava de ajuda. Um especialista.

— Você vai embora.

— Mas Dante?

— Daqui a pouco, alguém vem me buscar e você não pode estar aqui, está bem? — ele pronunciou com delicadeza. — Por favor, Emília. Vai.

— Mas eu não posso te deixar assim, aqui...

O cheiro ainda não era intenso, mas a situação pesava a atmosfera e afetava os meus sentidos.

— Você pode e deve. Vai. Já deve ter chegado gente para tirar as pessoas daqui.

Eu o analisei, de cima a baixo.

Eu estava com medo. Tremendo.

— Os meus pais vão conseguir te ajudar. Eles salvam qualquer um e...

— Emília! — O seu grito retumbou mais alto que mil tiros. — Você pode, uma única vez, me escutar?

— Mas Dante...

— Você tem que ir embora. *Por favor.* — Ele estava implorando. Ofegante, ele suplicava como se a sua vida dependesse disso. — Faça isso por você.

O meu coração alojou-se na garganta, impedindo que eu dissesse mais do que já externava. O meu choro era incontrolável, salgando minha boca. Eu via parte do seu rosto sombreado e a luz que refletia o pouco das suas feições me assustavam.

Eu sentia como se aquela visão fosse a última que viria dele e a ideia de ser verdade obrigava o meu corpo a manter-se do seu lado.

— Você não vai morrer, não é? — perguntei apavorada.

Meu peito flamejou quando ele somente balançou a cabeça, mas não soube articular.

O que ele iria fazer?

— Leva a lanterna com você — ordenou.

Peguei o objeto.

— Por favor, não me engane — murmurei, beijando a sua bochecha. — Preciso de você. Meus anjos precisam de você.

Ainda em desequilíbrio, levantei-me. Afastei-me com relutância. Tentei controlar as lágrimas, mas era difícil.

Especialmente quando escutei tão levemente quanto um sussurro da morte.

Lamento, Emília.

16

Dante Faulkner

standchen

— Largue-me! — Gray esbravejou, guerreando contra o ar como se fosse me atingir.

Puxei-a para a cela, trancando de imediato antes que ela pudesse escapar. Suas mãos se fecharam nas grades e ela as sacudiu, embora o mínimo de movimento não colocasse em causa o meu objetivo.

— Você não pode me trancar aqui, seu cretino! — continuou berrando.

Meus ouvidos já estavam cansados da sua voz em altos decibéis.

— Você prefere ser amarrada como da última vez? Porque eu acho que gostou já que me desobedeceu — rosnei.

Ela afunilou-me.

— Não se comporte como se fosse o meu dono!

— Tenho cara de quem faz caridade? — debochei. — Você seria uma garota muito bem comportada se eu botasse minhas mãos em você.

- Vou gritar para que todo mundo escute!
- Pode começar. Ou você quer que eu te ajude? — zombei.
- Seu otário! Filho da puta!

Ignorei-a, evitando encarar o seu rosto novamente para não perder a cabeça. Eu estava num estado incapaz de ser medido. Não sabia se era raiva em excesso, exaustão mental ou incompetência. Meu corpo pulsava e ardia por um sentimento muito mais forte que eu.

No entanto, meu punho fechado estava sedento para acertar um certo rosto. Emília tinha sido colocada numa situação que não havia sido planejada. Nada do que tinha acontecido nos últimos dias deveria ter sido daquela forma. Queríamos um mapa e iríamos encontrá-lo, mas não trancafiando Gray na nossa base, revelando nossas identidades, onde morávamos e quem estava conosco.

Tinha sido um ato falho que não só nos colocava em risco, mas também a ela. Ela era um alvo a partir do momento que nos reconheceu. E qualquer um que estivesse na sua posição já teria seus miolos sendo comida para insetos.

Subi as escadas com os gritos de Emília e o som das grades se afastando. Ao chegar na sala de reunião, onde os quatro me esperavam, fui impulsivo em pegar Asher pela gola da sua camiseta contra a mesa.

Ele era muito mais forte que eu. Não havia dúvidas. O cara era o nosso punho e um soco seu era capaz de matar alguém.

O seu porte sendo um atleta e os seus quase dois metros eram uma vantagem enorme em campo de batalha, porém o nosso lado sanguíneo era distinto. Eu era mais violento, embora muito mais racional. Eu mandava naquela porra toda, portanto o respeito comigo era supremo até na morte. Tínhamos um pacto tatuado na nossa pele.

Eu era lei naquelas paredes. Eles tinham confiado em mim para guiá-los.

— Por que diabos você a interrogou sem conversar comigo primeiro, Hawthorn? — questionei entredentes, pressionando-o mais contra a mesa.

— Nós precisamos desse maldito mapa.

— Que ela não tem, cacete! Você não pode tomar frente das coisas sem falar conosco. Sua intuição foi tão merda que colocou uma pessoa

inocente como alvo. Agora começamos uma outra guerra com quem não devíamos sendo que temos merdas para resolver antes, porra!

— Você poderia ter deixado-a para morrer — cuspiu, rodeando sua mão na minha que ainda continuava puxando a sua gola com força. — Você pode, mas não quer. Já erramos vários alvos. Não é a primeira vez.

— Não matamos quem não é da Fábrica.

— Você sacou essa arma mais vezes do que durante a sua vida toda desde que ela apareceu, e a maioria dos corpos que limpamos eram de pessoas que não eram da Fábrica — alfinetou. — Eu fiz merda, assim como você quando decidiu se revelar pra ela. Você poderia simplesmente ter me deixado terminar com isso, mas não quis porque queria que ela soubesse que você ainda existe. Que ainda tem poder sobre ela. Que ela nunca foi deixada sozinha. Sua merda é tão grande quanto a minha.

Meu sangue fervia.

— Ela somaria dois mais dois e iria chega lá. Emília não é burra.

Um sorriso perigoso ergueu em sua boca.

— Então, vamos matá-la.

Perdi o controle dos meus músculos por segundos, o que ajudou Asher a se desprender de mim e se livrar do encurralo.

— Ela está nos atrapalhando — Cole começou por dizer, sentando-se no banco e ligando os monitores.

As nossas câmeras foram ativadas e Emília na tela pregou minha atenção. Ela continuava furiosa, mas muito mais calma do que antes. Não queria prendê-la, porém precisava de espaço para pensar e com ela à solta só nos colocaria em mais encrencas.

— Asher fez merda, mas precisamos fazer algo em relação a isso — Van Doren continuou. — Se ela não tem o mapa, nem nada para nos oferecer, devemos eliminá-la. Como você disse, tivemos que matar quem não devíamos. Começar uma guerra com Christian Norman seria o pior momento quando estamos à caça da nova Seção. Por causa dela, isso poderia acontecer.

— Porra, eu sei — rumorejei quase rosnando.

— Conte a verdade — Jaxon pronunciou, captando os olhares de todos, até mesmo de Vance que parecia estar mais entediado do que interessado.

— Nós não falamos sobre o Domínio — Cole rebateu. — É a nossa regra. Tudo o que se passa aqui fica aqui. Não deixamos entrar ninguém e nem deixamos sair ninguém. Você aceitou, assim como todos nós.

Ele exibiu a marca do seu pulso. O X marcado foi feito em sangue, cortando nossa pele numa noite sagrada.

Sic Infit.

Aquele foi o dia que compactuamos com tudo. Que aceitamos o nosso destino. Que decidimos que a vingança era maior do que as nossas vidas.

Jaxon sacudiu os seus cabelos, inalando fundo.

— Emília pode ser útil — adicionou.

— Útil como? — Asher indagou, batendo os seus punhos de leve na mesa. — Se nem a porra do mapa os seus pais lhe deram, não há nada que ela nos ofereça.

— Ela deve saber algo. Ela deve ter algo — Jaxon defendeu.

Tamborilei os meus dedos na mesa, o crânio latejando de tantos pensamentos que estavam indo e voltando.

— A única coisa que ela tem é falta de inteligência — Cole cuspiu. — Além do mais, a herança dos seus pais só vai estar na sua mão quando ela fizer vinte e um anos. O que é impossível porque espero que esteja silenciada antes disso.

— Quem te disse? — perguntei, franzindo o cenho.

— Alguém.

Jaxon gargalhou como se fosse tudo uma brincadeira de crianças.

— Ela vai ter o mapa depois de fazer vinte e um anos, é isso? — ele continuou rindo, enquanto os três nos entreolhávamos e montávamos um quebra-cabeças tão fácil de ser compreendido.

— E onde diabos está essa maldita herança? — Asher estava se enervando com todo o debate. Eu sabia que estava sedento para ter um fim assim como Cole. — Não está com a família dela?

— Emília não tem família. Ela está sozinha. — rangi, observando-a sentada no chão, encarando o teto. — As pessoas que a ajudaram depois da morte dos seus pais foram da família da Kayleen Cullbert, mas eles só têm o dinheiro congelado. Possivelmente o mapa está com alguém que os pais confiavam.

— Vocês querem esperar até ela fazer vinte e um anos para termos o mapa?

— Faltam sete meses — Jaxon informou.

Cole riu nasalmente em modo sarcástico.

— Vocês estão brincando, não é? Eu sou contra essa merda. Ela já fez um estrago em menos de uma semana. Imagina em meses? Quem nos garante que essa garota vai fechar a boca durante esse tempo? Nós não somos amadores. Porra. Nós não vamos confiar em Gray por causa dessa merda de quatro anos atrás. Não podemos parar a nossa caça para esperar até essa maldita ter um diploma na mão.

— É como um plano B. — Jaxon cruzou os seus braços, se enroscando na parede. — Não vai nos atrapalhar.

— Que plano B bosta — Asher suspirou, cambaleando a cabeça para trás. — Ela não vai aceitar. Gray quer a cabeça do capitão. Não foi isso que ela disse?

Escutar as suas palavras fazendo o acordo com aquele filho da puta do secretário de Christian Norman reagiu em mim como combustível. Ela tentou me matar com a explosão, mas ao que parecia, tinha sido mais uma tentativa de ganhar mais tempo para fugir.

Mas ela quer a minha morte lenta. A minha destruição. Que tudo o que eu tenha construído e ganhado seja desmoronado.

Não sabia se deveria rir.

Ela era uma vingativa faminta. Gostava disso nela. Mas odiava que tivesse sido eu a despertar esse seu lado.

— Porra, se não conseguem matá-la, eu posso fazer isso. Mas não vou concordar com esse plano estúpido. — Cole estava pulsando de raiva. — A nossa vida fica em risco, porra. Ficou nessas duas vezes que ela fugiu. Dante, caralho! Você é o líder. A nossa batalha é mais importante que uma boceta amiga.

A veia do meu pescoço saltou.

O esboço do meu rosto fechado foi alvo de um simples sorriso de Vance.

O cara não dizia nada, mas absorvia cada pormenor daquela sala.

Campbell nunca abria a boca para dar opinião. Ele concordava com tudo desde que nós déssemos aquilo que ele mais desejava: sangue. A sua vontade de se vingar era maior que a nossa. Ele não queria saber dos meios,

de quem morria no caminho, quem deixava de ter o seu coração batendo. Vance só desejava sentir todos os sabores de um prato frio da vingança.

— Agora entendo um pouco o capitão. Quem diria que a garotinha mimada se tornaria uma verdadeira gostosa — Asher assobiou e o foco de todos virou-se para os monitores do computador.

Os diversos ângulos da câmera faziam questão de exibir o que estava acontecendo.

Meu corpo pulsou.

Que porra?

Emília Gray estava se despindo, exibindo suas curvas para a câmera. Ela olhava diretamente, consciente de que a vigiávamos.

Gray tirou a sua camiseta exibindo os seus pequenos seios. Minha garganta tremeu ao ver como eles balançavam, mesmo sendo minúsculos, enquanto retirava suas calças. Ela empinou sua bunda e um pequeno detalhe vibrou meu sangue.

Ela estava sem a porra de uma calcinha.

Emília Gray não tinha vestido roupa íntima.

— Se ela quiser oferecer o seu corpo, talvez eu a mantenha viva. Será que ela dá conta de cinco de uma vez? — Asher brincou, no entanto, sua voz foi abafada.

Merda, ele tinha razão. Eu estava sacando a arma mais vezes do que alguma vez já tinha acontecido.

Acertei em todos os monitores que a exibiam. O estilhaço no computador assim como a tela preta e o fumo denso que saiu de lá trouxe um silêncio ensurdecedor.

Minhas narinas fumegavam.

Seu corpo não era uma exibição. Não para eles. Não para ninguém. O que quer que fosse que ela estivesse tentando fazer, eu iria acabar de uma vez.

— Parece que alguém ficou puto — Jaxon soprou.

Asher gargalhou alto.

Meus passos estavam pesados na trilha até o sótão. Abri a porta com violência, deparando-me com Emília nua, de pé, me encarando com um sorriso que guardava as sete chaves para o Inferno.

Evitei pensar como eu estava duro pra cacete. Como as minhas mãos formigavam para poder agarrar naquela cintura e puni-la do jeito que ela estava merecendo. O que ela me provocava era um misto de sensações que queria matar, mas só se agravavam milésimo após milésimo. Ano após ano.

Às vezes, evitava pensar em como eu queria tê-la tomado para mim quando éramos novos. Como a queria ter beijado e marcado ela de forma que nenhum cara pudesse se equiparar a mim depois do que teria acontecido. Mas depois lembrava como poderia ser o meu fim. Como eu não seria capaz de chegar onde estava.

— Você veio mais rápido do que eu pensava.

Sua provocação endureceu o meu pau, especialmente pela safadeza exibida em seus olhos. Seus cachos volumosos, alcançando os seus ombros nus me davam uma outra visão de quem ela era. Nua e crua era a coisa mais gostosa que eu já visto.

Mas os meus demônios eram mais ferozes e eles equilibravam o meu juízo como fizeram há quatro anos. Ela não era ninguém. O meu foco sempre seria o mesmo que os outros caras: acabar com a Fábrica. Emília era uma distração que eu deveria me desvencilhar.

Então, por que merda eu não era corajoso o bastante para quebrar seu crânio assim como fiz com todos os outros?

— Que merda você pensa que está fazendo? — questionei, caminhando até a sua cela.

Eram poucas porque não costumávamos trancafiar criminosos. Executamos muito antes deles conhecerem as nossas instalações, mas quando precisávamos de ajuda de Torman, ele preferia que castigássemos em celas.

— Nada — disse, fingindo inocência. — Estava com calor e pensei em tirar a roupa. Ou estou proibida disso?

Ela lambeu os seus lábios como se tudo fosse uma diversão. A garota que eu conhecia nunca teria essa coragem. Ela morreria de vergonha. A mulher que tinha na minha frente era capaz de foder Lúcifer e esfaqueá-lo a seguir.

— Você está proibida de mostrar sequer um milímetro da sua pele se não for pedido por mim — relatei, enfiando minhas mãos nos bolsos e ficando de frente para ela com as grades nos separando.

— Eu mando no meu corpo. Se eu quiser mostrar até para a porra do Papa, eu farei com gosto.

— Não me faça matar o Papa.

Sua boca gelou.

Me embebi da sua pele negra nua, especialmente do seu peito. Os seus mamilos intumesceram, exibindo o que ela estava enclausurando. Ela tinha gostado de algo.

— Você vai me amarrar de novo?

Suas sílabas saíam gaguejadas, por mais que ela evitasse demonstrar.

— Você quer? Porque se está sendo desobediente apenas para ter os seus pulsos apertados, eu garanto que é só pedir. Eu te puno do jeito que você merece.

Seu semblante formou uma expressão agressiva.

— Espero que morra.

— Você não cansa? — perguntei, reavendo a sua vontade de me ferrar.

Sua mão fechou, assim como faz desde pequena quando quer conter as suas emoções.

Mas eu sempre desejava que ela exibisse para mim. Que deixasse com que elas tomassem conta de si.

— Não vou cansar até colocar um ponto final na nossa história.

A atmosfera foi alimentada por angústia, um tremendo passado que tinha uma ferida aberta em cada um.

Abri a cela, o que a assustou. Em vez de tentar sair, Emília continuava cravando o meu olhar, mas dando passos para trás.

Eu entrei, passo a passo, cautelosamente como se eu tivesse a sua vida nas minhas mãos.

E eu tinha. Até que nossos corpos não deixavam passar qualquer camada de ar, a minha mão vincando em seu queixo e levantando sua cabeça. Tentei controlar o fato de que eu tinha Emília nua para mim. Completamente à minha mercê.

— É por isso que quer me matar?

— Eu quero apagar o que resta de você em mim.

Minhas veias dilataram.

Fiquei puto como o seu desejo era uma chama que não morria. Era alimentada de forma violenta. Fui eu que comecei o incêndio. Eu tinha dado essa razão para Emília. Mas escutar me deixava mais furioso do que imaginava.

— Você vai morrer tentando. Certas partes suas são minhas também. Eu estou gravado em você para sempre. Não se esqueça disso — rangi.

— Eu me odeio por isso — confessou, a sua voz subindo aos poucos. — Mas te enojo muito mais, Dante. Viver num mundo que você existe não é suportável. Você me abandonou. Foi embora deixando o caos na minha vida. Você se manteve em silêncio. Você deixou que isso acontecesse. Que eu me tornasse sedenta pela sua destruição. Não há nada que possa mudar isso. Nada.

Podia escutar a rachadura do seu peito. Como os estilhaços faziam sangrar os seus pés, mas que ela não se importava o bastante para não continuar andando e lutando para me ver arruinado.

Larguei o seu rosto, conturbado. Meus impulsos eram contra qualquer racionalidade vinda de mim naquele momento, se eu sequer estivesse sendo lógico.

A minha arma foi jogada no chão, aos seus pés.

Suas íris castanhas brilharam confusas, enquanto minha respiração rarefeita exibia como tudo dentro de mim estava em conflito.

— Você quer tanto que eu morra, então tome. Me mate. Acabe com isso. Me apague da sua vida, Gray.

Sua reação foi nula.

O espanto em seu rosto não desapareceu.

Seu choque era tão caricato que eu pensei tê-la matado com o desafio.

Esperei o seu ódio, a sua repulsa, a sua vingança vir como ela tanto quis que viesse. Emília somente foi capaz de encarar a arma e não fazer nada.

Ela sempre foi assim. A sua força estava trancafiada. Eu sabia que Emília era capaz de muito, no entanto, nenhuma chave da vida foi capaz de abrir os seus próprios demônios.

Bufei.

Como era de imaginar, eu ainda era o seu ponto fraco.

— Eu não hesitei naquela noite.

Dei as costas, seguindo para fora da cela, porém um estalo estagnou-me.

Um choro consequente veio a seguir. Um grito tão silencioso preencheu aquele ar e capotou o meu coração. Porra, ele iniciou bombardeios de sangue agressivo.

Ao me virar, pude contemplar Emília com a arma na mão, o dedo no gatilho já pressionado e o seu rosto em completo choro.

Não me movi.

Meus pulmões mal se expandiram para captar ar. A incerteza pairou na minha mente, impedindo sinapses de acontecerem.

Ela tinha atirado.

Ela teria a coragem para me acertar.

Ela pressionou a porra do gatilho.

Mas a arma não estava carregada. Eu tinha esgotado todas as balas contra os monitores.

No entanto, ela não sabia.

E eu não tinha me lembrado.

Minhas células tomaram consciência de como cada palavra sua que era revestida de ódio não era falsa. Carregavam verdade. Carregavam coragem. Carregavam vingança.

Todas as dúvidas foram eliminadas e eu fervei. Por pouco, não tinha morrido. Por pouco, se não fosse a merda do destino, eu teria o meu crânio perfurado e jorrado sangue como um porco abatido.

Eu teria morrido por ter sido enganado de que a garota que deixei há quatro anos continuava apaixonada por mim.

Gray desabou.

Ela caiu de joelhos, nua e desamparada, chorando com violência. Sua parte suja e quebrada espelhava em seus olhos marejados. Emília estava tão surpresa quanto eu.

Era o que eu tinha feito com ela. Eu a tinha tornado assim.

Suas cicatrizes estavam visíveis. A sua alma estava sendo costurada com dor. E era curada com a vontade de dizimar o mundo.

De me destruir.

Sua cabeça levantou com suas escleróticas avermelhadas, inundadas pelo choro.

— O que você quer de mim? — perguntou, como tinha repetido nos últimos dias.

Ela precisava de uma resposta.

Desta vez, eu teria que levá-la para onde era necessário.

Eu precisava compensar o que tinha despertado nela.

Então, finalmente, aceitei o nosso destino.

— Vou te contar quem somos.

17

Emília Gray

infernial galop

há quatro anos

Chegar até à porta foi um pesadelo em forma humana. Embora a lanterna me guiasse por entre a escuridão, o meu cérebro estava apagado. Destruido. Dilacerado.

As minhas mãos tremiam. Os dedos já não eram compostos por ossos. Eu era poeira.

O cheiro do sangue governava as minhas narinas e enchia os meus pulmões. Eu tentava me livrar da imagem, mas era impossível não ter uma vontade enorme pinicando as minhas pernas de voltar atrás e ficar com Dante.

Ele poderia morrer.

Ele estava mal. Sofrendo.

Mas as questões também eram outras e as respostas não viriam dele. O que estava acontecendo?

O que era o Dia do Castigo?

Corri em passos pesados até a saída. A luz natural atravessou o palco assim que consegui chegar. A porta principal já tinha sido aberta. As pessoas já não estavam lá dentro.

Os meus olhos demoraram a se habituar a um pouco de luz, mesmo que fosse de noite.

Assim que consegui abri-los, fui recebida por uma fila de carros policiais, ambulâncias e os bombeiros organizando o local. Não passei despercebida. Em frações de segundos, tinha dois policiais ao meu redor.

— Você está ferida?

Abanei a cabeça.

— Você tem sangue nas suas roupas. Não é seu, então?

Meneei a cabeça.

— Onde esteve? — insistiu em perguntar.

— Vamos deixar o interrogatório para depois. Vamos levar você para a sua família — um outro policial disse.

Inspirei fundo.

— Eles não vieram. Estou com os meus amigos.

O policial me observou com cautela.

— Onde eles es...

— Emília!

A voz de Kayleen rompeu o diálogo. O cheiro de tabaco daquele senhor foi substituído pela adrenalina da minha melhor amiga, abraçando-me com força pelo pescoço.

— Você não pode estar nesta área — um deles informou.

— Eu achei que a minha melhor amiga estava morta! Vocês não foram capazes de fazer o seu serviço em encontrá-la e estão me ordenando a sair daqui? Não me chateie, porra — ela cuspiu, furiosa, sem me largar por um milésimo.

— Menina Cullbert, eu entendo a sua aflição, mas ordens são ordens — constatou. — Então, por favor, saia daqui. É uma área de investigação. Só as pessoas autorizadas podem ficar.

Kayleen me largou. Sua raiva agora residia em seus movimentos e na maneira como a sua voz foi projetada.

— Pessoas autorizadas? Eu estive aqui, porra. Eu e mais uma centena de pessoas passamos por um pesadelo enquanto vocês não conseguiam abrir a porra de uma porta!

— Menina Cullbert, se acalme.

— Acalmar? Você que aquiete a sua bunda e não toque em mim! — expeliu, empurrando de leve o homem.

— Kayleen, não se estresse. Eu estou bem.

— Graças a Deus! Mas e se não estivesse? Se você fosse mais uma daquelas pessoas...

Sua voz foi atravessada por uma onda de lágrimas, mas ela conseguiu controlar.

— Que pessoas, Kayleen?

Seus olhos aterraram em mim, as escleróticas avermelhadas pelo choro intenso. Ela estava desolada.

— Aquelas, Emília.

Eu me virei para onde o seu dedo apontou.

Meus olhos subiram a porta, chegando a algumas janelas, até finalmente o piso superior.

Meu corpo gelou.

Como se a morte tivesse se humanizado, em carne e osso, eu a senti.

Eu me vi presa na sua aura sombria. E conheci a sua verdadeira forma. Como ela assusta, traz pesadelos e cria um vazio dentro de nós.

Veni. Vidi. Vici.

As palavras estavam escritas em cor escura no murro do teatro.

E a existência de 5 corpos formando cada letra i arruinou a minha existência naquele momento.

Ou o começo dela.

— Quem...

— O subdiretor do hospital, o secretário do presidente, os dois filhos do novo presidente e o antigo chefe da polícia — um dos homens começou por dizer, entendendo o meu choque e como havia falta de vocabulário para completar o que eu tinha a dizer. — Todos eles enforcados.

— Oh, meu Deus.

Eu estava tão assustada com a falta de humanização que pairava diante de mim.

Era feio. Cruel.

— Ainda tem um dos nossos desaparecidos. Acreditamos que esteja lá dentro. Provavelmente com o assassino — ele prosseguiu.

— Não sei porque não tiraram esses corpos ainda — O outro policial aromatizado a tabaco disparou. — Não é normal!

— Vamos tirar, assim que entendermos como. — As dúvidas saltaram na pupila dilatada do homem. Seu rosto estava confuso. Não sabia entender se era por admiração ou terror. — Como é que isso aconteceu? Em que momento, quando ninguém estava vendo que alguém foi capaz de fazer tal coisa?

— Mais que uma.

Virei-me para Kayleen que ainda dissecava a parede do teatro.

— Como assim?

— Impossível ter sido uma — continuou. — Foi mais de uma.

— E *eles* não são humanos. Não há nada de bom e vivo em quem fez isso — o homem terminou pela minha amiga.

Dei passos para a frente, escaneando por alguma explicação.

O meu cérebro não conseguia absorver tantas informações que estavam sendo jogadas naquele dia. Era um teste de vida que eu não tinha estudado para conseguir passar.

— Vamos, amiga. Você precisa se limpar.

Kayleen pousou sua mão no meu ombro, acariciando-o. Ela guiou-me para longe da área, sem se afastar.

— Na verdade, menina Gray — um dos homens nos alcançou. —, você precisa vir conosco. Temos algumas perguntas para fazer.

— Agora?

Os olhos dos dois adultos tiveram uma pequena conversa até que ele pronunciou:

— Não se demore.

Meu peito doeu, no entanto, fui obrigada a engolir qualquer sensação ácida, pois Daniel atravessou as redes de proibição até nós.

— Emília, você está viva! — exclamou. — E suja pra caralho. O que aconteceu com o seu vestido? E por que você está cheirando tão mal? — Seus olhos vistoriaram-me mais um pouco. — Isso é o quê? Sangue?

Dei um meio sorriso nervosa.

— Você matou alguém? — ele continuou, seus olhos ainda mais arregalados.

Cullbert sibilou xingamentos para ele.

— Para com isso, Daniel! Ela está cansada.

A minha cabeça latejava. Era um tipo de cansaço misturado com adrenalina. Eu precisava sentar, mas sentia que se o fizesse, eu desmaiaria, no momento. E eu não podia apagar agora com tantas interrogações que precisavam ser pontuadas.

— Tem uma ambulância que está oferecendo cobertas e roupas novas. Venham — ele indicou.

Kayleen não tirou suas mãos de mim, rumando juntamente comigo.

Passamos por pessoas que choravam, o terror em seus rostos era mais do que evidente. Todos tinham visto os mesmos fantasmas, passado pela mesma sensação de aperto e de fim.

A rua estava em um ambiente fúnebre. Sabíamos que nem era pelos enforcados. Era mais por nós e pelo futuro da cidade que nunca mais seria igual.

O som das sirenes estouraram a atmosfera. Qualquer um que estivesse distraído, foi acordado pelos carros em alto vapor.

— Parece que temos novas vítimas — Daniel constatou com um suspiro pesado.

— Fora daqui? — Kayleen prosseguiu.

— Sim. Ouvi uma policial dizendo que na rua 115 tinham recebido uma chamada.

— Como assim, a rua 115? — questionei, a garganta apertando sem deixar uma farpa de ar atravessar.

— Não tenho certeza. Sei que falaram algumas ruas e imediatamente se prepararam para ir.

Não pode ser.

— Que pesadelo — Cullbert suspirou. — O que está acontecendo?

— Eu não sei, mas já ouvi teorias de que isso seria apenas o início. E vão aparecer mais mortos do que alguma vez já tiveram de desaparecidos.

Não. Não.

— Não sei se vou querer ficar na cidade, se continuar assim. Nem vocês. Eu não deixo vocês aqui! — Kayleen declarou.

Rua 115.

— Eu sou pobre, ao contrário de vo... — Daniel cortou sua frase repentinamente. — Ei, Emília, está tudo bem? Você está tremendo pra cacete.

Meu estômago estava revoltado tal e qual o meu coração que dependia de uma existência furtiva de sentir medo.

— Você falou na rua 115... — Encarei ambos que me observavam atentamente. — É a minha. Eu moro lá.

Dizer em voz alta foi o gosto mais amargo que experimentei.

Afastei-me de Kayleen, tentando recuperar um pouco do oxigênio, mas ele estava se despencando a cada pensamento que eu completava.

— Emília, não pode ser. Está tudo bem.

— Os meus pais não vieram... — eu continuei, arfando. — Eles não estão aqui.

— Calma, garota. — Daniel sacudiu os meus ombros. — Não aconteceu nada com eles.

— Eles disseram que viriam, mas não estão aqui — repeti.

Minha mente nublou.

As peças formaram o quebra-cabeça que eu não queria ter finalizado.

Finalmente, eu tinha entendido. Tudo começou a ter um sentido real.

— Oh, Deus.

Era tarde demais para Daniel e Kayleen me pegarem. Minhas pernas foram mais rápidas em correr dali. Os seus gritos chamando por mim roubaram a atenção das pessoas ao redor. Os policiais também gritaram, no entanto, meus passos eram mais velozes.

Toda a adrenalina que ainda sobrava estava reservada para os meus músculos. A qualquer momento, eu iria me desfazer. Eu sabia que iria ficar destruída, mas o meu corpo teria que aguentar.

Eu precisava conferir com os meus próprios olhos que os meus pais estavam bem.

Eu precisava vê-los. Tocá-los. Dizer que os amava. Precisava ouvir o meu pai resmungando, a minha mãe cantarolando, mas, ainda assim, amar a companhia deles durante as refeições, as tardes de cinema e os pequenos incentivos que me davam todas as manhãs.

Todos os dias, eu percorria vinte minutos a pé da minha casa até ao centro. Mas, naquele dia, eu fiz oito minutos de corrida. Fiz oito minutos de desespero.

E, como maneira de envenenar o meu peito, ao chegar na rua, fui recebida com carros e ambulâncias. Com o mesmo alarde que estava acontecendo no teatro.

Estava sem forças. Sem coragem. Então, fui me aproximando lentamente.

Eu rezei baixinho para que não fosse a minha casa. Pedi a qualquer tipo de divindade que pudesse me ajudar para que fosse tudo um pesadelo e quando eu acordasse, eu estivesse rodeada do que me fazia feliz.

Nunca tinha feito mal a ninguém. Eu nunca tinha desejado o mal à pior pessoa do mundo. Nem mesmo a maldita da Arya.

Não poderia ser possível.

Eu não merecia algo tão cruel.

Mas a cada passo, uma casa era cruzada e não era a rodeada por policiais.

A minha esperança diminuía. O choro começou a pinicar nos meus olhos. O medo deixou de ser real. Ele era um presente do demônio.

Eu não senti a morte.

Eu senti a vingança.

— Papai. Mamãe.

Meus pulmões estavam fracos, mas ainda assim eu corri mas um pouco para conseguir atravessar a montanha de pessoas. Eles me empurraram. Eu os chutei, pedindo para que me deixassem entrar. E a cada não, eu gritava mais. Implorava para que me dessem uma resposta. Para que tirassem aquela dor de mim.

Eu gritei por ajuda. Gritei pelos meus pais. Gritei para que ninguém os tirasse de mim.

A força bruta de quem me agarrava não era o suficiente para segurar os meus pedaços.

— Menina Gray, se acalme. Precisa nos ouvir.

— Eu quero entrar! É a minha casa! Quero ver os meus pais, porra! — xinguei, batendo com as pernas no ar, enquanto um dos bombeiros me segurava, enquanto uma outra mulher policial não sabia ao certo o que fazer. — Me deixem entrar! Eu quero ver o papai e a mamãe! *Por favor...*

Ninguém conseguia falar.

Ninguém era capaz de disfarçar o rosto de pena.

— Isso não pode acontecer comigo. Eles estão aqui, certo? Eles ainda vão estar comigo, não é?

Nada.

— Por favor...

— *Lamento, Emília.* — A frase socou o meu ventre. O bombeiro que me segurava colocou-me no chão e a sua voz foi a única coisa que ouvi naquela noite: — Seus pais foram vítimas de homicídio. Eles estão mortos.



A sala era fria.

Eu estava gelada. Enrolada em uma manta quente, mas ainda assim, com frio.

As paredes acinzentadas não me ajudavam a me sentir confortável. Já tinha sido interrogada por uma policial juntamente com uma psicóloga. Elas tinham sido simpáticas, com palavras reconfortantes.

Mas a minha mente estava fora de órbita. Não queria frases de enfeite que me ajudassem numa superação. Eu precisava entender.

Por quê?

Por que os meus pais tinham sido assassinados?

Tinha passado os últimos quarenta minutos chorando, lamentando por algo que estava longe da minha capacidade de compreensão. Se eu tivesse por onde me guiar, teria para onde externar a minha tristeza.

Imaginar que não poderia mais escutar a voz dos dois, por mais que nem sempre fossem calmas. Às vezes ralhavam comigo, discutiam entre si, no entanto, era familiar. Era casa. Era conforto. Eu não poderia mais levantar da cama e ter o pensamento de que eles estariam na cozinha. Não poderia mais acordar e beijar suas bochechas com um bom dia apaixonado, e ser devolvida com o mesmo amor.

Eu já não os tinha.

Os meus pais tinham sido tirados de mim.

Arrancados. Sem chance de despedida. Sem chance de me verem crescer e me tornar a mulher completa que eu estava destinada a ser.

Uma bola de gelo engrossou na minha garganta. O choro era involuntário. Os soluços à medida que eu pensava mais e mais na falta deles na minha vida crepitavam no ar.

Por quê? Por que diabos tinha sido comigo? Com eles?

Não aguentaria viver com aquela ideia.

Não aguentaria viver sem eles.

A porta foi aberta repentinamente e o tal policial que cheirava a tabaco apareceu. Notei melhor o seu rosto. A barba, os olhos verdes com as olheiras de quem estava cansado, os dentes não muito limpos pela dose de café diária em excesso, com toda a certeza.

Ele carregava o seu uniforme com muito orgulho. Dava para enxergar pela sua caminhada pesada e soberana.

— Olá, Emília — disse, sentando-se na cadeira perto de mim. — Não tive oportunidade de dizer o meu nome, mas eu sou Christian Norman.

O sobrenome Norman não me era estranho, porém eu não tinha funções mentais para conseguir raciocinar.

— O seu nome não é importante.

— Só quero que saiba que agora não sou um policial. Sou seu amigo.

— Você também veio para uma sessão de terapia? Eu não sei se vai dar muito certo.

Ele se conteve para não rir.

— Precisa do quê?

A raiva encheu minhas veias.

— Talvez de respostas. E de saber porque caralho os meus pais foram assassinados! — Eu levantei, batendo com as mãos na mesa. — Merda! Digam o que está acontecendo! Por que diabos os meus pais estão mortos?!

Eu não xingava, mas a minha boca estava cheia de vocabulário para isso.

— Peço calma, Emília.

— Calma? Você está me pedindo calma? — Empurrei a cadeira e comecei a andar de um lado para o outro. — Eu... Eu não consigo. Não aguento mais. Preciso que me diga o que está acontecendo.

— Dante Faulkner.

O meu sangue esfriou.

— Ele... O que tem?

— Finalmente tive a sua atenção. — Os seus lábios formaram um sorriso. — Sente-se. Vamos conversar.

Analisei a sua face antes de tornar a me sentar, cruzando os meus braços contra o corpo.

— Então, você conhece Dante — Norman começou por falar, abrindo um caderno de capa preta.

— Não muito.

— Mas conhece.

— Assim como qualquer um. Os boatos fazem dele a Beyoncé da cidade.

Não sabia de onde estava surgindo tanto sarcasmo, mas era o meu meio de defensiva para que Christian não visse para além das minhas mentiras.

Ele prosseguiu.

— Você sabe que ele foi sequestrado juntamente com Asher Hawthorn, Jaxon Fish, Cole Van Doren e Vance Campbell. Eles tinham entre os onze a treze anos. Ficaram em um cativeiro durante uma semana e três dias até conseguirem se salvar. Segundo as investigações, Dante foi o verdadeiro herói. Ele matou o sequestrador e soube chegar até o centro da cidade para pedir ajuda. Como órfão, ficou no orfanato assim como Vance. Asher, Jaxon e Cole foram entregues às suas famílias. Vance foi adotado uma semana depois. Dante foi adotado por Torman, onze meses após o dia.

— Por que você está me contando isso?

Vi sua garganta movimentar e as suas costas inclinaram-se para trás.

— Porque esses são os boatos. Essa é a verdade que se conta.

— Dante não é visto como herói. Todos o abominam.

— Abominavam, você quis dizer — contraargumentou orgulhoso.

— Assim que foi adotado, pôde ter uma vida normal. Frequentar uma escola, ter os seus amigos, conhecer pessoas novas, talvez se apaixonar...

Pisquei.

— Não sei aonde quer chegar com isso.

— A ideia que eu tenho é que você e Dante se amam. Vocês nutriram um sentimento de amor inexplicável. Mesmo conhecendo os seus defeitos, você viu nele algo que nunca tinha visto em alguém.

Comecei a me sentir estranha. O julgamento e as acusações estavam implícitos na voz de Christian.

— Por favor, pare, ou eu saio daqui.

— Você precisou disso, Emília. Você precisava de algo diferente para movimentar a sua vida — ele continuou, o tom aumentando cada vez mais. — Mas os seus pais não aceitaram. Eles souberam e não quiseram. Eles te proibiram.

— Que porra você está falando?! — esbravejei, os sentimentos florescendo em raiva e ódio. — Eles não sabiam de merda nenhuma!

Um sorriso cínico reapareceu em sua face.

— Vocês combinaram. — *Quê?* — Eles sabiam, então vocês se sentiram ameaçados e mataram. Você e Dante assassinaram Olivia e Galliard Gray.

Meu coração colidiu com a minha caixa torácica e a respiração paralisou de imediato. A consciência do meu ser era a única coisa que eu tinha certeza.

Afundi os meus dedos na palma, esperando sentir algo real. Mas nada estava fazendo sentido. Tudo era falho de conexão.

— Pare... Pare — soprei. — Pare com isso. É doentio da sua parte. Só pare.

— Então, me diga, Emília. O que aconteceu, de verdade?

Meus olhos esgazearam juntamente com as veias que queriam saltar do meu pescoço.

— Eu. Não. Sei! Eu nunca mataria os meus pais. Por que pensariam algo assim de mim? Eu os amo. Eles são tudo o que eu tenho. Nunca! Eu nunca gritei com eles. Imagina matar, porra?!

O choro chegou em compulsão. Encostei-me na parede, escorregando até o chão onde me encolhi.

Eu não estava acreditando.

Eu os tinha perdido e agora eu era a culpada.

O que eu tinha feito de errado?

O que eu precisava fazer para ter a verdade?

O que eu precisava para tê-los de volta?

— Mas Dante sim.

Sua respiração estava próxima. O ar batia na minha nuca, mas o que me fez levantar foi o nome *dele*.

— O Dante?

— Todos os boatos sobre ele têm um pouco de verdade, mas não contam uma parcela da história. — A sua mandíbula endureceu antes de continuar: — Ele não matou apenas o sequestrador. Mais quatro pessoas foram mortas por ele. No próprio dia em que ele foi mantido em cativeiro. Dante não salvou ninguém do sequestro. Ele se manteve lá. De propósito. Ele investigou quem eram as pessoas, o que faziam, quais eram as suas famílias, por onde andavam, *o que comiam*... Ele descobriu coisas que nós nem estávamos perto de saber. E ele agiu. Agiu muito antes de nós.

— Não entendo...

Christian Normam suspirou.

— Nós o encobrimos dos homicídios desde que nos ajudasse. Ele e Torman fizeram esse acordo. Por isso ele foi adotado. Mas hoje percebemos que não conseguimos domá-lo. Ele é perigoso e agora será procurado por nós como um homicida.

O tremendo choque alojou o meu organismo. As falhas dos compassos do meu coração eram a trilha sonora do meu filme de terror.

— Não...

— Ele deixou bem claro que quer isso. Ele quer ser caçado como um. Quer ser visto como um justiceiro. Dante está se vingando e você foi colocada no meio de tudo isso.

Eu não sabia mais o que pensar.

— Não. Impossível.

Balancei a cabeça em desespero.

Era só fingir que não era verdade. Que nada daquilo estava para acontecer.

— Ele tem a perna machucada. Não pode fazer mal a ninguém.

— Dante é esperto. Ele conseguiu fugir com os contatos que tem.

Bati com a cabeça na parede, as lágrimas ardiam em meus olhos, me cegando.

— Você vai mentir.

— Infelizmente, Emília, Dante fez questão de deixar um bilhete no local do crime — ele continuou, mas eu só queria que se calasse.

Ele era um mentiroso. Um filho da puta indecente que estava brincando com a minha mente.

— Cala a boca! — esbravejei.

Eu não costumava gritar. Eu era educada. Calma. Era assim que tinham me ensinado a ser, no entanto, eu era uma bagunça caótica naquele momento.

Eu era uma fonte de desastres escuros.

A luz em mim estava apagada.

— Você disse que queria uma resposta.

Coloquei-me de pé, correndo para a porta. Mas ela estava fechada.

Bati com os punhos, pedindo por ajuda. Soquei o bastante para ferir a minha mão. Sangrava, abria a minha pele, no entanto essa dor não se sobressaía com a dor lancinante da minha alma. Como ela tinha sido também assassinada juntamente com os meus pais.

Eu precisava sair.

Estava sufocada.

— Seus pais foram...

— Cale a boca! Me deixa sair!

Bati novamente na porta.

Nada.

Ninguém me socorria.

Ninguém me ajudaria a passar por aquilo. A sobreviver àquele dia.

— Seus pais foram assassinados por Dante Faulkner — sentenciou.

— É mentira! Impossível! Ele não faria isso! Ele não me faria isso!

— Lamento, Emília.

— Parem de dizer lamento! — berrei. O meu coração estava aberto, e ele jorrava tudo o que eu tinha acumulado durante anos. — Vocês não lamentam! Vocês destroem! Ninguém está triste por mim. Ninguém!

Diminuí a distância entre nós, a raiva acumulando pelas minhas veias e expelindo pela boca.

— Você não conhece o Dante! Ele ama. Ele vive. Ele sente — disse, sendo cortada pelas lágrimas. — Ele me amava. Ele vivia comigo. Ele me sentia. Ele me protegia. Dante nunca me faria isso.

Cada parte de mim estava sendo dizimada. Toda a porra das minhas células funcionavam à base da ira, da dor, da ruína.

Eu estava arruinada.

— Ele fez. Não só com você, mas com outras pessoas também. Dante foi a causa deste dia. Ele não te protegeu. Ele nunca quis fazer.

Tudo desabou.

Tudo o que eu tinha construído como fortaleza, foi reivindicado por uma agonia cruel. As lembranças foram transformadas em dor. A minha raiva gerou melancolia.

Entrei numa inércia a qual não queria sair. Eu estava afogada em destruição. Queria apertar a mão da minha mamãe, que o meu papai beijasse a minha nuca, mas quem me abraçou foi o luto.

E não o luto pela traição e pelos meus pais.

O luto por mim.

Porque eu morri naquele dia.

E renasci outra.

18

Emilia Gray

spring song

Não sabia porque diabos tinha aceitado seguir Dante.

Ele me contaria quem eram? Porra, eu sabia o que aqueles caras sempre foram. Me neguei a acreditar em todos os boatos, mas eu já tinha a prova que precisava. Eles matavam. Eles tinham prazer nisso.

O cheiro do sangue, da pólvora recente e da morte chamando suas vítimas estava inerente no meu cérebro.

A minha pele não tinha sido lavada de todo o sangue que fui banhada depois de ter ido à casa de Norman. Eu sentia que se infiltrava nas minhas entranhas, deixando as marcas de cada cadáver deixado por Dante.

Observar suas costas tapadas por uma camiseta de manga curta branca, as calças tipicamente pretas e os passos largos era amedrontador naquele corredor escuro.

Suas omoplatas se movimentavam com destreza, harmonia e austeridade. Porque era assim que ele se comportava. Como se fosse um

deus. Talvez do caos. Talvez da ruína. Talvez das minhas sombras e de todos os demônios que me consumiam. Mas ele agia como se fosse a justiça e pudesse condenar quem fosse.

Desde sempre.

Desde aquele dia, na floresta.

— Durante quanto tempo vai continuar com isso na mão? — ele perguntou, antes de abrir a porta para dar acesso a outro canto.

Levantei a arma.

Se não fosse pela falta de munição que a pistola tinha, eu teria o matado. Eu teria acabado com tudo.

Eu não hesitei naquela noite.

Me odiei por ter chorado na frente dele. Dante não merecia quaisquer lágrimas minhas, mas não fui capaz de engolir. Principalmente por compreender que eu estava tão cega de vingança quanto ele.

Não era pior do que a pessoa que me matou.

— Nenhum de nós precisa se preocupar com ela — respondi. — Por enquanto.

Ele não rebateu, apenas me guiou para uma sala quente.

Dante ligou a luz, revelando um espaço com mais papelada que uma biblioteca. Havia uma estante de depósitos, claramente para guardar armas e outros objetos que deveriam ser importantes para eles.

Uma mesa enorme e longa encontrava-se no meio. Nela tinha um mapa, riscado em cores diferentes. Nas paredes, pude ver as diversas capas que eles usavam, espadas penduradas, assim como armas de diferentes portes. Mas não pude negar o calafrio que subiu minha espinha quando bati o olho em serras, máscaras de aço, katanas, e diversas outras armas que não imaginava serem usadas por eles.

Meu estômago estava nauseado.

— Se aproxime — ele ordenou, seu tom passivo reagindo ainda mais agressivamente do que seria de esperar.

Me aproximei lentamente, cruzando os meus braços contra o peito.

— Dante...

— Eu te disse que ia apresentar quem nós somos. Venha.

— Não quero estar nessa sala com você.

— Gray, se eu quisesse te matar, torturar, ou fazer o que quer que seja, já teria feito há mais tempo. Não me subestime.

Minha traqueia fechou.

Dei passos o bastante para poder estar a poucos centímetros afastada dele. Encarei-o antes de baixar a cabeça para a mesa e observar melhor o que estava lá.

Li o título e um clique estalou minha cabeça.

— É o mapa da Fábrica.

— O desatualizado — ele acrescentou. — Foi Jaxon que fez. Ele finalizou recentemente. É o mais completo que temos, mas ainda falta muita merda.

Não conseguia compreender. Estavam assinaladas o que seriam Seções. Eram enumeradas por letras, mas várias coisas estavam escritas em uma língua que não entendia.

— Vocês estão tentando buscar o atualizado? — indaguei. — Não seria legal procurarem no Google? O Maps é muito bom. Conseguem até ver imagens reais de como são os lugares.

Dante não achou divertido, pois sua mandíbula endureceu.

— Não é um lugar.

— O que é?

— Uma rede. — Faulkner inspirou, sua caixa torácica expandiu até não ser mais possível caber tanta paciência. Então, ele externou: — É uma rede de tráfico humano.

O abalo foi direto na minha barriga. Suas palavras me socaram, me fazendo tombar para trás.

— Você faz parte...?

— Depende de como você interpreta a história.

Dante virou-se para mim, uma subida de canto da sua boca fazendo arder as minhas veias.

Seus dedos trilharam o mapa.

— A Fábrica é o nome dado para a maior rede de tráfico humano do mundo. Há séculos que a sua existência domina o submundo, mas nas últimas décadas o negócio tornou-se muito maior. Há mais dinheiro envolvido, gerações de famílias participando, políticos corruptos e pessoas influentes colocando sua dignidade em jogo para suprir os seus vícios.

— Por que achavam que eu tinha um mapa desse tipo de coisa? — perguntei, a indignação crescendo a cada momento que compreendia melhor do que as coisas se tratavam.

Dante me encarou pelo que pareceu ser uma eternidade, mas ignorou. Ele deu avanço à sua explicação, sem querer saber da minha pergunta.

— A Fábrica é dividida pelo que se chama Seções. Cada Seção é o destino. Dependendo de onde acham que você pode ter mais sucesso, você é enviada para lá. — Seu dedo foi atravessando o mapa. — A Seção A é tráfico de mão de obra. Qualquer idade e gênero é bem-vindo. A Seção B é tráfico sexual. São majoritariamente mulheres e crianças. São feitas de escravas sexuais da maneira mais depravada possível. Também usadas para casamentos por motivos que nem sempre se tem cem por cento da explicação. A indústria pornográfica também é envolvida. A Seção C designa-se ao tráfico de órgãos. É um dos mais macabros. As pessoas são sedadas e, logo depois, são feitos testes em laboratórios específicos onde...

— Dante, pare.

Fechei os olhos, evitando ter as imagens na minha mente. Meus intestinos não estavam processando o que deveriam. Meu estômago se apertava, pronto para fazer subir o que ainda restava de tão pouca comida.

— Eu não consigo entender o ponto de tudo isso.

— Você precisa saber.

— Por quê?

— Para que você entenda de que lado ficar.

Levantei-me.

— Eu não quero decidir um lado. Eu prefiro não fazer parte disso. Não é algo meu. Não é algo que me envolva. — Meu rosto se contorcia a cada vez que analisava o seu esboço inabalável. Dante não exibia qualquer emoção. — Eu não quero saber.

Os olhos sombrios de Dante não conseguiram dizer nada. Ele me encarava, sondando o meu rosto como se esperasse conseguir algum lugar para aterrar. Como se quisesse algo.

Ele parecia estar enforcando segredos. Seu peito subia e descia freneticamente, embora evitasse demonstrá-lo.

Era decadente.

Eu sentia que quando Dante decidisse falar, não seria bom.

Então, ele elevou os olhos para um outro canto, quebrando o nosso contacto e decidiu sentar-se.

Paralisei.

— A Seção D era a última até cinco anos atrás. A única que existe no país — começou por dizer. Eu quis interrompê-lo, porém ele permaneceu com o seu discurso: — Durante dois anos foram registrados sessenta e cinco desaparecimentos no país inteiro. Quinze sendo de Olympus. Dez nunca foram encontrados, os outros cinco...

— Conseguiram escapar.

Dante deu um meio-sorriso triste.

Não queria sentir compaixão. Não queria algo a mais do que raiva, mas escutando a sua versão arrancava pedacinhos da minha alma.

— Do que era a Seção D?

— Carne humana.

Eu consegui me manter em pé, no entanto, por dentro, a queda foi infinita.

Minha língua secou, assim como toda a minha boca. Meus dedos cravaram na pele do braço, apertando-os mais contra o meu peito.

Não havia onde enfiar a informação. Não cabia.

Chacoalhei a cabeça, o meu estômago gerando um tornado que engolia o resto dos meus órgãos. Um líquido ácido e ardente subiu pela minha traqueia.

Eu iria vomitar.

— Meu Deus — murmurei, incapaz de elevar a voz.

Estava fraca até para conter oxigênio o suficiente para permanecer com os pés parados no chão.

— Lembra quando disse que o sequestro tinha sido um jantar? Foi literal.

— Como vocês...?

Ele abanou a cabeça.

— Este assunto não é para agora — cortou.

— Você me dá essa informação e espera que eu não queira saber mais? — perguntei, deteriorada por dentro. — Tudo isso.... Eu não entendo.

— É simples, Gray. Nós queremos vingança. Eles tiraram muito de nós. Eles criaram feridas internas e externas que você nunca poderá sentir uma grama do que foi. Nós vimos coisas que você nunca suportaria viver com as imagens na sua mente.

Engoli em seco.

Meu coração impulsionava medo pelas minhas veias. As náuseas me zonzavam com a ideia de que vidas eram retiradas para saciar atrocidades inimagináveis por pessoas que se consideravam humanas.

— Vocês lutam contra o tráfico?

— É impossível lutar com uma rede tão bem definida, espalhada pelos cantos do mundo. Nós lutamos para saciar a nossa sede. Não é altruísmo. Não fazemos para impedir que eles continuem as atrocidades. Nós apenas queremos dar um término ao que aconteceu há quatro anos. Queremos eliminar cada pessoa que quebrou a nossa esperança.

A ferida que a facada das suas palavras provoca seria difícil de sarar.

Dante não estava contra o tráfico. Ele apenas queria se vingar de quem fez mal para si.

Era um ato egoísta.

Uma razão humana com decisões macabras.

Tanto ele quanto Asher, Vance, Cole e Jaxon, queriam somente a sua paz de espírito.

— São vocês contra eles?

— Algumas pessoas nos ajudam também. Francis Torman é um deles. Ele perdeu o filho no sequestro. Existem outras Oposições também.

Minha cabeça estava latejando. A capacidade de raciocínio estava reduzida a poucos neurônios que não tinham se escondido pela fraqueza em lidar com tudo aquilo.

— As pessoas que vocês mataram faziam parte do tráfico?

— Desde que você chegou estamos assassinando mais gente do que deveríamos e que não pertence ao tráfico.

Minha mandíbula endureceu.

— Por quê? Isso não é vingança, Dante! É uma loucura!

— Preservar a nossa identidade está acima de tudo — externou. — Principalmente a dos caras. Você andou por aí correndo e barganhando aos sete cantos que sabia quem éramos. Claro que precisávamos eliminar quem

quer que fosse. Deveria estar agradecida, merda. Você nunca mais seria capaz de andar na rua sem ter alguém te caçando.

Olhei para baixo nervosa.

— Eu não pedi por isso.

— E você acha que nós pedimos?

Balancei a cabeça, esfregando o meu rosto, ainda absorvendo todas as informações.

— Matar inocentes... Isso é tão errado.

Meu choro tentou escapar quando certas peças se encaixaram e a onda de raiva fermentou meu sangue. Não podia ser. Meu Deus? Seria?

As suas mãos eram sujas. Cruéis. Assassinas. Sua mente não guardava remorsos. Era um poço de soberania e de justiça cega. Dante olhava o mundo como um jogo de xadrez, eliminando peões e cruzando caminhos até o levarem ao xeque-mate.

Meu coração trovejou, cada célula minha hiperconsciente de quem poderia ser aquele homem que eu tinha me apaixonado.

— Porra, Dante. Você fez isso comigo! — exclamei. Machucava sentir ira. Era venoso para mim. Era penoso sentir raiva. Todos os meus ossos crepitavam como se estivessem sendo torcidos pelo sentimento que me destruí. — Você matou os meus pais! Você os assassinou quando não tinham nada...

— Seus pais não foram um erro.

Ele se levantou. Cada célula externando um calor intenso, as suas sombras cantarolando canções que amedrontavam. Seu rosto era aço. Sua raiva era palpável.

E eu temi.

— Os seus pais tinham uma cópia do mapa atualizado que queremos. Existe uma nova Seção nesta cidade. Não sabemos ao certo o que é, mas as últimas pessoas que sobram para acabarmos com isso fazem parte dela.

— Você matou os meus pais por causa de um mapa?

— Eu matei os seus pais porque eles quiseram ver a minha morte primeiro.

Houve uma nota de silêncio.

Um momento em que eu recapitulava tudo aquilo que sabia da minha vida. Da minha família.

De como, quando, em que situação aquilo poderia ser real.

Porque não poderia.

— Você está mentindo — disse, negando com a cabeça o número de vezes o bastante para eu acreditar em mim mesma. — Os meus pais eram médicos. Eles salvavam vidas. Você se confundiu.

Um pequeno tremor do canto do seu lábio arrepiou a minha nuca.

— Seus pais foram aqueles que deram mais grana para poderem se alimentar de mim. Foram aqueles que fizeram questão de organizar a porra do sequestro porque queriam uma carne mais tenra. Alguma criança para consumir a podridão que crescia dentro deles. Eu não me confundi. Eu conheço os seus rostos do meu maior pesadelo.

Abanei a cabeça, evitando derramar lágrimas. Era sangue que sairia dos meus olhos. Era uma dor viva e faminta que esmagaria o meu coração, de uma vez.

Precisei segurar na cadeira para não cair. Estava tonta, imaginando que poderia ter sido novamente drogada. Mas agora por palavras. Por uma realidade que não era a que eu imaginava.

— Eles não fariam isso.

— Eles fizeram.

— Eles não seriam capazes! — esbravejei, bebendo das minhas lágrimas. Eu não imaginava que eu teria tanto para chorar. — Eles me amaram! Eles não fariam isso! Eles não.... Meu Deus, Dante. Isso é desumano. Completamente doentio. Eles nunca foram assim. Eles...

Encontrei refúgio no meu próprio corpo, me encolhendo.

Não sabia o que sentir. O que pensar ao certo. Era corrosivo. Parecia ser capaz de me matar.

Eu me mataria.

Se Dante continuasse a falar, eu perderia a vida.

— Não pode ser possível — gemi de dor. — Eles não fariam algo assim...

Dante não se preocupou em negar. Ele me observou sofrer, derrubando a figura que tinha daqueles que me amaram mais do que tudo.

— O mundo é muito pior do que você imagina. Você nunca será capaz de adivinhar quem são as pessoas de verdade.

Mas não os meus pais.

Não poderiam ser eles.

Nunca.

Mas eu acreditei na palavra de Dante.

Eu chorei por me perceber que todo o ódio dele era por um ódio maior dos meus pais pela sua humanidade.

— Eu os amava — lamentei. — Eu choro por eles. Eu sofro por já não tê-los na minha vida. Eu não te perdoo, Dante. Você não é um deus. Você não julga. Mesmo que...

Era difícil. Merda, era atroz. Era nojento. Macabro. Como eu poderia ser capaz de defender duas pessoas que tinham cometido um crime tão desumano? Mas eu me alimentava da ideia dos meus pais me oferecendo o meu primeiro violino, beijando a minha bochecha antes de eu dormir, cozinhando o meu bolo favorito apenas porque eu pedi.

Eles sempre foram a minha maior felicidade.

Eles me deram vida.

Muita, muita vida.

— E eu não me arrependo, Gray. — Seus olhos continuavam em mim. — Eu faria a mesma coisa vezes sem conta, sem qualquer hesitação.

Tentei não abrir mais a minha ferida.

Dante teria o que merecia. Eu sabia que sim.

— O que você quer com tudo isso? Depois de me falar que mataria os meus pais sempre que desejasse, o que espera de mim?

Ele não recuou.

— Eu quero que você nos dê o mapa caso não consigamos encontrar forma de chegar à Seção nova. — O encarei confusa. — A sua herança deve ter como pacote esse mapa. Não sei onde está e você também não deve saber.

— Eu só terei quando fizer vinte e anos.

— Espero que continue respirando até lá. Nós esperamos. Você é o nosso plano B caso nada dê certo.

— E o que te faz achar que eu vou te dar algo que me pertence?

Ele se enervou pela palavra, mas eu não iria recuar. Por mais que o mapa seja um símbolo de algo perverso, ainda assim, eu não daria a qualquer um depois de saber o que acontecia por debaixo da falsidade daquela cidade.

— Você estaria sendo pior do que qualquer um de nós. Por mais que eu não queira ajudar ninguém, ainda assim, a consequência das mortes de qualquer um que faça parte da Fábrica é vantajosa. Liberta vítimas, diminui o tráfico e os desaparecimentos. Ou você acha que é tudo preto e branco?

Ele tinha razão.

Eu não poderia guardar para mim algo que também poderia ajudar milhares.

Apertei mais o meu corpo.

— Eu te dou o mapa e depois, o que acontece? Eu não posso seguir em frente. Você disse. Posso denunciar vocês. Dizer a identidade de cada um.

Dante decidiu reduzir a nossa distância.

Meu peito palpitou quando o seu cheiro começou a tomar conta do meu cérebro.

Seus olhos não se desfizeram dos meus por nenhum segundo. Dante apreciava ver a minha alma chorando de dor.

— Eu te dou o que você mais quer: a minha morte.

Minha boca entreabriu o suficiente para absorver um pouco do ar.

— Esse é o acordo? Esperar fazer vinte e um anos, te dar um mapa que pode não estar comigo e eu posso te matar? Simples assim?

— Sim.

Não pude interpretar corretamente o que estava sentindo.

— Como sei que você vai cumprir?

— Eu sempre cumpri com o que prometi, Gray. É por isso que estamos aqui.

— A minha vida não está em risco por estar associada a vocês?

Ele quis rir.

— Ninguém da Fábrica deseja te matar além de nós. E, claro, Torman que acha que você pode acabar atrapalhando.

— Eu preciso pensar — concluí, sentando novamente, a dor na cabeça cada vez mais forte.

— Pense e chegue à conclusão que é do meu lado que você quer estar.

Ele avançou na direção da porta, pronto para sair, enquanto eu ficaria ali, cogitando em tudo o que estava acontecendo.

— Mas, Gray, por alguma razão, caso você não consiga me matar, eu te mato — continuou, antes de dar o fora. — Um de nós vai ter que cair.

A porta a abrir e fechar foi o empurrão para o meu músculo cardíaco voltar a funcionar.

Eu estava sem rumo, no entanto, com diversas opções.

E todas elas tinham um fim: a minha queda no inferno.

19

Emilia Gray

harmoniemesse

há quatro anos

Eu estava na casa da Kayleen há cinco dias.

Mais, concretamente, no quarto dela.

Não tinha qualquer vontade de sair e ver a luz do dia. O máximo que fazia era abrir as persianas da janela e ser recebida pelo outro prédio.

Kayleen também não insistiu, muito menos os seus pais. Eles aceitaram a minha falta de vontade e o tempo que eu precisava para absorver tudo o que tinha acontecido.

Todos na cidade já sabiam. A fofoca estava solta. A velocidade com que corriam os boatos era assustadora. Cullbert não escondeu de mim. Assim que soube que o principal suspeito era Dante e que tinha sido ele a organizar e concretizar o atentado, ela foi falar comigo.

O receio dela se chatear foi grande, porém, a minha melhor amiga somente me abraçou e pediu desculpas. Kayleen não tinha culpa alguma da

minha burrice, mas ela quis compartilhar comigo.

Doeu tanto.

Doeu ter sido traída e saber que escolhi a pessoa errada para chorar.

Os seus pais aconselharam-me a ter consultas com uma psicóloga. Eu poderia ver o julgamento nos seus rostos, ao saber que mantinha contacto com um maldito assassino. Ainda assim, eles tentavam disfarçar, embora não desse muito resultado.

Outro problema, além do meu psicológico abalado, era como eu viveria. Estava sem casa, sem dinheiro, sem pais... Eu não tinha idade para herdar nada. Os meus pais tinham feito questão de que eu só herdasse alguma coisa depois de fazer os vinte e um anos.

Eu quis rir quando leram o testamento para mim.

Eu quis chorar quando compreendi que eles supunham viver tempo o suficiente para me verem atingir essa idade.

Agora eu estava sem nada.

Até sem coração.

O celular vibrou no momento que pousava os pés para sair da cama.

Em resmungo, olhei para a tela e falhei na próxima inspiração.

Papai.

Era impossível ter o meu pai me ligando. Ainda não tinha visto o seu corpo, nem o da mamãe porque queriam me poupar. O funeral só seria na semana seguinte quando a autópsia fosse completamente feita.

Mas, naquele instante, eu tinha uma chamada sendo feita dele para mim.

Atendi com cautela, o peito batendo forte contra a minha coluna.

— Quem é?

Mudo.

O silêncio engatilhou-me.

— Quem quer que esteja fazendo essa chamada, por favor, não faça mais. Não é engraçado.

— Eu não estou rindo, Gray.

Arquejei na mesma hora que reconheci a voz.

Arrepios cruzaram a minha espinha e eu tive tendência em tombar para o lado, como se fosse aliviar a dor que surgiu na minha coluna.

— Dante...?

— Eu.

Respirar já não era um ato involuntário. Era autodestrutivo.

— Meu Deus... Você... Como?

— Essa pergunta é um tanto abrangente para os últimos cinco dias.

O seu sarcasmo foi um pontapé à minha barriga.

— Você está com o celular do meu pai... Porquê?

O seu silêncio foi demorado.

— Você sabe a resposta.

Levantei-me, de repente, andando de um lado para o outro, quase cavando um buraco.

— Não sei. Porra, eu não sei de nada. Preciso escutar você. Preciso que me diga, Dante.

O meu fôlego estava se descontrolando. Várias palavras queriam ser proferidas, mas eu as engolia e repensava.

— Você não deveria exigir nada de um cara que te arruinou.

Balancei a cabeça, nervosa.

— Dante... Por favor, me diga.

— Não implore, Emília. Não implore para mim — ele falou sério. Não havia qualquer resquício de sentimentos. Dante era um homem apático na ligação. — Você devia ter desligado assim que ouviu a minha voz.

— Por que você ligou se estava esperando por isso?

— Porque eu precisava comprovar o ódio que você tem por mim.

Me amargou escutar o que ele disse.

As provas estavam cada vez mais na minha frente. Era cada vez mais real.

Eu não queria ter que lidar com isso. Com essa verdade.

— Dante... Você matou os meus pais?

Três segundos foram o tempo que ele demorou para me responder.

— Eu te avisei. Eu iria destruir a sua vida.

Cada palavra que ele dizia era um pedaço do meu órgão sendo removido.

Era cada maldita assinatura que eu fiz no cartório quando me condenei a ter o meu coração preso a Dante para sempre.

— É mentira, não é? Me fala, por favor.

Engolia cada lágrima que escorria. Eu já estava gritando. A minha voz estava oscilando nas notas por causa da raiva.

Ele não disse mais nada.

O seu sigilo tornou-se pólvora nas minhas veias.

Machucava. Queimava. Matava.

— Dante...

Eu estava quebrando.

Caindo.

Quebrando. Caindo. Caindo. Caindo.

— Dante!

Nada.

Ele continuava do outro lado, mas em silêncio.

— Dante, porra! Por favor! Me diz que é mentira!

Eu estava implorando por anestesia. Estava implorando para que ele chutasse o sentimento de desilusão. Que ele permanecesse com a ideia de que a vida era bonita e rara ao seu lado. Estava suplicando para que ele matasse a solidão e devolvesse o meu coração. Porque eu o tinha entregado tudo o que tinha. Eu tinha dado a Dante muito mais do que alguma vez pensei ser capaz de ter. Eu o tinha amado com cada célula minha, morta ou viva.

E ele me matava com cada pedaço seu corrompido.

— Por favor!

— Adeus, Emília.

Ele desligou.

Ele desligou abrindo um buraco dentro de mim.

Ele desligou deixando o vazio me abraçar. Me oferecendo a solidão como um presente da Morte.

Porque era pior. Morrer era uma escolha melhor do que ser traída por ele.

Demorou para que eu tirasse os olhos da parede branca e voltasse à realidade. Quando o fiz, tudo mudou.

Um uivo de dor interior irrompeu a minha traqueia.

E os meus gritos inundaram o quarto, todo o amor que eu tinha por ele se transformando no sentimento mais amargo e repulsivo que poderia sentir.

20

Emilia Gray

erbarme dich

Quando Dante saiu, o meu estômago não aguentou.

A minha traqueia foi acidificada, ficando encardida tanto quanto o chão gotejado de vômito. Derramei tudo o que tinha acumulado, esvaziando a minha barriga e a minha alma como o meu sistema conseguia.

Cada vez que golfava, mais eu soluçava. Não duvidaria se externasse sangue pela boca também. Não duvidaria de ser capaz de deitar os meus intestinos para o chão. Eu estava banhada na minha própria sujeira. E eu continuava, continuava e continuava até não ter mais como anestesiá-lo que criava úlceras dentro de mim e abria feridas cicatrizadas.

Os meus pais tinham sido monstros. Perversos. Lunáticos.

Pessoas que não possuíam a essência humana.

No entanto, eu ainda acreditava em cada sorriso, beijo e carícia que marcaram os dias, meses e anos que passei com eles. Porra, como eu sobreviria a esse dilema?

Agora eu estava sendo encurralada a aceitar um acordo para saciar a vingança de Dante, que incluía o cadáver decomposto dos meus pais.

A sua morte era tentadora para mim. Seria o prato ideal de vingança que eu precisava para seguir em frente. Mas nunca os imaginei nesses termos, principalmente por ter sido ele a propor.

Devia ter gastado horas, inebriada pela minha própria merda, encolhida num canto repensando sobre tudo na minha vida.

Alguns latidos repentinos lembraram-me que o tempo não parava.

Rachel vinha correndo, latindo e abanando o seu rabo, implorando para brincar comigo.

— Vai chatear outro, cadela — adverti.

Ela não se importou, se sentando e abrindo a sua boca, arfando com a língua para fora.

— Vai.

Sacudi a mão em um movimento de chute, mas ela nem piscou.

Desisti de tentar convencê-la, portanto coloquei-me de pé, ajeitando as minhas roupas, embora eu estivesse nojenta.

— Preciso beber água — ponderei, desencadeando mais latidos da cadela. — Você não. Eu.

Ela continuava extremamente feliz, rolando e correndo nos meus pés. E, mediante o trajeto que fazia daquela sala à cozinha, ela me seguiu como uma discípula.

Cheguei ao local tingido por raios de Sol. As janelas estavam abertas e o espaço ganhou vida. Flagrei Jaxon no balcão, cortando alguns alimentos e com a panela fervendo água.

— Aqui está ela — anunciou, com um sorriso diplomático nos lábios. Eu me perguntava como é que alguém como ele poderia estar num meio sanguinário. — Pela sua cara, posso concluir que Dante te contou.

Meu estômago afundou.

— Todos vocês sabiam — afirmei, abrindo a porta do armário à procura de um copo.

Havia falta deles, principalmente depois de eu quebrar alguns.

— Eu lamento muito, Emília. Nunca foi nossa intenção te prejudicar.

— Claro que não — ironizei.

O maxilar de Jaxon tremelicou, antes de raspar o nariz no dorso da sua mão, colocar os legumes na água e fechar a panela.

— Se Dante te contou tudo o que precisava saber, você já tem noção do que acontece nessa cidade.

— Não fale como se vocês estivessem bancando os super-heróis que as pessoas precisam. O que mais querem é se vingar. Não se preocupam com as consequências disso. Apenas com o prazer de pisar no cadáver das suas vítimas.

— Você está se negando, e eu entendo — articulou manso. — Também foi difícil para mim saber certas coisas depois do sequestro. Não estamos querendo ser heróis, mas mesmo que Dante te diga que é por vingança, nós ainda derrubamos pessoas importantes para a Fábrica. Nós condicionamos a venda e troca de pessoas. Nós salvamos pessoas, ainda assim.

— Ainda assim... — repeti. — Ou seja, não está nos planos de vocês salvarem ninguém.

— Você só vai entender quando estiver lá, e eu espero que não aconteça. — Suas palavras eram sinceras. — Apesar de tudo, eu lamento. Você não merecia.

A sua mão repousou no meu ombro, os dedos movimentando lentamente espelhando o que dizia.

Ele elevou sua boca num riso amistoso e, com relutância, devolvi.

— Eu também lamento por vocês — disse, após milésimos de consternação interna.

Não queria oferecer empatia, porém era impossível não imaginar a dosagem enorme de traumas e pesadelos que aquele sequestro e a Fábrica teriam dado a eles.

— Eu sei — declarou. — Fico feliz e aliviado que você não tenha que ser executada. Admito que não conseguiria lidar com a sua morte. Conheço você desde pequena. Os outros caras são meus amigos, mas você ainda pertenceu ao nosso grupo por alguns anos.

Tímidos, os meus dedos enrolaram no casaco. As memórias se infiltraram como água, e eu me afoguei nelas.

— É passado. Você pediu para não me apegar a Dante. Talvez devesse não ter feito.

— Cole pediu. Eu gostava de você, apesar de ter sido uma tonta. — Sorri tristemente. — Mas a sua lealdade era de admirar. Você lutava pelas suas amizades. Você luta por si. Gosto disso.

Estabeleci contato visual com Jaxon, esquadrinhando seu rosto encontrando humanidade e uma persona calorosa. Seus cabelos amorenados e os olhos âmbar eram uma adição às roupas de tons tenros que vestia. Ninguém desconfiaria que ele matava. Esquartejava. Sequer conseguia manusear objetos de tortura.

Por fora, era um anjo, mas, por dentro, a sua alma era diabólica e sedenta.

— Obrigada, eu acho.

Suas sobrancelhas se ergueram em uma resposta silenciosa.

— Está com o copo na mão, por quê? Quer água? — Meneei a cabeça. — Não beba da torneira. A canalização daqui não é muito boa. Alguns dos caras bebem, mas eu não gosto. Tem uma garrafa minha na geladeira. Pode beber dela.

Concordei, rumando para a geleira.

— Vocês moram todos aqui?

— Eu, Dante e Vance. Eu tenho casa noutra cidade, já que os meus pais se mudaram, mas eu quis me manter aqui. Vance decidiu sair da casa dos pais. Dante está sozinho desde sempre. Os outros moram com as suas famílias.

— Você ficou apenas por causa... *disso*?

— Bem, eu gosto de Olympus. A universidade é incrível também. Estudo Engenharia da Computação que é uma das melhores do país, mas, sim, eu fiquei por causa dos garotos.

Jaxon dobrou a manga da sua camisa polo, exibindo o pulso. Ele delineou uma cicatriz lentamente e, após semicerrar o olhar e analisar sua pele, captei que era uma marca interna, realizada e circuncidada na epiderme.

— Fizemos isso no dia do Sic Infit. — O nome reagiu como ácido no meu âmago. — É um pacto. Uma promessa. Estamos nisso até terminar e nenhum de nós pode sair.

— E se vocês quiserem desistir? Se um de vocês...

— Essa hipótese não existe. Nós podemos ter jeitos diferentes de ser, mas pensamos o mesmo e vivemos o mesmo. E todos sabemos que

quem fugir, vai ser caçado.

Controlei internamente o impulso do meu coração.

— Como assim?

— Quem não quiser fazer mais parte disso, será morto. É um dos juramentos.

A seriedade no rosto de Jaxon secou minha boca. Eles eram intensos e cometidos a levar a vingança até o fim. A lógica deles funcionava diferente da minha, as crenças e valores forjados por discórdia.

Não conseguiria entendê-los, por mais que quisesse. Havia pequenas batalhas dentro de cada um e ninguém teria forças o bastante para travar.

— As nossas identidades são um segredo porque, em algum momento do futuro, nós vamos querer seguir em frente. Construir famílias, arranjar um emprego, ter uma vida normal. Será impossível se descobrirem quem somos. Não terá qualquer esperança para nós. — Jaxon inalou lentamente. — Na verdade, é bem capaz de sermos mortos. Por isso que qualquer um que nos veja, temos que silenciar. E, sim, é com uma bala na cabeça e nada mais do que um corpo morto para ser contado.

Arrepios se infiltraram na minha pele.

— Vocês nunca terão uma vida normal depois disso tudo — constatei, e ele vergou a boca em um sorriso triste.

— Por isso que alguns de nós pretende não viver depois que acabar.

Meu peito teve uma reação estranha e assustada.

— Eu...

Por alguma razão, minha mente coagiu-me a olhar para trás, me pregando um susto.

Dei um pulinho para trás, semicerrando o olhar.

Dante estava sentado, nos encarando com uma não muito expressão amigável. Seus braços estavam cruzados contra o torso, tensionando os músculos. Sua boca frisada e o olhar sério contribuíam para algum tipo de beleza que eu não gostaria de estar pensando sobre. No entanto, era um processo difícil de ignorar, pois ele fazia questão de não tirar o seu foco em mim.

— Cara, você está há quanto tempo aí? — Fish perguntou, quando percebeu da minha surpresa.

A resposta demorou, mas veio.

— Desde o momento que você tocou nela.

O clima que se criou não favoreceu a minha respiração.

Jaxon ergueu os braços com uma curva de lábios marota, e seguiu para o fogão.

— Foi mal.

Cruzei várias vezes os dois lados, procurando entender o que estava nas entrelinhas, até que Dante decidiu se levantar.

— Beba da torneira.

— Hã?

— A água. Beba da torneira.

A minha testa crispou.

— Jaxon disse que...

— Eu estou *desdizendo*. Não me faça dar água a você de outras maneiras. — Ele se achegou e tirou a garrafa da minha mão. — Jaxon não te disse nada e também não te deu nada.

Busquei por Fish, mas ele estava assobiando e mexendo na sua comida, fingindo não ouvir nada.

— Fiquei sem sede — admiti chateada, pronta para dar um passo fora dali.

Contudo, a sua mão puxou o meu pulso e obriguei-me a encará-lo, em resistência.

— Você já decidiu?

— Não é como se eu tivesse escolha. Ou morro ou te mato. Você sabe qual é a minha resposta.

Dante sondou o meu rosto por milésimos que pareceram eternos, até ele libertar a minha mão. Seu toque era quente, portanto o impacto da sua pele se apartando da minha teve mais efeito do que eu esperava.

— Quero ouvir com todas as letras — demandou casualmente.

— Não é morrer, com certeza — repliquei sarcástica.

— Emília.

Retese-me, amortecendo a boca, antes de pronunciar o que precisava.

— Eu escolho a sua morte.

— Escolha sensata.

Não sabia se era da minha cabeça deturpada, mas enxerguei os seus lábios vergando um sorriso sacana. Avistei sua mão se escondendo no bolso, mas não por muito tempo, pois surgiu com um celular.

— Aqui.

Faulkner estendeu na minha direção.

Arqueei a sobrancelha.

— Não é o meu celular.

— Você não queria um novo? Não reclame. Aceite. — A sua brutalidade me fez arrancar o objeto das suas mãos. — Jaxon conseguiu resgatar contactos e fotos. Está tudo aí. Suas roupas estão num quarto. O seu *porco* de estimação também. O único canto que eu quero que você utilize dessa casa é a cozinha, a sala, o seu quarto e o banheiro. Não quero você em mais nenhum lado, muito menos bisbilhotando. Você só sai daqui para a faculdade e volta. Quero os seus horários e...

— Calma aí! — cortei, piscando intensamente. — Por que você está falando como se fosse cuidar de mim?

— Você vai morar aqui a partir de hoje.

— Desde quando?

— Desde que eu decidi — rosnou. — Achou que eu ia te deixar andar por aí depois do que aconteceu? Não peça demais.

Fechei as mãos, fumegando pelas narinas. Claro que Dante não me deixaria livre.

— Eu só vou fazer isso por um motivo — expliquei, procurando deixar claro as minhas decisões. — Não quero que mais gente se torne o que vocês são.

— Eu já falei. Nós não salvamos ninguém, nem mesmo nós mesmos.

Sua apatia era evidente nas suas linhas de expressão. Odiava que ele não tivesse qualquer mínima bondade para poder ajudar quem também tinha passado o mesmo que ele.

— O ódio te cega.

— O ódio me movimenta.

Suas palavras geraram um tremor no meu ventre. Paralisei abalada.

Ele notou, passando os dedos no cabelo.

— Eu não faço as coisas porque quero, e sim porque preciso. Eu luto por elas pela minha sobrevivência. Tanto mental quanto fisiológica. Querer algo é criar batalhas. Salvar essas pessoas me faria gerar guerras que podem afetar outras pessoas que não estejam envolvidas. A minha vingança é somente comigo e com eles. É apenas uma batalha que foi iniciada há anos e vai acabar algum dia, sem consequências. Entenda, Emília, que às vezes salvar significa derramar mais sangue.

— Mas é por um propósito.

— Até que ponto esse propósito valerá a pena?

Dante me deixou sem qualquer resposta, me fazendo buscar por ajuda em Jaxon, mas seu rosto entregou a mesma verdade. Eles acreditavam nisso e viviam com base nessa teoria.

Balancei a cabeça.

— Você nunca poderá me julgar se algum dia, durante a noite, acabar te matando.

— Eu sei.

Não havia mentiras. Não havia disfarces. Dante sabia que ele era cruel e aceitava o seu destino.

— Pode continuar com a sua vida, mas lembre-se que estamos te vigiando e qualquer estratégia que esteja arranjando para se safar será em vão. Porque não só te mataremos, como faremos questão das suas amigas nunca mais sentirem os seus corações baterem.

Meu estômago foi engolido por medo, cada batida do meu peito soletrando a palavra pavor.

— Você é um nojento de merda.

— Continue me elogiando e eu vou achar que está apaixonada por mim. Não quero ver você bebendo da água do Jaxon. Espero que tenha deixado claro.

Ele se foi, levando comigo tanta coisa que era difícil entender o que Dante não tinha meu e o que ainda poderia guardar dele.



Voltar para a faculdade foi até mais fácil do que tinha imaginado. Achei que sentiria a diferença nas aulas, no contato com as outras pessoas, mas justificar a minha ausência por causa de uma virose e contratos com a casa foi o bastante para tudo se normalizar.

No entanto, eu sabia que tinha algo muito maior e pior para lidar.

Mal conseguia dormir sem ter vontade de gritar. Chutar o meu travesseiro, andar no chão quase formando um buraco naquele quarto e pensar duas vezes antes de pegar numa faca e matar Dante ocupavam as minhas noites.

A dor lancinante que as suas palavras cheias de verdade haviam provocado em mim era interminável. A memória dos meus pais não tinha sido apagada, mas agora tinha cores diferentes das quais eu não gostava.

— Você está mentindo para mim! — Penélope exclamou, roubando olhares das pessoas que estavam ao nosso redor. — Você pediu para que eu não saísse de noite, se acontecesse algo com você para não chamar a polícia e fingir que tínhamos discutido. Você desapareceu por mais dois dias e agora volta falando que estava doente. Besteira.

Eu compreendia a sua raiva e preocupação, porém não teria como falar a verdade quando eu estaria colocando a sua vida em risco.

— Eu não acho que tenha mentido. Você sabe que as pessoas desaparecem pelas ruas dessa cidade. Só estava te preporãondo — menti com todos os malditos dentes daquela boca, tombando a cabeça para trás na esperança de ser queimada pelo Sol.

— É mentira! Eu sei que é. Kayleen, me ajuda.

Kay estava mais entretida em ver os seus vídeos de treino de ginasta do que prestar atenção na birra da nossa amiga. Ela tinha um caderno e um lápis na mão, escrevendo as suas falhas e no que poderia melhorar à medida que pausava o vídeo.

O seu foco na ginástica era um exemplo, principalmente por ela ser uma ginasta profissional. Ela competia fora, treinava com os melhores e, ainda assim, frequentava Psicologia sendo uma das melhores do curso.

— Não há nada que eu possa fazer — declarou, prendendo os seus cabelos pretos num coque rápido. — Mas aquilo na sua casa foi estranho. Como é possível?

Os corpos mortos no meu apartamento tinha sido alvo de várias perguntas, mas a resposta breve que tinha sido para o vizinho por ele ser

amigo de um político qualquer foi o suficiente para esfriar as minhas amigas.

— Não sei.

Dei de ombros, apoiando a minha cabeça. Ela latejava.

— E como ficou a casa? Você conseguiu pagar?

— Na verdade, não — admiti.

— Você está sem casa?

— Consegui arranjar uma mais barata.

— Oh, é sério? Onde é? — Penélope perguntou curiosa.

Tamborilei os meus dedos nervosamente na grama fresca.

— Um pouco longe da cidade, mas tem ônibus até aqui.

— Mora sozinha? — Foi a vez de Kayleen questionar.

— Sim... — Mordi o lábio inferior. — Com algumas pessoas que vocês não conhecem.

— Que bom que conseguiu um lugar para ficar. Mas não fica longe da lavandaria?

Suspirei pesadamente.

Eu tinha sido demitida depois de cinco dias sem dar explicação. Embora tivesse dado a mesma desculpa da virose, eles decidiram que não poderiam me deixar trabalhar mais porque seria um mau exemplo para o restante do pessoal.

— Não estou mais trabalhando.

Cullbert tirou o único fone que funcionava no seu ouvido e empertigou as costas.

— Você ficou rica e não estamos sabendo?

Bufei.

— Eu fiz um acordo com o diabo.

Penélope riu.

— Vindo de ti, não duvidaria.

Um sorriso amarelo se estendeu na minha boca enquanto os meus problemas cantarolavam no meu ouvido.

A verdade era que eu tinha que procurar um novo emprego. Depois de me formar, eu precisava ter como me manter. E, caso Dante não cumprisse com a sua palavra e eu precisasse fugir *de novo*, precisava de um

plano além do B. Precisaria de todos os conjuntos possíveis e dinheiro era um deles.

Perlustrei os cantos do campo. Era hora do almoço e estavam todos indo e vindo pelo Campus. Avistei Vance com o grupinho deles, com o seu pequeno livro de sudoku na mão. Asher passou por ele com duas garotas, sem se encararem ou manifestarem qualquer conhecimento da presença um do outro.

Eu conhecia a dinâmica deles e a ligação que tinham desde pequenos. Não me cansava de estranhar como conseguiam representar tão bem esse cenário de que já não são amigos.

Não notei que estava presa no avanço de Asher com as duas garotas, até que ele entrou na minha linha de contato.

Não soube como reagir, no entanto, ele piscou para mim, coletando alguns suspiros e atenções desnecessárias.

Bastardo de merda.

Ele estava apenas fodendo comigo. Certamente esperava que eu errasse para ter um motivo para cortar a minha cabeça.

Era tarde demais ignorar o que aconteceu, pois Penélope já tagarelava.

— Eu estou louca ou Asher piscou o olho para você?

— Você está louca.

— Não, não estou. — Sua seriedade era cômica. — Vocês estão se pegando?

— Impossível — Kayleen respondeu por mim. —, mas é estranho o que aconteceu.

Kayleen sabia de tudo, portanto a sua desconfiança era mais sincera e com mais questionamentos.

— Vocês estão imaginando coisas.

Levantei-me, sacudindo as minhas calças para me limpar.

— Inclusive, vai haver uma festa pré-jogo dos meninos. Não querem ir?

— Não vou. — Kayleen foi mais rápida que eu.

— Por quê? Quero ir com as minhas melhores amigas.

— Provavelmente, pessoas chatas estarão lá e ignorantes que eu não pretendo ver.

Penélope retesou, decodificando o que Kay estava sentindo.

— Se for assim, não posso insistir, mas queria ir com vocês.

Retirei o meu celular para verificar as horas e saber quando teria que voltar para as aulas.

— Talvez eu vá — falei para Penélope. — Pode esperar por mim.

— Oh, meu Deus! Vai ser incrível.

— Desde quando você tem um celular novo? — Cullbert pontuou.

— O meu quebrou. Tive que comprar um novo.

Seu rosto torceu.

— Um celular custa mais que o aluguel.

— Eu estou pagando parcelado.

Ela não estava convencida.

— Emília, tem algo que você esteja me escondendo?

Meu coração apertou. Kay não era burra. Ela conseguia captar as entrelinhas e juntar um quebra-cabeça, mas não podia. Teria que arranjar forma de contornar, senão Dante a mataria.

— Não estou escondendo nada. — Agachei-me e beijei a sua nuca.

— Vocês podem confiar em mim.

Ela explorou os meus olhos até assentir e dar um beijo de volta na testa.

— Eu sei que sim.

Penélope se juntou a nós, apertando-nos em um abraço forte,

Não poderia pedir por mais nada, além de esperar que o destino não fosse maldoso e não fizesse com que as minhas amigas descobrissem no que eu tinha me metido.

21

Emilia Gray

kresleriana

Dei de comer a Shakespeare, o meu porquinho da índia de estimação, antes de tomar um banho.

As incertezas dançavam na minha mente, ainda confusa na reviravolta que a minha vida deu. Era difícil de acreditar que estava dormindo sob o mesmo teto que o cara que tinha amado e que também era o assassino dos meus pais. Um assassino foragido.

Dante não era a mesma pessoa que eu queria poder dar o mundo, mas continuava sendo quem prometeu me dar o Universo. E doía mais do que poderia alguma vez sequer ser capaz de descrever.

Ele carregava cadáveres emocionais consigo e não sabia até que ponto, algum dia, poderia ter pensado em partilhar essas memórias com ele.

No entanto, minha garganta rasgava a cada vez que também pensava nos meus pais.

Porra.

A ânsia devorava o meu estômago em cada maldita memória e na sensação de ter sido traída por todos, até por mim mesma. Era corrosivo. Minhas artérias eram desintegradas pelo sentimento de ter sido apunhalada pelas costas.

Inalei.

Exalei.

Inalei e exalei.

Acabei de lavar o meu corpo e o meu cabelo com os ombros ligeiramente relaxados.

No ato de pegar a toalha, meus olhos se estenderam pela porta, arregalando em surpresa pela figura presente.

O primeiro impulso foi tapar a frente do meu corpo com a toalha, respirando com a boca intensamente.

— Que porra? O que você está fazendo aqui? — exclamei, com sede de esquartejá-lo.

Dante mantinha-se no batente da porta, os braços cruzados, me esquadrinhando com aqueles olhos violentos.

— Não sabia por onde andava. Achei que tivesse fugido de novo.

Meu rosto torceu.

— Acha mesmo que seria tão burra?

— Não sei. Suas atitudes ainda não me provaram o contrário.

Apertei mais a toalha contra o corpo, notando que na sua mão havia um objeto preto: uma arma.

Meu peito queimou. Evitei deixar o medo se encurralar no meu sangue, porém era um trabalho difícil sempre que me lembrava do que ele já tinha feito na minha presença com aquela arma.

Não poderia abrir as portas e aceitar a sua entrada dentro de mim. Preferia ser queimada viva que dar uma fagulha do meu medo para Dante.

— O que você está tentando tapar?

Semicerrei o olhar.

— Tenho direito à privacidade.

— Não há nada aí que eu já não tenha visto.

— Por razões que você sabe muito bem.

— E que eu não gostei nem um pouco.

Seu olho tremelicou.

A ideia de ter me visto nua não teria sido divertida para ele, o que gerou um tipo de alegria perigosa incendiar nas minhas veias.

— Tudo em você é marcado com o meu nome — declarou, ignorando o meu pedido silencioso de o querer fora.

— Nada em mim é marcado com nada seu.

— Tem certeza disso?

— Não há nada que eu tenha mais certeza do que os meus sentimentos por você.

Sua testa crispou, antes de se desenroscar do batente e rumar na minha direção. Meus músculos tensionaram. Meus dedos enrolaram-se na toalha, já que os meus pés ficaram travados no mesmo lugar.

Meus pulmões começaram a encolher, mal deixando o ar passar.

Sua aura foi tomando a minha sombra, fundindo-se com ela até que o seu cheiro era mais forte do que qualquer pensamento que cruzasse a minha mente naquele maldito segundo.

O filho da mãe, embora seu rosto fosse indecifrável, tinha os seus olhos cintilando perversidade.

— Respire, Gray. Ou a sua certeza está te matando? — perguntou, divertido.

Nossos rostos estavam iminentes.

Um mínimo passo.

Apenas um e nós dois poderíamos acabar nos destruindo mais do que antes.

— Você é patético.

— E você uma mentirosa do cacete. Não sei onde aprendeu a mentir tão mal, mas a sua educação está em falta. Talvez uma lição te faça ter bons modos.

Mantive minha atenção nele.

— Não aja como se fosse melhor.

De forma tão gentil que me assustou, seus dedos sorrrateiramente tocaram o meu queixo, o elevando.

— Eu sou pior — soprou. — E é por isso que não fico me escondendo.

De repente, sua arma foi posicionada de maneira que arrancasse minha toalha. Não sabia como aconteceu, mas o frio enraizou na minha barriga e meus pelos se eriçaram por saber que o calor de Dante era extremamente viciante na minha pele.

— O que quer tanto ver, seu cretino? — perguntei, gotejando raiva. Mas o meu coração estava pulando. Quase em desespero. Quase implorando.

Ele não me tocava, mas sentia como se fosse capaz de entrar no meu corpo e foder minha alma.

Vetei parte de um mínimo desejo que quis surgir. Não podia. Era extremamente proibido. Dante era um assassino. A sua índole era forjada em violência. Ele mataria qualquer um. As pessoas que amava. Eu. Ele não hesitaria em me matar. Prazer não deveria ser algo que poderia sentir quando Dante me tocava.

— O que eu faço com você — murmurou. — Como eu *mato* você. É melhor do que qualquer sangue inimigo. É delicioso, Gray.

Minha coluna arqueou ligeiramente quando senti o metal frio passeando pela barriga. A sua arma estava descendo, descendo e descendo, o que me obrigou a fechar as pernas.

A minha pulsação estava desregulada, perturbando os meus hormônios. Meus mamilos intumesceram, o suor pela condensação da água quente escorregando no seu meio.

Endureci o meu rosto pela reação momentânea, praguejando mentalmente até ao deus mais fodido por ter deixado que ele me controlasse daquele jeito.

— Seu filho da puta.

Ele sorriu minimamente, saboreando como o seu objeto entrosava entre as minhas pernas fechadas.

— Dou a você dois minutos para se vestir e aparecer na porta da sala. Temos assuntos para resolver — declarou, se afastando.

Estava nua para Faulkner, mais uma vez, e parecia que era uma simples brincadeira de criança para ele. Dante queria somente me provocar,

externar um sentimento maior do que a repulsa que o oferecia. E eu quase o entreguei.

Quase o dei desejo. Prazer.

Tentei gritar, porém nada saiu mais do que um guinchar forte. Quis socar a parede, mas preservei os meus ossos. O ódio reagia no meu organismo. Odiava tudo aquilo. Odiava estar submetida a ele.

Eu não poderia dar o que Dante queria. Teria que revidar.



Demorei dez minutos.

Pensei que Dante fosse bater na minha porta, contudo o ambiente estava até tranquilo.

Quando cheguei na sala, deparei-me com todos os garotos, cada um com as suas roupas normais do dia-a-dia, mais Torman. No momento que pisei os pés naquela sala de reunião, a atmosfera tornou-se densa, quase compacta por cima da minha cabeça.

Dante estava hiperconsciente da minha presença. Jurei que poderia ver os seus átomos lutando para fingir me ignorar, mas era impossível.

Eu sabia que tinha mexido com ele.

Sorri para cada um deles que não estava vendo nada de diferente em mim, a não ser Dante e Jaxon.

Então, quando sentei do lado de Fish, sorrindo como uma boba soltei:

— Espero que não tenha se importado de ter roubado as suas roupas. As minhas estão sujas.

Jaxon era bondoso, mas, claro, ele era um filho da mãe criminoso tal como eles. Portanto, seu lado sádico também falava alto.

— De nada.

Desviei para Dante que fumegava, me sondando e enviando sinais de que eu poderia estar preparada para o que viesse.

Mas eu não tinha medo.

Eu devolvia o que faziam comigo na mesma moeda.

— Já vi que a garota está enturmada — Torman começou por dizer, quebrando o clima.

— Sem vontade, se quer saber — rebati afiada.

O rosto enrugado e exausto de Franci esboçou raiva.

— Qual o ponto dessa reunião repentina? Tenho coisas para fazer — Cole soltou, sobrepondo a perna na mesa e cruzando os seus braços no peito.

Sua expressão não era diferente da de Torman. Sempre direcionado a mim. Cristo, ele não cansava de me odiar?

— As mortes em Roma. Foram quatro homens. Três lá dentro. Um no exterior. Um dos seguranças! Que merda passou na cabeça de vocês? — rosnou, cuspidando cólera.

— Eles tinham que ser mortos. Souberam do que não deviam — Dante respondeu casualmente, a estrutura óssea do seu rosto sem demonstrar qualquer reação.

Dante era gelo e austeridade.

Entendia a frustração de Torman, apesar de não gostar dele. Faulkner era irritante quando respondia às perguntas como se estivessem questionando o que ele queria comer.

— Como assim souberam do que não deviam? Vocês têm a porra da ideia de que estão começando com um lugar de bandeira branca? Como vamos arrumar essa bagunça? — Francis coçou o seu queixo da barba mal aparada. — Roma não é um lugar para mortes.

— Nós vamos. Você não — Dante declarou, cruzando os braços, dilatando os músculos deles. — São assuntos que não exigem a sua atenção. Pode dormir descansado, velho.

— Só matamos um cara estuprador e três seguranças chatos. Quem nunca fez isso? — Asher soltou a sua voz, e Torman rangeu os dentes.

— Porra, garotos. — Ele pegou no seu cachimbo do bolso e acendeu, a fumaça subindo pelo seu semblante antes de continuar: — Tudo tem consequências. Cada morte. Cada cadáver que aparece. Não pensem que o meu trabalho é apenas ajudar a limpar a barra de vocês. Eu não

consigo proteger vocês de pessoas como Norman porque eu preciso me proteger também.

— Não foi correto o que aconteceu. Nós entendemos que foi inconsequente — Jaxon argumentou, arregaçando a sua polo verde-clara, combinando com os seus orbes. —, mas foi necessário. Ninguém de Roma vai achar que foi o Domínio.

— Não? — Torman ficou entretido.

— Dante os matou várias vezes, falhando alguns tiros. Os seguranças morreram com a falta de sangue e não instantaneamente. Nós torturamos, levamos a interrogatório e exibimos a morte das nossas vítimas para eles. É o nosso *modus operandi*. Violência prática não é engraçado — Jaxon respondeu.

Torman tragou mais um pouco do seu tabaco velho.

— Eles não são burros. Especialmente Norman. — Seus olhos cansados caíram em mim. — Vocês sabem que ele está procurando por um deslize do Domínio para nos caçar. Se ele souber, é um motivo para partir para uma guerra contra vocês.

— Mas é esperto e se concluir que fomos nós, terá que se ver obrigado a vir lutar contra nós diretamente e está cedo. É cedo tanto para ele quanto para nós — Dante pronunciou, as palavras fluindo da sua boca como se fosse um discurso pronto e pensado muito antes. Ele se comportava como um líder.

— Cara, não sei qual é o estresse. Em Roma, a galera deve ter mais inimigos do que as camisinhas que eu tenho na carteira e são muitas, tá? — Asher se espreguiçou enquanto falava.

— Mas por que diabos vocês tiveram que se meter nessa confusão? — Torman contestou. — O nosso foco é a porra da Fábrica e, nesse momento, a Seção E. Que merda Owen e os seus seguranças têm a ver?

Engoli em seco, entendendo que realmente as minhas ações provocaram consequências ligeiramente graves nos planos deles. Não que eu me preocupasse, porém não o teria feito depois de saber a verdade do que os Rostos Vazios realmente eram e quem matavam.

— Pergunte à forasteira. Ela vai saber te responder — Cole disparou, me fazendo odiá-lo ainda mais.

Francis me analisou como se eu fosse um pedaço de merda incorporado em um corpo humano.

— Precisamos resolver esse problema — anunciou.

— Qual?

— Ela.

— O que tem ela? — Dante perguntou, a sobrancelha levantada.

Ele me encarou, decidindo deslocar-se do outro lado da mesa para o oposto. Faulkner não quebrava o nosso contacto e não pretendi ceder porque a qualquer luta com ele era necessária uma vitória.

— Vocês sabem o que tem. Não estava no nosso acordo termos uma garota metida aqui.

— Agora está.

Dante decidiu parar atrás de mim, em pé. As suas mãos apoiaram a minha cadeira e o seu corpo inclinou ligeiramente. Sua respiração batia na minha nuca úmida, me relembrando que os seus malditos átomos estavam em choque com os meus.

— O que ela está fazendo aqui?

— Eu a convidei — Dante respondeu, como se realmente eu tivesse tido escolha.

— Não é essa a pergunta, garoto. O que Emília Gray está fazendo debaixo do seu teto?

A mesma dúvida rondava algumas mentes.

Até os parceiros de Dante pareciam não ter uma resposta concreta, embora soubessem do acordo e do que poderiam oferecer com a minha herança.

Mas será que não haveria outras opções?

— O que acontece com o Domínio apenas envolve o Domínio — Dante declarou, após segundos asfixiantes. — É uma das nossas regras.

— Eu cuido de vocês...

— Apenas sendo o nosso bode expiatório na polícia. Nada mais — cortou. — Apesar de agradecer, não se esqueça que o questionamento das minhas atitudes também não é aceito. O que eu faço é sempre pensando no bem de cada um de nós. Nunca foi colocado em questão. Sou o líder. É a minha função.

Espremi minhas pernas, raspando as unhas pelo tecido leve da bermuda. Ouvir Dante com austeridade era estranho. Há anos, a sua voz sempre foi mansa comigo, adicionada a um sorriso zombador. Aquele poder que agora exercia em cada palavra que articulava causava reações estranhas.

— Você não está fazendo isso pensando no bem dela?

A pergunta de Torman gelou o meu sangue, porém Dante não titubeou.

— A vida dela não é da minha conta. Se cada um dos meus homens pedisse para matá-la nesse momento, eu o faria. Sem discussões.

Não houve relutância. Dante não gaguejou. Seu timbre era audível. Potente na dose certa, causando exatamente o sentimento que pretendia em cada um naquela sala.

O meu coração apertou antes que eu pudesse retornar à respiração comum.

Parte de mim já sabia.

Parte de mim tinha a mesma vontade, mas ainda assim, eu perdia um pouco do que restava da minha consideração por ele toda a vez.

Francis nos encarou, seu cachimbo inutilizável ainda em suas mãos.

— Bom, se o capitão disse, está dito. — Não sabia dizer se estava sendo irônico ou não. — Mas e o que ela tem a dizer, hã? Não prefere morrer do que viver com o cara que matou os seus pais, criança?

Meu esgar foi o suficiente para o velho saber que eu não estava nem um pouco interessada em ter essa conversa.

Quis me levantar, mas a força que Dante posicionou na minha cadeira, não deixou que nem um milímetro fosse movimentado.

— Responda, Gray. Estamos todos interessados em ouvir.

Mesmo não enxergando, sabia que Dante estava desejoso de se divertir.

— Nada deve ser mais fatal do que aceitarem a garota que vai trazer a ruína para eles. Estou muito bem com isso. Obrigada pela preocupação.

Minha ironia arrancou um sorriso tão leve de Jaxon, mas um olhar devastador de Cole. Tanto Asher e Vance não esboçaram nada mais do que

indiferença. E Dante era uma incógnita especialmente por permanecer atrás de mim.

— Agora, com licença, eu tenho uma vida para tratar.

Empurrei a cadeira com força e Dante se viu obrigado a me soltar.

Rumei para o meu quarto improvisado, com mais dor de cabeça do que já estava. Não entendia e não sabia se queria. Eu estava ali por uma função: dar o maldito mapa a Dante e matá-lo depois. Então, claro que ele não iria ter uma grande vontade de me proteger. Eu era um plano de fundo caso tudo desse errado e eu aceitei sabendo disso.

A minha escolha parecia certa no momento, porém agora estava pensando até que ponto valeria a pena.

Mas eu iria morrer.

Mesmo se fugisse do país, eles me caçariam. E eu não era a melhor para fugir. As duas tentativas tinham dado errado.

— Você sabe que já não tem como sair disso, não é? — A voz de fumante me fez virar o rosto, antes de entrar no quarto. — Entrar nesse mundo é um caminho sem volta. Você vê coisas que te marcam. Você faz coisas que se arrepende pelo resto da vida. A sua alma fica marcada. Ou você vive desumanamente, ou você morre com dignidade. Não tem como escapar.

Minha boca crispou.

— E você queria que eu fizesse o quê? Não tive escolha. Eles me condenaram no momento em que mataram os meus pais.

Torman riu roucamente.

— A morte dos seus pais não foi uma condenação. Foi uma salvação, garota. Deveria agradecer e não lamentar.

Agradecer?

Todas as vezes que revirava as memórias da dor cortante que foi saber que os meus pais morreram, o meu sistema tinha uma resposta momentânea.

— Você não sabe do que fala.

— Não sei? Você é apenas uma vadia apaixonada pelo assassino dos seus pais e por não saber lidar com isso quer vê-lo morto. Isso não te faz

melhor que ninguém. Na verdade, só te faz igual aos filhos da puta que eram os seus pais.

A nossa distância não era curta, no entanto, em poucos milésimos, eu fiz questão de ter a minha mão acertando o seu rosto. O estalo rompeu o ar, a dor na minha palma não era maior do que o enrubescido da lateral da face de Francis.

Vetei o vazamento das minhas lágrimas.

Não podia deixar.

Não iria.

Torman se virou, sua raiva estampada mais intimidante do que antes. Meus ossos tremeram e eu me senti pequena demais, mas não voltaria atrás no que fiz. Não deixaria que me tratassem assim.

— Se você tocar nela, eu corto cada um dos seus dedos e faço com que você os engula. Segundo as minhas últimas vítimas, bem, não é a melhor experiência.

Dante se aproximou, seu timbre tão intenso quanto os seus passos.

Torman me fulminou, antes de se virar com suas narinas lançando fogo.

— Achei que a vida dela não era da sua conta.

— Mas a morte dela é minha. Qualquer coisa que envolva Emília, passa por mim. Não quero nenhuma marca sua na pele dela. Você sabe como sou territorial. Não peça por essa briga comigo.

Meus músculos paralisaram.

Não era capaz de dizer nada, apenas observava a batalha eclodir, e Faulkner surgia como um deus vitorioso.

Francis perdeu a sua postura. Dante era maior que ele. A sua aura governava o espaço.

— Espero que as coisas se mantenham como sempre, e que Gray não nos prejudique mais nenhuma vez — Torman assinalou, receoso. Ele estava com medo. *Muito medo*. Como era possível uma pessoa que criou durante anos Dante ter pavor das suas atitudes? — Fiquem bem.

Ele saiu, levando parte da minha essência. Suas palavras começaram a azucrinar os meus neurônios e eu sentia que parte da minha humanidade realmente estava morrendo.

Eu estava sendo manipulada pelas minhas memórias sem nem perceber. Eu perdia todas as guerras que tinha com a Emília de treze anos por uma figura que nunca existiu. Por um Dante que nunca foi bom.

Por uma ideia de um futuro que já não tinha qualquer hipótese de acontecer.

— Não pense. — Meus olhos cruzaram com os de Dante tão próximo de mim. Seu escrutínio era intenso na minha feição perdida. — Nada, nem ninguém destrói mais do que você do que a sua própria mente. Ela é sua aliada, mas sua inimiga também. Se ficar ponderando sobre as suas decisões, você vai acabar se arrependendo.

Fechei o meu punho.

— É assim que decide o final das suas vítimas? — questionei, imaginando como a morte dos meus pais tinha sido sem pensar. Não sabia ao certo se me causava alívio ou dor.

— Não faça uma pergunta da qual você sabe a resposta.

Afastei-me, receosa de cair muito mais na escuridão da sua sombra.

— Quem realmente é Christian Norman? É tipo o Batman para o Joker?

— perguntei, despistando da conversa.

— Norman é o que Torman é para nós. Um policial corrupto. Mas, em vez de ser contra a Fábrica, ele pertence à rede.

O baque foi forte.

Pensar que a pessoa que eu teria buscado para pedir a morte de Dante era mil vezes pior que ele, foi a sacudida de ossos que eu precisava.

Norman tinha sido a pessoa que, desde sempre, não queria Dante na sociedade. Que via os garotos como completos delinquentes e deveria eliminá-los. Supus que fosse pela sua honra como policial, mas estava enganada.

Deus, quem eram todas aquelas pessoas?

— Eu... Eu não sabia — gaguejei.

— Sei que não e ninguém está te culpando por isso. Na verdade, matar um dos seus foi um prazer.

— Mesmo que isso possa te causar problemas no futuro?

— Não há nada que me dê mais problemas do que você. O resto eu sei lidar.

Ri nasalmente.

— Então, você não sabe lidar comigo?

— O fato de ter te colocado sob o mesmo teto que o meu é uma resposta muito clara — ele respondeu, mas o seu tom mudou.

Não soube codificar até que seus olhos desceram e subiram pelas minhas curvas. Não poderia afirmar que era algo a mais do que ódio, mas logo a seguir suas palavras me trouxeram à realidade:

— Queime.

Encarei-o confusa.

— Fale como uma pessoa normal. Não somos homens das cavernas.

— Queime as roupas que tem. Não quero te ver usando as roupas dos caras.

Um sorriso quis despontar nos meus lábios, mas evitei para não irritá-lo mais.

— Você fez com que eu não tivesse mais um emprego. Ou seja, não tenho como bancar roupas novas.

— Nós trouxemos tudo que é seu.

— Está faltando — rebati. — Não sei a quem você pediu, mas fez um péssimo trabalho.

Dante rolou os olhos.

— Tem algumas num dos armários do banheiro. Coloque-as.

Ele não deu mais espaço para conversa.

Rosnei frustrada, seguindo para o banheiro. Abri o armário, dando de cara com algumas t-shirts velhas, mas extremamente bem cuidadas.

Peguei uma à escolha e eu ao sentir o cheiro, o meu coração capotou. Eram as roupas de Dante. Ele queria que eu as usasse?

Não poderia acreditar nisso.

Um arfar pesado me acordou. Revirei os olhos quando percebi que Rachel me observava divertida.

— Vai embora. — Ela permaneceu. — Xô! Xô!

A cadela não se movia.

Pressionei a camiseta contra mim.

— Você está me julgando, não é? — Ela latiu. — Não faça isso!

Rachel não se importou, se achegando na minha perna e procurando subir por ela.

Suspirei, encarando a t-shirt.

Todos daquela casa enlouqueciam-me e, provavelmente, Torman tinha razão. Eu não tinha um caminho de retorno. Tudo o que viesse dali para a frente seria mais penoso do que aconteceu anos atrás.

22

Emília Gray

egmont

A bebida queimou minha garganta no primeiro gole. Fumar e beber era algo que fazia com muita tranquilidade, nos meus primeiros anos de luto. Não era nada que fosse em demasia, porém não era a melhor fase, especialmente sendo menor de idade.

Quando entrei na faculdade de Medicina, tomei a decisão de evitar consumir com tanta frequência. Já não saía tanto. O tabaco só seria meu amigo uma vez por semana, ou dias antes de exames importantes. Fui perdendo o vício sozinha, antes que ele me devorasse e corroesse o meu organismo.

Balancei o copo ao ficar vazio, ladeando a boca com a língua.

A música estourava os meus ouvidos e as luzes neon dilatavam minhas pupilas, tingindo o chão e a parede. Minha cabeça dançava ao som

da melodia, mas eu estava mais entretida em tentar saber quem me encarava. Sentia que estava sendo observada por alguém de longe.

— Você quer mais uma bebida? — Kay perguntou colada no meu ouvido.

— Não quero. E você?

— Queria, mas não gostaria de abastecer sozinha.

Penélope estava na nossa frente dançando com um cara de óculos. Ela sempre arranjava alguém com quem se divertir, enquanto Kay e eu suprimíamos a nossa solidão uma com a outra. Não que não quiséssemos. Kayleen era contra namoros, além de seguir a regra de que os caras se apegavam facilmente.

Ela explicava que as vezes que ficou com alguém foi um trabalho excruciante de afastá-lo da sua vida e não tinha cabeça para lidar com isso novamente.

No meu caso, sexo era algo mais complicado.

— Posso ir com você.

Kayleen sorriu agradecida, pegando na minha mão e nos conduzindo entre a multidão até a torneira de cerveja.

A mudança da cor violeta para vermelha gerou um rebuliço entre as pessoas. O embate dos seus corpos com os nossos dificultava a nossa passagem até à varanda.

— Parecem animais.

Dei um mini-sorriso com o comentário de Kayleen.

— É porque eles são.

Ao chegarmos finalmente no local combinado, acabei cedendo mais uma bebida. A minha atenção a abrir a torneira para conseguir encher o meu copo não me fez dar conta da presença de outra pessoa na nossa roda.

— Cullbert.

— Van Doren.

Virei o rosto, analisando com a testa franzida Cole e Kayleen se encarando veemente.

— Não sabia que você estava por aqui. Achei que não gostasse de festas.

Os lábios de Kay criaram uma curva diabólica.

— Gosto de festas, só não gosto das pessoas que estão nela.

Cole devolveu o mesmo sorriso amarelo, antes de elevar o copo de plástico vermelho e bebericar da sua bebida. Seus olhos escalaram até mim, o rosto revestindo-se em ferro.

— Posso dizer que é recíproco — respondeu ainda me examinando.

Kayleen aparentou não notar.

— Não me chateie hoje, Van Doren. A minha paciência tem limites. Saia da minha frente antes que eu acabe com o seu rosto de bom samaritano.

Cole gostou da ameaça da minha melhor amiga, pois seus orbes estreitos esquadriharam a patinadora à sua frente.

— Sempre tão agressiva.

— Você me conhece desde pequena e sabe que eu não tenho medo de você.

— A sua amiga talvez não tenha te dado o aviso certo — Seu dedo apontou para mim, com o copo segurado pela mesma mão. —, mas o medo salvaria você de mim.

Meu estômago engoliu por saber que a conversa de Cole poderia muito bem ser uma ameaça à Kayleen.

Embora soubesse que os Rostos Vazios matavam somente quem pertencesse à Fábrica, não duvidaria da capacidade de Van Doren de ferir alguém para me provocar.

— Pare de ser patético — Cullbert rosnou. — Até parece.

Cole sorriu minimamente, pousando o seu copo na bancada e dando um sinal de despedida com as sobrancelhas.

— Divirtam-se.

Fulminei suas omoplatas por debaixo do casaco de capuz preto seguindo para o meio da pista.

— Como eu odeio esse cara — Kayleen rosnou, dando uma golada forte.

Peguei em seus ombros, virando-a para mim.

— Desde quando vocês conversam?

— Você achou que isso foi uma conversa? — Suas narinas espumaram uma risada contida. — Infelizmente, somos colegas de turma

em algumas disciplinas.

Expirei uma lufada de ar pesada, empertigando as costas como se a dor de os ter visto dialogar tivesse machucado minha coluna.

— Você não deve se envolver com ele.

Seus olhos angularam, o semblante formando uma careta estranha.

— Você está brincando, não é? Nunca teria nada com Cole. Ele é um tolo. Você o conhece.

O conhecia tão bem para saber que as mãos dele tinham sangue inocente e as suas memórias imagens de pessoas decapitadas.

— Só me promete.

— Para de ser dramática, Lia. Não vai acontecer, ok? Até porque quem gosta dele não sou eu.

Levantei o olhar.

— Quem?

— A Penélope.

Meu sangue crepitou, formando coágulos nas minhas artérias.

— Como assim? Desde quando?

Kayleen deu de ombros.

— Só olhar.

Virei o meu rosto, flagrando Penélope conversando com Cole com um sorriso tão bobo que era impossível não supor que as luzes neon vissem dos seus olhos.

Isso não podia estar acontecendo.

Deveria fazer alguma coisa em relação a isso, porém não sabia por onde começar. Levantar suspeitas era a última resposta para esse dilema, no entanto, teria que afugentar Penélope dele o quanto antes.

— Você sabe que Cole é agressivo — adicionei.

— Eu também era. Fomos crianças, é normal — disse, dando de ombros. — Ele até fala muito bem com ela, mas sei que não vai acontecer nada.

— Como pode ter tanta certeza?

— Cole é como eu. Não se envolve com ninguém. Não precisa se preocupar.

Meus neurônios fritavam de pensamentos.

Os relacionamentos amorosos dos garotos do sequestro eram enigmáticos. Nunca tinha ouvido falar de nenhuma mulher que tivesse se envolvido com eles, ou algo parecido. Com exceção de Asher que gostava de cantarolar como as orgias que participava faziam muito mais pelo seu cardio do que os treinos de futebol.

Os restantes eram extremamente silenciosos sobre o assunto.

Dante também se comportava da mesma maneira?

Me puni mentalmente por abrir portas a algo irrelevante. Quem Dante comia não era da minha conta. Embora o dia da promessa estivesse vivo na minha memória, nenhum de nós era forçado a mantê-la quando o amor entre nós havia morrido e sido enterrado há tanto tempo.

Aquela promessa tinha sido uma farsa, assim como qualquer sentimento que teríamos nutrido um pelo outro.

— Você tem um cigarro?

As sobrancelhas de Kayleen desnivelaram.

— Não era você que tinha deixado de fumar?

— A cada dia, sou uma pessoa diferente — respondi assertiva, recebendo o maço e isqueiro na minha palma. — Vou para o terraço. Já volto.

Cullbert meneou a cabeça e eu segui os meus passos até às escadas que davam acesso ao sótão aberto.

Odiava o tabaco. Odiava o cheiro. Odiava como os meus pulmões eram doentes e, ainda assim, necrosava-os. Saber que, em algum momento, poderia perder parte deles por obstruí-los com a nicotina, contudo, nas profundezas da minha consciência, era um pedido à morte.

Fumar me daria uma morte lenta e silenciosa.

Ao alcançar o último degrau, retirei o cigarro, colocando-o na boca e acendendo o fogo na ponta, pronta para a primeira tragada.

Estirei os meus ossos, inalando preguiçosamente na esperança de incutir cada grama maldita do tabaco em meus brônquios.

Era um anestésico podre, mas de grande eficácia.

Já não fumava há três meses, contudo, sempre que voltava, era como um velho amigo me contando as boas memórias que formamos

juntos.

Desviando da porta, minha visão foi tomada pela paisagem dos inúmeros prédios altos iluminados pelas luzes dos apartamentos, o som das buzinas e dos carros apressados e das vozes sussurradas levadas pelo vento. No entanto, fui pega de surpresa pelo corpo escorado nas grades, fascinado pelo mesmo panorama.

Um misto de sentimentos eclodiu na minha traqueia, antes de soltar o nome em alto e bom som.

— Dante?

Ele se virou com o cigarro seguramente colocado entre os seus dedos grandes, e um binóculo na outra mão livre.

Faulkner mapeou os meus movimentos até me colocar numa distância razoável a qual pudesse ter a certeza de que, sim, era ele naquele lugar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei curiosa.

— O mesmo que você.

Ao contabilizar mais dois passos para visualizá-lo melhor, sensações incômodas entraram em minha consciência.

Certas nódoas de sangue estavam em suas mãos, braços e beirando na sua calça. O cheiro potente inquietou minhas narinas. Parei de fumar imediatamente.

— Você acabou de matar alguém?

Dante não se atreveu a desviar o olhar da vista, no entanto, sua mão ocupada pelos binóculos apontou para a frente.

— Vincenzo Santoro era um dos transportadores da mercadoria. Ele trabalhava há vinte e dois anos na Fábrica, apenas cruzando as cidades para levar as pessoas dopadas até às Secções. — Seu tom passivo era amedrontador. — Foi quem nos levou também.

Esmaguei o meu cigarro, compartilhando um pouco da raiva de Dante. No entanto, não poderia deixar de aceitar as mortes de quem quer que seja como justiça. Não era assim que funcionava.

— Você não respondeu à minha pergunta.

Ele trouxe mais um pouco da sua nicotina.

— Eu o torturei para arrancar certas informações. Se ele morreu, bem, talvez tenha sido porque não aguentou ficar sem os seus olhos.

O meu intestino revirou.

A casualidade em cada sílaba que pronunciava era antagônica aos relatos e a sujeira em suas mãos.

Ele se confortava com a morte dos seus alvos. Aquilo causava a Dante um prazer imenso.

— Você matou alguém e decidiu vir numa festa de universitários? Se alguém te reconhecer?

— Não vai acontecer nada. — Deu de ombros. — Posso muito bem dizer que estive numa briga, ou que estou ferido. As pessoas estão bêbadas e drogadas. Não vão saber ao certo do que estou falando.

— E se aparecer alguém consciente como eu?

— Eu a fodo para que fique calada.

Meu rosto era permeável à sensação estranha que protestou em meu peito.

A palavra *foder* na boca de Dante reagiu em minha boceta como eletricidade, fazendo-a engolir minha calcinha. Precisei desviar para qualquer canto daquela cidade anoitecida, para que ele não fosse capaz de farejar o que pingou entre a minha calça.

Cristo.

— Às vezes eu me enturmo na Universidade Olympus — começou por dizer. — As pessoas que me conhecem são poucas. Não é tanta gente. A maioria vem de outras cidades e países. Nem sabem o que foi o Dia do Castigo. Perdi a infância, a adolescência e vou perder mais fases da vida. Mas gosto de experimentar um pouco do que poderia ter sido se o sequestro nunca tivesse acontecido. Por isso, de vez em quando, vou aos jogos de Asher, assisto algumas aulas secretamente e participo de algumas festas. Nada demais. Apenas para ver como a vida funciona.

Sua confissão engatilhou uma parcela de compaixão que eu poderia ter por Dante. Ele não estava se lamentando. Como sempre, era uma conformidade a que já tinha se habituado. Porém, eu senti pena. Senti uma vontade de tirá-lo daquela vida que o prendeu há mais de oito anos.

Ele não tinha vivido.

Depois de se tornar um criminoso em fuga, Dante não era mais um cidadão normal. Ele não poderia viver o que eu e os outros rapazes faziam.

— Você pode sair do país, começar do zero com uma identidade nova.

Queria me atirar do terraço. Ter uma conversa casual com Faulkner era crime contra mim mesma. A minha existência. Nós não éramos amigos, muito menos poderíamos nos considerar conhecidos. A nossa relação não exigia conversas.

Era nojento como eu soava pacífica na presença de um cara como ele.

— Estaria fugindo, Gray, e você sabe que eu não sou de correr dos meus problemas — dissertou. — O meu destino não é o mesmo que dos caras e estou bem com isso. Vejo a minha vida como um desafio e pretendo levar até ao fim.

— Sua teoria de vida é triste — debochei.

— E a sua é feliz? — Minha boca azedou. — Nunca te julguei por ser uma pobre miserável amargurada.

— E de quem será a culpa? — rosnei.

— Se você acha que a morte dos seus pais te fez quem você é hoje, está muito enganada — rangeu, se virando para mim. Vi com melhor pormenor as feridas e o sangue de outra pessoa em partes do seu corpo. — Você é apenas burra. Pensa que está lutando, mas, na verdade, está apenas estendendo a sua derrota. Você não se conforma com isso. Não se conforma que você já perdeu tudo antes de sequer tentar.

Meus olhos marejaram com suas verdades cruéis. Quis rebater. Quis dizer que ele estava mentindo, mas não. Eu fiz a porra de um acordo com ele que a minha vida está em jogo somente por ainda não me ter adaptado à morte dos meus pais. E como foi merecida porque, merda, os meus pais mereceram o que receberam.

Aquilo doía. Ardia. Me matava vagarosamente como se eu tivesse ingerido veneno propositalmente, assistindo perante um espelho a minha desintegração.

— Então, me mate. — Seu olhar tornou-se confuso. — Acabe com isso e me mate. Já perdi tudo. Já não tenho mais pelo que lutar. Acabe com

isso de uma vez. Faça isso.

Minha exaustão me levou a encarar a descida daquele prédio. Se eu saltasse, a queda livre quebraria os meus ossos e queimaria o meu cérebro antes mesmo da colisão.

Meus pensamentos nunca foram fatais para mim. Nunca me colocaram em risco. Apesar de tanta coisa ruim que eu tinha memorizado, eu ainda acreditava que teria um final feliz.

Meu destino não teria sido escrito pelas mãos de William Shakespeare. Era escrito por mim e eu desejava uma alegria imensa.

No momento que me recuperei da inércia dos meus pensamentos para voltar à realidade, meu pescoço foi tomado. Meu corpo alongou, reagindo ao calor que subiu numa escala violenta.

Acampei os meus olhos no olhar implacável de Dante. Havia tanto lá que era impossível enumerar o que aquele homem estava sentindo.

— Fale isso de novo e veja como puno você.

Engoli secamente.

— Não é isso que quer? Que eu morra?

— Sua morte é minha e eu decido quando isso acontece. Nem você tem direito sobre ela.

Suas palavras sopradas eram algo ilícito para o meu coração.

— Que eu saiba, o nosso acordo não é esse.

— Então o cumpra. Se eu escutar você pedindo para tirar a sua vida, faço com que se arrependa — rosnou.

— Mais arrependida do que já estou? — provoquei e seus dedos apertaram mais o meu pescoço, causando adrenalina. Era uma porção de perigo que injetava sentimentos quentes pelas minhas veias.

— Não pense em tirar a sua vida de mim porque eu juro que vou até ao inferno para te caçar.

Era estranho como não me intimidou, e sim foi mais reconfortante do que eu esperava.

Minha caixa torácica expandiu como se esperasse uma dosagem grande da respiração de Dante dentro de mim.

Era errado. Perigosamente errado.

Empurrei o seu braço, fazendo-o largar a minha garganta.

Meus pés se assentaram novamente no chão, centrando-se no equilíbrio.

— Parabéns. Você conseguiu. Eu já estou no inferno.

Suas narinas soltaram um riso abafado.

— Ainda não te queimei o suficiente, *pulchra*.

Odiava escutar *pulchra* da sua boca, por mais que nunca ousasse pesquisar o significado. Especialmente por agora, quatro anos depois, soava cruel, sem a pureza que tinha.

— Essa conversa está me dando dor de cabeça. Fique bem, Dante.

Ele não protestou, o que foi difícil de acreditar. Faulkner não gostava que eu desse as costas para ele, mas não pareceu chateado quando o fiz.

Desci novamente para o local da festa, tombando com Kayleen e Penélope que riam juntas. Assim que me viram, seus olhos estavam interrogativos.

— Onde você vai? — Kay perguntou

— Para casa. Já estou cansada.

— Quer carona?

Balancei a cabeça. Elas não podiam sequer sonhar onde eu estava morando.

— Não precisa.

— Como não? Você disse que precisa pegar o ônibus para chegar lá. Não há nenhum nesse horário.

— Eu chamo um táxi. Nada demais.

— É perigoso, amiga — Penélope advertiu. — Eu te levo. Para de negar.

Elas eram muito chatas.

— Ok. Só vou ao banheiro e já volto.

As minhas amigas assentiram e eu fiz o caminho até ao banheiro. Não me mantive lá por mais de cinco segundos, saindo da festa num piscar de olhos.

Elas ficariam chateadas comigo, mas enviaria uma mensagem explicando que encontrei alguém que morava perto e meu deu carona.

Ao sair para a rua, o vento congelou minha pele. Embrulhei-me no casaco leve que tinha levado, supondo que não iria precisar de nada que me tapasse.

Meus dentes tremelicavam e eu procurava pensar em coisas boas para não pensar na ventania glacial que gelava até a porra dos meus órgãos.

— Entre no carro.

Girei a cabeça, encontrando Dante num novo carro. Era da mesma marca que o outro que tinha explodido, porém, desta vez, preto.

— Não.

— Não vou. Você não manda em mim.

— Emília Gray. Entre. Na. Porra. Do. Carro.

A raiva espelhada no seu rosto quase me fez mover minhas pernas, mas torci o semblante e exibi a língua.

— Não vou.

— Você é teimosa pra cacete.

— Uma das minhas melhores qualidades — debochei.

— E uma das razões pelas quais, um dia, a minha mão ficará marcada na sua bunda.

Oh.

Fingi ignorar, embora aquela promessa tenha acelerado os meus batimentos cardíacos beirando a velocidade da luz.

O silêncio envolveu-me. Achei estranho, no entanto, segui meus passos firmemente. Ao perceber que incomodava mais do que eu gostaria, voltei a olhar para a estrada.

Dante se mantinha lá, andando de carro com a velocidade tão reduzida que parecia que o carro estava parado.

— O que você está fazendo?

— Está muito enganada se vou deixar você andar sozinha à noite — rosnou furioso. Ele não tinha aceitado o não como resposta.

Dei de ombros.

— Você que sabe. Só está perdendo o seu tempo.

— Perder o meu tempo com você? Só estou ganhando.

Ignorei a vontade de rir genuinamente.

— Nada é mais perigoso que os Rostos Vazios. Ou seja, nada me assusta.

— Cuidado com as suas palavras. Noutro contexto, eu viria como um desafio.

Fui diminuindo e acelerando o passo de propósito, esperando que ele fosse reclamar, mas Dante não disse mais nenhuma palavra. Na verdade, deixou que o vento fosse a nossa única melodia e me seguiu até em casa.

Chegamos no silêncio absoluto. Segui para o meu quarto na busca de pegar os meus produtos para tomar banho, mas foi aí que me exaltei. Haviam coisas diferentes.

Na verdade, o quarto estava diferente.

Ele estava decorado com molduras. Tinha roupas e sapatos arrumados nos meus armários. Eu tinha uma mesa de escritório, um computador, a porra de uma televisão nova ocupando a maior parte da minha parede.

Já não era tão pobre quanto antes, com as poucas coisas que eu tinha.

Meu coração crepitou ao ver um violino pendurado na beira da estante.

Céus. Eu já não tocava fazia anos. Desde que os meus pais tinham falecido, me machucava pensar em voltar para a música. Por isso o meu foco era a medicina. Exatamente o que eles esperavam de mim.

Como?

Dante tinha decidido por pura vontade fazer compras para mim? Algo não estava certo.

Decidi sair dali para confrontá-lo. Não queria nada dele. Eu já usava as suas roupas para não ter que aturar o seu mau temperamento. Não queria que ele esfregasse na minha cara que agora cada centímetro do único espaço que eu tinha era dele.

No entanto, eu não tive coragem para discutir.

Não quando o som das cordas do violino reagiu prazerosamente pelo meu organismo. Como as notas ditavam coisas que eu não precisava escutar para entender. Havia algo puro, humano, delicado.

E, ao espreitar pela fissura da porta até à varanda de uma das salas mais remotas da casa, deparei-me com Dante tocando violino como se aquilo o pertencesse. Como se tudo nele estivesse reagindo naquelas cordas. Naquela melodia.

O meu ódio pulsou assim como o sangue no meu corpo.

Eu o odiava um pouco mais por ser capaz de viver as nossas memórias sem culpa. Sem desgosto. Sem arrependimento.

Sua expressão estoica não me deixava ver o que estava dentro daquela pessoa de índole bárbara, mas eu sabia. Eu sentia. Então, eu fiquei até que ele terminasse e voltei para o quarto, aceitando cada pedaço dele ali.

23

Dante Faulkner

lauda sions

O cheiro me enojava.

A carne apodrecida em gavetas frias, os corpos marcados por caneta para que soubessem exatamente o que cortar e retirar e o grito do diabo comandando tudo o que estava acontecendo ainda causava uma rebelião no meu estômago.

Já tinha visto essa imagem tantas vezes. Eu vivi aquela merda, no entanto, não me acostumava com a podridão do submundo daquela cidade.

Como crianças e adultos eram devorados por pura essência animalésca que consumia certas pessoas. Antes de me deixar ser domado pela vingança, ainda investiguei. Tentei procurar o que levava a que pessoas como aquelas desejassem se alimentar de carne humana. Nada mais do que pura perversidade era a explicação.

Choramos ao nascer porque chegamos a este imenso cenário de dementes.

Shakespeare sabia o que dizia.

Minhas memórias ainda me aterrorizavam sempre que chegava a lugares como aqueles. A armazéns escondidos da sociedade, cavados até ao fim da terra, para manter suas próximas refeições.

A localização de mais um tinha sido entregue por Vincenzo depois de cortar um dos seus olhos. O seu grito desbravando o endereço foi o suficiente para eu retirar mais outro dos seus orbes e matá-lo com o sofrimento.

Ele tinha uma família. Uma mulher doente, uma filha de cinco anos e um filho vagabundo de vinte e dois. Eles não eram ricos. As dívidas estavam acumuladas, muitas delas para pagar a quimioterapia da esposa com câncer e o filho com a sua reabilitação.

Ele que alimentava aquela casa. Ele que levava a filha para os parques, ensinava-a o alfabeto e a tabuada. Era ele que tentava acompanhar a mulher em todas as consultas, mesmo que tivesse que faltar ao seu emprego que matava milhões. Ao emprego que levou a mim e aos meus camaradas para o inferno.

Eu o matei sem dó. Assassinei-o cruelmente sabendo que estaria quebrando uma família. Que estaria levando quem não sabia nada do que se passava para a ruína.

Provavelmente a esposa morreria de desgosto. A filha de cinco anos seria levada para o orfanato e o filho mais velho voltaria a se afundar nas drogas.

E eu aceitava isso. Não me importava.

Qualquer fagulha de humanidade que eu poderia ter ainda era poeira em meu sangue.

Já tinha aceitado que aquele era eu. Tão ruim quanto aqueles que me quiseram morto.

— Ei, capitão, você precisa ver isso.

Van Doren despertou-me.

Levantei-me, espreguiçando e inspirando o odor fétido do sangue dos mortos espalhados.

Peguei na minha HK416 e saltei alguns corpos. A catástrofe deixada por mim seria aterrorizante para algumas pessoas, mas, na minha

consciência era um território de paz.

Deixei que Cole me liderasse até um dos varões do armazém. Vance estava lá também. Eles não tinham tirado suas capas, mas eu conhecia aquele cara de longe. Sempre sentado de uma maneira esquisita e com a faca na mão.

Se eu causava estragos, Vance era a própria discórdia.

Divertia-se como um jogo de xadrez ao qual era Grão-Mestre há três anos.

Já o tinha visto perfurar corpos como se fossem nada mais do que poeira aos seus olhos. O ato da faca sair, entrar, sair e entrar, respingando no seu rosto e roupas limpas, sujando ainda mais o que era feio e sombrio dentro do seu âmago. Ele cortava até ver ossos. Fazia as suas vítimas mastigarem os seus órgãos até sentirem o gosto do seu próprio veneno. Ele gostava de experimentar facas e armas nas suas vítimas como experimento. Como se fosse uma cirurgia de campo aberto, sem anestesia. Sem humanidade presente.

Eles chamavam por Deus, mas Campbell devolvia os seus demônios.

Vance usava os humanos como peças na sua brincadeira mental. Ele vivia em uma anarquia. Era a sua amante. A mulher da sua vida. Campbell amava somente o que lhe dava sangue e era por isso que vivia.

Jaxon, embora tivesse aquele rosto de ouro, também era outro lunático. Ele carregava mais vítimas do que eu, mas era menos impaciente. Não se limitava a arrancar informações algumas, partindo para cortar o coração dos seus alvos. Portanto, ele raramente entrava em campo quando tínhamos alguma missão. Preferia que ele se preocupasse com os computadores, câmeras, ou o que quer que fosse tecnológico.

— O que eu preciso ver?

Avistei Asher com uma mulher na casa dos seus vinte anos presa. Elevei uma das minhas sobranceiras, procurando entender o show.

— Por que diabos você está sem a sua capa? — Cole rosnou.

— Ela vai morrer.

— Larguem-me, seus demônios! — esbravejou, como se pudesse rasgar a sua traqueia.

— Demônios? Mostre o que tem nessa boca gostosa — Asher soprou divertido. — Como ela tem sangue entre os seus dentes.

Meu peito ardeu.

Ela era um dos fodidos de merda que jantavam corpos humanos.

— Seus pais são donos de uma das maiores redes comerciais do país — Hawthorn continuou.

Analisei-a dos pés à cabeça.

— A Foodmarket? — questionei, agachando de frente para ela.

Fazia isso tantas vezes, e embora achassem que era um movimento intimidante, era apenas o cansaço das minhas pernas chamando por mim. Não conseguia me manter em pé durante muito tempo, especialmente depois do tiro que levei na minha perna e que Emília, milagrosamente, conseguiu salvá-la. Ainda assim, a cicatriz parece romper e a dor entremeia nos meus ossos.

— Sim.

Meus lábios se vergaram satisfatoriamente.

— Quem diria que uma das maiores empresas do país estaria envolvida em algo tão podre?

A loira rosnou, mais uma vez, procurando se libertar de Asher. Mas a força dele era colossal. Hawthorn, se quisesse, poderia quebrar o seu braço com um dedo.

Emília saberia dar conta.

— Os pais dela não têm contacto direto com os homens da Fábrica, mas...

— Eles têm informações e é isso que queremos. Você sabe de alguma coisa?

Seus orbes azuis só faltavam incendiar o espaço.

— Não sei de nada! Deixem-me ir! — esbravejou.

— Resposta errada, garota.

Um tiro foi disparado, acertando a ponta dos seus pés. O grito escalou as paredes, vibrando os átomos daquela área. A testa da loira encontrava-se grudada pelos fios loiros, a fraqueza afogando os seus músculos numa só onda.

— Se você nos der o que queremos, posso considerar você sair daqui viva — declarei.

Seu medo era irracional.

Ela não estava pensando, se apegando a cada maldita frase.

— Não quero morrer — implorou. — Por favor.

— Então, diga onde os seus pais fazem a venda e quem as organiza.

Seu choro incomodava. As lágrimas e o ranho banhando suas bochechas era nojento demais para permanecer olhando.

Eles eram assim.

Imploravam pela sua vida quando acabavam com outras.

— Não sei...

Mais um tiro no outro pé.

— Tente de novo.

Seus berros continuavam, continuavam e continuavam.

Quem era tolo que acreditava naquele teatro. Já conhecia aquela façanha.

— Apresse isso, garota. — Asher puxou os seus cabelos enquanto murmurava em seu ouvido. — Quanto mais tempo adiar dizer a verdade, mais doloroso será.

Seus dentes rangiam.

— Wayne... Angelo Wayne. É a única pessoa que eu sei que organiza.

Encarei Asher e depois Cole que deram de ombros. Nenhum de nós conhecia aquele nome.

— Jaxon está dizendo que pode ser verdade — Van Doren pronunciou. Ele era o único que ainda estava com ligação direta com Fish. O cara estava no nosso carro fazendo o que podia no computador.

— Claro que é — a garota rosnou. — Wayne é um dos principais promotores de doações para criança desabrigadas. Ele investe milhares para construir orfanatos, reformar escolas e dar uma vida melhor para qualquer vagabundo sem mãe e pai que possa haver por aí. Mas é por dinheiro. Por negócios. Não há bondade no que ele está fazendo. É como uma plantação para que elas possam ser colhidas.

Meus ouvidos chiavam.

As dúvidas acelerando as sinapses.

— Há quanto tempo?

Ela deu de ombros.

— Não sei. Eles estão planejando isso há anos, mas só no ano passado que relatos de algumas crianças adoecendo e morrendo que começaram a surgir.

Inflei o meu nariz com uma porção exagerada de oxigênio.

Seria essa a nova Secção? Mas exclusivamente de crianças? O que seria?

Uma necessidade aterrorizante de descobrir mais domou o meu sangue, mas não era esse o meu objetivo. Eu me vingava daqueles que nos machucaram e não salvava crianças. Não era da minha índole.

— Quero uma lista desses orfanatos, escolas, o que quer que seja.

— Não sei! — cortou. — Não sei de mais nada. Agora, por favor, deixem-me ir. Por favor...

Encarei Asher que elevou suas sobrelanceiras como quem explicasse que talvez ela realmente fosse ignorante no assunto.

Suspirei.

Seu choro tinha retornado e minha cabeça começava a latejar.

O disparo foi mais forte que eu. Rente e direto na sua testa, a garota caiu sangrando, a poça escarlate se formando nos pés de Hawthorn.

Seus olhos abertos, a boca na mesma posição com que ela pedia por ajuda e seus braços avermelhados enfeitou aquele chão cinzento.

— Descubram o endereço dos seus pais e enviem-na de presente. Vamos ver se assim conseguimos descobrir alguma coisa.

Cole estalou seu pescoço enquanto que Asher sorriu aliviado.

— O que você quer que eu escreva? — Hawthorn perguntou, pegando na mulher e colocando-a no seu ombro.

— *Si vis pacem para bellum.*



Chegar em casa era o ponto alto de qualquer missão.

Como era Vance que estava conduzindo desta vez, eu me mantive aquecido no banco do fundo, esperando adormecer durante as duas horas e meia de viagem na estrada. Contudo, por alguma razão inexplicável, não fui capaz.

Meu cérebro estava sendo eletrocutado com outros dilemas que não tinham a ver com a Fábrica.

Portanto, assim que chegamos, já era de manhã. O Sol esperava queimar a floresta com o seu calor. Logo concluí que Emília deveria estar acordada. O processo de descer as escadas e chegar até a casa foi num instante. Cruzar o hall, seguindo para onde quer que ela estivesse não foi mais do que dez passos.

Emília estava na cozinha, fazendo o seu café. Suas roupas cingiam-se em ser a minha t-shirt velha e umas bermudas.

Eu já tinha lhe dado roupas novas, inclusive pijamas, no entanto, o seu conforto nas minhas roupas parecia mais adequado.

— Oh, meu Deus. Que susto! — exclamou.

— A sua boca acordou bem humorada.

— Exclusivamente para você. — comentou com um sorriso amarelo.

— Ah, é?

Levantei a sobrancelha e ela endureceu.

Porra, Gray.

A voz dos caras quebrou a atmosfera. Eles pareciam um bando de atletas após um jogo vitorioso, dando passos pesados, retirando suas camisetas sem qualquer prudência e se jogando na cozinha.

Quando dou por mim, Emília está se preparando para ir embora. Peguei em seu pulso, paralisando-a. Seus olhos me domaram por segundos, o receio refletindo neles

— Onde você vai? — perguntei.

— Não quero ficar com vocês.

— Vai ficar.

Era uma ordem. Um pedido. O que quer que fosse.

— Você está louco se pensa que quero conviver com vocês.

Talvez eu estivesse.

— Não fale no plural — disse, rangendo.

Seus orbes castanhos esbugalharam, até que ela desprende o pulso da minha mão.

— Você quer que eu fique com você?

— Não.

Ela rolou os olhos, dando passos para sair de novo, no entanto, eu a impedi.

Porra.

— Você está brincando comigo? — vociferou.

Meu pomo-de-adão pulsou.

Queria tapar aquela boca. A sua voz estava me irritando.

— Fique. — Pausa. — Aqui.

Sua testa preeu, o escrutínio foi rápido pelo meu semblante até descer.

A dor de cabeça me impediu de me manter parado, portanto, decidi pegar um copo de água. Ainda assim, Emília não cessou a sua sondagem em mim.

— O quê? — questionei.

— Isso é sangue?

Sua expressão era cômica.

— Não é meu.

— É suposto eu ficar mais aliviada? — exaltou.

— Você está preocupada?

Enchi o meu copo de água, esquadrinhando os seus movimentos. Ela tratou de fazer um café, arrefecendo-o em balançar com as duas mãos e soprando vez ou outra. Seus cachos não estavam definidos. Ela provavelmente teria dormido sem colocar a touca rosa que tanto gostava e tratá-los com os seus cremes.

Talvez devesse comprar mais.

— Sim. Estou preocupada com as infecções e doenças que podem trazer para casa.

— Somos higiênicos — Asher gritou, claramente atento à nossa conversa, pulando para o sofá.

— Levanta daí, seu filho da puta. Vai tomar a porra de um banho — Cole ordenou alterado, com uma lata de energético na mão.

— Eu estou limpo, porra. Não fui eu que andei matando — Hawthorn explicou, cruzando sua perna e repousando o braço no sofá. O maldito sentava-se como se fosse o rei.

— Se você não sair daí, vou fazer com que você saiba qual é a sensação de não ter um pau — Cole ameaçou.

— Não, cara. Ele não. É o meu melhor amigo. Está comigo desde que nasci. Apesar de amar muito vocês, ele é mais importante. Esteve comigo nos meus momentos mais difíceis e tristes— lamentou-se, zombando de como Van Doren revirou os olhos e a veia do seu pescoço se sobressaiu.

— Triste foram as garotas que foram fodidas por você.

— Claro que não. Mas, já dizia o meu grande amigo Cícero, não basta conquistar o pau de Asher. Precisa saber usá-lo — Hawthorn anunciou.

Os meus neurônios iriam ficar derretidos.

Asher não tinha limites.

— Porra, ninguém merece ter Asher na sua vida — Jaxon brincou.

— Eu alegro os seus dias tristes e as suas noites de tempestades. Todos merecem um Asher na sua vida — cantarolou como um bêbado. — Então, qual é o episódio de Friends que vamos assistir?

— Vocês assistem Friends? — Emília indagou, estranhamente indignada.

— Você não? — Asher rebateu de volta. — Até Vance gosta, não é? Perlustramos o espaço, porém nenhum sinal de Campbell.

— Onde ele está? — questionei duvidoso.

— Claramente fazendo o que todos deveríamos: tomar um banho — Cole rosnou impaciente.

— Relaxa, Van. Senta aqui — Asher deu duas palmadas no sofá provocativo. Ele amava nos irritar. Era o seu ápice do dia.

— Eu não estou acreditando que vocês assistem Friends.

— Por isso que a cadela se chama Rachel — pronunciei para ela que me examinou atentamente. — É uma coisa boba que temos desde crianças.

— Não parece algo que assassinos façam.

— Morar com eles também não parece algo que pessoas inocentes façam — contra-argumentei e seu sorriso amarelo foi o que recebi em troca.

— Falando na Rachel, alguém a viu? Ela tem que comer — informei, abaixando-me para pegar a ração dela no armário no nível inferior ainda com o meu copo de água na mão.

— Ela está no meu quarto. — Emília não parecia contente em dar essa informação. — Ela não me larga.

— É porque gosta de você — Jaxon comentou, com um sorriso irritantemente amigável estampado.

Por pouco, repousei o copo na bancada para não esmagá-lo.

— Pelo menos, alguém nessa casa que não me odeia.

— Eu não te odeio — Jaxon disse.

Meu sangue não gostou nem um pouco.

— Mas deveria — rosnei para Fish que não vetou aquela boca de curvar mais ainda. — Ninguém aqui tem sentimentos bons por você. Espero que saiba.

Emília me fuzilava com os seus orbes acastanhados, seu nariz enrugado e os seus punhos fechados sedentos para me atingir.

— Claro que sei. Você faz questão de me relembrar.

— Que bom.

Finalizei a conversa, dando uma olhada severa em Jaxon. Ele interpretou como uma batalha perdida, seguindo para o sofá. Cole já tinha esgotado suas forças em advertir o ato de se deitar na sala sem tomar uma ducha, portanto, aceitou também o convite para assistir a série.

Eu entraria na onda depois de me banhar.

— Dante...

A voz murmurada de Gray impediu-me de rumar para fora do perímetro.

— Gray.

— Por que você me deu um violino? Eu não tinha no meu quarto.

Encarei-a facultativo. Ela bebericou do café, na busca de ocultar emoções.

— Você já não toca? — O seu balançar de cabeça foi uma resposta clara. — Nem piano?

— Eu nunca fui muito boa. Você escutava.

Expirei pelo nariz de maneira arrogante.

— Então, eu estava muito mal do ouvido porque em nenhum momento achei que fosse ruim. Na verdade, sempre gostei de te ouvir tocar.

Emília engoliu em seco. O oxigênio começou a desaparecer. Parecia ser pouco demais para o que necessitava dele.

— Você ainda lê os livros de Shakespeare — ela murmurou como um segredo.

— Vai me dizer que também deixou de ler.

— Tudo o que me ligava a você se tornou doloroso demais, Dante.

— Mesmo que você amasse?

Seu sorriso triste pegou o meu peito desprevenido.

— É assim que me sinto em relação a você. Não seria diferente com essas pequenas coisas.

Não queria que o que ela falava se infiltrasse no meu organismo porque, em algumas partes de mim, doía mais do que eu queria. Tinha me habituado a ver pessoas morrendo, mas não tinha me conformado que matei uma parte bela de Emília.

— Você quer reviver memórias do passado? — Meu tom saiu com oitavas a mais do que o habitual, em um timbre exasperado.

— Vim te pedir para que não tente fazer daquele quarto um lar para mim.

— Tem medo de se apegar?

— Não há nada em você que me apegue, Dante. Os seus demônios já não são atraentes para mim.

Rangi os dentes.

O impacto da sua frase reagiu como gelo em todo o calor que pudesse estar sentindo na sua presença.

Meus anjos protegem os seus demônios.

A nossa conversa quando éramos mais novos ainda repercutia diariamente nos meus ouvidos como uma melodia favorita. Contudo, entre nós, agora, era uma farsa.

— Não estou tentando fazer da minha casa o seu lar — cuspi. — Estou amenizando a sua humilhação. Mas, tudo bem, talvez uma cadela mereça melhor tratamento do que você.

Sua feição transmitiu o abalo. De imediato, quis retirar cada maldita sílaba que cuspi, porém meu orgulho era mais pesado.

— Limpe o sangue das pessoas que matou, Dante, antes que seja tarde demais e fique manchado para sempre nas suas roupas — declarou, como um aviso interno, mascarado de ameaças e pragas.

Vi quando Emília se despediu dos caras, como se eles fossem melhores que eu, como se nenhum deles também estivesse naquela missão, matando e torturando cada vítima, e seguiu para o seu quarto que, um dia, poderia ser o seu túmulo ou a recordação da minha morte.

24

Emilia Gray

der wanderer

Olympus era uma tempestade nos dias de jogos. O tsunami de alunos gritando e dançando até ao campo do outro lado do Campus me deixava louca.

Era o dia em que os Olimpianos iriam jogar. O time de Asher era um ponto de encontro para que todas as garotas da cidade — e de lugares próximos também — eclodissem num só espaço apenas para vê-los. No entanto, o que tornava esse jogo mais marcante era por outro motivo: Daniel jogaria.

Tanto eu quanto Kayleen estávamos animadas. Não pelo time da nossa Universidade, mas sim pela adversária que era onde o nosso amigo Daniel estava estudando e jogando futebol americano com uma bolsa. Eram poucas as vezes que eles nos visitava e vice-versa, por isso, qualquer oportunidade, nós três a agarrávamos.

— Estou tão ansiosa! — Penélope exclamou, com a sua camiseta dos Olímpianos, as riscas pretas e brancas com o raio de Zeus no peito marcando a assinatura da *Olympus*.

A nossa Universidade era moldada na mitologia grega. Até mesmo os edifícios se assemelhavam aos antigos templos, com colunas de cor bege e ruínas propositalmente enfeitadas para projetar a sensação de vivermos sob o domínio de Zeus.

Morávamos perto de Fokley, uma cidade que teve muita influência grega. Olympus acabou por virar quase um centro dessa cultura e a Universidade era uma forma de homenagem.

— Você já disse três vezes a mesma coisa — Kay resmungou.

— E vou voltar a dizer. Vocês não estão?

Chacoalhei a cabeça.

— Não.

— Ugh. Esqueci que vocês são do time adversário. Traidoras! — esbravejou.

— Não somos do time adversário. Somos apenas adeptas de um único jogador: Daniel — Kayleen explicou pausadamente.

— Nem acredito que vocês são melhores amigas dele. Como é que aconteceu?

Cullbert deu de ombros, porém eu não engoli a conversa.

— Ele tinha uma paixão danada pela Kay. Ainda acho que tem.

— É mentira. Aos dezesseis anos, ele começou a pegar todas as garotas que andavam na frente dele — Kayleen justificou.

— Porque você não o queria. Sempre com a conversa do não me apaixono, não quero ninguém na minha vida e várias outras mentiras, que ele acabou desistindo.

— Então, é fraco. Eu se gostasse de alguém faria muito mais do que nunca dizer o que sinto.

— Mas talvez seja porque vocês eram amigos desde pequenos — Penélope comentou. Estávamos chegando no fim do Campus, entrando para a zona onde a maior concentração de pessoas residia. — Ele não queria estragar isso.

— Concordo.

Cullbert exibiu a sua língua malcriada.

— Vocês sempre falam coisas sem sentido. Preciso de novas amigas.

Penélope prestou uma atuação de indignação enquanto eu somente ri. Kayleen era como um homem velho mal-humorado, mas amava as pessoas que tinha em volta.

— Para com isso. Você que não quer aceitar a sua história de amor — Penélope advertiu.

— Eu? Quem é a garota apaixonada pelo cara mais babaca que conheço? Não sou eu, definitivamente. E não vem dizer que é a Lia.

Penélope piscou, incorporando um robô. Seus pés começariam a criar ramificações no chão se ela permanecesse como uma estátua.

— Vocês...

— Claro que eu sei, Penélope — Kayleen atalhou. — Você é fácil de ler. Seus olhos cintilam quando vê aquele idiota do Van Doren. Só falta engolir o filho da mãe.

Seus dedos se entrelaçaram e meus pulmões respiraram cimento. Não poderia crer que sua linguagem corporal já era dependente de todas as hormonas amorosas que eram geradas por causa de Cole.

— Não contem a ninguém.

— Claro que não.

— Desiste, Penélope — declarei repentinamente, levando-a a me esquadrinhar interrogativamente.

— Vou ter que concordar com a Lia. Ele é um babaca.

— Ele é simpático comigo — Penélope contrariou. — Mas não vai acontecer nada. Ele é parecido com a Kay. Focado na luta e na faculdade.

Cole era lutador? Era uma novidade para mim.

— Exato. Mais um motivo para não o querer. Imagina namorar comigo? O inferno — Kay acrescentou.

— É... — Seu sussurro foi levado com as vozes da galera que caminhava na mesma direção. — Têm razão.

Não pude mapear sua feição e descobrir se existia algum segredo trancafiado, já que Penélope se virou e continuou rumando para a porta de entrada do campo.

Eu teria que conversar com Cole, embora a minha amiga não fosse gostar. Mas eu acreditaria que nenhum dos Rostos Vazios pretendia se envolver com alguém, mesmo que fossem pessoas comuns perante os olhos dos outros. Se alguma coisa acontecesse, os envolvidos seriam machucados e Penélope não poderia. Eu já era um alvo. Mais ninguém poderia estar no mesmo limbo.

Entramos em busca de bons lugares para nos sentar na plateia. Subimos as escadas e fomos passando pelos pés e pernas compridas de certas pessoas, na incessante procura de três bancos livres. A maioria estava eufórica, assim como todo o trajeto até chegar no campo. Não era um jogo tão importante, como uma eliminação ou uma final. Era só mais um daqueles jogos de ego, que as faculdades organizavam para disputar quem deles tinha um time mais forte. Ou, simplesmente, um treinamento ao público.

No entanto, Fokley e Olympus eram rivais, então o clima era gasolina e o mínimo fogo faria explodir.

— Eles vão começar a entrar — contou Penélope animada.

Kayleen não gostou nem um pouco, principalmente quando a garota de cabelos escuros, olhos angulosos e os lábios avermelhados tirou suspiros da plateia.

Arya Li Huang.

Ela tinha sido nossa melhor amiga. Éramos um trio formado, no entanto a sua ideia de expor os meus segredos quando era mais nova fez com que fragmentássemos em um duo e ela fosse embora, mudando para a Alemanha meses depois.

Tinha sido uma traição infantil, que nunca tive uma resposta concreta, no entanto, não era algo que surtia alguma raiva em mim.

Kayleen era o contrário.

Ela tinha tomado uma dor muito maior do que eu e até, mesmo depois de quase uma década, sua ira por Arya era observada de longe. Eu não acreditava que era somente por causa do que aconteceu. Havia alguma história por trás. Um plano de fundo que eu não havia decifrado, porém nunca perguntei porque sabia que Kayleen só diria mentiras.

— Meu Deus, ela é tão linda — Penélope soltou. — Desculpa, Kay. Mas ela parece um anjo.

— Claro que parece — praguejou.

— Nenhuma das nossas cheerleaders se iguala a ela.

Era verdade.

Arya era a melhor do país. Não havia dúvidas. O time dela era conduzido pela Li Huang. As inúmeras medalhas e troféus de melhor performance, melhor solo e uma enumeração de outras categorias estavam emolduradas na sua casa.

No entanto, ela era nossa adversária. Arya era estudante de Fokley, assim como Daniel.

— Não tenho nada a comentar — Cullbert rangeu, mas Penélope abraçou-a lateralmente.

— Mas claro que nada se iguala a você.

Eu ri e Kayleen rolou os seus olhos, quase saindo de órbita. No entanto, assim que voltamos a focar no campo, a montanha de músculos que procurávamos estava centrada na nossa visão.

Tanto Kayleen quanto eu nos levantamos gritando por Daniel. Pouco nos importando se estavam nos encarando como traidoras. O nosso amigo foi o que nos moveu até ali.

A audição de Daniel era anormal, porque entre tantas vozes, seu corpo moveu-se à nossa procura, escalando cada centímetro da plateia até nos achar. O seu sorriso e um aceno de longe arcou a minha boca num sorriso.

Assistimos ao jogo, torcendo para que Daniel vencesse. No entanto, o fodido do Asher e seu time eram tão bons quanto. Era impensável como Hawthorn dava o sangue em campo, mesmo que fosse um amistoso.

Eu não o via tão sério. A sua boca era viciada em irritar e travar piadas, porém, naquele estado, sua raiva era exposta em cada maldito passo que manchava a grama.

Asher Hawthorn era gigante. Sua habilidade em desviar, usar sua força como se fossem os seus membros e segurar a bola tal e qual fosse o seu coração nas mãos era monstruosa. Ele, desde pequeno, exibiu o talento de ser o melhor em campo, mas nunca esperei que fosse.

Asher havia treinado para aquilo.

— Porra, ele é incrível — Kayleen soprou.

— Vão ter que segurar as lágrimas de Daniel — Penélope gargalhou divertida.

Penélope estava certa.

Apesar de não ser numa grande diferença, os Olimpianos ganharam. A alegria estampada em cada um dos adeptos, especialmente de Penélope que tinha vibrado e exaltado durante o jogo inteiro era contagiante. Nem estava torcendo para a nossa faculdade, porém a sensação de vitória era acolhedora. Em oposição, Kay estava pronta para estrangular alguém.

— Vou matar o Daniel por me obrigar a perder o meu tempo e ele perder.

— Acontece, boba — disse, rindo baixinho da sua carranca.

Nós seguimos para um lugar ameno, sem muita movimentação, enquanto cronometrava o tempo até que Daniel saísse do vestiário. Provavelmente teria todo aquele discurso, incentivo do treinador e assuntos básicos sobre o esporte a serem falados até que o nosso amigo estivesse livre.

Cronometrei através do relógio, na expectativa de vê-lo, no entanto, foi possível ver cada um dos Rostos Vazios seguindo caminho para fora da plateia também. Vance, Jaxon e Cole, apesar de estarem em grupos separados, eles tinham ido assistir o jogo de Asher.

Um sorriso discreto flertou na minha boca. Eles apoiavam o amigo mesmo em sigilo.

— Tá sorrindo do quê, boba? — Penélope avaliou os cantos. — É algum cara?

— Claro que não — resmunguei.

— Também espero que não porque não queria competir por atenção. A voz familiar reagiu no meu peito de forma nostálgica.

Tanto Kayleen quanto eu demos um pequeno grito histérico, subindo para o colo de Daniel. O seu cheiro infiltrou as minhas narinas, ainda com resquícios da transpiração intensa durante o jogo. Senti paz. Era bom estar com alguém que ainda me pertencia. Que estava vivo e não tinha sido tirado de mim, no passado.

— Como estão as minhas garotas favoritas? — ele questionou piscando o olho para Kay.

Eu sorri desgraçadamente. Sua preferência por Cullbert era óbvia. Só ela que não via.

— Seu idiota, como você se atreveu a perder na nossa presença? — Kayleen resmungou, oferecendo um soco leve no seu peito.

Sáímos do seu colo, repousando os pés no chão.

— Estava mais atento em ver vocês na plateia do que no jogo. Na próxima, fiquem em casa — zombou. — Penélope, há tanto tempo que não te vejo.

— Olá, Daniel. Qual a sensação de ser o perdedor de hoje?

— Parece que vocês querem me fazer sentir um merda.

— É exatamente isso — Penélope respondeu, cruzando os seus braços como se procurasse intimidá-lo.

— Bom, eu quero sair daqui antes que os olímpianos me batam. Que tal irmos numa lanchonete? — ele questionou, ainda com o seu braço em volta de Cullbert. — Tenho umas fofocas para contar.

— Claro que você tem. Corre no seu sangue — eu disse, recebendo mais uma subida de lábios da sua parte.

— Tem coisas que nunca mudam, não é, Lia?



O ar-condicionado da lanchonete resvalava os meus pelos. Era agradável não estar sendo golpeada pelo Sol imenso e precisar sacudir minhas roupas pelas gotículas de suor que gostavam de aparecer no meu peito e pescoço.

Estávamos sentados numa mesa pequena, de bancos da cor azul numa conjunção assertiva com o espaço que possuía uma forte ambientação do aquário. As paredes com peixes desenhados, as ondas falsas reproduzidas em pequenos aquários espalhados estrategicamente pelos cantos.

Tinha pedido por um suco de manga, já que não tinha dinheiro. Roubei algumas moedas que haviam pela casa de Dante, o que me ajudava

em refeições da universidade e algumas latas de energético para momentos de estudo.

Penélope escolheu comer uma refeição completa, assim como Daniel. Uma porção de hambúrguer com batatas fritas viria a caminho. Kayleen escolheu pedir um cachorro quente. Talvez eu roubasse um pouco de cada um se sentisse apetite.

— Então, quais são as novidades? — Kayleen questionou, roubando um pedaço da batata frita de Daniel assim que ele foi servido.

— Antes quero saber como vocês estão.

— Se você se quisesse saber, enviaria mensagens — rebati, bebericando.

— Ando ocupado. Vocês sabem. Estudar, competir e ser um grande gostoso é complicado. — Cullbert revirou os olhos, e tanto Penélope quanto eu seguimos a mesma atitude.

— Bom, eu ando tão ocupada quanto você.

— Sendo uma gostosa? — Daniel provocou.

— Sendo uma ginasta olímpica e uma futura psicóloga — ela contornou, empurrando-o para o canto. — E a Emília sendo a melhor médica que teremos.

— Poxa, é verdade, Emília. Você daqui a pouco termina.

Puxei um pouco mais do líquido para arrefecer minha garganta.

— Graças a Deus.

— Você já sabe onde pretende atuar?

Dei de ombros.

— Não fico pensando nisso.

— Por quê? — indagou, abrindo a boca para morder uma porção gigante do hambúrguer.

— Não sei. Preciso terminar primeiro antes de pensar no que quer que seja.

— Você é literalmente a melhor aluna da sua turma. Não tem que terminar nada para ter a certeza de que terá qualquer hospital do país pedindo por você — Penélope garantiu.

— Além de você ser filha dos Grays. Eles deixaram marcas enormes na saúde nacional.

A angústia comeu o meu ventre.

Filha dos Grays.

Antes seria algo que tatuaria na minha testa, atualmente era o que me atormentava. Não era um orgulho. Era uma destruição interior. Era o motivo pelo qual, todos os dias, à noite, meus olhos salgavam e os meus monstros internos ousavam despertar a sua fúria.

Queria me desamarrar dessa marca. Desse sobrenome. Dessa agonia.

Mas era o que eu era.

Emília Gray, filha dos maiores médicos da cidade e os que foram mortos cruelmente e injustamente pela sua primeira paixão.

— Podemos mudar de assunto? A faculdade não é algo que eu estava esperando que fosse pauta da nossa conversa — confessei.

— Você disse que tem fofocas, então conte. — Kayleen bateu na mesa como uma ordem.

— Bom — Ele devorou uma pega grande de batatas, mastigando enquanto falava —, não é exatamente uma fofoca, mas algo que achei que deveriam saber. Parece que estão retornando a investigar o que aconteceu no Dia do Castigo.

O silêncio cantarolou nos meus ouvidos, um sussurro do além pedindo para que eu não externasse qualquer emoção.

— De Sic Infit? — Penélope indagou curiosa. Ela era a única de nós que vinha de outra cidade, portanto não viveu os acontecimentos de perto. — O dia em que os seus pais...

— Sim. Este dia — declarei, mantendo o personagem impenetrável e opaco que precisava ser.

— Mas porquê? — A questão vinda de Kayleen era composta por sílabas de raiva.

— Ao que parece, algumas pistas surgiram e querem aprofundar melhor.

— Como assim aprofundar? — Kayleen estava na beira de se exaltar. — Já se sabe quem matou. Porra. Não há dúvidas alguma que foi aquele fodido de merda do Faulkner. Por que diabos querem aprofundar nesse assunto se é só ir à procura daquele vagabundo e prendê-lo?!

— Foi uma noite caótica, Kay. É muito improvável que apenas ele sozinho tenha feito isso. Sabemos disso e a polícia também. Eles querem provas para chegar à verdade.

Minha alma parecia que ia ser jogada do penhasco.

Eles iriam descobrir quem estava por detrás de tudo.

Não sabia dizer ao certo se era medo ou alívio. Dante e os restantes dos Rostos Vazios serem presos seria um castigo ou uma bênção?

— Eles estão supondo que são quem? Os garotos do sequestro? — Kayleen teve a coragem de perguntar o que estava me sufocando.

— Não. Acredito que não — respondeu calmo. — Já conversei com Asher diversas vezes. Ele não parece alguém que faria isso.

— Cole também não — Penélope defendeu. — Ele nunca mataria alguém.

Quis rir.

Quis gargalhar alto, no entanto, meus dedos afundando na minha blusa e a boca dominando o canudo retrocedeu a minha risada.

— Mas pensam que os Rostos Vazios possam ser alguma pista.

— Eles supõem então que o Dante esteja envolvido com os Rostos Vazios? — perguntei, diminuindo ao extremo o meu timbre de interesse.

— Eu sou fofoqueiro, mas não investigador particular.

— Então, se torne — Kayleen ordenou.

Daniel riu levemente.

— Até que ele possa fazer parte. Tanto esses Rostos Vazios como Dante gostam muito de usar o latim.

Levantei a sobrancelha.

— Latim?

— Duh? Você nunca tinha notado? — Kay debochou. — Sic Infit é latim assim como as escrituras e ameaças que os Rostos Vazios deixam por aí. Você fez uma pesquisa sobre eles. Era o mínimo que deveria saber.

Entremeei os meus dedos nos fios dos cachos nada definidos. Não tinha os produtos que precisava para tratá-lo melhor.

— Nunca notei que Dante sabia latim...

Eu nem ao certo poderia imaginar. Havia certas palavras pronunciadas e coisas que ele escrevia nas paredes daquele laboratório

antigo, porém nunca imaginei que fosse latim. Achei que ele somente não soubesse usar as palavras para se expressar naquela época.

— Você ainda tem contacto com ele?

A pergunta de Daniel me pegou desprevenida. A condenação moral atropelou o meu coração e mal pude reagir.

Kayleen, mais uma vez, deu um encontrão nele, no entanto, chacoalhei a cabeça.

— Está tudo bem. Eu entendo a curiosidade. — Bebi o que restava do suco, antes de saciar a curiosidade dos três. — Já não sei dele há anos. O garoto daquela época morreu, para mim.

Não mentia.

O Dante Faulkner do passado estava enterrado na minha memória, debaixo da terra que eram os destroços do meu peito.

— Não há sentimentos? — Daniel continuou interrogando.

— O que eu tive com ele foi muito bonito, mas é impossível voltar atrás. Nunca mais será o mesmo.

— Então, se ele morresse...

— Daniel. — Kayleen o cortou. — Não vamos falar sobre ele.

O meu amigo assentiu.

— Desculpa.

— Tudo bem.

Daniel assentiu, Kayleen fingiu não estar atenta aos detalhes e Penélope aceitou feliz.

— Bom, vamos parar de falar sobre coisas tristes e falar sobre o motivo de eu estar feliz?

— Por que você está feliz?

Penélope ergueu uma batata e mastigou-a lentamente.

— Os Olímpianos ganharam e os de Fokley foram os perdedores.

Daniel deletou uma dose considerável de ar dos seus pulmões com um suspiro violento. Tanto Kayleen e eu gargalhamos. Penélope não deixaria o assunto morrer.

Continuamos conversando calmamente, fortalecendo a ligação que tínhamos. No entanto, minha boca amargava e meu peito me torturava.

Eu não tinha respondido à pergunta de Daniel. Eu não tinha dito nem *não* nem *sim*. Queria fingir que não sabia ao certo o que significava, porém tentar me enganar era um ato falho.

Principalmente por saber que eles poderiam ser pegos, e eu queria que fossem, além de mortos. Dante merecia a condenação que o destino reservava para ele. Por isso, me irritou profundamente não conseguir dar uma resposta simples e direta porque, sob hipótese alguma, deveria haver uma incerteza do que eu sentia por Dante.

25

Emília Gray

kaiserquartett

Daniel: Ainda quero falar com você. Precisamos combinar.

Eu: Na próxima semana estou livre.

A conversa sobre Dante ainda repercutia na minha cabeça. Não iria avisá-lo de que a polícia iria abrir uma nova investigação. Talvez ele já soubesse. No entanto, qualquer passo próximo da sua prisão era uma vitória para mim.

Iria assistir em silêncio.

— Por que você chegou tarde?

O timbre rompeu no meu quarto enquanto eu me jogava na cama, segurando o meu ventre.

Minha barriga estava doendo pra cacete. Meu ventre era esfaqueado por mãos invisíveis.

Merda. Estava naqueles dias.

— Desde quando isso te importa?

A veia da sua testa pulsou.

— Eu fiz uma pergunta clara e quero uma resposta igual. Por que você chegou tarde?

— Estava com uns amigos. Não posso?

Aquilo não pareceu tranquilizá-lo.

— Que amigos?

— Daniel, Kayleen e Penélope.

Sua feição exibiu um misto de sensações confusas.

— Você ainda fala com Daniel?

Ele escorou no batente da porta e cruzou os braços e isso gerou uma substância nova e viciante pelo meu organismo.

Odiava que aquele ato era tão singular e extremamente *quente*.

— Claro. Somos amigos.

Dante estalou o céu da sua boca. Eu continuei digitando no celular, respondendo às mensagens de Kayleen e Penélope no grupo.

— Ele gosta de você.

Expirei forte.

Antes me causava borboletas, um frio gostoso na barriga por ver que ele sentia ciúmes. No entanto, já não havia motivos para ele ser assim. Dante nutria um ódio desnecessário somente.

— Está com ciúmes, querido? — Seu rosto formou aço. Sorri vitoriosa. Sentei de imediato na cama. — Ele nunca gostou de mim para sua felicidade.

— Você é desatenta.

— Eu? Você que é um lunático! — disparei. — Ele gosta da Kayleen. Sempre gostou.

Seus olhos me julgavam profundamente.

— Kayleen é só uma segunda opção já que a primeira está indisponível — rosnou furioso.

— Como assim indisponível?

— Por que você sempre foi minha.

Uma combustão de estrelas acalentou o meu ventre. Mas minha barriga ainda doía.

Mordi o lábio inferior para não deixar transparecer a dor.

— Nunca fui sua e ele não sabia que éramos amigos — cuspi, me deitando novamente, agora de costas para Dante. Porém, sua presença conseguia escalar a minha coluna.

— Inconscientemente ou não, todos sabiam que você estava marcada por outro.

— Nós éramos crianças, Dante.

— Ainda assim, marcados.

Ignorei-o, sem forças para permanecer com a discussão. Dormir era a única forma de aliviar o que estava sentindo. Porra. Era como se pequenos bichos estivessem se alimentando do meu útero, pinicando com força a ponto de rasgá-lo.

Embrulhei-me mais um pouco, enrolando as pontas dos meus pés e espremendo os olhos com força.

— Você está com dor?

— Não.

— Não minta para mim porque eu arranco a verdade de você — externou em ira.

— Se você sabe a resposta, por que pergunta, seu otário? — gritei, me arrependendo no mesmo milésimo. Apenas cultivou um campo maior para que os bichos imaginários continuassem quebrando o meu útero.

— Responda com a boca, Emília. Não leio mentes.

— Sim, estou com dor — rangi. — Agora saia daqui que você só está piorando.

Não escutei mais nenhuma reclamação vinda dele, além de um esganar sonoro de dentes. A porta batendo e os passos dele desaparecendo nos meus ouvidos trouxe algum tipo de paz, porém não durou muito.

A dor excruciante e a conversa de Daniel sobre a possível investigação do Dia do Castigo era uma jusante de problemas para um corpo pequeno como o meu. Continuei me remoendo, mastigando minha própria boca com a vontade dilacerante da dor passar.

Deus, como odiava o meu útero.

Duas batidas na porta me fizeram despertar. Não dei qualquer sinal, no entanto, passos desconhecidos cruzaram o caminho até à minha cama.

— Menina Gray?

Levantei de leve a cabeça, assustada pela voz estranha. Flagrei um homem de óculos, roupas sociais e uma mochila preta nas costas. Dante veio logo em seguida, sua ira tão palpável, se eu tocasse nele, poderia imaginar que a sua alma me mordida. Ele vinha com as mãos ocupadas com sacos imensos e claramente pesados.

— Quem é você?

— Sou o médico Dax. Prazer.

Minha testa crispou.

— Não chamei nenhum médico.

— Mas Dante sim.

É, claro.

Os seus ombros se distenderam no momento que Faulkner repousou os sacos na mesa de escritório livre do quarto e me encarava com a mandíbula trincada. Fiz um esgar para ele, como se Dante fosse um animal e não entendesse a minha impaciência.

— O que é?

Seu suspiro foi prolongado.

— Medicamentos.

— Tantos? — disparei assustada.

Dax analisou a situação e concluiu que o clima não era exatamente apreciável. Dante virou o rosto para a janela e deixou que o médico respondesse.

— Dante não é propriamente alguém muito paciente. Pediu que eu comprasse a farmácia inteira para te ajudar.

Ele só poderia estar brincando.

Dante parecia ser mais um homem das cavernas do que tudo. Ele não raciocinava? Era tão mais fácil ter feito uma pergunta direta que eu o diria o que tinha.

— Estou menstruada. Nada demais — relatei.

— Imaginei que fosse isso. — Dax sorriu e levou uma caixa de paracetamol até a minha cabeceira juntamente com um copo de água. —

Tome um a cada quatro ou seis horas que passa num instante.

— Não tome. — O timbre de Faulkner trepou as paredes e fodeu os meus ouvidos. — Dax, prove.

O médico suspirou.

Não discuti em dar o copo e a medicação para Dax que já estavam na minha mão. Ele tomou num gole com paciência, o que irrompeu em várias interrogações na minha mente.

— Por que você obrigou Dax a tomar?

Dante não respondeu. O seu silêncio era humanizado por uma figura destemida e inquebrável. Deus, como eu o odiava.

— Você não confia nem no seu próprio médico? Dax, ele não te merece — provoquei.

O homem sorriu para mim.

— Foi por isso que ele matou o meu estagiário? — Dax indagou casualmente. Ele parecia saber lidar com as emoções e surtos de Dante, mas eu não.

— Não. Dante o matou porque ele trocou a minha roupa — protestei.

— Sem a sua autorização — cuspiu o homem como se há pouco não estivesse fazendo um voto de silêncio. — Tenho mais do que fazer do que pagar por um fodido de merda.

Revirei os olhos, aceitando novamente a água e a medicação de Dax. Bebi encarando Dante que me examinava com o maxilar acidificado e o olhar distante.

Por fim, quando engoli, Faulkner estalou o céu da boca. Os seus braços cruzados, expandindo o seu peitoral por baixo da t-shirt preta era *nojentemente* tentador.

— Agora não quero te ouvir gemendo de dor — ordenou. — Me irrita pra cacete.

Fuzilei-o ainda ressentida. A dor não tinha passado, porém, aquela situação estava me distraindo das contrações do meu útero.

— Não era nada demais, Dante — Dax explicou. — Em menos de três horas, ela vai estar melhor.

Aquiesci, agradecendo silenciosamente ao médico pela sua paciência em lidar com Dante. Faulkner somente nos encarou e enfiou suas mãos nos bolsos, se afastando do local tão rapidamente quanto entrou.

Deitei, embrulhando-me como uma minhoca e formando o meu casulo. O sono me capotou e eu adormeci instantes depois de já não parecer que tinha passado um furacão pelo meu quarto. Em pouco tempo, a dor já não existia e foi substituída por um calor suportável.



Acordei me sentindo nojenta.

Tomei um banho longo, retirando toda a sujeira que parecia se acumular na minha derme. Era de noite. As poucas janelas que havia naquela casa indicavam como os grilos estavam acordados para o seu cantarolar diário e a floresta aparentava convidar qualquer sobrenaturalidade.

Peguei alguma coisa para comer, no entanto era estranho como os cantos daquela casa aparentavam ser habitados por fantasmas.

Onde estavam todos?

Mastiguei mais um pouco das bolachas doces que estavam no armário. Eles tinham muita comida boa. Era antagônico como caras tão frios tinham um paladar adocicado.

Jornadeei os cinco quartos, embora imaginasse que Asher e Cole não estivessem por não morarem ali. Vance e Jaxon estavam desaparecidos também. Dante foi o único que não me atrevi a bater em sua porta, embora a tentação fosse maior.

No entanto, meu senso auditivo apitou quando vozes ao que parecia virem do chão subiram. Esmaguei os olhos, confusa. Terminei o pacotinho de bolachas e segui mastigando até perceber que havia uma porta que me daria acesso a outro cômodo da casa.

Sem nada que me impedisse de avançar, desci os degraus até o piso inferior, percebendo que me encontrava no mesmo laboratório enorme ao

qual fui presa. As mesmas paredes sujas, o chão encardido e a falta de luz acenderam os meus neurônios.

Rumei para uma sala onde a luz branca era o único ponto para me ajudar a me movimentar naquele corredor.

Os gemidos que pareciam vir da cerne do ser me fizeram questionar se valeria a pena entrar. Porém, os xingamentos da voz que eu reconhecia tão bem deu um solavanco na minha coragem.

— Você dormiu tanto que achei que tivesse que contratar alguém para o seu velório — Dante zombou, assim que os seus olhos caíram em mim.

No entanto, estava focada na cena.

Um homem de terno encontrava-se preso na parede através do que pareciam ser grandes pregos em cada membro. A mordaça na boca, o seu pescoço pendendo para a frente e a transpiração gotejando em cada mínima amostra de pele o deixava com um aspecto lamentável. Era possível que as calças molhadas fossem pela urina fétida e constante que não parava de fazer.

Seu cheiro era forte, assim como o sangue escorrendo de seu corpo, em tantos cantos que eu suspeitava que em poucos minutos ele estaria morto.

— O que você está fazendo? — indaguei atônita.

— Roubando informações — ele respondeu.

— Você não está apenas roubando informações — contrariei em tom de julgamento.

— Tem razão. Estou pedindo emprestado. — Meu rosto trancou. — Pode pegar aquela faca para mim?

Franzi a testa, seguindo o seu indicador que apontava para uma caixa que tinha tesouras, alicates e inúmeros canivetes como facas. A minha feição sisuda foi o suficiente para ele não perder o seu tempo me esperando e alcançar o que precisava.

— Já que está aqui poderia dar uma ajuda — protestou.

— Você está pedindo para que te ajude a matar um homem como se pedisse por um copo de água — rebati.

— Eu acho beber água menos divertido.

Seu sarcasmo e casualidade enervavam-me a ponto de meu sangue virar lava. Dante avançou, puxando uma cadeira onde se sentou ao contrário, posicionando os seus braços nas costas do banco e observando sua vítima, arregalando o olhar de medo e chacoalhando a cabeça em súplica.

Quando sua visão alternou dele para mim, meu coração encolheu.

Aquele homem estava aterrorizado e implorando ajuda para mim. Mas eu não poderia fazer nada. Eu era a última pessoa que o ajudaria.

— O que você vai fazer? — questionei a Dante, perlustrando a área. Não teria sido a mesma sala que eu tinha sido interrogada, pois era menor e parecia ser mais confortável.

— Vou assistir a sua morte.

Doeu engolir a saliva.

— Você não disse que ia roubar as informações?

— Enquanto você dormia, consegui localizar o homem, trouxe-o até aqui, peguei o que era necessário e agora estou à espera que morra. Os outros caras estão fazendo o serviço da noite.

— Que seria?

— Matar os restantes da família.

O sangue gelou.

Cristo.

Meu peito ardia em espasmos.

— Você não...

— Nós não matamos crianças — ele interrompeu. — Mesmo que, em algumas famílias, elas, às vezes, são colocadas nesse meio muito novas.

— Ele também é um canibal? — questionei, receosa de pronunciar a palavra.

— Estuprador. — A raiva na garganta de Dante era extrema. — Ele faz parte de uma família de estupradores. Compram mulheres virgens, especialmente de países de menores condições, com a proposta de que viverão uma vida de sonhos, mas são trancafiadas e estupradas dias após dias. São arruinadas por alma e marcadas no corpo. Desde o século dezenove que eles têm essa tradição. Começaram com isso para que os seus filhos soubessem o que era ser homem —ele continuou, quase rindo de

modo sarcástico. —, mas depois adquirem um vício desumano e permanecem fazendo a mesma coisa, vezes sem conta, com mulheres que tinham esperança de ter um futuro melhor.

Meu estômago deu cambalhotas e precisei me escorar na parede para não cair.

Minha boca secou, o vocabulário evaporando pela falta de vontade de acreditar que algo tão atroz pudesse acontecer e ninguém fosse capaz de fazer alguma coisa.

Senti ódio. Nojo. Um acúmulo de sentimentos negativos. E qualquer compaixão e pena que pudesse haver foi despedaçada, completamente pisada pelo rancor que estava sentindo ao encarar aquele homem.

Diminui a distância entre mim e Dante.

— Que informações você tirou dele?

— As principais localizações do organizador do leilão — respondeu. — Temos pistas que nos dizem que tem um tal de Angelo que deve estar por detrás da nova Secção, mas ele já fez parte de outras secções como a B.

— A Secção do tráfico sexual — rumorejei.

Cheguei na mesma linha visual que Dante, admirando o seu perfil. O seu queixo estava sobreposto aos braços que se apoiavam na cadeira, seu corpo inclinando para a frente e as pernas, de cada lado do banco, balançando em ritmos diferentes.

Sua beleza era fora de lógica. Eu o odiava e repulsava como mais ninguém, porém enxergar certos pormenores de seu rosto era estranhamente bom.

Seus olhos viraram para mim, antes do seu corpo girar também na minha direção. O seu foco no homem se perdeu, assim como a ira em cada íris, e uma diferente tonalidade neles cintilou. Dante pareceu humano naquele instante.

— Você conseguiu o que queria, então? — perguntei, quebrando o contacto visual.

— Sim. — Ele indicou para um pequeno caderno que estava numa das mesas do fundo. — Lá tinha as anotações dos endereços e agora era tentar caçar esse homem.

Por alguns instantes, torci para que ele conseguisse.

— E em relação às mulheres?

Dante me analisou profundamente.

— Já te disse que não salvo ninguém.

— Dante... Elas não precisam que você as salve, mas sim que as liberte. — Seu nariz enrugou. — Você não pode abandoná-las depois do que aconteceu. Elas precisam de ajuda. Muitas delas provavelmente... Meu Deus, elas podem estar grávidas, doentes, completamente vulneráveis.

— Gray, não consigo fazer nada.

— Sim, você consegue. Apenas não quer — argumentei. — Sua necessidade de achar que os outros devem se foder tanto quanto você é estúpida. Não é uma forma de construir caráter. Não é uma maneira de se tornar forte. Você vai acabar matando-as com essa sua razão idiota de viver.

Seu movimento rápido em sair da cadeira e se colocar na minha frente quase me fez tombar. Empinei o meu queixo, segurando o nosso contacto visual, enquanto Dante demonstrava toda a sua imparcialidade nas suas linhas de expressão.

— Eu nunca falei que não vou salvá-las por causa do meu passado — rangeu.

— Não precisa. É o que é — rebati. — Você fica se remoendo e desejando que qualquer vítima da Fábrica tenha a mesma sede de vingança que você, mas não vai acontecer, Dante. Nem todos os desastres geram destruição. Alguns conseguem até trazer harmonia.

Dante quis rir.

— Ninguém que passa pelo que nós passamos terá harmonia na sua vida.

— Mas nem todos querem o caos como você tanto deseja — argumentei. — As pessoas só estão à espera de alguém que as guie.

— E não serei eu.

— Porque você é um covarde de merda — cuspi.

Seu olhar incendiou. Dois pequenos passos foram o bastante para que meus pulmões pedissem por uma porção a mais de ar, no entanto, estava sendo roubada pela respiração ofegante de Dante.

— Em que momento eu deixei que você falasse comigo assim? — rangeu, embora houvesse um tom de intimidade ali.

— Desde quando eu preciso da sua autorização para falar do quer que seja? Eu respiro sozinha, então não preciso de ninguém para me dizer o que fazer ou não.

Seus dedos se atreveram a elevar o meu queixo, apertando-o ligeiramente.

— É isso — soprou perigosamente. — Só de ver que você está respirando, falando, me xingando como se pudesse ter algum poder sobre mim me deixa louco *pra caralho*.

Eu queria traduzir o que aquelas palavras significavam exatamente, porém meu cérebro estava mais ocupado em explorar a sensação luxuosa que fez minha boceta pulsar.

Meu coração esmurrava minha coluna, numa dor tão prazerosa que os meus lábios entreabriram dispostos a gemer. O ar estava reduzindo cada vez e a necessidade de buscar em algum lugar o que fazia os meus pulmões entorpecerem era gigantesca. Eu cometeria loucuras para recuperar o meu fôlego, assim para diminuir o que não deveria estar sentindo.

Cada maldita célula estava consciente daquele toque. De como Dante estava disposto ao inferno naquele milésimo.

Seu olhar não me largou. Tive receio que ele visse o que estava acontecendo dentro de mim. Que ele lesse o que estava pensando.

Dante esperava que eu o empurrasse. Que o xingasse de novo. Que o chutasse e gritasse, mas não era capaz. Não quando muitas guerras estavam acontecendo ali e eu queria ganhar todas elas. Queria ser vitoriosa até ao fim.

Mantendo sua expressão enigmática, Dante me puxou mais para si, me obrigando a ficar na ponta dos pés. Não sabia o que ele realmente queria. Que reação esperava de mim, porém fui fraca ao abrir a boca em um sopro de ar denso quando senti algo me cutucando.

Seu pau estava dando boas vindas no espaço quente e apertado que as minhas pernas formavam.

Cristo.

Se piscasse os olhos, iria lacrimejar de um prazer indiscutível e perigoso demais para mim.

Meus mamilos estavam intumescidos e entregues para serem devorados. Eu já não me satisfazia há séculos. Não tinha existido espaço na minha vida para aproveitar as sensações do meu corpo, portanto, aquele toque estava me enlouquecendo. Mas não podia. Não com Dante. Não com aquele que matou os meus pais.

— Ele morreu — denunciei, por fim.

Faulkner demorou a raciocinar. Ele estava perdido em meus olhos, até que meu rosto trancou e qualquer vestígio de prazer teve que ser encaixotado.

— O cara morreu. Já não respira.

Dante me largou e conferiu se o homem estava morto ou não.

— É hora de limpar isso — ele assobiou, ignorando como estávamos em combustão segundos antes.

Enrolei os meus dedos nervosa e quente.

Amaldiçoei-me por cada pensamento sujo que tive em relação a Dante. Como o meu corpo reagiu. E como eu gostei da maneira como ele reagiu.

Observar suas costas nuas e as omoplatas com uma frase tatuada impossível de ler enquanto ele retirava os pregos dos braços do homem com brutalidade, suas calças pretas sempre manchadas e os cabelos desgrehados, mas perfeitamente harmoniosos em seu rosto era decadente.

Não queria observar.

Não queria admirar.

— Você está melhor das dores? — perguntou, depois de arrancar o último prego e o homem cair para o chão como uma pena.

— Sim.

— Por que você não tem medicamentos? Achei que fosse o básico de qualquer mulher ter algo para cólica.

— Porque eu não tenho dinheiro. — Sua atenção em mim foi rápida mesmo que estivesse ocupado embalando aquele corpo. — Sou pobre. Às vezes não sei se terei comida na mesa no dia seguinte. Acha mesmo que teria como pagar algum medicamento?

Mais uma vez, não havia nada que pudesse ler no semblante de Dante.

— Você não trabalhava?

— Não o bastante, ao que parece.

— Não fale no presente — ralhou, atando os pulsos do cadáver. — Você está morando aqui agora. Não precisa se preocupar com isso.

— Mas daqui a meses eu não vou estar mais aqui e terei que voltar para as mesmas preocupações — ralhei e o ouvi resmungar baixinho. — Não sou rica como você. Inclusive, você também rouba dinheiro? De onde tirou tudo isso?

— Comecei aos quinze anos, fazendo alguns bicos como assassino.

— Oh.

Minha garganta travou.

— Não matava inocentes. Eu era chamado por algumas pessoas que queriam vingança. Pessoas que a justiça não tinha sido capaz de fazer algo por elas — confidenciou. — Mães que tinham perdido os seus filhos para pedófilos, golpistas que fodiam com a vida de dezenas. Às vezes eu pregava um susto. Às vezes oferecia o coração do idiota para o cliente. Dependia do quanto me pagavam. E era muito. O bastante para me manter até hoje.

Minha mente despencou em pensamentos profundos.

— Mesmo quando nós éramos amigos?

Um sorriso de canto enfeitou os seus lábios.

— Nós nunca fomos amigos, Emília. Você sabe disso. — Meu peito estremeceu. — Mas, sim, mesmo naquela época. Eu sabia que iria precisar do dinheiro algum dia. Vance também. Trabalhamos em conjunto para isso. Não me arrependo. Nem teria como me arrepender.

Levantei as sobancelhas num movimento de consideração.

É claro que ele não se arrependeria. Dante respirava para matar aqueles que não lhe agradavam.

— Você se comporta como se quisesse ser um Deus.

— Eu não quero ser um Deus. Eu quero ser aquele que destruiu todos eles. Quero que se lembrem, mesmo quando estiver enterrado e sofrendo no Inferno, que fui eu que os encarei quando mais ninguém conseguiu.

Suas palavras eram honestas, raivosas, sangrentas.

Eu as guardei em um lugar seguro e escuro dentro de mim.

Dante fechou o último par de membros e se levantou, alongando suas costas. Seus minutos em silêncio foram insuportáveis, no entanto acomodei-me em ver como ele estava embalando o cadáver. Algumas compressas foram colocadas nos orifícios, como boca, ouvidos e um plástico enorme foi usado para tapá-lo.

Quando Dante colocou o homem no seu ombro, seu braço tonificado pela força absurda que exercia, seus olhos voltaram a encontrar-se com os meus.

— A senha é a sua data de aniversário.

— O quê?

Ele não deu continuidade à sua linha de pensamento, seguindo para fora do laboratório.

Não ficaria sozinha ali em baixo, então decidi que ele liderasse o caminho até o piso principal. Não demorou muito para notarmos que a casa já estava cheia.

Os rapazes estavam ainda com as suas capas, porém aparentavam estar descontraídos como se não tivessem exterminado com uma família inteira.

— Como foi? — Dante questionou.

— O mesmo de sempre — Asher bocejou. — Jaxon esqueceu que estava numa missão. Poderia ter sido ruim se estivessem nos escutando.

Faulkner não gostou de ouvir aquela informação.

— É mentira, cara.

— É verdade — Cole interrompeu, comendo uma maçã depois de lavar as suas mãos. O mínimo. — Ele quase disse os nossos nomes.

— Por que o filho da mãe do Vance estava querendo matar os caras sem saber onde diabos estavam as mulheres trancafiadas — Jaxon respondeu chateado.

Quis rir. Eles eram capazes de tirar do sério até o mais querido deles.

— Poderíamos muito bem vasculhar aquela casa — Asher disse.

— Claro. E perderíamos um tempo valioso, porra — Jaxon rebateu.

— Queria saber por que diabos vocês estavam procurando pelas mulheres? — Dante indagou, repousando o saco grande do cadáver no chão

e adentrando na cozinha-sala.

— Nós não iríamos deixá-las aí, cara — Cole se pronunciou, me surpreendendo.

— O que fizeram?

— Demos um celular pra uma delas e pedimos para que ligassem para a polícia — Asher declarou, se encostando na bancada e cruzando os seus braços.

— E se elas derem informações que não deveriam? — Dante perguntou irritado. — Não ajam como bons samaritanos, porra. Não vai levar vocês a lugar algum. Pode ser perigoso, caralho.

— Mas elas não vão dizer nada — argumentei. — Elas estão gratas. Mais que gratas, eu garanto. Mesmo que sejam os vilões para muitos, quem oferece a liberdade sempre será um herói para aquela pessoa.

Dante fuzilou-me, perdendo sua raiva aos poucos. Seu peito descia e subia freneticamente até encontrar novamente um ritmo adequado.

— Eu vou tratar desse cadáver. Já volto.

Faulkner saiu disparado. Eu fui atrás, ainda sem entender da sua exaltação. No entanto, antes que ele abrisse a porta e subisse as escadas para o exterior, embora o hall não estivesse iluminado, vi seus olhos cintilando e uma tristeza imensa se acumulando neles.

— Não faço isso por mim como você pensa. Não salvo ninguém porque quero que as pessoas sejam fodidas como eu. Eu faço isso por eles. Porque sei que se eles sentirem demais pelo que está acontecendo, vão se arrepender e será tarde demais. Se eles tentarem salvar cada pessoa perdida, eles vão se perder, merda. Eles vão entrar num abismo mental em que a queda parece ser a única opção.

Meu coração moeu.

— Você está dizendo que eles...

— Podem morrer. Não presos porque não há nenhum lugar no mundo que gostaria de nos ver vivos. Seríamos mortos na mesma hora que soubessem onde estamos, quem somos e o que fazemos. — Sua voz era uma mistura de emoções negativas. — Eles *morrem*. E, acredite, Emília, a última coisa que eu quero é ver o cadáver deles. Preferia morrer do que ver isso acontecer.

Ele continuou caminhando, desaparecendo no horizonte.

Suas palavras fizeram sentido. A percepção da sua dor mudou o meu mundo.

Não era por ele. Não era para ele. Era por causa dos seus companheiros de luta. Porque ele sabia que se cada um deles começasse a ver além da vingança, traria consequências para as suas vidas. Eles se entregariam, entrariam numa depressão profunda, acabariam morrendo por si mesmos ou pelos outros.

A vingança os fazia fortes, mas, sem ela, eles eram meros mortais.

E, lá no fundo, eu consegui ver algo em Dante. Eu vi o que nunca pensei poder ser capaz.

Amor.

Dante amava cada um dos homens que o seguia.

26

Emília Gray

rosamunde

A aula de Anatomia era um precipício para a minha amiga.

Era uma das disciplinas que mais exigia de mim e me tirava do sério. As últimas duas horas tinham sido focadas no cérebro. Um órgão relativamente mediano, porém ocupava uma posição que mais nada no Universo tinha tanta relevância nos nossos olhos.

Estudar Neuroanatomia sempre me levava a pensar em como o ser humano era considerado racional, mas se caracterizar por ir ao extremo na sua atrocidade. Como mesmo tendo todos os hemisférios do seu cérebro funcionando, especialmente o esquerdo que materializava a nossa razão, o lado perverso e repulsivo criava raízes e formava uma essência imunda.

Eu queria compreender. Queria entender o que estava por detrás, porém, as respostas me assustariam. Talvez nem fossem complexas o suficiente para haver dúvidas.

Eles agiam naturalmente. Amavam. Odiavam. Se alegravam. Entristeciam também. A casualidade de qualquer alma moribunda me assustava. Os cruéis andavam em sociedade. Estavam entrosados, mascarados com facetas de perfeitos cidadãos. Mas, por dentro, a calamidade vivia neles. Um lado fodido estava desperto na cerne do seu ser.

E isso me assustava. Porque, por mais que codificássemos o ser humano, criando razões para como o nosso cérebro trabalhava, nunca chegaríamos a conhecer-nos realmente, mesmo que vivêssemos a nossa própria existência.

Minha mente divagava enquanto me arrastava pelo corredor da faculdade.

Estava exausta. Queria apenas chegar em casa e descansar. No entanto, meu corpo doía ao lembrar que teria que esperar o ônibus, parar na última parada e seguir caminho na floresta para poder estar em paz.

Porra. Dante morava longe pra cacete.

O que me salvava era pensar que daqui a meses estaria tudo terminado. Meu aniversário chegaria e a morte dele também. Então, eu estaria livre.

Contudo, pensar no que realmente seria a herança e que diabos era aquele mapa ainda eram perguntas abertas. Ao que aparentava, Dante estava procurando pela Secção com tudo o que podia.

Antes que me dirigisse para a porta principal do edifício de Saúde, os cabelos loiros de Penélope chamaram a minha atenção. No entanto, foi Van Doren que me fez arquear as sobrancelhas e desviar a minha rota.

Ambos pressentiram a minha presença, girando a cabeça ao mesmo tempo e avaliando a minha fuga.

— Olá, amiga! — Penélope saudou, balançando a mão feliz.

Eu estava puta.

— Olá! Cole, preciso falar com você.

Ele me encarou furtivamente.

— Não, você não precisa — rebateu e eu semicerrei o olhar.

— Preciso.

— Que eu saiba, nós não conversamos há cinco anos — disse, entredentes, claramente contendo a sua ira.

— Nunca é tarde demais para ter um papo com o meu amigo de infância — ironizei, observando suas maçãs se avermelharem. — Ou você quer que eu abra a boca e diga o que eu não deveria?

Sua atenção foi momentânea, especialmente o enrolar da sua mão no meu braço e a puxada repentina do corredor até o exterior. Não fui capaz de encarar Penélope. Lidaria com ela mais tarde, mas as minhas prioridades eram outras.

— Você. Quer. Morrer? — rosnou assim que eu me libertei da sua mão.

Cole não tinha deixado a sua agressividade ao longo dos anos.

— Não compartilho os meus pensamentos mórbidos com qualquer um.

— Porra, se você se atrever a dizer alguma coisa que nos comprometa, eu te mato. Estou pouco me importando se Dante quer proteger sua bunda. Eu acabo com você, entendeu?

— Então, não fique agindo como um santo para a minha melhor amiga — contra-argumentei. — Não quero nenhuma das pessoas que eu gosto perto de vocês.

— Fale para a sua amiga, não para mim.

Soltei uma lufada densa e cruzei os meus braços.

— Você sabe que ela gosta de você — afirmei e a sua revirada de olhos foi a resposta certa. — E você gosta dela?

— Claro que não, porra!

— Por que diabos você está dando mole pra Penélope?!

— Cara, você é burra ou se faz? — cuspiu. — Não sou um buda. Se acha que alguém do nosso grupo é, está muito enganada. Nós vivemos assim como você vive.

— Eu entendo isso, mas você está colocando a minha amiga em perigo a partir do momento que se envolver com ela! Ela gosta de você!

— Fale baixo, merda — rumorejou violentamente. — Eu não quero saber se ela gosta de mim. Pouco me importa, mas eu tenho uma vida, Gray. Ela não está em perigo a partir do momento que ela não sabe quem sou.

— Se ela descobrir, ela morre.

A boca de Cole tremelicou.

— E terei todo o prazer de matá-la, assim como terei em levá-la para a minha cama.

Minha mão ardeu com a vontade de estapear o seu rosto, porém chamaria a atenção e se Penélope soubesse, não daria conta de inventar uma desculpa plausível. Ela não era burra. Lia as entrelinhas e identificava alguma anomalia muito facilmente. Não poderia me dar ao luxo de colocar um alvo nas costas da minha amiga.

— Você é um nojento. Todos vocês.

Sua risada nasal foi curta.

— Nós? Não finja que você não está desejando o capitão quando sabe que ele dorme tranquilo sabendo que matou a sua família e arruinou a sua vida. — Suas verdades alteravam as batidas do meu coração. Precisei me controlar para não exibir emoções que pudessem acionar o que não deveria. — Você é pior que nós, Gray. Você deseja o que é errado.

— Vai me dizer que vocês não?

— Nós acreditamos que é o certo. Tudo o que fazemos é justiça. Você condena e ainda assim quer. É diferente.

Esmaguei os meus dedos contra o tecido do meu casaco, criando uma linha tensa da minha boca.

— Você é um idiota. No dia que eu desejar Dante, pode me enterrar — declarei, pronta para me afastar.

— Você não tem ideia em como estarei feliz fazendo isso.

— Se afaste dela — ameacei. — Ou eu acabo com vocês.

— Não teria coragem.

A subida dos meus lábios foi lenta e perigosa, o suficiente para não precisar respondê-lo.

Segui o meu caminho, pegando no meu celular e digitando rapidamente para Penélope que precisava conversar com Cole sobre assuntos de Saúde. Não era o melhor que tinha, mas eu elaboraria algo mais crível até amanhã.

Fazer o trajeto até a casa foi mais demorado do que eu imaginava. O fato de ponderar sobre o que Cole havia dito estava acabando comigo.

Eu não desejava Dante. Tudo o que tinha para oferecer aquele maldito era a repulsa dos seus atos. E tudo o que ele tinha para me oferecer

era uma lista de cadáveres intermináveis. Eu não iria até ao Inferno com ele. Seria a pessoa que seguraria às portas e acenderia a sua fogueira para que se queimasse.

Eu não poderia desejar alguém que, eventualmente, teria que matar.

Ao chegar em casa, minha mente era um penhasco. Qualquer pensamento, me fazia cair numa espiral de dúvidas. Do que realmente estava fazendo. Do que eu gostaria de batalhar.

Estar naquela casa despertava partes de mim que eu estava começando a detestar.

Não poderia querer Dante. Era impossível.

Mas eu deixava que Dante me consumisse. Eu deixava que ele tomasse conta do meu juízo. Tomasse conta de quem eu era e de quem poderia ser.

Suspirei, levantando da cama que eu me encontrava deitada desde que tinha regressado a casa.

Encarei o violino enroscado na estante pequena.

Deixei de tocar e ler Shakespeare depois do Dia do Castigo. Quis arrancar o que ele tinha feito comigo e não deixar vestígios. Mas Dante conseguia. Ele tocava e lia, como se nada daquilo tivesse feito parte de uma história de nós os dois.

Talvez fosse isso.

Talvez eu precisasse regar novas raízes.

Levantei-me num ímpeto, pegando no violino e saindo discretamente de casa.

Eu tremia. Os nervos reagiam na minha pele pela coragem momentânea.

Já não tocava há quatro anos. Nem sabia ao certo se saberia tocar como antes, porém talvez fosse algo que precisasse.

Assim que achei um canto na floresta, longe de casa e longe dos ouvidos de qualquer um, abri a capa. Segurar em um violino foi uma adaptação demorada, explorar o material e prender os meus dedos no arco trouxe uma satisfação tátil ao meu cérebro.

Optei por me manter em pé, localizando o violino no encaixe perfeito do meu corpo e, letárgicamente, espremi os meus olhos na intenção

de focar, pensar e sentir o que a minha alma queria tocar.

Uma nota.

Uma composição.

A partir do momento que fosse capaz de produzir algo daquele violino, teria me desprendido do passado. Teria apagado Dante daquilo que mais me fazia feliz.

Contudo, o som de um galho caindo obrigou-me a abrir os olhos.

A pisada numa folha.

O romper violento de uma árvore.

Perlustrei os cantos, à espera de ver alguém, mas não via nada.

— Tem alguém aí? — perguntei, ouvindo o meu eco.

Nada.

Nenhuma resposta.

Mas antes que pudesse voltar à minha concentração, um disparo fez o meu corpo reagir de imediato.

Acertou no violino, perto dos meus ombros, me fazendo soltá-lo de imediato e correr pela floresta.

Meu coração travava uma guerra na minha caixa torácica, e meus pulmões estavam dispostos a respirar qualquer coisa desde que me dessem força para avançar.

Mais disparos foram ouvidos e meus gritos rasgavam minha traqueia. Sabia que o que me estava mantendo viva era a floresta. Desviar de algumas árvores e passar por arbustos deveria estar dificultando quem quer que fosse que me quisesse morta.

Mas quem?

Meus músculos drenados de adrenalina pediam por uma pausa no momento que o som da minha corrida era a única coisa que se escutava.

Agachei-me perto de uma árvore, recuperando o meu fôlego que tinha se perdido em algum lugar na luta pela minha sobrevivência.

Eu ainda tinha um arco do violino na mão, como se fosse me salvar de alguma coisa. Porém minha mente procurava saber quem era a pessoa que estava tentando me matar e como eu iria sair dali. Como voltaria para casa se era uma floresta imensa e eu não fazia ideia do caminho sem ser aquele que costumava realizar todos os dias.

Aquela casa não era para ser segura? Como teria um intruso?

Ou será que não era?

Limpei as gotículas de suor da testa com o dorso da mão e me levantei, atenta a movimentos indesejados.

A qualquer momento, ele poderia aparecer.

A qualquer momento, eu poderia morrer.

Por favor.

Preciso viver.

— Você corre mais do que deveria.

Fui capaz de fazer a arma da sua mão cair, porém sua capacidade de adaptação era mais competente que a minha, o levando a colocar a mão no meu pescoço e a outra apertando o meu tronco fez o meu peito disparar.

Aquela voz não me lembrava ninguém, o que dilatou o meu desespero assim como a necessidade agressiva de me safar. Tentei lutar, cabeceando e chutando, porém o homem era forte o bastante para me manter intacta.

Meu corpo procurava qualquer região que fosse ágil o suficiente para quebrá-lo, até que o meu cotovelo acertou a sua cara, o fazendo tombar e ranger furiosamente.

— Sua vadia!

Quando me virei, a sua imagem de cabelos castanhos, barba malfeita e roupas casuais eram um completo desconhecido para mim.

Eu não conhecia aquele filho da mãe.

O homem correu para pegar sua arma do chão, porém eu fui primeiro, procurando disparar ou fazer o que quer que fosse. Minha irracionalidade não estava me fazendo pensar, o que dificultou a minha reação dando a oportunidade ao homem de me socar.

Tombei no chão de costas, mas não larguei a arma. Não largaria nem que morresse ali.

Me posicionei pronta para disparar contra ele, mas o primeiro disparo não foi certo, causando apenas o levantamento de alguns pássaros. A segunda vez não aconteceu. O gatilho não ia.

Não havia balas.

Seu sorriso nojento causou calafrios na minha coluna.

Ele não teve piedade de partir para cima de mim, procurando me sufocar se a arma não era uma alternativa.

Tentei tirar suas mãos imundas de mim, porém a dor dilatava cada vez mais, atingindo os meus pulmões. Quase quebrava os meus dentes reagindo à asfixia, prestes a ver estrelas por trás dos meus olhos.

Eu não poderia morrer.

Não iria deixar que aquele maldito me matasse.

Poderia ter feito tantas questões, pensado em tanta coisa para me fazer ter uma ideia do que estava acontecendo, porém a luta para não ser morta por aquele homem fez com que eu pegasse no meu arco e rasgasse sua garganta.

Minha raiva fez com que o corte fosse profundo, sem qualquer pudor do rio de sangue cair pra cima das minhas roupas, tocando mesmo no meu rosto, em regiões como a boca.

Sua boca aberta em pura agonia rapidamente deixou de libertar sons. Ele deixou de respirar. Deixou de bater. Deixou de viver.

O corpo morto caiu na grama velha, formando um lago de sangue que fedia, assustava e me quebrava.

Eu não parei.

O medo de ele despertar fluiu nas minhas veias e eu espetei novamente. Entrando e saindo no seu torso. No seu estômago. Até no seu rosto. Guinchei alto, o ódio em espasmos no meu organismo fazia uma metade minha feia e primitiva vir à tona.

Continuei afundando o arco naquele corpo imundo, já sem vida. Não parei até o sangue ser água nas minhas roupas. Não parei até pegar na pedra ao lado e esmagar o seu crânio, os ossos estalando na floresta, seus olhos quase saindo da órbita, os miolos quase tendo vida própria pintando o desastre que eu tinha criado.

Aquilo era uma arte cruel.

A grama velha virou um lago vermelho.

Meus dedos nervosamente tremelicavam. Meu corpo pulsava abruptamente. Meu músculo cardíaco tornou-se uma bomba.

Inconscientemente, coloquei-me de pé e cambaleando para os lados, rumei para onde quer que pudesse me levar.

Eu encarei minhas mãos incrédula, sem palavras que ocupassem minha mente.

Eu me sentia vazia.

Sem vida.

Destruída.

Eu matei alguém.

Tudo em mim doía como se eu tivesse me cortado com o arco.

Como se cada tiro tivesse me atingido e tirado cada grama da minha sanidade.

Eu matei alguém.

Mas também me matei.

Qualquer pureza em mim tinha evaporado.

Antes do Sol se pôr, consegui avistar a porta que me levaria para casa. Foi uma caminhada longa em que sentia deixar fragmentos puros que ainda me pertenciam. Agora eu era feita de ossos, desordem e demônios.

Eu tinha os mesmos demônios que aqueles desgraçados. Desci as escadas, sentindo as pernas arderem, e no preciso instante que pousei meus pés no chão, Jaxon apareceu.

Não tinha coragem de encará-lo. Não tinha coragem de sequer respirar diante de alguém. Estava entorpecida, disfuncional, perdida no meu juízo.

Ele não se aproximou, pois a única coisa que ouvi foi:

— Dante, é melhor você chegar aqui.

Me encolhi receosa, assim que escutei os seus passos na minha direção.

No entanto, meu ímã era mais forte e assim que travei em seus olhos, meu corpo reagiu.

Suas íris não pouparam a calamidade que crepitava nelas. Sua feição era revestida em aço, completamente formada por tempestades e guerras.

Dante me encarava como se eu fosse o motivo para que o seu lado mais perverso e destrutivo aparecesse.

Ele me encarava como se o Universo fosse pequeno e finito para o que ele iria fazer assim que eu abrisse a boca.

— Quem machucou você?

Sua raiva era capaz de matar alguém à distância.

Minha voz travou. Não pelo medo, mas por não ter coragem de dizer o que aconteceu. O que eu tinha feito.

Dante se achegou, pegando gentilmente no meu rosto, analisando as marcas que provavelmente o homem havia deixado no meu pescoço, nas roupas sujas e no meu estado patético.

— Quem fez isso com você?

Não havia sentimento algum que não fosse uma chuva de cólera em cada maldita palavra.

Dante era uma tempestade pronta para derrubar qualquer um.

No entanto, a minha voz estava tímida. Não queria confessar. O que eu tinha feito era demais para ser dito.

— Me diga que você matou o filho da puta. Me fale que você acabou com a raça dele porque se eu souber que ele ainda está respirando, eu vou queimar a cidade inteira e não quero saber quem vai morrer.

— Dante...

— Fale, Emília. Diga.

Meu peito vibrava intensamente.

— Eu o matei. Deus, eu matei.

O choro veio compulsivamente, um grito intenso do que estava reagindo em mim.

Só senti o meu corpo sendo levantado, minha cabeça se aconchegando em um ombro e a respiração rarefeita de Dante na minha nuca.

— Eu o matei — repeti, quebrando as sílabas com as lágrimas.

— Você foi uma boa garota. Ninguém que machuque você deve sair impune. *Ninguém*.

Meu choro continuou. Esvaziando a minha dor. Esvaziando a minha ira. Esvaziando o incêndio dentro de mim.

— Chore o que conseguir que eu vou cuidar de você — rumorejou.
— E matar todos aqueles que pensaram que poderiam tentar contra o que é meu.

27

Dante Faulkner

magnificat

O domínio da minha própria raiva estava longe de ser comandado por mim.

Nas minhas veias corria muito mais do que sangue, transportando uma dose severa de um desejo colossal de incendiar o mundo com todas as chamas do inferno.

Eu não respirava o maldito oxigênio da minha casa. Eu estava inalando o choro de Emília no meu colo, das suas unhas pressionando o meu braço e do seu possível coração fragmentado que não conseguia se regenerar.

Vê-la nesse estado alimentava uma sede interminável de exterminar qualquer um que ousasse encará-la, tocá-la, sequer compartilhar o mesmo ar que o dela. A vontade de exterminar qualquer maldito aglomerado de átomos aumentava as feridas nem um pouco cicatrizadas dentro de mim.

Quem teria feito isso com ela?

Quem teria ousado pensar em machucá-la?

Não deixaria sair impune nem que ela tivesse matado o filho da puta. Eu acabaria com o seu cadáver. Iria encontrar a sua família e entregar os seus pedaços como presentes de aniversário. Mataria lentamente quem teria sido o principal crânio. Eu esmagaria o coração de todos eles com a mão e escolheria um para oferecer de bandeja para Emília, para que ela soubesse que não teria nada a temer por debaixo do meu teto.

Se eles pensavam que eu já não era capaz de mais atrocidades, estavam enganados. Eu cometeria loucuras por cada lágrima que teria que limpar de Emília Gray.

Dirigi-me para o meu quarto, levando-a para o meu banheiro. Estava pouco me fodendo se ela tinha o seu próprio quarto. Ela não sairia debaixo dos meus olhos naquele estado.

Palavras não eram trocadas, porém eu pedia licença para tirar suas roupas ensanguentadas. Gray não parava de chorar silenciosamente. As suas lágrimas chegavam até os seus lábios e eu tinha vontade de beijá-los e enxugar cada uma. Me limitava a limpar as que escorriam até o seu queixo. Uma por uma.

Assim que ela se despiu, ajudei-a a entrar na banheira. Regulei a temperatura de modo que ficasse boa para a sua pele.

Quando a toquei, seus ossos tremeram.

Afastei a minha mão de imediato e ela me analisou.

— Não foi você.

Agora era a vez dos meus ossos estalarem.

— Emília.

Um aviso. Uma promessa estrondosa. Emília percebeu e mudou a sua postura.

— Não! — ela exclamou. — Está tudo bem. Ele não me tocou do jeito que está pensando. Desculpa te fazer achar que...

Minha mão tocou no seu queixo depois de uma permissão silenciosa.

— Peça desculpas ao Deus que eles rezam porque nenhuma alma estará livre do castigo das minhas mãos quando descobrir quem está envolvido.

Ela aceitou, então limpei o seu corpo.

A banheira se sujava com terra e sangue. Vi os seus olhos assustados e a minha mandíbula se fortificou.

Sempre vinguei por mim, mas por ela o desejo era de extermínio. Não seria um alívio para os meus demônios. Seria um doce sabor que eles pareciam procurar há vinte e um anos.

— Dante! Meu Deus! Você esmagou o gel de banho.

Assustei-me com o recipiente destruído pelos meus dedos.

— Desculpa — murmurei, procurando consertar o que aconteceu.
— Você quer lavar o cabelo?

Ela assentiu.

— Os meus produtos estão no quarto. Não sei se... — ela pedia relutante, os soluços entre as sílabas me quebravam.

— Sei quais são. Vou buscar.

Fui rapidamente para o seu quarto, trazendo o que ela precisava. Quando cheguei, Emília esfregava fortemente a sua derme. Agachei-me, impedindo que ela se ferisse mais.

O seu choro foi maior.

Ela gritava silenciosamente.

Eu daria o tempo que ela precisava. Até lá, eu cuidaria das suas cicatrizes expostas.

Ajudei-a a lavar o cabelo. O seu cabelo era um pedaço de paraíso. Era relaxante. Um vício. Desde pequeno que, por alguma razão, passava horas observando Gray se pentear, usando os produtos com carinho e amor.

Com calma, tentei fazer o mesmo.

Era também uma terapia para mim. Relaxava a região mais tensa que era as minhas mãos. Eu as usava para matar, no entanto, também gostava de usá-las para tocar nela e nas suas partes delicadas.

— Você sabe a ordem... — ela comentou.

— Do quê?

— De como se deve lavar um cabelo cacheado. É surpreendente.

— Não é nada demais.

Uma mínima risada expeliu do seu nariz.

Ela tinha rido.

— Você sabe quanto tempo os produtos demoram para atuar no cabelo. Tenho certeza que é alguma coisa a mais.

Sorri minimamente, continuando.

Conversávamos através do silêncio. Através do toque. Através dos suspiros.

Sequei os seus fios até ela ficar satisfeita. Ajudei-a a se vestir com cautela. Não havia malícia no meu ato. Evitava olhar para o seu corpo para não ver as marcas. Ele tinha a socado e criado uma ferida em sua boca. Via partes do seu pescoço demarcado por dedos e um tom escurecido nas regiões.

Porra.

Ela poderia ser o meu acordo, a última pessoa que eu mataria antes de deixar esse mundo, mas aquele estado melancólico e destruído seu era algo que apenas eu poderia ser dono. Era o meu nome que fazia suas lágrimas aparecerem.

Peguei na caixa de primeiros socorros, mas ela evitou que eu a tomasse frente.

— Posso fazer isso — Gray indicou.

— Descansa.

— Você não pode me pedir para me fingir de morta.

— Não estou pedindo. É uma ordem.

— Você me deu banho. Me deixe ao menos sarar as minhas feridas — contrariou com esgar.

Era como se fosse uma vergonha para si estar dependente dos meus atos. E eu entendia, apesar de não gostar.

Quando finalizamos, abri a minha cama e deitei-a, ajudando-a a tapar. Sentei-me, observando suas feições. Observando a imagem que estaria na minha mente quando incendiasse o mundo.

Três batidas romperam a porta.

Autorizei que entrassem.

— Você quer que eu chame Dax?

Analisei Cole que tinha a sua capa pronta e vestida.

— Não — respondi. — Quero que busquem pelo cadáver e o tragam até aqui. Quero que Jax pesquise tudo sobre o homem até o que ele comeu

ontem e quantas vezes urinou no dia. Quero informações claras. Não quero dúvidas. Não quero ouvir que não sabem algo. Pesquisem tudo, nem que tenham que viajar para a porra de outro continente para eu ter o que preciso.

Cole não titubeou.

— Certo.

Van Doren não deu espaço para mais conversa, saindo dali tão rápido quanto entrou. Eu continuei observando Emília, sem dizer nada. Seus olhos fechados, sua boca tremelizando, os dedos afundando nos lençóis como se desejassem que eles rasgassem.

— Diga alguma coisa — ela suplicou. — O silêncio não me agrada.

A veia do meu pescoço pulsou.

— Pare de chorar. Está me incomodando.

Gray sorriu.

— Então, saia.

— Você grita quando chora. Vou continuar escutando.

— Claro.

Me levantei, e puxei-a contra o meu peito. Não sabia até que ponto ela poderia escutar o meu peito batendo forte e furioso por tocar nela e sentir seus ossos tremerem.

— Não me abrace.

— Não estou — Apertei-a mais. — Não chore nem reclame. Você sabe que eu odeio.

Não sei por quanto tempo ficamos naquela posição, mas o cansaço começou a chamá-la para se deitar. Ela se afundou na minha cama, ainda com a vontade de destruir os lençóis.

Sentei-me e ofereci a minha mão.

Ela não recusou, apertando suas unhas na minha pele, perfurando como se desejasse drenar minha palma de sangue.

— Eu esmaguei o seu crânio com uma pedra — ela começou por dizer. Me mantive intacto. — Antes disso, matei-o com o arco do violino. Eu não precisava ter feito muito mais que rasgado a sua garganta. Mas eu continuei matando sem parar. Até o meu ódio desaparecer.

Com as suas palavras, eu entendi a sua revolta. Entendi o motivo do seu choque.

— O que você estava fazendo lá fora? — questionei, pateticamente baixo. Não imaginava que a minha voz pudesse ter um timbre tão tenro.

— Tocando violino.

Meu peito reagiu ferozmente.

— Interromperam você?

— Não cheguei a tocar.

Minha traqueia ardeu.

— Me conte mais sobre o que sentiu.

— Não consigo, Dante.

— Você não consegue ou não quer? — perguntei ainda calmamente.

— Se você não quiser, eu vou respeitar. Se você não conseguir, vamos trabalhar isso. Falar sobre os pormenores vai te ajudar a superar, eu garanto. Não há nada melhor do que enfrentar os seus pesadelos conversando sobre eles. Deixa-os pequenos e menos intimidantes.

Seus orbes se abriram, cansados e sem brilho, o que engatilhou minha caixa torácica a reduzir o seu diâmetro, asfixiando o órgão cardíaco dentro dela.

— Eu não sei ao certo o que senti. Foi irracional. Não era eu.

Mas era.

Essa era a pior parte.

Era ela, mas uma metade sua que estava guardada. Todos nós tínhamos uma parte animalesca e destrutiva na nossa mente. Alguns sabiam controlar e guardar a sete chaves. Outros conseguiam derrubar a porta e incorporar.

Emília teve o seu gatilho, contudo tinha sido particular. Nada que fosse perigoso, por isso, evitei explicar.

— Alguém tentou te matar, supondo que mexeria comigo — confidenciei.

— Perto da sua casa?

Engoli em seco.

— Quero acreditar que não sabem onde moro e estavam apenas te seguindo.

Seria um problema danado se descobrissem o meu endereço. Não só me prejudicaria, como colocaria Vance, Asher, Cole e Jaxon em perigo.

Porra, e isso não era cabível de acontecer.

— Então, tem alguém por detrás da minha tentativa de assassinato...

Sua voz estava quebrada e dolorosa. Minha raiva aumentava na escala, chegando ao limite sem condições de ser calculada.

— O que você quer, Gray? Você pode me contar o que a sua alma está pedindo. Eu sou pior que você. Nada que diga vai me assustar.

Suas unhas rasgaram um pouco mais da pele da minha mão.

— Eu queria que... — gaguejou. — Queria que essa pessoa morresse assim como ela imaginou que eu fosse morrer. Mas querer não mata.

— Eu sim. Eu sujo as minhas mãos por você.

Seus olhos conversaram comigo em silêncio até que ela largou minha mão.

— Não sei até que ponto isso poderia fazer parte do nosso acordo.

— O nosso acordo é entre nós dois. Alguma interferência está sujeita à morte.

Ela sorriu sarcasticamente.

— Está dizendo que mais ninguém pode me machucar além de você, é?

— Exato.

— Você é doente.

— Diga algo que eu não saiba.

Emília chacoalhou a cabeça, me encarando veemente. Fiz o mesmo.

— Qualquer um que pensou que te tocaria... Eu irei matar — murmurei, a minha mão alcançando os seus cachos. Os seus olhos admiravam os meus. Concordavam com os meus. Se conectavam com os meus. Tudo em nós estava em apenas uma sintonia. — Prometo.

Talvez tenhamos ficado longas horas tentando decifrar a mente do outro. Eu estava sentado cuidando da garota que estava deitada na minha cama, machucada e amedrontada pelo que deveria ter sido os minutos mais intermináveis da sua vida.

Os dedos de outra pessoa no seu pescoço despertavam um lado animalesco e me deixava fora de si. Não sabia por que diabos eu tinha autorizado Emília a andar por aí sozinha. Mesmo que ela estivesse sob

minha proteção agora, ainda era uma Gray. Ainda era filha daqueles otários e existiria pessoas que gostariam de matá-la por razões infinitas.

Porra, e como eu a protegeria se não fosse a trancando no meu quarto para sempre?

O que eu faria?

Duas batucadas na porta me fizeram despertar. Estava tombando para o lado, quase adormecendo.

Descruzei os braços e levantei, pegando na Emília antes de embrulhá-la numa manta.

Jaxon não comentou, liderando até ao piso inferior.

Quando chegamos na sala, o corpo do cara estendido pulsou uma veia na minha testa. Repousei Emília numa das poltronas, e embora ela já estivesse meio acordada, pedi para que ela dormisse mais um pouco. Não queria acordá-la, mas não a deixaria naquele quarto sozinha.

Acheguei-me, mapeando o cadáver e procurando sinais de algo que me desse uma pista.

Ele estaria na casa dos trinta. Não parecia ser uma pessoa com poucas posses, pois o relógio e a marca dos sapatos evidenciavam que ele recebia mais do que um salário mínimo. Suas unhas arranjadas e o cabelo recentemente aparado corroboravam, porém, a sua boca de dentes amarelados e o cheiro de nicotina deixava claro os seus vícios e como era uma pessoa frequentadora de bares.

— Nome.

— George Draw.

— Onde ele mora?

— Perto da Universidade. — Meu foco centrou-se em Jaxon. — Mora no prédio B no terceiro andar esquerdo da Rua 314. Solteiro, sem filhos. Trabalha num bar próximo à universidade. Ajuda a organizar algumas festas também.

— Vocês o conhecem?

— Eu sim — Asher bufou, se jogando na cadeira. — Ele era uma das pessoas que se empenhava em fazer as festas para o nosso time e pegar as mulheres mais gatas. A última festa tinha sido no seu bar.

— Para quem ele trabalha?

Jaxon suspirou.

— Não sabemos

— Como assim vocês não sabem? — rosnei.

— Não há qualquer sinal de que ele esteja envolvido com a Fábrica ou algum inimigo nosso.

— O que eu falei sobre não terem uma resposta clara para as minhas perguntas? — Minha fúria aumentava a intensidade da minha voz. — Eu quero informações concretas, porra.

— Acho que é alguma pessoa que possa ter algo contra os pais da Emília. — Cole colocou-se na frente, relatando.

— Eu não quero algo que você ache. Eu quero a porra de uma certeza — cuspi.

— Tudo indica que ele não é da Fábrica, cara. Que ele não esteja relacionado a nós — Jaxon dissertou casualmente. — Às vezes era só um lunático pela Gray.

— É uma pena que morreu. As festas não vão ser mais as mesmas — Asher zombou.

Coei a nuca, entremeando os meus dedos nos cabelos.

— Eu farei essa pesquisa sozinho — declarei.

— E se você chegar à conclusão que não é nada demais? — Cole questionou. — Nós não matamos quem não é nosso alvo.

— Agora matamos. — Van Doren fuzilou-me, claramente sendo contra, mas eu estava pouco me fodendo. — Se qualquer um ousasse matar vocês, eu caçaria até o inferno. Com Gray não vai ser diferente. Não a tratem como se fosse menos do que qualquer um de vocês.

Sabia que Cole me julgava. Eu era o líder, porra. Nós tínhamos regras. Nós deveríamos obedecê-las, mas eu estava contornado para o bem de Emília. Eu não deixaria que acontecesse novamente. Ela não apareceria diante de mim machucada nunca mais.

— Certo, *capitão* — Van Doren debochou, saindo consternado da sala de reunião.

Encarei Emília que já tinha seus olhos abertos e nos observava atentamente. No entanto, meus passos me guiaram para fora dali, seguindo Cole.

— Van Doren — chamei, vendo-o despir a sua capa. Ele se virou, me sondando reprimindo a sua raiva —, eu sei que você tem algo contra a Gray...

— Eu não tenho nada contra a Gray, Faulkner. Eu tenho contra o que você se torna perto dela. Eu sabia que ia dar merda quando decidiram colocar essa garota aqui, mas pensei que você, pelo menos, colocaria os nossos objetivos em primeiro lugar.

— Tem um filho da puta que conseguiu chegar perto da nossa casa e você acha que não estou colocando a nossa merda em primeiro lugar? Não é apenas sobre Gray. É também sobre o que vai acontecer com vocês se descobrirem a identidade de cada um, merda — grunhi, a impaciência se enterrando debaixo do solo.

— Não minta para mim. Eu conheço você, merda. Nós nos conhecemos o suficiente para sabermos que não é pelas nossas identidades.

— Não me venha com essa.

— Eu estou com você desde aquele maldita dia — começou por dizer. — Eu me vejo em você, Dante. Sempre me vi. Você tomou a iniciativa de fazer algo que nenhum de nós teve a coragem. Para uns, você pode ser o vilão, mas para cada um aqui é a porra de um herói por ter sido o único filho da mãe que não se acovardou. E até hoje é o que segue em frente. Mas se você se destruir por uma garota, farei questão de ser o primeiro a assistir a sua ruína.

Suas palavras cravaram em meu peito.

Eu sabia como a responsabilidade caía nos meus ombros. Desde os meus quinze anos que tinha encontrado uma razão para viver e era estar com um desses fedelhos. Eu não os protegia apenas porque estávamos lutando pela mesma coisa. E, sim, porque eram meus amigos. Eram meus irmãos.

— Isso não vai acontecer — anunciei. — Não vou me destruir por ela.

— Eu vi como você quase desistiu de tudo pela Gray — declarou. — No Dia do Castigo você quis parar com tudo depois da sua atuação. Eu lembro da sua chamada. Lembro das suas palavras. E eu lembro, Dante, do seu choro depois de ter voltado para casa naquele dia.

Paralisei.

Cole era o único deles que sabia da relutância antes de matar os pais de Emília e os homens no teatro. Ele me viu desabando naquela noite, destruindo o laboratório antes de fugir e deixar a garota que eu amei.

A garota por quem eu teria dado tudo.

Mas não a minha vingança.

O amor que tinha por Emília não era o suficiente para deixar a minha vingança, portanto eu parti.

— Estou aqui hoje — pronunciei pragmático.

— Por pouco.

Bufei.

— Não fale como se isso fosse me matar.

Van Doren rangeu.

— Você já está morrendo.

Meus punhos fecharam. Não era o que eu queria mostrar a eles. Eu era forte com os Rostos Vazios. Eu era o fodido líder.

— Nós temos uma lei, Dante. Várias, na verdade. Todos concordamos e obedecemos — ele continuou. — Você pode foder todas as mulheres do mundo, mas nenhuma pode tomar o lugar da sua cabeça.
Ambas.

Aquela lei era clara, por mais que tivesse sido ideia de Asher e com as palavras idiotas dele.

Suspirei.

— Ela vai morrer depois de tudo o que acontecer. Não precisa se preocupar.

— Você será capaz de matá-la?

— Ela não será capaz de me matar — garanti. — Se matar um desconhecido foi uma dor para ela, me matar será impossível. Então, eu te garanto que serei eu a colocar uma bala no seu peito.

Cole sondou-me por instantes, até que suas íris se focalizaram em algo por trás dos meus ombros.

Virar a cabeça e perceber de que Gray me analisava, com a manta tapando o seu corpo magro, seus cachos volumosos fazendo-a parecer um anjo e os olhos tristes, a decepção beirando neles me atingiu.

Gelo foi injetado nas minhas veias, me fazendo ficar parado sem poder reagir.

Eu não poderia me mover. Não poderia mostrar que aquelas palavras eram fruto de algo maior. Eu teria que acreditar no que dizia. Emília teria que saber que era nisso que eu acreditava.

Ela caminhou e eu esperei que ela me batesse. Xingasse. Trouxesse o céu e a terra numa colisão de palavras cruéis, mas Emília somente passou, seguindo para fora do laboratório até o piso de cima.

Será que ela iria embora?

Meu sangue ferveu.

— Você sabe que não pode fugir.

— Eu não vou — respondeu. — Melhor fechar a porta do seu quarto porque agora que matei pela primeira vez, serei capaz de matar pela segunda e todas as vezes necessárias até você não existir mais.

Inalei fortemente, rindo da minha própria desgraça.

Eu precisava ser um líder, porra. O coração do garoto de quinze anos apaixonado pela primeira pessoa que o amou além das suas feridas não poderia bater naquele momento. Eu não poderia ter um coração funcionando.

Precisava viver da vingança, do ódio, do caos.

Cole tinha razão. Todos eles me olhavam como se eu fosse fraco e isso os enfraquecia também.

Matá-la não era opção, por enquanto, mas deixá-la criar raízes em mim também não. Emília vivendo era sinônimo do meu lado bom existir. E isso era uma impossibilidade para aquilo que tinha me comprometido.

Contudo, ninguém entendia que eu não estava a protegendo, e sim cuidando do que seria o nosso triunfo. Do que era o *meu* acordo. E ninguém poderia ousar interferir na minha guerra com Emília. Se ela morresse...

Meu pulso entrou num ritmo frenético.

Eu ainda iria vigiar Gray por vinte e quatro horas todos os dias, se fosse necessário. Ela poderia ser um alvo e eu poderia estar deixando algum intruso descobrir o meu esconderijo. Estava fora de questão.

E não veria mais sangue em seu rosto. Não poderia.

Mas não deixaria que ela mexesse com o meu sistema.

Eu teria que encontrar a porra de um equilíbrio.

— Você ainda está em dúvida sobre as minhas decisões? — perguntei a Cole, após Gray ter seguido em frente e eu ter a deixado ir. — Não vou deixá-la morrer até o nosso acordo terminar. É o que tínhamos combinado. Mas não vou deixar que ela seja o motivo da minha queda. A sua destruição é o meu renascimento. A sua raiva me alimenta. O seu ódio por mim deixa claro quem eu sou e quem sempre devo ser. Se, em algum momento, houver dúvidas em relação a isso, cada um de vocês poderá dar um tiro no meu peito.

Cole me encarou veemente, sem mostrar o abalo das minhas palavras.

— E se você morrer, nós a matamos. Sabe disso, não é?

— Sim, eu sei.

28

Emilia Gray

fidelio

Uma noite.

Uma noite foi o bastante para que eu me habituassem à ideia de já ter tirado uma vida.

Coloquei na cabeça que foi para a minha sobrevivência. Que era alguém que desejava o meu mal e teve o que mereceu. O carma soube jogar a meu favor.

Eu o matei com o meu instrumento. Com aquilo que eu estava disposta a voltar a tomar para mim. Era um sinal. Um aviso. Significava que eu lutava até ao fim por mim, e não teria que temer ninguém.

Então, por que diabos eu não saía daquela casa?

Escutar Dante jurar a Cole que me mataria era cruel. Dante sempre seria um traidor. Ele mentia, me manipulava. Ele me fazia acreditar em

coisas irreais. Ele me fazia acreditar que tinha um coração, quando era só uma pedra que batia naquele peito e escorria veneno em suas veias.

Dante acreditava que eu não seria capaz de matá-lo. Ele tinha implantado na sua mente que eu o amava. Que ainda sentia alguma coisa por ele.

Aquele filho da puta estava mais do que enganado.

Eu não teria piedade em cravar uma faca no seu tórax. Se fosse capaz, arrancaria aquele coração necrosado do seu peito. Eu o esmagaria. Eu o guardaria como um troféu para mim.

Matei uma vez.

Seria capaz de matar mais vezes até não sobrar nada de Dante Faulkner na Terra.

Mas por que, ainda assim, machucava?

— Às vezes me pergunto no que vocês pensaram nos últimos segundos das suas vidas? — indaguei, me encolhendo mais, examinando as duas lápides juntas. — Se foi em mim, se foi em como se arrependeram do que fizeram durante todos estes anos ou se estavam arrependidos de não terem sido capazes de matar Dante para que hoje ainda estivessem vivos? Vocês nunca pensaram nessa possibilidade de morrer tão cedo. Vocês ainda tinham planos. Eu lembro de falarem sobre quererem casar de novo e eu poder assistir. Vocês queriam continuar a viver, mas vocês matavam também. Por quê? Como vocês eram capazes de me amar tanto sendo que tinham uma parte tão cruel dentro de vocês? Como?

Qualquer dúvida que eu tivesse continuaria marcada pelo ponto de interrogação. Eles não seriam capazes de me dizer nada. Eu não seria capaz de entendê-los. Nunca.

— Amiga, sei que não pediu, mas comprei uma garrafa para você também.

Kayleen chegou, sentando-se ao meu lado. Ela odiava se sentar no chão, já que o seu lado higiênico falava mais alto, contudo não reclamou assim que repousei a minha bunda no solo.

Cullbert insistiu em vir comigo para o cemitério. Ela percebeu que havia algo de errado comigo, mas não fez muitas perguntas ao respeito, decidida a perseguir-me para onde eu fosse.

E ali estávamos nós.

Aceitei a garrafa, dando uma golada generosa no momento que o gargalo foi tomado pela minha boca. Não estava com sede, mas a ideia de beber água parecia afogar os meus pensamentos e deixar a mente mais vazia.

— Sabe, eu também sinto saudades deles. Principalmente da comida — Cullbert confidenciou, me fazendo rir.

— Imagino. Você gostava de ir para minha casa só para alimentar seu estômago.

— Pena que você não herdou nem o dinheiro nem as receitas — debochou e eu ri mais um pouco.

— Cadê a compaixão? — zombei.

— Para você, não há.

Seu sorriso era brincalhão. A queda da sua cabeça levemente contra o meu ombro foi a razão do pulo do meu músculo cardíaco. Pendi a minha cabeça também, tocando na sua. Sua mão entrelaçou na minha e perduramos por segundos que queria que fossem intermináveis.

— Você sente saudades dele?

A questão rompeu o clima.

A saliva que escorreu na minha garganta estava quente.

— Dependendo da resposta, você me mata, não é?

Kay tornou-se a endireitar, sem largar a minha mão.

— Apesar de ficar chateada quando soube que você era amiga dele sem ter me contado, eu nunca seria egoísta. Você sempre foi muito bondosa. Ama tudo e todos. A sua obsessão por ele era mais do que óbvia. Eu já deveria esperar que fosse se apaixonar por ele.

Meu nariz enrugou.

— Eu não amo tudo e todos.

— Você tenta ser como eu, Lia, mas não consegue. — Tornei a encrespar a testa quando Kayleen me analisava sorridente. — Seu coração bate por todos. Sempre ajudando a mim e a Penélope. Fazendo sacrifícios por quem você ama, vendo cor onde é preto e branco. Você encontra luz onde tudo é escuro. Você é altruísta, amiga. Sempre foi. À sua maneira, claro.

Não fazia sentido para mim.

Eu era bondosa quando era mais nova, mas desde o que Dante fez comigo, não havia nada sobrando de bom em meu sangue.

Se Kay soubesse como eu tinha retirado o último suspiro de alguém, nunca me diria tal coisa. Na verdade, ela me odiaria, assim como qualquer ser humano que se prestasse.

— Mas, ainda assim — Kay continuou. —, eu não acho que você pudesse ser amiga de alguém como ele. Dante sempre me passou uma sensação ruim. E o fato dele ter feito o que fez... Não sei, Lia. Ele poderia ser a pessoa mais cruel do mundo. Por que ele faria isso com a única pessoa que quis segurar a sua mão?

Não me defendi do chute em meu peito.

Aquilo era um corte que abria a cada dia que passava. Eram palavras em formato de lâmina que rasgavam a minha pele sem anestesia.

Doía.

Doía tanto que nem o maior sedativo seria capaz de me fazer esquecer a dor.

No entanto, por mais que fosse difícil de esquecer, era fácil de entender. Eu agora sabia todos os motivos de Dante. Eu agora conhecia todas as suas facetas e compreendia cada uma.

E já não era capaz de julgá-lo.

Porque, talvez, eu fizesse o mesmo.

Não o perdoava, mas não o condenava.

Não mais.

Eu tinha me tornado igual a ele. Não por ter matado alguém, mas por desejar matá-lo por vingança, assim como ele fazia o que fazia.

Estávamos remando sob o mesmo oceano e queríamos domar a mesma tempestade.

— Eu sinto saudades dele — pronunciei baixo, com medo de deixar o meu coração exposto mais do que deveria. — Ele era bom para mim.

— Lia...

— Você não tem ideia das coisas que ele foi capaz de me oferecer. Dante me aquecia como ninguém, Kay. Ele fazia o meu coração cantar.

Mas, nem sempre conhecemos a pessoa como realmente é. E eu fui burra. Não o culpo por isso. Os avisos estavam lá. Eu que não me importei.

Sua mão apertou mais a minha.

— Foi ele que assassinou os seus pais, Emília. Não o contrário.

— Sabe o que é pior? Eu nunca o odiei por ter matado os meus pais. Nunca o julguei verdadeiramente por isso. Eu o odeio por ter me matado naquela noite. Por ter traído a minha confiança. Nunca foi sobre ele ser um maldito assassino. Era por ele ter sido um maldito traidor. Era por ele ter me abandonado. Por ter feito o que fez e nem se prezar em me abraçar, limpar as minhas lágrimas e dito que ficaria tudo bem.

Meus soluços quebravam cada frase articulada. Procurava controlar as minhas lágrimas, porém era um rio de dor e sangue que não tinha como parar.

— Está dizendo que se ele tivesse ficado aqui com você...

— Eu o teria perdoado.

Minha traqueia ardia.

Era uma confissão que saía das trevas do meu sistema. Que vinha das profundezas da minha consciência.

Era a verdade.

A mais crua e triste verdade.

O meu ódio e nojo por Dante sempre seria por causa do abandono depois de autorizar que o meu coração fosse assinado pelo seu nome.

Meus anjos tinham amado todos os seus demônios, e eles tinham me arrastado para um Inferno que nunca tinha sido prometido para mim.

— Oh, Lia...

Kayleen abraçou-me, embora nenhuma das minhas lágrimas saíssem. Meu coração chorava e chorava, criando um lago nos meus pulmões e impedindo que o ar tomasse conta de mim.

Era assim que me sentia toda vez que pensava na intensidade do que Dante era para mim.

Ele era o caminho para o lugar mais obscuro da minha alma.

A vibração de um dispositivo tirou-nos no transe. Cullbert xingou ao pegar no celular.

— Merda. É um alarme para o meu treino.

Endireitei-me, pronta para pegar na minha mochila e levantar.

— Também preciso ir para casa estudar.

— Você quer carona? Estou com o carro dos meus pais. Não me importo em fazer um caminho maior para te levar em casa.

Neguei de imediato.

— Não precisa. Eu ainda preciso fazer algumas compras.

— Ok. — Levantamo-nos, rumando para a saída do cemitério. — Você sabe que eu sempre estarei aqui pra você, não é?

— Eu sei, Kayleen.

— É sério, Lia. Eu preciso que você sinta isso — reforçou, fazendo-nos parar no meio do caminho. — Você faz parte de mim. Se algo te machuca, também me machuca. Se algo te faz feliz, também me deixa a mulher mais sorridente do mundo.

— Você não sorri, Cullbert. Que mentira.

Ela sorriu.

— É verdade. Mas, ainda assim, você sabe que não há nada nesse mundo que eu não faria por você.

— Há muita coisa nesse mundo que você não faria por mim.

Kayleen socou o meu ombro.

— Você pode parar de interromper o meu discurso? Estou treinando ele desde... sempre?

Dei uma gargalhada alta e abracei a minha amiga, plantando um beijo em sua bochecha.

— Você não precisa dizer nada. Eu sinto. É mais do que o suficiente.

Ela rolou os olhos e eu a apertei mais um pouco.

— Você é o meu primeiro amor, sabia disso?

— Sabia. — Minha boca se curvou. — E você é o único amor verdadeiro que tive na minha vida, sabia disso?

— Preferia ser o primeiro, mas tudo bem — provocou. — Somos almas gêmeas. As nossas partes se completam e isso é perfeito.

Deus.

Como eu a amava.

— Eu amo você, Kay.

— E eu amo você, Lia.

E o seu abraço apertado foi uma cura para todas as minhas dores.



Eu estava sozinha e comendo tudo o que tinha no armário.

Encontrei um bolo feito. Era caseiro. Quem quer que tivesse feito, tinha sido excelente e eu devorei metade dele sem dó.

Era a minha forma de protesto contra aquela casa. Eles ficariam sem se alimentar.

Também tinha ponderado em roubar o cartão de crédito de Dante. Não sabia onde exatamente iria achar, porém assim que tivesse em meus olhos, seria evaporado.

Vasculhei os cantos da casa. Cada quarto. O de Jaxon era muito desarrumado. Tive que fechar os olhos para não notar as cuecas espalhadas e a caixa de lenços nada desejável na cabeceira. Porém os diversos computadores em seu espaço, com mais uma dose de papéis empilhados de física e química demonstravam como ele tinha uma inteligência superior.

Vance era uma versão muito mais sombria e simplória de Dante. Tinha inúmeros livros sobre xadrez e vários outros jogos mentais.

Já o quarto de Dante parecia uma galeria. Algumas estátuas ainda me assombravam e aquela estante com os livros de Shakespeare me encantavam. Eu tinha dado aquilo a ele. O amor que agora Dante tinha pelo escritor.

Roubei um dos livros, sem me importar que ele fosse reparar. E, por pura sorte, encontrei o cartão de crédito numa das gavetas da sua cabeceira.

Guardei o livro no meu quarto, decidida a mais tarde ler. Depois de comer, calcei novamente os meus sapatos para dar o fora.

— Onde você vai?

Sobressaltei-me.

Como uma criança pensando em tramar algo, girei lentamente repensando no que poderia falar. Contudo, não encolhi os ombros nem

abaixei a cabeça.

Meu tronco estava erguido assim como a minha alma. Dante não teria mais nenhum momento vulnerável da minha parte.

— Fiz uma pergunta, Gray. Responda — ordenou, caminhando com toda a soberania.

Apesar dos meus pés começarem a criar raízes no solo, eu não cedi. Também fui diminuindo a distância, as linhas do meu rosto desenhadas de maneira que ele entendesse que ele não teria nada de mim além do que eu quisesse dar.

— Você não é meu dono, Faulkner.

— Acho que certas partes do seu corpo não estão sabendo disso.

Seu deboche veio com uma risada fria.

Não avancei mais.

Um certo medo fez minhas pernas estremecerem.

— Tudo o que vem de você não é crível! A sua palavra não vale nada — grunhi, apertando minhas mãos.

Seu sorriso cruel não se desfez.

— Está puta pelo que aconteceu ontem?

— Ser traída por você já é um costume, mas ontem só foi um lembrete de que o meu nojo por você nunca irá morrer.

Uma veia ressaltou em sua testa.

Suas feições foram delineadas a sangue. Claramente a raiva das minhas palavras reagiram mal em seu organismo.

O seu próximo passo gelou os meus músculos.

Eu não me movi quando Dante continuou me encarando, reduzindo os metros entre nós.

Depois centímetros.

Agora milímetros.

Reclinei a cabeça, o meu queixo apontando para o topo, encarando-o com o rosto tão fechado quanto o dele.

Soltávamos fogos pelos olhos, queimando o nosso espaço com o que os nossos corações bombeavam.

— Se você sabe que eu posso te trair a qualquer momento, por que não vai embora?

— Porque, assim como você, também posso te trair quando menos esperar.

Eu despertei nele.

Seus dedos silenciosamente tomaram o meu pescoço, a mão em seu bolso e a tranquilidade com que a outra domava o meu corpo deixava minha alma faminta.

Eu estava faminta.

Que diabos?

Não cortamos o contacto visual. Deixei que ele cavasse o mais fundo até encontrar o caos que ele tinha gerado em mim.

Nossas respirações estavam na mesma sintonia, completamente fora de si e sem qualquer ritmo. Eu me alimentava do mesmo ar que o filho da mãe.

— Parece que alguém decidiu me desafiar.

Seus olhos deixaram os meus, descendo para outros cantos do meu rosto. Para outros cantos do meu corpo.

Ele não estava fingindo.

Ele não estava se escondendo.

Seus dedos se moveram preguiçosamente no meu pescoço. Meu ar faltava e voltava com a pressão que era exercida em doses e pausas.

— Não estou te desafiando, Dante. Estou te ameaçando.

— Como se você pudesse fazer algo. Não há nada que possa fazer contra mim. Nunca conseguiu. Nem quando você era mais nova.

Soltei uma risada felina.

— Eu era uma criança ridícula e ingênua que acreditava em bons corações. E eu achei que você teria um, Dante Faulkner.

— Foi preciso matar os seus pais para saber disso? Quem mais eu terei que tirar da sua vida para você saber o seu lugar?

As úlceras que abriam dentro mim não tinham como sarar.

O quanto ele achava engraçado ter feito o que fez e não se importar em como me sentia em relação aquilo era o tiro que eu precisava para morrer e renascer de novo.

Fechei os meus punhos. Ele olhou ligeiramente para baixo.

— Quer me bater? Eu deixo. Gosto de você quando se comporta como uma safada atrevida. *Selvagem*.

Seu hálito estava quente demais.

— Eu. Odeio. Você.

Seus dedos paralisaram na minha garganta.

— Repita.

— Eu tenho nojo de você, Dante.

Fui colocada na parede, no mesmo instante. A sua perna separou as minhas, entrosando a coxa no meio. Minha coluna vibrou. Um ar quente destruiu a minha costela.

Arqueei, raspando a unha na parede.

Tentei não desviar nossos olhares, mostrando que não iria ceder por nada. Porém, Dante não estava preocupado com aquela batalha. Seu foco partiu para a minha orelha, mordiscando-a de maneira que eu gemesse levemente de dor. Ele desceu até ao meu pescoço, chupando-o e claramente deixando uma marca.

Mordi o meu lábio, na tentativa de ele não perceber o quanto os meus mamilos estavam intumescidos, uma sede inimaginável fazia minha calcinha molhar. Minha boceta pulsava. Ela queria. Ela sentia.

Deus.

Eu o odiava.

E quando sua mão alcançou o meio das minhas pernas, minha boca tremeu, soltando um gemido denso.

Pude escutar um sorriso sedento crescer em seus lábios.

— Agora repita o que você disse.

Sua boca roçou a minha lentamente, roubando todo o ar que eu ainda esperava ter. Meus gemidos eram engolidos por ele a cada passagem da sua mão que desejava estar dentro de mim.

— Fale de novo. Diga o que sente. Você me odeia? — soprou. — Fale enquanto está gemendo para mim, querida.

Não fui capaz.

Nada além de uma dor prazerosa enchia o meu corpo.

Eu não poderia querê-lo.

Eu não poderia deixar que ele me tivesse.

Mas, mais um minuto, e eu me entregaria.

— Já falei pra você: não minta para mim. Você não consegue —
rumorejou, voltando a encarar a minha boca.

Ela ainda continuava entreaberta, suplicando por ar. Suplicando por uma gota dele. Mas eu não diria. Nunca falaria como sempre quis um pedaço de Dante para mim. Como eu o desejava em escalas abismais.

Faulkner parecia estar entregue ao mesmo confronto. Mirando minha boca sem saber ao certo se a fecharia. Se a tomaria para si.

— Eu ainda vou comer você viva, Emília.

Seus olhos não deixaram a minha boca.

— Se atreva.

A resposta o despertou.

Nós dois nos encaramos o suficiente para que galáxias nascessem e explodissem.

No entanto, o som da porta de cima sendo aberta impediu qualquer atrocidade de acontecer.

Dante me libertou, a raiva que nunca deixou seu rosto agora tinha mais força.

Eu procurei me endireitar. Eu estava uma bagunça. Um completo desastre, mesmo que nem tivéssemos realmente feito algo.

Asher desceu com Jaxon e Cole. Mais uma vez, nenhum sinal de Vance.

— Quem diria... — Asher pronunciou, sendo o filho da puta patético.

— Cala a boca, Hawthorn — Dante rosnou.

— Nem falei nada. — Asher desceu o último degrau. — Ia perguntar apenas pela arma, mas já entendi.

— Que arma? — Cole inocentemente questionou.

— A que está entre as pernas do Dante. É uma terceira perna. Emília, você fez crescer uma metralhadora nele.

Jaxon foi o único tentado a rir.

Vermelho seria pouco para como as minhas bochechas ficaram.

Um tiro ecoou e o susto que levei foi espontâneo.

— Não se atreva, Asher — Dante o ameaçou.

Asher gargalhou e levantou os braços, andando triunfantemente pelo corredor.

— Prefiro fingir que não ouvi sobre o pau de Dante — Cole anunciou.

Asher sorriu.

— Até parece que nunca vimos. Eu ensinei vocês a medirem quando eram mais novos.

Oh.

Mais um tiro e uma risada alta de Hawthorn.

— Não me lembre dessa merda — Jaxon disse envergonhado. — Tenho pesadelos com o de Vance. Ele não sabia o que era uma tesoura.

— Ai, meu Deus. Não quero ouvir isso — declarei.

— Ah, Emília. Qual é? — Asher gargalhou. — Até parece que não tem conhecimento nessa área. Já dizia Protágoras, o homem é a medida de todas as coisas.

Dante odiou escutar aquele comentário. Pude ver o seu rosto acidificar.

— Finalmente você acerta a frase — Jaxon parabeniza.

— Eu sempre digo o certo. Vocês que não sabem — Asher brincou.

Deus. O que eu estava fazendo?

Dante não estava no clima. Ele avançou para a cozinha, levando toda a sua ira consigo.

Merda, eu também queria ir beber um copo de água.

Rachel veio disparada, juntamente com Vance. A cadela foi até Van Doren que a levantou.

— Ela me ama muito — ele comentou, recebendo lambidas do animal.

— Que nada! — Asher rangeu. — Rachel me falou que eu sou o amor da sua vida.

— Para de ser convencido! — Fish verbalizou, quando entrei na cozinha.

— Realista. É um sinônimo mais adequado. Não é, Rachel? Fala o quanto eu sou especial — ele cochichou perto dela, no entanto Cole a afastou.

— Sai de perto. É a minha vez de cuidar.

— Que nada. Ontem era o seu dia de dar banho nela. Você não quis. Hoje sou eu — Jaxon contrariou.

Não poderia crer que estavam discutindo por causa daquela cadela.

Onde eu estava?

— Hum. Rachel, o que foi? — Dante, ao meu lado, também pegava num copo e ao que parecia, a cadela tentava escalar na sua perna. Ele se agachou, ficando na estatura do seu animal e ela levantou suas patas, o batendo de leve. — Quer brincar?

— Não acredito que ela está me traindo com o capitão — Jaxon pronunciou desanimado.

— Entre você e ele, preferia o celibato — Cole zombou.

Observei como Faulkner acariciava-a e pediu uma bola a Vance que havia sentado na mesa com uma faca e o bolo.

— Você fez, Dante? — Van pareceu perguntar pelo amigo.

Dante deu de ombros.

— Asher pediu.

— Cara, você me ama. — Hawthorn levantou-se para pegar uma fatia assim como o resto.

Ainda me lembrava como Faulkner tinha feito questão de preparar um para o meu aniversário há quatro anos. Como tinha sido um ato romântico, do seu jeitinho.

Era uma dor nostálgica impossível de não sofrer por ela.

— Está tudo bem, Gray? — Jaxon me perguntou, ao se aproximar. — Depois do que aconteceu, não tive tempo de falar com você.

— Tudo bem. Eu estou bem — anunciei.

— Você nunca vai estar bem aqui. Não precisa mentir.

Ele tinha razão.

Eu iria acabar me matando naquela casa, principalmente pelo caos que aqueles cinco eram.

29

Emília Gray

danse macabre

O meu celular vibrou no meio da aula.

Precisei fingir que não era o meu porque o professor odiava que o interrompessem o seu discurso sobre ética na Medicina. Tínhamos leis e regulamentos para serem decorados, e admitia que tinha desistido na segunda frase transcrita.

A faculdade falava tanto de ética que esquecia que os médicos, com o passar dos anos, eram corrompidos por dinheiro e prestígio. Ou, então, o seu ser era moldado de crueldade como os dos meus pais. Usufruindo da profissão de forma desonesta. Sem caráter.

Tirei o celular da mala discretamente e posicionei-o debaixo da mesa, de maneira que pudesse decair o olhar sobre ele sem muito teatro.

Era uma mensagem de um número desconhecido, no entanto, o seu conteúdo impulsionou-me uma erguida de sobrancelha.

Desconhecido: Onde você está?

Eu: Dante?

Dante: Quem mais seria?

Eu: Existem 8 bilhões de pessoas. Poderia ser qualquer uma delas.

Dante: Que eu saiba, eu não me multipliquei por 8 bilhões.

Eu: Você não é a única pessoa nesse planeta, seu babaca.

Dante: Mas sou a única pessoa que você deveria ter o contacto no celular.

Inspirei fundo, franzindo o cenho. Dei uma vistória na sala de aula e o professor continuava tagarelando a matéria.

Tornei a olhar para o dispositivo.

Eu: Está falando por um dos meninos? Está aqui na faculdade?

Dante. Não.

Eu: Você comprou um celular?

Dante: Sim.

Eu: Mas você não gosta de tecnologias.

Dante: Sim.

As suas frases curtas irritavam-me.

Eu: Então...? O que fez o senhor mudar de ideia?

Dante: Nada. Apenas preciso para controlar a sua bunda.

Preparava-me para digitar até que outra resposta veio.

Dante: Me chame de senhor novamente e eu faço você gritar Deus mais vezes do que uma freira.

De imediato, corei.

Preferi ignorar. Ele não poderia saber o que tinha causado.

Eu: Senhor, celulares não controlam bunda alguma. Apenas te ajudam a se comunicar.

Dante: Emília.

Até a mania de dizer o meu nome como aviso ele escrevia. *Babaca.*

Eu: Você comprou um celular apenas para me perseguir?

Dante: Ao que parece, não um bom celular porque não consigo ver nada do que você está fazendo.

Vinquei minha boca para não explodir na sala.

Eu: Você parece um idoso. O seu celular não controla o meu celular. Não é assim que funciona.

Dante: Mas eu pedi que funcionasse assim.

Eu: Na loja?

Dante: Onde mais?

Ele só poderia estar zoando com a minha cara.

Peguei na minha caneta e transcrever o que estava no quadro para eliminar os vestígios de raiva que sugavam minha sanidade sempre que conversava com Dante.

Eu: Bom, devem ter acionado a polícia porque claramente acharam que você é um namorado abusivo.

Dante: Melhor do que pensarem que sou um assassino, não acha?



Meus olhos esbugalharam.

Dante acabou de usar emojis?

Eu: Você está rindo?

Dante: Não.

Eu: Então, porque está usando um emoji de risada? Não use. Não combina com você.

Dante: Vi no Youtube. Falam que ajuda na conversa.

Pressionei a mão na boca. Deus, meu estômago estava doendo.

Eu: Você viu um tutorial sobre como usar um celular?

Dante: Plural.

Eu: Hã?

Dante: Vi mais do que um tutorial para conversar com você, certamente.

Eu: HAHHAHAHAHAHAHA

Dante: Você não é um animal. Escreva.

Eu: É uma risada, meu Deus! Não estava nos tutoriais?

Dante: Não cheguei na parte dos códigos de comunicação.

Eu: Códigos de comunicação?

AHAHAHAHAHHAHAHAHAHAH

Minhas bochechas estavam inflando. Meu ventre iria explodir a qualquer momento.

Desliguei o celular, me concentrando na matéria. Apesar de odiar, eu tinha prova dali a alguns dias e se falhasse, teria que tentar uma segunda vez. Todos sabiam que em qualquer faculdade, a segunda prova era pior.

No entanto, a cada segundo, o meu bolso vibrava. Tentei ignorar, contudo, fui obrigada a pegar nele novamente e desligar o som. Na tela, várias mensagens pipocavam com um único nome.

Dante: Emília.

Dante: Onde você está?

Dante: Me responda.

Dante: Você está falando com outra pessoa?

Dante: Emília, se eu descobrir que está falando com outra pessoa, vou enviar os dedos dela como seu presente de aniversário.

Aquele homem era doente, não havia qualquer explicação.

Eu: Só faço anos daqui a meses. Esqueceu?

Dante: Considere um presente adiantado.

Eu: Estou na aula, cretino.

Dante: E?

*Eu: ESTOU NA AULA, DANTE! PRECISO
ESTUDAR! APRENDER!*

*Dante: Não estou vendo o motivo para não me
responder.*

*Eu: Por que eu preciso me concentrar e é
proibido mexer no celular durante as aulas.*

Dante: Você está mexendo.

Eu: Mas não deveria.

Chacoalhei a cabeça impaciente. Apenas nesses poucos segundos, mais quatro mensagens reapareceram no celular.

*Dante: Não quero saber o que não deveria
fazer. Faça se eu mando.*

Dante: Emília. Me responda.

Dante: Quem está nessa sua aula?

Dante: Venha para casa agora.

Eu: Não.

Dante: Não nunca é uma resposta entre nós.

*Eu: É sempre uma resposta quando você fala.
Por que eu não posso usar???*

Dante: Venha para casa. Estou mandando.

Eu: E eu não quero obedecer :P

Esperei uma resposta. Sabia que estaria provocando Dante, mas ele era como um homem das cavernas. Achava que, por causa do acordo e da minha vida bailar em suas mãos que tinha qualquer posse sobre mim. Ele estava tão enganado.

No entanto, a tela piscou e tudo o que vi da sua mensagem foi um simples:

Dante: ?

Não soube ao certo o que responder porque, entretanto, o professor estava concentrado em mim e claramente percebendo que não estava prestando atenção.

Guardei o celular, sabendo que lidara com a consequência de não respondê-lo, mais tarde. Mas rebobinar a conversa na minha cabeça me fazia querer engasgar de rir.

Aquele idiota tinha comprado um celular e assistido tutoriais para saber conversar comigo. Era engraçado ver um criminoso homicida que não tinha pudor em matar usar emojis de risada.

No entanto, este tipo de sentimento me deixava confusa. Dante era o meu oponente. Ele era o motivo para o desastre da minha vida e a razão pela qual eu estava queimando de sede para cometer um crime também. Para conseguir terminar com a sua vida. Então, como poderia deixar que ele continuasse criando raízes dentro de mim.

Se eu cometesse o mesmo erro que cometi há quatro anos, seria o meu fim. Não haveria qualquer vestígio do meu coração e ele não poderia bater novamente.

Meus pulmões inalaram cimento, pesando em cada um dos compartimentos.

Eu não poderia voltar a ser uma idiota.

O barulho da sirene rompeu com a atmosfera e gerou suspiros assustados e confusos das pessoas que estavam na sala.

Elas se encararam desorientadas.

— Acalmem-se! — clamou o professor. — Deve ser algum teste.

No entanto, a sirene não parou e com ela, segundos depois, alguns gritos e passos velozes fizeram-nos levantar e pegar as nossas coisas. Já era tarde para pedir ordem quando foi aberta a porta e uma nuvem cinza deturpou a nossa visão.

Era fogo.

O nosso edifício estava incendiando.

Não sabia ao certo de onde vinha o fogo, mas o fumo denso estava perto. A minha traqueia queimava e precisei tossir severamente para não obstruir os meus pulmões. A asma iria me atacar se permanecesse por ali, no entanto, não sabia muito bem para onde caminhar.

Meu peito estava sendo hospedado pelo que não deveria.

O pânico e a corrida violenta, empurrões e pontapés dos alunos me deixavam para trás. Eu não via e muito menos respirava.

Tentei me apoiar na parede, programando o meu cérebro a uma rota que me levasse para fora, contudo não estava sendo o suficiente. Meu raciocínio encontrava-se nublado.

Deus.

Odiava que a minha necessidade de oxigênio me deixasse sem controle de mim mesma, às vezes. Era como se eu estivesse morrendo a cada inalada. Como se a doença fosse dedos invisíveis que quebrassem a minha garganta pouco a pouco para não deixar qualquer mínimo ar chegar até os meus brônquios.

Começava com uma hiperventilação agressiva. Os soluços aumentavam de volume. Eu não me escutava além da minha boca pedindo por ar. Por ajuda. Por vida.

Não sentia mais nenhuma grama do meu corpo além dos meus pulmões desinflarem, meu peito rompendo em rajadas fortes, cavalgando no meu organismo, implorando para o sangue conduzir o pouco de oxigênio que ainda restava. Mas estava acabando.

Não estava restando mais nada.

E eu estava morrendo pouco a pouco.

Até que os meus olhos cansaram.

Minhas pálpebras pesaram e tudo que vi era a escuridão me pegando no colo, e me levando com ela.



Dentro da minha cabeça, havia uma batalha.

Todo o meu sangue irrigava o crânio e esquentava até ser o suficiente para derretê-lo. Era uma dor absurda a ponto de não me deixar abrir os olhos sem esmagá-los infinitas vezes.

Estremeci os dentes, mordendo o lábio inferior e rolando os meus dedos em algum objeto macio que eu parecia estar sentada.

Eu estava em movimento.

Por alguma razão, eu estava sendo movimentada.

Conduzida.

Eu estava em algum carro?

Tentei abrir os meus olhos, piscando e balançando a cabeça. Meu corpo doía, principalmente o meu peito. Precisei expirar e inspirar calmamente porque qualquer ação brusca machucava os meus pulmões.

Foram segundos intermináveis até me endireitar e sentir que tinha a bunda num banco e alguém respirando confortavelmente.

— Como foram as aulas? Aprendeu muito?

Minha testa enrugou. Vistoriei os cantos.

Estava no seu carro, na estrada.

— Que merda? — guinchei, esfregando o meu rosto. — Para onde estamos indo?

— Casa.

— Mas a faculdade... Olympus estava pegando fogo. — Forçar as memórias fazia com que o meu cérebro doesse.

— Foi só o seu edifício.

Pisquei.

E tornei a piscar.

Semicerrei o olhar pensativa, colocando as peças do quebra-cabeça para funcionar.

— Você incendiou a porra do edifício de saúde? — indaguei.

O observei dar de ombros, ainda tranquilo conduzindo o seu novo carro.

— Estavam atrapalhando os meus planos.

— Que planos?

— Você.

Seu rosto sério e o tom gutural daquela palavra singular fez o meu coração espremer. Em poucos instantes, a raiva causou danos nas minhas veias e pareceu que cada uma delas arrebentou as maçãs do meu semblante.

— Dante, pelo amor de Deus! Eu poderia ter morrido! — vociferei, transtornada com a sua confissão sem qualquer vestígio de remorso.

— Você não iria morrer — ele rosnou.

— Mas outras pessoas sim! Meu Deus, não me diga que...

— Ninguém morreu. — Sua voz revestida de cólera arrepiou a minha pele. Dante falava como se tivesse sido um azar não haver qualquer vítima. — Elas estavam tomando seu tempo.

— Que tempo?!

— Você não estava me respondendo.

Minha boca aberta, sem qualquer vogal que pudesse ser pronunciada explicava a reação vazia. Eu expressava tudo o que sentia sem conseguir articular.

— Você incendiou a porra da minha universidade porque eu não estava respondendo às suas mensagens?

Seu maxilar endureceu.

— Durma. Você está falando demais — resmungou, ainda concentrado na estrada.

O sangue ferveu no meu sistema.

— Como assim falando demais? Dante, você não pode resolver as coisas assim.

— Mas eu resolvi, por isso não quero aulas de como eu devo fazer o que quero — grunhiu, virando para a estrada de pedras no meio da floresta. Estávamos chegando em casa.

— Às vezes, você se comporta como se fosse um deus.

— E você como uma criança mimada.

— Eu? — berrei, indignada. — Foi você que comprou um celular achando que assim poderia seguir os meus rastros.

Ouvi o estalo da sua boca logo após parar o carro no meio do caminho

Saí violentamente e Dante foi atrás. Ele não tinha qualquer noção de como se comportar como um ser humano normal.

— Volte.

— Não — ralhei, seguindo o trajeto que eu já sabia de cor.

— Emília.

— Não vou! Você não manda em mim.

— Emília Gray. Entre. No. Carro. Agora.

Virei-me, fechando minha mão.

— Por favor. — Seu olhar estreitou. — Diga por favor.

Ele suspirou assim que mostrei um sorriso cheio de dentes. Faulkner tinha uma dificuldade, como se fosse uma doença em sua mente, de não saber agir com palavras carinhosas.

— Emília.

Meu nome foi repetido por ele mais vezes do que alguma vez já escutei.

— Diga, e eu vou.

— Se você não fizer questão de em três segundos ter essa sua bunda gostosa no banco do meu carro, sem abrir essa boca teimosa para me irritar, eu faço com que o seu corpo saiba o que é dor nos lugares certos. — Meu corpo tensionou. — Você não está me deixando puto, acredite, Gray. Você está me deixando duro e não é algo que você esteja pedindo para ver, pois não?

Balancei a cabeça, sem saber o que dizer.

Seus dedos entremearam no couro cabeludo, cansado e tenso.

— Entre. Agora. *Por favor.*

E, em menos de três segundos, eu estava sentada naquele carro novamente.

Dante entrou logo depois, inalando fundo e demonstrando como no seu corpo, tudo era mecanizado caoticamente. Não havia nada que estivesse mecanizando de forma correta.

— O que você quer que eu faça?

Arregalei os olhos, desorientada.

— Como assim?

Ele pressionou os seus dedos no volante, pensativo.

— O que você quer que eu faça para compensar o incêndio? — Meu silêncio estava deixando-o nervoso. — Fale alguma coisa, Gray.

— Você está arrependido?

— Claro que não — rosnou. — Mas você está puta e eu não estou com paciência para lidar com isso.

— Você nunca está arrependido do que faz, já notou isso?

— Sim.

Estalei a língua com a sua casualidade. Era um caso complexo demais para eu ter um cérebro funcionando para ajudá-lo.

— Nós vamos conversar como dois civis quando você souber agir como uma pessoa normal. Ter uma relação básica. Saber usar palavras ao invés de caçar uma arma ou tentar matar alunos e professores apenas porque alguém não estava respondendo as suas mensagens — relatei.

Sua feição desenhava pensamentos. Dante estava cogitando algumas coisas. Os seus dedos dançavam pelo volante, criando um ritmo metódico e insuportável. Mas eu deixei que ele refletisse e chegasse a uma conclusão do que quer que fosse.

— Está bom.

Minha testa enrugou.

— Está bom?

— Foi o que eu disse.

Dante não titubeou, colocando novamente o carro para funcionar e seguindo em frente até em casa.

Estava confusa e curiosa para saber o que se passava naquela cabeça.

Não o entendia. E cada vez que forçasse algum entendimento, piorava a situação.

— Me responda sempre que eu te mandar mensagens — pediu. Antes que eu fosse contrariar a sua exigência ele continuou: — Preciso saber que ainda está viva.

O meu cérebro deu um clique.

— Era só você dizer que era para minha proteção. Teria sido mais fácil.

Dante me escrutinou intensamente.

— Não é para a sua proteção. Só não quero limpar o seu cadáver. Mais um Gray na lista pode parecer uma obsessão.

Balancei a cabeça, revirando os olhos.

Quando o carro parou e ele retirou o seu cinto, a sua voz ecoou de novo.

— Depois, quando terminar de gastar o meu dinheiro, me devolva o cartão de crédito.

— Espero ter acabado com ele — respondi passiva, procurando não hesitar.

Ele se virou para mim.

— Você gastou 100 mil dólares em um leilão online de uma composição de violino de Bach, produtos de cabelo, pentes de diversos tamanhos, acessórios e doces — Dante enumerou.

Sorri.

— E mais três mil para comprar comida e brinquedos para Shakespeare.

— Gastou só isso? Esperava mais de você.

— Quanto dinheiro você tem na sua conta? — questionei curiosa.

— O suficiente para não precisar de nenhum outro homem além de mim.

Foi a vez de um vislumbre de um sorriso transparecer em sua boca.

Meu estômago se revoltou, assim que ele tornou a jornada até a porta de casa. Me acheguei, com o coração cavalgando dentro de mim.

— A senha do seu cartão era a minha data de nascimento.

Ele abriu a porta.

— Eu sei. Eu te disse.

— Por quê?

— Porque o quê?

A indiferença em sua voz me deixava furiosa.

— Por que diabos a sua senha é o meu aniversário?

Ele xingou baixinho.

— Você pergunta demais.

— Eu? Você que faz coisas sem sentido e me deixa confusa — confidenciei, mais do que queria.

Dante examinou-me e o desvio da minha olhada foi uma pista certa.

— Olhe para mim, Gray.

Teimosamente, levantei a cabeça. Seus dois orbes sombrios me mapeavam. Eles imploravam por algo.

— Você é fácil de lembrar — continuou. — Acho que o meu cérebro funciona melhor quando pensa em você.

Meu peito apertou. Algo estranho em mim reagiu fortemente, levando a que meus órgãos se desintegrassem. Que eu me fragmentasse.

Eu tremi.

Enfiei minhas mãos nos bolsos, nervosa.

Dante estava me deixando nervosa.

— Isso não faz sentido — declarei.

— Todas as minhas células respiram você. Na minha mente, isso não seria diferente.

Meu músculo cardíaco falhou por milésimos.

Quando me dei conta, Dante tinha aberto a porta e descido para casa.

Meus pés continuavam congelados na grama. Eu ainda tinha rastros do fumo do incêndio em meus pulmões, me impedindo de respirar corretamente. Ou era Dante que roubava o meu oxigênio e me matava pouco a pouco?

Precisei varrer para longe as pequenas raízes que estavam se formando. Eu não poderia regá-las. Não poderia dar espaço para que crescessem.

Entrei naquela casa, com a consciência bagunçada.

Direcionei-me para a cozinha para beber um copo de água. A sede estava me deixando louca.

Assim que cheguei, Asher e Jaxon estavam deitados no sofá. Hawthorn foi o primeiro a levantar a cabeça e me vistoriar.

— Você não morreu?

Levantei a sobrancelha.

— Por que eu morreria?

— Não teve um incêndio no seu edifício? Achei que Dante finalmente iria matar você.

Minha boca se franziu.

— Vocês esperavam que isso acontecesse?

— Francamente, não. Gosto do caos que você causa.

Seu sorriso foi extremamente sincero e diabólico.

— Cala a boca, Asher — Jaxon grunhiu para o amigo. — Vem ver Friends conosco, Emília. Campbell e Van Doren devem estar chegando.

Peguei num dos copos do armário e o enchi pela torneira.

— Eu ainda não consigo levar a sério que vocês gostam dessa série.

— Cara, nós somos cultos. Vivemos pelo entretenimento também. Ou você acha que o nosso hobby é matar? — Asher indagou.

— Sim, eu acho.

Pela sua expressão estoíca, ele odiou minha resposta.

— Você é má, Emília.

Cole adentrou na sala. Ele nem fez questão de me cumprimentar. Seu foco foi diretamente no meio de Fish e Hawthorn, pegando no controle e pouco se importando se eles tinham terminado o filme que assistiam.

— Em que episódio ficamos? — Van Doren perguntou, como se estivesse puto com alguma coisa. Mas era cômico que estava estressado questionando sobre um seriado de comédia.

— Vocês assistem todos os dias? — perguntei, me aproximando do sofá, após contornar a ilha.

— Todas as quintas — Jaxon respondeu. — É uma tradição que temos.

— Oh... — Inclinei-me contra o sofá. — Dante também assiste?

— Por que eu não assistiria?

Sua voz rompeu a sala. Ele estava sem a t-shirt, como sempre, as suas calças caídas o bastante para mostrar a finalização do abdômen com a sua tatuagem de espinhos para adicionar charme. Rachel veio atrás de dele, ansiosa por algo. Assim que o vi pegar na sua ração, entendi o motivo do balanço do seu rabo.

— Não parece ser a sua praia. Você nunca ri.

— Ah, é?

— Você apenas sorri quando está matando ou fazendo da minha vida um inferno. Mas gargalhar não é algo que você faça.

— Isso te incomoda?

— Claro que não.

Houve uma pausa.

— Já a sua risada sim.

— Achei que os meus gritos te incomodassem — provoqueei.

— Alguns, sim. Mas sei que, um dia, serão mais agradáveis dependendo da força que estarei metendo em você.

E eu ouvi uma mínima gargalhada saindo dele.

Filho da mãe.

Dante estava concentrado em colocar a comida para Rachel. Ela veio até mim, querendo subir pelas minhas pernas.

Não gostava muito da atenção que a cadela me dava, porém era uma missão impossível fazê-la desgrudar de mim.

— Ela gosta de você — Jaxon murmurou. — Rachel foi feita pra matar, mas ela nunca teve essa intenção com você.

— Eu não gosto dela — respondi ácida, encarando-a. — Não gosto de animais. Apenas de Shakespeare.

— O seu porquinho da índia? — Assenti e ele sorriu. — Você vai acabar gostando de Rachel. Ela é mais dócil que um porquinho.

— Duvido.

— Podem parar de trocar segredos? Consigo ouvir a porra toda.

O timbre raivoso de Dante fez com que Rachel se afastasse de mim e corresse até ao dono.

Ele me encarou de forma quente, me deixando ligeiramente bamba até que suas mãos deitaram sobre as costas de Rachel e acariciaram-na. A cadela deitou-se ao lado dele até estar satisfeita com as carícias e começar a comer.

— Poxa, onde está Campbell? — Cole questionou irritado, mexendo no celular. — Por que diabos ele não chega? Tenho mais o que fazer.

— Vocês são tipo uma gangue — comentei, extremamente confusa com toda aquela situação tão cotidiana.

Eles pareciam normais.

— Não. Somos as *Fifth Harmony* — Asher zombou — Ficamos em hiato, mas estamos de volta.

— Elas deixaram de ser cinco. Agora são quatro — corrigi.

— Droga — xingou. — Cole, se mata. Precisamos ser apenas quatro.

Um praguejo violento de Van Doren foi o suficiente para Asher sorrir que nem um palhaço. Ele amava irritar os seus companheiros e era

viciante ver como ele conseguia ser bem sucedido.

— Enquanto Vance não vem, querem começar a assistir? Acho que ele não se importa — Jaxon sugeriu e os caras pareceram concordar. — Senta, Gray. Eu arranjo um espaço para você.

— Ela não vai sentar ao seu lado — Dante rosnou, me pegando pela cintura e puxando-me para a poltrona do lado esquerdo.

A vergonha de gostar do seu toque cantarolou em meu ouvido.

— Você parece um cachorro mijando — Asher brincou e Faulkner somente o encarou.

Ele se calou no mesmo instante.

Sentei-me ao seu lado. O seu braço se sustentou nas costas da poltrona e as suas pernas relaxaram, abrindo um pouco. Dante me examinou quando suspirei forte e sua boca alcançou o meu ouvido.

— Se não estiver confortável, abra e suba.

Minha garganta apertou.

— Hã?

— Droga.

Ele não esperou concluir para pegar na minha perna e posicioná-la em cima da sua. Meu corpo deslocou-se, a bacia girando de maneira que a minha bunda quase subisse em seu colo.

— Tá legal? — Aquiesci silenciosamente. — Ótimo.

Assim que a série começou, tentei focar na TV. Mas era difícil me concentrar por sentir o toque quente espalhando na minha pele. Dante massageava minha coxa levemente, seus dedos brincando na região.

Eu estava gostando.

Não reclamei nenhuma vez porque eu estava gostando de como ele estava mexendo comigo.

Observei os caras gargalhando e ficando chateados quando Vance chegou e se sentou no meio deles.

Eles tinham uma dinâmica estranha, mas humana. Eu gostava daquele ambiente. De como era quase como um lar.

Há anos que não sentia que poderia ter pessoas ao meu redor que me dessem algum conforto. Desde a morte dos meus pais, que eu me sentia

solitária nos cômodos das casas que eu tinha morado. Mas naquela, eu era sempre preenchida por algo.

No entanto, eles queriam a minha morte e eu desejava a morte do líder deles.

Não tinha como dar certo.

Porém a mão de Dante vagueando na minha perna me fazia acreditar no contrário.

E, eu aceitei, naqueles minutos, como cada célula minha ainda era viciada naquele garoto como foi há quatro anos.

30

Dante Faulkner

agrippa

— Posso entrar?

As duas batidas e a voz de Torman foram o suficiente para não precisar conferir quem era e deixar entrar.

Dei um gole no energético, lendo e relendo as folhas espalhadas na mesa e as fotografias digitalizadas. Mapas, pequenas notas e alguns áudios guardados em DVD's também ajudavam na bagunça.

Minha mente fritava. Havia tantas pontas soltas sobre a Fábrica. Há sete anos que investigava sobre ela e, a cada dia, mais incógnitas se formavam.

— Achei que estivesse se divertindo assistindo alguma coisa na sala também — comentou, vistoriando a grande mesa.

— Tenho mais o que fazer — indiquei.

— Você tem muito o que fazer, Dante, mas viver, ao que parece, não é uma delas.

Seu sarcasmo pontual era custoso de ouvir. Não era por nada em específico, mas simplesmente pelos seus comentários inúteis que ninguém teria questionado sobre eles.

Estalei o céu da boca.

— Você conseguiu o que eu te pedi? — questionei, empertigando os meus ombros e enfiando as mãos nos bolsos. O encarei sem resquícios de diversão.

— Sobre o quê exatamente?

— Sobre George Draw.

— Gostaria de saber melhor o motivo pelo qual estou me submetendo a uma pesquisa que um dos seus caras pode fazer. O Jaxon não é o hacker do Domínio? — ele indagou, suas sobrancelhas elevando e aumentando as rugas daquele maldito rosto.

— Fiz uma pergunta, Torman. Não me responda com outra. Você sabe que eu não gosto.

Ele suspirou, como se fosse uma piada e tirou do seu bolso um maço de cigarros.

— Então, não há informações para ninguém.

— Não me provoque — rosnei.

Ele se sentou confortavelmente, posicionando sua perna por cima da outra e direcionando o seu queixo para mim.

— Você é o líder, mas eu sou quem te fez um. Se não fosse por mim, vocês já teriam sido mortos. E eu teria arranjado outros, Dante. Você não é insubstituível. Existem muitos como você que precisam de um empurrão para se tornarem vingativos — declarou, no seu tom passivo e abafado pelo tabaco. — Se quer que eu coloque minha profissão em risco sem saber o motivo, você não ganha nada de mim. Há sete anos que cubro as suas costas. Se esse tempo for um ato perdido, eu sou derrubado e vocês também comigo.

Rolei os meus olhos.

Torman falava, falava e falava como se pudesse ter algo contra mim. Como se eu tivesse medo de alguma ameaça que saísse com aquele hálito intoxicado.

Segui o trajeto de rondar a mesa, calmamente, as minhas mãos continuavam confortáveis nos dois bolsos. Chegando no seu lugar, fiz questão que ele me visse tirar a arma do cóccix e pendurar em meus dedos.

Como previsto, Torman tragou mais um pouco do seu cigarro e encarou a parede do fundo.

— Eu cuidei de você — verbalizou.

— Nunca te pedi isso.

— Eu te adotei, mesmo que tenha sido por um propósito maior. Dei a você comida, roupa, te coloquei numa escola e fiz você ter um pouco de infância.

— Infância, hã? — debochei, deixando a minha entoação forjada de imperiosidade.

— Você teria coragem de me matar? — ele perguntou, sem gaguejar. Seus olhos velhos e cansados me examinando com coragem. — Eu sou um elo importante.

— Um elo que está me ameaçando. — A arma fixou-se na sua testa, quase fazendo o serviço da bala de furar o seu crânio. — E eu não gosto de ameaças.

Francis não quebrou o contacto, tragando pela última vez e suspirando, como se estivesse preparado para qualquer coisa.

— É por ela, não é?

— Dê-me as informações e podemos acabar com isso — pedi revoltado.

— Você mataria um dos seus por ela?

A atenção de Torman continuava singular.

Não hesitei.

Não ousei falhar.

Eu era o líder, no entanto, tinha um acordo mantido. Uma palavra que, embora pudesse ser frágil ao olhar de Gray, ainda era válida.

— Eu te mataria por ela.

A confissão fez com que minha garganta pulsasse e o sangue fervesse em todas as regiões do meu corpo.

Francis demorou a reagir até que um riso subiu dos seus pulmões podres e bateu na minha mão para que tirasse a arma da sua testa.

— Falei com Cole antes de vir. Você está obcecado pela garota. Sempre achei que não era para ser um problema. Que você realmente pudesse reverter a situação, mas, ao que parece, ela é a verdadeira líder do Domínio a partir do momento que te consegue te controlar.

Torci a boca.

— Ela é minha para morrer.

Torman gargalhou.

— Essa frase só é romântica saindo da sua boca mesmo — gracejou.

— Sente-se, Dante. Vamos conversar como dois seres civilizados.

Por fim, tirei a arma, mas deixando-a na minha mão como um aviso.

— Eu quero tudo sobre George Draw.

— Você precisa sentar para saber porque tenho certeza que é interessante escutar. E chame o restante. Vai valer a pena.



— É uma reunião de família? Pensei que só acontecesse no primeiro domingo do mês — Asher entrou, divertido, trazendo Rachel no seu colo.

Não o questionei. Sinceramente, entender como funcionava os neurônios daquele cara era uma missão impossível.

— Cala a boca, Hawthorn. Você irrita qualquer um — Cole rosnou.

— Me ama tanto. Até parece que está pedindo para me chupar — Asher debochou, levando um empurrão forte de Van Doren.

Os dois eram duas crianças malditas. Desde pequenos, Cole era violento e Asher um completo zombador. Não parecia que Cole era o único entre nós que não matava e Asher que assassinava qualquer um com um soco.

— Prefiro morrer — Van Doren confessou.

— Terei isso em mente no dia que você me pedir — Asher piscou para Van. — Não fique com ciúmes, Dante.

Revirei os olhos.

— Cole deixou de ser útil para mim desde que renunciou ao posto de melhor amigo — verbalizei.

Ele rangeu os dentes.

— Isso existe entre nós? — Jaxon perguntou, se sentando. — Poxa, eu me sinto solitário. Asher é idiota, Cole é um fodido de merda, Dante é... Cara, você não é um bom amigo. — Fingi que não me atingiu. — Por fim, tem Vance. E ele não quer falar.

— Mas ele sente — Asher zombou. — Não é, amigo? Quem é o seu parceiro de vida?

Uma olhada sombria de Campbell foi o suficiente para Hawthorn não o incomodar mais.

Emília vinha ao seu lado. Seu cabelo desarrumado e a boca seca deixava claro que ela tinha adormecido e foi acordada há pouco tempo.

Fiquei pensando na facilidade com que ela se deixou dormir ao lado dos meus caras, sem receio do que poderiam fazer com ela. Eles não a tocariam enquanto estivesse dormindo, porém ainda assim, não gostava de pensar sequer sobre essa possibilidade.

Coei a nuca, como se desse para limpar as minhas dúvidas.

Eu pensava demais quando se tratava dela.

Vi o seu traseiro colando num dos bancos ao lado de Jaxon.

Engoli secamente, a saliva formando uma bola quente que derrapou pela minha traqueia.

— Dante me convidou para ser o anfitrião dessa reunião de família bem animada — o policial pronunciou.

— É mais animada quando falamos com armas e punhos — Asher rebateu. — Mas sempre gostei de reuniões. O caos que acontece é admirável de se ver.

— Feche essa boca nojenta por um segundo — Cole vociferou.

Asher pressionou os lábios, mas rapidamente abriu.

— Já passou um segundo. Sentiu saudades?

Van Doren estava prestes a explodir, mas Emília tocou em seu ombro.

Supus que ele fosse tocá-la, talvez batê-la ou empurrar, contudo ele somente a dissecou e amenizou os ânimos.

Algo fez o meu coração cavalgar.

— Emília.

Minha voz rompante despertou a atenção de todos, especialmente a dela que fez sua coluna arquear.

— Eu?

— Venha para cá — mandei.

Sua testa crispou. Bati na minha coxa.

— Não há cadeira.

— Me encare como uma. Venha — ordenei, pela segunda vez.

Ela não se prestou em contestar.

Obediente, se levantou, cruzando os seus braços contra o peito pequeno.

Todos observaram-na caminhando calmamente. Sua sondagem no meu corpo esticado na cadeira, as pernas abertas e a mão repousada na coxa foi o bastante para que visse sua garganta pulsar.

Bati mais uma vez antes de puxá-la pela barriga e fazer com que sua bunda sentasse no meu fêmur.

O meu braço não desgrudou do seu ventre, pressionando forte como se ela pudesse voar dali.

Sem explicação. Sem uma razão. Sem ter algo para dizer.

Ela não sairia dali nem que causassem uma guerra.

— Para uma cadeira, você respira alto — sussurrou.

— E você rebola demais nela. Consegue ficar quieta ou está querendo sentir o que não deve? — devolvi, recebendo um resmungo seu e uma vitória.

Voltei a atenção para a sala, friccionando os meus dedos na sua cintura.

— Pode começar o que tem a dizer, Torman — exigi, o fazendo tragar um cigarro pela segunda vez.

O fumo se espalhou pela sala.

— Eu tentei descobrir quem é George Draw. Ao que parece, ele é só uma pessoa comum. Sua ficha criminal é limpa e o seu currículo não tem nada de especial. Não é alguém relevante para a Fábrica. Trabalha como um barista perto de uma faculdade e é solteiro. Não tem filhos, os pais

faleceram há mais de uma década. Sempre foi independente por si mesmo, sem qualquer dívida — Torman dissertou, se entretendo com a sua nicotina. — Então, o que o levaria a tentar matar Gray?

A garota reagiu em meu colo.

Sua pele esfriou e era como se eu pudesse enxergar o mesmo medo.

Minha mão abraçou sua perna, acariciando levemente.

— Ele trabalha para Christian Norman?

Minha pergunta foi direta.

— Ele não trabalha para ele — Jaxon relatou. — Eu fiz essa pesquisa. É quase como um caso solitário.

— Extremamente conveniente, não acha? — contra-arguntei.

— Nós fomos cautelosos. Matamos qualquer um que a tivesse visto — Cole justificou. — Ninguém cogitaria que um incidente em Roma fosse por causa da Emília. Iriam achar que era uma vingança particular. Não há motivos para a atacarem e não a nós.

— Então, foi um golpe de sorte? — perguntei, evitando examinar Emília.

Não conseguia ler o seu rosto, mas pelos pequenos tremores do seu corpo, tinha a mínima noção de que coisas boas não seriam algo que moravam na sua mente naquele momento.

— Não foi um golpe de sorte. Eles querem mexer conosco a partir dela. Eles vão mexer com você por causa dela — Asher anunciou.

Meu rosto fechou.

— Não faz sentido. Asher, Jaxon, Vance e Cole foram meus amigos na história que construímos depois de Sic Infít. Por que não atacá-los?

Francis deu de ombros, se levantando.

— Nem tudo tem uma resposta.

Observei-o lentamente, captando sua linguagem corporal.

Indiferença.

— Concordo com Dante que não faz sentido. — Asher inalou antes de continuar. — Eles não sabem que somos nós. Podem até desconfiar, mas nenhum deles tem certeza que os quatro caras do sequestro são o Domínio ou... Como é que nos chamam também?

— Rostos Vazios — Emília soprou.

— Rostos Vazios é muito mais legal — ele gargalhou.

— Eles nem sabem quantas pessoas são. Já ouvi teorias que supõem ser mais de dez — Jaxon adicionou.

— Ou seja, se estão mexendo com a Emília, deveriam mexer conosco também. Ela sofreu nas mãos de Dante. É a última pessoa que poderiam pensar em estar com ele.

Asher finalizou seu pensamento, e eu dei mais uma encarada em Gray.

Ela se mantinha quieta.

— Só se eles quiserem algo dela — Cole rumorejou.

— Querem algo dela morta? — Asher debochou. — Eles queriam matá-la. O cara tentou dar-lhe um tiro.

— Mas falhou.

Todos nós levantamos a cabeça em direção a Gray que abriu a boca.

Ela se encolheu no meu colo. Minhas mãos vincaram na sua pele para não largá-la. Embora Emília parecesse confortável ali, tinha medo que saísse das minhas mãos. Que se transformasse em água e acabasse vazando entre os meus dedos.

— Como assim falhou? — Torman foi quem se propôs a questionar.

— Ele não me acertou nenhuma das vezes.

— Talvez fosse um amador — Jaxon ponderou.

— Mas ele tentou te asfixiar — argumentei. — Eu vi os dedos dele na sua garganta. Ele te tocou para matar.

— Não sei... — ela gaguejou.

Eu a vi tremer.

Os pelos da sua pele certamente deveriam estar eriçados, os lábios secos entreabertos e a garganta ardendo até no seu estômago.

Ela ainda sofria as consequências de ter matado alguém. Ainda ansiava para que acontecesse de novo.

Precisava descobrir quem teria feito isso com ela.

— Se eles quisessem fazer algo contra Dante, já teriam feito. Se fosse algo contra nós, já teriam tentado. É algo contra ela. Exclusivamente. Ou seja, não é uma guerra nossa — Cole esbravejou.

— Não vale a pena gastar os meus queridos neurônios com isso — Asher soprou.

— Então, vocês estão dizendo que se me matarem, não tem nada a ver com vocês? — Emília levantou a pergunta e cada um de nós se sentiu ameaçado por ela.

Levantei a sobrancelha.

— Você está aqui como um plano secundário. Não precisamos de você para nada. Se morrer, não fará diferença — Cole rangeu.

— E se eu abrir a boca, já fará?

Seus olhos repousaram nos meus.

A dor neles era mesclada com perigo e destruição.

Sua boca friccionada demonstrava a pouca piada que era ter a sua vida em causa.

Meu cérebro estalou.

— Torman, você disse que ele não trabalhava para Norman.

O sorriso da sua boca foi amarelo.

— Eu disse.

— Termine o que você sabe — exigi, meu semblante se transformando em uma máscara de ferro.

Ele sabia.

Ele tinha uma resposta.

O seu traseiro sentou-se num dos bancos afastados. A sombra do seu rosto era contornada por parte da luz.

— Angelo Wayne.

Cada um de nós reagiu para aquele nome.

Emília inclusive.

Seu corpo sobreaqueceu.

— Você o conhece? — perguntei a Gray, inclinando para avaliar as suas linhas de expressão.

Choque. Medo. Inúmeras dúvidas delineando os seus traços.

— Nós nunca te contamos sobre ele — afirmei.

— Não precisava. — Ela falava baixo, com receio que as paredes tivessem ouvidos. — Ele é tio do Daniel. Amigo íntimo dos meus pais.

Minha espinha estremeceu.

O ar se condensou e eu estava respirando chumbo.

— Agora tenho uma versão mais óbvia para contar — Torman declarou. — Ao que parece, George traiu Angelo.

— E o que tem a ver com a mimada? — Cole rosnou.

— Angelo quer Emília viva. George quis interromper o seu plano.

Por que diabos Angelo Wayne a queria viva?

— Se você sabe de algo, é melhor abrir a boca — Cole rosnou para Emília que ainda se encontrava em estado de choque.

— Não sei de nada! — vociferou. — Os meus pais não queriam que eu estivesse envolvida em nada do que fizessem além do hospital.

— Angelo Wayne pertence a Othello? — perguntei.

— Sabia que os meus pais e ele eram muito próximos por coisas comuns no passado que envolviam a saúde. Não sei se ele tinha um posto importante no hospital.

Ele não tinha, mas poderia ter.

— Será que é alguma birra entre os Grays e Wayne? — Asher pensou em voz alta.

— Não pode ser... — Emília murmurou. — As nossas famílias se davam bem. Eu me dou bem com Daniel.

Claro que ela se dava.

— Mas então não tem qualquer envolvimento com a Fábrica? — Cole perguntou.

Francis deu de ombros.

— Pode ser que sim. Pode ser que não.

— Jaxon — articulei.

— Vou pesquisar. — Fish aquiesceu.

— Nós sabemos onde fica alguns dos seus pontos de troca — continuei. — Num dos orfanatos do centro da cidade, costuma haver movimentação dos comerciantes. Não é a Seção principal, mas é um território de Wayne. Vamos invadir. Vamos deixar um aviso para o canalha.

As minhas mãos ardiam na pele de Gray. Enrolei os dedos, sem qualquer resistência em marcá-los nela.

Quase mataram Emília.

Eles quase a tiraram de mim.

— Não podemos fazer isso. A guerra não é nossa, Faulkner — Jaxon disse passivamente.

— Wayne é um cara que estamos caçando.

— Mas não podemos simplesmente invadir um dos seus planos de troca sem perceber qual é o motivo em específico pelo qual ele quer matar Emília, contratando um amador para isso. Sem sequer interrogar o que ela sabe ou não sobre a Fábrica — Jaxon pontuou. — Tem pontas soltas nessa história e nós precisamos de mais certeza.

A raiva que fornecia o sangue ao meu músculo cardíaco era selvagem. Eu tinha um campo minado de bombas dentro de mim e, a qualquer instante, seria evaporado pelas próprias armas que montava.

Aquilo estava me deixando louco.

Desde o dia que ela tinha chegado aterrorizada, completamente vulnerável e abalada, pensava no momento que faria os pecados de quem se atreveu em sonhar com a sua morte o assombrarem.

Eu agora tinha uma pista. Tinha algo pelo qual me guiar.

E era Angelo Wayne, um filho da puta que, além de ser o próximo organizador de uma das Secções novas da Fábrica, era tio daquele otário do Daniel.

Senti o toque de Emília na minha mão.

Levantei o olhar, examinando-a.

— Façam o que ela escolher.

O silêncio da sala era barulhento.

— O quê? Você é o líder, porra! — Cole berrou.

— E eu estou dando ordens para que façam o que ela mandar.

Seus olhos grandes escalaram o meu rosto. Eu enxergava as dúvidas pipocando na sua mente.

— Eu não quero que façam nada sem a verdade — declarou. — Podem ficar despreocupados.

O estalo do céu da boca de Van Doren era irônico.

Mas eu sabia o que vinha a seguir.

— E eu?

Emília não hesitou.

— Quero que você se suje por mim.

Meu coração pulsou.

Havia adrenalina reinando em meu sistema.

A minha sede seria saciada, merda.

A sirene esmagou a atmosfera, fazendo que estranhássemos e nos colocássemos em ação no mesmo instante.

— Que merda? Alguém entrou? — Asher perguntou, se dirigindo para a porta de entrada.

Os latidos da Rachel fizeram-nos ficar mais em alerta.

Jaxon pegou no seu celular, verificando as câmeras de segurança.

— Eu atualizei o nosso sistema para que não tivéssemos mais invasões — informou. — Vou descobrir o que se passa.

Abri a gaveta para pegar numa das maiores armas.

Desta vez, não deixaria que alguém saísse impune daqui sem olhar para o meu rosto antes de morrer.

— O que é, merda?! — gritei.

— Bom, na verdade, eu acho que a Gray deveria nos dar uma explicação melhor.

Jaxon lançou o celular sob a mesa, o vídeo mostrando uma figura familiar andando pela floresta.

— Daniel... — ela soprou confusa.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntei tão desnortado quanto ela.

— Não sei.

— Vamos matá-lo. — Cole estava colocando-se em posição e eu me movendo atrás dele.

Vance já estava avançando.

— Não! Por favor, não! — Gray implorou, puxando pelo meu braço.
— Eu vou falar com ele. Vou saber o que ele está fazendo aqui.

Examinei-a, vendo o seu rosto aterrorizado e triste.

Suspirei.

— Vai. Mas se eu ver que algo não está certo, vou matá-lo, mesmo na sua frente, e vou fazer com que faça da sua cabeça o seu travesseiro de

dormir. Estamos entendidos?

Ela assentiu, correndo para fora.

Sentei-me, pedindo para que Jaxon ligasse as câmeras ao computador da sala e deixasse que eu escutasse até quantas vezes ela respiraria na sua frente.

31

Emilia Gray

cat fugue

— Daniel, o que você faz aqui?

Corri até ele, passando por alguns ramos e galhos de árvores no chão.

Daniel ainda estava distante da casa, no entanto, aparentava que ele se encaminhava para lá.

Meu coração era uma bomba, porque eu sabia que Dante e os outros caras estavam dispostos a matá-lo no primeiro sinal que ele soubesse que Daniel sabia de alguma coisa. Principalmente agora que descobrimos que o tio dele era mais uma das cabeças por detrás da Fábrica.

Limpei a minha mão suada no suéter.

— Eu soube o que aconteceu no seu edifício e queria saber como você está, mas não me atendia — ele mencionou, sorrindo alegremente para

mim ao me ver. — Lembrei que tenho a sua localização, portanto só segui. Por que você está numa floresta abandonada?

Merda, a localização.

Eu tinha desligado para Kayleen e Penélope desde que comecei a morar com os Rostos Vazios, e tinha esquecido que Daniel também tinha informações específicas sobre mim, incluindo a minha localização mesmo que esteja desativada para o resto do mundo.

— Eu estou bem. Foi um susto, mas estou.

— A Kay e a Penélope estavam preocupadas também. Ninguém te encontrava na Olympus — informou, guardando o seu celular no bolso e parando ali. — Estão falando que o incêndio foi feito por um dos Rostos Vazios.

— Parece que eles gostam de causar terror.

— Às vezes eu acredito em você.

— No quê?

Ergui a sobrancelha.

— Que possa ser o Dante.

Meu coração encolheu.

— Eu... Por que você acha isso?

Daniel deu de ombros.

— Um pressentimento. Apesar de eles não atacarem apenas essa cidade, não sei... Parece ser ele.

— Ele não incendiaria um edifício. Você sabe disso. Nós já vimos do que ele é capaz.

Eu já tinha sentido na pele o que ele era capaz.

Daniel sondou o meu rosto, como se desvendasse alguma coisa nas linhas de expressão.

Será que ele sabia sobre o seu tio? Era um pensamento que cruzava a minha mente, mas, imediatamente, foi atropelado. Daniel era bondoso. Nunca concordaria com as coisas hediondas que o seu pai poderia concordar.

Ele rodou o pescoço, se inclinando um pouco para olhar nos cantos.

Sabia que eles estavam escutando e esperando para agir. Só queria que Daniel saísse dali o mais rápido possível porque, caso contrário, teria

que lidar com a morte dele.

E eu não tinha como sobreviver a ver o cadáver do meu amigo aos meus pés. Eu o mataria. Eu acabaria por matar Dante se isso acontecesse.

— É... Talvez ele esteja morto.

Um sorriso falso vergou dos meus lábios.

— Ficaria feliz com isso.

— Eu sei que sim. — Daniel deu mais uma analisada, antes de tornar a abrir a boca. — Mas não entendi porque você está aqui?

Encolhi os meus ombros.

— Estava treinando... violino.

— Violino?

— Sim. Estou tentando voltar — declarei.

— Oh, você faz bem. Não era tão boa com o piano. Então, acho que vale a pena investir no violino novamente.

— Obrigada pela parte que me toca — debochei.

— Ah, Emília, você sabe disso — confirmou, coçando a nuca embaraçado.

Daniel era extremamente sincero e, se não fosse amiga dele, teria levado como um insulto.

— Tudo bem. A gente se fala depois?

Ele assentiu.

— Podemos combinar para lanchar um dia desses?

— Sim, claro. Tenta ver com a Kay quando ela estará disponível.

— Gostaria que fosse só nós os dois. Pode ser?

Estava confusa, mas tentei não transparecer.

— Não sei se tenho tempo — menti.

— Quando você tiver, me mande mensagem.

Ele se aproximou e plantou um beijo na minha testa. O abracei de volta.

Daniel era meu amigo. Uma das únicas pessoas que eu poderia contar. Mesmo que o pai dele desejasse o meu mal, ele era o lado bom da minha vida. Não o odiaria. Nunca o negaria.

Ele sorriu para mim mais uma vez.

— Não fique até escurecer.

— Não fico!

Vi-o trilhar o caminho. Não sabia ao certo se ele tinha saído da floresta, mas peguei no celular para desconectar a minha ligação da dele e segui para casa novamente.

Desci as escadas, dando de cara com Faulkner

Quis passar por ele, porém sua mão se atreveu a prender o meu pulso.

— Isso me dá o direito de matar você e o seu amigo — murmurou violentamente.

Tentei desprender da sua mão, mas ele continuava me aprisionando.

— Não mexa com Daniel — rosnei. — Ele só estava preocupado comigo. Ele não sabe de nada.

— A minha vida estaria fodida se eu tivesse que confiar em tudo o que me dizem — Dante zombou. — Não quero que você o veja nunca mais.

— Você não pode me proibir disso.

— Você sabe que sim.

— Por que você está agindo como um namorado ciumento, meu Deus?!

— Eu. Não. Estou — ralhou pausadamente. — Não me sinto ameaçado por ele.

— Ah, não? Mas você deveria se sentir ameaçado e com medo, otário.

Desprendi a sua mão e rumei para o meu quarto em passos largos. Dante se recusou a ser deixado falando sozinho. Ele seguiu a minha jornada até levar a porta fechada do meu quarto na cara.

As quatro batidas barulhentas na porta pareceram balançar os móveis.

— Gray!

— Sai daqui! — esbravejei.

— Não vou sair daqui até você abrir essa porta de boa vontade — grunhiu, batendo mais três vezes.

— Para com isso! Você está assustando Shakespeare — gritei, chegando perto do meu porquinho de estimação que me sondava claramente

aterrorizado.

Ouvi uma lufada de ar densa do outro lado da porta.

As três batidas seguintes foram mais leves e comportadas.

— Abre a porta, por favor.

Minha boca soprou surpresa.

Confusa, semicerrei o olhar, chegando perto da porta. Dante tinha falado pacificamente, usando por favor na mesma frase.

Girei a maçaneta, abrindo-a e escalando até os seus olhos. O braço pendendo no batente de cima da porta e a sua postura se curvando até mim fez com que cada osso das minhas costelas crepitassem.

Antes que eu pudesse respirar, meu corpo foi jogado. Escutei a porta fechando e minhas costas sendo empurradas contra ela. O seu braço enrolou na minha cintura e o outro fez questão de continuar por cima da minha cabeça.

Seus pequenos globos tinham tempestades dentro deles, procurando me sugar até não restar mais nada da minha razão.

— Termine o que você disse.

Sua voz profunda atravessou os meus tímpanos até atingir o meu ventre.

Era rouca, potente, perigosa.

— Não me lembro.

— Gray.

A ameaça presente não me assustava.

A sua mão decidiu deslizar pelos meus quadris, gerando borboletas famintas no meu estômago.

O seu toque era quente. Um chamado para o Inferno com as portas abertas e o convite feito para mim.

— Sobre você ser um otário?

— Me diga do que eu devo me sentir ameaçado — murmurou, seus resquícios de raiva gotejando em cada sílaba.

— Dante...

— Olhe para mim e diga. Confesse o que tem pensado. — Seu comando fez com que o meu queixo se elevasse e qualquer noção de

realidade somente existisse em seu olhar. — E não minta, Gray. Porque eu não vou tolerar nenhuma mentira desta vez.

Meu Deus.

Por que eu não sabia ficar calada?

Não tinha para onde fugir.

Eu não queria fugir.

A respiração rarefeita de Dante ao ritmo da minha, observar o seu peito subir e descer como se a tatuagem tivesse vida e qualquer músculo seu fosse capaz de ter força para me quebrar era extremamente excitante.

Eu estava excitada.

Deixando cada parte de mim com tesão vazar na minha calcinha. Minha boceta inchando, minhas pernas suando entre elas qualquer que pudesse ser um alívio. E disfarçar aquela sensação perante o homem que me levava aos altos e baixos em questão de segundos era um desastre.

— Você deveria ter medo...

As palavras travaram. O vocabulário não se formava e eu me sentia patética.

— Eu deveria ter medo...?

A mão rastejou até a minha bunda.

Uma mentira e eu sabia o que ele faria.

Dante estava farejando e, conseqüentemente, gostando de saber que eu não me importaria de sentir uma pontada de dor vinda dele. De saber que sua mão marcaria minha bunda se eu me atrevesse mentir.

— Você deveria ter medo de eu ter quebrado a promessa.

Seus dedos vincaram na minha bunda e um arquejo pesado soltou da minha boca.

— Detalhes, Emília. Eu quero detalhes.

Sua boca foi até a minha orelha, soprando como se todo o seu ar residisse no meu corpo. Até que ele foi descendo, explorando a área sensível do meu pescoço, trilhando um caminho que enviou fogo pelas minhas veias.

— De eu ter beijado outra pessoa no seu lugar. — Houve uma pausa longa e silenciosa que me impulsionou a continuar. — De eu ter deixado outro tomar o seu lugar.

Senti ódio na sua respiração.

Tanto ódio que no momento que eu tinha os meus pés no chão, no outro eu tinha as duas mãos de Dante domando os meus quadris e me prendendo contra ele. As minhas pernas se enrolaram na sua cintura e fui colocada de volta contra a porta.

Tive que me segurar pelos seus ombros, implorando por uma dose extra de ar para que não caísse dali.

Porque eu cairia.

Dante me faria cair nos seus pés se ele continuasse me tocando, me vendo e me deixando faminta.

— Eu quero a porra da palavra, Emília.

Senti a sua excitação.

Como o volume da sua calça roçou no meio das minhas pernas e arrancou um suspiro quente de mim.

Os seus polegares firmes no limite da minha cintura e os outros dedos bailando por perto da minha bunda geravam um pulso intenso.

— Você deveria ter medo de eu ter *fodido* outra pessoa que não era você.

Suas íris eram fogo.

Puro e simples incêndio que carbonizou cada maldita célula minha.

O que eu pensei que poderia ser um caos, não era nada mais do que uma promessa.

Dante não disse nada.

Ele apenas me encarou firmemente, com todos os seus pensamentos batalhando dentro de si.

Eu tive medo de continuar. Medo de saber que ele também tinha quebrado a promessa. Que ele tinha tido outra. Que ele tinha fodido e gozado para outra pessoa.

De repente, parte da raiva dele era minha também.

— Faça a pergunta — Dante ousou me pedir.

Chacoalhei a cabeça.

— Não quero.

Sua cabeça se inclinou levemente.

— Por quê?

— Porque não me interessa quem você fodeu ou não.

Um sorriso diabólico brotou no seu semblante.

Sua mão vincou fundo na minha bunda e um gemido tentou soltar-se da minha garganta.

Doeu gostar.

Doeu querer mais.

— O que eu já falei sobre mentir? — ameaçou, o humor brincando na sua voz. — Não me faça te colocar de quatro na cama e estapear sua bunda. Eu sei que você está pedindo por esse castigo, mas tente disfarçar um pouco. Só para manter a sua postura de garota fodona.

— Eu realmente não quero saber quem andou lambendo o seu pau, Dante. Não sou a pessoa ciumenta daqui.

O seu sorriso cresceu mais.

A bermuda — que era dele, mas tinha se tornado o meu pijama — foi levantada expondo minha bunda.

Ele fez com que nos encaixássemos melhor, o seu pau raspando no tecido de malha e deixando com que minha boceta esperasse por uma entrada. Por ele.

Droga.

Meu peito pesou. Os meus pulmões arquejaram.

— Não é? Você não sentiria nada se soubesse que teve outra pessoa que tomou o meu pau sem ser a sua boca gostosa?

Uma estocada.

Dante fez com que meu corpo fosse impulsionado contra a porta, fazendo o quarto retumbar e meu estômago encolher de prazer. Eu sentia seu pau duro contra mim. Minha calcinha foi engolida pela minha boceta e as gotas nela me faziam ficar envergonhada.

Seus dedos continuavam passeando na minha bunda, deixando-a cada vez mais quente, quente e quente.

— Você não sentiria raiva ao saber que eu provei o gosto de outra pessoa. Que eu a fiz gozar com os meus dedos...

Sua voz em baixo volume alcançava todas as regiões do meu corpo. Seus quadris se moveram e o seu volume me fez suspirar.

— Com a minha boca.

Mais uma vez. Mais uma estocada. Mais um gemido arrancado de mim.

— Com o meu pau.

Dante finalizou, abrindo o espaço entre a minha bunda.

Tremi dos pés à cabeça.

Minhas mãos seguravam firmemente no seu ombro, mas sentiram a necessidade de se prender ao seu pescoço.

Eu respirava.

Deixava o oxigênio trazer combustível para os gemidos ardentes que saíam de mim.

— Que eu não só fodi sua boceta, mas também sua bunda. Que eu me enterrei nela fundo e forte até ter suas pernas tremendo. Que eu a senti se apertando contra o meu pau, meus dedos entrando juntamente até ter o seu gozo saindo por todos os buracos.

Mais outra estocada.

E outra.

E outra.

Estava me descontrolando. Gerando uma vontade imensa de me desnudar e deixar que ele se banquetearasse de todas as partes corrompidas por ele. De como o seu nome ainda estava tatuado internamente, até na porra da minha boceta pulsante.

Dante estava me consumindo por completo. Eu imaginava ser a garota que ele tinha mostrado o seu lado animalesco. Imaginava ser fodida por ele em todas as partes. Minha bunda aberta pra ele sendo invadida pelos seus dedos, minha boceta gozando pelo seu pau indo e vindo forte, o som dos nossos corpos suados juntamente com o guinchar da cama vibrando no ar.

Eu queria.

— Diga, Gray, você acha que ela gostaria que eu a amarrasse na cama, que a colocasse de quatro e puxasse os seus cabelos, batendo em sua bunda até ouvi-la choramingar? Ou você acha que ela iria gostar de arranhar os meus ombros enquanto eu estivesse por cima, chamando ela de cadela, vadia, que é a minha puta e a boceta dela foi feita para me ter?

Tombei a minha cabeça no seu ombro.

Estava suando. Ensopada por um desejo que fluía na minha pele.

Rebolei em seu colo, mesmo que fosse uma posição difícil para ter os meus movimentos, desejei sentir mais do seu membro. Dante não estava como eu. Ele não gemia. Não suspirava pesadamente. Sua boca apenas era capaz de me fazer imaginar no lugar da garota que ele teria feito sua. Da garota que não era eu.

E a raiva fluía pelo meu corpo. Odiei saber. Odiei pensar que aconteceu. Que Dante fodeu alguém antes de mim. Que ele quis alguém que não fosse eu.

Mas a excitação era muito maior.

— Emília. Quero palavras. E que olhe para mim.

Levantei a cabeça, o encarando.

Seu sorriso safado era satisfatório.

Seus pequenos fios estavam grudados na testa. Ele também sentia o calor. Também transpirava alucinadamente.

Estávamos nos inebriando do nosso próprio aroma sexual. Do nosso próprio desejo insuportável.

— Você. É. Um. Nojento.

E o seu sorriso abriu muito mais.

Saí do seu colo no mesmo instante, batendo com os pés no chão e criando alguns centímetros de afastamento.

— Estamos confundindo papéis. — Seus passos encurtaram a nossa distância. Pensei em fugir, mas deixei que ele tocasse no meu queixo. — Nessa guerra, você está perdendo para o cara que odeia. — A cada fala sua, eu me sentia mais encardida, corrompida e traída. Meu peito martelava de raiva. De desejo. De muitos sentimentos que se uniam caoticamente, que só Dante poderia ser capaz de provocar. — Você está querendo *gozar* para o assassino dos seus pais. Isso te excita, *pulchra*? Compartilhe os seus fetiches sombrios comigo.

O apelido ampliou a vontade de o empurrar, mas não cederia o seu jogo.

— Diga, Emília — continuou em um sussurro. — É você que não suporta a ideia de eu ter quebrado a promessa e de não ser mais seu.

Então, ele tinha quebrado.

Dante tinha beijado outra pessoa. Fodido outra.

O ácido do meu estômago corroeu a sua carne. Quis afunilá-lo. Quis apunhalar o seu peito. Mas eu não tinha direito de estar chateada, porque tinha feito o mesmo.

Pisquei brutalmente, tirando sua mão da minha pele.

— Nunca quis nada de você.

— Você se esforçando para mentir é fofo. Já disse que vou te comer viva, Emília. Tudo em você me pertence.

— Não se iluda nas suas próprias mentiras — grunhi.

— Fale mais alto. Talvez para si, isso faça sentido — brincou, dando uma breve olhada no meu quarto e seguindo em passos mornos para fora.

— Espera — pedi, o fazendo paralisar e dar meia-volta.

Deixei que ele desconfiasse da minha ação e se surpreendesse.

Puxei a bermuda para baixo.

Tirei-a.

Retirei a minha calcinha lentamente, exibindo como ela era branca e de renda.

Dante não mexeu um osso.

Ele perlustrou o meu corpo, meus movimentos até ter a calcinha na minha mão e rumando até ele.

— Sim, você tem razão, Dante. Eu estava excitada. Estou presa aqui, sem poder foder uma alma viva. E você? — Abri a sua mão, sem perder o nosso contato. — Fique com a minha calcinha de recordação para que você pense na garota que quer te matar e que você deseja.

— Emília.

Meu sorriso foi o que fez o seu rosto trancar, a raiva desenhando cada traço.

— Vou tomar um banho. Talvez você devesse também.

Apontei para a sua calça, seguindo sorridente para fora do quarto.

Ele não me seguiu, nem contestou.

O que quer que tenha acontecido, havia abalado os dois. E tínhamos que saber nos conter.



Não consegui dormir.

Me revirava na cama, tirando e cobrindo os panos, levantando o pé e contando ovelhas.

Ainda não tinha entendido bem o que seria da minha vida.

Imaginar que havia pessoas que queriam a minha morte, principalmente sendo de um familiar de alguém que eu amava. Eu não tinha nada. Há pouco mais de dois meses, nem sabia o que era a Fábrica, muito menos a podridão que reinava por debaixo do solo da cidade.

Olympus era nojenta. Cadáveres de crianças, mulheres, de pessoas vulneráveis eram enterrados por homens que consumiam a alma dos outros. De pessoas que gostavam de saborear um crime hediondo.

Ter matado alguém não me fazia melhor, mas, ao menos, eu sabia que era alguém que nunca quis ser bom. Que não tinha um coração puro.

Era assim que Dante pensava?

Ele se sentia em paz com as mortes que causava por saber que não eram inocentes?

No entanto, no final do dia, éramos todos condenados pela mesma ação. Iríamos todos queimar no mesmo Inferno. Não haveria separação. Não haveria algo que nos separasse. Se eu tinha sangue nas mãos, era tão igual ou pior que qualquer um que também bebia do sangue daqueles que matava.

— Argh — rangi, pressionando o travesseiro contra o meu rosto.

Eu queria morrer.

Quem eu tinha me tornado?

Eu mentia para as minhas amigas. Matava um ser humano e ainda pedia para o cara que matou os meus pais se vingar por mim.

E eu o tinha desejado. Porra, eu fiquei com a calcinha molhada por causa daquele vocabulário perverso e desumano que Dante proferia

enquanto fazia questão de apertar a minha bunda e friccionar o seu pau contra a minha boceta.

Tudo isso separado por roupas, porém eu desejei que fosse sem.

Eu estava ali para matá-lo. Com uma simples missão de decapitá-lo, esquartejar os seus membros, cortar o seu coração e vender como o coração de Lúcifer. Dante seria um deus derrotado. Ele era porque eu não hesitaria em tramar contra a sua vida. Nem Faulkner contra mim.

Nós estávamos em guerra.

Ele queria que eu não fosse capaz de matá-lo para que ele pudesse me matar. E eu deveria estar firme o bastante para ser capaz.

Mas por que diabos eu deixei que ele tomasse conta de mim? Porque eu deixei que o meu corpo reagisse como se o quisesse.

Dante foi a traição da minha vida. Ele foi o principal motivo para que o meu coração já não batesse.

Então, por que ele estava batendo tão rápido perto dele?

Precisava arranjar mecanismos de defesa. Precisava ser mais forte. Ele não poderia me domar porque Dante me quebraria na primeira hipótese. Era esse o seu objetivo. Eu era o seu plano secundário. O seu brinquedo. A sua diversão. Eu era a destruição que ele gostava de venerar para se lembrar de que era imbatível. Que nada, nem ninguém era capaz de derrotá-lo.

Mas eu tinha que ser a sua morte.

Eu tinha que ser o seu último rosto antes de apunhalá-lo.

Meu celular vibrou.

Olhei para o relógio que brilhava com os números 3:17.

Era de madrugada.

O silêncio noturno estava sendo interrompido por várias vibrações do meu dispositivo.

Apalpei a cama em busca do objeto até ter em mãos.

Meu alvo.

Levantei a sobancelha. Era Dante. Tinha salvado o seu número para não me perder na guerra.

— O que foi? — perguntei, externando minha paciência.

Mas meus ouvidos captaram gritos. Pessoas pedindo por socorro e piedade. Do outro lado da linha, a energia negra e assustadora fez com que

minha pele esfriasse, e todas as minhas articulações endurecessem.

— Dante?

Desta vez, a minha voz estava mais baixa.

— Como você está?

A sua era calma. Assustadoramente calma.

Engoli em seco.

— Bem e você?

— Mais que bem. — Um suspiro longo tremeu a linha. — Você disse que George tinha interrompido a sua música, não é?

— Eu... Eu ia começar a tocar violino, mas não cheguei a tocar.

— Hum.

Os gritos continuavam soando como pano de fundo. Não conseguia entender ao certo o que estava acontecendo. Mas ouvir aquele tom relaxado enquanto um pandemônio era inaugurado não era bom.

Dante estava tramando algo.

Ele ia causar o caos em algum lugar da cidade.

— Levanta da cama e vai até ao meu quarto.

— Agora?

— Sim.

Não me tentei em dizer que não.

Dante parecia estar mais necessitando daquilo do que fazendo uma exigência.

Segui para o seu quarto cautelosamente. O seu aroma invadiu minhas narinas e era como se ele estivesse presente, em corpo e alma. Era algo tão típico seu. O seu cheiro era inesquecível, acolhedor e reconfortante para cada maldito sentido.

— Estou aqui.

— Tem um violino perto da estante — indicou. — Você acha que consegue tocar?

Meus músculos paralisaram.

— Tocar?

— Quero que eles morram escutando a música que quiseram interromper, *pulchra*.

Aquele pedido soou como uma anestesia. Um entorpecente.

Dante tinha ido atrás de uma vingança minha.

Um ato que não condizia com o homem que quase tinha me feito gozar em prol de uma luta do nosso passado.

— Você está com os caras de Angelo? — perguntei, impedindo que eu me apegasse a uma ideia irreal.

— Mais ou menos. São os principais comerciantes de um dos orfanatos que ele tem acesso. Ao que parece, ele não dá as caras por aqui, mas tem bastante ligação, inclusive George. Todos te conheciam. Sabiam o seu nome, a sua idade, quem eram os seus pais. Só não sabiam que você era minha e que nunca deveriam ter pensado em mexer com você.

Borboletas brotaram no meu ventre e levantaram voo. Não deveria ter tal sentimento ao escutar aquelas palavras, mas algo em mim *adorou*.

— Como eles vão morrer?

— Queimados.

— É a pior das torturas... — murmurei, completamente em choque.

— Sabe o que é pior do que ser queimado vivo? Ser queimado beirando à morte. Cada um deles tem uma ferida na perna. Estão a meia hora sangrando, sofrendo com isso. Transpirando e achando que vão morrer pela incapacidade do seu corpo de não aguentar a falta de sangue. Mas ser queimado e sentir as chamas entrando dentro de si? É a primeira vez que penso nisso e estou curioso para saber como vão reagir.

Arrepios fazem minha pele crepitar.

— O que você quer que eu toque?

Escutei um sorriso nascer da sua boca.

— Algo que faça a viagem deles para o purgatório bem mais interessante.

Peguei no violino, tornando a sentir o seu peso e o que ele carregava para mim. Era estranho. Sempre seria depois de tudo o que aconteceu.

— Você costuma usar bastante esse violino? — indaguei, como método de distração do quanto eu estava nervosa.

— Sim. Tocar me relaxa.

— Só de pensar que você começou a tocar apenas porque queria me mostrar como se faz — ri baixinho.

— Não, Gray. Eu comecei a tocar porque queria ter algo para fazer com você. — Meu peito apertou e ele continuou: — Desde o primeiro dia que nos falamos, quando se perdeu na floresta, fiquei encantado com você. Aprendi a tocar violino muito antes de te dizer. Eu fingi não saber ler e escrever para que você me ensinasse e eu pudesse ter justificativa para passar os dias com você. Fui um garoto bastante mentiroso, se pensar bem. Eu fiz muita coisa de propósito para que eu pudesse te dar um motivo para você ser minha.

O meu coração bateu em um ritmo dilacerante, quase fazendo com que os meus olhos rolassem para cima.

— Do que você está falando?

Um riso fraco soou do outro lado da linha.

— Sempre menti para você. Até mesmo nas pequenas coisas. Tudo porque era egoísta e não queria que você saísse de perto de mim.

Mas eu não via nada daquilo como simples mentiras.

Dante também foi apaixonado por mim desde o primeiro segundo? Então, não tinha sido uma mentira.

Ele tinha me amado, de verdade. Com todas as malditas letras daquele dia.

Ele foi apaixonado por mim.

Aquilo doeu.

Doeu tanto que poderia ser rasgada ao meio.

— Eu também amei você, Dante — confessei, desarmada.

— Não diga amei.

— É o que eu sinto.

— É o que eu não quero ouvir.

Seu timbre saiu ácido.

Estava ficando sério demais. Não queria deixar os sentimentos antigos me dominarem novamente.

— E se eu te der mais calcinhas molhadas? — brinquei em distração.

O silêncio pareceu durar vidas até a piada perder o efeito.

— Você está bagunçando a minha cabeça, Gray. E, acredite, um homem de mente insana é capaz de cometer loucuras que você não vai

conseguir lidar com as consequências.

Aquela ameaça não soou agressiva. Não soou fatal.

Foi carinhosa. Determinada. Nostálgica.

Os gritos dos homens tornaram a captar minha atenção. O terror vibrava nas suas gargantas. Parece machucar as suas cordas vocais como se elas tivessem sido propositalmente violadas, cortadas como fios de costura.

Oh, Deus.

— São quantos? — interoguei arrepiada.

— Cinco. Estão atados em uma estaca. Encharcados de gasolina. Você quer ver? Acredito que podemos fazer vídeo-chamada. Só não me lembro como.

Não me habituava como ele explicava aquele ato horrendo como algo do seu dia-a-dia.

— Não. Eu prefiro apenas tocar.

— Então, eu serei seus olhos. Eles vão escutar pela pequena caixa de som que eu trouxe.

— Quando eu paro?

Não poderia crer que estava aceitando a sua loucura, porém, repensar sobre aquele dia que vi minha vida sendo ameaçada causava uma combustão dentro de mim. Aquela garota que manipulou um acordo não para produzir uma sintonia clássica, mas um terror pedia por isso.

— Quando você quiser. Ficarei aqui até você se cansar de tocar.

Eu aceitei.

As primeiras cordas vibraram. As primeiras notas ressoaram pelas paredes daquele quarto. Tornei a encaixar o violino com receio que fosse cair com ele. Parecia uma criança aprendendo pela primeira vez.

Não sei o que comecei a tocar, mas o som saiu calmo, natural, tímido. Era estranho sentir novamente o que poderia fazer com um instrumento. O tipo de música que saía da minha alma.

No entanto, os gritos constantes tornaram-se de dor.

O incêndio em seus corpos tinha começado.

Poderia ouvir o fogo crepitar, a carne sendo destruída, a dor de sentir seus poros sendo queimados, completamente devorados por chamas

intensas. Eu sentia o desespero em cada gemido alto. Em cada pedido por perdão. Em cada chamada por Deus.

Eu ouvia a vida de cada um sendo retirada de si. Carbonizada. Os ossos sendo consumidos, mas ainda assim, a garganta tinha força para externar sua dor. Sua mágoa.

O coração ainda batia para que cada órgão deles fosse dolorosamente arruinado pelo fogo. Para que eles sentissem todos os átomos se derretendo.

A minha música tornou-se mais violenta. Agressiva. Selvagem. Ela tornou-se vingativa. Eu ouvia as chamas e as reproduzia em cada nota que ressoava das cordas.

Eu fazia com que eles escutassem o som do Inferno.

E era eu.

E eles estavam vendo a cara do diabo. Que era unicamente Dante Faulkner.

O único ali sentado, provavelmente com um cigarro na mão, assistindo e contemplando a sua desordem.

Escutando o som da garota que eles quase machucaram.

Da sua propriedade. Do seu acordo. Da sua morte.

Dante me teve naquela noite.

Ele teve partes de mim que foram tão cruéis quanto ele. Partes de mim que gostariam de saborear a morte como ele também estava saboreando.

Ele era os meus olhos. As minhas mãos sujas de sangue. A minha vingança.

Eu era a sua música. O seu coração batente. O motivo pelo qual ele se movia.

Apenas naquela noite, eu e ele éramos um só.

Não sabia dizer por quanto tempo toquei. Talvez dez minutos. Trinta. Uma hora. Ao terminar, senti dor nos músculos dos meus membros. Tinha sido brutal. Eu tinha dado tudo de mim.

Fiquei com medo do que dizer e revelar o que havia experienciado. Dante estava aflorando uma parte de mim macabra. Deturpada. E eu não sabia o que fazer em relação a isso.

— Já terminou? — ele perguntou, do outro lado da linha.

Pousei o violino no chão.

— Já.

— Pode voltar a dormir.

Afundi as minhas unhas na palma.

— O que você vai fazer?

— Arrumar essa bagunça.

— Você está sozinho? — perguntei.

— Você está preocupada? — Seu questionamento era zombador.

— Não, otário.

— Então, não acho que necessite de uma resposta.

Rosnei furiosa.

— Eu não estou preocupada, mas seria burro da sua parte ir para o esconderijo dos lobos sem proteção.

Sua risada pelo nariz afofou os meus ouvidos.

— Não estou sozinho, Gray. Jaxon e Vance estão aqui comigo.

Assenti, deixando com que o meu coração se acalmasse.

Por alguma razão, não queria desligar. Precisava manter aquela chamada para ter a certeza que ele chegaria em casa sem que nada o acontecesse com ele.

— Será que eles gritaram porque a minha música era ruim? — brinquei, como uma idiota.

— Não se atreva a falar mal novamente do jeito que você toca — ameaçou, atingindo o meu sistema mesmo que ele estivesse distante.

— Não vale a pena fingir que eu sei tocar. No violino nunca fui a principal e no piano, nem falemos sobre isso... Eu era ruim pra porra.

— Pense o que quiser, mas não diga como se fosse uma verdade absoluta. Eu sempre gostei de te ouvir — confessou roucamente. — Você sempre foi a minha melodia favorita. Sempre valeu a pena usar o meu tempo para escutar você.

Ele estava mentindo. Era a única explicação. Eu era horrível. Só alguém que não pudesse ouvir poderia dizer uma coisa tão absurda. Mas antes que eu pudesse elaborar, a sua voz me cortou:

— Vai dormir, Emília. Já não preciso mais de você.

Meus lábios torceram violentamente e um desejo oposto ao anterior governou minhas veias.

— Espero que da próxima vez eu possa tocar enquanto você estiver sendo queimado.

— Ansioso por esse dia.

Desliguei, correndo para o meu quarto, e tornando a lutar contra o meu sono, e contra a minha raiva e a forma como o meu coração batia uma nova nota quando se tratava de Dante.

32

Emilia Gray

moonlight

O som da música retumbava.

Eu já estava suada de tanto dançar e Kayleen, ao meu lado, ainda queria colocar em prática as suas aulas de ginástica. O número de shots que tínhamos ingerido era sem igual. Já não sabia se era a quinta, sexta, talvez a décima.

Tinha sido tantos que a minha traqueia estava corroída e formando buracos devido ao álcool.

Gostava de passar esses períodos com Cullbert. Éramos apenas nós duas nos divertindo por uma amizade que tinha ultrapassado mais do que duas décadas. Tê-la ao meu lado naquele instante era mais do que saudável, aconchegante ou nostálgico. Era um porto seguro imenso.

Eu sabia que poderia lhe dar o meu coração e não haveria nenhuma rachadura nele. Kayleen nunca o deixaria cair. Na verdade, ela seria capaz

de me curar todas as vezes.

Mas, com ela bêbada, certamente não era uma vantagem.

— Eu adoro essa música. Vamos dançar? — disse, arrastando as sílabas tônicas.

Ri.

— Vamos sentar por dois segundos. O que você acha?

— Hum, não gosto muito da ideia. Mas só porque você pediu.

Levei-a para um canto longe de olhares alheios.

Havia dois pequenos sofás esponjosos disponíveis e puxei-a para colocar o seu traseiro neles enquanto descansava ao do lado.

Eu tinha uma prova e outra apresentação para o dia seguinte, no entanto, necessitava de um relaxamento alcoólico e com uma boa porção de suor humano para me sentir viva.

Minha mente estava pesada. Os sentimentos que guerreavam dentro de mim sangravam e se matavam para ter apenas um no seu lugar. Mas não havia um pódio. Na verdade, era tudo tão degradante que autorizava essas emoções cáusticas.

— Quero transar com alguém.

— Não, você não quer — disse. — Você não transa, lembra?

Kayleen arquejou alto, entremeando os seus dedos nos fios escuros e longos.

— É... Os caras são chatos e se apegam facilmente. Já viu o Daniel? Ele não me esquece. E a gente nunca ficou. Imagina se tivesse acontecido?

Ouvir o seu nome amargou minha boca.

— Você gosta dele?

Kayleen quase cuspiu na minha cara.

— Você acha? — Riu. — Amo Daniel como amigo, mas nunca o veria como uma pessoa para namorar. Imagina beijá-lo? Ele é lindo, mas não. Está fora de questão.

— Talvez você deva ser como a Penélope. Não ligue muito para os seus sentimentos.

— Claro, claro. O problema é que nós somos amigos há anos. É tipo eu e você, de repente, nos pegamos? Não seria estranho?

Levantei as sobrancelhas compreendendo..

— Muito.

— Amizades foram feitas para se manterem amizades. E elas foram feitas para serem leais também. — Seu rosto entristeceu. — Se eu não fosse tão leal, as coisas seriam mais fáceis.

Semicerrei o olhar para a minha amiga com o cérebro em gelatina.

— Que coisas?

Seus olhos já não estavam em mim. O seu foco estava distante, perdido naquela multidão.

Segui até ao posto onde ela tinha focado. Demorei a perceber as duas figuras ali presentes.

Cole Van Doren e Asher Hawthorn encontravam-se sentados ao lado de mais três garotas. Os dois pareciam entretidos com o bate-papo provavelmente sujo e indecente que declamavam nos ouvidos das mulheres.

— Eu achei que eles não fossem mais amigos — Kay rumorejou.

Dei de ombros, praticando a minha melhor atuação.

— Talvez tenham reatado a amizade.

Antes que eu pudesse prever, a minha amiga levantou-se e trilhou o caminho até eles. Alguns empurrões nas pessoas na pista e cotoveladas que geraram pequenas brigas inofensivas me deram espaço para chegar no local com segurança.

— O que faz aqui, Van Doren?

— Cullbert.

Sua olhada intensa na minha amiga foi o bastante para ver faíscas sendo emanadas por seus olhos angulosos.

— Então, Gray, está caçando pelo quê? Se quer alívio, você sabe que tem em casa — Asher zombou, me fazendo revirar os olhos.

— Tenho mãos. Obrigada pelo convite — ironizei, estourando o meu copo de paciência.

O sorriso de cafajeste de Hawthorn deveria fazer com que muitas garotas caíssem aos seus pés. Sendo um dos jogadores mais importantes da Olympus, rico e com uma postura descontraída, acobertava a sua verdadeira face muito mais do que a capa preta que usava durante a noite para causar o terror no submundo naquela cidade.

Além de que, pelo que as más línguas diziam, Asher era bom no que fazia entre quatro paredes, aumentando assim o seu ego e arrogância que já não era cabível no nosso espaço.

Ele vestia roupas mais confortáveis. Uma camisa de manga curta branca com uma calça preta era o seu auge para as regatas que costumava utilizar em casa. Já Cole era o mais bem arrumado. Poderia se ver dentro das suas atitudes explosivas que ele era extremamente vaidoso com o conjunto preto de boa qualidade e tênis de marca.

— Você nunca sabe quando ficar calado, não é?

— Oh, eu sei. Mas você não ficaria, com certeza — provocou, levando mais uma rodada de olhos extremamente agonizante.

— Desde quando vocês se tornaram novamente amigos? — Kay, ainda fodida pelo álcool, questionou a Cole, empurrando a garota do seu lado e se sentando.

Van Doren desgostou do ato, mas parecia não estar tentado a brigar. Ele parecia pacífico ao lado dela.

— Não é da sua conta.

— Como assim? — Sua raiva pulsou na garganta. — Quando você fez questão de me perguntar quem era o meu novo colega na ginasta, não te vi tão resiliente.

Franzi a testa.

Do que porra eles estavam falando?

— Para com isso, Cullbert — ele rosnou para a minha amiga. — Deem o fora daqui. Você nem deveria estar aqui, Gray.

— Por quê? — perguntei.

— Quantas mãos passaram em você? Tenho certeza que receberá de presente.

Fechei o punho, enrugando o rosto.

— Se eu fosse depender do que o *capitão* acha, preferia levar um tiro — rebati.

— Você vai. Não falta muito tempo — Cole murmurou, embora não fosse difícil para Kayleen escutar. O bom que ela estava bêbada e aquela conversa seria transformada em poeira na sua memória.

— Vamos ver — disse. — Kayleen, a gente tem que ir embora. Está ficando muito tarde.

Peguei no braço da minha amiga, puxando-a para fora do banco.

— Fica um pouco aqui, Gray. Assim podemos te levar para casa — Asher mencionou, pegando na garota que estava no seu canto e colocando no colo. A outra do seu lado estava ocupada beijando o seu pescoço e levando a sua mão marota para o peso das suas calças.

Uma delas parecia estar se quebrando em ciúmes pela minha presença e da Kayleen. Se ela soubesse que não tínhamos o menor interesse, não nos encararia como presas.

— Tenho uma prova amanhã — referi.

— Você não vai levar a Cullbert nesse estado para casa sozinha, não é? — Van Doren indagou, a sobancelha erguida até o limite. Ele já tinha esquecido da garota desconhecida que estava com ele.

— Eu vou pedir um táxi.

— Não. — Cole foi duro. — Eu levo vocês.

— Não quero nenhum favor seu — rosnei.

— E eu não quero nada seu também — rebateu, rangendo os dentes. — Mas o meu desprezo por você não envolve a sua melhor amiga e a sua segurança, infelizmente, é uma fodida merda no meu sapato quando é a garota de um dos meus caras.

A sua resposta fez algo em mim despertar.

— Desde quando ficou um cavalheiro? Você nunca gostou de mim.

Ele expirou pelo nariz.

— E não gosto. Te desprezo com o meu ser, mas a sua amiga não está bem.

Soltei uma lufada de ar.

— Tá. Mas não quero vocês perto dela — comandei, sentando-me no meio e tomando o olhar de uma das mulheres ao lado de Hawthorn. — E para de nos olhar assim, porra. Quer que eu me junte? Come o seu homem em paz.

A morena que estava no colo de Asher piscou para mim e rodou a cabeça na direção dele. Hawthorn deu de ombros, se inclinando o suficiente para pegar a sua cerveja.

— Cansei. Vocês demoram demais — ele resmungou, pedindo para as mulheres darem o fora. — Acho que já tenho com o que me entreter.

O analisei chateada, como um pré-aviso de que ele não tocaria em mim nem morta. Asher via tudo como uma diversão, e eu claramente não era uma pessoa que queria brincar.

— Então, Van, como você se sente sendo o cara mais idiota do mundo? — Kay soprou, engatinhando-se para o banco de Cole.

Quis pegá-la pelo pé, mas Cole foi mais rápido em colocá-la sentada novamente, mas desta vez, perto dele.

Não pisquei, com receio de perder alguma cena entre os dois. Não gostava de Van Doren perto de nenhuma das minhas amigas e Kayleen se arrependeria de qualquer ação no dia seguinte, pelo mesmo motivo.

— Se comporte — ele soprou.

— Ah, você não gosta de garotas más? Por isso que quer a Penélope?

— Ele não quer a Penélope. Se você tocar nela... — rosnei.

— Você não tem o direito de me julgar.

Cole pareceu dizer aquilo de um jeito íntimo. Mas não para mim. Nunca olhando para mim, e sim para Kayleen.

As dúvidas reinaram no meu cérebro.

— Pois é, verdade. — Cullbert deu umas palmadas na perna de Van Doren. — Julgar seria feio da minha...

A minha melhor amiga tombou para o lado como se estivesse num carrossel. Seu rosto estava encarnado, a transpiração da sua testa fazia com que brilhasse. Sua risada ressoou por cima da música e antes que se encontrasse com o chão, Cole conseguiu pegá-la.

— Vou levá-la para fora. Ela precisa de ar — informou.

— Vou com vocês — indiquei, me preparando para levantar.

— Deixa estar. Voltamos em dois segundos. — Cole não me deu espaço para recusar. — Não vou comê-la. Pode ficar relaxada.

— Não tem como ficar relaxada quando eu sei do que você é capaz — mencionei, fechando o punho.

— Não com ela.

Van Doren ajudou a minha amiga a pôr-se de pé, segurando-a pelo braço e levando-a por entre os corpos até se perder da minha visão.

— Eu vou, Asher — declarei, mas fui puxada antes de tirar o traseiro do banco.

— Eu aposto três mil que ele não vai tocar nela — confidenciou no meu ouvido. — Mas aposto o dobro de que um dia ele vai. E que ela vai querer também.

Empurrei Hawthorn na mesma hora, enquanto sua gargalhada rompia o ar.

— Você é um depravado.

— Depravado? Já me chamaram de muita coisa. Burguês, filho da puta, criminoso, aberração, até mesmo de um puta gostoso em relação à minha bunda. Mas depravado? Tenho que adicionar na lista.

— Você vê tudo isso como uma piada, não é? Você não tem medo das consequências e olha o mundo como um entretenimento.

— Todos nós temos um papel nesse teatro. Se você prefere sentar o seu traseiro e assistir, é culpa sua. Eu prefiro fazer com que aconteça. Se eu quisesse fingir ser a porra de um deus, eu serei. Eu comando a minha vida, Gray.

Asher bebericou do seu uísque, o aroma gotejando no ar pelo seu forte sabor. O seu rosto espelhava o quanto ele saboreava a bebida e como a sua estrutura óssea que se assemelhava a uma montanha não era somente física. Asher era uma rocha no seu interior também.

— Você destrói vidas — rosnei.

— Eu as elimino para que o mundo seja mais interessante. — Seu sarcasmo fez meu estômago revirar. — Venha cá. Vou te contar algo que você vai gostar.

Não havia sinais de prudência na sua voz. Seus olhos claros, os fios loiros e o semblante estruturalmente quase perfeito o deixava mais do que atraente. Tinha vezes que Asher poderia ser confundido com um deus.

Não havia dúvida do motivo pelo qual ele era tão arrogante e inflado do seu ego.

— Você já pensou em quantas pessoas passaram na sua vida e, afinal, estavam corrompidas? Todos nós já roubamos. Já fizemos uma piada

de mau gosto. Já desejamos o mal para alguém. Faz parte da essência humana. Mas matar? Abusar? Condenar inocentes? Nunca pensamos que o seu amigo, a sua mãe, aquele primo que você ama é capaz de fazer algo assim. Mas eles são. — O seu indicador apontou para diversas pessoas naquele bar, calhando em homens e mulheres de diferentes aspectos, que não se interligavam. — *Você é.* — Uma nota de silêncio ecoou na minha mente. — Só é necessário apertar o gatilho de uma arma. É só pegar numa faca e apunhalar contra o peito. Não é difícil.

Seus dedos repousaram no meu ombro e o hálito quente reagia nos meus tímpanos.

Meus músculos tensionaram, receosos até onde aquela conversa iria.

— Mas o que impede alguém de o fazer? — Asher perguntou. — Você sabe?

Não demorei para responder, pois apesar de já ter sentido a pressão dos dedos de prender aquele gatilho e esperar a morte de alguém chegar, eu ainda acreditava em algo que os cinco rapazes já não tinham.

— Humanidade.

Asher gargalhou.

— Resposta errada, princesa. — O encarei fuzilante. — *O medo da morte.*

Meus dedos se desenrolaram, ainda o escrutinando confusa.

— Você está bêbado.

— Você acha que se não soubéssemos o que é a morte, teríamos coragem para fazer o que quiséssemos? — continuou, despejando o que, para ele, era uma filosofia. — As pessoas são comportadas, boas cidadãs e completamente sem graça porque não sabem o que vem depois da vida. Elas não pressionam o gatilho porque têm medo da maior punição de todas: morrer. Nós nos movemos para que a nossa vida seja boa e valha a pena morrer um dia sem arrependimentos. Mas se soubéssemos que, afinal, a morte não é tão obscura e dolorosa como parece? O mundo seria o caos.

Sua voz penetrava na minha mente como agulhas. Picavam, machucavam, mas abriam fraturas que deixavam os seus pensamentos atrelarem-se às minhas partes.

— Eu vi a morte, Emília. Eu senti o seu cheiro. Senti a sua dor. Senti-a nas minhas mãos — continuou, a sua voz escorrendo como veneno. — Vi a minha irmã sendo cortada ao meio. Eu escutei sua voz cortante. Ouvi seus últimos suspiros. Ela me olhou enquanto via sua vida acabar. A sua carne sendo vendida como a de um animal. As pessoas mastigaram-na, alimentaram-se daquilo que, algum dia, foi apenas uma criança de sete anos. *Eu vi.*

Os meus olhos estavam se enchendo de água.

A minha respiração era agonizante. Doía mover as costelas em cada arquejo, como se tocassem entre si e se esmagassem.

Era perturbador. Uma punição pungente para os meus ouvidos escutarem o tom casual de Asher em contar um ato fora da imaginação comum. Contudo, por mais que ele se mascarasse com um tom insensível, a sua dor era sentida no modo como os seus dedos se contorciam no meu ombro e os anos de caça que ele tinha contra a Fábrica.

Se ainda doía, havia rancor. E era esse sentimento que o movia para a vingança.

— A partir desse dia, não tive medo. Eu sou quem sou porque não tenho medo da morte. Nenhum de nós tem porque já tivemos o prazer de vê-la. Assim como você, não é? — Meu peito encolheu. — Você viu seus pais mortos. Você viu Dante matar seu coração. Por isso que você agora consegue. Você a viu e já não tem medo.

Ele se afastou, me deixando exposta ao frio. A música ecoando como uma trilha de terror, dando espaço para que mais e mais pensamentos cruéis se apoderassem de mim.

Estava paralisada. Amedrontada. Duvidando da minha própria humanidade.

— Nós não temos medo da morte. Nós dominamos a vida por ela. Por isso que a vida é um entretenimento para mim. Porque o meu maior desafio já aconteceu. Eu já vi tudo o que era possível. — Seu sorriso final foi sombrio. — Inclusive, se você acha que matar Dante vai ser um castigo para ele, está muito enganada. Se for capaz, ele vai te agradecer.

Não soube responder, nem procurar pensar muito por saber que buscaria mais pelo meu lado insano.

Asher tornou a tomar um gole demorado do seu uísque, vistoriando os cantos da boate como se estivesse à caça de outra pessoa para se divertir. Ele era um mulherengo de primeira.

No entanto, Hawthorn tinha cicatrizes assim como os outros Rostos Vazios. Não sabia muito bem o que tinha acontecido no dia do sequestro, mas imaginava que semeou o lado perverso e cruel de cada um.

Principalmente o de Dante e o prazer que ele tinha em ver as suas vítimas morrerem.



Fiz questão de insistir a Cole que eu queria ir com ele e Kay até à sua casa. Não o deixei entrar. Estava fora de questão. Van Doren ficou esperando por mim, o que me enervou já que não queria a sua companhia.

O nosso caminho até à floresta de carro foi silencioso. Ele me odiava por motivos que, antigamente, não entendia. Agora, apesar de já ter uma breve justificativa na minha mente, não retirava o absurdo que era ele me ver como uma pessoa inferior.

Ele era um filho da mãe.

— Emília. — Sua voz se desprende quando abri a porta do seu carro. — Eu não machucaria Kayleen nem a Penélope.

Virei chateada.

— Como se eu pudesse acreditar.

— Você pensa o que quiser de mim assim como eu penso o que quero de você — disparou. — Desde pequena que você é uma pirralha chata que se mete onde não deve e se tivesse me escutado na época não estaria presa a nós.

Precisava concordar.

Ao menos, Cole tinha feito de tudo para me afastar deles.

— Mas eu exagerei algumas vezes e disso eu não gostei.

A surpresa com o seu pedido de desculpas implícito me assustou.

— Bom, você me machucou muitas vezes — mencionei. — E o seu desprezo por mim é palpável.

— Nunca irá mudar. — O seu rosto estava sério. — Você enfraquece Dante e isso destrói não só a ele como a nós que estamos unidos pela porra de um pacto. Naquele dia que ele falou que estava apaixonado por você, ele me socou tão forte que Asher precisou interromper. As marcas que eu tinha deixado no seu pescoço não foram muito bem recebidas por ele.

Não perguntei o motivo de ele saber do momento que Dante falou que estava apaixonado por mim, assumindo que ele tenha contado. Porém a surpresa de saber que Faulker não tinha só atirado nele, mas, mais tarde, tinha batido no amigo causou um estranhamento em mim. Naquela época, ele se importava.

— Não concordo que ainda esteja viva — continuou. — Sempre vou achar que a sua morte seria uma solução mais rápida, mas talvez antes eu não tenha sido um bom garoto há anos.

A risada escapou da minha boca.

— Você ainda não é, mas se esse discurso todo é apenas para me convencer a ajudar a foder a Penélope, está muito enganado se vou cair nessa.

Ele bateu no volante.

— Você faz o que quiser com essa informação — declarou. — Diga a Cullbert que nós não somos amigos. Se ela souber, vou cortar os seus pulsos e te deixar para morrer.

Muito amigável.

— Claro, Van Doren. Farei questão de deixar claro que você e eu somos incompatíveis.

Empurrei a porta do carro dele com força, caminhando para casa e entrando com a cabeça abarrotada.

O silêncio amedrontador daquelas paredes de madrugada causava calafrios na minha espinha.

As palavras de Asher ainda ressoavam na minha consciência como eco de uma gruta.

O medo da morte.

Os cinco tinham visto algo que os mudou. Eles viveram o que eu nunca tinha vivido.

Meu peito apertou pensando em Dante. No que teria acontecido com ele realmente naquela noite. Nunca surgiu perguntar-lhe a verdade. Sempre pensei que nada justificaria matar tanta gente apenas por uma vingança. Mas que tipo de vingança era? Quem realmente eram os seus alvos? O que Dante tanto desejava?

Porém, ainda debatia sobre como, Faulkner mesmo tendo passado por uma situação que arrancaria qualquer coração e o substituiria por veneno, nutriu algo por mim.

Dante sempre me defendeu, mesmo que agora pudéssemos morrer por um acordo.

Em vez de seguir o caminho até ao meu quarto, paralisei na porta de Faulkner.

Possivelmente ele estaria dormindo ou na varanda tocando violino, no entanto, nenhum som além do meu coração dilacerado ressoava naquela madrugada.

Sem intenção de bater à porta, adentrei no seu quarto me surpreendendo com a cama vazia, somente desarrumada por alguns lençóis e o livro aberto.

Não precisei aproximar-me para identificar que era uma das obras de Shakespeare. Uma que nos tinha marcado tanto.

Romeo e Juliet.

Ele estava relendo?

Optei por voltar atrás, esmorecida para procurá-lo. Não era uma boa decisão. Contudo, um som masculino captou minha atenção. Vinha da única porta próxima ao armário.

Encurtei os centímetros, tentando entender o que estava acontecendo.

Os sons foram ficando mais nítidos.

O meu ventre foi se embrulhando.

Espasmos de água. Um vaivém rápido. Gemidos roucos.

Mordi o lábio inferior, tocando na porta levemente. A minha mão coçava para abrir e entrar naquele banheiro. Eu queria ver. Eu queria saber

como ele se tocava. Como Dante se satisfazia. Como aquelas mãos que matavam estavam dando prazer a si mesmo.

Os seus gemidos eram pausados, degradantes, consumidos por luxúria.

Podia escutar como a sua mão deslizava no seu pau e subia duramente. Como seu punho contornava a extensão e escorregava até levá-lo ao ápice. Imaginava como seria dentro de mim. Como seria se estocasse fundo em minha boceta, roubando o meu ar, terminando comigo de todos os jeitos possíveis.

Minha respiração começou a falhar.

Minhas pernas tremiam o bastante para obrigar os meus joelhos a dobrarem.

Letárgicamente, a minha mão alcançou o meio das minhas pernas. Deixei que um dedo retirasse um pedaço da minha calcinha para o lado e adentrasse entre os meus lábios.

Dei mais espaço para que outro dedo participasse, sentindo-me molhada e escorregadia.

Produzi movimentos circulares no clitóris. Os meus músculos ficaram tensos e pesados, implorando por uma saída mais rápida e uma entrada mais agressiva dos meus dedos.

Foquei-me no som abrupto do punho de Dante contra o seu pênis. Como ele deveria estar transpirando, se apoiando na parede da banheira, mantido em pé enquanto fodia na sua própria mão.

Não dei margem para parar. Continuava saindo e entrando dentro de mim. Fazendo com que meu sangue fosse lava, contorcendo meus músculos enquanto me fodia.

Empinei ligeiramente a minha bunda, abaixando a cabeça e espremendo os olhos, pensando em como seria bom se ele estivesse fazendo isso atrás de mim. Me vendo levar os dedos para dentro da minha boceta, massageando meu clitóris e suspirando o seu nome. Dante estaria segurando seu pênis entre a minha bunda, deslizando no espaço e gemendo alto e possessivamente o meu nome.

Ele passaria o polegar na minha entrada, tentando dolorosamente não inserir para não me machucar.

Mas eu gostaria.

Eu gostaria que ele me machucasse. Queria que ele me desse a sua dor. Que me fodesse até não sobrar nenhuma grama de sanidade. Que me mostrasse todas as suas malditas partes cruéis mesmo na cama, contra a parede, na bancada da cozinha, no banheiro.

Eu queria que ele me desse toda a sua raiva do mundo e eu o daria todo o nojo e ódio que tinha por ele. Meus dedos foram mais forte, mais rápidos, consumidos pela raiva do que era sentir prazer pensando em Dante Faulkner. Pela raiva de desejar o cara que tinha arruinado a minha vida.

Porra.

E era bom pensar. Era gostoso demais querer Dante me fazendo sua.
— Me fale o que você está fazendo, Emília.

Sua voz bagunçou minhas células. A minha inspiração ficou suspensa.

No entanto, apesar de perceber o meu erro naquele instante, não tive vontade de interromper.

— Não pare, porra — ele falou, por trás daquela porta. Estava perto. Dante estava muito perto. — Continue se tocando. Eu quero ouvir a sua boceta. Quero ouvir como ela gosta de ser fodida.

— Dante.

Minha traqueia ardia.

Estava transpirando arduamente. A caixa torácica estava em permanente expansão, com todo o ar que roubava daquele espaço.

— Quantos dedos você está usando?

Não estava me acostumando com aquela voz rouca, embebida em desejo. Dante estava arquejando entre as palavras. Eu sabia que ele estava se contendo para abrir aquela porta. Ele estava fazendo de tudo para não arruinar o que já estava sendo destruído.

— Dois.

— Consegue colocar mais um? — rumorejou.

— Sim...

A vergonha e a culpa pulsaram assim como a região sensível. Era feio. Um erro. Um pecado. Não havia salvação para a minha alma depois disso. Precisei morder a boca para pensar mais sobre a dor do que no que

estava fazendo. Contudo, não foi o suficiente para impedir que mais um dos dedos entrasse entre as paredes escorregadias, e o ar se soltou da minha garganta.

— Porra, Gray... Não pare. Porque se você parar, eu vou precisar abrir essa porta e continuar, mas nenhum de nós quer isso, não é? — Assenti com a cabeça, ofegante. — Eu quero a sua voz. Fale.

— Não vou parar.

— Boa garota. Agora quero que descreva para mim como está se sentindo.

Sabia que o seu punho continuava deslizando no seu pênis. Agora o som formava uma imagem real. Eu era capaz de salivar pela decadência daquela ação. Dante estava se masturbando bem ao meu lado, apenas dividido por uma porta.

Relutei para entrar na brincadeira, embora quisesse o suficiente para abdicar de muita coisa essencial na minha vida. Porém, ao me sentir ameaçada pela pausa de Dante e da força crua em seu pau, soprei as palavras.

— Estou molhada. Meus dedos estão escorregadios dentro de mim. Estou transpirando entre as pernas. Minha boceta está inchada. Ela quer gozar — murmurei, continuando a praticar movimentos circulares, sacudindo minha bunda e, conseqüentemente, os meus seios estavam balançando.

Os mamilos estavam duros contra o tecido da blusa. Queria pegá-los também, porém minha mão livre se garantia em me apoiar no pedaço de madeira.

— E como ela está imaginando gozar?

— Dante...

— Diga, caso você não queira que eu saia daqui.

Gemi levemente, arquejando sem espaço para equilíbrio.

— Contra essa porta — confidenciei.

Escutei um sorriso safado crescer na sua boca.

Seu pau pareceu ficar mais duro, pois a força contra ele foi maior e o barulho da sua pele contra a do membro deixava minha boca sedenta.

— Detalhes, Emília. Você sabe que eu gosto.

— Queria que fosse em pé. Você levantaria a minha perna, colocaria seu pau na minha boceta enquanto seus dedos também brincariam com ela. A outra mão seguraria a minha coxa, arranhando-a. — Sabia que Dante estava domando o seu controle, mas o seu vaivém bruto e firme tinha o objetivo de ser dentro de mim. — Cada estocada seria dura. Você entraria com força, como se desejasse me matar com a sua raiva. Com todo o ódio que temos um pelo outro em cada maldita foda.

Seus gemidos eram mais profundos. Guturais

— Você não tem ideia do que eu faria estando dentro de você — gemeu, entre suspiros.

Eu não tinha, mas gostaria de ter. Mas eu não confessaria. Não o deixaria saber.

Meus dedos não se cansaram em deslizar para dentro e fora. Meu ventre estava cada vez mais encolhido, pronto para explodir. Meus músculos internos estavam mais apertados.

Eu gozaria.

As minhas unhas fincaram naquela porta. Esmaguei as minhas pálpebras, alongando mais a minha coluna. Apertei as coxas e deixei que fosse mais veloz a ponto de acabar com aquilo.

Eu precisava gozar.

Eu queria gozar.

— Você só goza quando eu mandar — Dante exigiu, entre suspiros densos.

Ele rangeu entredentes, praguejando palavrões em fúria.

A voz rouca drenada por lascívia impulsionava a velocidade dos meus dedos e a sua fricção na minha boceta. Estava desesperada, enlouquecendo. Me arrancando da razão.

O fato da porta impedir que olhássemos um para o outro e percebêssemos que era um completo erro o que fazíamos adicionava mais prazer em cada maldita entrada de dedos brutal e firme. Porque, se aquela porta abrisse, eu e ele estaríamos concordando que o desejo entre nós existia.

— Você não tem controle sobre mim — contradisse.

Poderia ouvir um sorriso aterrador crescer em seus lábios.

— Eu sou o homem que você tem repulsa, mas também faz você esfregar seus dedos na sua boceta melada por mim — murmurou, a vibração atingindo meu ventre. — Eu não tenho controle sobre você. Eu sou a sua maldita mente. Sou a porra dos seus demônios. — Rolei os olhos pela minha mão que continuava movimentando insanamente, meus peitos balançando e a minha bunda empinando mais na expectativa de ser recebida por trás. — E você sabe que é minha de maneiras que mais ninguém te tem.

Porra.

Choraminguei pelo seu timbre poderoso que alcançou meu clitóris dolorido e, antes que eu pudesse me firmar o orgasmo chegou a capote. Meu corpo sentiu um golpe, fazendo com que meu sangue gelasse. O limite endureceu cada fibra. As minhas pernas tremeram, a minha boceta se fechou, expulsando meus dedos furiosamente.

Xinguei alto, batendo fortemente na porta, quase a quebrando como aquele gozo tinha feito comigo. Estava sem domínio da minha própria consciência, inebriada somente pela imagem de Dante do outro lado. Meus seios estavam pesados e senti que as estrelas entraram no meu organismo, me deixando zozza e capaz de conseguir voar.

Senti a viscosidade nas pontas, me deixando quente e macia por dentro e fora.

Dante veio logo atrás. Praguejando até o último deus, ele conteve um gemido rouco, porém o baque forte do seu punho naquela porta me fez tremer. Ele parecia mais violento. Selvagem. Alucinado. Fora de si, tal como eu. Eu poderia imaginar a sua porra respigando com força contra a madeira e eu queria que fosse na minha boca, na minha bunda, ou em algum canto do meu corpo que deixasse a sua marca.

Caralho.

O silêncio governou a atmosfera pelo que pareciam eras.

Ouvia-se somente o meu peito contra as costelas e a respiração descarrilada tornando a se acalmar.

Estávamos ambos exaustos. Sem entender o que isso levaria. Parecia ter sido uma morte lenta a cada segundo e agora estávamos finalmente nos enterrando debaixo da terra.

— Emília — Dante finalmente murmurou. — Saia.

Meu coração apertou.

Não consegui dizer nada. Não fui capaz de abrir a boca para contestar, muito menos me mover.

Mortal.

Eu e ele éramos como veneno em gotas curtas que arrastavam a nossa vida até não restar mais nenhum segundo.

— Saia agora — ordenou, mais uma vez. — Não me desobedeça dessa vez.

Não neguei.

Mal endireitei as minhas roupas e saí, com a plena certeza de que eu tinha fodido com tudo. Que eu tinha arruinado as minhas chances de sobreviver naquela casa.

33

Emilia Gray

apollo e dafne

Sabia-se que alguns homens tinham sido queimados em uma garagem de uma casa por vender.

Ninguém sabia ao certo quem eram, porém algumas famílias tinham reportado o desaparecimento dos seus maridos, pais ou filhos.

Havia uma poça de cinzas espaçada por dois metros cada uma, contudo, o número certo não foi divulgado.

A certeza residia que não havia vítimas mulheres, pela mensagem deixada com rastros de sangue.

Na verdade, *ela* era vingança.

Para qualquer um dos seus homens que queiram ferir o que é meu, essa é a minha ira. Sejam bem-vindos a porra do meu purgatório.

Adsum.

Não se parava de falar sobre isso nos corredores da faculdade. No café, na biblioteca, no refeitório, no pátio e no estádio era aquela notícia que andava de boca em boca.

Uma das minhas aulas não tinha acontecido porque, pelo que os boatos contavam, um dos homens desaparecidos era marido da professora de Ética.

Ela era uma mulher doce, simpática, apesar de ser chata nas provas. Contudo, sua paciência era admirável. Imaginar que o esposo, a pessoa que ela tinha jurado viver para o resto da vida era um capanga de um homem que era amigo dos meus pais e provavelmente importante na rede de tráfico humano fazia meu estômago amolecer.

Eu tinha dado a ordem a Dante.

Eu tinha pedido para ele se vingar.

Poderia dizer que era merecido, no entanto, não o pedi para condenar os seus crimes. Pedi para saciar a minha dor. A minha sede.

Contudo, arrependimento algum pesou na minha consciência.

Estava feito.

— Estou com medo — Penélope confidenciou, ainda encarando a sua tela. — Como um grupo de pessoas tão perigosas podem estar à solta? Ninguém sabe quem são. Nem mesmo onde moram porque estes crimes acontecem por todo o país. Como diabos a polícia não faz nada?

Não era um desespero somente da minha amiga. Cada pessoa tinha um pensamento diferente do que se tratava dos Rostos Vazios. Muitos supunham que era por um propósito maior e que eles faziam o que a polícia não tinha coragem. Outros achavam que eles eram somente assassinos psicopatas que queriam descontrolar a sociedade.

A verdade era muito diferente e sádica.

— Já notaram que há dois anos era tão pouco comum ver alguma coisa sobre eles além de alguns incêndios e avisos nas paredes, mas os atos agora são mais violentos? — Kayleen levantou a questão, se aproximando de Penélope para ver o que estava naquele celular.

Eu não precisava conferir. Sabia muito bem como, quando e os destroços que haviam sido deixados.

— Mas isso? Pessoas queimadas? — Penélope indagou.

— Foi feito de propósito, desta vez. Para que a polícia não seja capaz de encobrir. Queriam que o mundo soubesse — Cullbert analisou. — Mas não sei até que ponto podemos falar no plural.

— Como assim? — indaguei, desta vez curiosa com os pensamentos investigativos da minha amiga.

— *O que é meu*. Não é nosso. É apenas meu. Ao que parece, ele é possessivo — Kay brincou, soltando os seus cabelos negros.

Estávamos na grama, aproveitando o sol ardente. O aroma da comida feita no refeitório, das batatas de pacote no nosso centro e da grama seca invadia minhas narinas. Estava um calor absurdo, com um vento ligeiramente fresco, fazendo com que a maioria dos estudantes quisesse aproveitar o dia.

Enquanto Penélope se penteava, olhando as suas redes sociais, e Kate via uns vídeos da sua performance no último campeonato, eu acabava os meus trabalhos, lendo os livros pendentes de Medicina que não tinha terminado.

— Os Rostos Vazios são apenas uma pessoa?

— Claro que não, Penélope — Kayleen continuou, roubando uma porção enorme de batatas do pacote. — Mas talvez eles tenham seus próprios problemas e gostem de agir sozinhos.

A minha melhor amiga era extremamente inteligente. Apesar de não ser algo tão complicado de chegar à conclusão, ainda assim, não era qualquer um.

O bom era que ela não era curiosa. Kay deixava claro que não queria saber da criminalidade da cidade desde que não afetasse os seus. Desde que Dante nunca mais deu as caras, pelo menos, era isso que ela pensava, sua preocupação era focada na ginástica e na faculdade.

— O que significa Adsum? — perguntei para Cullbert, mastigando uma batatinha.

— Eu estou aqui.

— Por que você acha que eles escrevem essas coisas em latim? Ninguém entende — Penélope resmungou, desembaraçando os seus cabelos loiros com os dedos.

— Não é para ninguém entender, amiga. É para os mortos — refletiu. — O latim é uma língua considerada morta, portanto entendo o conceito de usar para aqueles que serão mortos também. É um aviso. Eles escrevem em latim como um aviso de que os seus alvos serão os próximos cadáveres.

— Dessa vez não escreveram em latim — analisei, tendo os meus ossos fragmentando.

Eu fui a causa daquelas vítimas.

Fui eu que pedi a um dos Rostos Vazios, especialmente o líder Dante Faulkner, para sujar as suas mãos por uma vingança minha.

— É para alguém entender. Alguém vivo. Alguém que não querem ver morto.

Kay me analisou, seus olhos gélidos vasculhando por códigos secretos nos meus músculos faciais.

— Achei ligeiramente romântico — Penélope brincou, lixando suas unhas. — Vocês acham que esses Rostos Vazios alguma vez serão pegos? Admito que gostaria de saber quem são.

— Eu acho que sim e espero que paguem pelos seus crimes. Ninguém é Deus. E ninguém deveria agir como um — Cullbert concluiu, mexendo no pacote que já estava quase vazio. — A maioria dos serial killers acabam por ser presos porque ficam gananciosos, supondo que nunca serão pegos. Eles serão um deles. Não há dúvidas. O problema é que pode existir a tendência de imitações. Vários jovens devem começar a copiá-los, quase como se fosse uma moda.

— É, verdade. Inclusive, eu sei que criaram uma página de fãs — Penélope ridicularizou.

— E nem ao certo sabemos qual o objetivo deles.

Escutava o diálogo incapaz de abrir a boca para falar.

Eu sabia de tudo. O que estava acontecendo no submundo.

E, se antes condenava-os, agora eu queria que eles colocassem fogo no mundo inteiro. Havia tantos atos grotescos, pessoas maldosas que produziam revolta no meu organismo.

Nós não temos medo da morte. Nós somos os seus súditos. Nós dominamos a vida por ela.

O eco da voz de Asher ainda era a minha canção de ninar.

— Vocês querem ir na festa que vai ter na próxima semana. Estou com vontade de me divertir — Penélope perguntou.

— Eu não. Me embebedei o suficiente antes de ontem. Nem sei como cheguei em casa segura. Confiei na Emília — Kayleen mencionou.

Tinha dito para ela que fomos de Uber, porém tínhamos ido no banco traseiro do carro de Cole.

— É perigoso. Você não deveria, principalmente com tantas mortes.

O meu celular vibrou na minha coxa. Tirei do bolso e vi a mensagem que já ansiava.

— Preciso ir, garotas — falei, fechando o livro pesado e abrindo a minha mochila.

— Mas já? — Penélope se surpreendeu. — Não quer ir lanchar com a gente?

Enruguei o nariz.

— Fica para depois.

Plantei um beijo em ambas as nucas e rumei por entre o campo para chegar ao parque de estacionamento.

Havia movimentação de estudantes, formando uma roda humana e encurralando uma garota. Demorei a identificar quem era. Ao que parecia, ela estava encostada em algum carro, observando algo que não estava gostando.

Seus olhos estavam conectados aos olhos de outra pessoa.

— Onde você vai, Lia?

Olhei para trás vendo Jaxon com as suas roupas habituais, o tom bege das calças e a camiseta branca o fazendo parecer um príncipe em uma escola da realeza.

— Combinei de lanchar com as minhas amigas — disse sorridente, pressionando o livro contra mim.

— As mesmas amigas que estavam na grama e você se despediu delas?

Sua sobrancelha ergueu desafiando-me.

— Outras.

— Achei que fosse antissocial.

— Não tanto assim — menti.

O meu celular tornou a vibrar e escorreguei a mão para o desligar.

— Não é importante? — Fish questionou, claramente entendendo que eu escondia algo.

— Não tão importante quanto o que quer que seja que o seu amigo esteja tramando e a galera esteja assistindo — comentei.

Jaxon suspirou, olhando para o lado da barulheira, decepção reinando nos seus olhos.

— Campbell é um cara complexo.

— Você jura?

A ironia não pareceu amenizar o impacto em Jaxon.

— Ele tem os seus próprios problemas fora dos Rostos Vazios. Isso já não tem a ver conosco porque não afeta a nossa identidade. Ele está lidando com as suas merdas — Jaxon grunhiu. — Não tente entendê-lo. Na verdade, não tente saber o que cada um de nós passa. Nós temos duas vidas. Não é fácil manter uma, imagina mais outra.

— Hum. — Dei de ombros sem dar importância ao seu discurso. — Mas então o que está fazendo por aqui? O edifício de Engenharia fica do outro lado. Está me perseguindo?

— Estava passeando.

Levantei a sobrancelha.

— Está apaixonado por mim?

Jaxon sorriu levemente, os seus dentes perfeitos aparecendo de uma maneira sexy.

— Se eu tivesse, causaria um caos. E eu até gosto. Gostaria de ver Dante se corroendo por dentro — Jaxon propôs, o desafio reinando suas sílabas.

— Você é um rostinho bonito, mas a sua índole não é tão melhor que a deles — comentei.

— Gosto de brincar com o perigo mais do que a morte. Vivo pela adrenalina.

Seus olhos âmbar cintilaram com os raios do Sol atravessando suas íris. O seu estilo condizente a um turista na Grécia, deixava-o mais elegante e, de certa maneira, um psicopata muito bem infiltrado na sociedade.

Bastardo.

— Preciso ir.

Não dei espaço para mais perguntas, seguindo o caminho por entre os carros. Procurei por matrículas até ver a que estava buscando e entrando no carro, de imediato.

— Por que demorou tanto tempo? — Daniel indagou, levantando o seu banco em um ângulo fora do comum.

Ele tinha a sua jaqueta vermelha e branca como marca da Fokley. Gostava mais das cores da *Olympus*, que residia entre o preto e branco, porém ele ficava elegante nela.

— Estava estudando. — A minha língua estava viciada em mentir.
— Desculpa não ter me encontrado com você no dia que combinamos.

— Tudo bem. Estava atarefado com os treinos.

— Estão correndo bem?

— Na medida do possível. Ser *Running Back* não é fácil.

— Mas você gosta.

As suas covinhas apareceram.

— Eu amo.

— Então, o que você precisa conversar? — perguntei.

Ele era parecido com Angelo, mesmo que fosse seu tio. Talvez fosse pelos gestos e manias que adquiriu pela convivência. Tinha encontrado poucas vezes com o senhor Wayne, contudo, ainda lembrava do seu rosto cicatrizado com a fúria dos deuses em seus olhos e boca. A elegância do seu terno, o pulso adornado pelo relógio mais caro e a colônia rica era uma lembrança marcante do homem.

Mas a sua alma era podre. Seu corpo era uma reencarnação das chamas do inferno.

Angelo Wayne era tão macabro quanto a pior das almas pecadoras.

— É o meu tio.

Minha traqueia fechou.

— O que tem ele?

— Nada de especial. Ele apenas quer te convidar para um jantar.

Enruguei a testa, confusa. Os meus pelos se eriçaram e doeu na minha pele.

— Jantar? Por quê? Eu não falo com ele há tanto tempo.

— A empresa dele vai criar uma parceria com o hospital que os seus pais eram diretores.

Um calafrio se estendeu pela minha coluna.

Era uma armadilha. Cheirava de longe. No entanto, algumas coisas não batiam certo. Não sei encaixavam. Era uma oportunidade para entender melhor quem ele era e as suas intenções, porém eu sabia que Dante iria negar o meu envolvimento mesmo que ele tivesse razão, já que era perigoso.

— Eu não sei... Acho que me sentiria um peixe fora d'água.

— Um dia, você vai ser diretora — pronunciou.

— Claro que não. O Othello não é sobre sobrenomes. É sobre quem merece estar no cargo.

— Mas você merece. O meu tio sabe disso. Todos sabem. Você tem a alma dos seus pais. Impossível não ser tão boa quanto eles. — Daniel não imaginava como aquilo não era nem um pouco um elogio. — E eu vou estar lá. Não se preocupe.

Dante iria me matar se soubesse. Ele faria questão de colocar uma bomba no carro se me visse aceitar um convite para estar a dois raios de distância de Angelo Wayne. Mas eu precisava ver com os meus próprios olhos quem era o homem que me quer viva por motivos um tanto estranhos.

Eu estava presa a um acordo, no entanto, ainda tinha livre arbítrio.

— Está bem. Posso ir. Mas por que você não me mandou mensagem?

Seus ombros se encolheram.

— Queria te ver, Lia. Às vezes sinto falta de você — murmurou, fazendo beicinho.

— Às vezes?

Ele sorriu brincalhão.

— Tá. Apenas uma vez por ano.

Bati no seu ombro, sentindo o calor do que era ter Daniel como um amigo de vida.

— A Kay e a Penélope podem ir?

Daniel balançou a cabeça.

— É um jantar restrito.

— Mas os pais dela são da elite, ao contrário dos meus que estão mortos. — Daniel não gostou da piada. Seu rosto era moldado em ferro. — Ah, era apenas uma gracinha.

— Não fale assim. Eu sei que ainda te abala.

Me esforcei para não expor a verdade. O rancor com a morte dos meus pais era muito mais profundo, mais tenebroso. Não sabia ainda absorver toda a informação das pessoas que eles realmente tinham sido, no entanto ainda acreditava na bondade e todo o amor que me tinham oferecido quando era mais nova.

Contudo, eles foram outros. Eles financiaram o sequestro de Dante e de outras crianças. Eles se alimentavam delas. Eles gostavam e apreciavam a dor dos indefesos.

— Sim, bastante — respondi, finalmente. — Mas já se passaram quatro anos. Eu consigo lidar.

A mão de Daniel alcançou a minha lombar, esfregando ternamente.

— Essa cidade está cada dia mais perigosa. Você soube dos cinco homens que morreram?

— Sim, soube.

— É uma tragédia.

Algo em mim fez um clique.

Cinco homens?

Não havia certeza do número. Eu sabia porque Dante tinha me dito, contudo a polícia não o divulgou para diminuir o pânico e o transtorno das famílias que poderão achar que são os seus parceiros.

Assim que ergui o olhar, uma figura sombria encostada a uma parede chamou a minha atenção. Poderia ser alguém normal. O casaco preto, as calças escuras e o capuz tapando o seu rosto eram de difícil reconhecimento.

Porém, eu poderia ver a sua aura de longe.

Eu conhecia aquele corpo.

E, quando seus olhos aterraram nos meus, todo o medo reagiu furiosamente nas minhas veias.

Putá merda.

— Podemos sair daqui? — perguntei rapidamente.

— Agora? Posso te levar para casa.

— Na verdade, quero ir comer algo. As meninas iam lanchar no café habitual.

— Ah, claro. Vamos.

Daniel colocou o seu cinto e eu fiz o mesmo, ainda conferindo aquela sombra.

Seus olhos obscuros não arrancavam suas garras de mim.

Ele ia me comer viva. Eu sabia.

Jaxon tinha contado, possivelmente. Ele não iria saber que estava com Daniel. Só se me perseguisse a cada maldito segundo sem eu perceber.

Porra.

Por esse motivo, preferia matar o tempo até chegar em casa e lidar com as consequências do que era Dante chateado por eu ter sido desobediente, mais uma vez.



Nunca tinha sentido tanto medo quanto pisar naquela casa de noite.

Tinha evitado voltar para aquelas paredes, porém eu precisava enfrentar a ira de Dante. Ele sabia que tinha estado com Daniel quando foi claro de que eu estava estritamente proibida de vê-lo.

No entanto, Faulkner não mandava em mim, embora eu entendesse o seu propósito e a sua sede de proteção excessiva comigo.

A única sombra que havia me assustado foi a de Vance, vagando por aquela casa como um fantasma, com um cubo mágico na mão, decifrando-o e chegando a diversas conclusões em todas as versões que conseguiu resolver.

Como sempre, não trocamos nenhuma palavra, mas seus olhos diziam tanto que memorizei mais do seu rosto do que alguma vez tinha notado.

Rachel adormeceu na beira da minha cama, após eu chegar em pezinhos de lã e pisar em falso. Ela veio correndo na minha direção, me derrubando e desde então não me largou. Alimentei-a, assim como Shakespeare que, estranhamente, nos últimos dias, estava bastante quieto.

Estudei e, antes que fosse meia-noite, me deitei.

Peguei no livro no meu canto, a capa verde reluzente da coleção rara de Tito Andrônico.

Nunca tinha lido aquela obra de Shakespeare por ser violenta. Estupro, assassinatos, até mesmo descrições de canibalismo estavam presentes. Era uma disputa pelo trono de Roma. Combates, esquartejamentos e mutilações intensas que deixavam a escrita do autor sangrenta, maquiavélica e degradante.

Ainda assim, eu me embalava nas suas palavras, repensando como a cidade se moldava da mesma maneira. Como o sangue era o ar que respirávamos e as nossas mentes corrompidas por um desejo venenoso.

Quando peguei a garrafa, notei que estava vazia.

Suspirei, levantando da cama até a cozinha para enchê-la. A casa ainda estava vazia, somente com o quarto de Vance fechado dando indicação de que éramos os únicos ali.

Nada de Dante.

Abri a torneira, assobiando uma das músicas clássicas que havia emplacado na minha mente. Fechei-a, assim que a borda da garrafa vazou líquido.

— *Se fiz alguma coisa boa na minha vida, dela me arrependo do fundo do coração.*

O receio de erguer o olhar e ver o homem esculpido em escuridão, escrutinando-me como se eu fosse uma presa, uma maldita pedra no seu sapato gelou o meu sangue.

Minhas unhas arranharam o plástico, antes de endireitar os ombros, expandir a caixa torácica e levantar o meu queixo.

— Você alguma vez já fez algo bom? — questionei atrevida.

Sua boca ascendeu maliciosamente.

— Te deixar viver, Gray. Essa foi a ação mais bondosa. Diria um ato altruísta — Dante começou por dizer, fixo na beira da porta, ocupando o

espaço que poderia ser a minha única saída de fuga.

Um objeto brilhou em suas mãos, com os braços cruzados, elevando o seu peitoral e flexionando os seus músculos.

Uma arma.

Ele estava pronto para me matar.

— Tito foi traído por tanta gente ao seu redor. Viu a sua sobrinha sendo estuprada. Seus filhos mutilados e colocados para morrer. Ele estava batalhando sozinho e você sabe o que ele fez?

— Preferia que não me entregasse o final da história.

— Ele deu para a rainha que o condenou a carne dos seus filhos para ela se alimentar — concluiu, travando passos na minha direção.

— É isso que você vai fazer?

— Oh, Gray, você sabe que consigo ser pior do que isso. Eu te rasgaria de dentro pra fora.

O medo tomou uma forma física, me abraçando por inteira.

Eu tinha que fugir porque aquela arma estava carregada, leve na mão daquele homem que me encarava como o maldito declínio que era. Era faminto. Devorador. Sem escrúpulo.

— Você não pode me proibir de nada. Daniel é meu amigo. Não meu inimigo.

— Não quero saber se ele é a porra da sua alma gêmea. Se eu te disse para você não encontrar com ele, você não o faz. — Havia fúria naquelas palavras, no entanto, Dante ainda mantinha o controle.

— Você é louco. Não consegue enxergar as coisas para além do que elas são.

— O que eu vi foi apenas você fazendo carinho no carro do sobrinho de Angelo Wayne. O homem que, nesse momento, é nosso inimigo. — Seu semblante criou linhas de repulsa. — Como eu agora tenho a certeza de que você não armou um complô com Wayne para manter a sua vida? De criar algo contra mim.

Seus passos eram calmos e rítmicos.

Dante parecia ser um perito em matemática quando se tratava da dinâmica da sua caminhada.

— Eu não faria isso.

— Sim, Gray. Você nunca armaria nada contra o cara que matou os seus pais e a única razão pela qual mantém-se nessa casa.

Minha boca friccionou.

Dante estava cego. Ele estava com medo da traição. Ele estava com receio de todas as consequências que poderiam vir depois de me deixar criar cada vez mais raízes no seu território.

— Eu sou o vilão da sua história. Eu te traí, te abandonei, te prendi a mim e agora quero te matar. Eu sou o homem que você se enoja. Me diga, *pulchra*, por que eu não acabaria com a única pessoa nesse mundo que faria de tudo para ver a minha destruição?

Seu olhar era uma porta dos Infernos. Nunca tinha visto tamanha concentração de ódio e rancor neles. Minha pele queimava com a promessa da sua raiva. Com a promessa de que essa guerra teria um fim.

— Porque você ainda precisa de mim.

— Preciso?

Suas sobrancelhas subiram em zombaria.

— Eu sou o seu desafio. Eu sou o que você deseja e sente repulsa.

Seus olhos ganharam um brilho distinto.

— Você? — Dante continuava se aproximando, e eu me mantinha fixa, encostada à bancada, demonstrando que não fugiria daquela guerra. Eu ganharia. — Por mais que eu gostasse de confirmar, eu não te vejo dessa maneira. Você não é repulsiva. Na verdade, é um perigo ambulante para a minha sanidade.

O meu estômago se sentiu punido.

Mas de uma maneira extremamente bondosa.

— E você não é desafiadora. Posso encontrar seu gosto em qualquer outra garota. Não há nada de especial que eu queira em você.

Suas palavras não deveriam me atingir, mas, ao invés de costurar minhas feridas, deixavam-nas mais expostas.

— E mesmo assim se sente no direito de me proibir de ver outros caras pela ameaça de eu desejá-los.

— Você acha que é sobre quem você quer?

— Eu tenho certeza.

Não sabia em que momento a nossa distância era de poucos metros.

Não havia mais como eu escapar.

Sua arma se mantinha lá e eu estava indefesa, pronta para qualquer ação de defesa.

— Tem certas coisas que eu odeio — ele começou por dizer, seu timbre rouco e gutural como a morte. — Uma delas é a maneira como você respira perto de outro homem. Como você olha para outra pessoa como se fosse a sua salvação. Como você toca como se eles tivessem uma parte de você. Mas eu não odeio quem você deseja. Quem você pensa.

Odiava-me por estar dando espaço para Dante me tirar do eixo. Ele exalava luxúria, atingindo um ponto G mental que me fragmentava. Fechei os olhos quando a nossa distância se tornou meros milímetros.

—Você gosta de sentir o perigo — continuou. — Sou o único homem que faz dos seus pesadelos uma realidade mais prazerosa. Sou o único homem que você quer.

Sua mão se atreveu a enrolar no meu pescoço, porém o que me incomodou foi a arma em um certo lugar.

Entre as minhas pernas.

Os seus dedos estavam perto do gatilho. Prontos a disparar. Mas ainda assim, meus músculos interiores tensionaram. Não saberia dizer se era por medo. Daquela vez, fagulhas de prazer reagiam fervorosamente.

— Você me traindo me deixa louco pra cacete. Quero punir você. Quero te destruir a ponto de não se reconhecer mais — murmurou, pressionando mais a arma no tecido da minha bermuda.

— Eu não sou um bicho de estimação, Dante. Eu faço o que quiser — rosnei.

Seus dedos se deliciaram em acariciar a pele da minha garganta.

— Para você morrer para outro?

— Daniel não me mataria.

— Eu não quero saber do bastardo. Quero saber do nosso acordo. Do que nós combinámos e uma delas foi que você seguiria as minhas regras e as obedeceria. Que você não daria sua morte para outro. E andar de conversa com o sobrinho de Wayne é contra essa porra.

— Mas a vida continua sendo minha. Eu continuo tomando conta dela — grunhi, ofegante e procurando suporte para não sobreaquecer com o

calor que Dante emanava.

— A partir do momento que a sua boceta prefere o meu corpo, não acho que você tenha o controle de muita coisa da sua vida.

A excitação dura aromatizada a atmosfera. Estava escuro, ofuscando o que estaria explodindo dentro de nós. Meus mamilos enrijeceram tanto que doeu estar coberta.

— É fácil dizer isso quando você nem tem coragem para me foder porque sabe que se acontecer, não conseguirá me matar — soprei.

O desafio gerou algo em Dante.

A arma cravou mais contra a minha boceta e precisei inalar furtivamente para que não pensasse que ele pudesse atirar por lá.

— Você não sabe do que fala.

Ri.

— Você tem a porra de uma arma na mão e não consegue me matar. É você que implora para que eu saia do seu quarto se não consegue parar de me querer. Por favor, Dante. Você sabe que, no final, eu te matarei por você ser fraco demais para mim.

Seus olhos escureceram, os dedos passeando pela jugular.

— Fraco demais? Fui eu que torturei os seus pais. Matei-os de dentro para fora. Cortei os seus membros e a sua garganta para que soubessem o que é dor. E a filha deles está aqui, prestes a gozar com uma arma roçando na sua boceta. — A arma procurou deslizar para dentro da minha calça. Fechei as pernas, mas permiti que o material esfregasse na região. — Você se comporta como se fosse a fodona, mas não passa de uma vadia burra. Eu vou te foder, Emília. Quando eu quiser. Porque sei que, de uma maneira ou outra, sua boceta sempre estará pronta para mim. E eu vou te destruir logo em seguida. Dolorosamente e prazerosamente, do jeito que eu sei que você ama.

Seus lábios roçaram nos meus, a língua passeando neles. Eu respirava o seu ar. Eu sentia o seu calor.

Meu coração bombardeava em antecipação. Em ódio. Em repulsa. Em tanto desejo que era inconfundível.

O objeto continuou movendo-se. O meu corpo era uma maldição. Uma queda. Eu experienciava o que não deveria desejar, mas estava prestes

a implorar.

— Patético — soltei. — Nada em mim quer você.

— Tudo em você implora por mim, Gray. Achei que já soubéssemos disso. — Seus dentes pressionaram o meu lábio inferior, um gemido de leve reagiu confuso.

— Você é um vagabundo — rangi.

Então, Dante retirou a arma, levantando-a como um troféu de uma competição longe de ter sido severa.

Minhas veias se contorceram. O seu sorriso furtivo jurou promessas de me destruir de uma forma nunca antes vista.

— Você goza com a ideia de ser morta por mim. Por que será, Emília? — provocou, o brilho na ponta do objeto me excitando em vez de me dar os sinais certos. Para minha surpresa, a sua língua passou pela arma. O tesão estourou dentro de mim. — *Gostosa*.

Tremi na base.

Caralho.

— Continue xingando — continuou. — Vamos ver se tem tanta força de vontade quando eu estiver te punindo enquanto geme para mim como *minha puta*.

A minha mão foi rápida em acertar o seu rosto.

Ardeu na pele e ardeu nele que girou a cara, pelo acerto espontâneo e furioso.

— Repete de novo e eu acabo com você, seu desgraçado — disparei, rangendo.

— Posso te chamar de vadia, cadela, mas não de puta? — Dante sorriu, limpando o rosto. — Ou você só teve essa reação porque gostou?

Odiava que ele me fazia sentir coisas que eu não queria.

Porra.

Como eu poderia gostar de algo tão perverso quando era ele que me causava?

— Eu te odeio pra cacete — rosnei.

— Eu te odeio ainda mais quando, à noite, preciso pensar em você para gozar — soltou em rouquidão.

O choque das nossas bocas foi feroz.

Dante me reivindicou, dominando os meus pensamentos internos que sabiam que aquilo era errado. Lutei para me autodestruir, brigando com a porra da minha mente que aceitou, de bom grado, que aquele homem me tomasse inteira.

Era uma guerra que finalizava com as nossas línguas, os nossos lábios, as respirações se juntando como um só.

A sua arma caiu, levando com que as suas mãos ficassem livres para me girar e colocar na ilha. Pratos, copos, talheres quebraram-se no chão. Suas mãos varreram o espaço, pouco se fodendo para a bagunça que ficaria.

Ele tinha gosto de veneno. De morte. E eu gostava. Apreciei a adrenalina correndo em minhas artérias, alcançando até a ponta dos dedos da minha mão que se enrolaram.

Com força, aprisionei a dorsal do seu pescoço, as minhas unhas afundaram e feriram a sua pele. Mordi o seu lábio inferior quando o seu joelho pressionou contra o meu clitóris dolorido e, instintivamente, decidi montar nela, rebolando devagar, saciando o acúmulo de prazer batendo forte no meu estômago.

Ofeguei.

Eu era necessidade. Carência. Vontade. Luxúria.

Eu era desejo. Ódio. A fúria.

Dante era a minha desgraça, me levando até às profundezas do seu abismo.

Ele agarrou um punhado do seu cabelo brutalmente, raspando as unhas na sua nuca. Minha jugular foi tomada pelas suas mãos grandes e ásperas, rosnando na minha boca. Eu me recusei a beijar, me soltando dos seus lábios.

O vislumbre do seu rosto corado, das íris dilatadas em prazer me deixaram mais molhada. A umidade escorria como água na parte interna das minhas pernas. A minha calcinha era um tecido fino para as paredes duras de prazer que a minha boceta latejava.

— Você tem sabor de merda — declarei.

Dante sorriu.

— Você é deliciosa pra caralho.

Então, o puxei contra mim novamente, aprofundando. Seu sabor governou as minhas papilas gustativas. O meu peito disparava, soletrando a palavra mais. Porque eu queria cada vez mais. Queria que ele desse todo o seu ódio por mim assim como eu entregava muito mais para ele.

Eu odiei cada segundo, explorando cada canto daquilo que eu tanto repelia. Daquela pessoa que tinha causado desastre em mim.

Eu odiei que aquele beijo ativou um instinto selvagem e predatório que controlou cada rebolada intensa na sua coxa, descarregando minhas energias.

Odiei precisar aprisionar os gemidos para que ele não os engolissem e aumentasse seu ego.

Dante pressionou nossas virilhas, deixando que seu volume friccionasse no meu clitóris inchado. A minha espinha reagiu, se curvando e ele acompanhou, sem me largar por um segundo.

Sua mão ainda residia na minha garganta, a outra passeando pela lombar, desejando atravessar minha bermuda para chegar na bunda.

Eu continuava entremeando minhas unhas pela sua nuca escura, vendo estrelas e demônios por detrás dos meus olhos fechados.

Faulkner roçou mais fundo, me fazendo arquejar violentamente. Ele sorriu entre o beijo, o veneno brilhando em sua boca.

— Continue me odiando, *pulchra*. Me dê o seu ódio — rumorejou.

Entrelacei mais as pernas, convidando-o a fazer o que ele queria.

Sua fricção foi mais intensa. Eu rebolei contra Dante, mantendo nossas línguas ocupadas, a nossa guerra em quem faria daquele beijo mais marcante. Em quem desistiria primeiro por não aguentar mais.

Ele mordia minha boca, rastejando pelo meu pescoço para deixar marcas escuras e dolorosas. Deixando seu nome exposto na minha derme escura.

Não evitei em fazer o mesmo.

Minhas unhas chegaram na sua clavícula, rastejando até sentir feridas abrirem e o sangue escorrendo nele.

Ignorei a culpa. Ignorei a razão. Ignorei os meus motivos para não dar o meu corpo a Dante. Somente aceitei a ideia de que era a forma de mostrá-lo o quanto tinha repulsa por ele.

Dante continuava movimentando-se. Meus quadris mantinham a rebolada no seu membro duro. Seus gemidos roucos me ajudavam a continuar.

Eu sentia a sua cabeça, suas bolas, sua extensão desejando ser tocada. Desejando estar dentro de mim. Minha calcinha estava cada vez mais melada, delirando por uma promessa de ficar cheia. De sentir o que estava negando naqueles últimos meses.

Era mais forte.

Cada vez mais potente.

Remexia os quadris, os meus seios pulando proeminentes contra o seu peito. Dante começou a respirar mais sonoramente. Contra a minha pele. Me fazendo transpirar mais do que já era possível.

— Você quer gozar contra o meu pau, não é? — soprou tão animalesco, primitivo e alucinado quanto eu. Dante estava à deriva da loucura. — Eu só vou parar de te beijar quando você começar a chorar do medo que eu causo em você.

— Tente.

Ele tornou a levantar a cabeça, e eu o beijei. A sua reciprocidade foi instantânea, me violentando com a sua boca. Dante não externava delicadeza. Na verdade, ele se continha. Se eu achasse um ponto certo, ele me foderia de dentro para fora.

Faulkner se recusou a continuar, parando de se mexer e de ter os nossos lábios próximos.

Eu queria tanto. Mas não imploraria. Nunca.

Pendi o meu corpo para trás, me apoiando na mesa com os braços. Continuei com as pernas atadas na sua cintura, e desloquei meus quadris contra a sua ereção.

Dante não se moveu e se concentrou em me ver se deslocando, balançando contra ele, parecendo subir e descer. Eu o queria dentro de mim. Socando meu interior com a mesma loucura que cintilava em seus olhos. Queria que fosse sem as roupas, com todo o embate bestial que nos governava.

Dante ocupou novamente suas garras na minha cintura, mas desceram para a minha bunda. Eu continuei e ele viu como era a minha

necessidade por ele sem palavras. Apenas com a nossa foda contra os tecidos de roupa.

Meu clitóris pulsava e gemidos se acumulavam na traqueia. O prazer se alastrava em todas as regiões do meu corpo.

— Nunca irei pedir nada a você.

— Suas mentiras estão cada vez piores.

Faulkner se inclinou, levantando a minha camiseta. A sua língua caminhou os entre meus seios. Aterrou no meu mamilo, apertando-o com os dentes. Guardei um gemido dolorosamente prazeroso de vazar. Arranhei suas costas, cravando minhas unhas até a sua carne.

Seus quadris se moveram, aumentando a fricção. Como se estocasse o meu útero, Dante fodeu-me entre as minhas pernas, permanecendo com a boca criando marcas em meus seios. Ele estocava agressivo. Duro. E mais uma vez. E mais outra. Sem parar.

Caralho.

Gemi contra a sua boca quando ela retornou, a sua mão retornando para os meus cabelos já bagunçados e formando um punhado nela. Faltava o ar, engasgando os meus pulmões. Era uma dor prazerosa. Fodidamente gostosa.

— Merda... — soprei, amando cada maldito segundo. Odiando que era Dante me fazendo sentir tão bem.

A camada de tecido nos incomodava, mas desafiava a nossa dinâmica. Os nossos movimentos. As nossas necessidades.

O rastro se espalhava pelas minhas fibras que se encolhiam.

Eu iria gozar. Dessa vez eu iria gozar para ele. Não queria por ser tão vergonhoso somente com uma fricção do seu volume. Mas não aguentava mais. Precisava daquele alívio. Do arrependimento. De um motivo maior para enterrá-lo vivo.

No entanto, quando abri os meus olhos, duas orbes verdes me assustaram.

— Vance? — guinchei, empurrando Dante para longe, de imediato.

Faulkner virou-se para observá-lo. O cara aproveitou que nos afastamos para rondar a ilha, evitar pisar nos cacos de vidro espalhados e procurar por um copo. Mas não havia. Estavam todos quebrados.

Quando ele reparou, olhou para a minha garrafa e levantou-a, como se pedisse autorização para beber por ela.

Assenti, desnorteada e me sentindo bêbada. Mal conseguia respirar. Inalava de uma maneira esquisita, assim como Dante.

Estávamos tão exaustos como se tivéssemos corrido uma maratona no inferno.

Vance bebeu, nos encarando por longos instantes. A vergonha me estapeou. Ao contrário de Dante que se endireitou, estalando o céu da boca. Tínhamos sido pegos e, por mais que o pudesse comprometer, ele parecia lidar melhor com aquilo.

Campbell repousou a garrafa e saiu da cozinha, tão silenciosamente quanto entrou.

— Porque ele não fala? — perguntei, evitando pensar no que aconteceu.

— Pergunta pra ele — Dante ironizou, se afastando de mim e limpando a boca com o dorso.

Meu estômago se revirou.

Ele estava limpando a porra do nosso beijo.

Então, segui para a torneira sem hesitação e lavei minha boca com água.

Ao encará-lo, a sua boca era adornada por um sorriso maléfico.

— Vá para o seu quarto e não saia de lá durante essa noite — avisou roucamente, estapeando minha bunda com força o bastante para me fazer curvar na bancada. — Amanhã eu te quero calada em relação ao que aconteceu.

Antes que eu fosse, Dante puxou os meus cachos, mordendo os meus lábios. Gemi com raiva e ele me encarou com o mesmo sentimento.

Vazei na mesma hora, antes de cuspir para o lixo. Dante tornou a se limpar também.

Aquilo tinha sido um erro e não se repetiria.

34

Dante Faulkner

gloria

Acordei com o pau pesado.

Não conseguia identificar que cabeça latejava e me fazia sentir dolorido.

Eu não parava de pensar nela. Na sua boca. Nos seus olhos. Em como ela era um anjo em agonia para suplicar por uma foda. Como ela gostava da dor que eu lhe dava. Como ela queria tanto de mim quanto eu dela.

Estava obcecado em como tudo nela era perfeitamente moldado ao meu corpo. Como as minhas mãos ocupavam toda a sua cintura fina. Como suas pernas eram finas e longas. Como seus lábios eram grossos e doces. Como o seu cabelo ficava elegantemente desarrumado depois de beijá-la.

Emília era uma imagem que não queria apagar. Sua boceta era algo que eu queria ter. O seu coração ainda era meu. Porra, só meu. Tudo nela

era meu por inteiro. Por direito. Fui seu primeiro amor e seria o seu único homem.

Contudo, eu não era capaz de fodê-la. O medo reinava minhas veias a cada momento que ficava louco pelo desejo interminável de gozar dentro dela, contudo sentia algo me prendendo.

Emília era a calamidade.

Mantê-la viva era algo inconcebível. Tinha feito o acordo não só com ela, mas também com os meus caras. Depois de derrubar a Seção E, um de nós não sairia vivo. Especialmente ela.

Emília Gray, com toda a certeza, seria morta por mim ou por um dos caras do Domínio.

Tomei uma ducha fria, relaxando o meu pau logo em seguida com a porra de uma punheta rápida.

Coloquei umas bermudas, sabendo que estava com falta delas já que Emília vestia-as como pijama. Não supunha que ela fosse levar a sério em vestir as minhas blusas e calças enquanto estivesse na minha casa. E mesmo que ela tivesse esgotado o meu cartão de crédito em comprar roupas para si e coisas inúteis para seu fodido porquinho da índia, ainda se cobria com as minhas coisas.

Porra.

Eu ficava mais tenso.

Ao chegar na cozinha, o meu estômago rugiu como um leão.

Me surpreendi com a presença dos quatro idiotas. Asher e Cole estavam assistindo algo, enquanto Jaxon, como sempre, encontrava-se conversando com Emília como se fossem amigos íntimos. Vance estava brincando com Rachel que abanava o seu rabo alegremente.

— Que porra vocês estão fazendo aqui? — perguntei, analisando como Emília me deu uma olhada rápida e desviou novamente para o que quer que ela estivesse cozinhando.

Jaxon estava cortando legumes.

A dinâmica dos dois me enojava.

— Eu achei que a sua casa era minha casa também — Asher respondeu, repousando seu pé na minha mesinha de centro. Aquele desgraçado não tinha educação. — E Cole é seu amante.

— Não me irrita — Van Doren rosnou.

— Ah, é verdade. Esqueci que você gosta das loiras — Hawthorn riu, me obrigando a tomar em atenção ao que conversavam.

— Que loira? — questionei, me aproximando deles.

Ao que parecia, estavam assistindo algum desenho. Eles tinham uma relação estranha de socos e xingamentos, mas sempre sentavam para ver alguma coisa. Tinham sido ambos que obrigaram a mim, Vance e Jaxon de assistir Friends. Era engraçado em certa medida. Me ajudava a dormir.

— Ele quer pegar uma das amigas da Gray. Ou são as duas?

Encarei Cole esperando por uma afirmação, contudo ele nem sequer me encarava.

Que porra era aquela?

— Não achei que tivéssemos garotas envolvidas no pacote.

Minha voz era um aviso.

— Eu não estou me apaixonando por ninguém, porra — Van Doren se expressou. — Penélope é gostosa de se ver. Cullbert é um pé no saco.

No mesmo instante, uma faca trespassou pelos meus olhos, atingindo a parede. Viramos o rosto, observando Emília que nos encarava furtivamente.

— Fale novamente assim das minhas amigas, e eu corto você! — gritou, com um avental sujo, as minhas roupas largas fazendo-a parecer pequena e desprotegida.

Ela aceitou vestir o que era meu sem reclamação depois dos dias. Inclusive, eu sabia que Gray ia para o meu quarto roubar mais.

Minha boca quis curvar.

Ela ainda era iluminada. Seus gestos, o seu sorriso, seus olhos ainda traziam uma das poucas coisas que o meu eu criança amou nela: luz. Esperança. Vida. Emília era um Sol. Uma estrela. A porra do Universo em miniatura.

Tê-la em casa era reconfortante, em certa medida.

— Parece que a garota está brava — Asher estava entretido com toda aquela merda.

— Vai se foder, Gray — Cole rangeu.

— Van Doren, você está precisando de um alívio.

— Que tal eu foder a noiva do seu primo, huh? — Van Doren abriu a boca, deixando o clima gélido.

Era um assunto delicado pra cacete quando se tratava de Asher. Ninguém mencionava. Ninguém sequer pensava sobre o assunto porque Hawthorn conseguiria farejar de longe.

Até mesmo Rachel deixou de ladrar, sentando-se e ficando quieta como se tivesse levado um esporro.

— Que noiva? — Gray foi quem se atreveu a quebrar o silêncio.

Asher levantou-se bruscamente, seguindo na direção de Cole.

— Nem pensem em brigar. Vocês estão se comportando como crianças. — Jason se aproximou, sendo o nosso fodido Jesus Cristo nessas situações. Ele, com certeza, tinha jeito para ser padre.

— Não vou brigar com a porra de um covarde. Nem consegue matar a merda do assassino dos seus pais — Asher grunhiu, seu rosto vermelho, fuzilando Van Doren.

Cole ignorou, enrugando o nariz e enfiando uma das mãos nos bolsos.

— Ao contrário de você, não vi a minha irmã morrer por não conseguir salvá-la.

Porra.

Nós nos dávamos bem. Éramos irmãos. Mesmo que não tivéssemos sangue compartilhado, os cadáveres que colecionamos juntos, os segredos que guardávamos, os dias que residíamos em silêncio somente sofrendo com as nossas merdas criaram uma ligação além do que as pessoas poderiam imaginar.

Sinceramente, uma briga entre os dois ajudaria a apaziguar. Desde pequenos que brigávamos entre nós. Qualquer discussão como quem ganhou um ponto num jogo de futebol até discussões sobre a nossa marca como Rostos Vazios e a guerra contra Fábrica levava a que Dax, o nosso médico, corresse rapidamente até a casa para que nenhum de nós morresse.

A última briga tinha sido entre Asher e Cole, como se poderia imaginar, porém, assim como ninguém sabia o motivo dela, as pazes foram feitas muito rapidamente. Contudo, eu vi a perna de Asher sendo costurada por Dax.

Cole era muito bom com coisas afiadas e não tinha medo de usá-las.

Não tinha nada para fazer na cozinha, contudo decidi interromper o espaço entre Jaxon e Emília para me aproximar dela.

Gray se mantinha focada no caldo que cozinhava, me encarando como se eu fosse um tolo por estar ali a observando. Porra, ela estava agindo como se ontem não tivesse acontecido e me deixava fodido.

Era como se aquela merda fosse uma rotina para ela. Como se ela já tivesse beijado outros o bastante para não se importar em como estava quase gozando para mim como a vadia que era.

A raiva se acumulou nos meus nervos.

Até que Gray ergueu o seu queixo como se pudesse tentar algo contra mim.

Adorável.

— Você pode deixar Jaxon passar? — ela perguntou.

— Hã?

— O Jaxon quer passar.

Girei a cabeça, notando Fish atrás de mim.

— É, cara. Se não cozinhar, melhor sair — ele comentou, me fazendo encará-lo furtivamente.

Que merda era aquela?

— Você não é dona dessa cozinha — disse a Gray, que fingia não me escutar.

— Saia daqui ou fique esperando como os outros — ela ralhou, me afunilando.

— Eu faço o que eu quiser.

Emília contorceu o seu semblante.

— Por que você está se comportando como uma criança de cinco anos? — Ela se moveu para tirar algo dos armários. — Esse é o líder que vocês têm?!

Ergui as sobrancelhas com a audácia daquela mulher.

— Infelizmente, o único de nós que foi capaz de matar uma barata naquele sequestro — Asher soprou, do outro lado da sala.

— Aquela barata era enorme, por sinal — Jaxon repensou.

Revirei os olhos.

— Não havia barata nenhuma.

— Você matou o homem como se fosse uma — Cole lembrou, rindo. — Porra, lembro de ficar assustado com a quantidade de sangue.

— Aquele cara deve ter se assustado também — Asher complementou, dando uma risada.

Eles já tinham feito as pazes.

Percebendo que Emília estava mais preocupada em encher aquela panela, preferi sentar.

Porra, eu tinha coisas para fazer, mas estava mais irritado em vê-la me ignorar do que me preocupar em tratar dos meus assuntos. Ela estava cozinhando para todos eles? Porque ninguém tinha me dito? Desde quando eles conversavam entre si e eu ficava sem saber das coisas.

— Foi nesse dia que decidiram se juntar, não é? — indagou.

— Mais ou menos. Não foi propriamente algo que definimos. Acho que a ligação que criamos naquela noite não foi dita com palavras — Jaxon contou.

— Vocês têm um x tatuado — ela indicou. — É mais do que uma ligação. É um pacto.

— Não é uma tatuagem. Foi feita com o canivete de Vance em uma noite boba — Fish continuou explicando. — E não é um pacto. É um caminho. Nós decidimos um diferente do habitual.

Sua atenção em Jaxon era desnecessária. Ela estava me tratando como se eu fosse a porra de um poste, e ela o olhava como se fossem todas as estrelas.

Eu não poderia matar Fish, mas talvez criar uma cicatriz feia naquele rosto de príncipe europeu me deixasse mais satisfeito.

— Jaxon Fish, dê dois passos para trás.

Gray me encarou como se eu fosse patético.

Fish queria rir, mas levantou as mãos e deu os dois passos. Mais um em acréscimo para ver a veia do meu pescoço salientada.

Não foi preciso eu acrescentar mais nada para que ela entendesse a mensagem.

— O que já falamos sobre você não ser meu dono?

— O que já falamos sobre como a sua bunda ficará vermelha se continuar me irritando?

Sua boca frisou.

— Vance, o que você tem a dizer a Dante?

As quatro cabeças giraram para o cara que estava sentado, ainda dando atenção a Rachel.

Ele levantou a cabeça, fazendo o que fazia de melhor.

Não falar.

Emília sorriu.

— É exatamente isso. Não temos nada a dizer a Dante porque ele não é ninguém.

Os caras romperam numa risada que me fez querer sacar a arma e disparar contra todos eles.

Aquela maldita, porra. Assim que escurecesse, enforcaria ela enquanto entalasse o meu pau naquela boca desgraçada.

— Poxa, acho que temos que mudar o nome do Capitão para Ninguém. Acho que fica mais fácil na comunicação — Asher pronunciou, se aproximando.

Eu bati na mão de Hawthorn antes mesmo de ele encostar na minha nuca.

— Eu sempre pensei nisso. Como vocês conseguem se chamar durante as missões que têm? — Gray questionou, encostando-se à banca com uma colher de pau na mão.

Queria fodê-la ali mesmo.

Queria fazê-la gritar até aprender a se comportar como uma garota boa.

Depois de ontem, meu cérebro gritava seu nome. O meu corpo entrava numa combustão após sentir como o seu se encaixava bem. Como ela era pequena para o número de maldades que cometeria em sua pele.

Porra.

Meu pau já estava endurecendo contra o tecido da minha cueca.

— Não temos muito pra falar — Fish pronunciou.

— Embora teve aquele dia que Jaxon quase fodeu com as nossas identidades — Cole lembrou.

— Às vezes acontece de não conseguirem fazer a porra de uma missão como deve ser — ralhei.

— Talvez ter outros nomes deixasse tudo mais fácil — Emília sugeriu.

O meu interesse pipocou.

— Que nomes?

— Cada um ter uma assinatura, sabem? Um apelido como os serial killers ou psicopatas costumam ter.

— E de que tipos seria? Jack, o Estripador e essas merdas assim são o poço da lixeira — Cole rangeu. — Não basta nos chamarem Rostos Vazios. A galera não é criativa.

Emília deu de ombros.

— É só uma sugestão.

— E eu estou gostando dela — declarei. Suas íris piscaram e a felicidade desenhou o seu semblante. — Fale. Quero ouvir. Quero que todos vocês ouçam.

Ela pareceu resiliente em continuar, porém enquanto remexia na panela, seus pensamentos foram dissertados.

— Que tal... personagens de Shakespeare?

— Shakespeare? Não estou pra essa merda. A obsessão de vocês por um cara morto há mais de quinhentos anos deveria ser estudada — Cole rosnou.

— Eu gostaria mais de cantores clássicos. Me chamar de Mozart era um sonho. Ele era bom com os dedos, não era? As garotas nunca reclamaram do jeito que a minha mão trabalha dentro delas — Asher zombou. — Cole se chamaria de Van Gogh porque o pau dele está querendo pintar a boceta de uma garota de cabelo amarelo.

— Eu não acho tão ruim. Na verdade, é uma boa ideia — Jaxon proclamou.

— É sério que dessa vez você está apoiando as loucuras de Asher? — Cole se enervou.

— Não, cacete. Emília tem um ponto. Dependendo dos nomes, não soaria mal — Jaxon usou a sabedoria, mais uma vez.

Emília me observou de canto.

— Vocês que sabem.

— Eu concordo — falei. — Não quero saber o que vocês acham da ideia, mas fica estabelecido.

— Estou pouco me fodendo para isso — Van Doren suspirou. — Desde que as nossas identidades se mantenham anônimas, não tenho o que reclamar.

— Bom, eu aceito também. Desde que eu fique com um personagem foda.

— Não combina com você — Fish provocou Asher.

Tirei meu celular, verificando as horas e percebendo que teria de sair. Levantei, dando uma analisada em Emília. Sua boca aberta, a atenção nos ingredientes que cozinhavam.

Discretamente, aproximei-me, mordendo sua orelha como se quisesse consumir todos os pedaços daquele corpo.

Ela não me afastou.

Não se assustou.

Sua única reação foi gemer baixo.

— Quero a sua porta destrancada à noite — murmurei.

Encarei Vance que se levantou no mesmo instante, com um suspiro.

— Vocês já vão? — Cole questionou. — Não querem ajuda?

— Não haverá banho de sangue — declarei cansado.

— Levando Vance com você é uma hipocrisia — Jaxon mencionou.

Vance era o nosso melhor assassino e mais inconsequente. Às vezes talvez fosse por isso que não falava muito. Sua cabeça era puro caos. As suas palavras certamente seriam desordem.

— Aproveitem para descansar — declarei, batendo na perna para que Rachel também fosse dar um passeio por entre territórios inimigos conosco.



A última vez em Roma tinha sido um passeio incompetente.

Tirar Emília daquelas paredes era uma prioridade. Eu não conseguia entender como aquela garota, de todos os lugares, tinha cruzado o caminho até o mais perigoso bar do país.

Não era por acaso que diziam que todos os caminhos levavam a Roma. Entrar dentro da loja de letreiro vermelho da cor do sangue, de paredes acastanhadas de madeira velha e ter acesso ao maior clube de assassinos mundial era uma sensação absurda.

Roma estava movimentada naquela noite. Poderia ver mais homens do que mulheres, porém as silhuetas femininas de peças íntimas de cor branca passeavam por entre as mesas, levando bebidas aos homens de terno que dispensavam conversas sobre trabalho.

Todos eles eu reconhecia.

Era um lugar que frequentava há dois anos para externar informações convenientes, aproveitar um tempo de conversa já que dentro de outros recintos seria morto. Além de ver o sexo acontecendo de forma crua.

Durante uma pesquisa árdua, supus que Roma fosse a Seção B da Fábrica. O lugar onde a troca e venda de mulheres e crianças era realizada para objetivos hediondos. Por décadas, tinha sido, contudo a polícia daquela época deveria ser extremamente competente, pois conseguiu acabar com uma das ramificações do tráfico na cidade.

Eles se moveram para um bordel em Merley, uma das maiores cidades do país. Roma se tornou um bar para saciar pessoas cujo seus apetites sexuais não são controláveis.

As luzes avermelhadas giravam pelo perímetro, o som de alguma música eletrônica repercutia em meus ouvidos.

Meus passos ressoavam, jornadeando por entre a separação do bar e mesas até onde queria chegar.

As cabeças viraram logo que a porta foi aberta e a minha figura apareceu.

Eu apreciava os olhares assustados, como se vissem o seu pesadelo respirando, possuindo mãos e pernas, um coração batente e um cérebro pensante. Contudo, eu não poderia dar somente o mérito a mim. Vance

estava ao meu lado, a capa preta o cobrindo e a aura de que devoraria quem encostasse externando de si.

Eles sabiam o que significava.

A Morte.

Alguém sairia sem vida.

Dirigimo-nos a uma mesa em que uma mulher saciava um cara. Ele era jovem. Pela maneira como estava vestido, com a sua camiseta da Lacoste, a calça de alfaiataria e os sapatos grifados até ao bico fazia parte da nova burguesia.

Asher se sentiria ofendido.

A limpeza foi rápida. Apenas um olhar foi o suficiente para ele sair do banco, esmorecido por ter perdido o dinheiro com a garota.

Enfiei as minhas mãos no bolso, abrindo os botões da camisa.

A verba para um ar-condicionado naquele espaço era vergonhosa.

— Você fica — indiquei para a loira de vermelho.

Em Roma, havia uma classificação para as mulheres que por lá passeavam.

As de branco eram as de baixo escalão. Trabalhavam somente como funcionárias e saciavam a boca dos caras com bebidas escorrendo pelos seus seios, ou até mesmo lambendo a cabeça de alguns pênis.

Depois tinha as de preto. Elas eram as que ganhavam dinheiro com os seus corpos. Eram o entretenimento de todos os domingos. Se era santo para alguns, em Roma era o dia dos pecados.

Os desfiles eram palco para que dançassem, mostrassem seus corpos sem medo.

Asher me surpreendeu com a informação de que muitas eram filhas de senadores, diretores de grandes empresas que somente gostavam da atenção de homens. As que sobravam eram fruto do lixo que era o governo e procuravam nos cantos dos subúrbios como pagarem as suas contas. Contudo, tornava-se um vício porque a grana era bastante. Compensava os seios e a bunda falsa que tinham injetado ilegalmente.

Depois havia as mulheres de vermelho. As *Red*. Dessas eu tinha pena.

Elas eram escolhidas a dedo pelas garotas que lá trabalhavam. Toda semana havia uma. No entanto, Clarisse era uma que tinha ficado durante um mês por motivos que não cabiam na minha agenda tentar descobrir.

Ela passeava por entre as mesas e via até quanto pagavam por si. Se o dinheiro valesse a pena, ela saciava o desejo do homem. Era tudo ao vivo. Nada em sigilo. Ela fodia cada um deles em frente a quem quisesse. Ela gozava abertamente para todos eles.

E gostavam.

A plateia gostava do que via e, por isso, cada vez pagava mais para ser o próximo.

O meu sangue ferveu. Se fosse Emília sendo uma Red, teria fodido com a minha saúde mental.

— O famoso Dante Faulkner quer uma *Romana*? — ela perguntou, empertigando sua coluna. — Nas últimas vezes que estive aqui, as outras meninas chamavam mais a sua atenção. Você sabe... Eu tenho um preço.

Apoiei o meu braço nas costas do sofá. Campbell se sentou também. Poderia não ver o seu rosto, mas eu sabia que ele estava caçando por algo.

— Não quero a sua boceta, *romana*. Quero a sua boca.

— Ela é cara.

— Quero que me diga o que sabe sobre Angelo Wayne.

Sua língua se enrolou naquele instante. Ela se levantou, de imediato, porém a minha mão afundou na sua perna. A garota não realizaria nenhum movimento se não quisesse ser um cadáver antes da meia-noite.

— Você sabe que é proibido interrogatórios em Roma — declarou. — Você é morto por isso. Não sai daqui vivo.

— Morto por quem? — Levantei a sobrancelha.

— Você está rodeado por criminosos piores que você e os seus amigos — rangeu.

Debrucei, dando uma vistória rápida pelas mesas.

— Então grite por eles. Peça socorro. Gostaria de ter um encontro breve com cada um e retomamos novamente essa conversa com mais calma e sabedoria — pontuei, vendo camadas de gelo se formando na sua pele.

— Não quero briga.

— Não vamos brigar — anunciei. — O fato de sair viva da minha frente já é um preço negociável, não acha?

— Você não me mataria aqui.

— Claro que não. — Recostei as costas de novo. — Mas talvez amanhã. Depois de amanhã... A vida é imprevisível. A sua morte também deveria ser, não é?

Seus olhos eram uma trilha de pavor.

— Eu não sei de nada sobre Angelo Wayne.

Enruguei o nariz.

— Ao que parece, você e ele tiveram tempo para conhecer a língua um do outro. Você foi durante um mês uma Red. E foi exclusiva para ele. Não rolou nenhuma troca de palavras? Achei que o mundo fosse mais romântico.

Seus braços cruzaram e os olhos bailaram em Vance que se levantou. Ele não disse nada, como era previsível, e atravessou o corredor em direção a algum outro lugar.

Notei que ia atrás de uma das garotas de preto, com uma máscara no seu rosto.

Minha testa enrugou, contudo eu não tinha tempo para saber o que aquele cara estava tramando.

Rachel estava em posição de ataque, observando atentamente também. Ela era muito bem treinada.

— Angelo Wayne não costuma falar muito — começou por dizer. — Ele já foi mais ativo aqui, no entanto, nos últimos anos ele diminuiu a sua frequência. Eles vêm somente aos domingos.

— Eles?

— Sim. Angelo nunca vem sozinho. Tem sempre alguns companheiros com ele.

Balancei a cabeça, me apercebendo que era óbvio.

— Você consegue me dizer quais são?

A garota chacoalhou a cabeça.

— Não vou te dizer quando eu não tenho nenhuma garantia. Quero algo em troca.

Curvei os lábios, me levantando para fechar as cortinas. Arregacei as mangas, letaágicamente fixando-me na mulher.

Seus olhos esverdeados vislumbraram a minha sombra. E antes que um grito reagisse da sua garganta, minha mão a tapou e joguei-a contra a parede.

— Clarisse Rossfell.... — murmurei, baixinho, retirando um canivete pressionando contra o seu ventre. — Vamos falar como bons cidadãos que somos. Eu tinha todas as razões para te matar. Você fez a minha garota se colocar numa situação desprezível. Você foi a única que não matei por supor que seria solidária, mas, ao que parece, sua vida está atrapalhando os meus planos. Ou você me dá a porra das informações que preciso, ou eu mato você aqui, nua para cada um dos homens dessa boate e faço com que o seu corpo morto seja vendido por mais do que você ganhou em vida.

Ela inspirava fundo contra a minha palma, fazendo-a soar. Suas pernas balançavam, os orbes lacrimejando e caindo nos meus dedos me fazendo sentir nojo.

— Não sabia que ela era sua... Achei que a queria morta por ela ser filha do...

— *Shiu* — soprei. — Você não deve achar nada. É um assunto que eu resolvo. Não te convidei, não é? — Ela balançou a cabeça. — Podemos continuar a nossa conversa ou quer que eu faça o que já deveria ter feito há três meses?

Tirei a minha mão quando ela anuiu.

Não mataria Clarisse. Ela era uma boa garota, apesar de ter me enervado após levar Emília para aquele idiota do Owen. Mas tinha conseguido resolver o problema e a posição da antiga Red não era um problema.

— Eu não sabia que a garota era sua — tornou a dizer. — Eles me perguntaram e eu...

— Não quero falar sobre ela.

— Mas é sobre ela — rangeu, o que me fez levantar a sobrancelha.

— Como assim?

— Teve uma época que Ângelo Wayne a queria morta.

— Quero uma novidade. Não a porra de um alerta.

— Você não está me ouvindo. Ele queria a garota morta. Agora já não quer mais. Não depois, pelo que parece, ele descobriu que ela tem direito formal sobre parte do hospital.

Franzi o cenho.

— A política da Othello não funciona assim.

— Funciona se os acordos feitos forem do interesse geral.

— Sua conversa finalmente ficou interessante. Continue.

Um suspiro longo esvoaçou de seus lábios.

— Não tenho certeza. Mas você sabe como a Fábrica funciona. É uma coisa de família. Eles querem o sobrenome Gray vinculado assim como foi durante anos. Os Wayne estavam ajudando, mas depois da morte dos dois, houve uma quebra na confiança dos restantes do hospital e agora Angelo parece estar sozinho nisso. Então, eles querem puxar Emília novamente. Ela é uma Gray. Ela é o seguro a se fazer.

Ergui a cabeça, como se colocasse minhas engrenagens para funcionar.

As dúvidas criavam nós e eu não conseguia arranjar maneira de desapertá-los. A garota não parecia estar mentindo. A sua pele arrepiada e os arquejos densos eram a confirmação de que o medo estava puxando a verdade à tona.

Porém o que vinha para além disso?

Emília fazer parte da Fábrica era fora de uma realidade. Ela sabia que era errado. Os pais tinham falecido sem a introduzir a esse tipo de corrupção. Estava tranquilo em relação à escolha da minha garota. Contudo não tão tranquilo quando imaginava Wayne fazendo de tudo para o seu bom sobrenome para alavancar na Fábrica.

— Você tem ideia de como pretendem fazer isso? — indaguei.

Clarisse balançou a cabeça.

— Como te disse, são apenas coisas que ouvi pela metade. Estava mais preocupada em foder. — O seu sorriso não foi feliz. — Eles estão elaborando novos acordos, especialmente com hospitais pelo mundo afora. Algo grande. Internacional, ao que parece. Uma das pessoas que está

colocando tudo em prática é extremamente novo. Não deve ser mais velho que você. Acho que é ele que tem as ideias detalhadas para Wayne.

Hum.

— Você falou com ele?

— Como você sabe, aqui não somos românticos — debochou. — Mas ele me perguntou se a garota tinha vindo aqui novamente e eu disse que não. Ele suspirou aliviado. Como se estivesse bem com a possibilidade de ela não fazer parte desse mundo.

Larguei-a, entremeando os meus dedos na nuca.

— Então, Angelo ficou sabendo da Emília em Roma.

Não sabia como deveria me sentir em relação aquilo e o que poderia significar.

— Não abri a boca o bastante para ele ter os detalhes — Clarisse adicionou. — A maioria acha que ela estava tentando ser uma de nós para ganhar dinheiro. Os caras mortos, bom, fica na incógnita.

Era bom que aquela bagunça tinha sido bem limpa.

— Quero que você tente saber mais — finalizei.

— Eu não posso... Você sabe que nem deveria estar te contando essas coisas! Eles não vão simplesmente acabar com a minha carreira. Vão me matar!

— Não sei até onde isso me importa. Um dos meus irá chegar até você depois desse domingo.

— Se eles souberem que conversei com você... Meu Deus.

O seu desespero não foi nem um pouco comovente. Deveria protegê-la. Talvez fazer com que ninguém tocasse na garota, mas parte do que Emília estava passando residia como culpa daquela mulher. A minha indiferença já era um castigo para ela.

Deixei-a choramingar, abrindo as cortinas e saindo da boate. Tirei a minha arma, expondo que não estava com vontade de bater um papo com ninguém.

Eles deveriam se dar como felizes por não haver uma poça de sangue a qual pudessem pisar.

Estava saindo de mãos limpas. Era uma novidade.

Voltei para o carro, percebendo que Vance já estava lá.

O avaliei, pedindo para tirar o capuz assim que arranquei e conduzi para fora.

— Quem era a garota? — questionei.

Ele balançou a cabeça levemente.

— Devo me preocupar ou não?

O seu silêncio era traduzido como um não.

— Você sabe que um dos nossos juramentos é não se envolver com ninguém. Gostaria que o meu melhor assassino mantivesse suas garras somente nas facas e o seu foco na vingança.

Seu olhar subiu para mim e um sorriso adornou os seus lábios. Eram raros os momentos que ele tinha algo a dizer, quem dirá sorrir. Então, Campbell indicou para o meu celular, uma mensagem brilhando na tela.

Gray: Tranquei a porta.

Ri nasalmente, me sentindo a porra de um fodido.

— Sem comentários, Campbell.

Ele continuou sorrindo pela minha hipocrisia, enquanto eu deixava a ansiedade de chegar em casa e cuidar daquela garota me domar.

35

Emília Gray

almira

— Rachel, aqui não é o seu lugar — ralhei, ao ver a cadela se deitando novamente na ponta da minha cama.

Já era o terceiro dia que ela não me deixava dormir sozinha. Supunha que Dante deveria ter ordenado a esse animal treinado que me vigiasse durante vinte e quatro horas, já que eu não o deixaria fazer isso.

Assim que eles regressaram, ela se atreveu a entrar no meu quarto, sem ao menos tomar um banho e deitar por cima dos meus lençóis.

Eu não detestava cachorros, porém não era necessariamente o meu forte. Muitos deles eram grandes, sujos e nem um pouco convidativos quando latiam. Não tinha medo, mas não apreciava estar tão perto. Rachel era demoníaca. Segundo Asher, ela já rasgou o braço de um cara e rachou a sua cabeça com os dentes. Não tem como eu aceitar um animal desses no

meu quarto, contudo ela continuava ronronando, adormecida e quieta no meu espaço.

Suspirei.

— Você nunca faria isso, não é, Shakespeare?

O meu porquinho não se mexeu. Na verdade, fazia alguns dias que ele estava mais quieto. Achei que fosse de fome, mas eu gastei uma boa quantidade de dinheiro do Dante para lhe dar brinquedos e comida que ele gostasse. Nada parecia alegrar. Limpei a sua casinha, brinquei com ele. Fiz questão de decorar. Talvez eu devesse adotar mais outro, mas não queria que se habituassem com aquela casa.

Tinha saído do banho, portanto estava com o cabelo molhado e embrulhada numa toalha.

Já não havia mais roupas no armário do banheiro, portanto segui para o quarto de Faulkner para roubar mais algumas.

Ainda me assustava como o seu quarto parecia um castelo renascentista. As estátuas, o violino e a estante de livros davam um ar luxuoso ao espaço enorme que sobrava para a sua cama grande, a cabeceira, o armário de roupas e a porta de entrada para o seu banheiro particular.

Era difícil ter uma ideia do quanto Faulkner havia ganhado sendo um assassino de aluguel. Vance também já que ambos eram os únicos órfãos, sem terem pais adotivos — excluindo Francis Torman que provavelmente não providenciou nada além de alimento, roupas e uma casa para Dante.

Roubei uma t-shirt aleatória. O seu cheiro estava impregnado no tecido e aspirava nas minhas narinas como um vício. Ele era extremamente cheiroso.

Rumei para a estante, passando meus dedos pela lombar dos livros até encontrar *Romeo e Juliet* na capa mais vermelha e macia. Peguei, seguindo novamente para o meu quarto e trancando a porta.

Avisei Dante, sabendo que era mais uma provocação do que tudo. Eu odiava estar sentindo uma necessidade barata de tê-lo por perto. Aquele beijo voltava vezes sem conta na minha mente e meu corpo sucumbia em espasmos de desejo interiormente.

Ele pareceu nervoso. Desesperado. Faminto.

Era como se durante todos esses anos, a sua vontade de me ter escalava um degrau a mais, chegasse a um limite insuportável.

O nosso beijo tinha sido uma versão prazerosa do caos. Eram todos os nossos destroços procurando-se encaixar abruptamente.

Expandi o peito, absorvendo o máximo de realidade possível.

Foi um erro atroz, porém algo que já não poderia ser desfeito.

Deitei-me, deixando meu cabelo gotejar suas gotas na cama e na blusa. Estava com preguiça de tratá-lo com todos os produtos que eram necessários, portanto ignorei a responsabilidade.

Rachel se aventurou em encostar-se no meu colo assim que reparou que eu estava me entretendo a ler.

Eu deixei-a já que era uma luta perdida.

Ao abrir o livro, notei que ele estava rabiscado. Havia anotações nele a lápis, numa letra extremamente cuidada e fácil de ser entendida.

Dante odiava *Romeo e Juliet*. Ele achava sem nexos, a pior obra de Shakespeare. Não imaginava que ele a tivesse estudado.

De repente, o barulho da tranca se desfazendo me assustou.

Faulkner espreitou pela porta, entrando como se reinasse o perímetro. Ele tinha uma roupa social composta. Era preta, de boa qualidade. Alfaiataria cara, eu poderia cheirar de longe.

— Você tem uma chave do meu quarto? — questionei desacreditada.

Dante ainda estava com o seu sobretudo longo acinzentado, possivelmente nem teve tempo de tirá-lo quando chegou. Ele retirou, repousando na cadeira da minha mesa de escritório, assim como tirou as luvas de couro e os sapatos.

— A casa é minha.

— Eu tenho direito à privacidade.

— E você tem — constatou, fechando a porta.

— Você é um idiota! — ralhei. — O que já falei sobre você não invadir o meu espaço?

Ele me encarou, sem dizer nada, somente caminhando para a minha cama.

— Se você fizer isso novamente, eu faço a sua habilidade para ter filhos apodrecer — avisei.

— Pelo menos reconhece que sou hábil nessa tarefa.

Cruzei os braços. O seu escrutínio se manteve até que ele se sentou.

— Vou fingir que também não entra no meu quarto quando não estou — ele disse.

Ele tinha um ponto.

Na verdade, eu vasculhava as suas coisas e roubava.

— Você estava lendo. Não queria interromper — continuou.

— Você me interrompeu de qualquer maneira — resmunguei. — Você sempre faz as coisas como se não fossem nada. Nem tudo é como você quer, como você acha que é. Tudo tem limites até para um merda de um assassino como você.

Ele sorriu.

— Ah, é?

Dante parecia um bobo. As suas bochechas infladas e os olhos brilhando me fizeram parar e o analisar categoricamente, apertando minhas pernas de maneira que sentisse a pulsação ali.

— Ei, Rachel — ele assobiou e a cadela abriu os olhos. — Você se importa de ir incomodar Vance?

Ela não teimou. Saltou da cama, abrindo a porta e saindo.

— Ela acabou de...?

— Rachel é mais humana do que certas pessoas.

— Estou vendo.

— Está em que página? — ele perguntou.

— Estava lendo a minha cena favorita — falei. — A...

— Página cinquenta e três. Ato dois e cena dois.

Algo em mim floresceu.

— Sim. Quando Romeo está na varanda falando com a Juliet.

Dante olhou para baixo pelo que aparentavam ser longos segundos. De rompante, estava sem os meus lençóis, as pernas descobertas com somente a blusa tapando parte da minha pele.

— Odeio essa cena — declarou, espaçando minhas coxas.

— Eu sei... — soprei, deleitando-me com a sua mão quente na minha derme.

Ele colocou seus joelhos no colchão, se reclinando por completo para o meu corpo. Seu rosto afundou-se entre as minhas pernas e uma trilha de beijos.

— Não sei como você gosta.

— Você não sabe apreciar — declarei.

Dante sorriu, se distanciando mais e fazendo com que minha calcinha ficasse exposta. Sinto a minha boceta se abrir e a vergonha assola o meu rosto.

— Romeo é o pior personagem.

— Não fala assim dele — contrariei.

— Morrer por outra pessoa é o ato mais burro. — Sua atenção estava voltada para as minhas coxas, distribuindo beijos molhados.

— Ele a amava.

— Ele não a amava. — Seus orbes aterraram nos meus. — Amar não é colocar a sua vida em segundo plano. Isso é ódio. Ódio por você mesmo e a sua vida. É desprezo pelos seus sentimentos reais. Shakespeare foi patético.

A sua língua continuou passeando pela minha pele suada, provando-a. Queria fechar e não deixar que ele me tomasse naquela região, contudo, pressionei somente os meus lábios.

— Você já está molhada, Gray?

Pressionei os lábios.

— Eu quero ler, Dante.

— Leia. Eu me entretenho com isso aqui.

Ele levantou um pouco da camiseta, rastejando a língua pelo meu ventre, os dedos batucando na parte interna da minha coxa até chegar às paredes internas do meu íntimo.

Minha coluna arqueou e arquejos pesados se esvaziavam dos meus pulmões.

— Comece, Gray.

— Difícil me concentrar com você fazendo cócegas — debochei e ele rastejou sua mão pelo espaço que a minha calcinha já não conseguia

ocupar.

Gemi aterrorizada com o prazer imenso que atravessou minha coluna.

— Eu te ajudo — soprou. — *Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas o amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei mais Romeu.*

Meu coração desmoronou.

Minha alma dançou e eu senti cada célula minha cantarolar diversas versões da criança de treze anos que ainda morava em mim.

— Você decorou essa cena? — indaguei, quase em gaguejos pela passagem da sua boca até a minha pélvis.

— Eu ouvi você ler e se emocionar. Esquecer o seu choro não é pra qualquer um.

— Eu li apenas uma vez.

— E eu decorei nessa única vez.

Dante enterrou o seu nariz. Arqueei a coluna embaraçada. Ele farejou, beijando sutilmente como um amante de arte.

— Isso é a porra do meu santuário — rumorejou.

Antes que pudesse o interrogar, preendi minha boca com os caninos, incrustando minha mão na sua nuca. Ele beijou a minha coxa mais uma vez, saboreando minha pele como se fosse algo delicioso.

— Leia — ordenou, mais uma vez, deslizando minha calcinha para o lado.

Tentei abrir os olhos, me concentrando nas palavras escritas.

— *Quem és tu que, encoberto pela noite, entras em meu segredo?*

Minha respiração descarrilou assim que sua língua lambeu minha entrada. Meus ossos pareceram que iam se quebrar pela força com que meus músculos os envolveram.

Com os dedos, ele abriu um pouco mais, explorando os cantos até alcançar o meu clitóris e massagear. Tremi violentamente, choramingando por gostar dele me satisfazer.

Não conseguia me concentrar, pois algo selvagem e feroz consumia o meu interior. Tentei aspirar oxigênio, mas desaparecia cada vez que praguejava pela sua língua sugando a minha entrada.

Dante parecia desbravar os cantos da minha boceta, tentando entender como eu reagia a cada vez que ele adentrava com um dedo, ou dois, ou com a sua língua. Era lento, estudioso, procurando pormenores e detalhes que mais tarde poderiam servir para si.

Era uma punição prazerosa, me deixando irritada, vulnerável e quente.

— *Por um nome não sei como dizer-te quem eu seja. Meu nome, cara santa, me é odioso, por ser teu inimigo; se o tivesse diante de mim, escrito, o rasgaria.*

Ele mordeu, rindo quando soltei um gemido alto. A diversão piscava em seus olhos sombrios. Minhas unhas raspavam na sua nuca. Suspirei pesadamente ao sentir-me dolorida, inchada e com vontade de ser devorada.

Meus mamilos doíam contra o tecido. A minha mão livre aproveitou para acariciá-los, aliviando a pressão dos meus seios.

— Você vai acordar os mortos — ele assobiou, vibrando na minha boceta.

— Um ataque zumbi é bem melhor do que você está fazendo comigo.

Dante me encarou furtivamente, e ele chupou meu clitóris, me fazendo murmurar gemidos incoerentes, desistindo de tentar ler a merda do livro.

Quis fechar as pernas, e ele aceitou como um desafio, deslizando dois dedos de uma vez, sentindo impulsos quentes e vibrações agressivas. Ele bombeou forte, a palma da sua mão pressionando contra o meu clitóris e abalando com a muralha que era a minha mente.

Fechei as pálpebras, vendo anjos em coro. Eu estava pecando, e ainda assim, me sentia na porra do paraíso. E era o próprio diabo me levando até lá.

Ele empurrava mais profundamente, voltando a puxar para fora. Empurrava. Puxava. Empurrava. Puxava.

Dante fazia o suficiente para não me fazer chegar lá, me provocando como uma punição.

— Você está fingindo que não me quer, mas sua boceta diz uma coisa diferente — ronronou. — Ela está implorando pra ser fodida? Fala

para mim, Gray.

Ele deslizou os dois dedos pelas dobras, saindo e voltando em provocação intensa. É implacável. Sonoro. Impulsivo. As palavras se prendem na minha garganta, sufocando meus pulmões, numa dor silenciosa e única.

— Ela está implorando para você sair.

A sua língua aventurou-se juntamente com sua mão comprida, enfiando mais um dedo. Três deles estocavam fundo, gerando ondas de explosão, excitação, luxúria e raiva imensa.

Havia domínio, segurança naquela ação perigosa.

Eu era uma bagunça. Um desastre sendo varrido por sensações caóticas, uma confusão de sentimentos que reinava entre nós.

Eu odiava Dante, mas odiava mais como minha boceta engolia seus dedos e gostava de senti-los cada vez mais úmidos, recheados de mim. Odiava como eu gemia, envolvia os meus seios na minha mão e fazia-os acompanhar a sacudida de intensidade. Odiava como seus dois globos obscuros engoliam minha alma, decorando a minha expressão ridícula e o desejo bailando nas suas íris.

Sua língua não parava de trabalhar no clitóris, manuseando como se algo que o pertencia. Que ele desejava. Que ele gostava de ver como eu me perdia naquela sensação.

— Como você gosta de ser tocada, Gray?

— Eu nunca vou gostar do jeito como você me toca.

Um tapa foi desferido no meu ponto dolorido. Algo dentro de mim se desbloqueou e a minha traqueia liberou todo o oxigênio que não havia chegado até o meu sistema.

— Você gosta de dor. Interessante.

Interessante?

Arqueei as sobrancelhas, mas a minha curiosidade não foi saciada pelo movimento brusco em me virar. Minhas costas ficaram expostas e fiquei de bruços.

— Empina a bunda e abra essas pernas para mim — ordenou, desferindo mais outro tapa que fez minha nádega pegar fogo. Eu ronronei

como um animal, me deixando puta. — E não seja teimosa porque vou ver como um sinal de que quer foder o seu inimigo de boa vontade.

— Otário.

— Você também ama xingar na cama — murmurou, sua voz forjada em autoridade e desejo. — Eu também, cadela. Agora obedeça como uma e me deixe arruinar você.

Outro tapa na minha boceta me coagiu a rasgar a garganta. Seu nome saiu como um chamado e pude escutar seu sorriso sacana aparecer.

Não falei com receio de que ele escutasse a minha voz nervosa e tremelizando.

Eu gostava. Merda, eu gostava de como sua boca era um poço de pecados.

Espacei as minhas pernas e Dante, desta vez, enfiou somente os três dedos, num vaivém sagaz, massageando o clitóris com o polegar. Ele foi forte, duro, rápido.

Faulkner puxou meus cabelos, me obrigando a alongar a coluna. A minha cabeça repousou nos seus ombros.

A sua mão livre rastejou novamente para a minha bunda e, para minha surpresa, a força do tapa foi muito maior do que alguma outra vez.

— Dante...

— Você tolera, Gray?

Ele continuou praticando os movimentos, deixando meus músculos cada vez mais tensos, minha consciência evaporando e a razão dando lugar à decadência.

Faulkner ouviu meu grito como uma afirmação, estapeando com mais força na minha bunda.

Seus dedos continuavam como golpes brutais, alternando entre mais tapas. E mais outro. Outro. Outro.

A cama reinava em dor. Machucava de um jeito gostoso, comandado e completamente consciente de que me deixaria marcas que eu, secretamente, iria adorar ter. Mesmo que o arrependimento fosse me derrubar, eu não o recusava. Eu deixava que ele se apoderasse de cada célula.

Meus olhos enchiam de lágrimas, enquanto meus ossos sacudiam. Aquilo era mais do que gostoso. Era um universo inteiro de sensações proibidas. E eu queria mais. Queria chegar lá. Queria que ele me levasse até ao abismo. A sensação da queda com Dante era boa.

— Quando quer, você é obediente — murmurou, batendo novamente, mas desta vez na minha boceta inchada, lacrimejando pelo orgasmo que crescia dentro de mim. — Boa garota.

Eu balancei meus quadris, ardendo prazerosamente. Ele continuava e continuava estrangulando minha boceta com seus dedos longos, o calor engrossando meu sangue e deixando meu útero esponjoso.

Todos os meus músculos estão se contraindo, adulterando o meu organismo. Os meus sentidos se concentram somente no tato, como se ele tivesse roubado todo controle que tinha sobre mim mesma e dominasse através da violência da saída e entrada da sua mão.

Ele empurrava forte. Forte. E cada vez mais forte.

Nunca pensei que ele pudesse chegar a tamanha brutalidade, como se minutos antes Dante estivesse somente a aprender como me deixar louca e destruir a dignidade que sobrava desde aquele último beijo.

Era como se me fodesse com o seu pau. Como se eu precisasse que ele me fizesse gozar com todo o seu corpo.

— Levanta mais essa bunda — Ele empurrou o meu corpo de novo para a cama e eu obedeci, sem protesto. — Sua boceta apertada diz que você é a minha puta. Ela quer gozar para mim.

— Filho da mãe... — grunhi, abafando um soluço pelo prazer crepitante que contorcia meu ventre.

Era impossível permanecer racional.

— Fala que você quer, Gray, e eu te dou o que você está implorando.

Fui obrigada a enrolar as mãos nas grades da cama quando senti minha bunda se abrindo. O espaço entre elas inaugurou-se com o dedo de Dante provocando a entrada. A dor deliciosa que reinou minha coluna era furtiva.

— Você está implorando por mais tapas. — Tapa. — Você quer que eu te bata com mais força. — Tapa. — Você quer sentir dor.

Eu empurrava juntamente com ele, pingando e queimando por entre minhas coxas, ardendo com o meu clitóris latejante, meus dedos necrosando nas grades da cama pela pressão exercida.

— Mas se eu não ouvir você me dizendo o que eu quero, eu paro. E te amarro para você não terminar o que comecei — ameaçou.

Seus dedos abrandaram e meu peito gelou.

Não.

Sacudi minha bunda, mas Dante tirou o primeiro dedo.

E depois o outro.

E o outro.

Quando senti que aquilo finalizaria, mesmo que ousasse o provocar em abrir mais, deixando minha boceta exposta e úmida pra ele, Dante não reagiu.

— Por favor...

— Palavras, Gray. Você sabe que eu gosto delas.

Filho da puta.

— Termine com isso, por favor.

Ele estalou a boca.

— Resposta errada.

Afundi a cabeça no travesseiro, choramingando de raiva. Eu estava me envergonhando por um orgasmo.

Ele pagaria por isso.

— Eu quero gozar na sua mão. Eu quero que você me faça sua.

— Você já é minha.

Deus.

— Eu quero que você me faça gozar como a vadia que eu sou.

Não vi seu rosto, mas sabia que o sorriso crescente nele era mais que malicioso.

Ele enterrou de novo, quatro dedos em ação, me punindo, bombeando, estocando tão forte que eu não consegui ter tempo de recuperar ar.

Eu gozei.

Forte. Violento. Pavorosamente.

Meus ouvidos estalaram, minhas pernas bambearam, o suor da minha testa evaporando com o ponto de calor e energia que o meu corpo se tornou. Meu orgasmo era forte o suficiente para me rasgar ao meio. Mesmo com o rosto enterrado, o grito saiu alto.

As ondas do gozo estilhaçaram minha consciência e ela foi completamente esquecida nas profundezas do meu sistema nervoso quando senti a língua de Dante na minha boceta, deliciando-se com tudo o que eu tinha.

Ele provou o meu gozo, provando cada parte de mim como se ele sempre tivesse sonhado com isso. Eu fui me arrefecendo, enquanto ele mantinha seus beijos e carícias naquela região. Ele murmurava e praguejava, fazendo com que tudo meu fosse dele.

— Gosto mais de conversar com a sua boceta. Ela me diz o que eu quero — ele finalizou.

Virei-me ofegante e me sentindo desarrumada.

Dante me encarava, limpando sua boca com o dorso, logo após a sua língua percorrer o percurso dos lábios.

Ele parecia exausto também. Seus cabelos desgrehados e o peito expandindo e esvaziando em diâmetros imensos me deixava apreensiva. Contudo, notei como o volume do seu pau estava saliente. A protuberância se convidando a sair.

Faulkner estudou-me e abriu um sorriso.

— Você fica adorável fingindo que não quer o meu pau na sua boca. — Levantei o dedo do meio, sentando-me e me endireitando. — Para sua sorte, estou sem vontade de ver você se asfixiando.

— Obrigada pela consideração — debochei, ligeiramente envergonhada. — Mas você vai se tocar?

— Quer assistir? — Paralisei, e a sua sobrancelha se ergueu. — Continue lendo o seu livro. Já fizemos mais do que o suficiente hoje. A sua curiosidade te coloca em apuros.

Contorci os dedos, vendo-o sair da cama.

— Você vai embora? — perguntei, no entanto, seu silêncio me assustou. Encarei a capa vermelha do livro, me sentindo ridícula. — Nós costumávamos ler juntos, se lembra?

Ele pegou nos seus sapatos, e se levantou, virando-se para mim. Esfregou o queixo e subiu-o, de maneira que me fitasse com soberania.

— Esquecer qualquer coisa que envolva você é o maior mistério da minha vida — confessou.

Aquela frase fez meus átomos dançarem. Eu senti a cor do clima mudar de algo vermelho para um tom rosa, purificando minha alma com sentimentos que estavam adormecidos.

Enrolei meus dedos, autorizando meu coração a massacrar minhas costelas.

Mas eu não podia deixar. Aquilo não poderia se apoderar de mim.

— Temos um acordo — eu disse.

Simples e direto.

Sua expressão se manteve estóica.

— Boa leitura, Gray.

Ele saiu do meu quarto, abrindo a porta para uma corrente fria e solitária se juntar a mim.

Vistoriei meus lençóis amarrotados, a cama transformada numa zona e as marcas internas na minha coxa que permaneceriam na minha derme por algum tempo.

No entanto, eu saboreava o amargo.

Um peso que não deveria existir residia no meu peito.

Eu estava quebrada, porém, por alguma razão, eu me sentia destruída de novo.

Balancei a cabeça, pegando no livro.

Eu não poderia me tornar benevolente. Não poderia deixar que algo tão banal como sexo e beijos retirassem o meu foco. Estava entediada. Carente. Dante era o único homem que eu alguma vez tive uma atração tão forte. Estávamos nos aproveitando da nossa ligação. Não era uma reconstrução. Não era para reatar afeto.

Eu o odiava e iria matá-lo. Era o meu mantra. Porque se eu me tornasse fraca, ele seria mais forte que eu e não poderia deixar que acontecesse.

Quando me preparei para voltar a ler, o meu celular vibrou.

Jaxon: Por favor, peço que façam pouco barulho. Eu não consigo saber se Dante está te matando ou fodendo, portanto, por via das dúvidas, concretizem essa tortura na cave. Eu não mereço



Faltou pouco para eu me enterrar num cemitério.

36

Emilia Gray

swan lake

Eu não odiava crianças.

Elas eram a cerne da ingenuidade, da fantasia, do amor e carinho em mãos pequenas, sorrisos com poucos dentes e uma linguagem, às vezes, difícil de entender. Contudo, eu não sabia lidar com elas.

Era estranho ver pequenos humanos me julgando, caindo, berrando, batendo um nos outros e propositalmente derramando coisas no chão.

Todos os anos, *Olympus* convidava os alunos a se voluntariarem. Por não ser obrigatório, não eram muito os estudantes que despendiam seu tempo em trabalho comunitário, porém eu me senti na obrigação de o fazer já que era uma estudante de Medicina. Entregar o meu corpo e alma para ajudar os outros era algo esperado.

Os meus pais, sem falta, de seis em seis meses eram reconhecidos por doações imensas a pessoas carentes, especialmente imigrantes como

eles foram. Homens, mulheres e crianças negras que não tinham espaço na sociedade por uma estrutura racista que ainda liderava eram ajudados por eles, o que despertava uma vontade minha de querer ajudar também.

No entanto, agora cogitava se tivesse sido com uma boa intenção e não apenas uma maneira de lavar os seus arrependimentos das atrocidades que cometiam.

Quem eles eram realmente?

— Está cansada, Gray?

Olhei para o lado, enxergando Jaxon com uma caixa na mão. Ele arrumava os brinquedos espalhados pelo jardim de infância.

Por acaso, acabamos calhando no mesmo lugar. Como somos apenas dois, estava relaxada em conversar com ele como convivíamos em casa. Não poderíamos dar nas vistas à frente dos alunos porque poderia surgir desconfianças que levariam a conclusões acertadas ou erradas, mas que nos atrapalhariam.

— Um pouco. Não consegui dormir muito bem.

— É. Eu ouvi.

A minha pele negra ruborizou, um ato quase singelo.

— Estou apenas me divertindo. Nada demais.

— Se você queria diversão, tanto eu e Vance estávamos disponíveis — ele comentou.

— Argh. Que nojo. Desde quando você virou um Asher? — indaguei, batendo em seu ombro e limpando os livros da pequena estante sujos de comida e lama.

— Não era nojo o que você sentia olhando para Dante? Acho que me perdi.

Suspirei.

— Você não entenderia.

— Na verdade, entendo até demais. — Ele sentou-se de pernas cruzadas, enquanto me mantive agachada. — Esse papo de se relacionar com alguém do passado e tentar esquecer é uma droga.

— Você tem um caso parecido?

— A minha garota morreu.

— Oh... Meus pêsales — lamentei, mapeando seu rosto em busca de informação. Jaxon parecia estar bem em contar sobre o que aconteceu.
— Faz muito tempo?

— Eu ainda era novo.

— Teve algum envolvimento com a Fábrica? É essa a sua vingança? Ele deu de ombros, umedecendo sua boca.

— Mais ou menos.

Encarei o livro que tinha na mão, observando a capa amarela com os desenhos de rostos felizes.

— Então...

— Eu fiz o que Dante não conseguiu fazer com você. Eu a matei, Gray.

O clima pesou, deixando meu coração silencioso e receoso nas suas bombardeadas.

Não fui capaz de nomear o que se assemelhava a angústia se encaixando no meu peito. Meu sangue gelou, involucrando os meus órgãos em glaciares.

Era estranho visualizar Jaxon como um assassino tão impiedoso. Ele era o mais calmo dos quatro. O mais coerente e racional, o único que fez questão de me proteger quando quiseram me matar.

Por quê?

Por que motivo ele assassinaria alguém que amava?

No entanto, a leitura de vida que eles tinham era distinta da maioria das pessoas comuns.

— Estamos numa escola de crianças cuja idade ainda não é recomendada para falar sobre assassinatos e brutalidades — Jaxon desconversou, levantando-se. — Não é verdade, médica?

Tentei ocupar as dúvidas com o ar que inspirei.

Seus olhos tinham uma cor bonita, o âmbar reluzindo as íris, o deixando delicado e contemplativo. Mesmo com a mesma camiseta que eu, que consistia numa blusa azul com adornos brancos com o símbolo da Universidade, ele tinha a mesma aura que uma linhagem direta da realeza.

Mas as aparências enganavam.

Na verdade, elas corrompiam.

— Não se assuste comigo, Gray — ele articulou, após me levantar.

— Não estou assustada. Depois de tudo o que já vi e ouvi, saber que você matou alguém que amava não me parece nada de outro mundo.

Ele sorriu como se mãos invisíveis puxassem sua boca.

— Você falando assim deixa tudo pior.

— Por que é, não é?

Ele deu de ombros, retirando a franja da sua testa.

— Talvez seja.

— Não vou te julgar.

O questionamento desenhou seu rosto.

— Por que não?

— Você se esqueceu do motivo para eu estar vivendo com vocês?

Jaxon gargalhou tal e qual estivesse escutando a piada mais hilariante da sua vida.

— Como está indo a busca pela Secção E? Matando muita gente? — provoquei.

— Não sei se deveria te contar isso, mas Dante descobriu umas coisas sobre Angelo.

Engoli em seco.

— Boas, eu assumo — brinquei.

— Podemos estar perto da verdade — declarou. — Angelo está montando algo grande que deve envolver o seu sobrenome.

Reagi friamente.

— Devo me preocupar?

— Claro que não. Desde que continue vivendo normalmente, ele não pode fazer nada contra você.

— Em nenhum momento ele vai me sequestrar?

Apesar de eu soar brincalhona, continha algum pavor nas minhas palavras.

— Relaxa, Gray. Não é assim que eles funcionam. Acho que devemos entreter as crianças. Elas estão bagunçando mais do que deveriam — comentou, apontando com o polegar o amontoado de pequenos seres humanos que destruíam seus brinquedos.

Elas não eram nem um pouco comportadas.

Inspirei fundo, batendo o pé até lá para ralhar pela vigésima vez, nas últimas três horas. As garotas, no geral, estavam mais calmas depois de ter emprestado o meu cabelo para elas mexerem, pentear e fazerem uma trança tosca. Os garotos continuavam se movimentando como se armazenassem formigas dentro de si.

Era exaustivo.

— Que tal eu ler algo para vocês? — perguntei, me colocando de joelhos de maneira que as nossas estaturas se igualassem.

— Não queremos! — um deles exclamou, fazendo com o que o resto do grupo seguisse sua resposta.

— Bom...

Virei meu rosto numa caça de um entretenimento pelo perímetro. Um objeto familiar cintilou pela luz do Sol que resplandecia por aquela janela.

— E que tal eu tocar alguma música para vocês?

— Que música?

— Qualquer uma.

— Você consegue tocar qualquer música no piano? — Uma das garotas parecia estar surpresa, seus olhos brilhando com o entusiasmo.

— Consigo. Não sou muito boa, mas... Talvez vocês gostem.

O que parecia ser o líder da pequena turma deu de ombros de uma forma desajeitada. Era engraçado que, muitos deles, ainda não tinham total noção do seu equilíbrio e controle corporal.

— Pode ser. Mas eu quero ouvir uma do Homem Aranha.

Rangi os dentes.

— Tá. Podemos tentar.

Eles me seguiram até ao teclado.

Era digital, portanto não necessitava de afinação como os pianos que costumava tocar. Era bem mais versátil e, para uma pessoa como eu que não tinha talento para as teclas, era ótimo para entreter-se.

— Vamos começar. Querem me acompanhar? — questionei às crianças que assentiram e interpretaram como um convite para fazer parte de uma banda.

Eles pegaram em objetivos fingindo serem instrumentos, protagonizando um verdadeiro Rock N'Roll na escola. Gargalhei com a atitude deles e a criatividade. E, logo depois de uma sonora ordem, iniciamos uma melodia infantil.

Elas pareceram gostar, adorando cantarolar e inventar a sua própria melodia. Fish aproveitou para atuar também, criando danças exageradas e um coro excêntrico. Elas gargalhavam com a cara de palhaço que ele era, formando um circo desastroso.

Eu também ria, continuando a tocar. Há eras que não mexia num piano, especialmente sorrir ao tocá-lo. As teclas fluíam pelos meus dedos, o som, embora não fosse nada além de básico, ainda me causava nostalgia por todos os anos que me esforcei a aprender.

Das vezes que Dante me acompanhava e falava que a minha música era o seu som favorito, logo após a minha risada.

Meu coração se igualava aos meus dedos. Era caloroso, forte, irrigava serotonina por toda a minha extensão.

Aquilo era paz para mim.

Eu era paz quando tocava.



Shakespeare faleceu.

Ele já estava dando sinais. Estava cansado, mal se movimentava. Além de velho.

Eu não queria chorar. Evitei que meus globos se enchessem, esfregando meu dorso até arranhar o rosto.

Rachel se aproximou quando abri a porta do quarto, em busca de uma caixa pequena que pudesse colocá-lo. Ela ronronou, se esfregando na minha perna. Não a afastei. Agachei-me, massageando seu pelo e deixando que me confortasse.

— Está doendo um pouco — murmurei.

Já tinha perdido os meus pais, uma dor que eu comparava a ter meus órgãos retirados sem qualquer anestesia. Foi de repente. Sem prévio aviso. Não houve uma justificativa coerente que pudesse me ajudar a compreender como tinha ficado no mundo sozinha. Como, no mesmo momento que eu estava no céu, eu tinha caído para o Inferno e condenada a viver um dos piores sentimentos.

Com Shakespeare doía menos. Já tinha me habituado, porém ele era o último pedaço de casa que ainda estava comigo. Era apenas um porquinho, um animal fofo que passava a maior parte do tempo na sua casinha já que era tímido, mas gostava de estar ao meu lado quando estudava e tomávamos banho juntos.

E ele morreu.

Pelo menos, tinha sido de causas naturais, mas, ainda assim, partiu sem mim.

O som de um violino assombrou as paredes do corredor. A majestosidade que alcançava meus tímpanos obrigou-me a erguer e seguir o rastro.

Já sabia de onde vinha e de quem produzia.

Porém, era sempre uma novidade escutá-lo. Era sempre mágico ver Dante se envolvendo com o violino.

Sua graciosidade e genialidade dispersavam pelo ar em formato de notas genuínas. Dante tocando era um louvor. Era dolorosamente belo. Era arrebatador.

Eu o sentia através da sua música.

Eu via as suas partes sendo entregues na melodia. Dante era um tornado de emoções quando se tratava de se comunicar pelo violino.

No momento que ele parou, meu coração abrandou.

Faulkner inspirou fundo antes de se virar, e repousar seu violino. Ele me encarou curioso, até que descobriu algo que fez seu rosto mudar.

A minha mão continuava segurando a porta e as unhas quiseram perfurar a madeira para anestesiar a dor que expandia pelo meu ser.

— Como você nunca deixou de tocar? — perguntei, antes que ele perguntasse o que eu estava fazendo.

— Porque eu sou viciado na minha própria tortura. Gosto de lembrar como foi penoso ter você na minha vida. E a música foi uma delas.

A angústia estrangulou o meu coração.

— É recíproco.

Os nossos metros de afastamento encurtaram. Dante me sondava matematicamente, explorando ângulos do meu semblante.

— Emília.

— Hum?

Seus dedos levantaram meu queixo, a sombra do seu olhar escurecendo a pouca luz que chegava naquele cômodo.

— Fale. Não guarde para si.

Aquilo engatilhou para que as minhas lágrimas fluíssem.

— Shakespeare morreu — confidencieei. — Eu não queria estar chorando, mas... Era a última coisa que eu tinha viva daquela casa. E se foi. Eu não tenho mais nada.

A mão de Dante empurrou a minha cabeça contra o seu peito. Escutava o seu coração calmo e impetuoso. Às vezes, achava caricato como ele realmente tinha algo naquele peito. Como algo o fazia vivo também.

Eu queria poder arrancar o que tinha. Era excruciante. Golpeante. Morto.

O que eu tinha era somente um órgão que me mantinha viva penosamente.

— Odeio ouvir você chorar — ele murmurou. — Se eu pudesse, faria um acordo com o diabo apenas para trazer a porra do porquinho de volta à vida, porque o seu choro é insuportável, mas as coisas não funcionam assim. As suas lágrimas não vão parar.

Houve gentileza em sua voz, um curativo que sarou pequenas cicatrizes que estavam sendo formadas.

— É ridículo, eu sei.

Ele levantou a minha cabeça, me fitando.

— Você quer ir para a sua antiga casa?

Esfreguei meus olhos, me afastando um pouco.

— Para quê?

— Você quer dar um funeral para Shakespeare e não, não é patético. É humano. Você sempre foi um conjunto de partes bonitas, Emília. Isso não mudou em você mesmo depois do mundo ter tentando tirar toda a bondade que existe dentro de você.

Sua expressão era ilegível, porém a sinceridade embelezava aquelas palavras. A dor que se espalhava tornou-se mais suave, ainda pungente, mas não tão feroz. Era como se eu estivesse compartilhando o peso com alguém. E ele carregasse parte da minha mágoa como se fosse sua.

— Vamos? — Dante perguntou. — Vance está usando o carro, portanto precisamos ir de ônibus antes que não haja mais nenhum.

Eu assenti, sem dizer nada.

Faulkner pegou um suéter preto e um boné na mesma cor. A sua calça de moletom cinza era a única diferenciação da obscuridade que ele vestia. Ele colocou o capuz por cima do seu chapéu e seguiu em frente.

Pedi uma caixa pequena e ele me deu. Dante rasgou um pouco do lençol que estava guardado no seu armário, pegando num pedaço de algodão das gavetas da banheira. Ele formou uma cama para Shakespeare e o embalou cuidadosamente na caixa.

Logo após estar pronta, partimos por entre a floresta até chegarmos na parada mais próxima. Andávamos em silêncio, por debaixo do céu plúmbeo, avisando que em breve uma tempestade chegaria.

Dante colocou os fones e enfiou o celular no bolso, cruzando os braços e recostando a cabeça tanto quanto ficamos à espera do e sentamos nos bancos.

Me perguntei se ele não tinha medo de ser reconhecido. Embora nem todos tivessem o rosto do menino que causou um dos assassinatos mais marcantes da cidade, ele ainda era procurado e a sua cabeça valia mais do que alguma vez eu poderia ter de dinheiro. Porém a sua descontração era completa, vislumbrando a paisagem cinza e me verificando vez ou outra.

Em uma hora, chegamos no bairro. A infraestrutura, as pessoas e a qualidade do ar não tinham sofrido mudanças. Contudo, o meu estômago era golpeado por uma turbina de sentimentos. Era como se pequenos bichos crescessem dentro de mim e fossem comendo pedaços da minha alma. Era uma tortura imensa.

— Não sei se foi a melhor decisão vir aqui — confidencieei, embrulhando meu corpo nos braços, avaliando as casas.

Eu conhecia detalhadamente os trajetos, as paisagens. Eu me lembrava das conversas, dos rostos e de como doeu abandonar aquele lugar.

— Quer voltar? — Faulkner indagou.

Chacoalhei a cabeça.

— Não. Eu consigo.

Dante expirou pelo nariz como uma risada.

— Você consegue.

Comecei a andar, vagando e explorando os cantos. Não fazia tanto tempo que eu tinha abandonado o bairro, porém o luto não me deixou olhar para as ruas como antigamente.

Dante parecia estar sentindo algo a mais também. Sua expressão continuava séria, contudo havia sugestão de saudades, de mágoa, de arrependimento.

Mas Faulkner não se arrependia.

— Eu gostaria de ser criança de novo. Tudo parecia tão grande, sonhador, bom para ser verdade. Era fácil lidar com tudo — comentei, abrindo a minha caixinha mental de memórias.

— Porque você era uma mimada. Tinha tudo o que queria.

Enruguei a testa, ofendida.

— Não era por isso. — Avancei no passo para o acompanhar. — Vai me falar que não sente saudades?

— Gray, eu era uma criança órfã, excluída e traumatizada. Eu deveria sentir saudades? — Não havia resquício de sentimentos naquela voz. — Nós tivemos realidades diferentes. Mesmo que eu tenha tido você, nem tudo foi bonito. Eu matava para sobreviver. Tudo o que eu tenho hoje, quem eu sou é porque eu tirei vidas para poder continuar nesse mundo. Sentir saudades do que eu fui é a mentira mais deslavada que você ouviria de mim.

Nem tudo era sobre mim. Isso era fato. Mas escutar Dante dizendo que não sentia saudades criou úlceras e amplificou uma dor que era um grão de semente.

Dante estava proclamando que não tinha saudades do nosso passado.

Mesmo que ele tivesse me tido, ainda assim, eu não era o suficiente. Nunca tinha sido. Uma parte egoísta de mim esperava que sim. Que eu realmente criei marcas positivas naquela alma perdida. Enquanto eu chorava por já não ter o garoto que tinha amado, aquele que tinha causado um apagão para ser o único ponto de luz da cidade, aquele que decorou a minha cena favorita de Romeu e Julieta mesmo a odiando, aquele que aprendeu Kreutzer para poder me ensinar, esse garoto tinha seguido em frente.

— Mas você gosta de ser quem é hoje. Imponente. Controlador. Temido. Você é símbolo de vingança.

— É assim que me vê?

— É assim que você se mostra.

Seus lábios se torceram.

Rumamos continuamente até chegar na rua 115.

O som da sirene, dos diversos gritos e comandos, do meu fêmur se quebrando mediante a corrida movida à esperança retornaram à minha mente.

O Dia do Castigo.

Sic Infit.

Eu estava de volta ao lar com o cara que tinha me tirado.

Evitei fitar Dante, sabendo que ele me sondava, examinando todos os milímetros expostos de pele.

Meu coração martelava causando espasmos.

Apertei a caixa contra mim.

— Não sei onde colocá-lo — articulei.

— Sei que os seus pais tinham uma pá na garagem. Vou pegar.

Preferi não pensar como ele sabia e eu não.

O jardim estava intocável. Espreitava pelas janelas de cortinas abertas como tudo continuava igual, exatamente como eu tinha deixado, após recolher os meus pertences.

Faulkner chegou com uma pá. Indiquei onde queria enterrar Shakespeare e ele fez todo o trabalho braçal em abrir um buraco. Em

poucos minutos havia um espaço na terra onde coloquei o último pedaço que eu tinha da minha família ali.

Talvez muitos não fossem entender o que estava acontecendo comigo. Como o meu coração era pesado. Mas, ainda assim, me permiti chorar.

Kayleen tinha razão. Eu era sensível. Ainda sorria demais. Chorava por menos. Ainda perdoava. Ainda dava a mão para aqueles que queriam cortar o meu braço. Eu protegia. Eu enlouquecia. Eu me chateava por tudo, e gargalhava por pouco mais do que nada.

A Emília de treze anos ainda residia em mim. Ainda me dominava. Eu só tinha crescido. Tinha passado por obstáculos. Formado máscaras. Criando versões. Mas ainda era ela. E eu queria continuar sendo a garota daquela época.

— Você sente orgulho de quem se tornou? — questionei.

Sua cabeça pendeu para trás ligeiramente e bufou.

— Orgulho significa se sentir realizado pelo seu alcance em algo. Eu estou ciente de quem sou. De quem me tornei. Por quanto batalhei e ainda vou. Ter orgulho seria dizer a mim mesmo que sou algo que nunca pensei em alcançar.

— É uma ideia estranha de si mesmo.

— Você conhece Jean Paul Sartre? — Dante perguntou, se agachando ao meu lado.

Oscilei a cabeça.

— Sim. O filósofo contemporâneo, não é?

Ele sorriu.

— Ele foi um dos pilares para o existencialismo. Do que realmente o ser humano é formado. Ele decretou que a existência precede à essência. Ou seja, não há algo que defina o que é humano. Nós nos construímos. Nós nos manipulamos a ser algo. Somos distintos. Nós não temos essência, somos formados por condições. Somos egoístas para ter algo. Somos individualistas para criar a nossa marca. Somos humanos por existência, mas somos nós por caminhos que cruzamos — ele suspirou, ainda me mirando. — Eu acredito nele porque senti na pele o que foi me construir. Eu vivo quem sou. Eu tenho uma ideia diferente de certas pessoas. Eu mato

para realização pessoal. Ainda assim, é a minha essência e é o que me molda. E não há nada de orgulho nisso porque é o que eu quis ser. Sempre quis.

Dante era cruel. Sádico. Destrutivo. Ele feria.

Ele era uma figura aterrorizante. Seus pensamentos eram facas. Fazia sangrar. Porém, eram verdadeiro. Não havia mentiras. Ele não se camuflava em máscaras. Ele não construía versões de si mesmo.

Dante não se arrependia de quem era, mas também não se orgulhava.

Ele era o seu próprio destino. Ele escrevia, narrava e vivia a sua história. No entanto, era compreensível. Eu o entendia por ser assim. Viver o que ele experienciou criou um homem autodestrutivo. Um homem cujo os instintos são movidos pelo inexplicável.

O mundo poderia condená-lo, assim como eu o condenava, mas já não tanto.

O sofrimento não era justificável para o que faziam, mas era um fator crucial para a compaixão que eu sentia pelos cinco.

— Queria ser como você — confessei.

— Por quê?

— Porque você tem o controle de tudo. Você passou por tanta coisa e, ainda assim, consegue funcionar. Você consegue se manter em pé.

— Eu não tenho. — Riu nasalmente. — Não tenho controle do que você faz comigo. Não tenho controle das minhas ações quando você me desafia. Eu não consigo me controlar enquanto você estiver vivendo.

Meu peito golpeava minha coluna.

— Deveria me sentir lisonjeada por isso?

— Não há nada que você deva sentir em relação a isso. Apenas viver com a consciência de que você foi um caminho que eu cruzei e que eu quis ter na minha vida para ser quem sou. Você faz parte do meu ser por inteiro, Emília.

O meu corpo estava querendo Dante.

Cortei nosso contato visual, encarando o buraco que tapamos.

Eu me construía também. E eu precisava criar muralhas no meu coração para que Dante não se entrosasse mais. Ele já tinha me quebrado

uma vez. Mais outra, e eu morreria. Eu não poderia deixar.

— Vamos. Já está tarde — declarei, levantando.

A pouca iluminação do bairro deixava tudo mais bonito, mas aterrador. O céu estava pintando em escuridão. As nuvens estavam tapando tudo o que o Universo tinha de bom.

Segui, quase correndo dele.

Eu estava ferrada.

Muito, muito ferrada.

O pior era que Faulkner não fazia a mínima ideia do que ele falava. Ele apenas dizia o que sentia, sem querer saber como me afetaria. Ele era sincero demais. O odiava por isso.

— Vai começar a chover — mencionou.

— Melhor nos apressarmos e... Argh! — exclamei, caindo para o lado na mesma hora. — Porra. Não vi que tinha uma pedra.

— Você nunca olha por onde anda — resmungou, estendendo a mão para me ajudar a levantar. — Está bem?

— Não tanto. — Girei o tornozelo e a pontada de ar me fez morder a língua. — Acho que caí de mau jeito.

— Consegue caminhar até à parada?

— Sim. Não é nada de especial. Já vai passar.

Ele assentiu, nos guiando até a parada. O meu tornozelo estalava. A dor subia pela minha espinha, no entanto, eu continuei andando.

— Dante, já é meia-noite. Não há mais ônibus.

Ele encarou o horário no vidro falso da parada e averiguou.

— Temos que ir a pé.

— A pé? Não dá para chamar um táxi? — indaguei.

Dante apenas me analisou e virou o rosto. Claro que não dava. Ele era um foragido. Ninguém poderia saber onde morava.

— E os caras? Eles não podem nos buscar? — voltei a perguntar.

— Não é tão longe, Gray.

— Foi uma hora de ônibus. Deve ser quase três horas a pé.

Ele se virou, examinando o meu corpo até ver os meus pés. Dante tirou o seu chapéu, encaixando na minha cabeça.

— Está chovendo. Não queremos que o seu cabelo perca a forma.

Dante estava tão sério que era engraçado como ele pensou nesse detalhe. Ele sabia do cuidado que eu tinha com os meus cachos. Em como o meu cabelo crespo era um trabalho e qualquer coisa que tocasse nele poderia duplicar o seu cuidado.

— O chapéu não cabe bem. Ele é muito cheio — comentei nervosa.

— É lindo — soprou. — E o boné cabe.

Ele ajustou direitinho, fazendo com que o seu aroma despertasse borboletas no meu estômago.

— Você não precisa andar.

— Hã?

Em instantes, meu corpo foi alavancado e, com um malabarismo surreal, estava no ombro de Dante. A minha pele negra virou fogo.

Eu estava queimando, mesmo que o frio chegasse juntamente com a chuva.

— Me coloca no chão.

— Você torceu o pé. Eu não. Então, está tudo bem.

— Não assim. As pessoas vão comentar.

— Nunca me preocupei com isso.

— Dante! — Bati na sua coluna. — Eu subo nas suas costas. Mas você não vai me segurar com a bunda para o ar.

Ele tornou a colocar-me no chão, se colocando de joelhos à minha frente, dando acesso à sua coluna.

— Venha.

Eu estava com vergonha, porém o meu pé não me deixaria andar muito.

Subi, e ele se levantou, me endireitando nas suas costas. Enrolei o meu braço até alcançar o seu peito. O seu aroma subia até o meu cérebro, acelerando a produção de dopamina.

— Se segure firme.

Aquiesci.

Puxei o seu capuz também para protegê-lo. Pude escutar um sorriso ligeiro da sua parte.

No início era estranho estar sendo levada daquela maneira, contudo habituei-me a estar no alto. As gotas de chuva foram engrossando. Os respingos começaram a incomodar e uma tempestade se anunciava.

Seus dedos massageavam meu tornozelo ferido. Cuidadosamente. Com carinho. Ele fazia tão discretamente que produzia cócegas.

Todas as minhas células sentiam e apreciavam o seu toque.

Depois de meia hora de caminhada, a trovoada veio. Dante xingou, me colocando no chão e tirando seu suéter. A t-shirt branca era tudo o que ele tinha por baixo e ele me enrolou, até que me levantou novamente, mas desta vez, me encaixando em seu colo.

— O que você está fazendo? — questionei.

— Levando você para casa.

Ele me apertou contra si, protegendo-me contra a chuva e o vento. Eu queria pedi-lo para parar. Para ficarmos por aqui, debaixo de algum telhado até que a chuva se amenizasse.

Mas eu preferi me manter calada. Preferi ser egoísta. Preferi pegar nesse pedacinho de essência protetora que Dante tinha em si. Eu queria dar um motivo a mim mesma para ainda sentir algo por aquele cretino. E ter Dante caminhando quinze quilômetros, em meio a uma tempestade porque torci o pé era o meu ponto seguro.

Talvez eu tenha adormecido.

Talvez eu apenas tenha fechado as pálpebras e aproveitado para escutar mais um pouco do seu coração.

Quando abri os olhos, estávamos perto da floresta, a chuva violentamente escorria pelos cabelos de Dante, o deixando encharcado, ruborizado, um completo poço de desastre.

Seus globos se baixaram para mim, paralisando no caminho.

— Você está me bloqueando. Assim não consigo ver.

— Dante, vamos parar. Você vai ficar doente.

— Dax trata disso.

Ele puxou minha cabeça novamente para o seu ombro e continuou, entrando na floresta. Já estávamos perto de casa.

Dante realmente tinha caminhado tudo aquilo.

— Dante...

— Falta pouco.

— Você não vai andar na floresta com uma tempestade acontecendo. Vai se machucar. Se um ramo cair?

Ele suspirou.

— Você não estava dormindo? Estava preferindo ouvir você ressonar.

Faulkner era teimoso pra cacete.

— E se eu me machucar?

Na mesma hora, ele parou, me pousando no chão e me puxando para debaixo de uma árvore grande.

Babaca.

— O que quer fazer então? Vamos ficar aqui até acalmar?

— Sim.

Cheguei perto dele, limpando seu rosto. Tudo nele era um absorvente de água. Ele estava de manga curta, com umas calças leves e os tênis rasos. Seus braços estavam tensionados, os músculos evidentes pela força absurda que tinha feito. Ele ofegava também. Evitava respirar alto, mas podia ver seu peito hiperventilando.

Faulkner estava cansado.

— Vamos sentar — indiquei, colocando o seu suéter no chão já que estava molhado.

Quando Dante resolveu se sentar, notei que ele gemeu ao dobrar a sua perna direita. Seus olhos espremeram e os caninos perfuraram a sua boca.

— Você está ferido? — perguntei, me sentando ao seu lado.

Dante inclinou a cabeça, balançando e ofegando.

Talvez a sua testa não estivesse apenas inundada pela água. Ele estava transpirando também.

— Você está mentindo.

— Não costumo mentir.

— Mas você está — dedurei.

— Não estou ferido, Emília. Eu apenas não consigo me mover muito bem com essa perna.

Minhas memórias vieram a capote.

A bala. O sangue. A dor.

— Fui eu — murmurei.

Dante sacudiu a cabeça.

— Eu fui baleado por um dos seguranças do presidente. Nada demais.

— Mas eu retirei a bala. Isso te deixou assim.

— Eu pedi a você — contestou. — Não se culpe. Não vai mudar nada.

— Eu... — gaguejei, atordoada.

Estava sendo egoísta com ele. Tinha o deixado caminhar tanto com a perna instável.

— Não chore mais uma vez, Gray. Seu choro já não está me incomodando. Ele está me matando.

Assenti, limpando as bordas dos olhos e desentupindo o nariz.

Dante pousou sua mão na lateral do meu rosto, me ajudando a limpar as lágrimas uma por uma.

— Não dê suas lágrimas a quem não merece. Não faça isso consigo.

— Não estou chorando por você. Estou chorando porque fui uma péssima cirurgiã — relatei e ele gargalhou.

Assustei-me com o som.

Todos os meus sentidos despertaram. Eu quis agarrar naquela risada e senti-la com os meus próprios dedos.

Dante estava rindo.

Seus olhos fechados, a boca aberta, os ombros se encolhendo ligeiramente. Ele estava gargalhando para mim.

Era precioso.

Era único.

— Sim, você foi.

Estava tão fixada em seu rosto para não me importar em devolver a alfinetada.

Faulkner não estava diferente. Ele continuava com todos os traços que abominava dele. Mas ele parecia ter me dado uma chave. Parecia que eu era a chave para abrir algo que ele trancafiava. Que ele evitava transparecer.

Aquilo reagiu em mim. Eu amoleci. Meus muros baixaram. Deixei que, naquele momento, ele e eu fôssemos novamente Dante e Emília de há sete anos. As duas crianças que se apaixonaram e se quebraram.

Eu deixei que ele pegasse em cada pedacinho do meu coração quebrado e fizesse seu. Porque era isso. Eu era dele. Fatidicamente dele.

Senti o cheiro da nicotina crepitando na atmosfera.

Dante tinha acendido um cigarro, e estava tragando com leveza.

— Eu quero também — pedi.

Ele enrugou a testa.

— Desde quando você fuma?

— Você me deixou com vícios que eu nunca vou conseguir curar.

Seus lábios repuxaram.

— Lembro de você ser asmática e de me avisar que o tabaco mata.

— Ambos já vamos morrer, não é? O que seria um cigarro na boca?

Dante me analisou.

Ele não disse nada.

Apenas seus olhos conversaram comigo.

Então, ele esmagou o cigarro e atacou minha boca. Era animalesco. Violento. Forte demais. Mas eu tomei tudo. Eu queria tudo.

— Sempre soube que a sua boca era um vício — rumorejou, vincando suas mãos no meu pescoço, obrigando-me a abrir a boca e aproveitar cada milímetro dela.

Mais uma vez, estávamos errando. No final, eu vomitaria e ele lavaria sua boca com alvejante. Nos odiávamos, porém, éramos cruéis o bastante para nos condenar a tal penitência.

Dante juntou nossas pélvis, me encaixando na sua virilha. Então ele se deitou, sujando-se na lama enquanto nossas bocas faziam acontecer algo impossível. No entanto, já não havia tanto ódio e repulsa. Era raiva. Raiva do que estava gerando dentro de nós.

— Você quer me matar ou quer me beijar? — perguntei quando ele puxou meus lábios com os dentes.

— Me beije de novo para eu decidir.

Afundi meus dedos na sua nuca, sentindo seus fios comicharem na minha pele. Beijamo-nos com a chuva acontecendo. Com os potes de água

fazendo as árvores sacudirem, as folhas caindo e o chão ficando cada vez mais sujo.

E nós continuámos aí, consumindo tudo o que há um no outro. Pegando cada resto que ainda nos deixava humanos. Para que, depois mais tarde, talvez fosse mais fácil deixar-nos partir.

37

Emília Gray

grosso mogul

Dante me mataria quando soubesse, porém eu estava bem com isso.
A consequência seria algo que eu pensaria depois.

O meu vestido era branco, de cetim. As minhas curvas magras eram desenhadas pelo tecido e a alça escorregava pelos meus ombros.

Tive que inventar uma desculpa para me trocar na casa da Penélope porque se Dante me visse saindo daquele jeito, ele enforcaria o primeiro ser vivo que aparecesse. Ele não poderia saber que estava indo para um jantar de Ângelo Wayne. Estava expressamente proibida de me colocar na boca do lobo, mas eu recusava obedecer.

Precisava entender o que estava acontecendo e estar presente era o melhor.

— Você está linda — Penélope declarou, beijando a minha bochecha. — Está com um ar diferente.

— Porque estou maquiada?

— Porque você não está cansada. Desde que te conheci na faculdade que você tem um rosto exausto. Entendo que seja por causa dos trabalhos e de ter que equilibrar com o curso, mas você não estava bem. Agora eu vejo um brilho diferente.

Eu queria concordar com Penélope.

Estar na casa dos rapazes me deixou menos cansada. Eu não precisava trabalhar para pagar aluguel porque eles tinham tudo. A comida era gratuita, apesar de eu fazer algumas compras para eles com o dinheiro que roubava de Dante. O transporte era pago por Faulkner também. Se eu precisasse de alguma coisa, ele me pagava apenas para não precisar trabalhar. Era uma maneira de me trancafiar e limitar o número de pessoas que interagiam para que o seu esconderijo e a identidade dos Rostos Vazios não fossem reveladas.

Os garotos também não eram tão maus para conviver. Cole era um babaca, porém quando sentava ao seu lado e de Asher para assistir Friends, ele conseguia ser legal.

Jaxon era o que eu tinha mais afeto. Gostava de estar ao seu lado. E Vance somente vivia por ali.

Embora fôssemos inimigos declarados, tínhamos criado uma convivência harmoniosa com o passar dos meses. O mesmo comigo e Dante. Nós usávamos o corpo um do outro para satisfação. Usávamos o que construimos no passado para limpar nossas mentes.

Não havia nada mais do que um tipo de inimizade colorida entre nós.

Mas nada era por um bom motivo. Eu seria morta depois se não matasse Dante. Eu ainda estava em risco. Ainda tinha uma faca querendo deslizar no meu peito.

Eu apenas tinha me conformado com a situação. Contudo, um dia, eu iria solucioná-la.

— Daniel vem te buscar, não é? — Assenti. — Ele já está aqui embaixo.

— Ótimo. Vou indo.

Peguei na minha bolsa e despedi-me da minha amiga, cruzando com uma garota no caminho. Era Blake. Ela parecia cansada e o brilho a que Penélope se referia, nela era inexistente.

Não prolonguei nosso contacto. Somente um breve boa noite foi o suficiente para ela me ignorar e eu sair de casa.

Daniel abriu a porta do carro para mim e eu entrei. Ele estava de terno, elegante com a cor azul escura e a camisa branca por baixo. Daniel era um burguês safado também, tal e qual o Asher, no entanto havia mais simplicidade na sua rotina diária e no jeito como não se gabava.

— Você tá gata pra cacete — ele disse.

— Nunca fui?

— Óbvio que sim, mas... — Daniel gaguejou. — Não queria falar, mas depois dos seus pais morrerem, você perdeu um pouco da sua vaidade.

Suspirei.

— Estou vendo que todo mundo reparou nisso menos eu.

— Mas você ainda continua sendo a minha Emília.

— Que horror, Daniel. Você só gosta mesmo da Kayleen, não é? Que elogios são esses?

Ele gargalhou, ligando o carro elétrico e partindo.

Chegamos na Othello em pouco tempo. Talvez pelos nervos e pela sensação de ter mentido para Dante que pesava meus ombros, o tempo parecia encurtar. Minutos viravam segundos.

Ele estacionou no parque subterrâneo e, ao invés de seguirmos até ao piso normal hospitalar, descemos umas escadas de uma porta branca de emergência.

A atmosfera estava estranha. Arrepiava a minha pele, embora não houvesse qualquer corrente fria. Os ecos dos nossos passos eram melodias sombrias que davam alertas ao meu cérebro. Os impulsos dos meus neurônios eram traduzidos para fugir.

Fuja.

No entanto, eu continuava caminhando em frente, sorrindo para Daniel que estava descontraído mexendo no seu celular.

Entramos por outra porta, desta vez, vigiada por um homem baixo de óculos que pediu pelos nossos celulares.

Mostrei o interior da minha bolsa indicando que não tinha um. Já Daniel ele não questionou. Talvez por reconhecê-lo, abriu a porta sem questionamento e conduziu-nos para o lugar.

Não imaginava que Othello tivesse um espaço subterrâneo tão grande. Eu conhecia os cantos do hospital de cor e salteado por culpa dos meus pais e das inúmeras vezes que eles me levavam somente para enfiar na minha cabeça que eu seria a diretora daquilo tudo. Mas nunca tinha pisado os pés naquela área.

Ao virarmos uma esquina de corredores, notei um pequeno palco e um amontoado de cadeiras organizado.

Gelei por dentro.

Leilão.

Aconteciam leilões ali.

Oh, meu Deus.

— Você está bem? Ficou pálida de repente — Daniel notou.

Aquiesci, com medo que a minha voz me entregasse.

Não poderia sair dali agora que já estava. Teria que ir até ao fim. Descobrir o que estava acontecendo por minha conta.

— Chegamos, senhores.

Mais outra porta.

Um salão imenso se ergueu diante de mim.

Não era tão grande se fosse realmente medir canto por canto, mas, naquele momento, eu era pequena demais ao perceber que estava indefesa naquele meio.

Vários convidados já estavam ali, saboreando petiscos que eram servidos e um copo de vinho na mão.

Contudo, seus olhos locomoveram-se até mim, admirados pela minha presença. Meus dedos embrulharam-se no tecido de cetim.

Eles sabiam quem eu era. A filha do antigo diretor do hospital.

A garota que teve seus pais assassinados por Dante. Aquele que queria destruir todos aqueles que fizeram parte do seu sequestro.

— Emília Gray, seja bem-vinda!

Angelo Wayne caminhava vangloriosamente até nós.

Já não o via há tanto tempo, porém nada mudou além de um aglomerado de fios brancos no seu cabelo, tapando o castanho claro que o dava charme.

Ele me cumprimentou com um aperto de mãos e deu duas palmadas nas costas do seu sobrinho.

— Você está cada dia mais parecida com a sua mãe. Consigo ver tanto dos seus pais em você. É surreal — pronunciou. — Obrigado por aceitar o convite. É importante para mim que você esteja aqui hoje para o grande anúncio.

— Não é como se eu tivesse muita escolha.

Sorri minimamente.

Era impossível acreditar que ele não achava que eu sabia de alguma coisa. Dante queimou os seus capangas e deixou um aviso para não mexerem com o que era dele. Eu era a pessoa em causa. Ou seja, eu seria um tipo de troféu para os dois lados da guerra.

— Nós somos seres livres. Temos sempre escolhas a serem feitas. Elas são infinitas, nunca limitadas.

— Você não é um médico, senhor Wayne? Deveria saber que é uma filosofia errada. Nós nem sempre temos escolhas, especialmente em momentos aflitivos — argumentei. — Eu não tive quando fiquei órfã e desamparada.

Ele pendeu a cabeça para o lado, parecendo testemunhar algo acontecendo no meu rosto.

— Deve ter sido muito difícil para você. Queria ter estado presente, mas o mundo dos negócios não me ajuda a estar em todo lugar, ao mesmo tempo. Às vezes preciso pedir que façam algumas tarefas para mim.

— E quando eles falham, o que faz?

— Eu faço questão de dar conta do recado.

Fuzilei-o, enojada pela sua postura prepotente e austeridade governando até a menor célula do seu organismo.

— Eu agradeço pelo convite, acima de tudo — menti.

O senhor Wayne sorriu.

— Vamos? Quero te apresentar a algumas pessoas.

Confirmei com Daniel que assentiu e seguiu conosco.

Fui levada a diversos grupos de pessoas que esbanjavam tanto poder quanto Wayne. Era impossível ter certeza de que eles eram boas pessoas ou estavam na mesma categoria que o anfitrião, porém não poderia acreditar cem por cento na fachada que poderiam estar carregando.

Eram famílias ricas, de dinheiro velho e gerações de grande poder. Alguns eram novos nesse meio, devido a política e influência através da mídia, contudo seus olhares e o queixo levantado me enojava pela arrogância.

Fui apresentada como a filha do casal Gray e os diversos lamentos e conselhos de luto externados me deixavam furiosa. Porém, mantive a máscara.

Não petisquei nada, embora Daniel o tenha feito sem receio. Me perguntava se ele sabia de alguma coisa, porém era impossível para um garoto como ele que sempre soube estar no lado certo aceitar o que o tio fazia.

Daniel sempre condenou qualquer tipo de violência. A Fábrica era o lado mais sombrio do que existia de barbaridade. Se ele soubesse o que Angelo Wayne aprontava, se sentiria traído. Desamparado. A mesma sensação que eu tive ao escutar a ligação de Dante após a morte dos meus pais.

— Odeio esse tipo de eventos — murmurou para mim. — É tão chato. As pessoas são cansativas. Falam demais. Sempre com as mesmas conversas. Não sabem mudar o tema.

— Você frequenta muito esses lugares?

Daniel deu de ombros.

— Depois de fazer dezoito anos, foi inevitável.

Aquilo soou como um alerta.

— A verdade é que seus pais também queriam que você fizesse parte, principalmente quando tivesse os seus vinte e um anos — Wayne começou por dizer. — Realmente é triste que eles tenham morrido antes de te mostrarem o seu destino, mas eu decidi que vou me encarregar disso.

Engoli em seco.

— Eu não pretendo trabalhar na Othelo.

— É um legado, Gray — verbalizou calmamente. — A sua herança é exatamente isso.

E era disso que estávamos à espera. O mapa e o que era a Secção E.

— Que está congelada com os pais da Kayleen — pronunciei.

— Uma parte. A outra está comigo. — Meu peito trespassou. Não percebia o que ele queria dizer com aquilo. — Os seus pais não deixaram apenas o dinheiro. Deixaram para você uma vida completa. Uma vida que você merece.

Uma vida nojenta. Macabra. Desumana.

A acidez do meu estômago subiu pela minha traqueia e sujou a minha saliva.

— Não, obrigada. Estou falando sério quando digo que não quero fazer parte.

— Por que, Lia? — Daniel questionou curioso. — Há algum motivo em específico? Achei que queria continuar seguindo os passos dos seus pais.

— Eles eram filantropos. Eles ajudavam quem precisava. Eles restabeleceram o sistema de saúde desta cidade de modo que todos tivessem acesso à cura — Angelo adicionou como se não mentisse com todos os dentes da sua boca.

Eles eram desumanos. Tiranos.

A cada dia, entendia a raiva de Dante e dos Rostos Vazios. Percebia o motivo de agirem como a justiça já que o mundo não os condenava por eles.

O legado que os meus pais me deixaram foi uma maldita herança que, com certeza, carregaria dinheiro sujo e um cargo no hospital para atalhar as atrocidades que eles esperavam que eu cometesse. Além de um mapa de uma rede de tráfico incapaz de ser parada.

Eu tinha nojo do meu sobrenome.

Eu não queria o fardo de ser quem eu era por culpa de dois seres macabros. Assim como o homem que eu tinha diante de mim.

Um homem que mandou me matar.

— Eu sei e eu tenho orgulho disso — menti. — Mas sempre tive desejos diferentes. Eles morreram sabendo disso.

— Os Wayne e os Gray precisam voltar a se unir. É para um propósito maior. — A cada sílaba, Angelo parecia se enfurecer, mas procurava manter a calma. — Nem que seja por um casamento. Um sobrenome a mais que combine com você.

A sua mão quis tocar no meu rosto, mas dois passos para trás foram o suficiente para me afastar.

Enruguei o nariz.

— Nunca faria tal coisa.

— Você faria. Só não tem o incentivo certo. — A sua boca curvou, o olho esquerdo tremelicando para controle da raiva. — Ainda tenho mais quatro meses para te convencer, não é?

Eu faria vinte e um anos daqui a meses.

Já haviam se passado três desde o dia que fiz o acordo com Dante. Não tinha notado como o tempo passou pelos meus dedos como areia.

Rápido, lento e incomodativo.

— Preciso ir ao banheiro. Onde é? — perguntei a Daniel.

O meu amigo indicou-me e eu segui a sua direção até às duas portas duplas. Entrei, fechando rapidamente e pegando no celular que tinha guardado embrulhado num plástico de absorvente.

Já imaginava que fossem pedir pelos celulares. Os meus pais nunca tinham quando iam para os jantares por motivos de segurança.

Meu alvo: 22h.

Uma mensagem muito simples que carregava um grande *quero comer você às vinte e duas horas. Esteja no seu quarto.*

Suspirei, digitando rapidamente.

Eu: Estou fora.

Não demorou para que o meu celular vibrasse e Dante brilhasse na minha tela. Praguejei baixo, mas atendi porque diminuiria as desconfianças.

— Onde você está?

Sua voz rouca do outro lado da linha causou arrepios.

— Jantando com as minhas amigas, na casa da Penélope.

— Hum. — Mordi os lábios. — Os pedidos de perdão dos homens que eu mato são mais verdadeiros que isso.

Apoiei-me na bancada de mármore, admirando-me no espelho.

— Dante.

— Emília. — Houve uma pausa curta, mas potente o bastante para me arrepiar. — O que você está tramando?

Não havia raiva transbordando na sua voz, nem uma respiração ofegante. Havia preocupação, portanto optei por ser sincera.

— Estou descobrindo o que você precisa saber.

Ouvi-o se remexer na cama.

— Conte.

— Eu estou num jantar que o Wayne organizou para falar sobre alguns negócios que vai formar com o hospital Othello e ele claramente quer que eu siga os mesmos passos que os meus pais e...

— Gray. — Seu corte foi seco. Ácido. Desafiador. — Onde. Você. Está?

A sua preocupação tornou-se um tornado. Triplicou de intensidade, capaz de me avassalar do outro lado da linha. Sua fúria era palpável no outro lado da linha

— Não te vou dizer, Dante — rebati. — Não quero que você venha.

— Como você quer que eu não vá?! — exclamou. Escutava os seus movimentos, possivelmente com o celular no viva-voz e a sua ocupação em se vestir. — Emília, caralho! Se você quer me trair, o faça, mas não colocando a porra da sua vida em risco. Você quer morrer pelas mãos de outra pessoa, é? Está me desafiando?

— Não é um desafio. Eu quero entender as coisas sozinha. A partir do momento que sou filha dos Gray, eu tenho direito a saber o que se passava na minha família — rosnei.

— Não, você não tem! — contrariou, tornando a pegar o celular. — Venha para casa, agora! É uma ordem, merda. Você e eu ainda temos um acordo.

— Então quando eu chegar, você me mata. Me puna por estar indo contra o acordo. Farei questão de deixar que tire a minha vida. Mas, por hoje, eu quero saber realmente quem os meus pais eram.

— Já disse que você não foge de mim. Não há nenhum lugar nesse mundo que eu não te encontre. — Meu órgão cardíaco enlouqueceu, um calor absurdo emanou por baixo da minha pele. Não me senti intimidada.

Na verdade, o desafio estreou forte nas minhas veias. — E quando eu encontrar, porra...

— Não estrague os meus planos. Eu não preciso de proteção — afugentei, mesmo com o seu aviso impingindo meu coração a cavalgar freneticamente. — Sei cuidar de mim. Eles não me fazem ter medo

— Não vou te proteger por você ter medo ou não. Você é minha, cacete. Essa guerra não é sua. Você deveria estar deitada na porra da sua cama e não agindo inconsequentemente.

— Confia em mim...

— Eu confio. Mas não para isso, Gray. — Ele estava se movendo com pressa e fúria. — Reze para que nenhum deles tenha tocado em você porque, caso contrário, você nunca verá tantas cabeças embrulhadas em presentes como hoje.

Duas batidas fortes na porta me fizeram despertar.

— Emília, está tudo bem? — Daniel me chamou do outro lado.

— Preciso ir.

— Quem é o merda?! Gray, eu...

Desliguei, guardando o celular novamente.

Dante não poderia aparecer. Eles descobririam que estaria com o Domínio e talvez a ideia de me manter viva morresse, apesar de eu saber que Faulkner me defenderia por causa do acordo e precisar de mim para ser o seu plano B se não descobrirem exatamente o que era a Secção E.

Inspirei fundo, sendo cortada logo depois pela porta do banheiro se abrindo. Daniel espreitou, procurando entender porque eu respirava tão ofegante.

— Você estava falando sozinha? — ele indagou, adentrando.

— Você sabe que eu sempre tive essa mania.

— Sim, verdade. — Daniel sorri. — Mas por que eu sinto que está me escondendo algo?

Meu coração glaciou.

— Não sei. — Dei de ombros. — Mas se eu estivesse, teria que me respeitar. Sou uma mulher, Daniel. Você está perdendo a sua educação.

— Muito engraçadinha — comentou. — Espero que o meu tio não esteja te deixando nervosa.

Balancei a cabeça.

— Não está, mas não posso dizer que gosto da pressão de ter que seguir o legado dos meus pais. Gostaria de ser livre para decidir por mim e não por um sobrenome. Muito menos ser colocada em um casamento arranjado.

— E se fosse comigo?

Esperei uma risada para aliviar, contudo o clima pesou.

— Daniel, você está levando a sério o seu tio?

— Você sabe que é tradicional de famílias — começou por dizer. — Nós não falamos muito sobre isso, mas é a verdade. Você é amiga da Cullbert pela proximidade que os seus pais tiveram por andarem numa faculdade de elite. Eu e a Kay tornamo-nos amigos pelos nossos pais terem sido amigos também, antes de falecerem. O nosso ciclo é composto por sobrenomes. Nos cruzamos entre cada família para negócios.

— Mas é uma ideia arcaica! — externei em choque.

— Antiga, mas não inútil. — Daniel aproximou-se mais um pouco. — O primo de Asher Hawthorn está noivo por esse motivo. Kayleen, um dia, também ficará por alguém que tenha um sobrenome valorizado. Penélope não é exceção. Eu também. E você vai precisar se quiser continuar sendo alguém no nosso meio. Compensaria muito mais se estivermos juntos.

Era um sentimento muito diferente de traição. Era de estranheza por uma realidade que não tinha escolhido pertencer.

— Você gosta da Kayleen — lembrei-o.

— Eu a amo, desde pequeno como um idiota. Mas no mundo onde vivemos é complicado. É difícil lidar com tudo isso a princípio, mas depois torna-se fácil. Você entende o motivo de certas coisas. Você percebe que sobrevive com base no que você se torna. Os nossos sobrenomes são importantes, Gray. Um dia, eu espero, que entenda isso.

Não.

Os meus órgãos corroeram. Um impulso violento do meu órgão cardíaco fez com que a minha circulação sanguínea parasse, me deixando pálida em todas as malditas regiões do corpo.

Não podia ser.

Custava a acreditar. Eu não engolia o fato de que ele sabia. Que Daniel estava a par de tudo. As suas linhas de expressão eram indecifráveis, mas as suas palavras enganavam somente quem não sabia de nada.

E eu sabia.

Tinha o conhecimento do que o seu sobrenome carregava e era desumanidade.

— Daniel...

— Hum?

— Você concorda com tudo o que seu tio faz?

A pergunta era estranha. Seus olhos me sondando eram uma clara provocação disso.

Ele se interrogava do motivo de tal questionamento, contudo Daniel não se forçou muito mais.

— Tanto faz para mim. Desde que ainda possamos nos manter, eu estou bem com tudo. A minha família é mais importante.

Suas palavras foram diretas.

Eu entendi as entrelinhas muito mais do que gostaria.

Daniel sabia de tudo.

Ele estava consciente.

Ele era mais um deles que jogava pela Fábrica.

E eu me senti traída, mais uma vez.



— O hospital Othello vai se tornar um ponto de novos negócios. Era algo que os antigos diretores queriam, mas infelizmente já não estão aqui para verem esse contrato acontecer. Contudo, depois de tanto esforço, finalmente vai acontecer. O hospital fará uma parceria com a linha de escolas e orfanatos para crianças sem recursos. Assim, tanto elas quanto as famílias poderão usufruir do pacote de saúde por completo. Consultas, cirurgias, pagamento de medicamentos, nutricionistas... Tudo o que seja

necessário. Elas terão. E nós ganharemos com isso também. Um brinde a essa nova fase!

Ficar naquele salão pelas últimas três horas me nocauteou.

Meu estômago se revirou como se estivesse num carrossel. A minha boca estava amarga pelo número de vezes que precisei engolir o vômito. Depois da conversa com Daniel, respirar aquele ar me incomodava.

A onda de aplausos que crepitou naquele perímetro após o discurso de Angelo era repulsivo. Havia tantas pessoas ali que não sabiam o que acontecia. Que as suas boas intenções eram máscaras trabalhadas para acobertarem a nojeira que o sobrenome Wayne significava. Como eles eram uma família de interesses além do bem comum social. Um ato altruísta. Um verdadeiro serviço para a sociedade.

A busca pela Seção E tornou-se um objetivo meu naquele instante. Queria tantas informações quanto os Rostos Vazios para apagar, de vez, o meu passado e eliminar qualquer um que me quisesse usar para alcançar um status maior na Fábrica.

Os meus pais tinham me condenado a uma vida miserável, pretensiosamente ou não, e eu não conseguia perdoá-los. Como eles acharam que ia concordar com a mentalidade retrógrada em casar com outra família para ajudar no crescimento de uma rede de tráfico humano?

Eles não eram nada do que eu tinha imaginado e toda a bondade, alegria e pequenas coisas que residiam dentro de mim por terem pertencido a eles, agora, era motivo para eu me odiar.

Precisei sair para respirar ar puro. O funcionário indicou-me para umas escadas que me levava mais rapidamente para o exterior. Quando me dei conta, era um cemitério.

Pouco me importei com o cheio da terra e como, naquela noite, tudo parecia extremamente sombrio e assustador.

Inalei fundo, esgotada mentalmente.

As coisas que eu tinha visto, escutado e sentido nos últimos meses afetavam-me de uma forma silenciosa, exaustando a minha capacidade de discernir o que era certo e errado.

Eu sempre tinha condenado Dante pelas suas ações, porém havia um lado da balança que pesava muito mais crueldade do que a dele.

— Cansei de tentar prender você.

A voz surgiu e a sua figura ergueu-se.

Eu estava sentada numa pedra, apoiando minha cabeça numa parede de concreto que adornava parte do cemitério e encarando a centelha de estrelas. Era a única coisa bonita naquele cemitério porque todo o resto era absurdamente escuro.

Dante era uma dessas coisas.

— Você me encontrou.

— Você nunca terá hipótese de fuga enquanto eu existir.

— E mesmo se estivesse morto, eu sei que me assombraria.

— Ainda bem que sabe que está condenada a mim.

Levantei-me, inspirando fundo. Queria ser forte, mas fios de lágrimas derramavam em meu rosto e abriam um buraco até atingir os meus ossos. Eram ácidas. Eu chorava do meu âmago para fora. Uma dor descomunal capaz de ser descrita.

— Você se lembra qual foi o segundo que fez o seu desejo de vingança nascer? Não a cena exata, mas aquele milésimo que mudou o seu pensamento — perguntei, enrolando os meus dedos no vestido.

— Lembro como se tivesse sido ontem.

— O meu é agora. — Ergui o meu olhar, conectando-me com as íris negras. — Exatamente olhando para você.

Dante escrutinou-me, buscando por um significado. Compreendendo o que estava me atormentando.

— Você vai me trair?

A questão flutuou pelo ar com um gosto amargo.

— Depende do que você vê como traição. O nosso acordo está de pé, mas eu quero adicionar mais regulamentos nele. Não quero ser um plano B. Quero fazer parte da porra do plano A e descobrir o que é a Seção E.

O metro de espaçamento encurtou para centímetros. Cheirava a colônia perigosa e viciante de Dante, me vendo obcecada pelos detalhes dos seus braços musculosos e dos cabelos desengonçados de tanto trespassar os seus dedos nele.

— Está fora de questão.

— Eu não quero ficar na ignorância, Dante — rebati. — Eu quero saber o que se passa. Quem realmente foram os meus pais, no que eles se meteram e quem são as pessoas envolvidas. Estou pouco me fodendo se você não gosta. Eu tenho esse direito de escolha.

— Sim, você tem — rosnou. — Mas não fazendo nas minhas costas, entrando em território inimigo quando nem sabemos com quem estamos lidando. Quem realmente é o cabeça, o que está por trás de tanta movimentação e porque as pessoas que financiaram o nosso sequestro estão envolvidas. As coisas não funcionam apenas agindo inconsequentemente.

— Eu sei — suspirei.

— Imagina que ele só quisesse conferir algo e te matar? Se ele te sequestrasse?

— Ele não faria isso com... — O nome Daniel estava prestes a escapar, porém o nosso diálogo retumbou. A dor de garganta reagiu como se tivesse cortado a minha jugular. — Jaxon me disse que eles não sequestram pessoas com o nome influentes na Fábrica.

— Se elas não estiverem contra eles. Eles matam você depois de te estuprarem e comerem os seus órgãos. — Fechei as pálpebras recebendo um balde de água fria. — Caralho, Emília. Eu entendo você. Juro que entendo porque eu fui assim, mas confia em mim que é mais do que um simples precisar entender o que se passa. Existem muitas nuances e, qualquer falha, pode te levar de mim.

Praguejei mentalmente.

Dante tinha razão. Eu tinha errado. Não pensei. Queria agir do meu jeito quando poderia ter dado errado. Confiei em Daniel por ser meu amigo de anos, porém era alguém tão atroz quanto cada um da Fábrica.

— Desculpa... — murmurei.

Dante elevou o meu queixo, me obrigando a assumir uma postura ereta.

— Não peça desculpas. A sua raiva é necessária. O seu desejo de vingança é compartilhado, *pulchra* — rumorejou. — E não abaixe a cabeça para mim. Você não é minha serva.

— Estou presa a você por um acordo.

— Assim como eu para você — anunciou. — Se nenhum dos meus irmãos fala comigo olhando para o chão, você também não vai. Estamos entendidos?

Aquiesci e ele domou meu pescoço, colocando os meus pés na ponta.

— O que você vai fazer agora que sabe que Angelo está aqui? — perguntei.

— Nada. A minha guerra de hoje não é com ele.

— Com quem?

— Com você. — A sua boca se aproximou da minha, deixando rastros do que seria se a catástrofe tivesse um sabor. — Esta merda de vingança pode esperar. Temos contas a acertar agora. Tínhamos um horário combinado e você não estava.

— Lembro que quando era mais nova, você costumava não aparecer na biblioteca e eu não tinha como te contactar.

— Ah, é? — Sua língua lambeu o canto dos meus lábios. — Eu não sabia o que estava perdendo. Mas que bom que agora posso prestar contas.

— Como?

Os seus dentes se alinharam em um sorriso destilando insanidade.

— Com uma punição.

Minhas sobancelhas ergueram, porém o impacto da sua boca contra a minha sugou qualquer pensamento.

Dante empurrou-me contra a parede, subindo o meu vestido, quase como se o desejasse rasgar. A sua língua empurrou a minha, a mão arranhando minha bunda e desejando envolvê-la por completo.

Os meus dedos entrosaram na sua nuca, puxando os pequenos fios. Abri um pouco mais a boca para que ele continuasse me fodendo com a sua. Deixei que ele me castigasse da pior maneira possível que havia entre nós.

Desejo.

— Se você não consegue seguir instruções simples, vou te fazer aprender. Não estou tolerando mais desobediência. Você sabe que eu torturo, Emília

— Sim, eu sei.

— E eu não vou ser diferente com a sua boceta agora. Espero que tenha consciência disso — rumorejou, explorando cada canto da minha boca, determinado a me deixar sem ar.

Seus dedos puxaram a minha calcinha, a fazendo rasgar.

A excitação inchou o meu íntimo, pela correnteza de ar que agora roçava na região.

A sua coxa friccionou na minha boceta. Gemi dolorosamente, me empenhando em puxar o seu cabelo. Dante cravou seus dentes no meu lábio e respirávamos da mesma maneira, intensamente e furiosamente.

Os seus movimentos eram lentos o bastante para me fazer delirar. Precisei fechar os olhos, inalar fundo para que não soltasse um gemido indesejado e um por favor faminto.

— Você está gostando, Gray? — murmurou no meu ouvido, mordiscando o lóbulo e seguindo uma trilha pelo meu pescoço. — Você gosta de se sentir invadida por mim. Gosta que eu te faça gozar do jeito mais perverso e gostoso possível.

Seus lábios continuaram chupando a minha pele, tatuando o meu corpo com a sua marca. O meu clitóris inchava e precisava de um alívio rápido, pela pressão do músculo da perna roçando e estudando como o meu corpo reagia.

Eu transpirava arduamente. Seu dedo brincou na minha entrada, procurando empurrar, mas se mantendo na saída, aproveitando da umidade dali. Um gemido escapou da minha garganta.

— Mas eu não vou te dar o que você quer — ele rosnou, se soltando, me deixando bagunçada e determinada a ter um orgasmo naquele momento

— Vá se foder, Dante!

— Você vai — ele insinuou. — Abra essas pernas e fode sua boceta para eu ver.

O encarei abismada com a ordem.

Dante se afastou, o sorriso maroto em seus lábios quando enfiou as mãos nos bolsos e me encarou como se eu fosse uma criatura exótica.

— Você só pode estar brincando.

— Se eu estivesse, você sairia daqui assada. Mas estou te dando a chance de aproveitar o seu toque e eu serei um mero espectador. Essa é a sua punição. Depois, talvez eu te compense.

Maldito.

Gemi furiosa, me preparando para sentar, mas a sua cabeça balançou em uma negação divertida.

— Em pé. Sem desobediências, Emília. Você não vai querer ficar sem gozar.

Queria resmungar. Sair dali e não lhe dar nada em troca. Porém gostei do desafio. Pouco me importava se estávamos num cemitério deserto. A noite, a dimensão de acontecimentos que nos atropelariam mais tarde e as mágoas do passado que pesavam nos nossos peitos eram um somatório para a luxúria que impulsionava o nosso sangue.

Então, para surpresa de Dante, tirei o meu vestido.

Logo depois, o meu sutiã.

Seus olhos se esbugalharam, apreciando o meu corpo nu. Gostava que, mesmo que ele já tivesse visto todas as minhas curvas, ele admirava como se eu fosse uma melodia rara. Todo o meu corpo estava querendo ser tocado por ele.

Se ele queria tanto me punir dessa maneira, eu o faria implorar por mim.

— Aproveite o show.

Dante sorriu perigosamente.

Eu devolvi com a mesma dose de veneno.

Nós nos encarávamos enquanto eu deslizava os meus dedos pela entrada.

Um por um.

Um castigo que era compartilhado.

Dante me examinava com expectativa. Meus músculos se esticavam para acomodar os dois dedos. Minhas dobras tensionaram, enquanto dedilhava letárgicamente. Queria provocá-lo. Queria fazê-lo se arrepender, pela primeira vez, de algo.

De não se atrever a me dar o que eu queria.

Mas a diversão girava em seus orbes. Sua postura continuava a mesma. As mãos nos bolsos, o contacto somente na minha boceta que respingava pequenos fios de sulcos.

— Ela está sempre pronta para ser comida. Ela me quer.

Ela o queria.

Da forma mais distorcida possível, a minha boceta queria Dante.

Um gemido arrastado deixou os meus lábios. Eu movia minha mão, e a outra aproveitou para massagear os meus seios. O meu polegar roçava no mamilo, o deixando duro e pedinte por um relaxamento melhor.

— Mais rápido, Emília. Mostre como gosta de ser punida — ordenou de maneira que fogo acendesse pelas minhas artérias.

Bombeei os meus dedos com mais força, me contorcendo por dentro.

Esfreguei o meu clitóris, duro e desejoso para ser chupado. Todos os nervos estavam sensíveis, e eu choramingava por um crescente orgasmo que me deixava mais sedenta.

Escutei um grunhido por parte de Dante que me estimulou a ser mais rápida.

Inclinei um pouco a cabeça, pressionando mais a cerne da nuca na parede. O calor governava minhas veias enquanto golpeava minha boceta, me tocando de maneira que Dante sentisse a dor de me ver foder.

— Não desvie o seu olhar. Quero ver o seu rosto enquanto você se toca. — Tornei a fitá-lo. — Boa garota. Continue. Com mais força.

Ele queria estar ali. Ele queria enterrar o seu pau dentro de mim, com violência. Ele estava sendo torturado pelo próprio castigo que impôs.

Era satisfatório.

Pra caramba.

Se eu estava com fome, Dante estava à beira de se tornar um animal. Ele se deleitava da imagem. Controlava a velocidade de maneira que ele aproveitasse cada mínimo detalhe.

Via sua calça aumentar o volume, se apertando no seu tamanho e deixando evidente que ele estava duro por mim.

— Você está pensando em estar aqui, não é? — questionei, mantendo o vaivém.

A minha boceta gotejava. Não recuava o ritmo. Mantinha a agressividade dentro de mim, de maneira que atingisse pontos que rasgassem minha traqueia, soltando sons vergonhosos, porém que deixavam Dante surpreso.

— Não pare — ordenou, o olhar vidrado e lascivo.

Ele me estudava. Equacionava. Apurava teorias de como o meu corpo era a cerne da sua luxúria. Eu estava o deixando louco. Com raiva. Com ódio.

Seu rosto antes inexpressivo era uma colisão de sentimentos.

Sua boca imunda e provocadora, a presença dominante e fascinante gerava mais destreza em meus movimentos.

Era difícil me manter naquela posição. As minhas pernas tremiam. Meu peito subia e descia, com a intenção de pegar a maior dose de ar.

Intensifiquei os movimentos circulares no clitóris. Meus músculos estavam ficando cada vez mais pesados, no entanto, desejando mais do que dois dedos.

Enfie mais outro, gemendo alto.

— Porra, Emília. Sua boceta é gulosa. O quanto ela aguenta?

— Tudo, Dante.

Ele sorriu.

— Bata nela. Quero te ouvir gritar.

Dei um tapa leve na região. Uma onda de prazer endureceu meu clitóris e atingiu meu ventre.

Jesus.

— Mais uma vez.

De novo.

Precisei morder a boca para não chamar a atenção. Estava de noite. O silêncio reinava. Qualquer som já era um chamado.

O meu corpo estremeceu com o aumento da rapidez dos meus dedos. Minhas costas arquearam e eu sentia que iria cair. Porque eu estava caindo numa espiral de luxúria.

Eu me sentia embriagada, tropeçando a cada maldito passo. A cada maldito momento que eu impulsionava minha mão e a porra da minha boceta engolia tudo. Ela queria tudo. Ela estava pronta para ser preenchida.

Continuei envolvendo o meu seio esquerdo, que estava avolumado e carregado, torcendo o meu mamilo.

Angulei os dedos no ponto certo, me masturbando sem medo. Minha pele formigava, aquecendo mesmo que a noite trouxesse um vento gélido.

Meus gemidos crepitavam no ar. O barulho dos meus dedos sendo engolidos por mim eram cada vez mais sonoros. Minha necessidade me deixava mais esfomeada por mais. Queria gozar. Queria sentir meus ossos amolecerem por prazer.

Contudo, duas mãos separaram as minhas pernas muito mais.

Quando abri novamente os olhos, Dante ajoelhado, examinando a minha boceta por baixo fez-me ficar quente no rosto.

Ele puxou minha mão e deslizou os dedos na sua boca. Ele brincou com eles, deleitando-se com a excitação que respingava na ponta. Dante gostava do meu sabor. Ele era um viciado.

Sua língua sugou-os, deixando-os mais molhados. Até que me ajudou a dedilhar novamente, me fazendo gritar pelo impulso rápido. Foi uma dor prazerosa, se tornando fodidamente mais extasiante.

— *Linda* — murmurou, escondendo seu rosto mais abaixo enquanto me ajudava na intensidade, até que ele retirou minha mão e deu um tapa em minha boceta.

— Deus! — soprei, recebendo mais outro e outro.

O meu corpo tremia com a pressão da sua mão quente.

— Cansei disso — ele murmurou. — Vou foder você aqui e agora. Vou te fazer gozar no meu pau como uma boa puta. Mas não grite. Acima de tudo, não vamos querer acordar os mortos.

38

Dante Faulkner

hallelujah chorus

A desgraçada estava me deixando louco.

Seus gemidos eram a minha melodia favorita. Reagiam na minha mente como mãos, roubando pedaços da minha sanidade mental. Todos os meus demônios estavam loucos para foder os seus anjos. Eu iria arruiná-la e nenhuma parte de mim estava disposta a ser carinhoso naquele momento.

Captei cada detalhe. Cada centímetro exposto dela. Da sua pele escura brilhando sob a noite. Do seu corpo magro, em que as curvas eram ondas nos meus dedos. Ela possuía pernas longas, seios pequenos, mas perfeitamente cabíveis na minha palma, perfeitamente chupáveis e fáceis de se aproveitar. E os mamilos intumescidos, desejosos para que eu os fodesse com a minha boca era uma visão incabível de se esquecer.

Toda aquela bagunça fazia com que o meu pau doesse, capaz de formar um buraco na minha calça. Eu iria enterrar-me fundo. Iria quebrar o que Emília tinha como desejo. Eu a tocaria para que mais ninguém a

tocasse. Eu a consumiria para que apenas eu tivesse o direito da sua alma. Tudo nela exalava a meu. Tudo nela cheirava a meu. Não havia hipótese de escolha da sua parte.

Porra, ela era minha na morte. E minha para foder.

Todo o seu desastre tinha marcas da minha ruína nela. Éramos uma composição completa. Ela era a porra do meu instrumento e tiraria as melhores melodias dela. De forma violenta. Sangrenta. Sem qualquer compaixão. Tudo o que nos envolvia precisava de agressividade.

E eu sabia que ela aguentaria.

Emília gostava de aguentar a dor que eu lhe dava.

— Você é tão úmida por dentro, *pulchra* — murmurei, circulando a minha língua pelo interior das suas coxas. Seus dedos afundaram na minha nuca. — Ninguém tem ideia do quanto eu estou desejando me enterrar dentro de você. Existem muitas batalhas que eu já venci, mas essa eu sou um completo perdedor.

Emília riu em um largo gemido, assim que percorri a sua entrada, saboreando os resquícios de pré-goço. Seu sabor era divinal. Perigosamente viciante. Os seus músculos contraíram quando iniciei a circulação pelo seu clitóris, chupando-o levemente.

— Dante — ofegou, agitando seus quadris de modo que eu me encaixasse melhor no meio das suas pernas.

— Para quem fala que me odeia, você geme bastante o meu nome.

Puxei suas pernas para os meus ombros, colocando-a sentada no meu rosto. Ajeitei-a para que encontrasse o seu equilíbrio e sorri pelo tesão que percorreu com o meu nariz contra a maravilha que ela era.

— Vai rezoar? — sacaneou, puxando minha cabeça.

Encarei seus olhos brilhantes, os cachos embelezando o seu rosto diabólico, com todos os traços que exalavam o inferno em si.

— Tenho certeza de que essa tarefa será sua, cadela.

Então, minha língua iniciou os impulsos. Devorei seus grandes lábios que estavam molhados de tesão. Abri-a um pouco mais para que pudesse chupar seu ponto duro, acariciando de forma que ela se acostumassem até eu ir forte.

Emília puxou o ar, apertando mais a sua mão, desejando arrancar o meu cabelo pela raiz. Ela jogou a cabeça para trás, embriagada por uma excitação que atingia todos os seus órgãos.

Eu explorava toda a sua boceta. Enlouquecia como ela estava encharcada e completamente lubrificada para me tomar inteiro. Subia e descia, me perdendo em seu cheiro, sabor e a sua voz inebriada por um desejo violento.

Ela estremecia, porém se colocando ereta para não cair. Aquela posição deixava tudo mil vezes mais quente porque a força das suas pernas contra os meus ombros para se manter segura, causava tensão em seus músculos e justamente naquelas paredes internas que eu fodia.

— Dante... — gemeu, inclinando um pouco mais a cabeça contra a parede assim que tratei de continuar mexendo em seu clitóris.

Duro e inchado, fazia com que aquilo fosse uma brincadeira e Emília a minha boneca. Ela estava perdendo o controle, gemendo cada vez mais alto, sentindo o orgasmo crescendo em seu ventre.

Quando larguei uma das mãos da sua perna, o resmungo imperceptível foi soprado por ela, porém meus dedos trataram de provocá-la também, causando mais bagunça em sua voz.

— Eu vou cair. Meu Deus! — disse, após conseguir juntar vocabulário o bastante que não fosse o meu nome.

Sorri, lambendo-a em todo o percurso e enfiando os meus dedos por trás de sua bunda. Seu grito estourou o ar, perdendo-se na consciência e na maldita razão.

— Filho da puta! — exclamou, arquejando e balançando seus quadris cada vez mais intensamente.

— Se continuar se esfregando para mim assim, é capaz de morrer pela queda — provoqueei.

Minha língua tratou de dar uma descansada, mas meus dentes tomaram o espaço.

Porra.

Seus pés balançavam, enquanto gritos e mais gritos eram externados. A força que exercia para que a sua outra perna não caísse dos

meus ombros era imensa porque tudo em Emília estava fraco demais para ter o domínio.

Sua mente. Seu sangue. Seu coração. Tudo era uma sintonia de desastre para mim. Tudo estava nas minhas mãos. Era devasso. Uma loucura apreciar cada grama, gota e veneno daquela mulher. Mas eu a queria inteira.

Eu a queria para a porra da minha existência por completo.

Esfregava a minha boca na sua boceta, deixando o incêndio iniciar no seu sistema. Ela estava cada vez mais suada. A parte interna das suas coxas ardiam, e se subisse o olhar, via como os seus cabelos grudavam na lateral do seu rosto, a boca era ferida pela pressão dos dentes e Gray choramingava até sua garganta não aguentar.

Estava sentindo dor na porra do meu pau. Minhas bolas pareciam que iam encolher por não se aguentarem mais. Eu poderia gozar apenas com o seu gosto e com os seus gemidos. Eu a devorava da mesma maneira. Rude. Explosivo. Devasto. Eu odiava amar o que estava produzindo, mas odiava muito mais saber que eu não queria terminar.

— Não vai gozar para mim? — Meus dedos afundaram mais na sua bunda, sem entrar, porém provocando a região. O dedo do meio aproveitava para acariciá-la por trás, cooperando com a minha boca na sua fenda. — Quero ver sua boceta chorar para mim. — Continuei dedilhando, recebendo o estremecimento do seu corpo. Mais gemidos. Mais suspiros. Afundava em seu íntimo apertado, desejoso para receber mais, mais e mais. Então, eu continuava forte, chupando tudo. Comendo tudo. Me servindo dela. — Mostre como você é uma safada gostosa.

— Diminua essa atitude. Acho que você não está entendendo que é o único de joelhos aqui — ronronou, puxando os meus fios e me obrigando a encará-la sob a escuridão imensa que embalava o céu.

— Filha da puta desgraçada — rosnei, me colocando em pé no mesmo instante.

O seu grito foi tremendo, as pernas apertando ao redor do meu pescoço, me enforcando prazerosamente. Eu estava entalado no meio das suas pernas, segurando sua cintura para que ela não caísse.

— Dante! É muito alto!

— Cale a boca e goze, porra — rosnei, curvando meus lábios enquanto fodia minha língua na sua boceta.

Eu a torturava de forma primitiva. A brutalidade fazia com que ela não se aguentasse. Ela ia contra a parede, possivelmente criando pequenas manchas vermelhas nas suas costas, mas o que ela queria era gozar. E eu a daria.

Eu a derrubava de dentro para fora. Levando ao limite. Ao ápice.

— Dante... — ela repetiu, mais baixo, fazendo com que aquele fosse o meu som favorito.

Emília apertou o meu rosto, os seus movimentos cada vez mais necessitados e famintos. Ela suplicava. Implorava.

Era delicioso. Nada me agradou mais do que ver a morte das minhas vítimas. Ela pingando, pedindo para fazê-la gozar entre puxadas de ar era um paraíso completo. Nunca desejei nada além do Inferno, mas eu tentaria derrubar o paraíso se isso fizesse com que eu pudesse levá-la.

E quando mordi suas paredes, seus músculos inteiros tensionaram e um grito agudo escapou. Ela gozou forte, os tremores a fazendo sacudir e o seu balanço se perdendo. Eu gemi conjuntamente, enervado que não teria como escapar.

Eu a foderia ali. Agora.

O meu pau precisava se enterrar naquela boceta apertada. E, finalmente, a teria como minha.

Afundi os meus dedos na sua cintura, e ela arqueou sua coluna.

Lambi cada gota. Cada pedaço de si foi saboreado por mim. Aquele era o meu prato. Só parei quando tive tudo aquilo que precisava.

— Como se sente tendo gozado para mim, *pulchra*? — perguntei provocativo, colocando-a de volta no chão.

Ela estava zonha, sua boca entortando para um sorriso satisfeito. Seus cachos pareciam ter tomado mais forma e volume, e seus olhos semicerravam em piscadelas rápidas.

Ofegante, o peito subia e descia.

Cacete, eu ainda faria muito com ela.

— Uma merda — soprou.

Peguei-a pelo queixo, mordendo seu lábio inferior.

Eu tinha a porra do meu pênis pesado, e Emília não escondeu seu apetite por ele. Sua mão se instalou na minha calça, acariciando minhas bolas através do tecido. Seu riso cheio de ar entrava pela minha boca, enquanto eu devorava os seus lábios.

— Eu sei que você vai ser capaz de me tomar — pronunciei, abrindo sua boca e enfiando os meus dedos. Ela chupou-os, enquanto eu os empurrava. Sua língua passeava neles e ela sugava como se fosse a porra do meu membro fodendo sua garganta. — Porra, linda. O quanto você quer isso?

Tirei minha mão, deixando o cuidado de lado. Peguei pelos seus cabelos, a fazendo reclinar e se aproximar mais de mim. Seus mamilos ainda tesos pressionaram contra o meu peitoral. Eu estava vestido enquanto Emília encontrava-se nua e toda pronta para mim.

— O suficiente para não querer nunca mais — declarou.

— Está na hora da sua vez de pedir uma oração — ordenei, afundando-a no chão. — Tire a minha calça. — Ela obedeceu, me encarando enquanto trabalhava no meu fecho. — Com a boca. Combina mais com você.

Puxei mais um pouco do seu cabelo e ela pregou seus dentes na minha calça e deslizou até os meus joelhos. Poderia ver a minha protuberância pela cueca preta, duro e empunhado para ser enterrado em todos os buracos que existiam naquela pirralha perfeita e demoníaca.

— Está com medo? — provoquei. — Ele é seu. Faça-o conhecer cada canto da sua boca teimosa.

Seu silêncio era excitante para mim. Ela estava obedecendo, aproveitando cada milésimo da humilhação. Deus, aquela garota me surpreendia.

Uma trilha de beijos iniciou no meu abdômen, até chegar na região pélvica onde Emília lambeu a tatuagem. Inspirei fundo, observando como seus orbes brilhavam, sedentos e desafiadores.

A cadela sabia o quanto me enlouquecia. Como tudo nela me deixava exausto de emoções.

— Aprese. — Ela empinou sua bunda, rebolando levemente. Mas mal me atentei porque seus dentes foram rápidos em descer minha cueca e meu pau saltou, latejante. — Prove.

Sua língua passeou pela extensão, lambuzando pequenos pingos que estavam morando lá. Ela respirava pesadamente, sua caixa torácica num vaivém rápido pela ânsia, no entanto seu trabalho residia em explorar meu membro.

Sua expressão era ilegal. Ela estava excitada com a merda acontecendo. Ela desejava ir mais fundo. Eu a daria, no entanto a tortura seria para ambos.

— Abre a boca — ordenei.

Ela abriu, enfiando a cabeça do meu pau, lentamente, até parar na sua garganta. Era quente, me causando tremores pelas minhas costelas. Em regiões impossíveis de sentir prazer.

Teria que aguentar pra cacete em não gozar rápido. Evitei encarar como seu corpo me provocava também, com toda a postura e a coluna arqueada, elevando aquela bunda que eu marcaria logo a seguir.

— Cacete, Emília.

Gray me provava e eu afundava mais um pouco do meu pau. Seus olhos estavam dispostos a lacrimejar, piscando muito. Suas mãos fixaram nos meus quadris. Contudo, nenhum sinal para parar veio dela. Na verdade, ajustei mais um pouco e ela apalpou minhas bolas antes de eu adquirir um ritmo.

— Está gostando? — Ela tentava chupar e lamber, sugando todo o meu comprimento enquanto eu entrava e saía. Suas bochechas infladas me deixavam extasiado. Meus músculos se contraíam para que eu não gozasse rapidamente. Eu queria saciar cada maldito segundo. — Da próxima vez que me insultar, lembra como a sua boca fica ao redor do meu pau.

A mão livre se juntou à outra para puxar o seu cabelo e empurrei mais fundo, rápido e violento. Seus soluços ressoaram, os olhos se enchendo, porém ela continuou. Aproveitando tudo. Querendo mais.

Soquei duro. Minha respiração encontrava-se irregular a cada vez que sentia sua garganta. Os sons dela me deixavam mais possesso.

— Porra... Tome cada centímetro. — Fodi sua boca sem remorso, deixando que o único ar que ela tivesse fosse combustível para o meu membro a preenchendo. Eu mantinha sua cabeça no lugar, enquanto batia para dentro e fora, rápido e sem pudor, torturando aqueles lábios gostosos. — Isso. Boa garota. Sabia que você conseguiria.

Envolvi mais o seu cabelo num punho, dando indicação para que ela aguentasse mais. A luxúria existia naqueles globos redondos, a falta de respiração era transformada em lágrimas.

Mas continuei indo bruto. Eu bombeava sangue por todo o meu corpo. As veias eram visíveis nas minhas coxas, e na porra dos meus braços que estavam cada vez mais rígidos. Eu gemia furioso, rosnando para que ela tomasse tudo o que eu tinha.

Cada vez mais bruto. E mais. E mais.

Meu pau trabalhava com ferocidade e a sua boca era a entrada para o paraíso.

Era a primeira vez que sentia algo tão estupidamente torturante. Era um verdadeiro pecado. Em sua boceta seria mais gostoso e caloroso.

Eu me descontrolava com aquela visão da minha garota rebelde de joelhos, suando e cheia de tesão. Bombee mais, deixando os seus lábios mais apertados e o som se tornando mais pegajoso.

Suas unhas fincaram em minhas nádegas e a dor foi até o cerne da minha lombar. Soquei até não aguentar mais. Até seus olhos brilharem com a água que os encheu.

Explodi em sua boca. Um grunhido involuntário conjuntamente com praguejos rasgou minha traqueia. Gozei violentamente, doendo em meus ossos pela força bruta que foi esvaziar naquele par de lábios. Tomei a cabeça para trás sem retirar minha mão dos seus cabelos, me tornando mais leve e vazio.

Entretanto, Emília expulsou-me da sua garganta, me fazendo fitá-la com a boca salivando e o fôlego desastroso, como se tivesse corrido uma maratona.

— Quem falou que poderia parar? Continue. Engula tudo.

— Maldito — ela murmurou, ainda assim, obedecendo, se lambuzando.

Não preguei o olho. Não pisquei.

Vi a dona dos meus demônios me limpando todo. Deixando pequenos sulcos deslizarem pelo seu queixo, seus seios. Vi seus dedos brilhando na cabeça do meu pau e sendo levados para dentro de si.

— Emília... — murmurei, vendo dois dedos seus cheios de mim em vaivéns lentos com ela de joelhos.

— Tudo bem. Eu tomo a pílula. E você é metódico. Duvido que transe com outras sem proteção.

Hã?

Fui rápido em levantá-la e juntá-la contra o meu corpo. Minha mão desceu para a dorsal do seu pescoço, sondando o seu rosto.

Eu estava adiando para falar daquela merda, mas depois de ouvir suas palavras, um tipo de sensação obsessiva reagiu em minhas veias como combustível.

— Repita o que você disse — ronronei, observando a transformação da sua expressão.

Agora tínhamos contas para acertar.

— Você não pode ficar chateado comigo — disparou.

Pressionei-a mais.

— Ah, é?

— Você me quebrou. Me traiu. Nada em mim te queria mais.

— E decidiu se vingar com outro?

Esperei que ela não confirmasse. Que ela não falasse que a porra do seu corpo já tinha sido marcado por outro. Eu esmagaria o crânio do desgraçado. Eu o torturaria e foderia Emília na sua frente até arrancar seus olhos, cortar seus dedos e colocá-los em sua boca até que ele morresse de dor.

No entanto, seu queixo empinado e a mesma vontade de se vingar em seus olhos me deu a resposta que eu não queria.

— Não foi vingança. Eu não dei a mínima para a nossa promessa. Sabia que você teria outras. Eu não iria ficar para trás.

— Cacete, Gray — rosnei. A minha mão deslizou para sua bunda e um tapa desferiu nela, um gemido furioso e genuíno estrangulando em sua garganta. — Quero foder seus miolos até essa ideia desgraçada desaparecer.

Seu semblante se modificou.

— Você não teve outras mulheres? — perguntou, sua boca entreabrindo para puxar o máximo de ar para resistir a uma queda.

Todo o meu rosto se contorceu. Estava puto pra cacete.

Meus dedos vincaram mais em sua bunda, e estava pouco me fodendo se aquele não era o momento ideal para devorá-la.

— Você. É. A. Minha. Primeira.

O seu choque era visível. A ideia era incabível na realidade fodida que ela tinha inventado. Porra, de onde ela tinha tirado que eu tive outras, merda?

— Dante... — Seu riso foi frouxo. — Não brinque com isso.

— Brincar? — rosnei, apertando mais sua bunda. — Você acha que estou brincando com isso?

Sua mão repousou em meu peito, como se quisesse saber a verdade pela maneira possessiva com que meu órgão cardíaco batia.

— Você esperou por mim?

Seus olhos estavam se enchendo de água.

Merda.

Ela estava abalada. Poderia escutar seu peito avulso. Seu juízo se desmanchando.

— Eu não esperei, Emília. Mas eu não daria minha alma para mais ninguém a não ser você.

Seu toque se tornou mais quente contra mim.

— Aquele beijo, você me... Você sabe.

Ergui a sobrancelha.

— Palavras.

— Você me chupando — resmungou, me dando um sorriso ridículo pelo fato de poder ver a sua pele ligeiramente mais vermelha, embora seja escura. Tudo nela era lindo, merda. Seus cachos, a sua pele negra, a sua boca carnuda e os pequenos olhos, às vezes, cansados, às vezes, enérgicos. Ela era um paraíso humano. — O que estávamos fazendo agora... Eu fui a primeira a ter você?

— Qual foi a parte que não entendeu que eu nunca quis ninguém além de você?

— É ridículo — soprou. — Você é... Meu Deus. Você é o Dante. Como...?

— Nós prometemos.

— Uma promessa muito antes de eu descobrir que você assassinaría os meus pais.

— Eu te avisei e, ainda assim, concordou — rebati.

— Não, você não avisou! E... Meu Deus, Dante. Éramos crianças.

— Foi há quatro anos.

— É muito tempo! — contra-argumentou.

Rosnei furioso, nos colocando contra a parede.

Tirei a última camada de roupa que ainda tinha. Meu tronco estava nu e agora ambos éramos tocados pela brisa fresca daquela noite.

— Estou furioso com você, porra — declarei, puxando uma perna sua. — E qualquer respeito que eu teria com essa boceta, agora não existe.

Ela suspirou pela posição que a tinha colocado. A força para o seu equilíbrio residia somente na sua perna direita que se mantinha assente no chão e a outra seria segurada por mim.

Seus braços enlaçaram no meu pescoço, seu ar se juntando ao meu de forma quente.

— Você fala demais para um virgem — provocou e o tapa na sua coxa a fez rir e se calar.

Suas pálpebras espremeram e eu puxei seu queixo.

— Não feche os olhos, pulchra. Quero que se lembre do dia que foi destruída por mim.

Meu pau duro de novo alongou em suas dobras. Minhas veias estavam salientadas muito mais do que antes porque a raiva estimulava o sangue a bombardear naquele local. Ela estava úmida pra cacete, facilitando a entrada. A fúria ao pensar que outro homem esteve no mesmo lugar fez com que eu não facilitasse. Empurrei com intensidade, fazendo-a bater a cabeça na parede e arranhar os meus ombros.

Levantei um pouco mais a sua perna para angular melhor o ponto. Eu a foderia e a faria desmaiar. Penetrei-a de uma vez só, me obrigando a gemer transtornado para não acabar gozando. Porque, merda, seria difícil, pra cacete pelo espaço apertado que eu estava me entalando.

Meus grunhidos crepitaram na atmosfera juntamente com os seus gemidos. Ela era o mais perto que já tinha alcançado de algo religioso. Eu acreditava em divindades olhando para o que era Emília sentindo o meu pau

a preenchendo. Sua boceta me estrangulava, abraçando por completo meu comprimento na medida que ia e voltava, me acostumando com a porta de entrada do paraíso naquele corpo.

— Gostosa. Extremamente gostosa e apertada. — Pressionei mais forte os nossos corpos, estocando brutalmente. Os impulsos eram ruídos das nossas peles suadas se batendo, me perdendo em como seus músculos engoliam famintos por mim. — Te foderam bem aqui, *pulchra*? — Continuei empurrando e saindo. Empurrando e saindo. Fodendo com força. Roubando o seu ar. Emília gritava, arranhando o meu pescoço, os ombros. Repousando a testa, mas retornando a bater contra o muro. Ela enlouquecia e eu entrava numa queda com ela. — Quem é o cara que eu terei que assassinar? Quem foram aqueles que tocaram no que é meu quando eu não pude?

— Dante...! — gritou delirante, sentindo que aquilo seria cada vez pior. Mais forte. Mais ávido.

— Eu quero nomes. — Estoquei fundo, sentindo o seu calor cada vez mais denso por todo o seu comprimento. — Endereços. — Intensifico os movimentos. — Quero a porra de um rosto desenhado porque eu vou ter muito gosto em fazê-los de plateia para te ver gritar apenas o meu nome.

Esfolava sua entrada sem parar. A energia corria até na cabeça do meu pau que salivava e se misturava com a sua umidade.

Seu corpo amolecido ondulava enquanto eu me descontrolava dentro de si.

Sua boceta me esmagava enquanto eu bombeava o suficiente para fazer nós dois nos quebramos. Ela tinha se acostumado com o tamanho, mas não estava pronta para o que seria ter seus ossos e músculos se deteriorando a cada maldita investida.

— Sou o único homem que toca em seu corpo, você entende? — rosnei, sem parar com o movimento dos meus quadris, preenchendo o seu lugar escorregadio.

— Sim!

Ela soprava o ar em gemidos cada vez mais altos.

Os meus batimentos cardíacos estavam alterados. Os meus cinco sentidos mecanizavam somente para servir pra Emília e toda a bagunça que ela estava sendo naquele momento. Tudo em mim intensificava. Eu queria

mais. E mais. E mais. Queria engoli-la inteira. Queria comer tudo o que ela tinha para me dar. Seu corpo era uma visão deslumbrante, especialmente sendo fodido por mim.

Eu metia em fúria. Profundo. Sem pudor. Sem me importar com o estrago que faríamos.

Enchia cada vez mais o seu íntimo, deixando que nossos sulcos e partes internas se debatendo fossem a trilha sonora daquele cemitério. Ela me sentia fundo a cada momento que mordida os lábios para não gritar por mais. Eu me saciaria até da porra da sua alma.

Ela tinha sido feita para mim.

Eu não acreditava em nada que fosse a minha justiça e o meu sangue pela vingança. Mas eu acreditava nela e na sua calma que combinava com o meu caos.

Todos os meus demônios estavam em êxtase. Eles fodiam os seus anjos da mesma maneira que fazia com ela.

— Dante, é tão bom... — gemeu, recebendo mais estocadas violentas.

O aroma do nosso sexo fluía pelas narinas, um completo vício maior que a nicotina que já havíamos experimentado. Qualquer droga era menos potente que a nossa transa.

Emília estava perdendo as forças na sua perna. Ela escorregava da minha mão com a vontade de rebolar e se esfregar na cabeça do meu pênis, até entrar novamente por inteiro.

— Merda.

Levantei a outra livre, colocando-a atada em meus quadris. Então, iniciei novamente as investidas até não restar sinal de consciência.

O som da sua bunda batendo na minha coxa era fascinante. Fiz com que nós nos perdêssemos, sem nos importar com quem pudesse aparecer. Sem querer saber se acordaríamos os mortos. Que todos vissem como eu a fazia minha.

Meu pau pulsava. Ela tremia. Meu pau golpeava. Ela tremia mais.

Eu a comia duramente, movimentando meus quadris com o gatilho da insanidade.

Enterrei o meu rosto em seu pescoço, cravando meus dentes, segurando suas duas coxas enquanto metia mais fundo. Penetrava furioso, a deixando bêbada de prazer. Sabendo que a rasgaria por completo e, no dia seguinte, andar seria uma virtude.

Toda a vontade de gozar de primeira estava residida no meu abdômen e a mentalidade para prosseguir cada vez mais fundo era pensar que ela merecia. Que Gray necessitava da minha melhor versão. Que ela precisava saber que eu morreria dentro dela.

Queria massacrar sua boceta.

Ela sorria boba, agitada, abarrotada de lascívia, choramingando, certas lágrimas vazando do seu olho esquerdo. Eu abri mais as suas pernas, escorregando mais. Perdi o autocontrole. Queria estapear sua bunda, aprisionar seu pescoço, mas teria que deixar para uma outra vez. Porque haveria mais. Eu a quebraria mais vezes do que ela poderia pensar.

— Caralho — gemi, sendo comido por sua boceta faminta, estremecendo seus músculos de excitação. Seus grandes lábios criavam a fricção necessária para que cada entrada fosse uma tortura não gozar de imediato. — Você quer mais?

— Sim! — Seu estado era caótico. Emília parecia doente, toda molhada de dentro para fora, sem roupas, pressionada contra a parede e a aberta para mim.

Aquilo funcionava bem. Nosso sexo era melhor que qualquer outra coisa. A violência que eu tinha para dar e que ela gostava de receber fazia com que tudo fosse um paraíso na Terra.

— Você ama o meu pau arruinando essa boceta apertada, não é?

Continuei estocando. Fundo e forte. Duro e descontrolado.

Sua boceta estrangulava o meu pau, babando nele com os seus sulcos que já se libertavam. Me apertando cada vez mais. Me deixando cada vez mais louco.

Eu me empurrava pelas suas dobras numa dor inimaginável. Minhas bolas socavam a parte externa, deixando a sua sensibilidade mais instável.

— Isso! Sim! — gritou, respirando contra a depressão do meu pescoço.

Eu iria desabar de prazer. Estava me sentindo mais vivo a cada maldito impulso. Então continuava indo forte, deixando que todo o seu corpo se apoderasse do meu também. Que me tivesse inteiro. Que me tivesse vivo.

— Porra, você é minha. — Ela pôde me sentir mais fundo e suas unhas fazendo a região das minhas omoplatas sangrarem desenhou mais linhas, abrindo feridas. — Minha para brincar. — Agarrei sua bunda, pregueando-a nas minhas mãos, tensionando os músculos dos braços para manter o equilíbrio. Era leve para mim. Tudo nela era pequeno demais para a imensidão de coisas que eu faria. — Minha para foder. — Chupei o seu pescoço, deixando marcas roxas na sua derme que nunca mais sairiam. Ela gemia, se esfregando e me devastando com a sua boceta escorregadia. Continuei me afundando mais, penetrando em bombeadas agressivas. — Minha na morte e na vida. — Abri mais sua bunda, brincando com aquela região, criando uma tempestade em seu organismo. Eu a fodia e mais. E mais. Eu massacrava suas paredes apertadas que se preparavam para a minha expulsão. — Você é minha, Emília Gray. Sempre foi.

— Eu sou — murmurou, inebriada. — Até esse acordo terminar.

— Porra de acordo — rangi entredentes, acelerando o ritmo.

A pressão era mais forte, o meu pau alargando aquela boceta a cada vaivém, tudo era alucinante. Perfeito.

Meus gemidos não cessavam assim como os dela. Ela continuava me massacrando, e eu investindo mais pesado, duplicando a intensidade e agressividade.

Duro. Duro. Duro.

Porra, eu não aguentaria muito mais. Já estava gozando pelos neurônios. Sentindo prazer até na ponta dos meus pés. Eu a engoliria naquele momento. Devoraria tudo o que existia de Emília naquele instante.

— Vou gozar em você, Gray, e eu não quero que se limpe. — Apertei mais sua bunda, me ajudando no atrito do deslocamento da saída e entrada do meu membro. Cada grama do seu corpo estava inundado por mim. — Deixe secar no seu corpo para que não se esqueça a quem você pertence.

Emília me puxou com suas mãos molhadas e comeu minha boca com os dentes, sem querer saber se sangraria. Ela gemia contra mim, fraca e

amolecida pelo número de vezes que estava a levando. Que a estava penetrando sem piedade. Com violência.

— Quero que me preencha, Dante — suspirou.

Continuava metendo vendo como ela era a impetuosidade da minha vida. Como ela estragava qualquer coisa que eu planejava. Como ela era o meu castigo pelos crimes. Como Emília era o ponto certo das infinitudes de erros que eu já havia cometido.

Ela era a luz para toda a escuridão que eu trazia.

Arrepiado e quente, beijei-a e pendi a cabeça em seu pescoço, farejando seu cheiro e procurando encaixar em algum lugar da minha memória para não esquecer. Então, sua boceta me apertou o suficiente para que as últimas bombeadas fossem agressivas, sufocando o meu pau até ele explodir dentro.

O gozo veio a galope, me quebrando. Me rasgando. Me destruindo. Assim como Emília que bateu fortemente nos meus ombros, sem se importar se machucava. O grito foi alto, um uivar naquela noite fria.

Meu gozo fundiu dentro dela, com o seu orgasmo espesso que lavou o meu pau. Vi estrelas por trás das pálpebras. Vi o mundo desabando enquanto eu continuava metendo até não restar mais nada para dar. Os músculos da minha perna tiveram que trabalhar arduamente para que eu não caísse e acabasse desabando no chão.

Estava sem forças. Sem saber o que pensar. Minha mente era Emília Gray. O seu cheiro, a sua voz, o seu gosto, a porra de todo o seu desastre. Eu tinha tudo na minha mente e era somente nisso que pensava.

Fui expulso pela sua boceta cansada.

Ambos suspiramos alto, completamente cansados.

Ela baixou a cabeça, retirando os fios da minha testa. Seus olhos brilharam no escuro, os lábios úmidos e carnudos estavam entreabertos com esperança de recuperar o ar.

Seus cachos eram lindos balançando com o vento que, repentinamente, agora sentíamos.

Emília era a inexistência de palavras. Nem o autor mais romântico a conseguiria descrever. Eu era um subordinado ao seu lado. Gray não sabia, mas se eu acreditasse em algo além da minha existência, era

definitivamente a forma humana com que o paraíso tinha tomado naquele corpo destrutivo.

— E agora? — ela perguntou, ainda no meu colo.

— Você vai voltar com o meu gozo e agir como se nada tivesse acontecido — determinei. — Se alguém te ameaçar ou se aquele desgraçado ousar te tocar, eu terei com o que brincar.

Emília decidiu descer e repousar os seus pés no chão. A nossa realidade bateu e os assuntos pendentes começaram a pesar em nossos ombros.

— Você não vai fazer nada? — ela perguntou, procurando pelas suas roupas íntimas e o vestido. Ajudei-a.

— Você estava esperando que eu fizesse?

— Não, mas... Achei que tinha vindo para me matar e matá-lo também.

Evitei pensar na primeira parte daquela afirmação.

— Eu nunca o mataria aqui — verbalizei. — Quando eu matar Angelo, quero que o mundo veja. Quero que saibam quem ele é e a porra das vítimas que ele tem no seu currículo. Não há nada de divertido em matar um filho da puta doente na sua própria festa. Vou fazer uma exclusivamente para o dia do seu castigo.

Mencionar qualquer referência a Sic Infit era uma faca de dois gumes para ambos. Ainda havia muito para ser remexido, lugares que se cavássemos encontraríamos o nosso passado enterrado num caixão difícil de abrir.

Foi quando ela e eu nos quebramos. Quando eu a feri e me deixei ferir. Foi quando o meu objetivo começou e, eventualmente, terminaria.

Durante os últimos meses, a reação de Emília era estremecer. Cada vez que a morte era uma pauta entre nós, seus olhos me percorriam como se eu fosse o problema inteiro e tudo em mim estivesse errado. E eu sabia que sim. Por isso não tinha esperança de nada além de terminar a minha vingança e morrer em paz.

No entanto, Gray suspirou e um sorriso leve vergou os seus lábios.

— Eu iria gostar de vê-lo se afogar. Dizem que é uma morte torturante. Bom, não se pode ter certeza porque quem se afogou não tem

como contar a história. Não seria o suficiente pelos atos que ele já cometeu, mas seria divertido.

Aquela mulher tinha acabado de imaginar a morte de Angelo da forma mais casual possível, enquanto vestia uma calcinha sem limpar a porra do meu gozo.

Senti um soco na boca do estômago.

Meu coração deu um solavanco abruptamente e meus demônios pareceram reduzir o seu tamanho.

Deus, aquela mulher.

— Não me seduza.

Suas sobranceiras se ergueram.

— Seduzir? Até parece.

Ela não entendia.

Emília nunca entendeu como suas palavras me faziam bem.

Aproximei-me dela, ajudando-a a fechar o seu sutiã. Ela se virou e eu preendi os ganchos cautelosamente.

O nosso silêncio era estranho, principalmente depois do que fizemos. Depois da minha confissão. Ainda estava puto, no entanto eu entendia o motivo de ela ter ficado com outros quando eu não fiz questão de correr atrás dela. Mesmo que tenha sido por uma proteção, não poderia condená-la por mais que quisesse.

Ela se virou após o último fecho prender os seus seios e me examinou.

— Tenho que ir andando antes que nos descubram.

Dei um tapa em sua bunda, antes de puxá-la para mais perto e afundar o meu rosto em seu cabelo. O cheiro me inebriava. Foi a porra da minha terapia durante anos.

— Não faça o que fez hoje novamente. Fale comigo. Eu arranjo uma maneira de você saber o que precisa — declarei.

— Certo — falou baixo.

— Vou esperar você no carro.

— Você não pode. Vou com Daniel até à casa da Penélope.

— Estou pouco me fodendo para a porra do seu amigo, Gray. Eu persigo vocês até ele te levar para casa, mas não te tiro de vista.

Ela assentiu, batendo de leve no meu peito.

— Certo.

— E eu quero que me conte tudo.

— Certo.

Levantei o seu queixo, para que o nosso contato visual funcionasse. Não deixaria que dessa vez passasse. Eu teria que manter a minha postura. Eu era o líder e dependia da confiança dos meus parceiros. Estava dando espaço para Emília trilhar seu caminho.

— Tudo — repeti. — Todas as vírgulas e pontos finais. Não quero que falte nada. Você não esconde nada de mim.

Ela engoliu em seco.

— Sim, Dante. Não se preocupe.

Assim que ela se foi, enviei uma mensagem de aviso para um dos meus. Clarisse combinou de nos encontrar. Felizmente, ela estava cumprindo com a promessa de descobrir um pouco mais de Angelo e ajudava na nossa busca.

Contudo, teve algo que se encaixou quando notei uma sombra se afastando depois que Gray partiu.

Retirei um cigarro, acendendo-o e tragando enquanto olhava para os inúmeros sepulcros daquele cemitério.

Emília tinha bagunçado mais uma vez os nossos planos e eu teria que eliminar alguém que ela não ia gostar. Mas arrependimento não me pesaria durante a noite e isso que importava.

— Há quanto tempo, Dante Faulkner.

Estalei o céu da boca, observando a fumaça subir.

— Você não deveria ter dado as caras.

— Não tenho medo de você.

— Mas deveria.

O seu crânio foi esmagado na mesma hora por uma forte pancada de Hawthorn. Ele caiu no chão, desmaiado e aproximei-me, chutando o seu corpo para conferir.

— Sempre quis machucá-lo. Ele é muito bom no futebol. É irritante — Asher pronunciou, o pegando. — Você demorou, viu?

— Estava ocupado no meu paraíso. — Olhei para o rosto do desgraçado e levantei. — Também sempre o quis machucar, mas por motivos diferentes. Que bom que você foi uma presa fácil, Daniel.

39

Emilia Gray

missa solemnis

Dante estava dormindo no carro.

Precisei pedir por um táxi naquela noite já que Daniel não apareceu. Faulkner me perseguiu no seu carro que já reconhecia. Acabei por ficar na casa de Penélope mais do que deveria. Ela não me largou e eu não queria que ela desconfiasse da minha pressa para casa. Avisei a Dante que dormiria lá, mas ele não quis saber. Disse que não sairia de perto nem que eu o esfaqueasse.

Dito e feito.

Dante estava encostado no banco, o chapéu preto tapando os seus olhos, os braços cruzados e a boca entreaberta. Ele tinha a porta do carro aberta, portanto entrei o analisando mais de perto.

Havia uns sacos do mercado com latas de refrigerante vazias, plásticos de hambúrgueres e cachorros-quentes já comidos.

Aproximei-me para tirar o seu chapéu e me atrever a ver o seu rosto inteiro adormecido. Contudo, assim que o fiz, seus olhos abriram, me paralisando como se eu tivesse sido pega fazendo algo errado.

Ele decaiu sobre os meus lábios. Meu estômago encolheu ansioso.

— Você fala que não quer me tirar de vista, mas adormece. Qual é o ponto? — perguntei, em disfarce.

— Não estava dormindo.

— Você estava.

— Apenas fechei os olhos.

— Você ressona.

— Estava fingindo.

Ri baixinho.

— Claro. Eu acredito.

Dante sorriu minimamente, me tirando da sua visão. Ele endireitou o seu banco, se espreguiçando e, logo em seguida, ligou o carro. Não sabia ao certo o que dizer, após tudo o que tinha acontecido. Principalmente pelo meu corpo ainda estar dolorido do sexo violento e como foi difícil fingir normalidade no salão do hospital e com Penélope.

Cada parte minha estava dependente de cada parte que Dante me ofereceu. Eu pude conhecer os segredos da sua alma. O que fazia seus átomos dançarem. O que deixava seu corpo quente.

Tinha medo de questionar a Dante o que éramos naquele momento. Nós tínhamos um acordo. Uma morte provável. Porém, já não sabia se a coragem estava tão presente quanto a vontade de ter mais um pouco dele a cada minuto.

Deus.

Eu sentia nojo dele. Odiava. A Emília de quatro anos atrás queria vingança pela dor que o homem que ela achou que a amava tinha causado.

Mas a Emília daquele instante queria saber como curar o coração ferido do homem que sempre foi dela.

Que esperou pelo toque da sua alma de uma forma inexplicável.

— Nós temos que conversar.

Quebrei o silêncio.

Seus olhos continuaram na estrada, mas sabia que os seus outros sentidos estavam focados em mim.

— Sobre o quê?

— Sobre o que eu descobri.

— O que foi ao certo?

Dante parecia estar desinteressado para alguém que estava à caça do que era a Secção E, mas eu respondi.

— Angelo quer me convencer a me enturmar com ele, como se esperasse que eu fizesse parte disso. Do que eles estão construindo.

— Tinha muita gente no salão?

O analisei, confusa pela pergunta.

— Sim. Tinha.

— Conseguiu reconhecer?

Dei de ombros.

— Não sou muito envolvida com rostos, mas pelo que... — engoli em seco com medo de me deixar escorregar. — Pelo que eu percebi, eram influentes.

— Hum. — Esperei que continuasse com o interrogatório. — Ele não acha que você sabe de algo, não é?

Balancei a cabeça.

— Muitas das pessoas que estão lá não sabem. Eu também fingi não saber.

Seus olhos se prenderam a mim por milésimos dolorosos.

— Não há mais nada que você queira falar?

— Não.

Eu tinha que apurar mais informações antes de dar uma certeza a Dante.

Ainda tinha Daniel, porém eu lidaria sozinha. Se Faulkner descobrisse, a sua morte era certa e lidar com isso seria uma dor excruciante, mesmo que nada pudesse superar a mágoa de saber que ele acreditava que as atitudes bárbaras do seu tio eram uma salvação para o seu sobrenome.

Como a mente de alguém poderia entrar numa espiral tão perturbada? Daniel era meu amigo. Uma das pessoas que mais confiava.

Nada fazia sentido.

— Como as pessoas entram para a Fábrica? — perguntei, curiosa.

— É uma rede secular, Gray. Vem de gerações para gerações. Ninguém é convidado. O dinheiro velho está envolvido desde sempre.

— Mas você já matou pessoas que não são influentes. Que aparentemente não têm status.

Dante suspirou.

— Alguns trabalhadores como entregadores, aqueles que conseguem rastrear as melhores pessoas para serem leiloadas são desempregados, ex-toxicodependentes ou prisioneiros que agora estão à procura de trabalho. Eles usam quem tem a cabeça ferrada para se ferrar mais ainda.

— Mas é uma questão de ética. Como podem aceitar um trabalho tão macabro?

— *Cibi condimentum est fames*. Essa é a concepção deles. *A fome é o melhor tempero* — declarou, fazendo o meu sangue gelar — Você não tem ideia do que uma pessoa se torna quando está com fome

— É...

Embrulhei minhas mãos, raspando-as na minha calça.

Minha garganta formava um nó de ar, deixando meus pulmões vazios.

— Está nervosa? — perguntou.

— Sinto que tem algo muito errado — mencionei. — Tenho medo.

— Não tenha. O medo é fácil de ser farejado. É algo que as presas sentem quando estão sendo caçadas, mas você não quer fazer parte da última base da cadeia alimentar, não é? — Balancei a cabeça. — Sentir medo deles é dar a entender que são fortes. Não mostre sua fraqueza.

Suspirei, como se procurasse absorver as palavras de Dante e externar os maus pensamentos.

— Pelo menos estou mostrando a você.

— Nem a mim você deveria — cortou. — Não deixe que esse seja o seu último pensamento. Porque o medo te leva à morte e ambos temos contas a acertar.

Oh.

Tudo doeu. Meus ossos. Minhas articulações. Meus músculos. Minha mente.

Tínhamos contas a acertar.

— O acordo — murmurei. Dante não disse nada, mas não foi necessário. Os seus músculos retesaram. — Estamos perto de descobrir o que exatamente é a Seção E. Ou seja, o nosso acordo vai terminar, em breve.

— Sim.

— O que vamos fazer em relação a ele?

Dante soltou uma lufada densa de ar.

— Está pensando em fazer algo?

Meu coração fechou, como se as suas portas tivessem estado abertas desde o momento que Faulkner me beijou no cemitério.

Dante estava focado em se vingar da Fábrica, assim como eu estava à espera dessa vingança para matá-lo.

— Não. Ou você se apegou depois de uma transa?

Eu estava sendo falsa comigo mesma.

E odiei-me por isso, mas não sabia o que Dante tinha na cabeça. Ainda era um jogo para saber quem morreria para o outro. Se eu abrisse meu peito e deixasse que ele entrasse, eu seria a vítima. Eu não poderia morrer por ele nem pra ele.

— Hoje à noite, quando todos estiverem dormindo, venha para o meu quarto.

— Porquê? — questionei, curiosa.

— Vou te mostrar quem se apegou com uma transa.

Minha boca entortou num sorriso divertido.

A atmosfera ardeu e precisei cruzar minhas pernas para que não expusesse o formigamento insano entre elas.

Se continuasse assim, Dante me mataria, com toda certeza, antes que eu pressionasse o gatilho nele. Eu não poderia deixar, mas eu também não queria perder o que eu gostava de ter dele.

Era casual. Nada demais.

Um dia, terminaria.



Pelos gritos graves retumbando pelas paredes, não foi preciso verificar os cantos para saber que os caras já estavam lá. Encontrar Asher e Cole fazendo luta de braço na mesa da cozinha não era nada de outro mundo. Van Doren estava muito empenhado em ganhar, enquanto poderia se ver nos olhos de Hawthorn que seria uma brincadeira de crianças.

Jaxon era quem estava comandando e Vance, como sempre, não estava presente.

— Podem! — Fish gritou, retirando suas mãos dos punhos entrelaçados dos dois.

Em menos de um segundo, o braço de Cole foi jogado. Ele gemeu de raiva enquanto Asher gargalhou, pegando em mais uma batata que estava numa tigela ao seu lado.

— Princesa! Quer participar?

Meus olhos piscaram.

— Eu? Cla...

— Estava brincando, Dante.

O rosto de Asher ficou sério e eu sabia que era o homem atrás de mim o fuzilando. Virei-me, fazendo uma careta na sua direção, contudo sua postura estava mudada.

Na verdade, Dante estava com uma aura extremamente sombria desde que entrei no carro.

— Vá para o seu quarto, Emília — ele pediu.

Contudo, teimosamente, me aproximei dos rapazes. Ele mapeou-me, o arqueio de uma sobancelha solitária me perguntando se estava o desafiando.

— Onde está Torman? — Dante perguntou sem tirar o foco de mim e no meu andar até Asher.

— Lá embaixo — Cole respondeu, aquecendo seu pulso.

Van Doren alternava seu campo de visão entre mim e Dante, como se soubesse de algo. Eles eram amigos, portanto deveria haver alguma espécie de telepatia entre ambos ou linguagem corporal entendida para que Cole pudesse captar sinais.

Ele parecia olhar dentro da minha alma e ver como ela tinha sido fodida por Faulkner. E, claramente, Van Doren não estava contente com essa possibilidade.

— Sobre aquilo que você falou, nós consideramos e vamos usar — Asher anunciou.

— Ninguém concordou — Cole rebateu, sentando-se no sofá, após roubar as batatas de Asher.

— Sobre o quê? — perguntei confusa.

— Sobre os nomes falsos. Eu quero ser o Romeo. Acho que combina comigo.

— Romeo é burro e ele morre — Dante argumentou, me alfinetando.

Ninguém falava mal do homem mais romântico já escrito na minha frente se quisesse manter todos os dentes da boca.

— Dante está com ciúmes porque não será ele. Eu acho que combina. Inclusive, imagino Romeo parecido a você — comentei com Hawthorn.

Senti o olhar de Dante se cravar em mim.

— E o resto?

— Não há resto — Cole disparou. — Só a porra dos idiotas que concordam com algo assim. E só quem é burro que dá uma ideia ridícula.

— Quem é burro, Van Doren? — Dante perguntou e o silêncio do amigo foi o suficiente.

— Eu seria Macbeth — Jaxon declarou, me deixando pensativa.

— É macabro.

— Nada que eu não faça — brincou.

— Bom, Vance seria Hamlet. Tão doido quanto.

Escutei um riso frouxo de Dante.

— Tá. Hipoteticamente, quem eu seria? — Cole se atreveu a perguntar.

— Richard — aponte, pensativa.

— Quem é esse? — indagou confuso.

— O cara mata a maioria das pessoas que ficaram no seu caminho, inclusive quem o amava para se tornar Rei — Faulkner explicou.

Cole esfregou seu rosto até que surgiu um sorriso venenoso da sua parte.

— Gosto dele.

— Claro que você gosta — debochei.

— Bom, cansei disso. Quem é o próximo no braço de ferro? — Asher perguntou exaltado. — Vem, Dante. Quero ver se aguenta.

— Quero competir também — anunciei, sentando-me de frente para Asher.

Ele olhou para mim, para Dante e depois voltou para mim.

— Você é uma boneca. Não sei se quero te quebrar e ser morto logo a seguir — pronunciou.

— Está com medo, Hawthorn? — desafiei, arregaçando a minha manga.

— Parece que alguém acordou durona — assobiou Fish. — Anda, vamos. Quero ver acontecer.

— Cole e eu estávamos apostando. O que eu apostaria com você, princesa?

Seus olhos azuis brilharam. Era óbvio que ele me venceria, porém, queria fazer parte um pouco daquilo.

— Quem perder, cozinha um prato para cada um.

— Mas hoje era o dia do Jaxon! — Asher reclamou.

— Eu ia fazer uma sopa e seria o suficiente — Fish se defendeu.

— Está com medo de perder?

Levantei o meu queixo em desafio.

— Claro que não — assobiou. — Todos sabem que eu vou ganhar. Lamento, Emília. Mas precisa viver um século para se equiparar a mim. Sou o músculo do grupo.

— Tenho que concordar com Asher nessa. Você vai acabar cozinhando — Jaxon confessou.

— Vamos ver.

Estendi o braço, apoiando o meu cotovelo.

Tranquilo, Hawthorn também sustentou o seu cotovelo e pegou na minha mão. Os nossos polegares se posicionaram devidamente e mirando freneticamente um ao outro, esperamos Jaxon nos deixar começar.

— Estão prontos? Um, dois e vai!

Ele largou nossas mãos e eu automaticamente impulsionei todos os meus músculos. Asher riu.

Hawthorn não estava fazendo força alguma e achando engraçado o meu corpo tensionar, minhas bochechas inflarem enquanto eu tentava.

— Quer desistir?

— Nunca.

Asher gargalhou e lentamente deixou meu braço descer. No entanto, o que pareceu ser uma faca caindo no nosso meio fez com que ele se distraísse e seus músculos amolecessem.

Fui rápida em fazer com que o braço caísse na mesa e o desgosto reaparecesse na sua face.

— Ganhei! — gritei, saindo disparada da cadeira.

— O quê? Espera, isso não foi justo! Dante, caralho!

— Diga alguma coisa e eu faço essa faca entalar na sua garganta — Dante resmungou, cortando pedaços de vegetais para fazer uma salada para si.

— Não seja mau perdedor! — disparei. — O que vocês vão querer comer? Hoje temos um cozinheiro particular!

Asher revirou os olhos e eu dançava feliz à frente dele. Claro que Dante tinha dado a sua ajudinha, mas se pensava que eu iria dar o mérito a ele, estava muito enganado.

— Porra. Cole, me ajuda nisso aqui — lamentou Asher.

— Vá se foder, Hawthorn.

— Andem logo. Temos coisas a fazer — Dante disparou, comendo da sua salada em pé.

Odiava que qualquer coisa que ele fizesse, duplicava a sua beleza. Era como veneno sendo ingerido de forma bruta, corroendo meu interior amargamente. Era doloroso demais, mas valia a pena dor.

— Oh, Vance — falei quando ele adentrou, bocejando.

Ele me encarou quando me achei. De cima para baixo, seus olhos me sondaram.

Inspirei fundo e coloquei em prática o que tinha aprendido.

Sua sobranceira levantou.

O resto da sala ficou em silêncio.

Estava nervosa.

Ainda assim, gesticulei, tentando expressar o que queria comunicar. Não tinha visto muitos vídeos, mas tive uma aula breve há anos para, ao menos, saber o básico.

— O que você está fazendo? — Cole perguntou como se me chamasse de burra.

— Querendo saber o que ele quer para comer — mencionei.

Seu rosto continuou implacável.

— E por que você está movendo suas mãos como se fosse algum personagem de Naruto? — Asher indagou entretido.

— Eu estou tentando aprender a língua de sinais para falar com Vance já que claramente vocês não se esforçaram — ralhei.

Nenhum deles retirou a expressão de estranheza. Dante era o único que não se importava.

— Desculpa, Vance — disse bufando. — Não sou muito boa.

— *Eu falo.*

A sua voz saiu rouca.

Cheia de segredos.

Barulhenta e silenciosa nas pausas. Controlada.

Fatal.

— Oh.

Vance piscou e sorriu para mim.

Ele sorriu.

Vance Campbell sorria?

— Eu...

Rachel veio ladrando, subindo em cima de mim no mesmo instante. A cadela lambeu o meu rosto como se eu fosse um prato, mas não consegui tirá-la. Acariciei-a com delicadeza.

— Você é chata — murmurei.

— Ela gosta de você mais do que de nós.

Dante se aproximou, acariciando ela também.

Coloquei-me sentada, enquanto ele estava agachado.

— Os caras também. Inclusive, Vance. Parece que você consegue trazer um pouco de alegria pra eles — Dante continuou.

Ele tinha razão. O problema era que estava me acostumando com a casa, as brigas, os comentários de baixa inteligência que eles soltavam. Conhecer para além das capas longas que os Rostos Vazios utilizavam não era um desejo, porém a ideia de aceitar um pouco deles me assustava.

— E você?

— Eu te suporto, Gray.

Sorri minimamente.

— Não era isso que ia perguntar, mas a resposta é válida.

Ele devolveu o sorriso.



Não conseguia pregar o olho.

Podia escutar gritos fantasmagóricos debaixo do solo. Eram ruídos que arranhavam os meus ouvidos, me deixando entorpecida. Eu girava na cama, procurando ignorar o que quer que fosse que a noite me trazia.

Mas continuava lá.

A Morte estava à caça e ceifando suas vítimas.

Dante estava torturando.

Não conseguia imaginar como um ser humano poderia conseguir escutar berros ferozes como se a dor fosse na alma e não no corpo e, ainda assim, agir naturalmente no dia-a-dia.

Decidi colocar os fones para tapar meus ouvidos, contudo, não tive coragem. Saí do quarto, em pezinhos de lã, até às escadas que me davam acesso ao porão.

Os gritos eram insanos. Poderiam ferir o fundo do meu âmago. Era um martírio. Atingia regiões cerebrais que ativavam uma tortura interna. Somente com agonia das traqueias que externavam o seu sofrimento.

O que quer que estivessem fazendo era para além da dor. Para além do que seria humanamente possível suportar.

O corredor inundado na escuridão deixava tudo mais difícil de lidar. Segui o único rastro de luz que me levava para algum lugar. Espreitei pela fresta da porta, apavorada com o quanto minhas unhas enrolavam-se na minha palma por um impulso de sentir que ainda estava viva e pulsando. Que não tinha aterrado no juízo final e que assistia ao julgamento divino.

Porque era exatamente o que tinha me deparado.

Máscaras de ferro estavam sendo usadas no rosto de duas pessoas. O fumo expelia quase como se tivesse garras, abrasando a estrutura óssea da cara. Quando era retirada, a carne exposta estava amolecendo, expirando sangue como uma chuva.

O odor corroía minhas narinas e precisei tapar a boca para impedir que as náuseas formassem uma bola de vômito. O som agonizante de súplicas, rezas e recusas aumentava o impulso de Dante em queimá-los até a pele ser uma camada deprimente.

Ele nem sequer estava interrogando. Parecia estar se divertindo mais com as suas vítimas sofrendo penosamente.

Havia mais homens caídos, porém que sofreram uma tortura diferente. O choque elétrico no crânio era evidente pelos olhos revirados, expondo a região branca da esclerótica. A boca aberta com dentes arrancados e o sangue ainda deslizando para fora com um aglomerado de vômito me dava indicações que tinham cortado a garganta por dentro.

Já outra vítima tinha os mamilos rasgados e da boca para baixo completamente aniquilada. Precisei me segurar para não tombar. Eles o tinham torturado com cacos de vidro. Possivelmente fazendo-o mastigar um objeto cortante.

Céus.

Quem eles eram?

Espasmos rechearam o ambiente. Um dos homens caídos começou a tremer, seu corpo sacudindo à beira do colapso. Em espasmos.

O líquido branco externado pela boca fez com que Dante se afastasse, como se preservasse mais a sua higiene do que a salvação do homem.

Não o julgava. Se Dante o estava matando daquela maneira era por um motivo. Talvez ele fosse mais um daqueles que fizesse parte da Seção B e estuprasse as mulheres. Ele merecia a dor.

Porém a convulsão era imensa até que parou.

O silêncio veio.

Faulkner pegou num pano no canto e limpou a ponta dos seus dedos, após pousar o instrumento. Eu via somente suas omoplatas musculosas se movimentando.

Havia sangue por todo lado. O cheiro se misturava com o queimado e a carne morta. Era repulsivo, mas meu estômago havia se habituado com muita coisa daquela porão.

— O que você acha? — Van Doren estava lá dentro também. Ele se aproximou de Dante, silenciosamente.

— Ele sabe. Ele vai falar. Clarisse não está errada. A Gray confirmou para mim — Dante respondeu, ainda limpando suas mãos.

Minha testa encrespou.

— Ajudem-me!

Uma voz do fundo do corredor escapou do escuro.

Eu reconhecia de algum lado. Era familiar.

Segui o som.

Os pedidos de ajuda me guiavam até às celas que havia no subterrâneo da porão. Se estava preso era porque eles queriam muito mais do que a sua morte. Possivelmente, assim como eu, um acordo, um interrogatório importante.

Era estranho como me sentia familiarizada, porém o timbre gaguejado dificultava a associação a rostos.

Quem era?

Antes que eu pudesse avançar, meu corpo foi puxado. O que parecia ser um vidro quebrado raspou pela minha garganta. Deus, eu seria morta. Tentei empurrar, porém nada me levava. O seu fôlego era corrompido. O

cheiro nauseante feria minhas narinas. Eu estava vendo minha vida se despedaçar. Ele iria me matar.

Contudo, antes que eu pudesse fazer algo, tiros ressoaram.

O homem caiu no chão como um pedaço de merda e eu pude gritar e respirar.

Mais tiros.

Tiros atrás de tiros no mesmo corpo.

Acertava no rosto. Nos pulmões.

Ele não morria. Não eram pontos vitais. Ele rosnava, rastejava, tentando se salvar.

Pegou na minha perna, me puxando, mas os tiros continuavam.

Nos braços. Nas pernas. No centro do estômago.

Até que, por fim, silenciou.

E eu tive coragem para encará-lo.

— O que você está fazendo aqui?

As pegadas que Dante deixava eram de sangue. Suas mãos estavam limpas, após ele ter retirado as luvas imundas. A transpiração fazia com que seus cabelos grudassem na testa. Ele carregava consigo as dezenas de almas que deveria ter arrancado só naquela noite.

Eu tremia, apavorada pela ideia de que há segundos poderia ter morrido por descuido. Assoprei contra o meu punho fechado, encolhendo-me o suficiente para me aquecer.

— Que merda aconteceu? — Jaxon reapareceu, retirando seu capuz.

Van Doren veio atrás, a luz da sala trazendo claridade para o hall.

— Alguém não matou o filho da puta! — Dante rosnou transtornado. — Vocês agora não sabem fazer um trabalho direito, caralho?!

— Achei que o idiota estava morto — Fish declarou. — Mas o que diabos Emília está fazendo aqui?

— Não consegui dormir... Por causa dos gritos — respondi ofegante, fitando o cadáver sem vida com o braço perfurado.

— Gray, você não deveria estar aqui — Sua raiva era palpável. O cansaço na sua voz também era evidente, porém ele tentou ser meigo. — Quem deixou a merda da porão aberta, cacete? Achei que ficariam competentes com os dias, mas estão ficando burros.

— Parecia que eu estava escutando alguém que conhecia... — justifiquei atordoada.

— Você não é uma de nós. — Fish se aproximou. — Não venha para porão novamente. Vá.

Assenti, quando ele se rebaixou para conferir os olhos do homem e ter a certeza que dessa vez tinha morrido.

Mas ele tinha.

Dante atirou tanto que meus ouvidos ainda repercutiam o som.

Esfreguei minhas mãos nos braços, atravessando para o outro lado onde poderia voltar para o piso de cima. Contudo, fui travada pela mão de Dante na minha cintura.

Ele grunhiu frustrado. O espaço entre nós tornou-se inexistente, até que a sua testa bateu na minha. Foi suave. O bastante para aquecer o que estava esfriando, após um minuto de caos mental.

— Você sabe o que é mil vezes pior do que sentir como se fosse morrer? — murmurou.

— Não...

— Te ver quase morrendo. — O seu timbre era frágil tal como uma peça de vidro. — Não me faça ter essa sensação de novo. Não gostei e não pretendo conviver com ela nunca.

Sincero. Caloroso. Doloroso.

Foi o que eu interpretei das suas palavras que aconchegaram o meu coração.

Minhas mãos tocaram em seus ombros e eu o senti tremendo. Logo, ele baixou para o meu ombro e beijou a curva do meu pescoço.

Jesus.

Poderia sentir o seu cheiro de sangue. Contudo, tocava nele como se montasse os seus pedaços. E toquei nele quando peguei na sua mão direita e pressionei-a contra mim.

Dante engoliu secamente e eu soube que tinha despertado sentimentos nele. Sentimentos que, talvez, nunca tivesse conhecido.

— Fica no meu quarto. A acústica é melhor — declarou em um murmúrio, logo após verificar novamente se estava inteira e nenhuma ferida

no meu rosto ou arredores que pudesse turbinar violência em si. — Eu já vou estar com você.

Estava acontecendo algo.

Sentia em meus ossos.

Van Doren se achegou sem o capuz, mas a roupa ainda longa o tapando. Dante suspirou, desgrudando-se do meu ombro e tapando meus ouvidos.

Ele falou.

Eu não escutei.

Dante fazia isso há sete anos, e era estranho como não tinha mudado.

— Suba — ele pediu novamente.

Assenti.

Mesmo com a voz familiar retumbando nos meus ouvidos e o cheiro nauseabundo dos mortos apodrecendo, eu subi e entrei em seu quarto, me deixando adormecer pelo único cheiro que me reconfortava.

40

Emilia Gray

full moon

Meus olhos não se desviavam da tela do computador. Já eram oito da noite, porém o meu caderno ainda estava vazio e a minha mente também.

Tinha uma prova no dia seguinte de Farmacologia, porém qualquer coisa que envolvesse medicamentos e as suas ações estavam entulhadas em um caixote do lixo do meu cérebro.

— Não aguento mais! — Penélope se espreguiçou. — Por que eu não nasci rica? Não seria obrigada a estudar.

— Você nasceu rica.

— É... Por que eu não nasci mais rica do que já sou? Está todo mundo indo para uma festa e eu aqui, numa biblioteca, tentando terminar um trabalho — lamentou-se. — A Kayleen que tem sorte. Foi para o Canadá competir, nos deixando sozinhas.

A minha amiga estava em época de competição. Eram as apurações para os jogos de Inverno e ela tinha que estar mais que preparada. Penélope e eu estávamos torcendo para a nossa amiga. O número vezes que a garota tinha me pedido para gritar cinco vezes para a parede de que a Kay iria ganhar foram incontáveis. Ela dizia que era uma forma de manifestação. Eu já pensava que era uma forma de parecer uma otária.

— Você parece estar cansada, amiga.

E eu estava.

Não tinha conseguido dormir por ainda ter na cabeça a visão da carne queimada do rosto do homem e do caco de vidro trespassando pela minha garganta. Além da conversa de Dante.

O que eu tinha confirmado?

Tinha esperado por ele no quarto, mas Faulkner não teve a dignidade de aparecer. Mandeí uma mensagem, mas ela não foi respondida.

— Não dormi por causa das provas — menti, pegando no celular.

O pensamento me fez digitar rapidamente.

Eu: Se fosse você mandando mensagem e eu não respondesse, teria a minha casa queimada.

Batia o pé no chão, ansiosa.

Esperei.

Esperei.

Esperei.

Meu alvo: Sim.

O quê?

— Lia? — Penélope se aproximou, encostando a cabeça para ver o meu celular. Eu afastei imediatamente. — O que você está escondendo de mim, hein?

— Nada — rebati.

As suas sobrancelhas arquearam, as pálpebras semicerrando em sinal de que as engrenagens estavam funcionando.

— Você não me engana.

— Estou falando sério — externei.

— Você está namorando? — ela perguntou e eu balancei a cabeça.
— Não me convenceu.

— Caralho, você é chata.

— Assim você fere o meu coração — brincou, relaxando os seus ombros. — Tá. Tudo bem. Eu vou acreditar.

— Se estivesse acontecendo algo, eu diria — declarei.

— É...

Batuquei os meus dedos na mesa, vasculhando os cantos onde a imensidão de estantes e livros formava a biblioteca. Ela era pequena, mas bem arrumada e limpa. Os estudantes tinham muita estima por ela já que várias pessoas preferiam pedir emprestado as obras para não precisar comprar. Os livros não estavam baratos.

— Você e o Cole...

Penélope subiu o olhar.

— O que tem?

— Vocês já se envolveram ou algo assim?

O seu desconforto foi nítido. Repreendi-me pela escolha do assunto.

— Não. Ele é legal, mas não parece querer algo comigo. Acho que está interessado noutra.

— Quem? — questionei curiosa.

Ela deu de ombros.

— Ninguém que você conheça — pronunciou, levantando a cabeça.

— Ele nem sequer é legal. É muito agressivo. Quando era mais nova, ele quase me enforcou.

A lembrança passou como vento, reacendendo memórias de anos atrás quando os cinco rapazes eram a fonte dos boatos da cidade. O medo que eles exalavam pelas informações espalhadas era o motivo dos meus fins de semana serem cronometrados no parque. Contudo, a verdade era mais crua.

Cole tinha os seus motivos, mas eu não poderia deixá-lo se aproximar.

— É. Kayleen já me disse.

Van Doren era um garoto impaciente, porém não era mau para quem gostava. Ele tinha uma relação passiva-agressiva com Asher. Ambos se gostavam muito. Às vezes, quando queria, conseguia ser uma boa pessoa comigo, mesmo que o seu desejo de me matar estivesse acima de tudo.

No entanto, deixar que alguma amiga minha se envolvesse com um dos Rostos Vazios deveria ser contra a lei em algum lugar do mundo. Apesar de todo o discurso de que eles ainda são pessoas comuns, eu sabia o peso que carregavam em seus corações e como era violento.

— Sei que você tem uma experiência diferente da minha — Penélope declarou.

— Como assim?

— Por causa do Dante. — Meu estômago revirou. — Eu nunca me apaixonei realmente. Acho que sou mais do team Kayleen do que Emília. Queria muito ter essa sensação incrível de amar alguém e ficar com ela. Achei que pudesse acontecer com Cole, mas se acontecesse, estaria arruinando o que mais amo esse mundo.

O seu lamento era sincero, porém seus olhos refletiam um pouco mais do que externava.

— Você não estaria arruinando nada.

— É só um cara também. Não é nada de outro mundo — declarou, bocejando. — Tenho vocês e os meus pais, apesar de serem chatos. Não vale a pena estar com essa cara de bunda.

Sorri.

— Inclusive — ela continuou —, ontem fui numa festa e encontrei a Arya. Ela veio falar comigo.

— Foi?

— Sim. Ela perguntou se eu sabia do Daniel, mas não sou amiga dele. Estranhei a atitude. Ela não é tipo uma ex-melhor amiga?

— Mais ou menos — expliquei. — Fomos um trio antigamente, mas tivemos uma treta por causa de um diário. Nada demais. Nunca entendi a atitude dela, mas entretanto ela foi embora e cada uma seguiu em frente com isso, embora...

— Embora?

— A Kayleen é que ainda continua puta com tudo o que aconteceu. Não sei ao certo. — Dei de ombros. — Mas por que a Arya estava procurando por Daniel?

— Ela disse que ele não atendia as suas chamadas.

— É normal dele. Ele desaparece por causa do futebol. Faz parte.

Batuquei no computador portátil ansiosa. Depois de ele ter me deixado na casa da Penélope após o jantar, não tive a oportunidade de conversar mais com ele.

Pensar que ele sabia do que acontecia e não sentia nada que me deixava repulsiva. Era nojento. Contudo, ainda queria saber mais. Entender melhor. Daniel era meu amigo. Talvez houvesse algo errado.

— Vou apanhar ar puro no piso de cima. Não aguento mais o cheiro de pó dos livros — pronunciei.

Penélope riu.

— Vai lá. Vou aproveitar o silêncio para terminar esse martírio.

— Muito engraçadinha.

A primeira coisa que fiz ao pisar no terraço aberto foi pegar num maço de cigarros roubado e tirar uma foto conceitual para Dante. Expus a minha calcinha de renda vermelha por baixo da calça preta, enquanto o Marlboro dava uma estética melhor para a foto.

Não sabia dizer ao certo o motivo, porém eu queria provocá-lo. Eu precisava dele presente para arrancar a sua verdade. Algo iria acontecer e eu não poderia ficar de fora.

O nosso acordo está próximo de terminar.

Se fosse verdade, eu tinha que estar pronta. A nossa casualidade não poderia interferir no meu desejo de vingança.

Mas vingança pelo quê, exatamente?

O meu senso de vingança se perdeu. Eu ainda odiava Dante. Ainda tinha repulsa dele. Mas o desejava. Eu o queria. Ainda possuía partes que gostariam de completar o lugar que estava vazio em Dante.

Qual era o meu propósito?

Não poderia recuar. Se eu recuasse, seria morta.

Não havia outra alternativa a não ser matá-lo, mas qual seria a minha justificativa. O que eu faria depois? Como eu viveria?

Não consegui colocar o cigarro na boca. Na verdade, eu costumava usá-lo como um antídoto lento para retirar mais segundos da minha vida que pudessem estar destinados a mim. Eu usava para lembrar de como Dante tinha partes feias e viciantes em si. Mas a sensação de rancor era tão reduzida quanto a amargura que tinha pela morte dos meus pais.

Suspirei.

— Eu sei que você está aí, Dante.

Virei-me na sua direção que se descobria, à medida que caminhava no escuro.

Já eram sete da noite e o campus era um mar noturno.

— Vim ver até que ponto a minha ausência te afeta — declarou, achegando-se pouco a pouco.

— A sua presença me deixa doente.

Um sorriso torto surgiu em seus lábios.

— Posso dizer o mesmo.

Ele se aproximou para repousar a mão na lateral do meu pescoço.

Era quente. Devastador.

Criava redemoinhos pequenos dentro de mim que engoliam qualquer juízo.

— Ontem... — murmurei, quando Dante começou a roçar seu nariz no meu, seus lábios tocando de leve como se eu fosse frágil. Pequena. Sua para cuidar. —, o que aconteceu?

Faulkner beijou a ponta do meu nariz. Logo em seguida, o canto da minha boca. Depois desceu para a depressão do meu pescoço. Ele estava em silêncio. Em um completo sigilo. Mas agitava meu peito. Criava um estrondo quando tudo era tão calmo.

Odiava Dante e a sua calma. Odiava quando ele era suave. Quando ele trazia afeto. Eu sabia o que vinha a seguir. Eu sabia o que ele diria. Que ele me deixaria novamente. Que ele me mataria, mais uma vez.

— Você falou que eu confirmei algo. O que foi? — continuei questionando enquanto meu corpo ainda era dele.

Quando os cacos do meu coração se reparavam com os seus lábios.

— Se você está tentando me proteger, eu não quero — verbalizei.

— E de mim? — Seus lábios resvalaram nos meus. — E se for de mim?

— Você nunca me fez ter medo. Sabe disso.

Analisei seus olhos inchados. A falta de sono se refletindo na ruga dos seus orbes.

Ele estava cansado.

Mentalmente exausto.

Fisicamente ferido.

Eu não conseguia explicar certas atitudes de Dante. Mas eu sabia que me machucar não estava na sua lista de favoritos. Faulkner tentava me proteger. Do seu jeito. Dentro da sua loucura. Ele fazia da sua mente e corpo um escudo para mim.

— Lembra naquele dia da floresta? A minha falha foi dizer a você que eu queria te manter viva — declarou. — Eu queria te manter para mim. Inteira. De todos os jeitos possíveis. Queria as suas lágrimas, a sua dor, a sua raiva. Eu queria a sua obsessão por ser igual à minha. Porque eu vi algo puro e humano em você. Algo que eu não tinha. Algo que eu esqueci o que é ter. E, mesmo hoje, eu desejo tudo isso da pior maneira.

Seu rosto era desenhado por uma possessividade que não machucava. Que não trazia o pior de si. Era uma possessividade que eu, antigamente, devolvia na mesma proporção. Que eu desejava ter sentido por parte de Dante há sete anos.

Os seus sentimentos foram os mesmos que os meus. Eu o quis por ser o proibido. O erro. A anomalia. A minha vida era perfeita demais para o desastre inteiro que ele era e queria provar o gosto excêntrico.

Como prova, eu o beijei de leve.

Beijei suas palavras sentidas. Sua dor camuflada. Eu beijei o garoto que, algum dia, queria ter vivido uma vida normal. Queria ter amado e ser amado com um coração inteiro. Sem pedaços. Sem feridas.

Minhas mãos acariciam seu rosto. Deixaram que o toque aquecesse o que quer que estivesse frio no seu interior.

Dei parte da humanidade que tinha em mim naquele beijo. Dei parte do amor que ainda estava aceso no meu peito.

Eu o ofereci tudo.

Suave. Terno.

Eu o entreguei o que era meu de forma mais pura.

— Você tem anjos dentro de si — sussurrei, vibrando nos seus lábios. — A sua alma é linda, Dante. Eu a conheço. Eu a admiro. Ela é a minha composição favorita. Ela é o meu primeiro amor.

Dante paralisou.

Seu ar estagnou na garganta.

Os seus olhos criaram cor. O que era sombrio se tornou vivo.

Era lindo. Eram milhões de estrelas ali, nascendo. Eram segundos a mais de vida. Era, como se de repente, Dante encontrasse um motivo a mais para viver.

Se aquela fosse a última imagem da minha morte, eu aceitaria.

Eu aceitaria Dante.

— Bom, tenho que ir. A Penélope está me esperando.

Afastei-me, sentindo o frio novamente enraizar na minha pele. No entanto, antes que pudesse dar dois passos, fui puxada de novo por ele e meus lábios tomados vigorosamente.

Os meus cabelos foram tomados pela sua mão, a minha cintura esmagada pelo outro braço. Eu fui devorada. Engolida por algum sentimento que estava se guardando naquele beijo.

Era bruto. Intenso.

Era diferente.

Era palpável.

O meu corpo foi jogado numa imensidão de emoções. O sangue queimava minha pele. Os seus dentes cravaram no meu lábio inferior. Eu gemia. Ele suspirava fortemente. Eu engolia o seu ar. Eu aceitava que ele me marcasse. Tudo em mim estava sendo comandado pelos seus instintos, até que nos afastamos, o ar sendo necessário para ambos.

— Nunca provoque um homem faminto — murmurou, me comendo de novo.

Sem que eu me preparasse, Dante me virou. Seus beijos continuaram pelo meu pescoço, mas a sua mão trabalhava em algo.

Na sua calça.

Oh, Deus.

Apoiei minhas mãos nas grades, a minha cabeça pendurando-se para baixo.

Estávamos no terraço da faculdade. O Campus era visível no alto, toda a sua expansão, os prédios afastados com as janelas iluminadas.

Contudo, estava mais focada em ter a minha saia levantada e a calcinha arrancada. Seus rosnados eram sussurrados no meu ouvido,

criando uma centelha de prazer.

Minha boceta estava inchada, desejando ser preenchida. Estava sedenta. Eu estava sedenta de Dante.

Sua mão resvalou entre as minhas pernas, e eu gemi. Estava sensível. Qualquer toque era um sinal para eu gozar.

— Você está sempre molhada para mim. — Seus dedos se convidaram a entrar, um tapa na minha bunda estourando no ar silencioso. Mordisquei minha boca para não gemer alto. — Fica pensando em mim o tempo todo?

— Não. Fico pensando no seu pau me preenchendo. É diferente — debochei, levando mais outro tapa na nádega e seus dedos cravando nela.

A sacudida me faz balançar, principalmente pelos seus dedos trabalhando rápido na minha entrada.

Choraminguei, movendo os quadris, acompanhando a saída e entrada veloz dos seus três dedos. O meu clitóris estava dormente, qualquer toque nele me faria gozar. O vento fresco batia nas zonas descobertas, triplicando o prazer.

— Você tem uma boca muito suja para uma garota comportada.

Sua mão puxa pelo meu cabelo, me obrigando a me alongar. Seus dedos continuavam criando sons úmidos, trazendo a minha umidade neles.

— E você fala demais para um virgem. Qual é a sua cena? — indaguei, provocativa.

Dante retirou o que me preenchia, pressionando a mão no meu pescoço. Seus dentes perfuraram a minha orelha, a sua respiração rarefeita aquecendo a região.

— Você está muito provocativa. Não se esqueça que você é a minha puta aqui. Eu sou o seu dono. Não quer ficar sem gozar, ou quer? — ameaçou, e um gemido estranho soltou da minha boca. Odiava gostar da sua voz rouca. De como ele me destruía de dentro para fora. — Me fala, *pulchra*. O que eu vou fazer com você?

Seu pau friccionou entre o espaço da minha bunda, roubando o meu ar. Poderia sentir a umidade da sua cabeça, soltando seu líquido nas minhas nádegas.

Ele pressionou mais sua mão na garganta, me fazendo ranger.

— Deus...

— Só tem eu e você aqui. Não te compartilho nem com divindades.

— Seu membro tornou a mover-se. Sentia minha bunda ardendo pela pressão. Eu o queria dentro, mas ele usava a área para se masturbar. Era uma sensação gostosa. — Só quero o meu nome saindo da sua boca gostosa enquanto faço a minha boceta favorita gozar. — Seus movimentos eram mais brutos. Rápidos. Estava ficando quente. — Então, diga, O. Que. Eu. Vou. Fazer. Com. Você?

— Me foder — gaguejei. Os sons decadentes do seu pau movendo-se para dentro da minha boceta, como se o engolisse crepitou no ar. — Você vai me foder gostoso, me tomando por trás, destruindo qualquer parte de mim que desejasse outro homem.

— Outro homem, Gray? — Sua risada arrepiou meus ouvidos próximo da sua boca. — Não me provoque. Você sabe que não sou um homem bondoso. Faça questão de gritar para que a sua faculdade ridícula escute quem está te tomando.

A estocada rápida fez com que minha garganta se rasgasse pelo gemido.

A brutalidade nas suas investidas assava o meu interior. Ele me preenchia, metendo e metendo com força. Não tive tempo para me acomodar à sua extensão, porém gostei da dor de tê-lo indo até o talo sem qualquer pudor.

Sua mão livre retornou para a minha boceta, o polegar esfregando meu clitóris enquanto ele me comia por trás. Ele esfregava, continuando com o vaivém delicioso, beijando a depressão do meu pescoço. Sua mão não largou a região, seus dedos acariciando e me sufocando gostoso.

Balancei em ajuda. Ondulava o meu corpo, fazendo com que minha boceta estrangulasse o seu pau. Dante parou, me vendo subir e descer, rebolando prazerosamente. O estouro das suas coxas batendo na minha bunda foi estímulo para que ele me largasse, deixando com que me apoiasse somente nas grades e tomasse os meus quadris, me conduzindo.

— Isso. Rebola para mim. — Ele estapeou minha bunda, a ardência da sua mão durando por longos segundos. Os seus tapas agitavam os meus quadris, estimulando a minha fome pelo orgasmo. Ele explorava os cantos das bochechas da minha bunda, o polegar necessitado de entrar na área

entre elas. — Eu ainda vou comer aqui. Bem apertado, engolindo o meu pau. Sei que está pedindo por isso.

Dante retornou a puxar pela minha cintura, estocando fundo. Seu membro me preenchia, me deixando cheia de si. Entorpecida, praguejava silenciosamente, evitando disparar em um som alto para que a faculdade não escutasse a violência do meu corpo sendo esticado até o limite.

Minhas unhas afogavam no ferro, o som dele parecendo se mexer por causa da força que eu exercia ajudava a disfarçar os grunhidos que os dois soltavam.

Evitava ver a grama extensa e como o vazio da noite da faculdade era assustador. Qualquer um poderia ver. Qualquer um poderia levantar a cabeça e ver duas pessoas fodendo. Prender os meus gemidos, ocupava o espaço do ar que era suposto me ajudar a sobreviver. Doía na caixa torácica, mas aumentava a adrenalina de ser fodida.

— Dante... — gemia levemente, afundando meus caninos no lábio inferior e o fazendo sangrar.

Ele se enterrava em mim, quase fazendo com que suas bolas quisessem me esticar também. Faulkner estava alucinado, entorpecido na droga que era o nosso sexo.

Poderia senti-lo em todas as células. E elas estavam se alimentando do prazer inexplicável que corria pelo meu organismo.

— Porra, Gray — rosnou, me levantando novamente. Ele puxou meus braços e estocou abruptamente. Duro. Cada vez mais forte. Era um vaivém sem fôlego. — Você é minha. — A sua mão tomou o meu cabelo sem dó, enrolando num punho apertado. A suavidade das suas palavras não adornava com o ritmo degradante do seu pau bombeando minha boceta. Ele entrava e saía, sendo sufocado pelos meus músculos. Minhas paredes estavam quase se expandindo. — Tudo em você grita meu.

Caralho.

A sua possessividade não me assustava. Na verdade, queimava no meu peito. Deixei que nossos corpos se tornassem um só. Deixei que a noite enxergasse como nós éramos bons. Como nos encaixávamos bem. Como tínhamos sido feitos para nos destruirmos e gostávamos do sabor, embora soubéssemos do fim.

Eu me sentia muito mais do que viva. Todas as sensações do mundo se aglomeravam no espaço pequeno que era o meu corpo. Uma onda de sentimentos que me afogava por inteira.

Lacrimjava pela violência. Pela força com que meu orgasmo viria. E ele continuava rápido, cada vez mais rápido, me tomando por dentro. Me fodendo como sua. Me desejando mais, e mais, e mais.

— Goza para mim. Mostre como é uma puta safada que gosta do meu pau enterrando em você — ofegou, me abaixando para pegar novamente nas grades e aprisionando a dorsal da minha garganta, a outra mão segurando minha cintura.

Meus músculos foram se apertando cada vez mais. Seu membro foi se entalando, ainda investindo secamente, tremendo minha bunda com a sua velocidade.

Até que meu ventre encolheu. Minha estrutura foi abalada por um orgasmo potente. Precisei fechar a minha boca com a mão, mas Dante a pegou, me obrigando a gemer alto. A vergonha se instalou nas minhas bochechas, mas a adrenalina deixava tudo mais quente. O gozo escorria pela minha boceta, as pernas estremecendo furiosamente.

Mas Dante não parou.

Ele continuou me fodendo. Eu o sufocava, porém era um incentivo para ele continuar mais. Mais forte. Mais bruto. Mais intenso. Procurava pelo suporte das grades, mas a preocupação residia em como minha boceta não conseguia expulsá-lo. Ela queria que ele continuasse me empalando com fervor.

Dante me estocava fundo. Suas bolas batendo em mim. Pesado. Gemendo. Ele continuava metendo, me sufocando de um doloroso prazer. Me devastando. Me enchendo.

Seus gemidos aumentaram e engrossaram. Era selvagem como seus músculos se apoderaram de uma energia faminta e, por fim, Dante gozou dentro de mim. Ele preencheu minha boceta com toda a sua porra. Desferindo tapas fortes na minha bunda, Faulkner foi mais fundo até ser expulso pelas minhas paredes e derramar o resto pelas minhas nádegas.

As nossas respirações eram retidas por gramas de oxigênio. Me manter em pé foi um ato difícil. Eu queria deitar, abraçá-lo, beijá-lo. Porém não tinha forças nem sequer para abrir os olhos.

— Venha para casa — ele demandou, puxando-me para colidir com o seu peito.

Mal podia escutá-lo porque o oxigênio entrando nos meus pulmões faziam mais barulho.

— Preciso estudar — ofeguei.

— Estuda em casa — contrariou, arquejando no meu ouvido com o seu hálito quente e o aroma pós-sexo. — Quero você no meu quarto.

Respirei fundo.

Era tão errado. Era um caminho para que eu me despedaçasse de novo. Mas dessa vez seria pior. Porque eu já conhecia o sabor da queda e iria prová-la novamente.

— Nós precisamos de uma pausa, Dante — declarei.

Poderia escutar como o seu coração batia ao mesmo tempo que o meu. Na mesma intensidade. Na mesma loucura.

Eu não queria. Eu sabia qual seria a forma da consequência. E ela tinha um nome exato.

Dante Faulkner.

— Do que você está falando? — ronronou, mordendo a minha orelha e tornando a puxar os meus fios num punhado. — Deus... Os meus pensamentos são sempre você, Gray. A todo o maldito segundo. — Seus lábios degustaram do meu pescoço, mais uma vez. — Não há pausa. Não vai haver uma. — Delicadamente, ele se soltou. — Venha. Vou esperar por você.

Ele puxou as suas calças enquanto eu endireitei as minhas roupas. Estava uma bagunça.

Sabia que o meu cabelo tinha aumentado de volume depois de toda aquela violência, mas Dante fez questão de atá-los com ternura, assim como sempre o fazia quando éramos mais novos. Ele gostava de brincar com os meus cachos e não tinha mudado já que era um lugar que ele adorava pegar no sexo.

Por fim, Faulkner seguiu o caminho da porta entreaberta do terraço.

— Por que você está indo por aqui? — perguntei, indo atrás. — Todos vão te ver.

— Eu sei.

Não havia uma justificativa mais óbvia de que era o que ele queria.

Descemos as escadas e, assim que aterramos no piso da biblioteca, Dante colocou o seu boné. As mãos afundaram nos bolsos do suéter de capuz e ele passou pelas estantes até ao exterior.

Penélope o viu, surpresa, analisando em suspeita quando me viu chegar também.

Praguejei mentalmente.

— Quem era o gostoso? — ela questionou, se angulando na mesa para verificar mais uma vez Dante que abriu a porta e saiu. — Vocês estavam juntos no terraço?

Dei de ombros, disfarçando.

— Não o vi. — Fechei o meu computador, enfiando-o na mochila. — Preciso ir. Está ficando tarde.

— Oh, eu te levo para casa.

— Não precisa. Tenho um ônibus que vai passar agora. — Guardei o restante do material. — Adeus.

Ela acenou e seguiu o caminho para fora da biblioteca.

Não foi necessário completar dois passos para que eu visse Dante esperando por mim. Ele sorriu como se houvesse algo de especial em mim.

Eu sorri de volta como se ele fosse o motivo de me sentir especial, no entanto, adicionei um dedo do meio para ele saber da minha revolta.

Só por hoje.

Eu iria conseguir, no fim, matá-lo.

Mas, só por hoje, eu o teria um pouco mais do que deveria.



Ficamos em silêncio durante todo o caminho até casa.

E, mesmo quando pisamos no local, não havia nenhuma palavra que saísse das nossas bocas. Somente olhares.

Quando pensei que Dante nos conduziria até o seu quarto, ele continuou andando até o meu.

Não me importaria que transássemos no meu, porém ele poderia ser um pouco mais cavaleiro.

Entretanto, foi somente quando a porta abriu e a luz incandesceu o perímetro, que o meu coração gaguejou, tímido e confuso.

As borboletas no meu estômago alucinaram, batendo asas até formar uma tempestade dentro de mim. Os dedos dos meus pés se enrolaram dentro dos tênis, as terminações nervosas sentindo tudo e muito mais do que poderia descrever.

Dei três passos, os olhos se arregalando em cada um deles.

— Se aproxima para ver melhor. Não é tão assustador — Dante pronunciou, o divertimento em suas sílabas corroborava a tese de que ele gostava de me ver abalada. Afônica.

Eu me aproximei e meus dedos resvalaram no material.

— É artesanal — soltei.

— Eu fiz para você.

Uma primeira batida se perdeu.

— Como?

— Você sabe... Sempre tive os meus contatos.

— Durante quanto tempo?

A surpresa engolia as minhas palavras. Eu gaguejava.

Pude ver a sua sombra dar de ombros em contraste com o piano pintado colocado no meio do meu quarto.

— Talvez quatro.

Quatro.

Uma segunda batida se perdeu.

— Dante, isso é... — titubeei. — Meu Deus.

Havia escrituras por todo ele. Escritos à mão. Com a letra de Dante. Eram trechos de *Romeo e Juliet*. Como se fosse uma composição linda.

Frases que eu amava. Cenas que eu imaginava durante a noite.

Cenas que eu tinha pedido, em sussurros, para Dante viver comigo.

Era lindo.

Eu admirava o piano como se fosse um tesouro. Porque era.

Meu coração batia freneticamente. As lágrimas querendo limpar os meus olhos. Doía de uma forma boa. Doía todos os anos acumulados que eu amei Dante com cada osso do meu ser e ter sido derrubada como um castelo de areia quando ele me traiu.

— Por quê? — indaguei, gaguejando pela turbina de sentimentos como uma bola na minha garganta.

O encarei, ainda apreciando seus olhos clareados.

— Eu... Eu não sei.

Dante gaguejou.

Gaguejou.

Ele estava confuso. Também abalado com tudo o que estava sentindo. Porque era demais. Forte para os dois. Muito maior do que já foi algum dia.

— Gosto de te ouvir tocar — declarou baixinho, embora as minhas emoções estivessem num volume alto. — E eu gosto de te ver feliz tocando.

O nosso espaço encurtou, o ar diminuindo e mal chegando aos meus pulmões famintos.

— Dante... Eu te pedi para não fazer dessa casa o meu lar — murmurei. — O acordo.

— Eu sei.

— Nós temos um acordo — repeti, o meu tom diminuindo as oitavas à medida que seu corpo retornava ao meu. — Não faça isso comigo.

Dante me levantou, me colocando sentada no piano. Algumas teclas ressoaram pelo bater da minha perna ao se ajustar.

Era desafinado. Sem sintonia. Atônico. Mas refletia o quanto a nossa relação não tinha uma melodia exata. Era uma composição bagunçada. Uma tragédia em notas.

— Um de nós precisa cumpri-lo — murmurou.

— *O verdadeiro nome do amor é cativo* — segredei, abrindo uma fresta em mim que estava selada. — É uma das minhas frases favoritas de Shakespeare. É triste, mas real. É o que eu estou sentindo.

Seus braços se ajustaram no meu corpo, me encaixando firme contra si como se eu fosse de porcelana. Detestava me sentir frágil ao seu lado,

porém, naquela noite, quis que ele visse como os meus destroços eram irreparáveis.

— Eu sinto que flerto com a Morte a cada momento que estou com você — disse, repousando a sua mão na lateral do meu rosto. — E ela é a coisa mais linda que alguém poderia ter o prazer de respirar perto.

Seus lábios tocaram os meus de leve, com um carinho que não houve entre nós durante muito tempo. Que eu não sabia que era possível compartilhar.

— Dante...

Eu implorei.

Implorei para que ambos parássemos de aumentar o amor um pelo outro. Mas era tarde demais.

— Me deixa ter você como nunca tive. — Ele continuou me beijando carinhosamente. — Quero conhecer a garota que eu arruinei há quatro anos.

E o dei.

Dei todas as lágrimas, fragmentos, memórias sangrentas e pensamentos conturbados que me atormentaram quando ele se foi.

Deixei que ele tomasse tudo. Que ele beijasse, admirasse e fodesse tudo meu.

Ficamos lá. Durante horas. O que parecia ser uma vida.

O que pareceu ser a eternidade que eu achei que, algum dia, Dante e eu estávamos destinados.

41

Emília Gray

kinderszenen

— Fique deitada. Vou buscar um medicamento para a garganta. Ou um chá.

— Não! — anunciei, o puxando. — Eu estou bem.

— Você falou que a sua garganta está doendo — mencionou, com um sorriso brincando em seus lábios. — Quero usá-la de novo. Preciso tratar.

— Ha-Ha. Muito engraçadinho. Eu sou a futura médica, não você — denunciei.

Dante permaneceu sentado, o seu peitoral exposto para mim e os seus cabelos grudados na testa pela transpiração após sexo deixava-o quente.

Meu corpo encontrava-se nu debaixo dos lençóis. Estava dolorida. Fazer sexo no piano e logo depois na cama me tinha deixado marcas por

toda a pele, sem exceção, especialmente minha bunda com o desenho da sua mão e os meus pulsos tatuados pela linha da corda usada. Mas era bom. Estava viciada.

— Não pensei que você fosse estudar Medicina — declarou, cruzando seus braços e tombando a cabeça para trás. Seus olhos vagaram pelo quarto, aterrando depois em mim. — Você sempre disse que não era a sua praia.

— E não é. Mas sinto como se estivesse devendo aos meus pais — confidenciei. — Agora eu não sei... Acho que acabei me acostumando com o fato de que eu fui feita para ser médica.

— Isso te faz feliz?

A pergunta remoeu no meu cérebro.

— Não sei... É complicado.

— Nunca é tarde demais para desistir. Você pode sempre ser uma violinista, Gray.

Meu coração encolheu. Todos os meus órgãos sentiram um abalo.

O meu sonho sempre foi seguir a música. Onde ela me levasse, eu iria. Teria feito o impossível para desafiar os meus pais e não seguir Medicina. Mas a morte deles impactou o trajeto do meu destino. E a verdade sobre eles ainda me deixava nauseada.

— Não é tão fácil. — Soltei uma lufada de ar. — Não sei até que ponto eu quero a música para a minha vida. Nem sou tão boa. Mas você é. Aprendeu sozinho em poucos dias quando precisei de anos.

Dante coçou seu queixo.

— Não é sobre mim, Gray.

— Também é sobre você — contestei. — Dante, você sempre foi muito inteligente. Mesmo quando você fingia não saber nem ler e escrever — Um sorriso brincalhão surgiu em seus lábios. —, eu sentia que o seu futuro tinha tudo para ser brilhante.

— Eu nunca tive um futuro — declarou frio.

— Você tem, Dante. Só tem medo de confrontá-lo.

Era estranho conviver com alguém que não via um horizonte.

Dante puxou-me para o seu colo antes que eu pudesse contestar. Encaixei-me na sua pélvis, os meus braços enlaçando no seu pescoço e as

pernas cruzando a sua cintura.

Então, Faulkner pegou no meu braço e os seus dedos desenhavam na minha pele.

Os meus pelos eriçaram, os arrepios deslizando entre os espaços dos meus ossos.

Ele estava transcrevendo.

Seus pensamentos eram escritos na minha pele. Eu era uma folha em branco que ele deixava que conhecesse as profundezas da sua mente. E eu aceitava. Sentia cada letra que o corroía.

— Sou órfão desde sempre — começou por dizer. — Os meus pais morreram quando eu ainda tinha meses. Nunca soube exatamente pelo quê, mas acredito que tenha sido suicídio. Eu vivia num bairro pobre. Não tinha muitas condições. Fiquei numa igreja durante alguns anos até que fui adotado pela primeira vez. Não durou. Entregaram-me para outro orfanato, mas mantive o sobrenome daquela família. Residi naquele orfanato até os meus quinze anos, onde aconteceu o sequestro.

Seus dedos continuaram em contato com a minha pele. Alternava entre escutá-lo, sentir os seus batimentos cardíacos calmos e controlados, mas ver como ele tremia ligeiramente.

— Nunca tive uma família convencional. Os caras sempre foram o que eu tive. Você foi um pouco do meu mundo também. Mas um futuro? Sempre estive fora do meu alcance.

Balancei a cabeça, pegando em seu rosto.

Encostei as nossas testas, deixando que o meu músculo cardíaco controlasse a minha razão. Ouvia a sua respiração como uma melodia. Decorava e apreciava cada falha, cada descontrole e cada perdição.

— Sei que tem muita coisa dentro de você. Eu sei que pesa. Que dói. Mas isso não quer dizer que você não pode seguir em frente. Você tem uma vida inteira, Dante. Não se restrinja.

Meus lábios resvalaram nos seus. A minha boca alcançou a sua testa e o segurei contra mim. O seu aroma, a sua vibração, a sua alma contava segredos e eu os recebia.

Dante tomou a minha boca e a devorou. Suas mãos cravaram na minha cintura e ele me apertava até não ser mais possível diminuir o

espaço.

— Merda, Gray — rumorejou contra os meus lábios. —, temos que parar.

Mas Faulkner não parava.

Ele continuava me tocando, explorando cada canto da minha boca, me dando cada grama do seu coração.

Ele tentava se afastar, mas seu corpo me queria cada vez mais.

E eu também.

Dante era o que eu não era. Nunca fui. A calamidade. A devassidão. A escuridão. Eu amava os seus detalhes. Me sentia protegida. Engolida por si. Me conectava a cada parte dele que estava em falta.

— Gray — murmurou, mais uma vez. Mas, desta vez, soou diferente. Sua atenção se tornou outra. Todos os seus sentidos agora eram um. Fiquei apreensiva quando os seus músculos tensionaram. —, nós já sabemos onde está a Seção E.

Meu estômago revirou.

O meu peito retumbou forte.

A sensação gostosa que trespassava na minha coluna era governada por angústia.

— Como?

Dante levantou-se gradualmente. O frio se enraizou na minha pele. Estava nua, mas vê-lo sair do meu corpo com tantas poucas palavras era pior.

— É só isso que você precisa saber.

Sua acidez me feriu.

Ele se levantou, pegando na calça e a vestindo.

Analisei como o seu rastro de frieza havia se instalado na atmosfera. Dante estava fugindo.

De mim. De nós. De tudo.

E eu entendia o motivo. Estávamos passando do limite. Não poderíamos continuar porque seria pior.

Fechei os olhos e inspirei fundo, aceitando a derrota. Contudo, meus olhos bateram nas suas costas nuas e na tatuagem que o marcava. Eram

letras finas e que mal conseguia ler, porém, naquele momento, pela proximidade, consegui decifrar cada sílaba.

Meus demônios morrem pelos seus anjos.

Os meus dedos adornaram cada letra. Dante sentiu porque ele ficou quieto. Em silêncio. Sentindo como aquilo me afetava.

Um tremor enorme sacudiu o meu corpo. As lágrimas escorreram pelas minhas bochechas, queimando a pele. A minha respiração gaguejava. O lugar do meu coração tinha sido substituído por colisões de meteoros.

— Dante... Você me ama?

A pergunta saiu soluçada. Rasgava a minha garganta. Dilacerava meus órgãos.

Era difícil imaginar que, durante todo esse tempo, Dante tivesse registrado na sua pele que morreria por mim. Uma frase que há sete anos teria ficado suspensa entre nós.

No entanto, Faulkner não reagiu. Seu semblante era espelho do vazio. Não havia qualquer sentimento transparecendo nele.

— Dante...

— Não peça por uma resposta — exigiu, a fúria instalada na sua voz. — Nós temos um acordo, merda. Você sabe que vou te matar se não conseguir.

— Nós o quebramos — argumentei. — Esse acordo já não existe. Eu e você sabemos.

— Ele precisa existir — pronunciou, a acidez gotejando em cada sílaba. — Um de nós precisa cumpri-lo.

— Então, me mate — declarei. — Você já não precisa de mim, não é? Faça isso agora.

Seus olhos escurecera. Seus pensamentos eram obscuros. Uma vibração estranha surgiu. Seus ombros pareceram ficar pesados.

— Pegue uma arma — anunciou. — A qualquer momento, você vai precisar dela.

Ele finalizou, iniciando a sair. No entanto, fui mais rápida, impedindo-o de avançar. Fiquei na sua frente, o meu corpo ainda nu e frio, contudo completamente marcado por ele.

Por tudo.

Pelos seus demônios.

— Você não pode fazer isso comigo. É jogar baixo. — Meu corpo parecia ter sido drenado em álcool. A entorpecida nele fazia com que minha cabeça latejasse. — É muito pior do que há quatro anos.

— Nós falamos sobre isso, Emília. — Seu tom era cortante. — Se você não conseguir, eu o faço. Eu te mato. Não há espaço para um de nós.

Uma risada rancorosa fluiu da minha boca.

— Por que você não aguenta sentir o que tem, não é? Você não é capaz de admitir que pode amar — verbalizei. — Você odeia ter medo de amar muito mais do que o seu ódio pelo mundo.

Dante me sondou sem reação. Seu rosto era mármore.

— Eu tenho quatro pessoas que esperam por uma ação minha. Que confiam em mim — começou por declarar. — Eu tenho uma vingança. Eu tenho um destino e ele não é ter alguém. Não fui feito para isso, Emília. Mesmo que eu te amasse, eu não te daria nada. Você vai se formar, ser uma médica, ser alguém na sociedade. Ter uma família. Ter uma vida. Eu morro daqui a dias. Eu me vingo e morro. É isso que eu quero. É para isso que luto.

Suas palavras me feriram. Elas machucavam onde não deveriam. Abriam feridas que pensei estarem cicatrizadas.

Criava bolhas de ar que arrebentavam e me intoxicavam.

Era veneno para os meus ouvidos.

Era fatal para o meu coração.

Balancei a cabeça exausta. O cansaço emocional fluía nas minhas veias. Era doloroso sentir que não era nada que me mantivesse viva, mas me matava lentamente.

— Você é um covarde de merda — rosnei. — Você é um fraco. Sempre foi.

— Então, aproveite-se da minha fraqueza. Faça o que sempre quis.

O pânico espremeu no meu coração. Eu não poderia ser controlada por ele, mas enchia e ampliava a minha caixa torácica. Os meus pulmões secaram. O sistema estava dando sinais de entorpecimento. De queda.

No entanto, mantive-me firme. Mesmo tremendo da cabeça aos pés, o sangue se misturando com a ansiedade, eu me mantive.

— Os meus anjos te amam, Dante. Todos eles. — As palavras saíram rastejantes. Elas eram tímidas, mas sentidas. Genuínas. — Eu te amo.

Eu amei Dante Faulkner há sete anos.

Amei quando o conheci na floresta.

Amei quando li Shakespeare ao seu lado. Amei quando festejei o meu aniversário de dezesseis anos com ele. Amei quando ele me disse que estava apaixonado por mim. Amei quando pediu que esperasse por ele.

Eu o tinha amado em cada maldito segundo.

E eu o amava com todas as suas partes distorcidas e obscuras.

Acima de qualquer ódio. Acima de qualquer sentimento de traição.

Eu já não via o seu rosto. Somente as costas com a frase. Sua respiração estava pesada, densa, com muito a ser dito.

E eu esperei.

Esperei por uma resposta. Por ele.

O peso daquelas palavras ecoou no silêncio. Na escuridão que ele tinha e na iluminação que eu transmitia.

Era doloroso. Muito pior do que ser queimada viva.

Até que, por fim, a sua voz forjada em indiferença retumbou até atingir e esmagar meu coração.

— Eu irei matar os seus anjos, Emília. Porque nenhuma parte de mim te ama. Nunca amou.

Mais uma vez, tinha sido abandonada e completamente quebrada.



Três dias.

Fiquei três dias me remoendo com a minha própria desilusão.

A fúria se dispersava pelas teclas. A minha raiva era em dó, ré, mi. As minhas cicatrizes se fechavam com a melodia potente que fluía do meu piano. Eu odiava o meu som, porém odiava mais ainda como eu tinha sido esmagada por Dante.

Estava se fragmentando. A sua voz continuava penetrando na minha mente. Nada em mim era funcional. Tudo se comandava com os cacos do meu amor. Eu era rasgada por dentro por eles.

Eu era ruína.

Lágrimas embaçavam a minha visão. Todas as células do meu corpo choravam. Era uma dor faminta. Uma dor que se alimentava de qualquer fagulha de esperança que tive no passado.

A música que os meus dedos criavam era o som pungente do meu coração ferido diversas vezes em uma batalha que ele nunca quis entrar.

Ao longo dos anos, experienciei diversas maneiras de gerar ódio, mas pressionou um gatilho tão desconcertante quanto escutar de Dante que não me amava. Era muito maior do que ser rejeitada. Era sobre como o meu destino foi sentenciado há sete anos quando decidi acolher um garoto quebrado. E sobre como ele me quebrou também.

E agora nada poderia mudar isso porque eu teria que ir até ao fim com o acordo. Mas eu não seria capaz de matá-lo.

Eu sabia que não.

Porque significaria viver o seu fantasma na minha mente, me matando lentamente sempre que acordasse e lembrasse da sua figura morta.

Eu odiava Dante por ter me feito fraca o bastante para que a minha vida estivesse guardada nas suas mãos, mesmo quando ele deixou claro que não dava a mínima para ela.

E a batida da tecla ressoando com um tom grave que subiu pelas paredes deixou claro como eu gritava interiormente.

Eu seria morta.

Se eu fosse morrer pelas mãos dele, ao menos, que soubesse quem eram as pessoas que estariam condenadas ao Inferno comigo. Precisava de mais informações sobre a Fábrica. Sobre Angelo. O que era a Seção E.

O sobrenome Gray era manchado de barbaridade. Ainda possuía conflitos sobre os meus pais, quem eles realmente eram. Mesmo que tudo estivesse tão claro na minha frente, era doloroso imaginar que duas pessoas que me deram amor e uma filosofia de vida tão linda matavam por puro e simples prazer.

Eu queria matar a memória que eu tinha dos meus próprios pais. Precisava. Torman tinha razão. A morte deles foi uma salvação. Não imaginava crescer sendo uma pessoa que entraria na Fábrica como *Daniel*.

Meu estômago revirou.

Como?

Não conseguia imaginar razões que levassem a isso. Antigamente odiava como os Rostos Vazios se comportavam, mas, agora, eu preferia estar nessa luta com eles. Eu apoiaria desde que o objetivo continuasse sendo acabar com Angelo e o resto.

Saí do quarto à procura de um dos rapazes. Ao menos, Jaxon poderia me ouvir e ajudar. Contudo, não havia sinal de nenhum deles.

Decidi descer para a porão, porém a porta trancada impediu o meu avanço. Tentei abrir com força, mas eram os meus braços com falta de vitamina e uma porta quase de ferro.

Era estranho. Nem Rachel estava em casa.

Entrei no quarto de Jaxon, abrindo o seu computador dos vários que existiam. Não encontrei nada que pudesse me ajudar. Avancei para o quarto de Dante. A sua ausência convidou-me a vasculhar pelas gavetas e armários à procura de alguma coisa. Algum sinal do que poderia estar acontecendo.

Mas nada. Não havia nada sobre a Fábrica no seu quarto. Nem nenhuma chave que desse acesso à porão. Talvez no escritório eu teria mais sorte. No entanto, antes de poder sair, a sombra de Cole sobressaltou-me.

Seus olhos negros paralisaram-me.

— O que foi? — indaguei, acostumando-me com o susto.

— O que você está fazendo?

— Eu quero saber o que está acontecendo. Posso já não ser útil, mas eu preciso de informações porque também me competem — reagi.

— Pode voltar para o seu quarto. Essa guerra não é sua.

— Mas eu sempre fui o plano B. Então, sim, ela é minha também. O meu sobrenome me dá essa autorização — argumentei. — Eu irei morrer. Assim que vocês descobrirem o que é a Seção E, vou morrer para Dante. Não consigo matá-lo. Não vou. Por isso, ao menos, quero ir até o fim e descobrir também quem realmente foram as pessoas que me criaram.

Van Doren permaneceu ilegível. Ele inspecionou-me como um caçador. Cole estava trajado, sem o característico capuz, o que dava indícios que ele iria realmente caçar em algum lugar.

— Cole...

— Ele foi.

As minhas pupilas dilataram. Um sentimento fantasmagórico surgiu das cinzas do meu peito.

— Como assim, ele foi?

Van Doren não disse mais nada. Somente apontou com o queixo para o seguir. As chaves da porão saltaram da sua mão e encaixaram na porta. Desci as escadas juntamente com ele, até surgir em um dos cômodos.

O odor suado e sangrento infestou o meu nariz, porém a minha visão ficou embaçada pela figura conhecida.

Daniel.

Minha boca se abriu com o seu corpo pregado numa mesa de metal, uma das suas mãos intactas algemada na grade e a outra com uma abertura enorme como se tivesse sido apunhalado com uma ferramenta de obreiro.

Jesus.

O seu estado era miserável. A falta de roupa, cicatrizes abertas pelo seu tórax agonizava mesmo sendo estudante de Medicina. Descer até o meio das suas pernas e verificar que a falta de partes do seu membro sexual revirou o meu estômago.

Eu vomitaria.

Morreria pela imagem assombrando os meus pesadelos.

Era Daniel. A porra do Daniel.

As escleróticas se avermelharam, a ira domando os meus sentimentos avulsos.

— Que porra é essa?! — exclamei, aterrorizada.

Daniel já não parecia estar em terra. Seus olhos estavam revirados, mas seu corpo entrava em espasmos. Os seus ossos sacudiam, como se fossem gelatina. A sua pele encontrava-se lívida e ferida, dando espaço para que bolhas grandes e inchaços em certas regiões darem uma visão decadente ao seu estado.

Ele morreria.

Ele estava prestes a morrer.

Meu Deus. Meu Deus.

— Foi Dante, não foi? Foi ele?! — esbravejei, encarando Cole. Não havia culpa delineando o seu rosto, mas havia algo mais a ser dito. — Oh, meu Deus. É Daniel. Por que diabos ele...? — Meu coração martelava com força. Sentia que iria desmaiar. A raiva não era o suficiente para não deixar de chorar. Nem conseguia tocá-lo. Não era capaz de enxergá-lo com receio de que eu fosse a sua última imagem. De que ele pensasse que eu o tivesse traído. — Onde está a porra do Dante?! Por que se ele está fazendo isso para me quebrar, não será igual ao que farei com ele!

Van Doren deu passos para reduzir a distância entre nós.

— Emília... Daniel fazia parte disso. Você sabe.

Chacoalhei a cabeça.

Não de novo.

Essa merda de novo não.

Eu não passaria pelo mesmo.

Não me sujeitaria novamente a isso.

Tentei evitar pensar. Tentei fingir que ele era ignorante, assim como eu fui há meses. Era Daniel. O meu Daniel.

— Para.

— Dante descobriu as informações por parte dele.

— Para.

— Ele vivia nesse mundo tal como Angelo. Ele queria o mesmo. O seu sobrenome é importante para eles se quiserem se firmar na Fábrica com uma nova Seção, já que era um trato feito com os seus pais antes de morrerem através do hospital — continuou. — Daniel sabia. Ele concordava. Ele faria de tudo para te puxar para eles. Só estavam esperando o momento certo. E você soube.

Balançava a cabeça, evitando encarar qualquer parede daquela sala. Encolhi-me tapando os ouvidos.

Estava doendo. Ardendo.

Nunca iria conhecer realmente quem eram as pessoas que viviam comigo. Aquelas que sorriam. Me davam a mão. Limpavam minhas

lágrimas. Traziam um pouco de alegria ao meu mundo quando ele era uma terra abandonada.

E era doloroso imaginar que todas as vezes que amei alguém, eu o fiz sozinha. Todas as vezes que quis viver ao lado de alguém, eu vivia sozinha. Porque as pessoas não eram aquelas que diziam ser. Eram um conjunto de máscaras pelas quais me atraía.

O pior era desfazer da ideia de que elas não existem.

— Não o deixem morrer... — murmurei, soluçando confusa. Sem rumo. — Por favor. Kayleen... Eu... Por favor.

Os meus ossos doíam.

Dói tanto.

Abrasava.

Era como se uma rosa de espinhos crescesse no lugar onde ficaria o meu coração e ferisse o que estivesse à sua volta. Apenas para continuar a crescer. Crescer. E crescer.

— Emília...

— Por favor.

Eu implorava.

Eu cedia.

Eu me mataria para tirar a dor.

— Não chore. — Escutei a voz de Van Doren. Levantei meu olhar, percebendo que era ele na minha frente, me segurando. — Não por esses filhos da puta. Use a raiva que tem e venha. Ajude-nos a foder com eles.

— Como?

Van Doren levantou-se, a sua boca entortando e gerando um sorriso perigoso.

Levantei-me com ele, desequilibrada. Meus olhos evitavam encarar Daniel ou os ruídos que vazavam dos seus lábios feridos. Sua traqueia parecia estar fechada pelos líquidos que o seu próprio organismo produzia.

À beira da morte.

O que eualaria a Kayleen?

Havia uma crueldade a mais na morte de Daniel. Era como se fosse um impulso. Uma vontade de me fazer reagir.

Era o que ele queria.

Então, eu daria o troco.

Eu acabaria com o acordo. Ele teria a sua vingança e eu teria a minha.

— Ele tem poucas horas — Cole anunciou. — Se despeça e depois venha.

Era difícil engolir.

Era difícil acreditar.

Cada pulsação era mais um segundo de que eu estava viva presenciando a morte de um amigo.

— Mas para onde?

Rodei a cabeça, avaliando Daniel. O seu corpo esfriando, os espasmos parando pouco a pouco dando sequência ao falecimento do sistema.

— Para o lugar que você sempre esteve destinada — ele proclamou.
— A Seção E.

42

Dante Faulkner

du bist die ruh

Durante anos, a minha mente sempre foi barulhenta. As analogias referentes a demônios poderiam não ser reais se não fosse o fato de poder escutá-los todos os dias, mesmo quando estava no mais absoluto silêncio.

Eles brincavam comigo. Era um jogo que envolvia o limbo entre a minha sanidade e o descontrole. A minha consciência era decorada por armadilhas projetadas para me ver cair. E todas as vezes que me afundava nas partes feias enterradas nas profundezas da minha mente, eu me sujeitava a ser um experimento da minha própria alma quebrada. Me sujeitava a ser uma marionete de uma vingança que deixei que me liderasse.

Até que a voz *dela* começou a ser mais barulhenta que *eles*. Os seus anjos tocavam uma sintonia quase religiosa que me fazia acreditar que eu tinha um Deus reinando dentro de mim.

A sua risada. O seu choro. A sua dor. Os seus gritos. Os seus gemidos. O seu *te amo* na forma mais poética e inteira que a refletia. Eles

estavam domando a minha mente. Me tirando das profundezas e me colocando à deriva de um mar calmo.

Eu estava perdido.

E com *medo*.

Eu estava com medo de algo que eu não tinha o controle.

Todas as minhas partes distorcidas a queriam. Eu a queria. Não havia nenhum osso do meu corpo que não precisasse dela. Mas eu não poderia porque eu a afundaria comigo. Eu a enterraria ao meu lado e não poderia viver com essa ideia.

Eu dizia a Emília que achava Romeo patético, um burro inconsequente, mas, a verdade era que eu faria pior que ele. Aniquilaria o mundo para depois morrer assim como ela. Mesmo que a minha condenação final fosse recheada de pecados que mereciam um castigo, iria preferir queimar eternamente que viver numa realidade que ela já não existisse.

A mera ideia da sua morte ser real causava uma rebelião com o meu juízo.

Rejeitá-la doeu, mas não doía mais do que querê-la. Nunca doeu tanto quanto amá-la.

— Está me ouvindo, Faulkner?

Francis Torman me despertou com o seu timbre rouco após fumar uns cinco cigarros.

Ele conduzia a van velha que, em certos momentos, pensei que iria explodir.

— Não.

Torman riu.

— Não está feliz que vai acabar com isso de uma vez? — perguntou, diminuindo o volume da música country. — Você não tem vivido por causa disso, pirralho.

Estalei o céu da boca.

O meu foco se mantinha na extensão do campo que limitava a estrada de pedra na qual rumávamos.

— O que você vai fazer com a garota?

Sua voz já me irritava. Não havia mais espaço na minha cabeça para colocar questões que envolvessem Emília. Parecia que tudo era sobre ela. Eu respirava Emília mesmo quando ela não estava por perto.

— Eu deveria fazer algo?

— Esqueceu do que tinha sido combinado? — Seus olhos oscilavam entre mim e a estrada. — Você sabe que ela não pode ficar livre. A sua segurança, a identidade dos garotos...

— Emília é livre — atalhei. — Ela faz o que bem entender. Se ela quiser ir embora, ela que vá. Se ela quiser ficar, ela que fique. Mas, de mim, ela já não tem mais nada.

— Se eu a matar?

Meus orbes se moveram para Francis.

Nenhum dos meus músculos deslocou-se, porém ele sabia se o fizesse, o seu rosto teria a marca dos punhos que o acertariam.

Torman tamborilou no volante, engolindo secamente.

Eu não tinha nada a dizer. E ele sabia disso.

— Se ela te matar, você sabe que os outros caras vão fazer o mesmo — continuou.

Eles não iriam. Eu tinha certeza. Todos eles estavam obcecados com a presença de Emília na casa. Eles gostavam dela à sua maneira escondida e sombria. Eles sabiam do que eu queria. Na verdade, a minha paz seria um presente para cada um daqueles corações também corroídos.

Eles não precisavam me dizer. Eu lia através dos anos que tínhamos aprendido a conviver juntos.

— Eu não quero parecer um velho...

— Você já é um velho.

— Bom, não quero parecer mais velho do que já sou — cortou, dando um sorriso amarelo. —, mas mesmo que você não me veja como um pai, eu te vejo como um filho. Todos vocês.

— Você está longe de ser o melhor pai do mundo. Perdeu esse posto.

— Falou o órfão. — Foi difícil não sorrir. — Dante, você gosta dela desde novo. Não sei porque diabos fica fingindo que ninguém nota porque até ela sabe.

Cruzei os braços, o maxilar trincando.

— Amar não é o suficiente — declarei. — O que eu tenho não é o suficiente para ela. Matei os seus pais. Obriguei-a a fazer um acordo mortal comigo. Deixei para morrer a porra do seu melhor amigo.

— Ele é sobrinho de Angelo. É uma estratégia.

Ri interiormente.

Não tinha sido por estratégia contra Angelo. Estava pouco me fodendo quando rasguei seus mamilos com um alicate, torcendo lentamente e me deleitando com os seus berros. Com os seus pedidos de ajuda. Quando peguei na broca e furei a sua palma, os meus pensamentos estavam nublados por uma sede maior.

Quando Clarisse me disse que um dos propósitos dos Wayne seria juntar uma Gray para eles, não houve nenhum neurônio que não estivesse funcionando quando quebrei rosto de Daniel.

Casar com ela? Era uma piada. Não deixaria enquanto eu vivesse.

— Você falou em amar.

Levantei as sobrancelhas, o encarando.

— O quê?

— Eu falei em gostar, mas você falou em amar. — Seu sorriso torto era nojento. — Porra, Dante, você não tem salvação.

O silêncio voltou a preencher o carro, mas, mais uma vez, a minha mente gritava. Dessa vez, gerando dor na cerne do meu crânio.

Eu não a amava, porra. Não tinha nada em mim que pudesse nutrir tal sentimento. No entanto, pensar em não tê-la era como ingerir toxina diretamente na minha veia e esperar falecer, segundo por segundo, até a escuridão que vivia dentro de mim me pegar por completo.

A ideia me matava.

Emília não precisaria pressionar o gatilho se ela me deixasse.

Eu preferia morrer do que vê-la ir.

Assim como, há quatro anos, eu preferia desaparecer da sua vida do que vê-la chorar.

Ela estava mais do que certa. Eu era covarde. Fraco. Mas por ela.

Emília Gray era o meu ponto fraco.

Um toque de celular estalou no ar. Retirei-o celular do bolso, colocando no viva voz.

— Onde vocês estão? — Asher questionou, o seu fôlego complementando as pausas entre as palavras.

— A caminho — respondi.

— O lugar não é tão camuflado quanto pensámos. Na verdade, ele fica dentro de um prédio de uma filiar de veículos de grande porte — Hawthorn foi explicando.

— Já sabem como entrar?

— Existem dez seguranças em cada das portas. Uma das portas é a entrada dos convidados. Eles têm um passe carimbado. Possivelmente enviado por correios, entregados por uma rede própria deles. As pessoas que vêm dos caminhões entram por um buraco na terra. Vance conseguiu localizar com ajuda de Jaxon. — Asher suspirou. — Mas é impossível entrarmos.

— Como?

A minha raiva ascendeu.

— A segurança está absurda. Além de diversos homens treinados, eles têm um sistema de segurança que pede por dois códigos. Tanto na entrada quanto no lugar com o convite. Como o evento é em subsolo, não há mais nenhuma entrada.

— Não têm portas de segurança? A entrada dos transportes? Como diabos os sócios entram?

Asher praguejou. O xingamento me irritou.

— Não sabemos.

— Não sabem? — rangi, pegando no celular com força o suficiente para quebrá-lo. — Como não sabem, cacete? Hoje é o dia da finalização do acordo entre o hospital e a sua sede filantrópica. É quando o primeiro leilão acontece. Não tem como prever o próximo. Se vai ser na cidade. Se vai ser sequer no país.

— Angelo não está.

— O quê?

— Ao que parece, ele não vai participar. É estranho porque ele é o anfitrião, mas...

— Sem mas, Asher — rosnei, trincando o maxilar. — Eu quero respostas. Eu quero a porra de uma entrada nessa merda. Eu quero saber por que diabos Wayne não vai estar.

Nós já tínhamos entrado nos caminhos para a Seção E o bastante para que fosse difícil voltar atrás ou esperar mais meses. Era uma necessidade terminar com isso porque não queria prolongar. Tudo mudou por causa daquele *eu te amo*.

Emília não merecia mais nenhum segundo disso.

Iríamos aproveitar essa oportunidade para aniquilar com Angelo e os filhos da puta que estavam ao seu lado.

— Ou podemos adiar — Torman explicou. — Podemos voltar para casa e pensar numa estratégia melhor.

— Não — bradei. — Nós vamos invadir essa porra.

— Dante, Torman tem razão — Asher pronunciou. — Não vale a pena partirmos para uma guerra sem, ao certo, sabermos como vamos lidar. É diferente do que prevemos. As Seções sempre foram difíceis de entrar, mas essa é pior. Há um cuidado maior. Nós lutamos com as nossas vidas, mas não agimos em suicídio.

Esfreguei o queixo, fechei os punhos.

A hipótese de recuo não deveria existir. Se fosse um assunto que envolvesse somente os Rostos Vazios, por mais que eu não quisesse arrastar os caras por mais tempo, não teria tantas dúvidas em voltar atrás. Mas Emília. Ela faria vinte e um anos. Ela teria a herança. Ela seria de Angelo.

E ela morreria pelas mãos de outro

— Eu vou lá dentro.

— Do que você está falando, garoto? — Torman esbravejou, parando o carro num canto da estrada. — Tá louco?

— Vou entrar — anunciei, recebendo um arquejo forte de Asher do outro lado e uma deformação expressiva de Francis. — Vou me entregar e esperar que Angelo apareça.

— Você sabe que pode dar muito errado. Nós não conhecemos realmente quem são os caras que estão com ele. A Seção E ainda é confusa para nós — sinalizou.

— Uma semana — murmurei. — Dou para vocês uma semana.

— Dante... — Torman ronronou. — Não se obrigue a passar por isso.

Fechei os olhos, arquejando.

Eu ainda tinha a memória do sequestro tão viva quanto a minha pulsação. Meu sistema ainda sentia a dor de ver, escutar e sentir a morte com diversas cores.

Eu não a conheci pela primeira vez no dia do sequestro. Eu conheci a Morte quando os meus pais se suicidaram na minha frente. Quando decidiram se entupir de medicamentos até à goela. Observei, deitado no mesmo quarto onde dormíamos todos, o último beijo deles, o rosto se avermelhando até que fica roxo e depois azul. Vi seus olhos se revirarem e a última batida ecoando naquelas paredes porcas.

Não chorei.

Não me senti traído.

Não questioneei o motivo.

Somente aceitei.

Fingia não saber que, aos três anos, eu tinha visto a minha primeira morte e não me importado com ela. Como eu aceitei quando ela me estendeu a mão e guiou o meu destino. Emília tinha razão. Eu era covarde, fraco, porque nunca combati contra a única coisa que me assustava: eu.

A minha vingança era um propósito que arrastei durante anos para me dar um motivo grandioso para morrer porque era esse o meu final.

— Leve-me até lá.

Torman não disse mais nada. O sigilo de Hawthorn foi o suficiente para entender que nada me impediria.

Eu teria a cabeça de Angelo como um troféu. Precisava dessa paz. Precisava dessa parte da minha vida finalizada.

Emília precisava.

Não teria volta.



Não demorei para agir.

Cada tiro era certo no crânio dos seguranças. A surpresa em seus olhos após analisarem o meu rosto e perceberem quem eu era, drenava o meu sangue com adrenalina nas minhas veias quando eu estava em combustão.

Entrar pela porta principal, atirando em todas as pessoas ali presentes era um aceno claro de que queria que me vissem. Que soubessem que eu estava pisando em território inimigo.

Havia tantos engravatados quanto mulheres de saltos. Todos eles atingidos sem tempo de reação. Os gritos, as corridas urgentes para se salvarem, a tentativa de me acertarem. Eu tinha anos de prática. Sete anos sendo conduzido por esse caminho de assassinar, ignorar e vencer.

Eu não os queria.

Eu queria quem me levasse até Angelo. Se eles não eram o meu alvo, não tinha porque deixá-los vivos.

A ira que coloria os meus olhos era a mesma que me guiava até o fim do corredor. Eu teria Angelo. Eu arrancaria a verdade dele, os nomes, toda a merda que precisava e terminaria com o que amargurava o meu peito.

Eu teria essa liberdade.

Eu faria com que todos os meus fossem livres.

— Dante Faulkner! — Um soco na coluna fez com que meus pulmões se engasgassem. Antes que eu virasse e disparasse, outro soco atingiu meu rosto. O sangue chegou até à minha boca. Limpei rapidamente, sorrindo pela diversão que havia surgido. — É hoje que você vai morrer!

Encarei o cara com provavelmente a minha idade. Seus cabelos castanhos, cicatrizes no rosto e o porte magro eram uma incógnita na minha memória.

Não era uma raridade encontrar jovens que davam a vida pela Fábrica. Havia uma lavagem cerebral desde novos que os faziam acreditar que aquilo era um serviço a alguém maior que eles. Que era algo intrínseco no ser humano e as práticas deveriam continuar.

Daniel tinha sido um deles.

— Eu te conheço?

Outro soco no fundo da minha barriga.

A minha arma permanecia na minha mão, porém o filho da mãe estava mais entretido em me machucar. Era por vingança. Talvez eu tenha matado um dos seus pais. Um irmão mais velho. Talvez eu o tivesse torturado e levado a que ele fugisse para os seus patrões.

Não me lembrava. Assim como não queria saber de nenhuma das minhas vítimas depois de mortas.

Eram milhares de fantasmas me puxando para o inferno. Mais um era como uma comichão insignificante.

— Seu filho da puta!

Seu berro feriu os meus tímpanos. Poderia escutar o passo dos seguranças correndo até ali. O cara estava preparado para me matar.

Então, não era um capanga de Angelo e quem eu queria.

Cansei de brincar e virei-o, tirando a faca do bolso interno da minha calça. Não facilitei para ele quando perfurei seus olhos, pouco me preocupando com os respingos que sujavam a minha roupa preta. Sua dor arranhava as paredes e era como se o seu âmago estivesse sendo incendiado.

— Se não te matei antes, talvez tenha sido por engano — declarei, penetrando o seu outro globo ocular, arrancando do fundo da sua garganta rangidos que pareciam cuspir seus órgãos.

Para finalizar, levantei-me, pisando em seu pescoço, esmagando com a lateral da sola por baixo do seu queixo. As suas pernas sacudiam, as mãos trabalhando para retirar o meu pé que o sufocava. Porém os seus olhos arrancados, despejando sangue como se ele chorasse o fizeram perder a vida em menos de dez segundos.

Satisfeito, coletei a minha arma novamente, disparando em qualquer um que me impedisse de avançar.

Eu queria Angelo. Não a porra dos chatos que achavam que poderiam ter algo contra mim.

O espaço subterrâneo foi ficando mais escuro. Ainda podia ouvir vozes, mas já não era nada que parecesse pessoas assustadas.

Na verdade, aplausos e gritos eufóricos eclodiam no ar.

Estava acontecendo um leilão.

Adentrei, sem sair do modo defensivo. Ao que parecia, pela tranquilidade com que eles continuavam se alimentando e dialogando, ou era comum o aparecimento de pessoas armadas e tiros sendo disparados ou a informação não tinha chegado.

Apesar da repulsa que danificava meus intestinos era um impulso ágil para disparar contra cada sorriso nojento das pessoas macabras, continuei caminhando até onde me parecia convincente.

Passei pelas penumbras até achar uma saída melhor. Flagrei uma porta protegida por mais outro segurança. Nocauteei-o retirando a chave do seu bolso e abrindo.

O frio congelou minhas entranhas no momento que pisei no interior. Estava em alguma geleira gigante. As bombardeadas do meu peito aceleraram, as memórias tomando forma, com um corpo e alma, me ferindo de maneira letárgica.

No entanto, eu sabia identificar o cheiro de carne humana. E não era aquele.

Na verdade, era um odor imundo. Era como se eu tivesse aberto o banheiro de um local utilizado por dez anos e nunca limpo.

O meu nariz desejou não existir. A garganta pulsava com vontade de externar o que o meu estômago não aguentava.

Continuei caminhando, notando que havia mais cômodos. Muitos deles, como se ali fosse uma residência universitária.

Não conseguia derrubar. Eram portas de ferro. Quase indestrutíveis. A Fábrica investia pesado para manter os seus segredos o mais distante da sociedade possível. Nos dias que eu tinha passado trancafiado, a asfixia era quase como uma morte certa para mim por já não existir mais ar suficiente para as quarenta pessoas presentes num perímetro reduzido.

Poucas sobreviveram.

Poucas souberam desejar viver novamente.

— Tá frio...

Um murmúrio longínquo despertou os meus sentidos.

Era uma voz frágil. Desconcertante. Machucada.

Pequenos murros na porta me fizeram seguir o som.

— Quem está aí? — chamei.

Tum. Tum. Tum.

Mais murros contra a porta.

No entanto, não eram fortes. Os braços daquela pessoa deveriam estar fragilizados. O seu corpo deveria já não ter esperança.

Usava somente a lanterna para me guiar por motivos de não chamar a atenção. Porém, fui obrigado a reagir imediatamente quando a porta principal foi aberta e um casal surgiu.

— Meu Deus. Quem diminuiu a temperatura? — A mulher de cabelos pretos reclamou. Ela tinha um molho de chaves na mão. — Que merda!

— Para de reclamar e vamos avançar. O leilão precisa iniciar.

— Qual é o número que estão chamando?

— 451.

A mulher encaixou uma das suas chaves na fechadura e com a ajuda do cara, conseguiram puxar a porta.

Eles não conseguiam me ver porque, pela dimensão do corredor, a luz não alcançava todo o perímetro. No entanto, um movimento era sinônimo de um eco e eu precisava tomar providências que não estavam nos meus planos até entender o que era aquilo.

— Elas estão quietinhas agora — o homem anunciou, adentrando.

— Com esse frio, também ficaria. — Os saltos da mulher crepitavam no ar. — 451, onde você está? Vamos! Apareça, criança.

Criança.

A minha linha de controle foi rompida por uma única palavra.

A minha voz interior elevou as memórias do meu eu de quinze anos congelando na espelunca juntamente com mais crianças de diversas idades.

Sete anos de angústia se dispersaram nas imensas balas contra os dois. O tempo de reação deles era o meu tempo para recarregar e continuar atirando. Ao contrário dos outros, eu demorava para chegar a um ponto vital. Eu os torturaria se pudesse. Eu cortaria seus corpos e guardaria seus órgãos como decoração.

Eu faria com que se tornassem religiosos e soubessem que eu era o inferno deles.

Eu engolia o choro que me amargava. A ira que me escurecia.

Tiraram a porra da minha infância, da minha sanidade, do pedaço de esperança que eu tinha com a minha própria vida e arrancaram sem me pedir permissão. Apenas para satisfazer desejos bárbaros.

Cada disparo nos mesmos cadáveres era por uma angústia infinita.

Até que parei. Silenciado pela minha própria voz, tenso dos dedos à cabeça, parei.

Vi seus corpos banhados de escarlate, perfurados e as bocas abertas com o último suspiro pairando no ar.

Apreciava quando não morriam pelas balas, e sim pela dor que era insuportável de aguentar. Portanto, os diversos buracos nas bochechas, braços, pernas, na região de virilha e, finalmente, no centro do crânio era um sonífero.

Meus olhos viraram para a porta aberta e um aglomerado de crianças, tremendo e me analisando surgiu.

Meu peito murchou.

O meu sangue gelou.

Elas tinham placas com números assim como eu tive.

Elas estavam com medo assim como eu tive.

Elas estavam morrendo assim como eu também estava.

A minha boca secou. Eu tinha esquecido como se falava.

— Eu... — gaguejei, arfando. — Eu não vou matar vocês.

Elas não entendiam. Pelo menos algumas. A maioria não eram do país. As que eram, talvez estivessem noutro compartimento.

Portanto, deixei a arma de lado, caída no chão.

Avancei, levantando as mãos em sinal de rendição. Não queria assustá-las.

Sondei-as, tentando perceber pelo menos as suas origens. Contudo, notei muito mais do que queria.

Havia crianças sem cabelo. Outras que não tinham movimento em seus corpos, especialmente nos membros inferiores. Algumas tinham síndrome de Down.

Porra.

Eram crianças com doenças e condições genéticas.

A Secção E era além do que tinha pensado.

Era uma unidade para experimentos de doenças.

Meus pulmões respiravam cada vez mais ódio. Eu não estava ali para salvá-las. Não era o meu objetivo. Eu queria me vingar. Eu queria libertar-me do que eu tinha sido há sete anos.

Mas aquilo... Eu não poderia deixar passar.

Ou podia?

Merda. O que eu faria, cacete?

Deixá-las morrer era pior do que eu poderia imaginar, mas já tinha deixado vítimas solitárias. Já tinha abandonado muita gente. Contudo, eu me via em cada uma delas.

— Eu vou...

Uma pancada forte na minha cabeça me fez cair.

Antes que eu pudesse reagir, um tiro no meu ombro fez com que largasse a arma.

Fui amarrado e levado sem chance de luta.

Minha cabeça zumbiu.

Pelo menos, me levariam até ele.



Por sorte, não estava morto.

Poderia ter sido qualquer um que quisesse me enterrar na terra vivo, no entanto, parecia ter sido pego por um dos capangas que trabalhavam diretamente para Angelo.

Meus braços estavam quebrados. A dor era excruciante, contudo, se caprichasse, conseguiria desatar o nó.

Possivelmente eles tinham retirado as pequenas armas que guardava nos meus bolsos. Teria que me proteger através do punho, embora os meus membros não estivessem preparados para uma luta.

Após os meus olhos se acostumarem com a iluminação, mapeei o espaço. Era vazio, mas de uma área enorme. Poderia sentir o cheiro do

sangue se espalhando pelo chão. Eles matavam as pessoas ali.

No entanto, se não fizeram comigo, era porque queriam algo mais.

Eu não morreria até a porra da cabeça do Angelo estar aos meus pés.

As crianças tapavam a minha visão. Nada do que poderia imaginar seria pior se visse.

Elas não mereciam. Ninguém na porra do mundo merecia aquele inferno.

Eu teria que fazer algo.



Meu coração ainda pulsava.

Já era melhor do que nada.

Calculava na minha cabeça o que eu poderia fazer para me safar caso eu precisasse, no entanto, eu não sabia onde sequer estava e não poderia me acovardar.

Eu teria Angelo. Eu o faria pedir perdão.

Estar ali sentado, com as veias expostas se esvaziando, não se comparava à dor que já havia sentido.

Com a dor de ter conhecimento de que tinha sido abandonado desde novo.

Com a dor de saber que era um pedaço de carne para desumanos.

Com a dor de matar os pais da única garota que me estendeu a mão.

Com a dor de saber que a tinha colocado em perigo e que poderia morrer por minha culpa.

Eu tinha sentido vários tipos de dor que não se equiparavam aquilo.

Eu aguentaria.



Estava contando as horas na minha cabeça.

Trinta e duas.

Meu corpo suava.

Poderia imaginar que estava suando sangue.

Não tinha nada no meu organismo que me desse energias.

Eu tinha dado um ultimato de uma semana para os caras. Eles viriam me buscar depois de sete dias.

Merda. Achei que poderia ser mais durão, no entanto era pior.

Meu corpo sobreaquecendo era um alerta de que ele poderia desligar.

Eu teria que aguentar.

Por mim. Por eles. Por ela.

Principalmente por ela.



Eu tinha sido burro.

O meu cérebro tinha sido esmagado por uma queda quando era mais novo. Não poderia ter outra explicação. Me colocar naquela situação e esperar que caíssem na minha como se a Fábrica não fosse dominada por homens inteligentes tinha sido burrice da minha parte.

Quarenta e sete horas.

Era pouco, no entanto para o sangue que continuava drenando lentamente era demais.

Eu teria que aguentar mais. E mais. E mais.

Não poderia fechar os olhos. Não poderia me deixar vencer.

Teria que continuar vivo. Assim como me mantive durante os últimos anos.



Os meus olhos estavam prestes a fechar, me deixando ir com a falta de energia que poderia capacitar o meu organismo.

Até que a escutei.

Com violência. Com raiva. Com dor.

Se eu estava prestes a morrer, uma vontade insana de viver reagiu em meus músculos. Meu coração disparou. Meus pulmões pulsaram abruptamente.

Eu respirava. Sentia.

Eu enxergava.

Eu a enxergava.

Mas, que merda?!

Pisquei vezes o suficiente para não pensar que era uma ilusão. Um pesadelo.

A cólera cortou minha respiração. Quis matar cada um deles. Quis me soltar para derrubá-los. No entanto, o sinal para ficar calmo enfureceu-me.

Calmo?! Como eu ficaria calmo, caralho?!

Os homens me encararam como se fosse estranho ainda me verem vivo.

Eles não saberiam o que faria com eles quando saísse. Cada dedo imundo que tocou na minha garota seria comido pelos seus cachorros.

Eu faria dos seus ossos um piano. Deus, não havia nada que pudesse acalmar o meu lado vingativo.

Quando a porta trancada ressoou, desisti de fingir estar amarrado.

Desembaracei os meus pulsos e segui na direção. Tirei o pano da sua boca e rosnei no seu rosto.

— Você é burra, caralho!? — Movi-me para retirar o nó dos seus braços. — O que diabos passou na sua cabeça?!

— Pergunto o mesmo para você, seu babaca.

Encarei-a furioso. Já não sabia se eu a odiava mais do que ela poderia me odiar.

— Ou você começa a falar, ou eu te amarro pior do que eles fizeram com você, Emília.

Então, ela suspirou e a sua voz se soltou.

43

Emilia Gray

romeo and juliet

Estava tremendo dos pés à cabeça. A adrenalina fazia funcionar o meu coração desde o momento que soube que Dante estava ali.

Não tinha uma lógica definida para o que tinha feito além de que ele era um filho da mãe burro e não pensava nas consequências dos seus atos.

Colocar-me como um pedaço de carne para que os homens me arrastassem até um covil acordou um novo medo em mim. Eu sabia que não me matariam. O propósito deles era me manter inteira e, conseqüentemente, viva. Mas, devido aos seus egos inflados, atreveram-se a me colocar no mesmo lugar que Dante estava supondo que eu o veria se desintegrar.

Precisei segurar o meu ar para não despencar. Qualquer sinal de pânico, me faria hiperventilar. A ideia de Dante poder estar quase morto fazia o meu organismo colapsar.

Vê-lo trazia um alívio berrante em mim. Não chorei. Não sorri. Não era algo que me fazia tirar essas emoções, porque, apesar do medo, eu não imaginava que ele fosse derrotado tão facilmente.

Encarei Dante com relutância devido à sua reação. Porém, a minha visão se prestou a verificar cada milímetro seu.

— Emília. — Sua voz ecoou forte e furiosa. — Eu juro que...

— Dante.

Ele sacudiu os seus cabelos.

Dante estava pálido. Cansado. O seu peito expandia e encolhia de forma irregular. Faulkner não estava respirando normalmente.

— Porra, meu Deus. Como eles te deixaram vir até aqui?! — ele soprou aflitivo. — Eles te tocaram? Merda, me fale que eles não mexeram num fio sequer do seu cabelo porque...

— Dante, o seu ombro está sangrando — cortei-o, me levantando.

Ele olhou, como se não estivesse incomodado com a porra do seu sangue esvaziando daquela região.

— Não é nada demais.

— Isso está feio — analisei, tocando de leve na área com medo de infectá-la ou prejudicar o estado. Faulkner rangeu de dor. O tecido estava necrosado. Já tinha passado pela fase da cianose. Era como se aquela parte da sua carne estivesse morta. — Você não pensa. Se consegue sair daqui porque não saiu?

— Eu disse aos caras que estava aqui para pegar Angelo. Pedi para que daqui a uma semana voltassem. Não agora. Não com você! — rosnou. — Se eles te torturassem, se...

— Eles querem — atalhei. — Eles vão me usar para fazer você falar sobre os Rostos Vazios. Eu fiz de propósito.

As suas sobrancelhas vincadas delinearam mais o seu rosto em ira.

— Você se fez de isca?

— Eles só me deixariam na mesma sala que você se eu dissesse que somos namorados e você me ama mais do que a sua vingança, e que estava aqui por mim já que não quer me ver me tornando uma Wayne. Eles supõem que ao me machucar, você se renda. É para isso que estão te mantendo.

Dante inspirou fundo, o ar aglomerando em seus pulmões. Ele estava transtornado. A sua exaustão era visível nos movimentos.

— Eu sei disso.

— Se você sabe, porque se colocou aqui?!

— Porque eu aguento! — explodiu, o timbre batendo nas paredes.

— Eu posso ser ferido, cacete. Você não!

— Eu já te pedi para não me chamar de fraca!

— Fraca? — A risada irônica fluiu da sua boca. — Não coloque merdas na minha boca. Não é sobre ser fraca, Gray. É sobre eu não me controlar se eu ver uma ferida a mais no seu corpo. É sobre eu virar o mundo em cinzas se eu ver uma lágrima sequer que não seja minha escorrer dos seus olhos. É sobre proteger o que é meu. Não estou te chamando de fraca, porra. Porque eu não te teria na minha vida se fosse por isso.

A sua honestidade retirou o nó do meu coração.

Algo no seu tom fez com que o meu peito fumegasse. Saber que Dante não me achava fraca impulsionava muitas coisas em mim. Mas saber que ele tinha essa certeza e me tinha ao seu lado por me achar muito mais que isso era um tiro certo.

Precisei equilibrar as minhas emoções para não cair. Eu já estava apaixonada. Rendida por completo. Não poderia deixar florescer mais os meus sentimentos.

Então, eu vou matar os seus anjos.

A dor pontapeou os meus órgãos.

— Mas você é covarde — rumorejei.

Encarei os seus olhos sombrios e o entendimento deles.

Dante sabia do que eu falava.

— Quando você iria me falar sobre Daniel? — perguntei, me ferindo pela memória de um dos meus amigos, torturado.

— Quando me diria que a porra da sua herança era mais do que um simples mapa? Que afinal você está condenada a casar com um Wayne?

Meus lábios formaram uma linha dura.

— É sério que você está colocando isso em questão?!

— Claro! — vociferou. — A porra do seu melhor amigo além de ser um dos membros direitos de Angelo, estava se propondo a te convencer se

casar com ele!

— Eu iria resolver isso sozinha! — gritei de volta. — Era um assunto que me competia e não precisava de alguém me defendendo!

— Está feito, porra!

— Você matou Daniel! — esbravejei, deixando minhas lágrimas vazando. A dor do luto contorcia as minhas fibras. — Porra, Dante! Ele era meu amigo!

— Um filho da puta que comandaria a Seção E juntamente com o seu pai! — devolveu. — Ele poderia ser todas as cores que você amava, mas ele teria a mesma cor que o teu maldito sangue quando você menos esperasse. Ele via as pessoas morrendo. Ele concordava com a porra das crianças que estão prontas para virarem um experimento humano!

A minha mente sacudiu.

Um choque de realidade destilou gelo pelas minhas artérias. Eu ainda estava com a memória fresca de um amigo que tive ao meu lado juntamente com a minha melhor amiga. Não um homem que aceitava a imundice que era a Fábrica.

Era difícil engolir essa verdade. No entanto, os meus ouvidos tinham captado algo a mais.

— Você falou de crianças...? — questionei relutante. — Como assim experimentos?

O maxilar de Dante endureceu, seus punhos fecharam e as veias dos seus braços se distenderam, enchendo os seus músculos.

— Não tenho a certeza, mas a Seção E vende crianças doentes. — Seus globos destilando revolta. — Esse acordo, se os meus cálculos estiverem bem feitos, é algo que já tem sido planejado há anos. Mais precisamente...

— Sete anos — atalhei, tendo o meu intestino contorcido pela sensação azeda. — Quando os meus pais começaram a se dar bem com os Wayne. Lembro-me perfeitamente. — Tombei para trás, perdendo um pouco dos meus sentidos. Esfreguei o rosto como se desse um sacode à minha inocência. — É horrível. A Fábrica é feita de pessoas com a crueldade enraizada nelas. Nunca irei entender a razão.

— Entender é dar a eles uma justificativa para serem assim — argumentou. — Não tente compreender. Você não pode humanizá-los.

Dante tinha razão. Tentar compreender o motivo da índole de cada um que pertencesse à Fábrica é dar uma oportunidade para justificar as suas atrocidades.

— Vamos voltar — anunciei. — Vamos sair daqui.

Faulkner pregueou a sua testa.

— Você vai. Vamos arranjar um jeito de te tirar daqui, mas eu vou ficar.

— Não! — contrariei. — Dante, se você ficar, pode morrer.

— Se você estava com medo que eu morresse, deixasse o cara que te rejeitou para morrer — ele disse frio.

Meu órgão cardíaco foi espremido por um jato de sangue potente.

Eu irei matar os seus anjos.

— Essa é sempre a sua saída mais fácil, não é? — ralhei, retornando para um estado de exasperação incapaz de ser mensurado.

— É a única saída que há para nós dois.

— É o que você acha! — gritei, furtando o ar carregado daquela área suja e desleixada. — Não é porque não consegue perceber a porra dos seus sentimentos que isso faz com que matá-los seja a solução para eles. Existem maneiras de conversar consigo e entender se pretende aceitá-los. Não ignorar.

Sua mandíbula trincou, a sua expressão se modificando à medida que eu falava.

— O que você quer que eu faça?! Que eu me ajoelhe aqui e te peça em casamento, sendo que não é isso que eu estou sentindo, cacete? — Meu coração doeu. Doeu tanto que pensei chorar sangue. — Emília, você me conhece melhor que isso. Eu não correspondo ao que você sente. Eu não te dou o que você me pede. Eu não serei um bom namorado, um bom marido, um bom pai para os filhos que eu teria com você. Eu trouxe desordem para a sua vida. — Houve uma pausa longa nas suas palavras. — Não me obrigue a trazer ainda mais quando posso parar.

Aquilo machucava.

Machucava muito mais do que eu poderia suportar.

Esfreguei os meus olhos com raiva. Não poderia chorar. Não iria mais. Não deixaria.

Mas era impossível absorver cada palavra e fingir que elas não eram veneno para as minhas entranhas. Como dilaceravam partes de mim que ainda estavam inteiras.

— Você não está parando, Dante. Enquanto eu ainda existir, vou continuar a sentir. E vai continuar me machucando.

A sua garganta pulsou, uma veia sutil destacou-se na sua pele branca. A mandíbula tensionada triplicava a sua beleza.

Poderia ver algo sólido nele também se transformar em cacos. Algo nele que também o feria. Que o fazia ser um homem desintegrado.

— Eu te quero — ele disse calmamente, me surpreendendo como os seus olhos não se desviaram de mim. Como não havia emoção correndo nas veias do seu rosto, mas havia muito mais a transbordar naquelas três palavras. — E isso me mata. Todos os dias. Há sete anos, eu te quis para mim. Eu quis que você fosse a parte de mim que não existia. Eu queria que você fosse a minha luz. Mas eu precisava ser a sua escuridão. E eu te fiz sofrer. Eu te faço sofrer, Gray, e eu não consigo viver com isso.

— Dante...

— *Eu me arrependo.* — A sua voz saiu como se os seus batimentos fossem uma música triste. — Eu me arrependo de te ter encontrado na floresta porque eu nunca te traria até aqui. Mas tudo em mim te quer. Eu sinto como se tivesse nascido para ser seu. Mas isso me quebra. A todo o maldito segundo, eu me quebro por você. Você é o meu ponto fraco e isso não deveria existir em um homem que precisa ser forte para sobreviver.

Ele diminuiu o espaço.

Dante era capaz de escutar a minha respiração fraquejar. Meus ossos doíam. Meus músculos doíam. A minha alma doía.

Era doloroso. Insuportável.

Queimava tanto que viver no oceano ártico seria um alívio.

Se amar machucava, por que eu continuava querendo cada vez mais? Porque eu continuava me apaixonando um pouco mais?

Dante então suspirou, sacudindo os seus cabelos. Ele parecia mais exausto.

— Se você vai ficar, ao menos, senta. Vou te amarrar novamente.
Anuí, me virando para a cadeira.
Não tinha mais forças para continuar.
Dante se inclinou para pegar novamente uma das cordas soltas.
— Quando eles chegam? — Dante questionou.
— Eles já estão aqui. — A sua testa franziu. — Jaxon instalou um
escutador na minha pulseira. Ele saberá quando vir.
Seu rosto mudou.
— Eles ouviram a conversa?
Quis rir quando percebi que ele tinha corado.
Dante Faulkner estava vermelho nas bochechas.
Era tão adorável que queria apertá-las.
— Possivelmente sim.
— Merda. Se eu ouvir alguma piada, vou socar a cara de cada um
— pronunciou, de modo que a informação chegasse na pulseira. — Lembra
quando você falou sobre conversar como uma pessoa comum?
— Sim.
— Eu vou. — Dante terminou de atar os meus pulsos. Estava
frouxo. Seria fácil de sair. — Nós precisamos. Quando sairmos daqui,
prometo ter uma conversa sincera com você. Vi alguns tutoriais e acho
que...
Balancei a cabeça.
— Já entendi o que você sente. Eu consigo lidar com isso.
— Gray. Nós vamos — disse pausadamente. — Vamos deixar tudo
claro. Vamos colocar um ponto final.
Ele estava sério. Não tinha como contestar.
Portanto, eu assenti e, depois da sua permissão, Dante amarrou
novamente a minha boca e voltou para o seu lugar.



— Está tudo bem por aí? — Dante perguntou.

Aquiesci, já que a minha boca tapada impedia de falar.

Dante suspirou. Ele estava cada vez mais pálido. Não era surpresa quando a ferida no seu ombro não o ajudava. Eu sabia que não era pior que a da perna, no entanto, me preocupava por não ter sido cuidada ainda.

Antes que eu pudesse tentar perguntar como ele se sentia, a porta foi aberta.

Dois homens apareceram, risonhos e indecentes.

Eles olharam para nós e riram como se fôssemos uma piada.

— Ainda estão vivos? Querem água? — indagou. — Temos a do esgoto ou a urina do gato. O que preferem?

Os dois gargalharam alto.

Revirei os olhos enquanto Dante permanecia inexpressivo.

— Vocês dois são namorados, é? — Um deles perguntou. — Com todo o respeito, ela é boazuda.

A feição de Dante mudou.

— Ela veio se oferecendo para nós — o outro continuou. — Como foi mesmo? Vocês me querem mais do que ele. Sou mais valiosa. Porra, as coisas que eu teria feito.

Enquanto ele falava, a aproximação me assustava.

Mantive-me quieta porque, um passo em falso, poderia acabar arruinando o plano. No entanto, Faulkner já não estava com esse pensamento.

Se eles me tocassem, se sequer me tapassem da sua visão, ele quebraria cada osso daqueles imundos.

— Nunca fiquei com uma garota como ela, mas há sempre uma primeira vez, não é?

Meus olhos rolaram.

Era algo que eu escutava tantas vezes que já não me importava. No entanto, só faltava um empurrão para Dante sair no soco. Precisava que eles parassem com aquilo porque o cara que me rejeitava também era aquele que tinha um instinto animal dentro de si quando se tratava de mim.

— Eu ensino modos e vocês ignoram. Por que será?

O timbre rústico e gutural fez com que as paredes balançassem.

Tanto Faulkner e eu viramos o rosto, flagrando Angelo com o seu terno bege, adentrando no espaço. A sua aura era repulsiva. Depois de saber do que ele era capaz, o seu caráter era visível nas pequenas ações. Nos passos calculados, na expressão de tranquilidade por treino intenso para mascarar o seu verdadeiro ser.

Pude perceber que Dante queria deformar aquele rosto asqueroso. Como sua cólera estava desenhada no seu semblante fechado.

Os seus cachorrinhos tensionaram ao ver o seu chefe, se afastando do meu lado e rumando até Wayne.

— Estávamos tentando arrancar informações — um deles mentiu e Angelo somente levantou um sorriso.

Não era possível identificar o que se passava na cabeça daquele homem.

— Podem deixar-nos sozinhos? — ele questionou.

— Sozinho, chefe? E se eles fizerem algo contra você?

— Eles não fazem — Angelo balançou a cabeça. — Teriam feito no dia do jantar, mas estavam mais entretidos em foder no cemitério, não é?

Meu sangue gelou.

Wayne sabia. Ele tinha visto, possivelmente.

O maxilar de Dante acidificou.

Faulkner não o tinha matado por motivos claros, porém a provocação atingiu-nos.

— Ou vocês se sentem incomodados com a minha presença?

Nenhum de nós disse nada.

Os dois saíram, deixando a porta aberta. Angelo permaneceu com o seu rosto de quem não esconde nada. Mas a sua parte perversa estava bem ali, visível, por debaixo dos panos.

— Soube que você descobriu as crianças — ele começou por dizer, casualmente, me deixando curioso pela sua atenção em Dante.

Analisei-o, notando que a sua veia pulsou na lateral da garganta.

— Não é tão ruim quanto a Seção D — continuou Wayne. — O que eu teria feito com você seria bem pior. Elas contribuirão para algo maior. Você entende, não é?

Os meus olhos se arregalavam enquanto tentava entender o que conversavam.

— Você não contou à sua namorada, Dante? — Angelo questionou, se aproximando. Ele não sabia que Faulkner já tinha feito aquele trabalho, mas deixamos que ele contasse os pormenores. — Eu e os seus pais tivemos a brilhante ideia, há uns anos, quando você ainda era nova, de vender experimentos. A ciência precisa evoluir. Por que não usar quem está no leito de morte para isso? Claro que, ainda é algo muito raso, agora que eles faleceram, eu comando tudo. Por isso estou usando crianças, por enquanto. Doentes, claro. Elas são mais comerciais.

O meu estômago deu uma cambalhota.

Experimentos. Crianças. Venda.

Estavam usando crianças doentes como se fossem descartáveis. Como se a vida de cada uma se tornasse desvalorizada por uma doença.

A raiva quis soletrar-se em lágrimas. Quis deixar de fingir que estava presa e agredir aquele homem. E, se eu pudesse, retirar os meus pais do túmulo e fazer pior do que Dante teria feito.

— Você é um filho da puta morto — Dante articulou, finalmente, tomando parte dos meus sentimentos.

— Posso dizer o mesmo a você. Não somos muito diferentes. Matar os meus homens da mesma maneira que mato outros não nos coloca em patamares tão opostos. O que você acha que é o caminho do bem, eu também penso assim.

Dante riu nasalmente.

— Eu não luto pelo bem. Sei exatamente o que faço. Não me iludo na ideia de que sou um deus.

Embora eu tenha pensado que Dante era assim, ele tinha razão. Passar meses com Faulkner me deu a certeza de que ele sabia que o que fazia era errado e lidava com o peso.

— Porque você sabe o quão insignificante é — Angelo contra-argumentou, andando. — Você sabe que não consegue lutar contra a Fábrica, então tenta combater os pequenos soldados.

— Você se considera um soldado? — Dante ridicularizou com o seu tom tão passivo quanto ele.

— Você sabe que me parar, não é nem uma ferida para o que a Fábrica é. Se me matar aqui, vai saciar a sua vingança, mas lidar com a sua consciência pesada de que várias crianças como você continuarão sofrendo, te impedirá de viver. Não só crianças. São cinco secções ativas. Vários donos. Várias cabeças pensantes que governam o submundo. Você ignora o resto. Mas o resto sempre vai existir na sua mente.

Engoli a saliva.

Eu tinha essa dimensão. A Fábrica era uma rede enorme. Impossível de ser parada. Nós estávamos cortando as pontas, ao invés de cortar a raiz. Não que Dante se importasse. Para ele, o objetivo era outro.

— Doentes — rosnei contra o pano, saindo abafado. Dante não me apertou com força, portanto se eu movesse o maxilar e a boca, afrouxaria um pouco mais. — É o que vocês são.

— Você não diria isso se os seus pais nunca tivessem sido mortos. Estaria ao nosso lado. Você veria como é bom ter dinheiro na mão — Angelo respondeu, continuando a diminuir a distância.

— Nunca — rebati.

Ele riu.

— Você usufruiu de cada gota de sangue. Tudo o que teve foi por causa da Fábrica. Quem você é hoje é por causa de nós. A sua herança não é dinheiro, Emília. É um lugar aqui. Você sabe o que ser uma Gray implica.

— Foi assim que puxou o seu sobrinho logo depois dos seus pais morrerem? — Dante questionou, abrindo a minha ferida novamente. — É uma pena que o seu trabalho não valeu de nada.

Angelo esfriou. Ao perceber nas entrelinhas que Daniel estava morto, houve um choque que se constatou em como ele pareceu mudar de ideias. Apesar disso, permaneceu com a sua máscara autoritária.

— Você está aqui para descobrir os nomes dos últimos financiadores do seu sequestro, para depois me matar e viver em paz — Wayne discursou retoricamente. — Eles já foram mortos por mim quando ficaram com medo da morte por vocês.

Claro.

Eles tinham medo de morrer, então preferiram abandonar. Por esse motivo, foi difícil para Dante conseguir selecionar todos da sua lista. Eles já

não existiam porque foram assassinados por Angelo e a sua compulsão de ascender na Fábrica.

Encarei Dante, indicando para avançarmos. Ele tinha hipótese de matá-lo, mas por que ele não agia? Se o seu objetivo era descobrir o que era a Seção E e quais os planos de Angelo, já não havia porque ficar ali.

No entanto, Dante não se moveu. Nem reagiu ao que foi dito.

Angelo pareceu também não perceber. Até que ele esfregou o queixo e encarou o teto como se admirasse o céu, embora a sua fundação fosse debaixo do solo.

Mas era algo a mais.

Eram passos.

— Tenho os meus assassinos também — Angelo rosnou. — Vocês e o restante vão ser mortos hoje.

— Tente — Dante proferiu, sorrindo depravadamente como se fosse um amante da guerra.

No mesmo instante, um estrondo fez com que o meu coração pulasse. Nenhum dos três parecia entender de onde vinha e o que era. Mas quando um segundo estrondo foi maior e gritos masculinos, passos rápidos que atravessavam o corredor para algum outro lugar anunciavam uma guerra, já sabíamos.

Os Rostos Vazios tinham entrado.

— Emília, abaixa! — Dante esbravejou.

Em segundos, vi Wayne retirar a sua arma. Empurrei o meu corpo com a cadeira, caindo para o chão. Contudo, não sobreviveria deitada no piso.

Dante foi rápido em chegar até ele que se focalizou em disparar na sua direção. Tratei de desatar os meus nós, no entanto outro estrondo atrapalhou os meus movimentos, pois a parede foi detonada, trazendo consigo destroços.

O fumo da queda do muro provocou uma tosse sonora. Os meus pulmões odiavam tudo o que não era oxigênio. A minha visão estava nublada, a poeira coçava minhas orbes.

— Ei, Gray. Consegue levantar? — A voz de Dante alcançou-me e eu pude ver a sua sombra.

— Consigo.

— Venha. — Ele pegou na minha mão. — Ele fugiu, merda. Os caras têm uma ideia de quantos estão aqui?

— Eram mais de trinta quando fizemos as contas. Se eles agora sabem que vocês estão aqui, devem ser mais.

— Por que tantos?

— Eles não sabem quantos vocês são. Precisam prevenir.

— Merda — praguejou, rangendo os dentes. Havia barulho de tiros, gritos e pequenas explosões. Não eram armas normais. Eram rápidas. Os disparos pareciam estar próximos. — E eles vieram mesmo assim, cacete. — Dante me pressionou contra alguma parede e suspirou. — Vou tentar achar uma saída. Você faz o que eu te digo. Não se mova sem a minha autorização. Vou te levar para fora.

— Não! — gritei. — Eu vou ficar.

— Fazendo o quê, cacete?! — rosnou. — Emília, aqui não é um lugar para você. Vou te levar pra fora daqui.

Ele tinha razão. Não sabia lutar. A probabilidade de morrer pelos tiros era grande. Era uma armadilha fácil para mim.

— Angelo não pode escapar — ele soprou. — Vou matá-lo. Hoje eu termino com isso.

Dante estava tremendo. A conversa tinha tido impacto nele. Na verdade, os últimos quatro anos estavam reagindo em seu organismo como se fosse um acúmulo de veneno. Estava alastrando-se agora que a consciência do que estava dentro de si era maior.

— Você vai — pronunciei, pegando em seu rosto. Dante estava fraco. Não havia nada em seu sistema que o energizasse. Somente a raiva e a vingança. — E vamos voltar para casa.

— Você vai. Isso eu garanto.

Mais estrondos me fizeram sobressaltar. Era uma guerra há metros de nós. Estava com receio de que algum dos nossos ficasse feridos.

— Por que não explodem com o lugar? — Dante perguntou, se preparando para partir.

— Porque não sabíamos onde vocês estavam, seu burro — Van Doren apareceu atrás de nós. Mesmo com o fato, conseguia identificá-lo.

Ele atirou uma arma para Dante. Não era das grandes que ele tinha, mas dava para alguma coisa, eu supunha. — Além do mais o subsolo tem sequestrados.

— Crianças? — Dante perguntou, pedindo por mais coisas.

Cole tirou dos seus bolsos mais carregamentos.

— Sim.

— Certo. Vamos tirar todas.

Arregalei os olhos assim como poderia imaginar Cole.

— Você quer resgatá-las?

— Sim. Não quero nenhuma aqui — declarou.

— Onde eles estão, porra?!

Gritos desconhecidos despertaram-nos para começarmos a nos mover.

— Eu vou tirar Emília daqui. Já volto — ele indicou e Cole meneou a cabeça.

Dante pegou na minha mão e indicou para que eu seguisse na sua frente.

Poderia ver algumas capas pretas com armas na mão disparando, no entanto, notei que havia muitos mais. Desde quando éramos mais do que cinco? Havia outros Rostos Vazios além dos que eu conhecia?

A interrogação poderia ter permanecido mais tempo na minha cabeça se eu não estivesse ocupada com quem poderia aparecer de repente. Dante e eu continuávamos andando para fora do ciclo de guerra, despertos e com todos os sentidos em sinal de alerta.

— Merda — rumorejou no meu ouvido, seguido de disparos.

Três homens caíram na lateral de alguns pedaços de parede que haviam caído. Eu encolhia todas as vezes que ouvia mais sons de gatilhos. Faulkner disparando perto do meu ouvido era um martírio.

Não conseguia perceber onde estávamos. Era um local de muros escuros e o chão muito bem limpo, por sinal. Ajudava a camuflar-nos ligeiramente, no entanto, ainda assim, éramos pegos de surpresa. Dante era rápido, me movendo consoante ele ia atirando contra os capangas de Angelo, me colocando atrás dele contra uma parede, na maioria das vezes, e

me dando incentivo para continuar a andar quando havia trinta segundos de paz.

— Você se lembra por onde entrou? — ele perguntou, ofegante.

Ainda poderíamos escutar parte dos nossos lutando.

— Não. Eles me vendaram durante o caminho.

Dante rangeu os dentes, furioso.

— Filho da puta.

Foi tudo o que ele disse até eu perceber que tínhamos voltado ao ponto inicial.

Os disparos ficaram mais audíveis. Estávamos perto novamente do ponto de embate e na mesma parede demolida.

— É um labirinto — murmurei, o coração desesperado pela adrenalina injetada.

— O cacete que é — rosnou. — Eu não te vou deixar aqui. Talvez os caras saibam.

— Eu posso ficar sozinha — anunciei. Dante me olhou como se eu tivesse escrito burra na testa.

— Eles te matam.

— Eles não vão.

— Mas eu sim se você sair do meu campo de visão ou não estar a mil milhas daqui — esbravejou.

Dante pressionou o gatilho e atirou no nosso lado direito.

Sobressaltei-me, chiando pelo susto.

Dois caras caíram mortos. A fumaça ainda atrapalhava, além de que parecia que eu não conseguia focar com tanto barulho e sentimentos em volta de mim. Era confuso estar numa zona em que acontecia um conflito e o medo constante de que poderia ser morta sem perceber prevalecia.

Não conseguia entender o que estava acontecendo. Os outros estariam bem? Será que teria alguém ferido?

A ideia de sairmos perdendo era perigosa, mas era pior do que pensar que poderia ser em vão.

— É perigoso pra cacete.

— Mas se demorarmos... Ele vai embora — articulei pensativa.

Dante praguejava, limpando o seu rosto com a camiseta já suja.

Ele estava suando muito. Arquejando cada vez mais. O tom de pele mais lívido.

As batidas do meu coração espaçaram.

Por isso que ele não tinha atacado Angelo. Porque ele estava ferido. Enfraquecido. Ele não conseguiria lutar sozinho. Os Rostos Vazios tinham percebido isso, possivelmente em algum momento da conversa.

Ele não partiu para a luta porque a sua fraqueza seria a minha também já que ficaria sozinho em terreno inimigo.

Porra.

— É melhor procurarmos água para você, Dante — sugeri e ele abanou a cabeça. — Você está ferido.

— Vou ficar bem.

O poder das suas palavras não foram o suficiente porque, no mesmo instante, Dante se apoiou na parede e escorregou até o chão.

Fui com ele, impedindo-o de tombar para o lado. Ele estava fervendo, hiperventilando de maneira perigosa. Especialmente pelo oxigênio do espaço ser reduzido.

— Dante...

A súplica na minha voz era notória.

Passar pela mesma situação como Sic Infít fazia meu peito palpitar dolorosamente.

Faulkner não estava no mesmo estado, porém eu tinha medo de que, desta vez, por ironia do destino, eu o perdesse de vez.

— Emília, se alguma merda acontecer, pegue na minha arma.

— Não vou te deixar sem ela. Se eles acabarem te pegando... — A minha garganta se fechou pelo choro que quis vir dela. — Merda, vou nos tirar daqui.

Dante estava se poupando. Os olhos fechados, a respiração tão sonora quanto a troca de tiros e gritos do outro lado e a transpiração parecendo afogar suas roupas e corpo era um alerta.

Ele morreria se não o levasse para longe.

— Emília — murmurou quando o peguei, o peso colocado nas minhas pernas e ombro para ajudá-lo a caminhar.

— Um passo de cada vez.

— Angelo...

Chacoalhei a cabeça.

Ele ficaria furioso, no dia seguinte. Dante teria um ataque de raiva ao perceber que deixou, mais uma vez, Wayne fugir. Ele estava cansado. Talvez fosse isso que o impedisse de aguentar mais um pouco. O corpo deve estar exausto em ser carregado por uma vingança.

Dante queria a sua paz.

Sete anos vivendo com a angústia acabava com a mente de qualquer um.

— Vou tirar-nos daqui. Não vou deixar que nada aconteça com você. Prometo — declarei, ampliando a força dos meus músculos para nos locomover.

Dante era pesado pra cacete, porém, nem que eu demorasse mil anos, teríamos uma saída.

No entanto, como chegaríamos lá?

Estava tremendo. Com medo.

Não sabia usar uma arma se eu não tivesse o alvo perto de mim. Não sabia identificar sinais de alerta e se teria alguém próximo que fosse nosso inimigo.

Eu estava confusa. Não conseguia usar todos os meus sentidos em simultâneo.

Caminhei até o local de luta.

A probabilidade de ser atingida era grande, e a de morrer do mesmo nível, mas os Rostos Vazios estavam lá e poderiam nos ajudar.

Se eu pudesse chegar até um deles, poderiam nos cobrir até o exterior.

Puxei Dante, girando para um canto onde ele possivelmente ficaria seguro durante um tempo. A sua respiração estava quente no meu ouvido assim como o ar do perímetro.

— O que você está fazendo? — ele questionou assim que o coloquei para sentar, recostado numa parede.

— Vou tentar chamar um dos caras. Assim, eles nos levam para fora.

— Você não vai sozinha — Dante contestou, se apoiando para levantar.

Empurrei-o para que se sentasse novamente.

— Você não consegue! Está ferido.

— Eu consigo, porra. Isso não é nada.

— Dante, você está há mais de um dia sem algo no seu organismo com a porra de uma ferida no ombro. Você vai morrer se fizer algum esforço a mais — argumentei, não percebendo as lágrimas saindo.

— Gray...

— Estou com medo — confessei desafinada. — Muito medo. Não sei o que fazer. Mas eu vou te ajudar.

Dante não estava concordando.

No entanto, eu pouco me importei.

Levantei-me, atenta ao que parecia ser Asher com a mesma arma que Cole tinha. Como eram mais Rostos Vazios do que eu imaginava, também dificultava a identificação daqueles que eram os meus amigos.

Deus. Por que isso estava acontecendo novamente, mas do pior jeito?

Por que tudo o que tinha acontecido há quatro anos estava voltando de maneira mais cruel?

Só queria que terminasse.

— Emília!

Virei-me ao escutar a voz de Dante.

Ele tinha se movido, o deixando mais próximo de mim. No entanto, algo corroe o meu peito.

Dante tinha sido novamente atingido.

Não sabia onde, mas a sua dor foi gritante pela expressão em seu rosto.

Não!

Não de novo.

Ele não morreria.

Dante não poderia morrer.

Mais disparos ressoaram.

Não sabia de onde eram, para quem. Mas foi um gatilho para que Dante corresse até mim e me segurasse. Mas eu não queria. Eu não queria que ele morresse por mim, então me encolhi nele, decidindo o meu destino naquele momento.

Até que mais dois sons explodiram.

A minha mente demorou a reagir. Eu senti uma força bruta perfurar minhas costelas, mas não entendi muito bem até onde ela se alastrava. Até que virou concreto. Como se tivesse mãos, puxava os meus órgãos e interrompia o curso da minha circulação sanguínea.

Um gosto de sangue tingiu minha boca, me obrigando a abri-la para recuperar ar. Tossi, gorgolejando em aflição.

A minha cabeça latejava, assim como toda a extensão corporal pedia por socorro. Ficava mais intenso. Mais insuportável.

As lágrimas se misturavam com a transpiração instantânea.

— Gray... — A sua voz estava longe, mesmo que as suas mãos estivessem me segurando, me apoiando de maneira que o sono batesse. — Por que você está sangrando?

Vi os seus olhos perdendo vida.

Vi como o seu rosto tinha linhas bonitas. Como Dante era lindo.

Como o desastre combinava com a colisão de sombras e pecados que ele era.

— Gray... Que porra está acontecendo?

Ele estava se quebrando.

A aflição no seu semblante era nítida, mesmo que a minha visão estivesse cada vez mais nublada.

— Está doendo pra cacete — murmurei, ofegante.

Eu gritava internamente. Queria dormir. Queria desaparecer.

Algo me puxava.

Algo me levava.

A minha mente implorava para que eu desligasse. Porque doía. Estava machucando tanto.

Minhas pálpebras pesavam. Embora eu sentisse que devesse mantê-las abertas, o escuro era tentador. A sensação de ida era muito melhor que a

ideia de perder a pessoa que me apertava contra si, murmurando pedidos ilegíveis.

Imagens distantes reapareceram. Observei uma Emília de treze anos procurando por um garoto solitário. Observei a Emília de quinze que se apaixonava por um garoto que lia para ela. Observei a Emília de dezesseis que chorou quando percebeu que os contos de fadas eram irreais. Mas agora a Emília de vinte anos que vislumbrava um homem que ela amou cruelmente, mas que não se arrependeria.

— Porra, não...! — O seu grito reagiu nos meus ouvidos. — Não, não, não... Eu não vou deixar você morrer! Emília, não fecha os olhos, caralho!

Era como se ele tivesse voltado a ter vida. Como se o meu corpo ferido o desse a energia que estava sendo sugada.

Eu não queria gravar o seu rosto munido de tristeza. Queria gravar o seu aroma, o sabor dos seus lábios, a música que aquelas mãos criavam no violino e em mim. De como o seu toque sempre foi seguro e protetivo. De como Dante sempre foi um lar para mim.

Mas eu estava partindo com a sua ira, com o despertar de um homem que pensou que não amava. Que não tinha sido feito para viver uma vida próspera e honrada.

— Você fica! — esbravejou novamente, pondo-se de pé, fazendo o meu corpo levitar. — Nem pense!

Eu pude sentir uma lágrima cair. E mais outra que caiu na minha boca e se misturou com o sabor metálico.

Dante chorava.

O que fez o meu coração desacelerar, perdendo as suas batidas. Todas elas eram uma composição de vários *eu te amo* para Dante, mas não fui capaz de dizer mais uma vez.

Que eu o amava o suficiente para morrer por isso.

William Shakespeare tentou escrever romances em formato de tragédia. A verdade é que nada era mais do que um disfarce de crueldade, traições, dependência em forma de amor.

Como você disse, Dante, amor nunca é nada que coloque a sua vida em segundo plano.

Então, como eu poderia te amar tanto?

Minha mente disparou.

Meu corpo inteiro amoleceu.

A dor estava indo embora.

Assim como eu.

Até que eu vi a Morte acenando para mim e eu acenei de volta,
decidindo ir com ela.

44

Dante Faulkner

stabat mater

A escuridão me envolveu.

Meu corpo virou uma pedra.

Toda a noção de vida que eu tinha virou poeira.

Eu não via nada além da garota nos meus braços. Com os olhos fechados. Com a vida sendo tirada na minha frente.

Havia algo crescendo dentro de mim que não conseguia identificar. A minha mente era um nevoeiro. O meu peito doía tal e qual como se eu sentisse a sua dor. Encarei o líquido escorrendo entre os meus dedos. Como o cheiro do seu sangue era ainda mais marcante do que qualquer uma das vítimas que tive em mãos.

Não conseguia pensar.

Não conseguia sentir.

O oxigênio não entrava nos meus pulmões, assim como os dela estavam se esvaziando. Os meus olhos não enxergavam, entrando numa

espiral sombria, assim como ela. Meu coração estava parando de bater, *assim como o dela.*

Está doendo pra cacete.

Em mim.

Doía em mim também. Em lugares inimagináveis dentro do meu ser. Com uma força perturbada, que tinha garras e unhas que rompiam com a minha alma.

Como eu senti tanto. Medo. Arrependimento. Tristeza.

Como eu me senti fraco.

Solitário.

Sem propósito.

Era tudo negro, frio, letal.

Os meus sentimentos ganhavam forma e cantarolavam sobre a criança que nunca amou nada mais além da Morte, mas percebeu que amava mais alguém que a fez partir.

— Emília, acorda. — O seu nome queimava a minha garganta. Balancei seu corpo, a dor de qualquer ferida que eu tivesse havia sido transformada em algo maior. — Emília. *Por favor.*

Nada.

Eu recebia nada além do seu corpo mole nos meus braços.

Os tiros continuavam. Os gritos. Os passos. A luta.

Mas Emília não se mexia.

O sangue não parava. Ele continuava cobrindo minha visão, me sujando. Eu ouvia somente as últimas batidas do seu peito.

Gray estava viva ao meu lado. Ela estava me arrastando. Ela estava sendo teimosa, como sempre, me pedindo para ficar quieto enquanto procurava por ajuda.

Por que diabos ela estava dormindo? Por que diabos ela estava sangrando? Por que diabos ela não me respondia?

Mas, por que eu não conseguia mais pedir para ela acordar? Qualquer tipo de súplica que viesse de mim era em gritos. Todos os meus sentimentos estavam aglomerados nos meus músculos tensionados, no meu coração bombardeando as costelas e na voz que rompia com a minha traqueia.

Na porra da minha alma que estava morrendo.

O seu sorriso. A sua voz. A sua música. A sua raiva. A sua pele na minha. Tudo estava morrendo dentro de mim. Tudo tomava uma forma monstruosa e irracional no meu ser.

— Ei, cara. Torman e... Bom, Richard estão transportando as crianças. Eles falaram que você nos ordenou que as salvássemos. — Levantei a cabeça e soube que era Jaxon. — Que porra aconteceu?!

Ele abaixou a cabeça para olhar Emília.

Eu já não a via.

Eu já não via ninguém.

Levantei-me, pegando na arma de Jaxon e dando-a minha.

Ele não disse nada. Nem precisou dizer.

Pressionei o gatilho e disparei contra qualquer um que estivesse na frente.

Entrei no campo, com a ira que fervia o meu sangue. Eu não ouvia o meu coração. Não ouvia a minha mente. Os meus demônios comandavam o meu corpo e eu disparava contra qualquer um.

— *Capitão*, porra! — um deles gritou, mas a minha atenção era em encontrar o filho da puta.

Alguns me impediam de avançar numa troca franca de socos. Mas o meu cotovelo nos seus rostos, os pontapés no estômago, o tiro certeiro na boca ou no embate do crânio nas paredes até sentir os seus ossos nas minhas mãos e o sangue escorrendo me satisfazia.

— Eu quero a porra do Angelo! — esbravejei, continuando a atirar.

Eu veria os seus olhos enquanto a vida se esvaziaria deles. Eu o faria suplicar para que o fizesse viver. Eu cortaria cada pedaço do seu corpo. Cada célula saberia o que era a dor. Ele viveria a dor da maneira mais crua. E faria isso na presença da minha mulher. Levaria o seu cadáver como oferenda para ela. Como prova de que a sua vida era eterna e ninguém tiraria isso de mim.

Eles estavam gritando o meu nome. No entanto, somente um ressoava na minha cabeça.

Emília.

Tudo o que eu tinha na minha mente era ela. Os meus átomos suplicavam por ela.

Não sentia nada. Qualquer raspão era uma comichão passageira.

Peguei um dos caras que se atreveu aproximar-se. O seu pescoço foi tomado pela minha mão e a raiva fervia pelas artérias que alcançavam o meu sistema nervoso.

— Onde está o seu chefe? — rosnei.

— Não sei... — murmurou como uma criança.

Bati a sua cabeça na parede e a sua morte foi instantânea, escorregando com o sangue em fileira.

Tentei com mais um, mas a resposta foi a mesma e atirei o seu corpo para o chão, pisando o rosto com o meu pé e atirando em fileira desde o centro dos seus olhos até ao estômago.

Carreguei a arma, continuei interrogando. Mas nada.

Nada.

E isso aumentava a ira nos meus nervos.

— Seu bastardo! — Um dos seus capangas vociferou.

Ele disparou, porém o meu esquivo foi mais rápido. Assustei-o com uma bala na orelha que o fez gemer. Atirei novamente, acertando no joelho. Ele caiu, ajoelhado, o peso todo estalando na perna esticada e a fratura trazendo mais dor.

Puxei o seu queixo e afundei as unhas nele.

— Onde está Angelo?

— Não sei — gaguejou e no momento que o socaria a sua reação foi outra. — Ele está no subsolo.

Grunhi, esmagando o seu crânio ainda assim com um tiro rente.

Corri para o subsolo, mantendo os disparos contra quem aparecesse. Desci as escadas até atingir o piso e ver o mesmo estado de guerra.

Havia corpos mortos espalhados como se algum cemitério tivesse entupido aquele local de cadáveres por falta de espaço.

Pisava neles sem dar importância.

Podia ouvir vozes até que verifiquei a saída de um deles que me identificou de imediato.

— Dante Faulkner está aqui!

Vários saíram por aquela porta e precisei atentar-me em defender e acertar.

Era um contra um número que não contabilizava, porém, o meu foco era no cara que estava fugindo com o que parecia ser dois seguranças.

— Angelo, seu filho da puta! — rosnei, acelerando.

Com o dedo no gatilho, atirei nos que me impediam. Os corpos tombavam e surgiam mais para me impedir. A Fábrica tinha homens mal treinados. As suas armas não eram de nível elevado, pois era um dinheiro que não investiam. Ainda assim, eles eram uma comichão sem graça.

Precisava chutar, lutar fisicamente, fazendo do corpo dos amigos de escudo para não ser mais ferido.

E, me deixava cada vez mais puto, que era um segundo a mais perdido que Angelo tinha vantagem.

Até que, mesmo acertando no peito do cara da minha lateral, socando o queixo do homem da minha frente e fazendo o amigo disparar o seu próprio crânio, alvejei um dos seguranças de Angelo.

Ele parou, virando e disparando algumas balas ridículas que ocasionalmente acabaram por finalizar com o único que faltava na minha pequena luta.

— Merda! — ele gritou.

Mesmo com a mão sangrando, raspei no meu queixo e avancei, acertando na perna do seu outro segurança.

O corredor tinha um fim que dava acesso ao exterior, pelo que aparentava.

Contudo os meus disparos o assustavam por agora já não ter quem o protegesse.

Ele se virou para tentar participar numa troca de tiros que não tinha vantagem, até que não havia mais nenhum carregamento.

— Seu bastardo! — vociferou.

Wayne segurava firmemente a pasta. Mas eu estava pouco me fodendo para ela.

Alvejei seus dois pés, observando a sua boca abrir e a dor sair dela.

Me acheguei até os rastros de sangue dos seus pés que trilhavam o corredor pelo arrastamento. Angelo engatinhava-se ridiculamente para a

porta, mas o meu pé pisou em seu tornozelo. A articulação quebrada crepitou no ar.

— Onde você pensa que vai? — rosnei, puxando o seu cabelo.

Angelo estava tremelizando nas minhas mãos.

— Mate-me.

Sorri.

Outro disparo no seu joelho fez com que ele cortasse a conversa.

Seus olhos se encontravam esbugalhados. O que quer que estava passando na sua mente era em vão.

A sua vontade de fugir era grande, portanto os seus músculos, embora entorpecidos pela dor, ainda se moviam para ajudá-lo a sair dali.

Contudo, outro tiro no meio das suas pernas o fez cair.

Quebrei a arma, pela falta de carregamento, tendo à disposição um pedaço afiado dela.

Caminhei mais um pouco na sua direção e peguei pelos seus cabelos. O sangue que saía e espalhava na sua calça era deleitante.

— Eu te dou toda a informação que você precisa — suplicou.

Nós já estávamos na parte das súplicas?

Eu não precisava de informações.

Estava pouco me fodendo para a Fábrica no momento.

— Dante, me escuta.

— Vou escutar. Pode falar.

Antes que ele começasse, o pedaço de metal na minha mão raspou em seu rosto. Ele esganiçou, estremecendo os seus membros, impedindo que eu continuasse.

Grunhi, frustrado, pisando meus joelhos na sua mão e continuei desenhando em seu semblante. O sangue esvaziava. O cheiro da carne viva queimando as narinas. Os seus olhos reviravam, até que eu finalizei as letras na lateral da sua cara.

— Agora podemos nos divertir.

Peguei o seu queixo e torci lentamente, obrigando-o a permanecer de lado à medida que o pedaço de metal cortava a sua orelha. Era bom escutar a sua carne despedaçando. Mas eu precisava de mais.

Espetei no seu olho, trazendo do fundo do seu âmago um chiado pungente.

Levantei-me, entrando numa sala que tinha um alicate nela.

Umedeci meus lábios, limpando a minha testa e retornando para o corredor.

Angelo ainda se esforçava para sair, mas ele mal se movia dois milímetros.

— Você... — Sua voz era incomodativa. Precisava cortar a sua língua. — Nós vamos estar no mesmo inferno.

— E será um prazer.

Quando percebeu o alicate, tinha certeza de que desmaiaria.

Abri a sua boca, embora ele tivesse força de vontade para mantê-la fechada, contudo o seu corpo estava fraco. Eram muitos golpes para pôr os seus glóbulos brancos a funcionar, impedindo de se preocupar com outros ferimentos feitos.

O alicate cortou a sua língua, torcendo-o até ver apenas o branco dos seus olhos.

Os espasmos do seu organismo intolerante à dor davam mais prazer para que eu continuasse o torcendo até o pedaço de carne cortar.

Angelo já não se movia muito mais.

Ainda assim continuei.

Usei o seu corpo, arrancando tudo o que poderia causar ainda mais dor. Utilizei como saco de pancadas. Como um lugar para escrever. Um lugar para externar o que os meus demônios gritavam. Os ossos da sua estrutura facial eram triturados pela sequência de socos.

O que quer que estivesse acontecendo lá em cima, era condicionado ali. Eu não pensava em mais ninguém. Nem mesmo em quem deveria.

Minha raiva era espelhada em toda a tortura.

O esmaguei freneticamente. A sua cabeça foi se tornando esponjosa, a abertura nela por ser jogada contra o piso irregular abria espaço para que mais líquido avermelhado e viscoso pintasse o chão, assim como as minhas mãos e as nossas roupas.

Até que o seu corpo virou algo inútil. Não havia mais nada nele que eu pudesse utilizar, então, sentei-o e finalizei com o ato.

Perfurei o seu crânio, respingando vermelho por todos os lados, acertando em meu rosto também. Abri lentamente enquanto a sua garganta já não era capaz de produzir mais nenhum som pelo corte das cordas nasais depois de tantos gritos.

Angelo morreu, me enxergando como a sua última face.

Com todas as partes de mim destruídas naquela noite.

A realidade somente bateu forte quando o meu nome retumbou e virei-me, enxergando Vance.

Eu estava fraco.

Ia desmaiar a qualquer momento.

Talvez morrer.

— A Emília...

O nome torceu o meu coração. Os meus olhos arderam no mesmo instante e fiquei de pé. Eu precisava dela. Eu a queria ali.

Eu precisava dela para respirar.

Eu precisava dela para viver.

Eu precisava dela com todas as suas partes inteiras para que pudessem beijar, se apaixonar e amar as minhas partes quebradas.

Eu precisava de Emília Gray.

— O seu coração ainda bate. Ela precisa ir a um hospital — Vance declarou, a sua voz quase nunca ouvida retumbou firme na minha mente.

Corri, seguindo o caminho até ao primeiro piso.

— Eles já estão saindo daqui. Vamos até ao carro — ele ordenou e o segui.

Era um desastre.

Aquele local era a porra de um martírio, mas era o sangue por uma causa.

Ver a luz do dia impactou os meus olhos, quase me fazendo tropeçar, no entanto a voz de Emília chamava por mim. Vance me ajudou, pegando-me pelo braço e levando consigo.

Subimos a van, que possivelmente era conduzida por Torman.

— Cara, você tá péssimo — Asher comentou, mas eu flagrei Emília deitada em uma cama improvisada.

— Já ligaram para Dax? — rosnei, e várias cabeças negaram. — Porra?! Liguem para ele e ordenem que obrigue os médicos do hospital mais próximo a se prepararem para Emília.

— Dante... Ela está baleada. Não podemos chegar lá com uma garota ferida por arma sem explicação.

— Foda-se que ela está baleada — vociferei. — Se algo acontecer eu estouro os neurônios de cada um de vocês, cacete! Se ela morrer... — Há uma pausa longa devido a uma bola na minha garganta. — Porra. Só liguem para o filho da puta!

Tornei a encará-la.

Tirei os fios do rosto e beijei a sua testa. O seu nariz. As suas bochechas. A sua boca. Encostei-a ao meu peito, sofrendo ainda por ódio em espasmos pelo meu sistema.

— Merda, Emília. Você não morre hoje. Eu sou a sua morte, lembra? — Eu estava me afogando em lágrimas. Numa dor impossível de ser descrita. — Mas eu nunca te mataria. Nunca te mataria porque estaria sendo levado com você! Eu morreria também.

Ela continuava inconsciente.

A sua respiração era leve. Mal podia escutar os seus batimentos cardíacos. Eu implorei, murmurei, rezei para quem quer que fosse para trazerem ela de volta para mim. Para me trocarem por ela.

Eu morreria por ela.

Todos os meus demônios morreriam por Gray.

— Eu te peço em casamento — murmurei, beijando novamente a sua testa. — Eu te dou uma família. Eu te dou a felicidade. Eu fujo com você se pedir. Eu largo tudo para ter você. Eu sou seu. Totalmente. Você me tem desde aquele maldito dia. Eu... Eu respiro você desde aquele maldito segundo. — Aquela era a verdade. Uma verdade que ia contra os meus princípios. Contra a merda que construí durante os últimos anos. E estava pouco me fodendo se poderiam ouvir. Se eu soava como um traidor. — Prefiro perder a guerra, Emília. Prefiro largar a vingança que te perder. Fique, merda. Fique comigo. Eu imploro.

Voltei a pressioná-la contra o meu peito.

Queria que ela ouvisse os meus batimentos. Que ela soubesse que eles eram dela. Que se o dela parasse... Eu cairia do abismo.

Por anos, eu via a Morte como uma amiga, mas, naquele instante, ela era minha inimiga por desejar tirar o que era meu. A facilidade com que eu tirava vidas não era a mesma quando se tratava de Emília Gray.

A minha existência e essência eram comandadas pela dela. A sua vida era ligada à minha. A sua voz era a música para os meus ouvidos. O seu sorriso era a luz no meio do buraco negro da minha alma.

Se eu já não a tivesse nas minhas mãos, nunca mais seria um homem inteiro.

— Não vou sair do seu lado até ter você de volta — rumorejei. — Eu rezo para mil deuses se for necessário. Eu brigo com eles. Eu sangro por você de novo. Deus, Emília, eu dou a minha vida para que você volte. Só não saia desse mundo. Não se atreva a morrer. *Por favor, pulchra*. É tudo o que eu te peço.

45

Emília Gray

après un rêve

A dor tinha desaparecido. Sobrava somente um peso imenso contra as minhas costas.

Eu ainda podia sentir os braços de alguém me apertando forte contra o seu peito. Poderia escutar as suas promessas no meu ouvido. Podia sentir as suas lágrimas escorregando até à minha boca. Podia sentir os seus lábios no meu rosto.

Podia sentir o seu amor e a sua raiva.

Interiormente, eu chorava também. Chorava pelo que tínhamos sido. Pelo que éramos. Chorava por nós.

Os nossos destinos entrelaçaram-se da pior maneira. Apaixonar-me pelo garoto quebrado que virou um homem caminhando com os seus pecados como se fossem amigos não estava nos meus planos. No entanto, eu assinava a sentença.

Eu tinha visto o seu estado no hospital. Eu tinha escutado a sua fúria, o número de vezes que ameaçou os médicos a não me servirem como se eu fosse uma *rainha*. Se eu precisasse da porra de um fígado, eles que trouxessem em cinco minutos. Se eu precisasse da cura para o câncer, que criassem naquela porra.

Palavras dele.

Quis rir, mesmo que as minhas costelas doessem, mesmo que a minha consciência ainda estivesse longe.

Não me lembrava bem de como eu me recuperei. A luz branca no recinto cirúrgico piscava quando forçava a minha memória, porém a anestesia era forte e adormeci o suficiente para acordar num quarto ligada a máquinas. Optaram por me internar em um hospital de outra cidade, Merley. Fiquei sob os cuidados da enfermeira Harper Denson até receber alta.

Dante ficou comigo no hospital durante a semana, sempre com o seu boné e o capuz colocado. Felizmente, não o reconheceram. Talvez Dax tenha colocado em prática os seus contactos na rede médica.

Ele não sabia que o via, mas estava lá observando como pegava na minha mão e chorava contra ela.

Não sabia que ele chorava. Que ele era capaz de expressar tal sentimento.

Assustou-me, e talvez tenha sido isso que me impediu de encará-lo quando acordei definitivamente pela primeira vez.

Ele sabia disso e, mesmo assim, aceitou. Mais três dias e Dante fez questão de ameaçar o restante dos enfermeiros para me darem alta para casa.

E, agora, estava no seu quarto, encarando o teto branco com receio do que vinha depois que Dax saiu após me analisar.

Movi as minhas pernas e rangi os dentes, transtornada. Latidos vieram em seguida, me obrigando a perlustrar o espaço.

— Oh, Rachel. — A cadela estava na cama, pelo que parecia deitada e dormindo também. Ela se aproximou e eu me sentei, com esforço, acariciando-a. — Você quer brincar, hein? Sente saudades?

Ela continuou latindo e eu a beijei, afagando o seu pelo.

— Eu não te deixaria. Também gosto muito de você — articulei.

Rachel tentou lambe o meu rosto. Continuei brincando com ela até que a porta foi aberta.

Meu coração afundou.

Lembrei como a minha pele ainda tinha gravado o seu toque. Como a minha mente, mesmo desligada, absorveu todas as promessas que vieram de Dante. A sua imagem de desespero estava guardada na minha memória mais recente. Mas também lembrei como doía amá-lo.

Dante fechou a porta, batendo na sua coxa três vezes. Rachel saiu da cama e correu até o dono. Ele pediu para que ela não saísse dali e se deitasse, e a cadela obedeceu.

O meu semblante estava trancado. Não queria expressar reação. Não queria que ele soubesse o que acontecia dentro de mim.

Dante estava péssimo. Ele não tinha dormido. O máximo que fez foi tomar um banho porque o seu cheiro ainda era limpo e viciante. Os curativos no seu ombro me deixaram aliviada, mas ele parecia sentir dor mesmo andando.

Então, ele se agachou na beira da cama e eu arrastei minha bunda até ele, sem quebrar o contato visual.

— Como você se sente? — perguntou calmamente.

— Já estive melhor.

Dante fungou com um riso.

— Palavras.

Torci os lábios.

— As minhas costelas ainda doem. Sinto agulhas pinicando a região — detalhei. — Estou confusa e me sinto mal. A Kayleen e a Penélope perguntaram por mim e precisei mentir que estava doente. Isso sem dizer que Daniel morreu e que quase morri.

Compaixão piscou nos olhos de Dante.

— Eu queria poder te ajudar nisso.

— Eu sei. — Assenti. — Mas também não aceitaria porque elas não podem saber o que aconteceu. Preciso protegê-las.

Faulkner aquiesceu. Ele estava muito silencioso, como se temesse e receasse algo.

— E como você está? — interoguei.

— Já estive pior.

— Claro.

Pela primeira vez, vi Faulkner hesitar antes de falar alguma coisa. Ele me olhava, suspirava, tombava a cabeça para trás e retornava ao mesmo ciclo.

A sua perna tremelicava.

Ele piscava as pálpebras e xingava internamente. Dava para perceber.

Dante estava nervoso. Muito nervoso.

— Deixa que eu começo — declarei. Seus olhos esbugalharam pelo corte do silêncio repentino. — Eu estou muito puta com você.

— Eu sei.

— Você nunca me diz nada. Não confia em mim para porra nenhuma. Faz as coisas inconsequentemente, sem se importar com as pessoas que te amam. — Suspirei. — Mas eu não posso te obrigar a ser diferente. Somos você e eu... Eu te amo mesmo assim. Só não o suficiente para você e eu entendendo.

— Emília, o que eu falei...

— Era o que você estava sentindo — atalhei.

— Porque eu não sei amar — confidenciou, a voz se quebrando ao meio. Me quebrando *também*. — Eu não sei como te amar sem te machucar. Estou tentando entender tudo isso, mas, porra, Gray, não pense que eu não sinto algo por você. — Vi os seus olhos se avermelharem. — Eu sinto o mundo por você. Os meus demônios não morreriam apenas por você. Eles queimam. Durante todos esses anos, eles queimaram por uma única pessoa.

O meu órgão cardíaco pulsava lentamente, surpreso.

Na minha frente, eu tinha o mesmo garoto quebrado expondo os seus sentimentos. Eu via o mesmo garoto quebrado pelo qual me apaixonei me dando muito. Me fazendo sentir mais do que era possível.

— Então por que você disse tudo aquilo para mim? — perguntei, ainda irritada.

— Porque eu prefiro te ter longe que levar você até o inferno comigo — disse, franzindo o maxilar. — A porra do acordo... Eu sabia que

era uma treta. Perdi muito antes de você, Gray. Não conseguiria te matar. Eu me mataria primeiro antes disso. A minha vida depende da sua existência. A minha essência é saber que o seu coração ainda bate. Tudo é você, Emília.

As lágrimas rolaram antes que eu previsse.

As borboletas no meu estômago criavam uma tempestade, derrubando qualquer sentimento negativo que ali morasse.

Eu enxergava no reflexo das suas pupilas o mesmo. Talvez com muito mais intensidade, porém, era a mesma forma deturpada e rara do que sentia.

— Se eu te perdesse... — ele rumorejou como uma ameaça para o Universo. — Merda. A ideia de ver você morta me destrói. Nunca mais faça isso. Nunca mais tente me proteger.

Enrijei pela sua súplica. Dante estava de joelhos, transtornado, ainda com o resto de medo e desespero que o atrelaram ao hospital durante uma semana e à porta do meu quarto por dias. Ele cuidou de mim. Me trouxe comida. Me ajudou a banhar. Me vestiu. Me deu o seu apoio em total silêncio.

E agora que tinha conseguido arranjar palavras para se expressar, era uma avalanche de acúmulo sentimental.

— Eu... Dante, você estava ferido. Não poderia te deixar ali — eu gaguejava pelo caroço na minha garganta.

— Você deveria.

— Claro que não! — contestei. — Você poderia morrer e eu...

Dante levantou-se, me pegando para o seu colo. Ele sentou-se na cama, posicionando as minhas pernas ao redor da sua cintura e colando o meu corpo contra o dele.

A sua mão limpou as minhas lágrimas, uma por uma.

— Você vai embora.

— O quê?

O seu maxilar trincado me assustou.

— Não posso te deixar aqui sabendo que poderá acontecer de novo.

— Não, Dante — atalhei. — Eu quero ficar. Eu quero fazer parte disso.

— Para ver você morrendo de novo?

— Lide com isso! — exclamei. — Não vou fingir que está tudo bem e que a minha vida é maravilhosa quando sei o que é a Fábrica e como afeta milhares de pessoas. Eu sei que você não luta por elas, mas eu quero. Eu quero lutar, Dante.

Faulkner chacoalhou a cabeça, sorrindo.

Sorrindo.

— Eu tenho cara de palhaça? — indaguei e ele abriu mais a boca, mostrando seus dentes alinhados.

Era lindo.

Ver Dante aliviado e gotejando alegria era lindo.

Então, me pressionou contra si e inalou o meu aroma.

— Não quero perder você... — soprou angustiado.

— Você não vai. — Levantei o seu rosto, beijando a sua testa e os seus lábios em seguida. — Você nunca irá me perder. Sou sua por inteira. Afinal, você é a minha morte, não é?

Ergui a cabeça, os seus olhos me encarando com mil e uma constelações. Era uma escuridão que trazia luz também.

— Você não tem ideia do que faz com isso aqui. — Ele pegou na minha mão e pousou no seu peito. — É você, Emília. Cada batida é sobre você.

O seu pulso era forte.

Eu poderia ouvir a composição que eram os seus batimentos.

Eu amava o seu coração.

Eu amava cada batimento arrítmico, tão forte quanto poderia ser fraco.

O meu choro era incontrolável.

Não conseguia explicar como dentro de mim tudo explodia.

— Eu sou tão apaixonada por você — murmurei, engasgada nas minhas lágrimas.

— Vamos ter que elaborar novos regulamentos sobre o nosso acordo — disse, entre os meus lábios. — Eu morro por você, mas você vive por mim. É o suficiente para ambos. Não há debate sobre isso.

Paralisei, observando o seu rosto mudar e as linhas de expressão endurecerem.

— Dante...

— Promete. Preciso disso.

Ele não descansaria até ter o que queria. Imaginava que a ideia de me perder tinha causado gatilhos mentais. Que a minha morte o assustava mais do que qualquer coisa. O seu rosto cansado me dizia isso.

Os dias em silêncio me falaram o que ele não soube contar.

— Prometo — disse, finalmente, recebendo um rangido forte da sua parte e um ataque mortal.

Dante grunhiu, devorando a minha boca. A sua língua dominou a minha, explorando todos os cantos que poderia alcançar. Os seus braços esmagavam os meus quadris. A vontade de me unir a ele não desaparecia.

Ele me queria com tudo. Eu o daria tudo.

— Não sei se deveríamos fazer isso — ele murmurou, sem parar.

— Estamos feridos — soprei, embora as palavras fossem engolidas pela sua boca.

Dante me atacava. As suas mãos passeavam pela minha pele. Era quente. Incendiava as minhas veias.

Os seus lábios chupavam a depressão do meu pescoço. Os gemidos soltavam-se da minha boca e a sua respiração aquecia a região. Ele queria me comer inteiramente.

— Espera... Vamos com calma — pedi, colocando as palmas na sua garganta.

— Calma?

Quis rir.

— Sim, Dante. Calma. — Beije a sua boca levemente. Aprofundei de maneira lenta e ele devolveu da mesma maneira, passeando suas mãos pela minha coluna. Poderia ficar ali durante anos, que não me cansaria. — Eu sei que nós tínhamos prometido a primeira vez um do outro.

— Não vamos falar sobre a sua virgindade e os caras com quem fodeu enquanto quero te comer — rosnou, tomando novamente os meus lábios.

Contudo, eu o empurrei, fazendo com que se deitasse.

Engatinhei em cima dele, me posicionando contra a sua virilha. Dante gemeu e eu me abaixei, aproximando nossos rostos.

— Eu quero te dar algo — rumorejei, trilhando pela sua pele. — Quero fazer amor com você.

Dante me encarou atônito.

— Não fui feito para isso — confessou, engolindo secamente.

Sorri.

— Nem eu. Vamos aprender juntos.

Tirei a minha camiseta, ficando somente de calcinha. Os meus seios estavam cheios, os mamilos duros. Eu queria que ele os chupasse, assim como o seu rosto dava sinais. No entanto, o meu foco era outro.

Faulkner mapeou o meu corpo, tocando nele ternamente. Ele se apoiou com os cotovelos, me vendo descer. Lambi o seu abdômen, provando a sua derme. Alcancei a sua calça, desfazendo o nó sem desapegar dos seus olhos.

Dante me engolia. Ele ansiava pelo meu próximo movimento, ofegante. As suas pupilas dilatadas eram efeito da luxúria que corria em suas veias.

Vi a sua cueca box preta com o formato do seu pau ereto. Facilmente romperia se eu começasse a masturbá-lo com o tecido. Toquei levemente, recebendo um arquejo denso da sua parte. Gutural. Profundo.

Então, ele se sentou, os seus dedos se entrelaçaram no meu cabelo, com uma certa força.

— Chupar o meu pau é fazer amor? — indagou rouco.

— Quero a sua porra na minha boca. Vai negar?

Levantei a sobrancelha, um sorriso provocativo brilhando nos meus lábios. Dante indicou com o queixo, para baixo.

Não era uma permissão.

Era uma ordem.

E eu obedeci fielmente.

Retirei a sua cueca, deixando que seu membro saltasse, gotejando o pré-gozo que já me deixava com vontade. O meu ventre queimava e os mamilos intumescidos me faziam gemer se roçassem em qualquer canto.

Nós éramos uma combinação que ninguém entenderia. Uma colisão de sentimentos que só nós percebíamos como era.

Tomei o seu pau com as duas mãos. Explorei a base, massageando as suas bolas. Dante tombou a cabeça, gemendo. Suas maçãs do rosto avermelharam. Observei como a sua garganta pulsava e me impulsionou a continuar.

Lento, mas com precisão, abocanhei o seu pau, sentindo o sabor quente e molhado na minha boca. A minha língua percorreu a ponta, chupando todas as vezes que ele puxava mais um pouco o meu cabelo.

— Porra — ronronou, abrindo novamente os olhos e me observando. — Tome tudo, *pulchra*.

Continuei acariciando na base quando experimentava descer um pouco mais para chupar o seu membro. Comecei com um vaivém carinhoso que o angustiava.

Sacudia a minha bunda quando fazia pausas e aproveitava para beijar outros cantos, como as suas bolas e suguei-as. Dante se arrepiava, ofegando em um tom grave.

Entretanto, voltava para a cabeça e retornava para a subida e descida. Até que ele usou a força para que engolisse parte do seu pau, e eu acelerei.

O seu membro tocava fundo na minha garganta, os sons repercutiam pela pressão nas bochechas e a saliva envolvida.

Suas bolas ferviam. O pau latejava na minha boca como se fossem batidas de coração. Eu sugava-o até que Dante começou a ajudar na movimentação. Ele empurrava mais a minha cabeça, após uma permissão por contacto.

Eu gostei de sentir a sua brutalidade, do sabor da sua porra começando a envolver a minha boca. Eu bombeava com as mãos os lugares que não alcançava, recebendo mais incentivos da sua parte.

Eu gostava de ser fodida tão visceralmente na minha boca assim como queria ser na minha boceta. Eu gostava de bombear até sentir no talo da minha garganta, a pressão cada vez mais intensa pela grossura que eu provava. Eu gemia em torno do seu pau e como era gostoso sentir o seu toque. Como era gostoso poder sentir dor ao redor das bochechas.

Levantei o olhar, observando os seus músculos tensos. Como ele já estava transpirando. Como a sua fome e autoridade cintilavam em seus olhos.

Eu iria gozar. Gozaria enquanto não era eu que estava sendo masturbada.

— Merda. Vou gozar — ofegou. — Vai ser uma boa garota e engolir tudo?

Não respondi até porque a força com que estoquei o seu pau mais fundo na minha garganta era resposta suficiente.

Dante puxou meus fios obrigando-me a não desfazer o nosso contato. Então eu vi o seu rosto mudar, a boca entreaberta suspirando cada vez mais intensamente. Fui sentindo o seu gozo preenchendo mais e mais, até que ele explodiu, fechando as pálpebras com força, gemendo alto em um timbre potente, me enchendo com a sua porra.

Bebi cada gota, ainda lambendo e explorando os cantos do seu pau. Poderia sentir o sabor e a pressão do membro no meu maxilar. Eu poderia voltar a fazer de novo somente para ter mais dele daquela maneira.

— Agora estou percebendo essa coisa de fazer amor — Dante debochou, retirando a sua cueca por inteiro e as calças também. — Tira essa calcinha inútil e senta no meu pau.

— Pede com jeitinho. — Coloquei-me de pé na cama, ficando enorme diante dele. Dante se reclinou em um ângulo oblíquo para me observar. Ele pegou nas minhas pernas e, antes que eu pudesse esperar, rasgou a calcinha. — Dante! Você não consegue agir com delicadeza uma vez na vida?

Ele gargalhou, me puxando para me posicionar contra o seu colo.

O seu sorriso era grande e eu acabei partilhando do mesmo sentimento. Estávamos nus e era constrangedor, para mim, compartilhar uma intimidade tão mais significativa.

Toquei em seu peitoral novamente, sentindo os seus batimentos. Estavam tão intensos quanto os meus.

Delineei a tatuagem do seu peito, fazendo seus pelos eriçarem com a lentidão que o fazia.

— Você sabe o que significa Incipit? — ele perguntou, o seu tom parecendo ecoar nas cavernas.

— O início de uma composição, não?

— Sim. — Empurrei-o de leve, fazendo com que se deitasse. Dante puxou a gaveta da sua cabeceira e tirou uma camisinha. — São sempre as primeiras palavras de um texto, de uma poesia ou de uma composição. É o início de algo.

Dante me ofereceu o pacote e eu rasguei, cobrindo o seu pau com leveza e recebendo um grunhido satisfeito seu.

— Um prólogo basicamente — pronunciei, o empurrando novamente quando ele quis se levantar.

Balancei a cabeça, enganchando os pés de maneira que a minha boceta pudesse engolir o seu pau. Desci devagar, fechando os meus olhos à medida que o sentia preenchendo. Dante ajudou, depositando suas mãos na minha cintura.

Comecei a rebolar, movimentos que me davam a sensação de ter o seu pau batendo no meu ventre. O tesão estava me enlouquecendo. Eu sorria, inclinando a cabeça para trás, aproveitando os meus nervos em êxtase pela sensação calorosa e viciante.

As nossas respirações eram um desastre. Os pulmões mal conseguiam captar e externar o acúmulo de oxigênio, deixando o ar abafado.

— Você é exatamente isso — ofegou, dobrando as suas pernas, me ajudando a cavalgar. Minha bunda começou a se mover mais depressa, batendo em suas coxas. Minha boceta sufocava o seu pau, as paredes internas aproveitando como escorregava bem até sentir as suas bolas. Dante rangia, e eu gemia alto. Até que suas palavras moldaram um coração que há muito tinha sido quebrado: — *Você é o meu incipit, Emília Gray*. Depois de você, nada foi o mesmo.

Dante projetou-me contra si, abrindo suas pernas. Me mobilizou, os braços sendo presos num punho atrás das minhas costas e, antes que eu pudesse reagir, começou a empurrar fundo dentro de mim.

As estocadas eram intensas juntamente com os tapas na bunda que reverberavam. Ele afundou suas unhas em uma das nádegas, abrindo-a mais

tarde com a outra mão, enquanto seu pau entrava e saía numa velocidade visceral dentro de mim. Os meus músculos internos criavam espasmos.

Eu sentia o meu interior queimar e queria rebolar insanamente, para o resto da minha vida, me sentindo cheia dele.

Dante queria violência, especialmente ao puxar os meus cabelos e morder meus lábios, enquanto continuava metendo mais e mais.

— Sua boceta é gulosa, cacete — rumorejou, instalando um dedo que me fez gritar.

Tornei a subir, rebolando com força. Abri mais as pernas, dando acesso a que eu e ele víssemos como a minha boceta tomava o seu pau. Como deslizava até o fundo e subia. Era forte. Intenso. Eu suava e salivava, Dante batia na minha bunda e pedia para continuar.

Então, ele se posicionou de maneira que pudesse aprisionar o meu pescoço. Eu deixei, dando mais avanço para que minha bunda se mexesse.

— Isso. Continua rebolando — ordenou, movendo-se comigo e dando tapas duros. Seu membro me bombeava até ao talo. Poderia ouvir a colisão da minha intimidade com as suas bolas e como minha bunda estava balançando. — Anda, vamos.

— Dante — suspirei, quando ele se sentou, de costas apoiadas na parede da cama, e continuou me levando consigo violentamente. A brutalidade com que me estocava, as investidas cada vez mais degradantes levando toda a sanidade. Com uma mão tomando o meu pescoço, a outra marcava as bochechas da minha bunda. — Vai com mais força. Eu aguento. — Apoiei-me nos seus ombros, cavalgando e querendo mais e mais do que ele estava me dando. Ele se movia com força, provocando uma pressão delirante e degradante. Meus seios foram abocanhados por ele, lambendo meus mamilos como se precisasse de muito mais. Seu pau pulsava dentro de mim como um coração. — Você pode me usar. Eu quero tudo. Quero a sua raiva. O seu ódio. O seu amor. A sua saudade. Eu quero tudo.

Faulkner me beijou, puxando os meus cabelos para logo depois chupar meu pescoço com força. Então, ele me deitou, abrindo minhas pernas e pegando na minha cintura, investindo forte na minha boceta.

Eu era projetada no vaivém insano. Dante não deixou de aprisionar o meu pescoço, socando fundo e fundo.

— Porra, Gray. Gostosa do caralho — gemeu, sendo arruinado pelo prazer que era ter o meu corpo inteiramente. Nós criávamos uma bagunça na cama. Eu era fodida por ele freneticamente. Aguentava com o seu pau grosso e duro latejava dentro de mim, estocando fundo até atingir um ponto sensível. — Merda. Você me enlouquece.

Peguei na sua mão que estava na garganta e fiz um sinal que foi fácil de ser percebido.

Dante relutou. Vi em seus olhos, porém quando abri mais as pernas, ele aceitou o convite.

O tapa veio no meu rosto de forma que fez minha boceta pulsar. A sua mão era pesada, porém não causava dor na minha cara. Era um prazer insano.

Gemi alto, quando ele foi ainda mais duro, me apertando. Dante se abaixou, envolvendo minhas pernas na sua cintura e movendo os quadris com mais intensidade.

Outro tapa.

E outro.

E outro.

Estava viciada naquela forma de receber dor. De ouvir mais dos seus xingamentos no meu ouvido, grunhindo para mim como eu era a porra da sua deusa. Como ele amava o meu corpo. Como era louco pra me foder. Ele queria que mais ninguém pudesse me tocar, assim como todos poderiam olhar o estrago que fazia em mim.

Ele me marcava como sua. E eu o deixava porque já sabia que ele era meu.

As lágrimas saíam dos meus olhos por estar inebriada de prazer.

Minha boceta se apertava cada vez mais enquanto Dante me levava fortemente.

— Vou gozar — clamei, ao perceber que os meus músculos estavam se tensionando.

Dante me beijou, fazendo com que nossas bocas respirassem somente o ar um do outro. O seu cheiro, o seu sabor, o seu corpo em mim eram os meus únicos três sentidos. Só queria sentir tudo aquilo.

— Goza para mim, *amor*. Eu não vou parar até você gritar.

E foi isso.

Minha boceta sofreu espasmos, no entanto, ele continuou bombeando dentro, num vaivém profundo que me fez furar os seus ombros com as unhas. Dante nos colocou novamente sentados, sem parar, me obrigando a continuar cavalgando. Eu estava apertada, dura, mas ainda assim continuei, recebendo mais ondas. As minhas fibras estavam em total êxtase. Era obsceno como eu não me cansava de como ele se encaixava perfeitamente dentro de mim.

Como a minha boceta o fodia e ele fazia de volta.

Gozei o suficiente para desmaiar. Para esquecer. Para nunca mais querer voltar à realidade. Dante gozou, fazendo questão de se levantar e respingar nos meus seios, no meu estômago, sujando-me inteira e me dando a sua porra.

Eu gostei de tudo.

Gostei da obscenidade. Como não havia constrangimentos entre mim e ele. Como era bom poder ser quem sou ao seu lado.

Deitamos exaustos, um do lado do outro, rindo como se tivéssemos acabado de descer de uma montanha russa.

— Não acredito que você era virgem — suspirei. Dante deu um tapa na minha coxa. — Mas é verdade! Onde você aprendeu tudo isso? E não me diga que foi com punheta.

— Emília.

A sua ameaça era um impulso para continuar.

— O meu nome.

— Gosto de ver — ele confidenciou, encarando-me. — Os caras transam demais. Acho que aproveitei isso deles.

— Oh.

O meu choque foi tanto que Dante irrompeu numa gargalhada.

Nunca tinha pensado que ele visse os amigos transando. Nem sabia que eles traziam garotas para cá, a não ser que... Oh, Deus. Eles combinavam? Dante ia às festas e...

— Eu vou parar de imaginar — declarei, me levantando, mas ele me agarrou antes de ir. — Não sabia que vocês tinham esse nível de proximidade.

— Você não sabe de muito.

O seu rosto, de repente, mudou de forma. Dante esfriou, o seu maxilar endurecendo e os olhos perdendo o brilho. O braço que rondava a minha cintura fortaleceu os músculos, enrijecendo.

Havia ódio crescendo nas suas feições e como ele poderia gerar uma guerra somente com aquele olhar.

— O que se passa?

Dante engoliu em seco, sentando-se e apoiando os seus braços nos joelhos.

Fiquei confusa, ao vê-lo transtornado. Como estava cada vez mais vermelho e lágrimas facilmente poderiam vazar dos seus olhos.

O que tinha acontecido?

— Dante... — murmurei, me aproximando e beijando a sua bochecha. Ele continuava agitado, esfregando o rosto, grunhindo e praguejando. Algo tinha acionado dentro dele. Algo estava muito errado. — Se você não...

— A bala que atingiu você não era a deles — pronunciou, obrigando as minhas sobrancelhas se unirem.

— Como assim? Do que você está falando?

— Eles usavam armas simples. Não têm muito treinamento. São as de nove milímetro. Nós não. — Houve uma pausa. — Dax me disse que a arma que nos atingiu era uma das nossas.

Não podia ser.

A angústia devorou o meu estômago. A incerteza tomou o ar e retirou qualquer clima que antes estava instalado.

— Será que eles não roubaram uma das armas?

— Os caras são os melhores — articulou. — É impossível conseguirem algo contra eles. Além de que usar uma arma que não se conhece não é tão fácil. Os três tiros foram certos, Emília. O tiro em você foi para matar.

A minha boca amargava.

— Eles podem ter errado e...

— Gray, não foi um erro. Foram três tiros.

Quebrei quando Dante se virou e vi os seus olhos beirando a lágrimas.

Ele estava furioso, mas a decepção era palpável. Era torturante.

— Há um traidor entre nós — declarou, ofegante.

A sensação era pesada.

Era uma queimação dolorosa no peito, difundindo pelas restantes regiões. Dante estava irritado, explodindo de dentro para fora como se fosse rachar. Eu compartilhava da sua dor.

Ele amava cada um deles. Eles se completavam do jeito doentio de cada um. Imaginar que haveria um traidor era destruidor.

— Não foi apenas pelos tiros, mas existem certas informações que, às vezes, parecem sair daqui. Posso estar exagerando, mas não sei o que pensar — declarou, entremeando os dedos na nuca. — Só sei que, quando eu descobri, vou matá-lo.

— Dante...

— Emília, eles quase tiraram você de mim. — A raiva gotejava de cada sílaba, a mágoa delineando a sua expressão facial. — Não tentaram me acertar. Eles quiseram te matar. Não vou deixar que isso aconteça de novo.

— Você não contou a ninguém...

— Somente Dax, Torman e agora você que sabe — soprou. — Não poderei falar nada porque o traidor já está à um passo à frente se não sei quem é. Preciso ter a certeza quem são os três que estão comigo.

Peguei no seu rosto, distribuindo beijos. Queria o acalmar. Retirar esse tipo de luto que criava ramificações impossíveis de serem cortadas.

— Eles são os meus irmãos. A minha família — rumorejou, abrindo suas feridas para mim. — Eu os amo.

— Eu sei. — Tornei a beijá-lo. — Estou aqui para te ajudar. Vamos descobrir o que fazer.

Ele assentiu.

— Sim. Eu vou.

Chacoalhei a cabeça, o fazendo arregalar os olhos.

— Não sozinho. Eu quero que você seja o meu líder.

Dante negou gesticulando, e a pontada de dor furou o meu peito.

Ele encostou nossas testas e suspirou, os pulmões se esvaziando.

— Não me peça para ser seu líder. Você lutará comigo lado a lado. Você é a minha mulher e todos te verão como tal — declarou, em um murmúrio quente. — O nosso ódio é igual. Os seus demônios existem e eu quero queimar no mesmo inferno que eles. — Suas palavras eram poesia. Versos sombrios que, entre nós, significavam força. — Você tem que me ordenar para eu ser seu nessa batalha. Você que vai nos guiar. Quero que todos os filhos da puta saibam que é você quem manda. Peça.

Meus ouvidos zumbiam pela adrenalina.

Ele estava me convidando pra lutar com ele. Como parceiros. Aceitando que eu era pária. Que eu era capaz de governar ao seu lado.

Ele estava me pedindo para falar com todas as suas versões distorcidas a se juntarem a mim.

Era mais do que um pedido de namoro. De casamento. De uma vida eterna.

Era um novo acordo mortal que valeria a pena viver.

— Lute comigo, Dante Faulkner.

Então, um sorriso enorme na sua boca fez o meu coração funcionar.

— Boa garota.

EPÍLOGO

Dante Faulkner

incipit

Acordar às sete da manhã para decidir estar na primeira fila do mercado e comprar o necessário para um bolo de aniversário certamente não estava nos meus planos há alguns meses.

Mas era o que a felicidade me movia a fazer.

Era o que ela me movia a fazer.

Emília Gray ainda dormia quando abandonei o seu quarto. Queria ter fodido a sua bunda gostosa enquanto ela caminhava com apenas a minha camiseta e uma calcinha de renda vermelha, porém tive que me prestar ao serviço de esperar o dia seguinte porque ela teria uma prova.

Decidi tocar piano enquanto ela se concentrava para estudar.

Fiquei por horas reproduzindo quarenta e cinco músicas clássicas, desde *Poème* a *Après un revê*. Nem todos eram adaptáveis ao piano, porém improvisei e ela amou.

A minha felicidade residia no seu sorriso. Qualquer noção de amor que eu tivesse era certamente Emília Gray. Encontrei um novo motivo pelo qual viver. Pelo qual eu poderia lutar.

Encontrei uma filosofia de vida pela qual devotaria o meu coração.

Era para além da vida e da morte. Era para além do que eu via como uma punição ou uma salvação. Era o equilíbrio da minha alma. O fio que ligava as rupturas nela.

Nunca encontraria uma palavra certa para me exprimir.

Nem duas. Nem três.

Nenhum *eu te amo*, nas mais diversas línguas ou expressões, seria capaz de definir o que estava fazendo o meu coração bater naquele instante. E o que faria ele continuar batendo para o resto da vida.

— Você está fazendo um bolo? — Hawthorn entrou de pijama, com o mesmo rosto possivelmente com que acordou.

— Por que você está aqui?

— Van e eu fomos para uma festa qualquer — pronunciou, se jogando na cadeira da ilha da cozinha. — Fiquei com preguiça de ir para casa, então dormi no quarto de Vance.

— Que não estava, suponho.

— Sim. Ele não está aparecendo muito nessas últimas semanas.

Campbell era uma incógnita para todos nós. Evitava desbravar ao certo o que ele fazia fora daqui, porém a vida era dele. No entanto, após o acidente de Emília e o relatório médico pairar nas minhas mãos a angústia deturpava os meus pensamentos e me deixava desconfiado até da maneira como os meus caras agiam perto dela.

Era uma merda difícil de ser imaginada. Nós tínhamos um pacto. Uma devoção conjunta. Nós compartilhávamos o mesmo sangue dos mortos. Mas um deles me traiu. Um deles era um traidor.

Minhas veias dilataram, o sangue bombeando intensamente por elas. A raiva fez com que fechasse o meu punho e socasse a superfície de mármore. Meus ossos estralaram e feridas pequenas se abriram. A dor não se equiparava a uma parcela do que foram as facadas nas costas após descobrir que um dos meus era um maldito filho da puta.

— O bolo não está indo bem, é? — Asher perguntou, me fazendo lembrar que estava presente.

Encarar seu rosto e cogitar se possivelmente tinha sido ele a dar dois tiros na minha mulher fazia o meu cérebro latejar.

Eles eram meus irmãos, porra.

— Falta açúcar — mencionei sarcástico, limpando a minha testa com o dorso da mão.

— Hoje ela faz vinte e um anos — ele cantarolou. — Já se passaram sete meses desde que decidimos que ela poderia ficar aqui e agora que ela vai receber essa maldita herança.

— Vai ser importante. Assim saberemos por onde começar.

Sabíamos que, por mais que Angelo tenha morrido, sempre havia mais para comandarem as Seções. Nós estávamos dispostos a investigar cada uma delas e aniquilar com todas.

— Já pensou que a sua namorada vai ficar rica quando receber o dinheiro dos pais mortos? Vai te abandonar.

— Acordou para me chatear? — ironizei. — Não sou Cole.

Pude escutar um sorriso crescer na sua boca.

Gray e eu não estávamos namorando. Ela deixou claro que preferia manter a casualidade até conseguirmos aprender a comunicar melhor um com o outro ou o que quer seja. E eu preferia assim também. Estávamos procurando um apartamento para ela por perto para que eu não a perdesse de vista. Não havia dúvidas do que sentia por ela, mas até decidirmos melhor como avançaríamos com a Fábrica, eu tinha medo de colocar a sua vida em risco. E perdê-la não era opção. Porém Gray tinha outro ponto de vista.

Ela pediu para a porra de um Dax um terapeuta particular. O que diabos ela achava que eu era?

Suspirei.

Sobre a sua herança, Emília não iria ficar com o dinheiro. Tínhamos conversado e ela preferia terminar o curso, já que, apesar de tudo, ela tinha uma bolsa e não era mau de todo ter um diploma de Medicina. Até ela acabar, preferia trabalhar novamente e juntar dinheiro para se candidatar a um conservatório de música.

— Claro que você não é. E, se fosse, seria um problema.

A conversa não foi adiante pela porta sendo aberta e os passos que eu reconheceria mesmo no meio de uma multidão ressoarem até à cozinha.

— Bom dia! — ela falou alegre. — O que você está fazendo?

Merda.

— Você não tinha uma prova hoje? — indaguei chateado.

— Dante, são duas da tarde. Já terminei o meu dia, graças a Deus.

Duas?

— Duas?! — Asher vociferou, horrorizado. — Mas que porra?! Cacete.

— Está atrasado para alguma coisa, Hawthorn? — Emília perguntou, se aproximando de mim.

Encarei-a como se pedisse para que ela se afastasse já que não estava nos meus planos que Gray me visse preparando a porra de um bolo. Era para ser uma maldita surpresa, caralho.

— Sim. Para a vida — Van Doren entrou com Rachel que latia alto até a direção da minha garota. Ela levou um sacode do peso do animal sobre o seu peito, pedindo por mimos da sua parte. — Você não tem responsabilidade nenhuma, seu filho da puta.

Asher levantou o dedo do meio para o amigo.

— Vou andando. Tenho treinos — resmungou, esfregando a sua nuca. — Oh, Emília. Feliz aniversário.

Agachada enquanto colocava a ração de Rachel, Gray sorriu como se o mundo fosse pintado de rosa, fadas existissem e a fome tivesse sido exterminada.

— Obrigada.

Rachel latiu como se desejasse o mesmo, o que fez com que ela mimasse mais um pouco o animal. Às vezes ela passava mais tempo com ela do que comigo, para a minha infelicidade. Um dia, Emília acordou com a vontade danada de adotar mais outro cachorro para fazer companhia a Rachel e eu já listei vários tipos de não, mesmo que ela continuasse insistindo.

Como eu vou combater contra a porra de cachorros que tomam o tempo da minha garota quando quero fodê-la?

— Feliz aniversário — Van Doren murmurou para ela.

Emília assentiu como um obrigado silencioso.

Cole se aproximou, me analisando controverso.

— Bom dia — pronunciei.

— Boa tarde.

Há meses que não nos falávamos. Era somente uma troca de palavras educadas e algumas discussões sobre o caminho que seguiríamos.

Depois da morte de Angelo, estávamos decididos a ir além. A nossa vingança não morreu naquele dia. O nosso foco virou a própria Fábrica, por mais complexa e temida que ela fosse. Desmantelariamos a rede e exterminariamos com todos os cabecilhas.

No entanto, o nosso grupo estava fragilizado e inativo nos últimos meses. Mas isso mudaria assim que o mapa caísse nas nossas mãos.

— Então, você não me cumprimenta? — O sussurro de Emília conjuntamente com o seu hálito fresco me despertou.

— Já te cumprimentei hoje o bastante. A sua boca ainda está dolorida do *bom dia* que o meu pau deu para você.

— Assim como a minha boceta está do *boa sorte para o exame*.

— E a sua bunda vai estar marcada mais tarde pelo *feliz aniversário* que vou desejar — pronunciei, beijando sua testa após um sorriso sacana da sua parte.

— Continue fazendo o meu bolo — pronunciou, batendo nas minhas costas. — Eu vou dormir porque mereço.

Expirei pelo nariz, observando-a partir após acenar para Cole que foi o único que sobrou naquelas paredes. Asher já deveria estar a caminho para a faculdade.

O nosso silêncio era pesado assim como todos os outros momentos que ficamos dois segundos no mesmo espaço. Porra, eu o entendia. Eu era o líder. Tinha jurado não colocar nada acima da nossa vingança, mas deixei claro que ela era maior do que qualquer um deles. Do que o meu ódio pela Fábrica. Que, se ela ficasse em perigo, eu preferia perder a luta.

Se Emília me pedisse para abandonar tudo e fugir com ela, eu iria.

Além do que ela se tornou uma a mais no nosso grupo, algo extremamente proibido entre nós. Gray abalou com as estruturas que mantínhamos há sete anos e, apesar de tudo, eles precisavam admitir que gostavam dela ali.

— Precisamos falar mais tarde — ele pronunciou.

— Nós vamos.

— Apenas nós dois.

Seus olhos angulosos fixaram-se em mim.

Antes que eu pudesse perguntar o motivo, a recordação de que Emília tinha ido para o quarto me fez sair da cozinha.

Ao abrir a sua porta, as suas mãos estavam ocupadas pelo livro, folheando sem parar.

Cacete.

— Você fez tudo isso sozinho?

— Não era para você ver — resmunguei, fechando a porta.

— Claro que era. Estava na minha cama. — Ela se levantou, admirando o livro de capa preta, com adornos dourados assim como o título. — Não me diga que é o meu presente de aniversário e você esqueceu de guardar?

O meu rosto torceu, confessando. Ela gargalhou.

Aproximei-me, admirando como tudo nela se encaixava de maneira gloriosa. Os seus olhos continuavam cintilantes, folhando cada grama de mim ali.

— Comecei a escrever no mesmo dia que você foi embora daquela biblioteca — articulei, tomando o seu olhar para mim. — Lembro o quanto você chorou depois do final de *Romeo e Juliet*.

— Ainda machuca muito — brincou, resvalando a sua mão no meu rosto e na barba por fazer.

— Então, eu escrevi uma versão nova pra você. Uma versão que vale a pena e que o Romeo não seja tão burro.

Ela riu feliz. A sensação no meu peito foi efervescente. Não conseguia imaginar, em algum momento, pensei que conseguiria viver sem ela. Que ela não valesse a pena lutar. Aquela mulher aceitou partes de mim totalmente corrompidas. Aceitou o meu lado mais cruel e o amou com leveza.

Sabia que Emília ficaria chateada se eu dissesse que ela nunca ia sentir tanto quanto eu sinto. Porque era a verdade.

Eu te amo era uma treta. Um conjunto de letras inúteis.

— Você escreveu à mão... Você fez questão de colocar composições clássicas na história. Isso é... — Emília gaguejava surpresa. — Você sabe que eu ficaria feliz apenas com novos produtos de cabelo e um cachorro,

não é? Além de, claro, uma boa transa no piano e apreciar você torturando algum criminoso.

Sorri.

A mulher que ela se tornou era um tesão da porra.

Levantei-a para se fixar no meu colo, ladeando suas pernas nos meus quadris e enlaçando os braços no pescoço. Os nossos narizes se roçaram, logo depois de um toque de lábios delicado.

— Você terá tudo isso — anunciei e mais outro sorriso gigantesco veio.

— Obrigada, Dante — murmurou, me contagiando com a sua voz embebida de alegria. — É o livro mais lindo do mundo. Shakespeare nunca seria páreo.

— Claro que não.

A sua boca se abriu para que eu encaixasse a minha e tomássemos o ar um do outro. Me vi perdido na sensação de paz que ela exalava. No silêncio absoluto que ela dava aos meus demônios. Emília era o meu equilíbrio. A minha fortaleza.

— Dante... — rumorejou enquanto me saciava com o seu gosto.

Deliciosa pra caralho.

Não havia nada melhor.

— Hum.

— Acho que o bolo está queimando.

— Merda.

Ainda assim, não parei de beijá-la, empurrando a porta e caminhando cegamente até chegar à cozinha. Estava pouco me fodendo para o que vinha a seguir. Em como o mundo poderia desabar no dia seguinte.

Naquela noite.

Emília era as memórias boas que eu tinha da vida. *Pulchra*. Ela era *linda* em todos os seus pormenores.



— O que você queria falar? — perguntei, observando Rachel correndo por entre as árvores da floresta, após Van Doren atirar um ramo para ela buscar.

Imaginar o motivo de ele precisar falar comigo no exterior, sem que os outros escutassem causava uma rebelião feroz dentro do meu ser. Evitava pensar na traição e como alguém entre nós estava lutando pela Fábrica ao invés do lado certo, e imaginar que poderia ser qualquer um deles machucava.

Mas Cole... Ele era leal por motivos que eu conhecia e admirava.

Tivemos desentendimentos no passado, assim como estávamos tendo por causa de Emília, mas ele não faria isso, mesmo que a resolução dos seus problemas fosse a violência. Mesmo que a coragem de matar alguém não controlasse o seu corpo.

O tipo de amizade que eu tinha com ele era diferente dos outros caras. Ele sabia disso mesmo que nenhuma fagulha do nosso rosto mostrasse qualquer expressão relativa a isso.

No entanto, se fosse ele que tivesse tentado algo contra Emília, não saberia o que fazer. Não saberia como reagir.

E era um segundo tipo de medo que não pensei em experimentar. Era um pouco menos assustador que ver Emília morrer, mas era dilacerante da mesma forma.

— Você quebrou um juramento — anunciou, finalmente, se levantando.

Quando vi a arma na sua mão, suspirei com leveza.

— Eu sei.

— Eu deveria matar você. — A raiva desenhou o seu rosto. — Como estava no nosso maldito pacto, você deveria ser morto.

Emília não sabia porque evitei colocar essa pressão nela. No entanto, um juramento é um juramento.

Nós tínhamos leis para manter a ordem. Nós tínhamos uma marca no pulso lembrando que estávamos ligados por igual. Se eu falhei, merecia a punição.

Por mais que eu fosse o líder, o lugar de voz deles era tão potente quanto o meu.

— Você sempre foi um suicida — continuou. — Você sempre quis morrer e todos nós sabíamos disso. Nós estávamos preparados para essa merda. Você não fará falta.

— Sei que querem mudar de líder.

— Esse posto não é mais seu — proclamou. — Há sete anos que estou com você nessa merda. Eu doeí a minha vida porque queria te seguir, Faulkner. E agora eu te vejo amolecendo por uma garota. *Por ela*. Onde está a porra do ódio que você tinha e que nos prometeu guiar?

Três meses. Ele estava acumulando isso durante três meses.

Não havia nada a ser rebatido porque era a verdade. As minhas prioridades mudaram. Por mais que o meu ódio pela Fábrica fosse maior, o que sentia por Emília era muito mais grandioso, mesmo que não estivéssemos juntos.

No entanto, ele não levantou a arma. Continuou brincando com ela na mão.

— Você não vai me matar.

Cole estalou a língua, jogando a arma no chão.

— Eu quero algo em troca.

Rachel retornou, porém estagnou ao entender que dois dos seus donos estavam numa batalha mental.

Virei-me por completo para a sua direção, desfazendo os braços cruzados e enfiando as mãos nos bolsos.

— Qual seria a troca?

— Quebrar outro juramento: *quero sair dos Rostos Vazios*.

OS ROSTOS VAZIOS VÃO VOLTAR!

(sim, é uma série!)

Siga a autora nas suas redes sociais para saber mais!

AGRADECIMENTOS

Mais um livro escrito depois de quase pensar que não ia conseguir! Estou muito orgulhosa de mim e de Incipit.

Não quero alongar com os agradecimentos, mas vou deixar aqui todo o meu amor às pessoas que estão comigo desde sempre e que me ajudaram nesse processo.

Primeiro, claro, às minhas leitoras MARAVILHOSAS de Loved. Desde as NDLS que são supremas, tudo o que eu amo nessa vida, até às meninas que estão comigo desde o Wattpad e as que vieram com Modus também. Amo muito vocês. Fizeram de um simples amor para a escrita em algo que eu posso me dedicar e viver dela. Eu agradeço com toda a minha alma. Vocês mudaram a minha vida.

Para os meus melhores amigos, Vanessa, Francisca e Henry. Amo-vos. As nossas viagens, as risadas, as saídas à noite, as humilhações... Tudo isso faz-me feliz. O que Macau me deu foi muito significativo. Espero ter-vos na minha vida até morrer. Vocês são o meu verdadeiro incipit.

À Duda que ouviu tantos áudios meus sobre este livro. Obrigada, amiga. Foste muito essencial nesse processo.

Às Putinhas de Ouro que, na verdade, tem vários nomes. Yasmin, Alice e Isa, vocês sabem que o meu coração bate o nome de cada uma. Modus nos uniu de uma forma extraordinária e eu sou grata por estarem comigo até então. Não é para qualquer um ouvir as minhas reclamações, com certeza, mas vocês estão sempre aqui, segurando na minha mão e me dando muito mais apoio do que eu mereço. Obrigada por serem a minha luz!

À Bruna Eloisa e a sua amizade de ouro. Amiga, te amo tanto! Ansiosa para te ver e poder te abraçar (ou bater) para compensar todas as vezes que você

me deu suporte e me ajudou. Te admiro demais como escritora e como pessoa. E à Bolfok que me deu uma das melhores férias da minha vida, arranca as melhores risadas de mim e que eu não vejo a hora de também voltar a ver.

À Luciana que, além de ser uma escritora maravilhosa, é uma excelente pessoa. O mundo não sabe o quão grande o teu coração é, mas um dia vai saber. Eu garanto, amiga!

Às autoras com quem fiz sprint durante os últimos meses e me deram tantos conselhos para quem estava começando a entender melhor esse mundo independente. A todas as pessoas que trabalharam comigo neste livro. Ana Ferreira, Ste, Evy e Lya, muito obrigada!

Também agradeço às bookstagrammers que me apoiam e sempre estão dispostas a se envolverem com os meus lançamentos. E que estão no grupo Incipitizadas que, apesar de eu neste momento não saber qual foi a repercussão do livro, eu sei que fizeram dele um grande sucesso! Agradeço demais por terem aceitado trabalhar comigo. É sempre uma honra.

Para finalizar, deixo um *obrigada* enorme para ti que me conheceu com este livro e leu até aqui. Vemo-nos em breve.

Com amor,

Leonor.